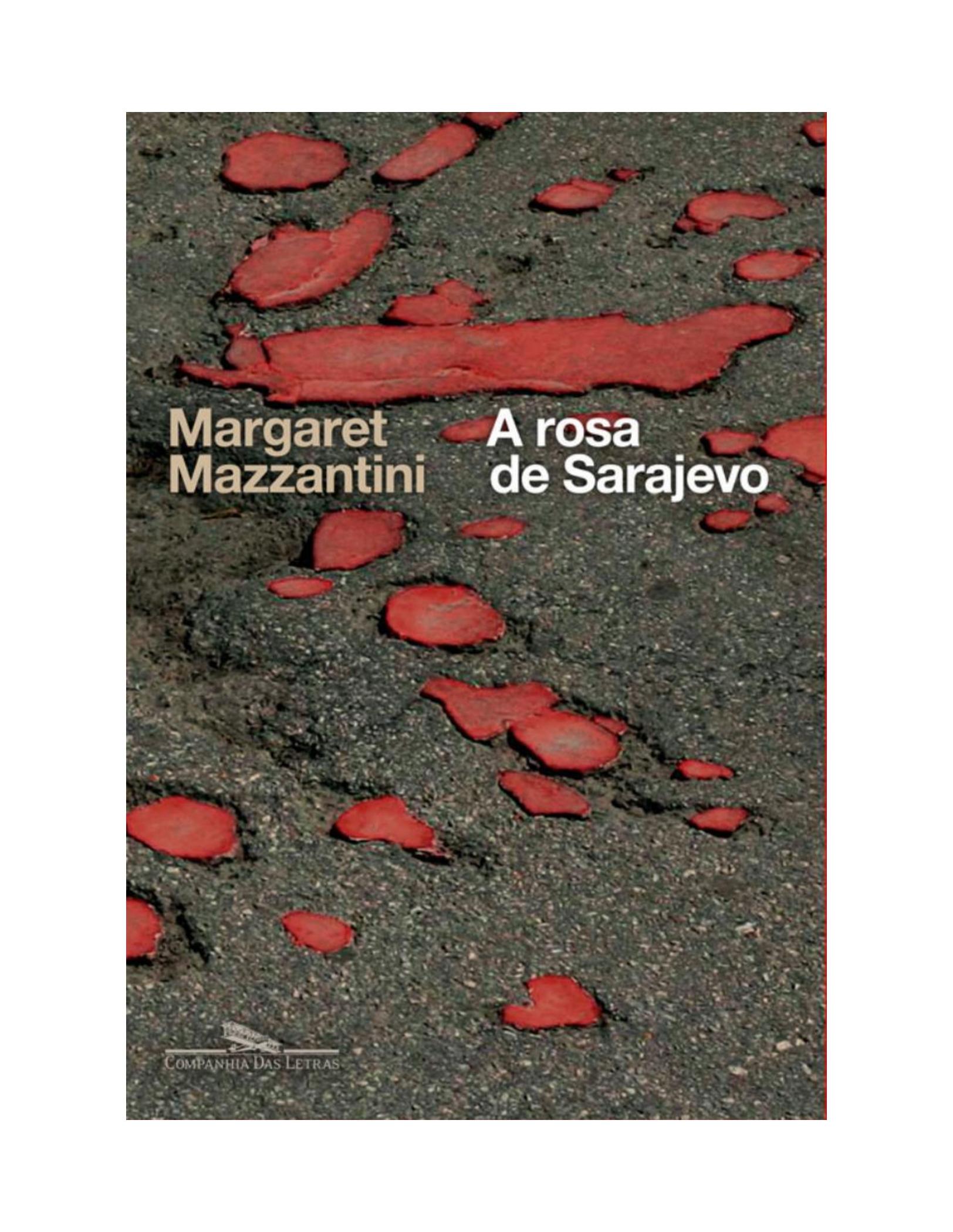




**Margaret
Mazzantini**

**A rosa
de Sarajevo**



**Margaret
Mazzantini**

**A rosa
de Sarajevo**


COMPANHIA DAS LETRAS

MARGARET MAZZANTINI

A rosa de Sarajevo

Tradução

Federico Carotti



*para o Sergio
para os filhos*

*Ó ternura humana,
onde estás?
Talvez apenas
nos livros?*
Izet Sarajlić

Sumário

[A viagem da esperança](#)
[Foi Gojko quem me levou](#)
[Voltei a entrar em minha vida](#)
[Esperamos no saguão](#)
[O que lembro daquele dia?](#)
[É uma igreja](#)
[Em Dubrovnik o sol flutuava](#)
[Foi rápido](#)
[Estamos na classe executiva](#)
[Pietro se vira na cama](#)
[A mulher da pensão](#)
[Olho o céu pela janela](#)
[Pilhas, vitaminas, lampiões de acampamento](#)
[Depois da chuva saem os caracóis](#)
[Pietro está na frente do espelho](#)
[A porta se abre para o silêncio](#)
[Meu pai recebeu o telefonema](#)
[A bagagem está fechada em cima da cama](#)
[Estamos deixando Sarajevo](#)
[O dia é um céu vivo](#)
[Caminho na areia](#)

[Agradecimentos](#)

A viagem da esperança

A viagem da esperança ... palavras que sobram, entre tantas, no final do dia. Lidas na farmácia, num recipiente de vidro ao lado do caixa, com uma fenda para introduzir o dinheiro e a foto de um menino pregada com fita adesiva, um daqueles que têm de viajar para longe para tentar uma operação, uma viagem da esperança, justamente. Viro a cabeça no travesseiro, solto suspiros. Olho o corpo de Giuliano, parado, pesado. Dorme do jeito dele, de costas, com o peito nu. Às vezes emite um pequeno grunhido, como um animal sossegado espantando mosquitos.

Esperança, penso nessa palavra que adquire forma no escuro. Tem o rosto de uma mulher um pouco desolada, dessas que arrastam sua derrota e mesmo assim continuam a lutar com dignidade. Meu rosto, talvez, o de uma moça envelhecida, parada no tempo, por fidelidade, por temor.

Vou para a sacada, olho a vista de sempre. O prédio em frente ao nosso, as persianas fechadas. O bar com o letreiro apagado. Há o silêncio da cidade, poeira de sons distantes. Roma dorme. Dorme sua festa, dorme seu pântano. Dormem as periferias. Dorme o papa, seus sapatos vermelhos estão vazios.

O telefonema chega de manhã bem cedo. Tenho um sobressalto quando toca, vou tropeçando pelo corredor, falo talvez alto demais para parecer que estou desperta.

“Alô.”

Uma interferência na ligação, como vento farfalhando entre os ramos.

“Posso falar com Gemma?”

O italiano é bom, se bem que as palavras soem muito escondidas.

“Sou eu.”

“Gemma? É você, Gemma?”

“Sim...”

“Gemma...”

Repete meu nome e agora ri. Reconheço essa risada rouca, arrastada... num segundo toma conta de mim.

“Gojko...”

Para um pouco. “Sim, o teu Gojko.”

É uma explosão contida. Um vazio imenso que se enche de detritos.

“O meu Gojko...”, balbucio.

“Ele mesmo.”

O cheiro dele, o rosto dele, os nossos anos.

“Faz meses que tento encontrá-la por meio da embaixada...”

Pensei nele poucos dias atrás, na rua, de repente, por causa de um rapaz que estava passando e talvez fosse parecido com ele.

Conversamos um pouco: *Como vai? O que você anda fazendo? Passei alguns anos em Paris e agora estou de novo em casa...*

“Está havendo uma exposição para lembrar o cerco... as fotos de Diego também estão lá.”

O frio do chão me sobe pelas pernas, detém-se na barriga.

“É um acontecimento.”

Ele ri de novo, como costumava rir, sem alegria verdadeira, mais para consolar aquela tristeza leve e constante.

“Venha.”

“Vou pensar, sim...”

“Não precisa pensar, precisa vir.”

“Por quê?”

“Porque a vida passa, e nós com ela. Lembra?”

Claro que lembro.

“E ri da gente, como uma velha puta desdentada esperando o último cliente...”

Os versos de Gojko... a vida como uma longa balada. Agora lembro sua maneira de mexer no nariz, de apertá-lo feito cera mole enquanto recita aqueles versos que escreve em caixinhas de fósforos ou na mão. Estou de calcinha, descalça. Gojko está vivo, sempre esteve vivo. De repente me pergunto como pude renunciar a ele durante esse tempo todo. Por que às vezes na vida renunciamos às melhores pessoas em favor de outras que não nos interessam, que não nos fazem bem, simplesmente nos atrapalham, nos corrompem com suas mentiras, nos tornam medrosos?

“Combinado, vou.”

A lama seca da vida agora é poeira voando em minha direção.

Gojko exulta, dá um grito de alegria.

Havia poeira quando deixei Sarajevo, erguia-se das coisas, impelida pelo vento gelado, turbilhonava nas ruas, apagava o que ficava para trás. Cobria os minaretes, os prédios, os mortos do mercado, enterrados sob as verduras, as quinquilharias, os pedaços de madeira das bancas derrubadas.

Pergunto a Gojko por que me procurou só agora, por que só agora sentiu saudade de mim.

“Há anos sinto saudade de você.”

Sua voz some por trás de um suspiro. De novo um ruído de vento... de quilômetros de distância.

De repente fico com medo que a ligação caia e volte aquele silêncio de anos, que agora me parece insuportável.

Peço depressa seu número de telefone. É um celular, anoto-o num pedaço de papel com uma caneta que não escreve. Teria de procurar outra, mas tenho medo de me afastar do telefone. A interferência está cada vez mais alta. Vejo um fio de telefone que se rompe e cai faiscando... quantos fios pendurados no vazio vi naquela cidade isolada. Agarro o passado, calcando forte no papel, com receio de perdê-lo outra vez.

“Ligo para avisar a que horas chega o avião.”

Vou ao quarto de Pietro, despejo suas canetas, escrevo por cima daquele número sem cor. Pietro dorme, os pés compridos para fora do lençol. Penso o que costumo pensar quando olho para ele deitado, que sua cama agora é pequena demais e precisa ser trocada. Recolho o violão, largado no chão ao lado dos chinelos. Vai ficar bravo, será uma briga para convencê-lo a vir comigo.

Tomo banho e encontro Giuliano na cozinha. Já fez o café.

“Quem era no telefone?”

Não respondo na hora, estou com os olhos vítreos, imóveis. No chuveiro minha pele pareceu firme como antigamente, quando tomava um banho rápido e saía de casa com os cabelos molhados.

Falo de Gojko e digo que quero viajar.

“Assim, de repente?”

Mas não me parece surpreso.

“Contou para Pietro?”

“Está dormindo.”

“Talvez seja o caso de acordá-lo.”

Está com a barba por fazer, os cabelos desgrenhados lhe caem na testa, nota-se mais a calvície no meio da cabeça. Durante o dia ele sempre está alinhado, é um animal de cidade, de quartéis, de arquivos. Aquela desordem é só para mim, e ainda me parece nossa melhor parte, a mais cheirosa e secreta... a dos primeiros tempos, quando fazíamos amor e depois ficávamos sentados, nus e despenteados, um olhando o outro. Somos marido e mulher, ele surgiu num aeroporto militar dezesseis anos atrás. Mas, quando lhe digo que salvou minha vida, ele balança a cabeça, fica vermelho, diz que não é verdade, diz *foram vocês, você e Pietro, que salvaram a minha*.

Está voraz. Aproveita a situação, meus olhos atônitos, e come outra fatia de bolo.

“Depois não reclame da barriga...”

“Você é quem reclama, eu me aceito.”

É verdade, ele se aceita, por isso é tão acolhedor. Levanta, toca meu ombro de leve.

“Faz bem em ir.”

Viu em meus olhos que estou reavaliando... de repente sinto medo. Eu me atirei rápido demais para o passado, para o ardor da

juventude. Que agora me parece apenas nostalgia. Sinto um frio no pescoço, tenho de voltar ao banheiro para passar o secador nos cabelos. Sou eu de novo, uma jovem derrotada a um passo da velhice.

“Preciso me organizar, tenho que ir à redação, não... não sei.”

“Pelo contrário, você sabe, sim.”

Diz que vai me telefonar do escritório quando estiver na internet, talvez consiga encontrar passagens em promoção, sorri:

“Não acredito que haja fila para ir a Sarajevo.”

Vou ao quarto de Pietro, abro a janela. Num gesto brusco, ele cobre a cabeça com o lençol. Fico ao lado de uma múmia.

Este foi o ano da mudança, ele deixou seus ossos de criança para se tornar uma grande garça claudicante que ainda não controla direito os movimentos. Começou a olhar fixo para o chão como quem procura ouro, a sair de casa sem se despedir, a comer de pé na frente da geladeira. Foi reprovado na escola, foi de uma burrice desarmante, não fez o menor esforço, e nos últimos meses, em vez de se aplicar, fechou-se numa prepotência ridícula. Viro-me ressentida ao ouvir seu vozeirão mal-humorado que só se dirige a mim para exigir, para me repreender. Onde foi parar aquela vozinha lamuriosa que por anos me acompanhou? Conseguia falar tão bem com ela, parecia que combinava com a minha.

Agora ele me dá pena. Quando dorme, quando seu rosto relaxa, imagino que ele também deve sentir falta daquele corpo delicado, em poucos meses devorado pelo monstro da puberdade, e que ainda o procura durante o sono. Por isso não quer acordar.

Abaixo-me, tiro o lençol da cabeça dele, toco seus cabelos que se tornaram ásperos, ele me afasta.

Sente-se aborrecido por não ter passado de ano. Agora que é verão, sai com sua raquete e tênis número 43, e volta irritado com seus amigos, resmungando que não quer mais vê-los, porque no ano que vem não estarão na mesma classe e acha que foram eles que o traíram.

“Preciso conversar com você.”

Num segundo se levanta da cama, o peito descoberto.

“Estou com fome.”

Assim, falo com ele na cozinha, enquanto espalha Nutella nos biscoitos. Prepara pequenos sanduíches que engole de uma só vez.

Está com a boca suja, encheu a mesa de farelos, abriu mal o pacote de biscoitos, rasgou a embalagem de cima a baixo.

Não digo nada, não posso repreendê-lo o tempo todo. Assisto em silêncio ao banquete de meu filho, depois lhe conto da viagem.

Balança a cabeça.

“Nem pense nisso, mãe, você vai sozinha.”

“Olha que Sarajevo é uma cidade lindíssima...”

Sorri, balança as mãos juntas, e me olha com seu rosto simpático, esperto.

“Mas o que você está dizendo, mãe! Que coisa mais ridícula, todo mundo sabe que a Iugoslávia é o fim da picada.”

Contenho-me, enrijeço os braços.

“Não se chama mais Iugoslávia.”

Engole outra bolachinha, a Nutella escorre. Recolhe o chocolate com o dedo e o lambe.

“É a mesma coisa.”

“Não é a mesma coisa.”

Abaixo a voz, quase implorando.

“Uma semana, Pietro, você e eu... vamos nos divertir.”

Olha para mim, agora é um olhar autêntico.

“Como nos divertiremos? Ora, mãe...”

“Iremos até o litoral, tem um mar maravilhoso.”

“Então vamos para a Sardenha.”

Estou fazendo um esforço para não desmoronar, e esse idiota fala da Sardenha. Levanta e se espreguiça. Vira-se, olha suas costas, a penugem na nuca.

“Mas você não quer mesmo conhecer onde teu pai morreu?”

Larga a xícara na pia.

“Que saco, mãe...”

Estou suplicando, com a voz fraca e incerta. A voz dele quando era criança.

“Pietro... Pietro.”

“O que você quer?”

Fico de pé, sem querer derrubo a caixinha de leite.

“Como *o que eu quero* ? Era teu pai!”

Dá de ombros, olha para o chão.

“Que saco, essa história toda.”

Essa história é sua história, nossa história, mas ele não quer ouvi-la. Quando pequeno, era mais curioso, mais corajoso, perguntava mais. Olhava aquele pai jovem... Aquela fotografia de Diego na geladeira, presa por um ímã, enrugada pelos vapores da cozinha. E me abraçava, ficava grudado em mim. Quando cresceu, não perguntou mais nada. Seu universo se restringiu a suas necessidades, a seus pequenos egoísmos. Não quer complicar a vida, os pensamentos. Para Pietro, o pai é Giuliano, era ele que o acompanhava à escola, que o levava ao pediatra. Foi ele que lhe deu aquela palmada na praia, quando se afogou no raso.

Escovo os dentes, visto o casaco, volto para o quarto dele. Ainda está de cueca, toca violão de olhos fechados, a palheta arranhando as cordas.

A viagem da esperança. Penso de novo naquelas palavras que por acaso me caíram sob os olhos. Penso em Pietro. A esperança pertence aos filhos. Nós, adultos, já tivemos esperança, e quase sempre a perdemos.

“Prepare pouca bagagem, de mão.”

Não responde, assobia.

Estamos no carro, Roma ainda está pálida. Pietro está sentado atrás, com seu ray-ban e os cabelos reluzentes de gel.

Você não pode fazer esse desaforo com sua mãe, disse-lhe Giuliano ontem durante o jantar. Pietro ligou para seu amigo David para avisar que não iria ao curso de vela, que viajaria comigo. O amigo deve ter perguntado quando voltaria. Pietro afastou o celular da boca e me perguntou: *Quando voltamos?*

Olhei para Giuliano. *Logo*, respondi.

Logo, disse Pietro ao amigo no celular.

“Volte logo”, diz Giuliano, no aeroporto, enquanto nos beijamos. Depois abraça Pietro, pondo-lhe a mão na nuca e puxando-o para si. Pietro se deixa prender, abaixa a cabeça e com ela roça a de Giuliano. Ficam assim por alguns segundos.

“Comporte-se.”

“Pode deixar, papai.”

Deposito a bolsa na esteira e vamos para o outro lado. Passamos pelos anúncios luminosos da Lancôme, dos Prada Eyewear, as rodinhas de minha maleta deslizando atrás de mim. Paro e me viro. Giuliano não foi embora, ainda continua ali. Olha para a entrada por onde desaparecemos. As pernas abertas, as mãos no bolso como um motorista à espera, uma figura anônima no vaivém das pessoas. Como se, depois de partirmos, tivesse perdido sua identidade. Está com a fisionomia diferente, inerte, os músculos parecem ter cedido. Num segundo percebo a solidão em que o deixei. Ele me vê e se reanima, agita os braços, adianta-se num salto, sorri. Faz sinal para eu me apressar, para andar logo. Manda vários beijinhos à distância, franzindo a boca no vazio.

Estamos no avião. O violão de Pietro ocupa um compartimento inteiro acima de nossos assentos. A aeromoça não criou problemas, a classe econômica está bem vazia. A executiva, porém, está cheia. Homens de negócios com gravatas de grife, em vez daquelas opacas e sintéticas de antigamente. Novos-ricos do Leste, cevados na dor de seus conterrâneos. Leem jornais financeiros, comem refeições quentes e tomam champanhe.

Chegam nossas bandejinhas, frias, mirradas. Duas fatias de presunto cozido defumado, salada de legumes em conserva, um doce embrulhado em celofane. Pietro devora seu prato e lhe dou o meu. Ele chama a aeromoça, pede mais pão. Em inglês, com uma pronúncia razoável. Fico realmente surpresa. Sorri para a aeromoça. Está lindo essa manhã, com os olhos cintilantes como dois trechos de mar.

Estamos sobrevoando o Adriático. Ele mastiga e contempla o azul lá embaixo, eu olho para ele, os traços de seu perfil clareados pela luz que atravessa a janela.

A aeromoça volta com o pão, Pietro agradece, sua voz rouca até parece bonita. As mães de seus amigos me dizem que ele é muito educado e me elogiam. É um grande hipócrita esse meu filho, só comigo ele é malcriado.

Dá uma mordida no doce, um pequeno retângulo gorduroso coberto de glacê. Não gosta, oferece-o a mim.

“Quer?”

Parece-lhe natural que eu tenha de comer seus restos.

“Não, obrigada.”

Fica com aquela coisa manteigosa que se esfarela na mão.

“Não estou com vontade...”

“Então deixe aí.”

Pega as bandejinhas vazias das refeições que devorou e põe na minha frente. Fecha sua mesinha, apoia os joelhos nela. Põe os fones de ouvido e se afunda no assento. Dá uma olhada para mim.

“Você está com um ar apalermado.”

É verdade, estou um pouco apalermada. Durante o embarque alternei momentos de lucidez e dinamismo de viajante experiente com momentos de completa estranheza. Fiquei com medo de perder os cartões de embarque, de não encontrar o portão. Pietro, por sua vez, olhava ao redor com seu ar de lince perscrutando o mundo. Não se importava minimamente que eu não estivesse encontrando os cartões de embarque. Deixou que eu suasse, esvaziasse a bolsa.

Então vamos voltar para casa, disse ele antes que eu encontrasse aqueles dois pedaços de papel e lhe dissesse *anda*.

Comportou-se como um bobo no controle de embarque, incomodado com o sujeito da segurança que poderia pôr as mãos em seu violão. Eu lhe disse que o homem estava apenas fazendo o trabalho dele. E ele disse pela enésima vez *que saco*. Depois, dirigindo-se ao policial, começou a dizer que era tudo lorota, que era fácil atravessar os controles armado até os dentes. Ficou me atormentando com suas hipóteses de leitor de quadrinhos sobre todos os esconderijos possíveis para garfos e facas do self-service.

Perguntei-lhe se tinha trazido um livro. Respondeu que não; como havia sido reprovado, não tinha livro para as férias. *Vou descansar*, ele disse.

Ao subir, falou que o avião era velho, que as companhias aéreas do Leste compravam os aviões descartados pelas outras companhias. Os aviões que caem. *Vamos acabar no YouTube*, disse. Pensei: *Mas por que raios eu trouxe esse garoto? Vai me deixar louca.*

Com os olhos fechados, mexe a cabeça ouvindo o iPod. Está alegre, não reclama mais do local de destino, rendeu-se. No final das contas é um entusiasta. Tem um monte de defeitos, mas pelo menos não é apático como muitos outros da sua idade.

Agora adormeceu, a boca aberta, a cabeça enfiada entre os ombros enquanto o iPod continua a soar indistinto. Lá fora o céu está branco de nuvens, parado e irreal.

Tento me distrair, pensar no verão que me espera. Vamos ficar hospedados na casa de uns amigos na Ligúria, estaremos nós, os adultos, e estarão também os rapazes da idade de Pietro. Faremos festas descalços, haverá livros, caminhadas pelas pedras com os caranguejos em suas poças. Giuliano irá à loja de ferragens e comprará ganchos e parafusos para arrumar uma persiana. Faremos amor no meio da noite, no ar fresco e aveludado que têm as noites de lá, quando o vento sopra do mar e a escuridão permite ilusões sobre nossa idade.

Pietro acorda, olha para mim, boceja.

“O que você sabe sobre Sarajevo?”

“Não é onde mataram o arquiduque?”

Concordo, já é alguma coisa.

“E o que mais você sabe?”

“Que foi assim que começou a Primeira Guerra Mundial.”

“E depois?”

“Sei lá...”

“E aquilo que eu te contei?”

Não responde, cola-se à janela.

Começa a descida, sinto o tranco do trem de pouso sob o avião. Estou com as pernas e os braços rígidos, aquelas rodas que se preparam para aterrissar parecem sair de meu ventre.

Olho para baixo. O flanco negro do monte Igman. Não se moveu, ainda está ali, longo, horizontal como um gigante adormecido, como um bisão golpeado e caído, sobre o qual depois

explodiu a natureza, estação após estação, selvagem, obscura. Mas lembro tê-lo visto forrado de flores (ou eram bandeiras?), pequenas bandeiras brancas como lírios que assinalavam o percurso dos atletas olímpicos e lá do alto saudavam as pessoas que desciam para esse vale dourado, para essa Jerusalém do Leste, onde a neve caía sobre as agulhas negras das igrejas ortodoxas, sobre as cúpulas de chumbo das mesquitas, sobre as lápides tortas do velho cemitério judaico.

Não há ônibus. Atravessamos a pista de pouso a pé. O ar é pálido, não há sol, está pelo menos dez graus mais frio do que na Itália.

Pietro está com uma camiseta de mangas curtas, aquela com a folha de *cannabis* e a frase deus criou a maconha, o homem fez o baseado .

“Está com frio?”

“Não.”

A fachada do aeroporto parece a mesma de antes, frágil como a de um galpão industrial. Eu achava que a teriam demolido, mas devem ter simplesmente reformado.

Na pista há apenas um pequeno avião, parado, com uma cruz vermelha na lateral branca, como uma ambulância. Por um instante poderia parecer um daqueles de assistência médica, mas é apenas um avião da Swiss Air, de turismo, de paz.

Descíamos dos aviões militares com os olhos baixos, correndo naquele espaço escancarado, rumo àquela lama de uniformes camuflados. Todos gritavam, tinha-se a sensação de que qualquer um podia atirar na gente. O aeroporto... todos falavam do aeroporto, era a única saída da cidade sitiada. De vez em quando algum desesperado tentava escapar de noite, era uma ideia estúpida. Assim a descoberto, mesmo um atirador medíocre conseguiria acertar em você.

A entrada está tranquila, despovoada. Tubos de neon, paredes laminadas, a luz triste de um trem diurno, de uma estação secundária.

O rapaz que verifica os passaportes mantém um sorriso comedido no rosto sem cor.

“Italianos...”

Assinto, ele me devolve os passaportes.

islaz , saída, diz a placa. Pietro carrega o violão a tiracolo, olha as pessoas ao redor. Uma jovem muçulmana muito maquiada, com um véu cor de carne na cabeça, abraça um funcionário do aeroporto, beijam-se no meio da multidão, atrapalhando a passagem.

A confusão é total no setor de chegadas, perscruto entre corpos que esperam apoiados nas barras de metal. Passo a vista por cima das cabeças das pessoas próximas, procuro entre as que se movem a distância. Há fumaça de cigarro por toda parte, uma névoa que mistura as cores, empastelando-as.

Passei batom no banheiro do avião logo antes de descer, ajeitei o cabelo para melhorar o aspecto.

À direita há um bar com um balcão circular, e mesinhas altas onde as pessoas comem e fumam de pé. Um homem sai do balcão e vem em minha direção. Não tenho certeza de reconhecê-lo, mas de repente vejo que é ele. Está com uns quilos a mais, uma camisa de linho preta amassada, uma barba avermelhada e o cabelo mais ralo. O andar é inconfundível: pernas abertas, tranquilas mesmo quando se apressam, braços que balançam demais, levemente afastados do corpo. Ele me abraça sem hesitar, segurando-me como se eu fosse um pacotinho de coisas suas, depois crava os olhos em meu rosto. Faz uma panorâmica: a boca, o queixo, a testa. Não se afasta dos olhos. Fixa-se neles, penetra-os. Como o mar que se afastou e num ímpeto violento volta a se juntar consigo mesmo. Escava os anos do passado para entornar o vazio do tempo pela goela impudica desse olhar dilacerante e jubiloso.

Sou a primeira a desistir, abaixo os olhos, me retraio diante daquela intensidade, por timidez, por incômodo. Ninguém na Itália olha para você assim. Coço um braço como se estivesse com sarna. Duas mãos úmidas, gorduchas e talvez não muito limpas envolvem meu rosto, como faixas quentes.

“Que mulher bonita!”

“Que mulher velha...”, retruco.

“ *Vá à merrda* , Gemma!”, diz Gojko.

Sorrio, reencontro o som daquele erre engrolado. Reconheço a ironia zombeteira, aquela que depois da bebedeira dá um pontapé na emoção, provoca risadas. Ele me beija, me aperta de novo, prende

minha respiração. Sinto o linho da camisa, o calor do corpo emocionado, que palpita. Percebo que sente meus ossos. Percorre as minhas costas como um cego, contando minhas vértebras com aquelas mãos ardentes. Agora reconheço o cheiro, de pescoço, de suor entre os cabelos, de certas casas com toalhas de mesa de encerado e frascos de cerejas brancas imersas na aguardente, de certos escritórios onde os cinzeiros pegam fogo e as fotocopiadoras estão sempre quebradas, funcionam a pontapés, com sorte.

É um nó que sobe e depois desce. Com um impulso de reação, de orgulho. Prometi a mim mesma resistir, com cinquenta e três anos é fácil soltar borbotões de lágrimas incontinentes. Dou um tapinha no braço de Gojko.

“Gorducho.”

“Voltei a comer, sim...”

Olha Pietro, dá um passo, tropeça em suas pernas que não param de oscilar. Oscila, mas não cai. Levanta uma mão. Pietro na hora levanta a sua. As palmas batem uma na outra, como num filme americano. Gojko aponta para o violão.

“Músico?”

Pietro olha para ele, sorri.

“Amador.”

* * *

Gojko está sentado na frente, junto com o taxista. Um braço para fora da janela, e falam entre si.

“Você entende, mãe?”

“Um pouco.”

“O que eles estão dizendo?”

“Que vai chover.”

“Mas que *merrda* ”, sussurra Pietro com o erre engrolado.

Estou imóvel, acomodada no banco de tecido cinza, olho minha mão erguida, ao lado da saída do ar condicionado, no plástico preto. A janela está empoeirada e, adiante, pode-se vislumbrar aquela rua, aquela longa e inesquecível avenida. Se eu dominar este momento, talvez domine também o resto. Não me deixarei abater por esta

cidade. Deixo passar as primeiras imagens sem realmente registrá-las, olhadelas furtivas, fragmentos, como selos queimados.

Basta olhar assim, deslizar por tudo sem assimilar nada do que vejo. Aprendi que tudo pode desaparecer, mesmo o horror pode perder suas formas, dissolver-se numa nebulosa que o altera, torna-o ridículo, absurdo demais para ter sido algum dia verdadeiro... as carcaças negras dos carros, os vidros das janelas estourados, o coração de um menino, ainda pulsante, arrancado de seu peito e arremetido contra um muro branco.

Mexo num brinco, faço-o deslizar para cima e para baixo no lóbulo da orelha.

Estou calma. O corpo de Pietro me ajuda, seu joelho no jeans encosta no meu, sua indolência, seu olhar que ignora tudo, simplesmente entediado com tanta melancolia urbana.

Os velhos prédios cinzentos do realismo socialista ainda estão de pé, varandas sobrepostas como fichários descascados numa repartição pública. Os rombos das granadas remendados com reboco.

Basta um buraco na rua... preciso refrear o impulso de abaixar a cabeça. Ouço o ruído daquelas corridas. Atravessava-se a avenida dos franco-atiradores a duzentos por hora, as cabeças curvadas sobre os bancos, o suor pingando entre as pernas. As carcaças vermelhas dos bondes parados, amontoadas para se defender da linha de fogo. Viro-me para Pietro. *Não está com o colete à prova de balas*, penso. Aperto as bochechas entre os dentes. *Fique calma ...*

Gojko está em silêncio. Virou-se apenas uma vez, depois me deixou sossegada.

Vejo-o vivo, a salvo ao longo desta estrada. Um homem de hoje no mundo que segue em frente, cabelos que dormiram e acordaram.

Os semáforos me parecem estranhos, essas paradas metódicas. Essas pessoas que atravessam a rua tranquilas. No alto, as colinas, os jardins na subida, as pequenas casas brancas, calmas entre os abetos escuros. Era dali que atiravam, em cada abertura entre os edifícios, em cada fresta de árvore, de luz, havia um atirador.

A redação do lendário *Oslobodjenje* se reinstalara sobre seus escombros, comprimida num edifício baixo, organizado. Ao lado há um imenso arranha-céu de vidros espelhados que olham

imperturbáveis as ruínas do velho asilo da cidade. Em cima há um grande letreiro em luz vermelha: avaz .

“É o jornal mais lido, o proprietário é um sujeito que ficou muito rico...”

Gojko passa a mão na cabeça.

“E não tem sequer uma página sobre cultura...”

Perto de um canteiro de terra revolvida, um homem espera que o cachorro termine suas necessidades. Uma moça cruza a avenida pedalando uma bicicleta. Uma família com crianças louras sorri na propaganda de *Sarajevo Osiguranje* . Sorriem também os dois militares no cartaz da Eufor, um homem e uma mulher gorduchos, em seus uniformes, com os braços cruzados. As pessoas caminham às margens da avenida. Carne que flui em sua ordeira cotidianidade.

Os pássaros atravessam junto com as pessoas, voando sobre suas cabeças, passam de uma árvore a outra, descem ao chão para recolher alguma migalha.

Certa manhã acordei e vi aquele grande raio negro. Todos os pássaros estavam voando juntos, assustados com as explosões contínuas, com a fumaça dos incêndios, com o cheiro insuportável dos corpos praticamente insepultos. Remontavam o rio Miljacka para se refugiar nos bosques mais distantes, lá onde no verão faziam-se piqueniques, tomava-se a fresca nas pequenas cachoeiras cintilantes como laços de prata. Todos os sarajevitas invejavam aqueles pássaros que podiam se erguer do chão e ir embora sem ser incomodados.

Então me viro. E está ali. A afronta amarela do Holiday Inn. Um grande cubo imóvel, composto por cubos que parecem poder se mover. Foi o refúgio da imprensa estrangeira durante todo o cerco. A fachada estava exposta aos atiradores do bairro de Grbavica, entrava-se por trás, deslizando entre os carros na rampa que levava à garagem. Mesmo assim era uma espécie de paraíso, inalcançável para quem estava morrendo, tinha comida quente e telefone via satélite. Lá ficavam os jornalistas, que faziam as matérias em seus quartos, gente de sorte, que podia ir e vir.

Estamos no centro. No recinto geométrico dos antigos prédios austro-húngaros, o tráfego flui com dificuldade, as pessoas atravessam por onde dá, roçando nos carros que andam muito devagar. As árvores voltaram a crescer, jovens troncos sem passado. Olho as lojas. Novas vitrines ao lado daquelas tristes de antigamente, arrumadas, muito mais vazias do que as nossas. O consumismo se aproveitou dos nacos desta cidade a ser reconstruída, de seu rosto corroído pela guerra como que por um ácido. Uma mesquita, com suas pequenas cúpulas, aparece como um cesto de ovos escuros. O hotel fica numa travessa logo atrás do antigo mercado otomano de Bašcaršija.

Insisto em pagar o táxi, mas Gojko não deixa. Ele se incumbiu da minha mala de viagem. O lobby é acolhedor, familiar como a entrada de uma casa. Na porta há uma cortina clara, quase prateada, o tapete é vermelho com pequenos losangos pretos. Num canto, um grande vaso de flores hirtas, visivelmente artificiais. De todo modo, Pietro toca nelas para ver se são verdadeiras, depois limpa as mãos no jeans. Olha a moça da recepção, encerrada atrás de um balcão de madeira escura, que verifica nossa reserva no computador. Da sala ao lado chegam vozes masculinas, vejo alguns sapatos baratos, meias curtas demais. Estão fumando, o ar está terrivelmente poluído. A fumaça sobe as escadas conosco, insinua-se no pequeno elevador. Pietro diz: “Se ficarmos aqui mais de uma noite, voltamos para Roma com câncer”.

O quarto, porém, é razoavelmente grande, tem uma colcha azul de tecido sintético com babados e dois criados-mudos novos em folha. Abro a janela, olho para baixo. É uma rua sem saída, poucos carros estacionados, uma árvore de copa vermelha, um beiral largo apoiado numa cobertura de chapa metálica, pontilhada de excrementos de pombos.

No banheiro Pietro ri.

“Olha, mãe...”

“O que é?”

Eu me viro. Ele segura um copo para as escovas de dente. Aproxima-se e me mostra que o copo está dentro de um saquinho de plástico que traz escrito *hygienic cleaning*.

“E daí?”

“O saquinho não está lacrado e o copo é um daqueles de Nutella...”

Sorrio, digo-lhe para pôr o copo onde estava.

Lavo as mãos, sento na cama, boto a bolsa sobre as pernas e começo a arrumá-la, a remover os restos dos tíquetes de embarque, a guardar de novo as passagens para a volta. Pietro joga sua mochila no armário, não tira nem o pijama.

“Vamos sair, mãe. O que vamos fazer aqui dentro?”

Por mim, eu ficaria no quarto, trouxe uma banana na bolsa, ela escureceu durante a viagem, mas para mim é o suficiente. Quero esticar as pernas e ficar assim, parada, até amanhã. Ontem à noite não dormi pensando nesta viagem. Minha boca está machucada por dentro, percebo porque sinto gosto de sangue, devo ter mordido a bochecha no táxi, cerrei os dentes em minha carne para enfrentar o baque. Preciso pôr os chinelos debaixo da cama, verificar se as persianas se fecham, se o chuveiro tem uma pressão decente. É só isso que tenho de fazer, mais nada. Gojko nos espera lá embaixo.

“Está bem, vamos descer.”

São sete da noite, a luz está acesa, e de repente sinto frio. Escuto o som dos passos. Parecem cascos de cavalo sobre um calçamento antigo. É a rua que leva à mesquita de Gazi Husrev-Bey, grupos de moças com véu brincam entre si, empurram umas às outras. Nos fundos da madrasa, num pátio cheio de pequenos arcos, há uma exposição de artigos locais. Estendida num fio, uma longa sucessão de túnicas com os peitinhos bordados forma uma tenda multicolorida. Uma mulher pálida, vestida de branco, me convida com um delicado gesto de mão a olhar sua pequena loja de bordados; quando saio, inclina-se e curva-se com as mãos no peito.

Pietro fotografa com o celular os saquinhos de especiarias, os utensílios de cobre que lotam as lojas até o teto.

Vagamos por entre velhas vielas de pedras fluviais, as lojas começam a fechar. As luzes submersas atrás das portas de madeira. Pietro se detém na frente de uma banca cheia de estilhaços de granadas, de cartuchos polidos... lembranças para turistas. Pega um

cartucho, põe de volta, dá uma risada, levanta um outro mais pesado.

“Quantas pessoas isso pode matar?”

Tenho vontade de lhe dar um chute.

Gojko não se irrita, pelo contrário, parece que também se diverte.

“A reciclagem bélica é nossa energia limpa...”

“Você esteve na guerra?”

Gojko confirma, acende um cigarro, abaixa a voz, talvez não tenha vontade de dizer mais nada.

“Como todos.”

“Era um soldado?”

“Não, era um poeta.”

Pietro está desiludido. Os poetas, para ele, são um bando de pobres coitados raquíticos e atolados na desgraça, que intoxicaram a vida de milhões de estudantes, de rapazes normais, despreocupados. “Estou com fome”, diz.

Saímos da Bašćaršija e paramos para comer ao ar livre sob um pórtico de madeira, num lugar bastante miserável, uma daquelas casinhas de presépio de montanha com as mesas de alumínio e neon. Lá de dentro vem um cheiro de cebola e carne assada, o cheiro inconfundível de petiscos que depois regurgitam. Gojko diz que fazem bons *ćevapčići*. A moça que põe a mesa está com três dedos enfiados com descaso dentro de nossos copos. Pietro pede uma coca-cola, pergunta a Gojko como se traduz a palavra *canudinho*.

Comemos, a carne dos *ćevapčići* está saborosa, enche a boca de um gosto bom, de sangue, de vida. A pimenta arde na ferida de minha boca, não faz mal. Já não estou tão cansada, e a fome despertou com aquele cheiro agradável, aromático, que parece não ter mudado com o tempo. E talvez o álcool ajude, é uma garrafa de vinho tinto de Montenegro. *Não é um Brunello*, disse-me Gojko, *mas é pantanoso*. Talvez quisesse dizer *pastoso*, às vezes erra alguma palavra em seu italiano quase perfeito. Mas são erros certos, no final das contas é mesmo um vinho pantanoso... ele nos protege com certa lentidão lamacenta.

Comemos *ćevapčići* no dia em que nos conhecemos. Compramos num quiosque e comemos de pé, sob um tremendo frio. A mulher que os estava grelhando vestia um casaco de lã trançada e uma touca de cozinheira. Assistia à nossa fome, espiando cada mordida, feliz por apreciarmos seus *ćevapčići*. Era um orgulho. O orgulho de sua pequena vida de cozinheira de rua. Vejo-a como se fosse agora... um rosto proletário, sofrido, mesmo assim infinitamente suave. Uma daquelas pessoas bondosas que encontramos por acaso e temos vontade de abraçar, porque nos sorriem do fundo de sua experiência humana e de súbito nos compensam pela outra metade do mundo, a metade esmagadora, de pessoas aprisionadas em sua poça de escuridão. Quanta gente feliz eu encontrava naqueles dias em Sarajevo! Todos tinham o rosto corado pelo frio, claro, mas também pela timidez, pois ousavam ter esperança.

Eram os dias das Olimpíadas de Inverno. O imponente edifício em estilo neomourisco da Biblioteca Nacional parecia uma cidade autônoma. Foi ali, num daqueles salões com colunas que se elevavam rumo à luz de janelas distantes, trabalhadas como as de uma catedral, que conheci Gojko. Estava sentada numa pequena cadeira de repartição sob uma montanha de livros antigos, sentia-me minúscula. Vi entrar aquele rapaz de cabelos avermelhados, abatido, metido num casaco de couro forrado de pelo, que se movia aos trancos como um grande boneco mecânico.

“A senhora é Gemma?”

“Sim.”

“Sou seu guia.”

Trocamos sorrisos e apertos de mão, ele era incrivelmente alto e robusto.

“Você fala bem o italiano.”

“Vou a Trieste pelo menos uma vez por mês.”

“Estuda lá?”

“Trabalho com ioiôs.”

Põe uma mão no bolso e tira um daqueles carretéis de plástico com um fio para lançar e puxar.

“Saem muito bem por aqui, aliviam a tensão. Há muito nervosismo entre os jovens, com estas Olimpíadas tivemos de dar

duro... e não gostamos de dar duro. Mas a cidade precisava de um trato, entende?”

Dá uma risada, e nem sei por quê.

“Seu hotel é bom?”

Meneei a cabeça. Estava numa pensão lotada de turistas.

“Gosta do céu estrelado?”

“Por quê?”

“Se quiser, pode dormir embaixo de uma das infinitas pontes do Miljacka, ninguém vai incomodar, não há mais nenhum bêbado ou ladrão por aí. Limpeza comunista. É a primeira vez que mostramos a bunda para o mundo todo, me entende?”

Eu precisava terminar minha tese de pós-graduação sobre Andrić, tinha pedido um guia à altura, mas estava com um comerciante de ioiôs.

Ele pega um e brinca um pouco, mostra diversas proezas, pergunta se quero comprar.

“Seria uma bela jogada”, diz ele, “vender a uma italiana um ioiô comprado em Trieste, meus amigos me pagariam uma bebida por tamanha proeza.”

Eu tinha chegado poucos dias antes a Sarajevo. O encanto da neve, daquela cidade em festa, chocava-se um pouco com meu humor. Estava nervosa, insatisfeita. No fundo não conseguia me adaptar. Escolhera aquela pesquisa instigada por meu professor, que na verdade estava me usando para uma publicação sua sobre a literatura dos Bálcãs. Agora, depois de dois dias de disenteria, para me deixar de mau humor bastavam os cheiros daquela culinária forte demais, o frio que mal conseguia suportar e o hálito de um miserável provinciano que se comportava feito um fanfarrão, com seu ridículo casaco de couro forrado de pelo de gato.

Olhei com repugnância os cabelos oleosos presos num rabinho. Calçava botinhas de bico fino, de cigano. Estava indecisa se era a paródia de um roqueiro ou de um caçador de lobos. Disse-lhe: “Ouça, eu preciso de uma pessoa que me leve para os locais de Andrić em Sarajevo e em Višegrad, em Travnik... talvez você não seja a pessoa certa...”.

“Por quê?”

“Não me parece exatamente um intelectual...”

“Não tem problema, tenho um carro.”

Pensei numa porcaria de um Yugo com o escapamento cuspidando fumaça negra, como a maioria dos carros em circulação, mas ele tinha um Golf. Não muito limpo, mas decente.

“São montados aqui mesmo...”, explicou ele. “Sabe por que os alemães confiam em nós?”

“Não, não sei”, respondi olhando pela janela.

Era de manhã cedo, ele tinha sido pontual, mas notava-se que dormira pouco.

“Porque somos muito competentes. Mesmo custando pouco.”

Ri, demais. Ri sozinho. Depois engole o finalzinho da risada, resta-lhe o soluço. Talvez sejam os resquícios da recente bebedeira.

“Acreditou?”

Eu queria lhe dizer que ficasse quieto, estou pagando, portanto pare. Fede como um cachorro molhado, está com um soluço que cheira a miasmas de *šljivovica*, e tem um temperamento de cão, descubro isso agora. Parece irritado porque não lhe pergunto nada, não estou interessada no que diz.

“Talvez não sejamos tão competentes assim, mas certamente custamos muito pouco.” Diz isso em tom áspero, quase como se estivesse irritado comigo.

“Eu lhe pago bem.”

Ele me encara enquanto dirige sem olhar para a estrada.

“Você deve ser uma grande puta!”

Não olho para ele, meu pescoço magro e rígido como uma estátua idiota. Estou com medo, mas sou orgulhosa demais para ceder a esse medo. Sou a vítima perfeita para um maníaco. Própria para se estrangular gemendo de felicidade. Ele é um rapagão eslavo que fica ainda mais colossal com um casaco forrado, deve ter problemas para se refrear, assim como o comunismo depois da morte de Tito. Eu sou uma jovem burguesa relutante, faço parte do refluxo, da nova corrente de moças que, após o feminismo, voltaram a usar salto alto e a gozar da opulência da nova década, sobre as cinzas daquelas frenéticas maltrapilhas de tamancos.

Gentilmente digo para encostar, pois quero descer. Ele grita, em sua língua. Grito eu também.

“Feche essa boca, você tem mau hálito!”

Ele olha para mim querendo me matar, mas para o carro.

Desço, ando um pouco na margem daquela estrada fora da cidade que dá medo. Caminhões encardidos passam quase raspando em mim.

Ele está me esperando depois de uma curva, apoiado à porta, fumando.

“Entre, vamos parar com isso.”

Não entro. Dirige devagar, a porta sempre aberta.

“Foi um amigo que me emprestou o carro, tenho que devolver esta noite.”

Depois põe um braço para fora e me estende um livro. Pego, é uma coletânea de poesias de Andrić em servo-croata.

“Poesia não se traduz!”

Imbecil, penso. Mas estou cansada, a neve na beira da estrada está alta e suja, gela minhas panturrilhas. E os rostos que me olham dos caminhões não são mais tranquilizadores do que o dele.

Não falo enquanto ele dirige. Ele também fica quieto, depois de um tempo fala em bósnio. Está concentrado, comovido, acho que é totalmente louco.

Digo-lhe que não entendo nem uma palavra. Ele diz para ouvir o som... argumenta que a poesia é uma partitura, tem o som dos elementos invisíveis... da noite, do vento, da nostalgia.

“Feche os olhos.”

Não deveria fechá-los porque talvez fosse me estrangular. Ligou o aquecedor para mim, que estou congelando, transpira dentro do casaco de pelo, dá quase pena. Fecho os olhos.

Depois de algum tempo sinto realmente algo... terra que cai no crepúsculo...

“Do que fala esta poesia?”

“Do coveiro que enterra o poeta, e xinga, e fuma sobre seu túmulo.”

“E cospe?”

“Sim, cospe.”

“Sabe”, digo num sussurro, “entendi um pouco.”

Ele concorda, passa-me o livro, explica.

“É uma língua que se lê como se escreve...”

Olha-me enquanto tropeço naqueles versos.

“Cheia de sons doces e com poucas vogais... as palavras se contagiam, afinam-se com as que estão próximas, se há um feminino, tudo se torna feminino, somos muito galantes...”

Levou-me até Travnik, à casa onde nasceu Andrić, passeamos diante de seus manuscritos, de suas fotografias. Paramos ao lado do velho berço onde o escritor dormiu seus primeiros sonos. No carro, voltando, adormeci. Gojko me acordou soprando os meus olhos.

“Ainda estou com mau hálito?”

“Não.”

Estávamos com fome, depois de tantos quilômetros naquelas estradas desconfortáveis. Encontramos aquele quiosque de *ćevapčići* ... os melhores de minha vida, apertados em seu invólucro de pão recheado de cebola fresca. A mulher nos sorriu, abençoou nossa fome, nossa juventude.

“São namorados?”

“Não, amigos...”

Onde ela foi parar? Onde foi parar sua caçarola cheia de gordura, sua blusa de lã... seu rosto? Para mim, aquela mulher ainda está ali, parada na esquina diante do mercado de Benzistan, a sorrir enquanto mata nossa fome, animando-nos a comer e a acreditar no bem.

E mesmo se uma granada a levou, se um jato de fogo espalhou suas pobres coisas, eu juro que ela está viva. Esta noite a cozinheira de rua está viva, em nossos olhos úmidos deste pantanoso vinho de Montenegro.

Gojko amava o poeta Mak Dizdar, Bruce Springsteen e as Levi's 501, queria ter uma delas, preta, para fazer sucesso nos lugares aonde ia se embebedar, desenhar charges satíricas nas paredes. Nos dias seguintes ele me tomou pela mão e me mostrou Sarajevo através de seus olhos. Os velhos banheiros públicos, as casas dos dervixes, a fábrica de tabaco de Marijin Dvor, a pequena mesquita de Magribija, os *stecci bogomilos*... conhecia todos os cantos, todas as lendas. Arrastou-me por pequenas escadas odorosas até pombais nos telhados de madeira onde ríspidos artistas criavam telas cheias de tensão dramática, pelos lugares dos sevdah-rock e

dos New Primitives, entre moças que dançavam abraçadas, descalças, ao lado de um monte de botas sujas de neve, pelas lojas onde as mulheres estendiam a massa branca de pita em assadeiras do tamanho de escudos, enquanto nas soleiras velhos com um fez púrpura jogavam dados. Conhecia praticamente todos, e todos pareciam gostar dele. Eu andava atrás de seu rabinho de cavalo como se fosse o rabo torto de um gato de rua.

Uma noite ele me recita uma poesia sua.

Fecha a boca, rapaz

Até o dia em que ninguém

te disser para mantê-la

fechada.

Então rebela-te e fala.

Diz-lhe que és jovem e impaciente,

que a lua é amarela como o sol.

Tua mãe é uma boa mulher,

porém foi embora

e teu cachorro não come faz dois dias.

Diz-lhe que as ruas estão vazias,

todos foram dormir,

e queres cantar,

antes que a velha Anela se levante

para degolar uma galinha louca

que não bota mais ovos

mas canta como um galo.

“O que você acha?”

Brinco com seu ioiô. Teimo com esse brinquedo bobo que não consigo jogar direito.

“Quem é a galinha louca?”

“Sarajevo...”

“Interessante.”

Pega de volta seu ioiô, precisa dele: está nervoso. Em todo caso, não sei mesmo jogar, e ele não suporta me ver errando. Diz que, se não gosto de suas poesias, posso ficar à vontade para lhe dizer. Diz que sou uma canalha de carreira, que vou acabar como crítica literária, arruinando jovens talentos, pois sou uma professora tola e fria, uma sanguessuga que suga o sangue dos outros.

Estamos andando ao longo do Miljacka, Gojko passa as mãos em uma pobre ramagem de inverno.

“Cada uma destas folhas vibra mais do que você!”

“As folhas caem”, digo em tom zombeteiro.

“Como os poetas! Adubam a terra cedo demais!”

Tem os olhos remelentos de um urso rebelde, o usual hálito alcoólico de sempre.

Não aguento mais. Digo-lhe que precisa tomar banho e deixar de cheirar a aguardente, porque o mundo está cheio de grandes poetas longevos, sóbrios e asseados. Ele se ofende, me olha como um menino. Diz que nunca se embriagou na vida, e que seus cabelos parecem engordurados porque usa gel, diz que se quero ter filhos preciso aprender a usar o ioiô, porque as crianças pequenas são loucas por aquele brinquedo.

Assim me ensina. A mão sobre a minha, para me fazer sentir o movimento do pulso, o assobio do fio, o impulso para fazê-lo subir novamente em seu carretel mágico.

E naquela noite, antes de se despedir, ele me disse *volim te iskreno* .

“O que quer dizer?”

“Te amo sinceramente.”

Dei um passo para trás... um pequeno passo para trás. Gojko não disse nada, apertou o nariz com o polegar como se fosse massinha de modelagem. Parou na soleira da porta.

“Digo para minha mãe antes de me despedir à noite...”

Vejo-o derrapar numa poça congelada antes de desaparecer.

Agora está aqui, nesta noite morna... cotovelos em cima de uma toalha de plástico, nesta cidade comprometida com a dor que ora cala, papéis pelo chão, bitucas, passos de gente voltando para casa. Uma garrafa de vinho vazia, saboreada, uma normalidade benévola.

E esta normalidade é o milagre, esta *baklava* que estamos dividindo, um doce macio de nozes e massa folhada. As colherinhas estão no prato.

“Coma você a última cereja.”

Pietro suga o que sobrou no fundo de sua latinha de coca-cola, faz barulho. Não está se comportando mal, conversou sobre tênis com Gojko, levantou-se para lhe mostrar a direita de Federer. Agora

quer um sorvete, mas aqui só tem doces bósnios. Gojko estende um braço no escuro, indica-lhe uma sorveteria um pouco mais abaixo.

“Como se diz *sorvete* ?”

“ *Sladoled* .”

“E os sabores?”

“ *Cokolada, vanila, pistaci, limun...* ”

“Se disser *ice cream* entendem?”

Gojko assente, sorri para ele, olha-o enquanto se afasta.

“É simpático...”

Fito a rua por onde Pietro se foi, e já sinto um vazio, como todas as vezes em que o perco de vista.

“É igual ao pai, é idêntico.”

Gojko está com a boca aberta, uma fenda escura sibilante.

“O que há?”, pergunto.

“Nada, estou te olhando.”

Segura minha mão, pergunta se estou calma.

Digo que sim, que está tudo bem, mas estou um pouco irritada, tenho o tom estridente de alguém na defensiva.

“Me ligue quando quiser, por qualquer razão, mesmo porque durmo na poltrona, sentado...”

“Por quê, não tem cama?”

“Não gosto de dormir deitado, sinto o coração nos olhos...”

Observo-os, esses olhos para onde lhe sobe o coração, à noite. Comprime-os um pouco, é como se quisessem sorrir, mas não conseguem. Afinal ali estamos, eu e ele, parados no tempo, não houve nada no meio... nem sequer uma hora de paz.

Olho sua mão, um pouco inchada, com as sardas e a aliança justa demais.

“Casou?”

Ele assente.

“E como ela é?”

“Tive sorte.”

Conta-me dos anos com os documentos de refugiado, os trabalhos ocasionais, manobrista, vigia de camping, frentista.

“Ser bósnio era uma vantagem, tinham muita pena da gente no início...”, sorri e pede dois copos de *rakija* .

“A hospitalidade durou pouco, a Europa logo deixou de se sentir em dívida. Não temos boa fama, perdemos tempo, somos contemplativos demais.”

Uma aleijada passa a meu lado, magérrima, arrastando uma perna como uma vassoura. Estende a mão aberta na mesa, sem dizer uma palavra. Gojko dá cinco marcos conversíveis. A moça está tão fraca que não tem forças sequer para fechar a mão. Enquanto se afasta, olho seus jeans frouxos e encardidos numa bunda que é só osso.

“Lembra dela? Vendia bilhetes da loteria da cidade...”

Vagamente... uma mão, um bonequinho da sorte com cara de bocó.

“Era uma das moças mais bonitas de Sarajevo. É drogada.”

Engole a *rakija*, comprime novamente os olhos.

“Era mais fácil correr antes sob as granadas do que andar depois sobre os escombros.”

Pietro voltou com o sorvete, olha para a moça que agora está agarrada à parede como um cachorro que precisa urinar.

“Por que ela manca desse jeito?”

“Uma daquelas lembranças que você viu no mercado... entrou no quadril dela.”

Meu filho fica nervoso, agita-se na cadeira.

“E não dá para ajudá-la?”

“Não, não dá. Como está o sorvete?”

Pietro dá uma lambida, e por um momento ouve-se apenas o ruído de sua língua. Apoia o rosto sonolento na palma da mão.

“Vamos”, diz ele. “Não aguento mais.”

Eu, pelo contrário, agora poderia andar horas a fio. Atravessar a cidade, ir até Ilidža, nessa neblina de verão, nesse vapor turvo que anula um pouco o realismo... penetrar, como um palito num bolo, no restolho fumegante das recordações.

Ergo os olhos para o monte Trebević. Pergunto a Gojko sobre aquele refúgio onde serviam queijo coalhado e aguardente quente. Não responde de imediato, fica repassando o sabor daquela lembrança na boca fechada.

“É você que me faz voltar no tempo... você...”, sussurra.

Depois brutalmente diz que não há mais nada, que o teleférico está parado, as cabines esquecidas no céu como dentes cariados.

“Está abarrotado de minas. Colocá-las é muito fácil, para tirá-las são anos e uma montanha de dinheiro... mas, se você quiser, podemos ir, escalar a pé, arriscar a pele e voltar lá.”

Seus olhos lampejam, como se esperasse de mim um desafio, uma loucura.

“Boa noite.”

Subimos a pé porque Pietro não confia no elevador.

“Esse seu amigo é louco?”

“Os bósnios são todos loucos, para eles é um orgulho.”

Cambaleio nos degraus.

“Está bêbada?”

“Um pouco.”

“Que nojo.”

Vai escovar os dentes, fico sentada na cama esperando o banheiro desocupar. Está de cueca, curvado sobre a pia, a boca escancarada, cheia de espuma, olha-se no espelho enquanto escova os dentes, mantendo o cotovelo erguido. Tem mania de higiene bucal, já teve duas cáries e não entende a razão. Uma vez ele me pediu para abrir a boca, queria ver o estado dos meus dentes, o dentista tinha lhe dito que as cáries são hereditárias. Abri e fechei a boca rapidamente. *Me deixe em paz*, disse a ele, *não sou um cavalo*. Então me perguntou do pai, só para saber como eram seus dentes.

Agora dorme, pela boca entreaberta escapa um silvo, um pequeno vento perfumado de pasta de dente. Está com o peito descoberto, os mamilos um pouco inchados, mastite da puberdade, disse o médico.

Não vou ficar com seios?

Até o médico riu, *este rapaz me deixa de bom humor, hoje em dia é difícil achar um rapaz tão simpático*. Verdade, todos o acham simpático, tem senso de humor, tende a denegrir a si mesmo, e não aos outros. Só comigo é grosso.

Pietro.

Deve ser a bebida, mas hoje à noite seu nome basta para me fazer chorar.

Hoje à noite é fácil se deixar apanhar por um nome.

O parapeito da janela é largo, dá para sentar, esticar um pouco as pernas. Agarro-me ao vidro. Giuliano me ligou, estava com a voz rouca de alguém que ficou calado, pensando.

“Deixei muitas mensagens”, falou com a voz desgastada de cansaço, de ânsia. “Sinto você distante.”

“Estou distante.”

Vejo nossa casa. O calendário sexy dos carabinieri pendurado na entrada, a salada que deixei na geladeira para Giuliano, o recado para a empregada, a esponja que uso para retirar a maquiagem.

Hoje à noite não tirei a maquiagem, gaguejo com os olhos, o rímel oscilante nas olheiras.

Pietro descansa. Os cílios no branco das pálpebras fechadas são árvores enfileiradas, desfolhadas na neve... terra cortada ao meio por uma trincheira.

Saio da janela, vou para o corredor descalça, desço até o saguão. Há homens que fumam e bebem, sempre há homens que fumam e bebem nesse hotel.

Eles me olham, querem me oferecer uma bebida. Peço um cigarro, ganho dois. Drina... é, os velhos Drina. Não fumo há muitos anos, mas hoje à noite fumo descalça na calçada porque preciso de algo que desça até a barriga e que queime.

Alguém passa, um homem se detém junto à lata de lixo, um pobre coitado que procura alguma coisa, alguma sobra que ainda tenha sabor, algum resto que valha a pena. Como eu, no fundo.

Foi Gojko quem me levou

Foi Gojko quem me levou àquele lugar.

Andamos o dia todo de Bistrik até Nedžarići, e mesmo assim ainda me deixo arrastar. A neblina se levantou, dança ao nosso redor, embaixo o Miljacka parece leite de mulher, colostro. É minha última noite em Sarajevo.

A Itália venceu a competição de trenó, comemoram a medalha. Muitos dançam sobre as mesas, as bocas coladas às garrafas de *šljivovica*, jornalistas esportivos, atletas que já deveriam estar na cama em seus alojamentos na vila olímpica, em Mojmiło.

“Venha, vou te apresentar o grupo dos italianos.”

Sento-me prensada entre os cotovelos de gente desconhecida, olhos irritados por causa da fumaça, rostos queimados de sol. O lugar é uma galeria de arcos baixos de onde despontam cabeças empalhadas, ursos pardos, corças, aqui e ali pendem do forro algumas bandeirinhas de tecido. Estou sentada sob a bandeira da Alemanha Oriental.

Ele não está, já se despediu dos amigos e foi embora. Procura o sobretudo no vestiário cheio de casacos e capotes úmidos da neve, não consegue encontrá-lo e por isso volta, em busca da moça dos paletós, a baixinha de cabelo crespo que foi tomar uma cerveja e não deixou ninguém cuidando dos cabides. É por isso que ele volta. Fica ali em pé esperando que ela termine a cerveja.

Uma blusa colorida de lã peruana sobre umas costas longas e magras. Gojko o chama: “Ei, Diego...”.

Ele se vira levando a mão à nuca, tem uma barbinha rala no rosto encovado de menino magro. Depois ele me diria que estava com a cabeça latejando, que os olhos eram dois braseiros devido a todas as rajadas de neve que o apanharam ao longo do dia. Ele se aproxima, dá um passo em nossa direção. Depois disse que foi porque me viu, apesar dos olhos, apesar do cansaço. Fora atraído, sem pensar, como um touro é atraído por vermelho. Eu também o olho, espero aproximar-se. Nunca se pode dizer o que... o que é exatamente. É uma membrana, talvez uma prisão desde o início. De longe vem uma vida ao nosso encontro, sentimos seu sopro, o cheiro de uma trégua. Seu suor, seu cansaço, estão dentro de nós. Para nós era esforço.

Ficamos parados como insetos sentindo aquela palpitação simultânea das coisas. Estou com o rosto vermelho, há fumaça demais, cotovelos demais, vozes demais. Não há mais nada. Apenas a mancha daquela blusa que caminha em minha direção. Num segundo meus olhos queimam os contornos daquela carne. E tenho a impressão de sentir sua alma.

Ele se aproxima da mesa, a moça lhe devolveu suas coisas, um casacão azul um pouco formal, ele o veste. Permanece ali em pé, encapotado, suando. Gojko estica-se para abraçá-lo por sobre a mesa onde estão dançando e por onde rola um copo de cerveja.

“Está indo?”

Vestiu também um gorro de lã com um pompom, confirma que está saindo, olho aquela bolinha de lã que dança.

“Este é meu amigo Diego, já lhe falei dele, lembra?”

Não lembrava.

Diego me estende a mão. É um pedaço de carne ossuda que arde e se demora na minha. É a mão de Pietro. Já é ela. O tempo dilacera o tempo, um corpo está diante do seu, forte, jovem... porém um outro corpo já está tomando seu lugar. Um filho já está no pai, rapaz dentro do rapaz.

E aquele filho será a memória, o menino que correrá com a tocha.

Abro espaço no banco para ele, poucos centímetros de espaço para onde ele desliza. Rimos por estarmos tão perto. Falamos, não sei de quê. Tem um jeito estranho de falar, cantado, que faz lembrar o oceano.

“De onde você é?”

“De Gênova.”

Nem tirou o gorro, transpira. Olho aquelas gotas de suor da testa escorrendo sobre os olhos.

“Está suando.”

“Vamos sair.”

E assim já fomos juntos, atravessando o aglomerado de mesas e copos usados, as cabeças de urso, o empurra-empurra na frente das portas dos banheiros. Gojko não diz nada, levanta uma mão, rígida como uma tábua. Depois iria dizer que já tinha entendido, que até um cego teria entendido. Que os raios matem um pobre gato que está ali parado e lhe arranquem o rabo.

Diego caminha ao meu lado com seu casaco azul que parece um daqueles da Marinha. É jovem, um rapaz. Quantos anos terá?

“Amanhã saio cedo, o avião vai estar lotado como na vinda.”
Está aqui a trabalho, diz.

“Que trabalho?”

“Fotógrafo. Estava um calor lá dentro...”, sorri.

É um sorriso manso.

Falo da minha tese, de Gojko, que foi tão generoso e fez com que eu me apaixonasse pela cidade.

“O que estava fazendo ainda acordada?”

“Esperava o toque dos sinos, o canto do muezim...”

Ele diz que podemos esperar juntos, subir até a velha estação ferroviária, porque lá de cima as pontas dos minaretes parecem lanças cravadas no céu.

Retomamos a caminhada. Quanto vamos andar esta noite? O caminhão de limpeza das ruas nos segue por um trecho, depois freia. Os homens recolhem cascos de cerveja, folhetos amolecidos pela neve... longas vassouras negras varrem o calçamento. Os homens são fracos, estão com frio, limpam nossa rua, caminham, param

novamente. Não era necessário, mesmo a sujeira do turismo das Olimpíadas não importava, não teríamos notado. Estamos acostumados com cidades sujas. Mas não podemos deixar de notar o encanto dessas mãos que labutam por nós.

“Está aqui para um jornal?”

“Não, enviado pessoal.”

Passou dias deitado com o queixo fincado na neve, em Bjelašnica, em Malo Polje, recebendo no rosto os espirros dos trenós e dos saltos ornamentais nórdicos. Diz que fodeu os olhos.

“Não podia usar óculos?”

Ri, diz que é como fazer amor de roupa, que o olho tem de estar dentro da lente.

Ele me observa. Deixo que me examine com seu olho especial...

“Acha que sou fotogênica?”

Inclino a cabeça, mostro-lhe meu melhor perfil, como uma adolescente.

“Está com alguém?”

Estou para me casar. Não lhe digo. Digo que tenho uma relação de muitos anos.

“E você?”

Abre os braços, sorri.

“Eu sou livre.”

A Fonte dos Viandantes, o Sebilj, está congelada, sentamos na beirada, um passarinho enregelado caminha sobre o gelo. Diego o toma nas mãos, aproxima a boca, sopra-lhe um pouco de calor.

“Venha comigo.”

“Para onde?”

“Para o Brasil, fotografar as crianças nas minas vermelhas de Cumarú.”

Gojko surge entre as bancas do mercado como se estivesse nos esperando ali, com seu casaco de pele, o cigarro aceso.

“Prometi que levaria a senhorita até a colina para ver Sarajevo pela janela de Andrić...”

“E quem seria esse Andrić?”

“Um poeta, mas não se preocupe, Gemma não gosta dos poetas bósnios, cheiram mal e se embebedam.”

Sua presença me protege do embaraço, dessa preocupação com as emoções. Podemos fingir ser três amigos a passeio, três inofensivos irmãos.

O vento gelado agita as árvores nuas, rajadas de neve queimam nossos rostos, detêm-se nos cabelos.

Olhamos a cidade lá embaixo, as pontas ossudas dos minaretes entre os telhados cobertos de neve. Sarajevo agora parece uma mulher deitada, as ruas são cortes no vestido de uma noiva.

Já escolhi meu vestido de noiva. Um modelo *évasé* de seda encorpada como a corola de um copo-de-leite, uma flor sem movimento.

A noite está terminando, as luzes elétricas dançam na aurora como velas no mar.

Gojko abre os braços, grita em alemão:

“*Das ist Walter!*”

“Quem é Walter?”

“É o personagem de um filme de propaganda que passavam nas escolas, um herói da Resistência que os alemães tentam o tempo todo desentocar, sem conseguir. No final do filme o oficial das ss, derrotado, olha Sarajevo do alto e diz a frase: ‘Agora sei quem é Walter! Este é Walter! É toda a cidade, é o espírito de Sarajevo...’. Uma bobageira deslavada, mas nos fazia chorar.”

Sentamo-nos no chão sob o telhado da velha estação. Gojko tira do casaco uma garrafa de aguardente.

“Primeiro a senhora...”

Bebo um gole, parece lava naquele gelo. Depois é a vez de Diego... ele me olha enquanto cola a boca naquela garrafa onde acabei de pôr os lábios. É o primeiro gesto erótico que ocorre entre nós. Está frio, mas estou transpirando, o suor escorre por minhas costas.

“Que pena...”

“O quê?”

“Que não estou com a máquina fotográfica.”

Gostaria de me fotografar refletida naquela poça congelada entre os trilhos.

Gojko entorna o resto da garrafa como se fosse água, depois a joga na neve. Fala com a voz se dissolvendo, fala do futuro... das poesias que escreverá, daquele novo jogo que quer importar, o cubo mágico. Um quebra-cabeça que fará dele um homem riquíssimo. Deixamos que prossiga como uma rádio noturna, como um zumbido. De vez em quando Diego solta alguma frase, só para parecer que somos três ali. Gojko acende outro cigarro. Diego lhe dá uma cotovelada.

“Cuidado com o isqueiro, você está tão cheio de aguardente que se arrotar vamos todos pelos ares...”

Gojko lhe dá os parabéns.

“Finalmente aprendeu um pouco de humor bósnio...”

Dou uma risada, apesar das mandíbulas paralisadas pelo frio. Gojko me olha e percebo que está zangado comigo. Meneia a cabeça, faz um gesto frouxo nos mandando pastar, vira-se para um lado, na neve. “Me chamem quando pararem de namorar.”

No chão, estatelado, não nos deixa a sós, fica ali como um cachorrão de guarda que finge estar dormindo. Diego pega minha mão, recolhe-a como uma luva perdida na neve.

“E então...”

Não termina a frase e eu espero. Respira, hálito branco no frio.

“... é você.”

“O quê? Sou o quê?”

Fala numa voz rouca.

“Não vá embora, não parta.”

Abaixa a cabeça até minha mão, fecha os olhos dentro dela. Respira ali como fez com o passarinho enregelado da fonte. Roço-lhe os cabelos, lentamente passo meus dedos entre eles.

“Mais... mais.”

“Vou me casar daqui a quarenta dias.”

Levanta a cabeça de chofre.

“Com quem? Com a relação de muitos anos?”

Recomponho-me rapidamente. Levanto, sacudo a neve, digo que está um frio medonho, que preciso terminar de arrumar a bagagem. Dou um leve pontapé em Gojko: “Vamos, Walter!”.

Voltamos em direção ao hotel, e é uma descida lenta, silenciosa e desarmoniosa. Não falamos mais, está bem assim. Corremos demais e já estamos cansados. Já não gosto do rapaz magro e alucinado que anda ao meu lado, extraiu da noite um humor sombrio, negativo, muito parecido com o de Gojko. De repente não suporto nenhum dos dois, estou cercada de tolos, de apaixonados agonizantes. O amanhecer começa a despontar, envolve a cidade furtiva como um grande gato cinza. Estou com raiva de mim mesma, qual a razão para não dormir, para beber e passar tanto frio? Aperto o braço de Gojko, aproveito seu corpo. Esfrega minhas costas enquanto andamos, parece contente de poder me esquentar. Percebeu o mau humor de Diego, que andava na frente colado à parede, como um cachorro, sabe que aconteceu alguma coisa enquanto dormitava. Paciência. Agora é de novo sua vez, não lhe desagrada que eu seja tão volúvel. Recolhe um pedaço de madeira, atira em Diego.

“Ei, fotógrafo!”

Diego dá um pulinho, escorrega na neve e cai. Gojko não queria pegar pesado, não achava que o rapaz estivesse tão mole.

“Machucou, amigo?”

Diego se levanta, tira a neve das calças, diz que não se machucou. Fico com pena, de repente sinto pena. De repente penso que eu o machuquei.

“A gente se vê no aeroporto.”

Vai embora mancando um pouco, sem se voltar, acenando com a mão, despedindo-se.

Preciso de todo o peso de Gojko para fechar o zíper da mala, comprei tantas bobagens no mercado, sobretudo toalhas bordadas para minha futura casa. Passamos diante do monumento da Chama Eterna. Olho para aquela avenida pela última vez... todos aqueles prédios novos em folha, o idiota daquele lobinho vermelho de Sarajevo 1984 ao lado de uma foto gigantesca de Tito. O céu, lá fora, está branco. Não dormi, sinto enjoo, peço a Gojko se poderia fazer o favor de jogar fora o cigarro.

Diante do check-in há muita gente à espera da partida, jornalistas, equipes de televisão, turistas. Um grupo de torcedores da Finlândia, agitando um boneco de neve inflável, segue atrás de uma moça com casaco dourado e minissaia de pele de rena.

Ele não está. Não o procuro, mas corro os olhos ao redor, sem mover a cabeça um milímetro. Compro um tabloide inglês. Na capa está a mulher do príncipe Charles com a cabeleira loura pesada demais, o rosto corado, o primeiro filho sobre os joelhos.

O voo dele sairia uma hora antes do meu, já deveria estar aqui. Talvez não tenha ouvido o despertador, desmaiou na cama e ficou ali. Deve ser um daqueles rapazes que dormem, que desperdiçam o tempo.

Estou com uma blusa de lã angorá com uma gola larga em forma de xale, uma saia jeans até a canela, botas bege. Na cabeça trago um grande par de óculos escuros. Pareço um pouco mais velha do que sou. Depois da universidade, passei a me vestir um pouco mais formalmente, a prender os cabelos. Desabotoo o primeiro botão do casaco e respiro sob os seios empertigados, cruzo as pernas, ponho a bolsa ao lado. Faço um pouco de gênero, mas nos espaços públicos todos nós fazemos um pouco de gênero... são os sinais característicos da mulher que eu gostaria de ser. Na verdade, a única coisa que sei de mim é que não gosto de sofrer. Cresci num mundo horizontal, talvez sem arestas, mas aconchegante.

Enfim, Sarajevo me envolve com um rasto de tristeza. Relembro a abertura das Olimpíadas, impecável, suntuosa... mas mesmo ali, naquele estádio cintilante, havia o manto metálico de uma tristeza estagnada, que a leveza dos gestos das líderes de fanfarra, os saltos das pequenas atletas em patins, não bastariam para dissimular. Havia um ar soturno militar, o mesmo ar soturno de todos os atletas do Leste, a sensação tangível de que jamais se divertiram durante os treinos. E o que dizer dos olhos do pequeno vendedor de avelãs tostadas, no lado de fora do estádio Zetra? Eram os olhos de um menino ou de um rato? Fiz-lhe uma carícia, deixei-lhe uma gorjeta e ele nem se mexeu, um menino de pedra.

Disse a Gojko para ir embora, mas ele se finca no aeroporto, faz seu jogo. Aproxima-se, solta a fumaça do cigarro em mim, espia a revista.

“Quem é esta?”

“É a mulher do príncipe Charles.”

“É bósnia?”

“Inglesa, é óbvio.”

“É igual à minha mãe.”

Fecho a revista, jogo na bolsa.

“Ou melhor, minha mãe é mais bonita...”

Estou farta desse bósnio arrogante, convencido de que este cu de judas é o centro do mundo. Só faz repetir, *a fronteira entre Oriente e Ocidente, a Jerusalém do Leste ... cruzamento de culturas milenares e de vanguardas ...* e agora sua mãe é mais gostosa do que a Lady Diana. Que vá à merda.

Faz um frio medonho no inverno, e no verão se morre de calor, vocês são deprimentes, presunçosos e ridículos, as mulheres usam maquiagem demais ou são desbotadas demais, os homens cheiram a cebola, aguardente, os pés suando dentro de sapatos ordinários. Estou farta de pita e de *ćevapčići*, tenho vontade de salada e robalo. Já me encheu o saco, Gojko, suas tiradas não fazem rir, suas poesias não fazem chorar.

Sinto prazer pensando em Andrić... *e se apenas numa palavra pudesse te dizer o que me faz fugir da Bósnia, diria: o ódio.*

“Minha mãe está no hospital...”

“Ah, o que houve?”

“Vai dar à luz, já está lá faz uma semana, tem que dar à luz, mas não dá.”

“Quantos anos ela tem?”

“Quarenta e quatro, quando eu nasci ela tinha dezessete anos... e agora vem outra criança, depois de todo esse tempo.”

“É uma coisa boa...”

“É a vida.”

Por que não chamam os voos? Os painéis estão parados há um bom tempo.

“É alguma greve?”

Gojko desanda a rir, dá um tapa na testa. Não consegue acreditar que eu tenha dito tamanha bobagem.

O aeroporto já parece uma estação no horário do rush, o fedor da fumaça é insuportável. Levanto-me, vou até os janelões, quero ver a pista, se algum avião está decolando. Espremo o nariz no vidro, não consigo ver nada... está tudo branco, está nevando.

Ouçõ um barulho, cordas de violão que vibram. Eu me viro, Diego está sentado no chão, as costas na parede, num canto entre o vidro e a porta de serviço. Arranha um violão, a cabeça baixa.

“Está nevando.”

“É...”

“Muito.”

Espero em pé, apoiada naquele temporal branco, naquele destino. Agora sei que a única coisa que eu queria era que alguém resolvesse por mim. Passo um dedo no vidro, em meu hálito... desenho uma lista ondulada, um pensamento.

“Você me ofendeu.”

O que ele está resmungando? Por que fala de nós com essa intimidade?

“Venha se sentar aqui.”

Fico num banco, ali ao lado. Não no chão. No chão é demais. Estou com minha saia até a canela, formal, da boa moça resignada à mansidão da vida sem arestas, sem dores, sem desejos.

“Gosta de Bruce Springsteen?”

Começa a cantar...

You never smile, girl, you never speak... Must be a lonely life for a working girl... I wanna marry you... I wanna marry you...

“Estou apaixonado por você.”

Sorri para mim, ajeita o cabelo atrás das orelhas.

Mais uma vez não me atrai, ele me assusta, parece um perfeito imbecil.

“Mas você é sempre assim?”

“Assim como?”

“Corre... faz tudo sozinho.”

“Eu espero fazer tudo com você.”

“Mas eu não te conheço...”

Ele me conta sua vida, feito uma metralhadora. Agora sei que o pai trabalhava no porto, morreu cedo demais, que a mãe é cozinheira na cantina do hospital Gaslini, que ele cresceu entre marmitas de alumínio, que mora num prédio cinza que parece um daqueles do realismo socialista, porém construído pela democracia cristã, mas no subsolo há um estúdio fotográfico e ele começou ali, indo perturbar o pessoal todos os dias.

A neve continua a cair, a voz irritante diz que todos os voos por ora estão cancelados.

Diego fica de pé, pega o violão.

“Quer melhor do que isso? Não perdemos a passagem e nos pagam até o hotel. Vamos pegar dois quartos vizinhos?”

“Eu vou esperar no aeroporto.”

“Vão fechar o aeroporto, não ouviu? Vai ficar sozinha.”

Penso em minhas malas, em Fabio que vem me buscar no aeroporto de Fiumicino, em minha mãe que comprou talharim fresco. Vejo minha vida coberta de neve, cancelada pela neve. Mas, penso, não tenho nada a temer, esse imbecil vai se tornar um irmãozinho exatamente como Gojko. Esta viagem foi assim: tive um razoável sucesso, arranjei dois pobres coitados, um poeta bósnio e um fotógrafo genovês. Fabio vai achar graça, vai dizer que o mundo está cheio de loucos e que eu também sou um pouco louca, e por isso gosta de mim. Vai me olhar daquela maneira... quando está para saltar em cima de mim, feliz como um cachorro que corre num gramado para se esfregar num cocô. Por que digo isso? Por que cuspo em minha vida? Quem é esse rapaz?

“Por mim, tudo bem ficar no aeroporto, nós dois sozinhos, fechados aqui dentro com a neve lá fora. Por mim, qualquer coisa vale.”

Saltita com as mãos nos bolsos.

“Sou um cara de sorte.”

“Ah, é?”

“De muita sorte.”

“Quantos anos você tem?”

“Vinte e quatro, e você?”

“Vinte e nove.”

Sorri, diz que achava pior, que parecia trinta. Franze o rosto, mostra todos os dentes. Fico olhando aquele sorriso grande demais para aquele rosto pequeno.

Reencontro você nesta primeira noite de Sarajevo depois de tantos anos. De tanta vida. Minha pele branca tem mais de cinquenta anos de pensamentos e ações. Você ainda gostaria de mim, Diego? Gostaria dessa pele flácida sob o queixo, desses braços mirrados? Ainda me amaria com o mesmo amor carnal, a mesma alegria? Um dia você me disse que me amaria mesmo velha, passaria sua língua em mim mesmo decrépita. Você disse e eu acreditei. E pouco importa se o tempo não nos deixou comprovar. Em algum lugar envelhecemos juntos, em algum lugar continuamos a rolar e a rir. A janela está embaçada, não se vê Sarajevo, vê-se apenas uma rua, uma nesga anônima. Mas como se pode ignorar o resto? Esta cidade é uma pita recheada de mortos, de inocentes arrancados à inocência. Seu filho Pietro dorme, Diego.

Nos telefones havia uma longa espera. Gojko fura a fila, gritando que é uma emergência.

Cola um dos ouvidos no aparelho e tampa o outro com um dedo, fala muito alto. Desliga o telefone, grita.

“Minha mãe deu à luz, é uma menina. É Sebina!”

Joga os braços em nossos ombros, arrasta-nos. Temos de correr ao hospital para ver a menina, a neve está da altura de uma porta, mas ele tem correntes nos pneus. Precisamos brindar! Está feliz por ser uma menina, pois em sua família só nascem meninos, e é uma sorte que ela tenha vindo ao mundo justo hoje, pois quem nasce sob neve terá vida longa e suave. Com quem se parecerá? Ele espera que se pareça com a mãe, que é tão bonita e sabe fazer a melhor sopa de carne de toda a Bósnia. Ele nos beija e nos abraça. Está comovido. Num piscar de olhos também ficamos comovidos. Somos seis olhos úmidos que se olham como peixes tolos.

No carro, cantamos. Não sabemos o quê, mas cantamos, acompanhamos os refrões do rádio. A neve está alta, o céu está denso como gesso. Os carros estão com os faróis acesos, andam muito devagar. O limpador de neve está na frente da fila, avança liberando a rua... hoje também há alguém limpando a rua para nós!

Tudo é branco e profundo. Gojko desce para comprar uma garrafa, olhamos para ele enquanto caminha, afunda na neve em direção a um letreiro luminoso. Diego vira-se.

“Está contente?”

“Sim... nunca tinha visto uma nevasca.”

Pega minha mão – tira-a do bolso e a segura.

“Quero fotografar você, hoje vou fotografá-la o dia todo.”

Gojko volta coberto de neve como um cão de trenó. Abre uma garrafa de vinho espumante.

“É austríaco, custa uma fortuna.”

Minha vida está sepultada num jardim distante, sob uma placa de gelo. Os faróis avançam na brancura. Há aqueles dedos longos entrelaçados nos meus, que me apertam... falam comigo, juram tudo. E basta esta mão, agora. A mão desse rapaz que não conheço, que me arranca da estagnação de meu corpo. Parece a de um menino... uma mão perdida muito tempo atrás, de um amiguinho que eu tinha no maternal, que queria sempre ficar comigo. O passado se adere com firmeza. Limpo uma lágrima ainda presa no olho, num gesto rápido, invisível.

* * *

No interior do hospital está um calor aconchegante, quase excessivo. O setor da maternidade emana odores domésticos, de panelas no fogo, de roupas estendidas. A enfermaria é ampla, os leitos estão quase todos vazios. A mãe de Gojko está sentada, as costas apoiadas em travesseiros, olha pela janela a neve que cai. Gojko se curva sobre ela, abraça-a. Ficamos alguns passos atrás, ela faz um aceno para nos aproximarmos. Mirna diz: “*Hvala vam*”.

“Minha mãe lhes agradece.”

Perguntamos a ele pelo que ela nos agradece, Gojko ergue os ombros.

“Por terem me arranjado trabalho...”

Estou perplexa, sua mãe realmente se parece com a Lady Diana, e é verdade que talvez seja até mais bonita. Tem um pescoço altivo, um rosto frágil sustentado pelos zigomas, como uma tela branca sobre uma almofada, olhos cor de índigo e uma mecha de cabelos dourados.

E assim nos encontramos diante do leito de uma parturiente linda como uma rainha, nesse dia incrível. Um longo arrepio me percorre como a ponta de uma furadeira. Talvez o fotógrafo de Gênova também sinta a mesma coisa. Tirou o gorro por respeito, como numa igreja. É a vida dando as cartas, a vida cantando e anunciando o dia como um galo.

A menina chega, envolta em lençóis brancos. Tem o rosto um pouco quadrado e o queixo pontiagudo. É feinha. Não chora, está com os olhos abertos, parece já saber tudo. A boca de Mirna se abre quando a vê, como se ela, a mãe, também tateasse em busca de comida. Gojko se comove, lágrimas grossas como grãos rolam por suas faces. Pega e olha a mãozinha do bebê. *Permita que me apresente, senhorita, sou seu irmão Gojko... e serei como seu pai .*

O pai de Gojko morreu de câncer poucos meses atrás, por sorte a mãe tem um bom emprego, leciona numa escola primária, é uma croata de Hvar, muito católica, jamais pensou em abortar.

Agora solta um grito abafado que destoa de sua beleza. Não quer que o filho pegue a recém-nascida antes de lavar as mãos. Gojko vai até a pequena pia presa à parede, volta com as mãos gotejando. Saltita com a irmã no colo, beija-a, cheira-a. Fica perto da cama enquanto a mãe dá de mamar, põe a cabeça ao lado de seu travesseiro e permanece ali quase sem respirar, como um cachorro com medo de ser escorraçado.

Diego tira uma foto daquela natividade. Mirna está envergonhada, cobre o seio com a manta. A mulher ainda grávida, na cama ao lado, dispõe de uma pequena chapa elétrica, prepara um chá escuro, ácido, de framboesa, verte-o em xícaras de ferro esmaltado e nos oferece. Mirna está com as pernas salpicadas de manchas vermelhas, vejo na hora em que retrai um pé e tenta coçá-lo. Percebe meu olhar, sorri encabulada, explica que é um eczema, começou com a gravidez.

Remexo na bolsa, tenho um creme de arnica que sempre trago comigo, uma pomada branca e refrescante que uso um pouco para tudo, para meus cotovelos que estão sempre descascando. Pergunto se posso lhe passar um pouco de creme, pois ela está com a menina nos braços.

Faz que não com a cabeça, dá um pontapé, defende-se. Mas eu insisto, e ela cede. Sinto suas pernas se enrijecerem, vejo que abaixa a cabeça e cheira, talvez receie que os chinelos sob a cama cheirem um pouco mal. Tem as panturrilhas firmes de uma mulher que trabalha, que anda. A pele está ressecada, absorve meu creme. Ali debaixo dou-lhe um sorriso e ela retribui. Dá a entender que já está melhor, que o creme é realmente milagroso. Sorrio, digo-lhe que, se ela quiser, posso deixar o tubinho, só lamento que esteja meio vazio.

Mirna diz algo: “ *Hoćeš li je?* ”.

“O que disse?”, pergunto a Gojko.

“Se você quer pegar a criança no colo.”

Mirna me estende aquela recém-nascida que ainda traz o calor de seu ventre.

A mulher que preparou o chá agora está contando uma historieta engraçada e todos riem, e assim por um instante se esquecem de mim.

A recém-nascida parece uma velha. Traz em si o cheiro de sua viagem, um cheiro fundo de poço, de lago. Perto da pia há um espelho e me aproximo dele. Para me ver com um recém-nascido no colo, para ver com que aparência fico.

Diego chega por trás de mim, fotografa-me pelo espelho.

“Você quer ter filhos?”

“E você?”

“Eu quero só filhos.”

Está sério, quase triste. Sabe que não acredito.

* * *

Ainda neva, parou, mas recomeçou. Na Bašćaršija os comerciantes limpam a neve da frente de suas lojas, de forma que agora há uma espécie de trincheira branca ao longo das ruelas. Às seis da tarde a escuridão engole a neve, das colinas desce o cheiro

da lenha que arde nas lareiras, o muezim sobe as escadas do minarete para ir rezar... já estamos um pouco bêbados.

Gojko nos obriga a assistir a um desfile de moda de um amigo estilista. As luzes são uma miséria, a trilha sonora é disco-music eslava, as modelos, de penteados agressivos com topetes cheios de laquê, roupas carregadas de lantejoulas brilhantes, parecem passarinhos multicoloridos e avançam seminuas, com a carne manchada pelo frio, num salão gelado que parece uma danceteria do interior. O público parece estar ali por acaso, pessoas apanhadas na rua quando iam para o trabalho, malvestidas, com sapatos molhados de neve e guarda-chuvas gotejantes, largados sob os pés. O estilista amigo de Gojko é imberbe e gorducho, veste uma camiseta arrastão preta com grandes buracos, como uma teia de aranha. Quando sai para agradecer, curva-se até o chão como Maria Callas.

Na rua desatamos a rir como estudantes num passeio da escola. Eu me requebro na neve como aquelas pobres modelos cambaleantes e transidas, Diego me fotografa, joga-se a meus pés como se eu fosse uma celebridade, grita que também quer uma camiseta arrastão, Gojko lhe diz que somos dois *krastavci*, dois pepinos bêbados. Está bravo, somos cúmplices demais, tolos demais. Está novamente levando a mal. Anda à nossa frente com seu cabeção duro, mal-humorado, seu casaco forrado de gatos.

Depois vamos para um lugar underground de Sarajevo e, se não fosse pela *šljivovica*, por um instante realmente pareceria que estávamos em Londres. Artistas de cabelos compridos, grisalhos e amarelados de nicotina, circulam ao lado de moças espectrais que se balançam de olhos fechados, as pálpebras maquiadas de preto como mariscos cintilantes. As luzes vão e vêm, toca aquela música dura de Ekv. Parece brotar do fundo da terra e, como um terremoto, faz tremer as mesas, os cinzeiros, os copos vazios que ninguém recolhe. Gojko nos apresenta Dragana, que trabalha na tevê estatal e sabe imitar vozes, imita para nós os Smurfs, e seu namorado Bojan, mímico e ator de teatro, depois Zoran, um advogado de rosto bexiguento e sério, e Mladjo, o pintor que estudou na Academia de Brera. Some, engolido pelos amigos.

Diego se ajoelha ao meu lado.

“O que você vai tomar, meu amor?”

“Não sei... o que vamos tomar?”

Estou atordoada, não frequento a noite faz séculos, estão todos seminus, todos dançam. Estou com uma blusa de lã angorá, uma saia formal, sinto-me deslocada e desajeitada.

Consegui um lugar num sofazinho escorregadio. Diego volta com uma grande taça de sorvete, uma só para dois.

“Não encontrei mais nada...”

Comemos com a mesma colher. Ele põe em minha boca e me olha comer. Um sorvete com toda aquela neve... mas é justamente disso que preciso, ele derrete, escorrega no ardor do corpo. Depois, em vez da colher, ele aproxima a boca. Não me beija imediatamente, fica ali, sua respiração sobre meus lábios frios. É como se esperasse o “nada contra” final... aproxima-se lentamente daquele beijo. Talvez seja mais esperto do que parece. Talvez seja um daqueles rapazes sensuais que passam muito tempo sob os lençóis. É um beijo longo, mole, as línguas são lesmas que atravessam uma praça.

Se naquela noite não tivesse confiado em mim. Mas tinha vontade de confiar. As bocas como massa de uma mesma boca. Pietro se vira na cama, resmungando alguma coisa, de repente aflora a vigília, depois volta a dormir profundamente, como uma raia que sobe à superfície e depois retorna à escuridão de suas profundezas. Faz tempo que não dormimos na mesma cama, tinha me esquecido de seus nervos tesos, cordas de violão que se rompem de repente. Nunca se interessou pelo pai. *Pietro se defende*, disse Giuliano, *é um rapaz, e os rapazes têm medo de sofrer*.

Sempre falei com Pietro a respeito de seu pai com leveza, contei-lhe como era engraçado, com eram suas pernas de avestruz, a barba rala que deixava crescer para parecer mais velho. Contei sobre aquela vez que ele chegou dizendo que tinha fotografado a melhor matéria de sua vida, e depois percebeu que a máquina estava sem filme. Contei que as calças lhe caíam enquanto andava porque era magro demais, *como você*, disse a ele, e não se lembrava de pôr o cinto, *porque era distraído, como você*. E toda vez eu engolia as lágrimas e ria.

Giuliano ficou calado por muito tempo. Depois disse: *foi isso que ele percebeu... tua dor* .

É verdade, eu procurava o pai dentro dele, com afinco, todos os dias de sua vida.

Uma noite na cozinha, Pietro abre a geladeira e se irrita comigo porque não comprei sorvete. Eu lhe digo para se sentar, pois ainda não terminamos de comer, digo que é mimado e insolente. Giuliano coloca a mão sobre a minha, diz que vai buscar um pouco de sorvete, o bar ainda está aberto. Fico irritada com ele também, digo que assim ele não me ajuda, deixa-se devorar por Pietro, deixa-se usar como um capacho. Giuliano se levanta, ficamos só nós dois. Há aquela foto de Diego na geladeira. Pietro se detém na frente dela, vira-se para mim: *que porra você está dizendo, não me pareço nada com ele* . Ele me olha como um homem, como um estranho: *eu não me pareço com ninguém* .

Então, naquela noite, foram beijos, um dentro do outro. Diego se sentou em meu colo naquele sofazinho de couro, entre luzes coloridas que piscavam como num carrossel, naquela toca de fumaça e vozes.

“Estou pensando?”

“Não, não está.”

Deitou por cima de mim com seu cheiro, com seu hálito, com as palavras mais doces. Como uma serpente que devora um animalzinho, que o engole devagarinho... estou sufocando aqui embaixo.

Danço, como uma alga. Tenho vontade de me soltar. Levanto os braços para o ar, levanto as pernas, tiro-as do chão e oscilo... pouco importa se minha saia é formal, se não sei dançar... danço como dançava nas festas do colegial, quando se apagavam as luzes e morríamos de rir com aquela vassoura na mão. Diego está me olhando, o rosto apoiado numa das mãos, os olhos semicerrados no escuro roçam minhas costas. Já preparei a lista de casamento. Passamos uma tarde inteira, eu e Fabio, naquela loja no centro, com a atendente ao nosso lado anotando folhas e mais folhas. Penso naquele saleiro de cristal com a tampa de prata *para eventualmente*

combinar com a pimenteira . O que vou fazer com aquele saleiro? Onde vou espalhar sal? Sobre a salada ou debaixo da cama para afastar o fantasma desse idiota que me olha como se eu fosse a Bo Derek?

Não se faz nada, não se fará nada. Eu lhe digo que é tarde, que precisamos ir. Ele me olha enquanto amarro o cachecol. Não olho mais para ele, olho meus passos pela rua, sigo apenas eles.

O hotel para os passageiros dos voos cancelados fica na periferia, e o último bonde já saiu faz um bom tempo. Assim Gojko nos convidou para dormir em sua casa, há lugar, a mãe está no hospital. É um conjunto habitacional popular, o pátio parece o de uma prisão. Mas lá dentro é agradável. A luz ilumina uma casa acolhedora, onde não falta nada. Um piano vertical, um tapete turco, duas fileiras de livros na parede, cortinas estufadas como salsichas brancas. Gojko cede seu quarto para Diego.

“Os lençóis estão limpos, dormi neles só algumas vezes...”

Ficarei no quarto da mãe. Gojko me explica como se acende a luz do criado-mudo, desocupa uma cadeira para eu poder deixar minhas coisas. Ao lado da cama está um berço, já pronto, um ovo de vime partido ao meio.

“Era meu, agora Sebina vai dormir nele, minha mãe reformou o colchão, bordou os lençóis.”

Eu me encanto com as rendas que enfeitam uma faixa de cetim suspensa.

Ficamos conversando mais algum tempo na sala. Gojko reparte o resto de uma garrafa de *kruškovaca* de pera feita por sua mãe. Há uma fotografia de Tito na sala de estar, emoldurada ao lado das outras, como se fosse alguém da família.

Gojko começa a falar de seu pai, que se salvou na Neretva quando o marechal explodiu a ponte para enganar os alemães.

Eu me levanto, *boa-noite* . Diego se levanta também, acompanha-me por alguns passos.

“Quando o militante dormir, posso lhe fazer uma visita?”

Tem o rosto de um menino a mendigar. Discordo com a cabeça, como uma mãe punitiva.

Ainda ouço os dois conversando um pouco, depois começa o murmúrio da televisão. Escuto Diego dizer *vou para a cama, não entendo merda nenhuma*, e Gojko que diz *é verdade, não entende merda nenhuma* ...

Estou tranquila, leio um pouco. *A senhorita* de Andrić hoje à noite não sai do Hotel Europa... as palavras não penetram, permanecem ali suspensas, inúteis como prendedores num varal sem roupa. É delicada esta cama, é delicado este quarto com suas cortinas de musselina, o tapete de algodão bege, é o quarto de uma mulher modesta, asseada. Levanto e olho o armário: um vestido florido, um *tailleur*, dois casacos masculinos, e embaixo pilhas de roupas de casa, lençóis, toalhas. Na porta, um fio de metal: duas gravatas e um pequeno cinto de verniz vermelho. Vou ao banheiro. Lavo o rosto, as axilas.

O sabor daqueles beijos vai embora com a pasta de dente. Gojko dorme deitado no sofá, os braços largados, as mãos inchadas como as de um menino. Há cheiro de pés, de cigarros pesando no ar.

Diego me chama, *psss, oi*. Está na porta de seu quarto, sorri. Está com uma espécie de macacão atoalhado, amarelinho.

“Encontrei embaixo do travesseiro de Gojko...”

Sorrio, digo novamente *boa-noite*.

“Mas você está com sono?”, ele pergunta.

“Estou.”

“Você falou um monte de mentiras hoje à noite...”

Estamos um pouco constrangidos naquela casa, naquela intimidade dos outros... e Gojko adormecido causa um efeito maior do que Gojko acordado.

Diego está com aquele pijama de pato, os cabelos compridos e ondulados de um anjo. Retorce a boca como um desenho animado.

“Vou fechar a porta... assim você não me ouve chorar.”

Digo que vá pastar, sem alegria.

Depois acontece uma coisa, Gojko faz um barulho, um peido bem encorpado, longo, quase uma pequena sinfonia do ânus. Diego faz uma cara muito séria, concorda.

“Bela poesia, Gojko, parabéns...”

Levo a mão à boca e dou risada.

Diego também se põe a rir. Eu me viro, recuo um passo em direção ao quarto onde vou dormir ou ficar acordada. E ele me ergue do chão com um gesto seco, como se nunca tivesse feito outra coisa, como um carregador com um tapete enrolado.

Caímos na cama, ao lado daquele berço vazio. Num segundo, Diego tira o macacão de Gojko, fica de cueca, cueca vermelha, absurda, de réveillon. Rio, ele não ri. Tem as pernas magras, o peito magro de um menino.

“Sou feio?”

“Não...”

Vejo partes nossas, minha mão mole fora da cama, uma orelha dele, escura como um poço, o ponto onde os nossos peitos se colam. Antes de me penetrar, ele para, pede permissão como um menino.

“Posso?”

É uma raiz que entra na terra. Fica ali a me olhar, a olhar o milagre de nós dois juntos. Põe as mãos ao redor de minha cabeça como uma coroa, olha meus cabelos enquanto os acaricia.

“Agora você é minha.”

E havia aquela cama e aquele berço vazio, onde Gojko dormia quando era pequeno e onde agora dormirá sua irmã.

Fico deitada com um braço sob a cabeça de Diego. Estou calma, saciada... olho este pequeno fenômeno. Esse rapazinho que soube me conhecer, cuidar de mim com naturalidade, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida.

A tempestade de neve parou já faz algum tempo. Da rua chegam vozes, rapazes bêbados. Levantamos para olhá-los pela janela. Diego me abraça, eu me protejo com um pedaço de cortina. São rapagões altos que conversam em inglês, atletas fora das pistas. Ficam um pouco ali embaixo jogando neve uns nos outros, depois vão embora.

Voltamos para a cama. Esta noite passará gota a gota.

Diego toca um dos meus mamilos, pequeno e escuro como um prego. Toca a saudade que sentirá de mim. Não desperdiçamos nada. Nenhum medo, nenhuma censura, nenhum embaraço. Nenhum

sentimento conhecido vem me atrapalhar. O arrependimento é um senhor velho e cansado que não consegue se instalar aqui.

Diego pega o violão e toca. A perna dobrada, o peito nu, os olhos baixos mirando as cordas.

“Que música é?”

“‘I wanna marry you.’ A nossa.”

Dormimos um pouco. É um sono muito profundo, submerso numa cegueira total. Quando volto a abrir os olhos, encontro o perfume desse corpo. Está com o nariz enfiado no meu cabelo, como se estivesse me cheirando. Desponta o amanhecer, tímido, pálido. Há tempo para fazer amor de novo, para ficarmos juntos mais uma vez. Seu cotovelo repuxa um pouco o meu cabelo, não me importo. Eu me levanto, com grande esforço. O primeiro daquela noite. Ele está ali, às minhas costas, olha-me enquanto me abaixo, visto a calcinha, procuro a roupa espalhada.

“Vou sentir sua falta pelo resto da vida.”

Estamos na cozinha. Gojko fez café, saiu para comprar leite e pita doce. Passou por seu quarto, e sem dúvida viu que a cama estava intocada. Ele nos olha enquanto tomamos café juntos naquela cozinha com armários acinzentados e uma luminária que parece um cogumelo de cabeça para baixo. Brinca com os farelos na mesa, olha meus dedos na alça da xícara. Ele nos deixa em paz, não faz gracejos. Não estamos nem alegres nem tristes, só desorientados.

Pego a bolsa, abro a carteira. Quero pagar Gojko pela hospitalidade, a comida, os lençóis a lavar. Ele olha o dinheiro, todo o dinheiro que me sobrou. Está duro, como sempre, mas repele com um gesto decidido.

Eu lhe digo que venha a Roma me visitar, que será meu hóspede.

Ele nos olha, respira aquele ar de agonia.

“Mas por que vão embora?”

Vou escovar os dentes. Choro, a boca é uma cloaca de espuma branca que não consegue se fechar. Acabo de tirar a maquiagem que ficou sob os olhos. Volto para lá com minha bolsa. Diego está brincando com um ioiô. Gojko se vira, inclina-se na pia, põe as xícaras ali dentro, suas costas resmungam, está comovido.

“Vocês são dois *bakalar*, dois bacalhaus...”

Estou tomando café da manhã com meu filho, vinte e quatro anos depois, numa sala ampla com o forro baixo demais. Não se vê a luz do dia, mas apenas os tubos de neon, estamos no subsolo do hotel. À nossa volta, muitas mesas desarrumadas e algumas onde os homens que ontem à noite conversavam no saguão ainda continuam a conversar, muitos já fumando. Pietro reclama daquele cheiro de fumaça e de comida.

“Mas aqui não tem nada de normal?”

“O que você entende por normal?”

“Algum pãozinho doce, mãe.”

Eu me levanto, vou buscar a manteiga para o pão. Espio as bandejas de metal, tristes como as de uma cantina, pego um iogurte e uma fatia de bolo com cerejas para mim. Estou com fome. Passo manteiga nas fatias do pão de Pietro, digo-lhe que o mel daqui é muito bom. A moça da cozinha se aproxima. Usa um uniforme de camareira, camiseta branca, saia preta e aventalzinho curto. Pietro a examina. É jovem, parece pouco mais que uma menina, tem o rosto oval, quase transparente, e grandes olhos amarelados. Pergunta se queremos tomar algo quente. Eu peço um chá, Pietro pergunta se tem um capuccino. A moça volta com meu chá e uma xícara grande de leite escuro para Pietro. Sorri enquanto a coloca à sua frente, tem pequenas espinhas na testa. Pietro olha aquela lavagem sem nada de espuma, tenta dizer alguma coisa, mas não sabe como se diz espuma em inglês, e se interrompe no meio. A moça sorri para ele. Foi um segundo, talvez a bandeja estivesse molhada... o bule cai no chão, não se quebra. É de metal, porém o jorro atinge em cheio o jeans claro de Pietro.

Pula feito um louco, a perna queimando, começa a dar pulinhos para desgrudar da pele o tecido ardente. A moça fica imóvel, apalermada. Pede desculpas, trabalha ali há poucos dias. Fala inglês com um leve sotaque eslavo. Pietro abre o jeans, faz com que escorregue até as canelas, fica de cueca, assopra a coxa. Resmunga em italiano: *atrapalhada, palerma...* mas, como é covarde, diz em inglês: *don't worry... it's o.k.*

A moça continua a se desculpar, abaixa-se para recolher o bule. Nesse meio-tempo, uma mulher corpulenta de avental e cabelos curtos e crespos sai da cozinha. Fala rapidamente com a moça, não

se entende uma palavra, é evidente que está dando uma bronca. Agora a moça está com o rosto vermelho. Pietro voltou a vestir o jeans, toca no ombro da energúmena, diz a ela: *it's my fault... the girl is very much good...*, e depois acrescenta um *indeed* sem sentido.

A mulher vai embora, Pietro volta a se sentar.

“Não se diz *very much good* .”

Reclama que fico sempre amolando, mesmo quando se comporta bem.

Sorrio, porque dessa vez tem razão.

Vejo-o comer, olho seus dentes brancos e tortos que despedaçam o pão. Olha para a garçonete sarajevita, que lhe sorri e lhe agradece com uma pequena reverência.

* * *

Despedimo-nos no aeroporto. Ficamos de pé, abraçados, apoiados à parede. Diego enfiou as mãos no meu casaco, procurava o calor de minha carne. Deixei que procurasse. Todos já tinham passado. Nós estávamos ali, parados ao lado daquela fila de cadeiras vazias. Depois me virei e fui embora. Eu o vi contra o vidro, batendo nele, como um passarinho com o bico. Tinha chorado e agora me gritava para sorrir, ser feliz de qualquer maneira, mesmo sem ele.

Voltei a entrar em minha vida

Voltei a entrar em minha vida como num saco, e quando a associação dos cegos passou para buscar as roupas velhas, doei o longo casaco que tinha usado diariamente em Sarajevo. Voltei a vestir o casaco social, ajustado às formas do meu corpo. Nos corredores da universidade flutuavam as vozes dos estudantes que saíam das aulas, ecos de vidas ainda despreocupadas, tão distantes da minha. Com Fabio era fácil, bastava dizer a verdade, que estava cansada e um pouco deprimida. Ele não perguntava a razão de nada. Era um namorado legal, ele mesmo encontrava as razões para meu mal-estar. Dizia que era normal, que tinha estudado demais, que eu exigia muito de mim mesma. Não fazíamos amor, não dava tempo. Quando nos encontrávamos, era para visitar algum parente seu, para levar o convite do casamento. Tínhamos uma história bonita, doce. Olhava Fabio, espiava-o no carro enquanto dirigia com seu olhar pensativo. Trabalhava no escritório de engenharia que o pai estava lhe transferindo aos poucos, participava sempre de concorrências para obras públicas, espaços multifuncionais, áreas verdes, centros sociais. Naquele escritório, entre aquelas mesas verticais forradas de papéis brilhantes, eu e Fabio fizemos amor pela primeira vez. Eu era virgem, ele divagava sobre algo que ocorrera antes de mim, mas era tão hesitante que ficava difícil acreditar nele. Agora eu não me lembrava de nada sobre nós dois ali, naquele escritório vazio que foi

por muitos anos nosso refúgio de sábado à noite. Fabio era o filho do dono, usava o bidê naquele banheirinho onde nunca faltava a cápsula perfumada que tingia a água da descarga de azul. *O banheiro está livre*, dizia. Olhava-me caminhar nua: *você tem longas pernas*. Ou: *seus seios são bem modelados...* o olho profissional de quando fazia cálculos estruturais.

Olhava seu rosto que perscrutava o trânsito, seus pensamentos fixos em algum problema de obra, de instalações, de esgotos. Eu gostava do cheiro de seu carro, aquele pacote de bolachas de chocolate que trazia e comíamos depois de fazer amor. Não me perguntava por que tínhamos tanta necessidade de adoçar a boca depois, por que ele tinha tanta pressa em se lavar, em remover do pênis os humores de meu corpo. Ficávamos melhor quando estávamos vestidos; nos restaurantes a que me levava, ajudava-me a tirar o casaco, consultava a carta de vinhos. Tinha trinta e quatro anos, era homem-feito, bem estabelecido. Eu tinha quase trinta anos, e me vestia de maneira feminina porque lhe agradava. Entre nós havia uma sintonia silenciosa, sólida. O bom sinal de uma vida que nunca nos deixaria a descoberto.

Agora, quase todas as noites vamos à igreja. Nenhum dos dois era especialmente católico, mas gostávamos daquele curso de noivos, do cheiro da sacristia, da portinhola onde tocávamos a campainha, dos passos do sacerdote que se aproximava, de sua voz, *venham, filhos, entrem*. Era um rapagão corpulento, sanguíneo, espremido numa batina estreita demais, ainda estudava teologia na Universidade Católica. Falava-nos como amigo, discorria sobre o sacramento que celebraríamos com paixão, e pedia desculpas antes de nos fazer qualquer pergunta indiscreta. Sentia-me segura ali dentro. Era uma sala limpa, de espera. De purificação. Lembrava-me, pela ordem e pela humildade, algumas salas de Sarajevo. Não me sentia culpada. Era como se não tivesse obrigações em relação ao meu futuro marido, não naquele sentido. A faca estava na minha barriga, mas não sentia dor. Não tinha nenhuma intenção de me confessar no ombro de nosso amigo padre. O que acontecera em Sarajevo pertencia a mim, embalava uma parte remota de minha existência.

Sinto falta de Diego, mas nunca pensara em mudar minha vida. Digo isso a ele num longuíssimo telefonema, no meio da noite. Sua voz é um soluçar de pedidos impossíveis, está mal, só pensa em mim, não come, não fotografa, não viaja para o Brasil. Morre. Ele me fala daquela noite, dos nossos corpos, do nosso sexo.

Não confio em sua voz, recuo. Assim não dura, não pode durar. Diego diz que sim, que seu amor vai durar a vida toda, porque ele é louco, mas eu não lhe dei tempo para lutar. Ficou dias sem tomar banho para manter em si os resquícios da minha pele. Tenta rir, mas é uma risada moribunda. Ele me pergunta se ainda tenho aquele cheiro. Não falo, choro.

“Quieto.”

“Eu espero”, diz. “Estou aqui.”

Está fora de si, é um rapazinho.

Não me pergunta sobre Fabio, sobre meu casamento. Pede notícias do meus pés, do meu umbigo, da pequena cavidade atrás das orelhas. Revelou as fotos de Sarajevo, as da neve e as dos atletas em descanso, refestelados em seus acampamentos em Mojmiló, e principalmente as últimas, as minhas. Ri, diz que sua mãe lhe pergunta sobre aquela moça no meio da neve, nas fotos penduradas em seu quarto em tomadas tão próximas que pareço viva, em movimento. Abaixa a voz para me falar daquela foto mais íntima que mantém escondida... eu nua ao lado da janela.

“Quando tirou?”

“Você não percebeu.”

Pega-a de noite, olha para ela durante aqueles telefonemas, olha para ela quando está só, aperta-a contra a barriga, dorme com ela. Talvez faça também outras coisas... deu a entender.

Vejo-o naquele quarto que descreveu... a bandeira do Genoa, seu time, as fotografias das crianças nas reservas indígenas, de seus amigos torcedores, a cama espartana feita por ele com tábuas. Ligou o som, pôs nossa música, a que me faz ouvir no telefone levando o aparelho ao lado das caixas, quando me diz para não falar mais, para ouvirmos juntos nossa música.

... To say I'll make your dreams come true would be wrong...

But maybe darlin', I could help them along... Está nu, é magro, é ele. Fecha os olhos, me procura.

Quando encontrava Fabio, voltava a ficar tranquila. Se estivesse realmente infeliz, eu o deixaria, tinha coragem suficiente para isso. Mas ele me tranquilizava, era a bonança que vinha ao meu encontro. Era meu namorado, o cheiro de certas tardes de inverno... os livros abertos na mesinha daquela sala de chá onde nos refugiávamos para estudar, onde nos empanturrávamos de docinhos, conseguimos concluir o curso, crescer juntos. Ia comigo às lojas, sentava-se para esperar, tinha paciência e gosto. Cruzava as pernas. Gostava do náilon das meias, as lãs delicadas, a bolsa no ombro... todas aquelas camadas que me mantinham distante da nudez, daquele fosso vulnerável, infantil, que era meu corpo. Não queria sofrer. Quando mocinha, eu gostava de me derreter com alguns personagens literários desvalidos, mas não era meu destino perseguir quimeras, colecionar lágrimas. O mundo me parecia saturado de tudo. Os amores eram, como outras coisas, cancerosos na saudade, mas velozes no consumo. Era idiotice acreditar neles. Voltava a me sentir em paz, abençoada pela normalidade, pelo bem-estar moderado.

Aquela noite em Sarajevo fora um adeus definitivo a uma outra mulher, uma raquílica mendiga que eu derrotara, que não vivia mais em mim.

Haviam se passado apenas duas semanas, pareciam anos, parecia que tinha acabado de acontecer. Minha mãe talvez tenha percebido alguma coisa, por causa do telefone que ficava tanto tempo ocupado à noite. Não falava nada. As pessoas à nossa volta não querem nos conhecer, aceitam nossas mentiras como verdades. Minha mãe comportava-se como sempre: confiava no que eu fazia. Foi com ela que aprendi a ter medo de sofrer, e que uma vida saudável não precisa da verdade a qualquer custo. Basta recuar, virar para outro lado, para um vaso de flores, um carro que passa, sacrificar algum olhar autêntico, e seguir adiante discretamente. Era a clássica esposa adequada a um monstro. Sei que estou dizendo uma maldade, mas quem há de saber... Se meu pai fosse um pedófilo, ela simplesmente olharia as mãos, tiraria a aliança... mas depois acharia que não, aquela mão nua era inclemente demais, recolocaria a aliança com um sorriso triste, certa de que agora também conseguiria. Mas a vida não deu a Annamaria ocasião de medir até onde ia seu medo. Meu pai não era um estuprador de

filhas, era um senhor discreto, muito íntegro, vago e afastado demais para encontrar um lugar ao sol em minha vida frenética de mulher de trinta anos. Assim, suas palavras me impressionaram, vindas do nada, do corredor, do habitual livro na mão, do rosto habitual e do habitual serão.

“Tem certeza do que está fazendo?”

Eu me viro, estou para sair com Fabio, ele está no carro, temos que ir ao padre para o último encontro.

“Está falando do quê, pai...?”

Levanta um braço em direção à mesa da sala, no escuro da luminária apagada, uma plataforma cheia de presentes: jogos de pratos, de talheres, baixelas de prata, pequenos enfeites para armários, jantares, casamentos de merda...

“Essas coisas, mandamos de volta aos remetentes... você não deve se preocupar com este amontoado de panelas.”

É professor de curso técnico, suas mãos cheiram a serragem e cola, mas à noite lê Homero, Yeats. Está com o rosto vermelho, alterado. Sentia que precisava fazer isso, tinha de falar comigo. Talvez tenha pensado a respeito, talvez não. Sentiu que nossos dias juntos estavam para acabar, que não havia mais tempo para falarmos algumas coisas e a voz lhe saiu assim, subindo da barriga e saltando para fora nesse corredor meio escuro. Minha mãe está lá na saleta, no seu neon televisivo, o rosto reclinado sobre aquela paz catódica. Eu sou como ela, sou uma evolução sua, mais articulada, mais astuta. Sei espalhar mentiras como pepitas de verdades.

“Olha, eu estou contente, pai, é tudo o que quero.”

“E aquele outro?”

Por um momento pensei que Diego seria grato a esse homem honesto, que tomou coragem na neblina dessa casa.

Nem fico vermelha, reteso a boca. Sou eu a rejeitá-lo, a não lhe dar nenhuma possibilidade.

“Não tem aquele outro, pai, não tem ninguém.”

Concorda. “Então está bem, vamos continuar a receber as panelas!”, sorri, murmura.

É tímido, fez sua tentativa. Lançou-me uma corda, eu a deixei cair.

Afasta-se, dando-se por satisfeito. Acredita em mim, pois sou sua filha. Acredita no desenho da minha cabeça, nos escaninhos mentais que abri e tornei a fechar, aposta naquele risco, naquela partida de xadrez. Ele não penetra em meu ser, mal e mal deve ter penetrado em minha mãe. As mulheres para ele são pequenos monstrinhos, guloseimas para paladares mais audaciosos. Ele respeita o pensamento, a testa: é ali que me beija. O resto não sabe, não lhe diz respeito, talvez tenha certa intuição, e é por isso que treme.

E no dia seguinte compreendo. Enquanto vou até uma farmácia, as pernas loucas como as de um cão fugido do canil, compreendo porque sei o que é. Compro o teste. Não sei sequer como se diz, não me lembro da palavra, digo *o negócio... o negócio para a gravidez*. A mulher quer embrulhar, usa fita adesiva. Aquele tempo em suas mãos é eterno.

Entro num restaurante por quilo. É uma da tarde, o chão verte gordura, está cheio de jovens, bandejas que dançam ao longo das escadas, cheiro de carne, de fritura. No banheiro há uma longa fila. Fico ali com as mocinhas que nesse meio-tempo se maquiam, conversam entre si. Estou sozinha, os seios inchados, na fila diante do banheiro. Por fim entro, cheiro de urina quente, som de descarga vindo das paredinhas ao lado. Leio a bula, encharco demais o bastonete, fecho a tampa. Espero.

Foi assim que fiquei sabendo, com as costas apoiadas numa porta emporcalhada de palavras de amor e obscenidades, um pé sobre o vaso, os olhos fixos no bastonete. A listrinha azul antes apareceu leve, depois mais intensa ao lado da outra. Coloquei o bastonete no bolso do sobretudo. Andei, parei no Ara Pacis para verificar de novo. A linha estava ali, azul como o mar.

Diego ligou. O toque baixo, noturno, do telefone, justamente quando estava pensando em ligar para ele. Falamos pouco, em Gênova chovia. Ouvia-se a chuva sob as palavras. Disse a ele que, depois de casada, não poderia mais me ligar. Ele me disse que sabia, que estava aproveitando esses últimos dias. Depois lhe perguntei se era verdade.

“O quê?”

“Que você está vindo para Roma daqui a pouco.”

Não deixou que eu terminasse a frase. Creio que gritava, pulava... não se compreendia exatamente o que estava fazendo.

Ia à estação, tomaria o primeiro trem noturno. Tinha também um presente para mim. *Que presente? Depois você vai ver*. Ele disse que me despiria e me lamperia do pescoço aos pés. Até que a língua caísse.

Mas não foi assim. Foi como tinha de ser. Perdi imediatamente, naquela mesma noite, aquela criança que mal se formara. Não foi nada, fisicamente. Estava dormindo, continuei a dormir. Depois, na manhã seguinte, vi o sangue. Lavei-me, fiquei petrificada diante do espelho. Não estava disposta a sofrer nem naquela manhã. Saí logo, não havia necessidade, mas em todo caso fui ao hospital. Era uma ginecologista velha, me atendeu, disse que não havia problema, não precisava de nada, que muitas vezes nem se percebem essas gestações, o corpo sozinho as elimina quase de imediato. *São óvulos cegos*, disse ela, *câmaras gestacionais com um embrião atrofiado*. Agradei, estendi-lhe a mão, talvez a tenha sacudido mais do que deveria, queria perguntar mais uma coisa, mas não sabia o que era.

Na vespa fechei os olhos, estava parada num semáforo. Voltaram-me à cabeça aqueles ovos que minha mãe me fazia pintar na Páscoa, esvaziava-os com uma seringa para que não cheirassem mal.

Diego daqui a pouco chegaria à estação. Parei num bar para comer. Peguei um pão doce, daqueles grandes demais que parecem orelhas enormes. A geleia parecia cera. Não me sentia mal, a consulta, o tom pacato da ginecologista, tinham restabelecido meu equilíbrio. Pensei até que era melhor assim. Agora os últimos restos daquele rapaz saíam de mim. Não havia nada de plausível naquela história, apenas golpes baixos de cena, golpes de espada um depois do outro, como no teatro de marionetes.

Eu o vi chegando. Estava com a cabeça para fora da janela, os cabelos compridos, ao vento, como uma bandeira rasgada. Ele me procurava como alguém de volta da guerra. Desceu pulando com as

pernas magras. O que estava vestindo? Um estranho casaco de aviador e calças vermelhas, justas, que deixavam suas pernas ainda mais magras. Parecia ainda mais novo, uns dezesseis anos. Aqueles que vão a jogos, a manifestações. Eu o olhava da outra marquise, escondida atrás de uma daquelas grandes colunas quadradas com bancos de mármore. Tinha vontade de agarrá-lo como uma mocinha. Em vez disso, esperava-o feito uma lagartixa. Muitas vezes somos mais velhos aos trinta do que aos cinquenta anos.

Estava ali, o idiota, olhava em volta de boca aberta. A marquise tinha se esvaziado e ele ainda continuava ali. Eu devia ir embora, era o que eu devia fazer. Estaria ele cheirando a trem, ou ainda conservava seu perfume? Fiquei para espia-lo. Era um jogo triste, como um daqueles filmes de arte com as estações e os olhares melancólicos, os personagens que se roçam mas não se encontram porque o diretor é um filho da puta com prisão de ventre, e era só isso que ele queria desde o começo, te deixar com a boca seca, sem os beijos dos finais americanos.

Agora vou, dizia a mim mesma. No entanto permanecia ali. Tinha escorregado e me sentado no banco da coluna. Diego andava para cima e para baixo virando-se continuamente, como se eu fosse lhe aparecer pelas costas. Olhava as pessoas se movendo no grande pátio ao fundo, porém não saía da plataforma. Entendi seus pensamentos, podia prever seus movimentos. Estava com uma bolsa de couro a tiracolo e uma cadeira portátil na mão. Uma pequena cadeira de plástico verde. Para que lhe serviria? De vez em quando dava um pulo para recuperar um pouco a vivacidade, a elasticidade das pernas. Agora a marquise estava cheia de gente que saía de um trem.

Eu o vi subir, *vai embora*, pensei. Mas ele começou a ajudar uma senhora a descer a bagagem. Era uma gordona com roupa clara. Devia ser uma daquelas americanas que viajam carregadas de bagagem à espera de carregadores, de rapazes de uma outra época. Diego tinha começado a lhe explicar alguma coisa num mapa. Depois a plataforma se esvaziou outra vez. Ficou triste e vazia. O céu estava escuro, talvez a chuva de Gênova tivesse vindo junto com ele, durante a noite, para o sul. Diego tinha se deitado num

banco de mármore, a mochila embaixo da cabeça. A cadeira em cima. Ele a levantava, olhava para ela, abaixava de novo.

Chego perto dele.

“Ei...”

Levanta-se num salto de ginasta. Nem uma palavra sobre aquele clamoroso atraso. Ele me segura pela mão, fita-me, afasta meu cabelo do rosto. “Como você é bonita... eu lembrava que você era bonita, mas não tanto. O que você andou comendo, meu paraíso?”

De onde ele tirava certas frases? Fica pulando em volta de mim.

“E eu, como estou?”

Está com aquelas calças justas de toureiro, aquele corpinho em forma.

“Está bem.”

“Emagreci um pouco.”

Ele me dá a cadeira.

“Segure.”

“O que é?”

“É o presente. Não gostou?”

“Sim...”

“Era minha cadeira de criança. É a única coisa que não quebrei, porque é de plástico muito resistente, e queria te dar.”

Ele se senta ali, no meio da estação.

“Ainda caibo, está vendo? Minha bunda continua igual.”

Ele se aproxima, procura meus olhos... abre a boca para me beijar, me afasto um pouco, ofereço apenas uma parte do rosto. Ele ergue o meu queixo.

“Olá, como vai?”

“Vou indo.”

Está perto demais de mim, sinto o cheiro de sua respiração, de seu amor indisfarçado. Estamos ao ar livre, em meio à balbúrdia da estação Termini.

“Venha, vamos.”

Ando na frente dele, sem lhe dar a mão.

Ele traz a cadeirinha. Que ideia idiota, trazer uma cadeirinha.

Estou com a vespa estacionada no lado da via Marsala. À nossa frente está o letreiro de uma das tantas pensões da estação Termini. Puxa-me pelo braço e diz que gostaria de entrar numa daquelas

pensões. Digo-lhe que são feias e desagradáveis, cheias de estrangeiros pobres e casais imundos.

Ele diz que adora fazer amor em locais desagradáveis.

“Estou indisposta.”

“Não acredito, você me chamou depois desse tempo todo e... belo senso de oportunidade.” Faz um ar sacana. “Se for por mim, não há problema, estou de calças vermelhas.”

Eu lhe dou um tapa violento, bem no meio do rosto.

Ele ri: “Ficou louca?”.

Num solavanco, levanto o cavalete, ele se agarra atrás com suas longas pernas dobradas, os joelhos ossudos. Ele me segura firme pela cintura, me faz cócegas. Digo que assim vamos cair, vamos sofrer um acidente. Ele diz que sou uma atrapalhada com a vespa, que fico sempre freando. Nos semáforos me beija o pescoço, as orelhas. Parecemos dois estudantes.

Depois, sentados num bar, conto-lhe. Falo sobre o bastonete de gravidez no restaurante por quilo e de todo o resto. Estou tranquila, estou com os óculos escuros, acompanho um corpo que passa. Ele não fala, pediu uma cerveja, mas ainda não está tomando.

“Está triste?”

Faz que sim com a cabeça, sorri, mas a boca é triste como um anzol enferrujado. Toma em silêncio toda a cerveja.

“E você?”

Dou de ombros. Não tive tempo para ficar triste, aconteceu depressa demais. Conto a ele que era um óvulo branco, cego.

Ele me diz que sua avó era cega.

“Era doze anos mais velha do que meu avô. Ele a via passar de bicicleta, um dia caiu na água, não tinha visto o mar, e meu avô a pescou, ela e a bicicleta. Ficaram juntos a vida toda. Meu avô morreu, minha avó ainda está aí. Não aceita ajuda, consegue cozinhar, fazer tudo. Quando vou visitá-la, ela me prepara *trofie*, aqueles nhoques típicos da Ligúria, e acerta a panela de água fervendo melhor do que eu que enxergo...”

“O que tem a ver sua avó?”

“Nada, era para te dizer que os amores que parecem absurdos algumas vezes são os melhores... para te dizer que tenho só cinco anos a menos que você, que sou confiável como meu avô... que vou

morrer antes de você porque as mulheres vivem mais... era para te dizer para não se casar. Para me escolher. Sou teu óvulo cego.”

Está exultante, faz aquele gesto, põe uma mão na nuca e espera, e é um gesto de abandono, talvez de derrota, é como se se apoiasse sobre o pescoço com todo o peso do corpo... é o mesmo gesto que o vi fazer na primeira vez, quando se virou para mim naquele lugar, levou uma mão à nuca e assim ficou, inerte. É esse gesto que vai me fazer uma falta torturante.

Digo a ele que é a última vez que nos vemos, e que quando estiver casada não deverá me telefonar.

Perguntou se podia me fotografar. Parei nas escadarias da São Crispino e deixei, havia dois pombos no chão, estacionados ao meu lado como dois pequenos coveiros. Afastei-os com a mão. Perambulamos um pouco, comemos um pedaço de pizza, olhamos vitrines de máquinas fotográficas, encontrei uma amiga, cumprimentei-a sem parar. Enquanto isso escurecia. Por um momento as pedras do calçamento do centro se iluminaram num azul plúmbeo, depois a escuridão se espalhou pelas vielas como fumaça. Fui com ele até a estação. Ele foi guiando na volta, entre as primeiras luzes que se acendiam. Corria feito um louco. Disse que dirige sempre assim, que para ele é normal, pois é prático, teve um monte de vespas, passou a adolescência com as mãos sujas de graxa, de peças de reposição. Agora tem uma moto fabulosa. E que da próxima vez virá me visitar com ela.

Não haverá uma próxima vez. Andamos na direção da plataforma. Quer um beijo, dou. É um beijo estranho, que já tem gosto de trem, daquela viagem que ele fará sozinho, com suas calças vermelhas, seu joelho magro, seu cachecolzinho de torcedor do Genoa... quando apoiar a cabeça na janela, quando for ao banheiro, quando voltar ao seu lugar. Quando estiver bem escuro e pegar a mochila e descer em Brignole, e embicar para o porto, para as vielas do centro histórico, rumo à sua pequena câmara escura. Quando revelar as fotos dos pombos com minha mão a afastá-los, assim como o afastei.

Chega, vamos. A vida tem pressa. Uma última coisa, sim. Antes que a porta do trem se feche, ele se agarra à maçaneta, no degrau de ferro, e lhe digo: “Tome cuidado, não faça bobagens”.

Parece um menino indo para a colônia de férias.

Eu me caso. Caminho em direção ao altar, para Fabio, que me olha. Está com um fraque cinza, de tecido furtacor, com as duas pontas e o colete engomados. Lá no fundo, no escuro da igreja, parecia um grande pombo. Há o altar, o padre amigo, o tapete vermelho, as decorações com rosas brancas e copos-de-leite. Há o braço de meu pai. Rígido, contraído. Parece um braço de madeira sustentado por um fio. Não está acostumado a ficar no centro de coisa alguma. Avança devagar, não sabe se deve cumprimentar as pessoas ou apenas olhar para a frente, escolhe um meio-termo, cumprimenta com os olhos, treme. Daqui a uns vinte anos, quando seu caixão passar no mesmo corredor, entre os mesmos bancos, ele estará mais à vontade e eu sentirei saudades desse dia insano só por causa dele, de seu braço de madeira que me levou como se eu fosse um cristal em pleno nevoeiro. Se lhe tivesse dito *vamos embora*, se tivesse me aproximado de seu ouvido para sussurrar, ele nem piscaria. Seu braço se distenderia, voltaria a ser de carne, ele me tomaria pela mão, eu jogaria meus sapatos de salto alto e fugiríamos para o átrio, deixando para trás aqueles bacalhaus engomados. Meu pai gostava de um certo restaurantezinho em San Giovanni, espaguete com queijo ralado e muita pimenta-do-reino. Fugiríamos para lá e comeríamos o espaguete e beberíamos uma jarra de vinho. E como eu apreciaria isso! O banquete à merda, o vestido de noiva amarrotado sob a bunda naquelas cadeiras de palha, e ele com seus olhos brilhantes, loucos como os meus. Mas isso não tem nada a ver. Porque não foi assim. Meu pai se sentou no banco, minha mãe se afastou um pouco para lhe dar espaço. Ele tossiu. Minha mãe: o rosto tenso, os sapatos apertados demais. Minha sogra: uma ave como o filho, seda cor de gaviota, cabelos como poeira, sardas e desvanecimento. Meu sogro, o engenheiro: encanecido, robusto, elegantíssimo, enfadado por estar na igreja.

Assim me casei com meu marido. Li os juramentos. Trocamos as alianças sem deixá-las cair. Choveu arroz sobre nós. Um fotógrafo de merda tirou fotos. Passamos pelas mesas dos convidados com o cesto dos confeitos. Houve coros e piadas. Eu ria

sempre, mesmo quando fui ao banheiro e fiquei sozinha, para me refrescar um pouco, sem remorso. Estava bem de corpete, parecia uma pétala rígida, uma pequena couraça. Os mais velhos foram embora, ficaram os jovens, os amigos. Dançamos descalços na grama, Fabio com o peito nu, só de calças e cartola. Era um rock and roll, ele me puxava para si como uma mola, estava chapado, bêbado.

Entramos em nossa casa. Paredes brancas, assoalho, pouquíssimos móveis, uma cama natural que cheira a alpinista, uma geladeira grande demais.

Cenas de um casamento.

Fabio volta do escritório, ouço as chaves, ouço seus gestos. Estou no sofá, não me levanto. Eu o cumprimento dali.

“Tudo bem?”

Passa por mim de costas.

“Tenho que ir ao banheiro.”

Fabio na frente da televisão, seu rosto esbranquiçado no escuro. Fabio que abre a geladeira: “O que vamos comer?”. Fabio na janela, à noite, olhando a rua. Fabio no cinema de óculos, boca fechada, o hálito que muda um pouco quando volta a abri-la, parece o de seu pai. As roupas de Fabio no visor da máquina de lavar, ele foi correr, está tomando banho, sai nu, molha o chão, olho aquele corpo molhado, olho seu corpo louro. “O que foi?”, diz ele.

“Nada.”

Jantar na casa de seus pais. A mesa oval envernizada, as cortinas longas, em painéis, Fabio está com uma gravata de lã azul, conversa com o pai. Cálculos para um depósito de lixo. A mãe fez galantina de frango, sorriu para a moça filipina que tira os pratos.

Jantar na casa de meus pais. Meu pai não fala, minha mãe se levanta o tempo todo. Na porta, digo para me dar o lixo. Fabio no elevador reclama daquele mau cheiro, diz que faço coisas absurdas, que não tenho respeito por ele.

“Ora, por favor, por causa de um saquinho de lixo?”, respondo enquanto empurro a alavanca que abre a lixeira.

“Não só por isso... por tudo.”

Eu lhe digo que não quero discutir, estou cansada, trabalhei o dia todo.

“Fiquei até tarde na universidade.”

“Isso não é trabalho.”

“E o que é, então?”

“Você não recebe.”

Não fazemos amor, ficamos juntos na cama e falamos dos amigos, das luminárias que ainda faltam, de um feriadão de três dias para ir à praia, naquela pousada em Argentario.

Não posso dizer que tenha sido um casamento infeliz, foi como entrar num daqueles showrooms de design, sentar naqueles sofás, olhar as cozinhas novas sem puxadores, ficar lá experimentando as poltronas, deitar nas camas. E permaneceu assim, sem lençóis sujos, sem coisas quebradas, gastas, sem riscos no assoalho, sem brigas. Era algo que eu tinha decidido fazer sem obedecer a uma vontade surda. Queria honrar aquela promessa, mesmo que por poucos dias.

Fabio volta à noite e se senta ao meu lado no sofá, algumas vezes pega minha mão, outras vezes está cansado, apoia suas mãos uma sobre a outra em cima do zíper das calças. Não sei o que ele pensa, não quero saber. Não sei o que eu penso. Não me incomoda ficar encerrada naquelas paredes, naquele quartel de design. Não me falta nada, somos jovens, razoavelmente bonitos. O box do chuveiro era o mais caro que havia, uma única placa de cristal recurvo. Andamos com os pés descalços na madeira como nas propagandas. Somos um casal jovem, não temos problemas de horário nem outro qualquer. A geladeira frequentemente está vazia. De vez em quando enchemos um carrinho de supermercado. Fabio não reclama, come o que encontra. Aos sábados é ele que cozinha, veste um longo avental branco de cozinheiro profissional que pediu de presente num hotel. Recebemos com frequência, gostamos de fazer jantarzinhos para os amigos. Abrir o vinho, acender as velas.

Sinto falta do rapazinho das vielas genovesas? Não penso a respeito. Não há espaço para ele nessa casa branca. Sei que partiu. Finalmente criou coragem e se foi para aquela região vermelha na divisa com a Amazônia. Era o que sempre quis fazer, mochila carregada de filmes, máquina fotográfica no pescoço, caronas, trens malcheirosos, caminhões carregados de folhas e de crianças para

fotografar. Está bem assim. Cada um em seu próprio pedaço de mundo, em seu próprio fiapo de vida. Na universidade não me pagam nem um centavo. Penso que vou sair, estou cansada daquele cheiro. Minha bolsa de pesquisa não foi renovada, Andrić não me interessa mais, faz parte do passado, como o resto.

Estamos na frente da geladeira, eu e Fabio.

“O que foi?”

“Não estou contente comigo mesma.”

“Você nunca está contente consigo mesma.”

Caio da vespa, derrapo na chuva. Não me machuco, porém fico paralisada, incapaz de me mexer, de sair do meio dos carros. Um rapaz me ajuda. Um daqueles do colegial. Está com um lenço no pescoço e o rosto molhado.

“Obrigada.”

“De nada, senhora.”

Eu sou uma senhora. Sou uma pobre senhora. Arrasto minha vespa debaixo da chuva. Paro num bar, tomo uma cerveja às quatro da tarde. Volto para a casa dos meus pais, enxugo os cabelos, faço um rabo de cavalo, visto um jeans e uma blusa velha da época do colegial.

Meu pai me encontra no corredor com meu rosto branco.

“Por que a esta hora?”

Voltei para pegar a cadeirinha verde de plástico. A bunda agora cabe melhor, emagreci. Sento na sacada da casa de meus pais. Torna-se um hábito ficar lá fora, espremida dentro daquela pequena cadeira, os joelhos quase na boca, as mangas da blusa puxadas até as mãos quando está frio. Vê-se um trecho da margem do rio, olho as gaiotas que vêm do mar, as pessoas que correm. Volto a fumar, havia parado alguns anos antes e agora voltei. Não vou mais à universidade.

“O que você faz?”, pergunta minha mãe.

“Merda nenhuma.”

Fabio é sócio de um clube, à noite jogam futebol society. Fico ali, presa à barra, fumando. O grupo das mulheres fica torcendo, os saltos enfiados nas arquibancadas. Os holofotes que apontam para o

campo iluminam aquele bando de bobos suados em calções brilhantes.

“Não venho mais, é úmido.”

Fabio concorda, enche a mochila. Mostra as chuteiras que comprou, caríssimas, cheias de bolhas de borracha transparente para amortecer os golpes. Agora tem mania de esporte, gosta de se sentir bem, ter um físico malhado. Eu fumo, tenho pouco fôlego, ele não me diz nada, apenas para eu evitar de fumar em casa.

Uma tarde, quase de noite, entro na loja Ricordi e ponho os fones de ouvido perto da garotada. Compro alguns cassetes... compro também *nossa* música... *You never smile, girl, you never speak*... Ouço-a na vespa vagando pelo centro. Agora corro, como corria ele. As lágrimas escorrem na face, contra o vento, fico emocionada, como quando tinha catorze anos. Sou uma pobre idiota. Paro na praça Farnese. Já é noite alta, até os viciados já foram embora. Deito sobre o mármore e fumo um cigarro. Gosto de aspirar a fumaça. Tem o sabor de algo que me falta, que me preenche o corpo.

Vou muito à casa de meus pais. “Fica mais perto da universidade”, disse a Fabio. Não lhe contei que deixei de ir à universidade. Tenho as chaves de casa, meus pais já estão dormindo. Entenderam que há algo errado, mas não perguntam e se comportam como se não fosse nada. “Veio fazer o quê, jantar?” Minha mãe fritava as almôndegas que eu adoro. Meu pai abre o vinho, falamos de política, de Reagan e Thatcher, de nosso pentapartido. Meu pai diz que estou virando uma mente subversiva, não lhe desagrada, pede-me um cigarro. Assim ele também volta a fumar, minha mãe não reclama, fumamos onde queremos.

À noite ligo a música baixo, apago as luzes. Danço na frente da porta aberta do armário, naquele pedaço de espelho onde se refletem as réstias de luz que atravessam as persianas. Olho meus seios e minha barriga. As brasas do cigarro no escuro são uma tocha molhada. Estou em meu quartinho. Aqui chorei, estudei, ouvi rádio. Aqui ainda estão meus pôsteres, meus livros, minhas roupas velhas no plástico da tinturaria. Meu capacete branco da época em que fazia esgrima... o poncho com as franjas puídas que eu ficava mascando quando ia de ônibus para as aulas do colegial. Está minha

vida até os trinta anos. Olho para ela. Olho aquilo que sempre estava à minha espera. Fiquei sozinha, refém da minha vontade, nunca à altura de nada, no final das contas. Danço no escuro. Estou doente de incompletude, de ilusões.

“Encontrei um trabalho.”

“Que trabalho?”

“Preparo coquetéis num bar, à noite. Gosto de fazê-los. Aprendo rápido.”

Meu marido balança a cabeça, olha para mim de maneira diferente, agora se diverte comigo, diz que sou louca. Eu lhe respondo que sou jovem, que não temos filhos, posso me permitir um trabalho extravagante. Uma noite ele vem ao bar onde trabalho, no Testaccio. Não está sozinho, trouxe alguns amigos com quem joga futebol, um advogado e um outro engenheiro. Ele me olha enquanto passo entre as mesas de minissaia e aventalzinho preto. Eu olho para ele só uma vez, estou sempre com a bandeja cheia: vejo uma cabeça loura, desfocada entre aquela bagunça. Não suporta o barulho nem a fumaça, mas fica até a hora de fechar. Leva-me para o carro. Para na colina de Gianicolo e me agarra. Balbucia que gosta de mim, que devemos voltar a ser namorados... eu não parecia sua mulher, mas uma outra... seus amigos me olharam de uma maneira... ficou com ciúme. Desagrada-lhe não fazermos mais amor... mas agora... Está mole, bêbado.

Digo-lhe que não o amo.

“E você também não me ama.”

Digo que fizemos mal em nos casar. Ele faz xixi, ouço o som de sua urina na grama, diz que exagero, que sou dramática demais, que não é fácil ficar comigo.

Aquela noite Gojko ligou.

“Ei, linda...”

Sinto falta de seus cabelos sujos, de sua voz.

“Não veio à Itália, então...”

“Fui sim, estive em Gênova visitando Diego, quase um mês.”

“E não me telefonou?”

“Diego disse que você está casada e não quer falar com seus velhos apaixonados.”

“Vá à merda.”

“Ele ficou muito mal.”

“Eu sei.”

“Não foi fácil tirá-lo do buraco. Eu o socorri... tomamos muitas garrafas.”

“Ah, sei...”

Disse que descobriu o limoncello, que é muito gostoso, diz que Diego foi embora.

“Eu sei.”

“Batizaremos Sebina na semana que vem.”

“Assim, tarde?”

“Esperamos passar o luto por meu pai.”

“Como está Mirna?”

“Bem, não teve leite, Sebina toma leite em pó.”

Sorriso.

“Mande um grande beijo a ela.”

“Quer ser a madrinha?”

Insiste, telefona de novo na noite seguinte. Mirna ficaria tão contente, ela não esquece aquele creme que passei nas pernas dela. Insiste, diz que só vi neve, mas agora as colinas estão verdes, o perfume da urze e dos ciclamens penetra nas frestas, resvala pelas vielas da Bašćaršija.

Entro numa joalheria, compro um colarzinho com uma cruz para Sebina. Fabio não diz nada, só que não pode me levar ao aeroporto, está com uma obra parada, ao escavar encontraram os costumeiros restos romanos.

E assim cá estamos de novo. Sentados ao ar livre, com as pombas que saltam nas mesinhas. Gojko toma sua *Sarajevsko pivo*, eu uma *bosanska kafa* com seu fundo espesso. Trouxe-lhe um pacote de Marlboro e duas garrafas de limoncello industrial. Ele me oferece um de seus infames Drina.

“Estou contente que voltou a fumar...”

Ele olha para mim. Percebe que cortei os cabelos. Diz que pareço mais jovem, que o casamento me fez bem. Ele me pergunta sobre a universidade, digo a ele que sou garçonne num bar.

“Recebe boas gorjetas?”

“Não.”

“Tem que aprender a rebolar.”

Ele se levanta, mostra-me como se faz. Senta e lê para mim uma poesia sua.

Por que teu corpo não flutua mais sobre o meu?

Como aquela balsa que vemos no Neretva

a neblina vermelha como teu seio

minhas pernas ousadas como a água na cheia.

Veio o sol abrasador, verteu-se na lama,

*E, como uma vaca preguiçosa, esfregavas a língua
nas covas onde gemiam os mosquitos.*

Virei-me como uma carcaça

e fiquei à espera de tua boca

sobre meus ossos.

“Você se apaixonou?”

“Ela me deixou. Para se casar com outro”, ele ri.

Choro, conto-lhe que meu casamento é uma farsa, que eu também gemo como um mosquito. Ele me pergunta se estou apaixonada por Diego, digo que não.

“Então tenho alguma esperança...”

Sarajevo tinha desmontado suas Olimpíadas. Fora com as bandeiras, fora com os grandes cartazes publicitários destinados aos estrangeiros. A cidade parecia uma casa após a partida dos hóspedes. Era ainda mais bonita, recolhida em seu silêncio, em sua parcimônia.

No dia seguinte fui à catedral do Sagrado Coração de Jesus para aquele batismo simples e tocante. O padre disse algumas palavras fervorosas, todas voltadas para a Terra, encarando os rostos dos presentes.

Sebina estava com uma touquinha na cabeça, com um grande babado branco que lhe circundava o rosto como uma auréola,

parecia uma pequena abadessa de faces vermelhas, seus olhos fundos que vêm de longe, engastados na carne.

Sebina adorada, penso em ti em tua luz ambarina da catedral, naquele dia divertido, onde se celebrava o sacramento que te libertava do pecado original dos cristãos, rodeada por teus parentes muçulmanos. Tua paz dava paz. Transmitia-se de teu corpo a meus braços. Tinhas a aura do bem, da sabedoria que volta a se encarnar. Depois serias uma comedora de pitas, terias um peixe chamado *Bijeli*, branco, adorarias ver os *Simpsons*, terias os cadernos mais desorganizados de tua classe e as pernas mais rápidas de teu bairro em Nova Sarajevo.

Sinto uma presença perto de mim. Penso que o impacto vai me fazer derrubar a menina dos braços, sinto as pernas bambas, o sangue desce até meus pés. Nenhuma gota de nada no rosto. Não viro a cabeça. Mas sei que ele está ali. É seu cotovelo, aquele seu cheiro. Abraço Sebina, ela é leve, mas realmente fico com medo de não conseguir segurá-la. É ele. É assim que ele costuma aparecer. É ele porque é bobo, porque nem pensou que eu poderia desmaiar.

Ele se aproxima de meu ouvido e sussurra: “Sou o padrinho”.

Agora entendo tudo... o sentido daquele dia e daquele local. O olhar esperto e suave de Gojko. Depois, quando eu lhe der um belo soco na barriga: “Não sabe como foi difícil não te contar”, ele admitirá, “mas eu tinha prometido”. Entendo que era isso que eu estava esperando, que rogava a Deus naquela igreja. Eu rogava por ele a cada corpo que entrava.

Um pouco de sangue volta ao meu rosto, pelas veias do pescoço, posso me girar e enxergar alguma coisa sua... uma mão, um tufo de cabelo, um pedaço do jeans.

Mas não é verdade, não será ele o padrinho. Depois Gojko vai me dizer que gostaria que fôssemos nós dois os padrinhos de Sebina, mas havia obrigações familiares. E que Diego lhe disse para me escolher, *assim ela certamente virá*. Ele não tinha certeza que conseguiria chegar a tempo, viajou dois dias e duas noites, cheira a aeroporto, a salas de espera.

Assim eu me aproximo da pia batismal ao lado de outro homem com grandes bigodes negros, o irmão de Mirna.

Porém aquele batismo é o nosso. Quando a água umedece o corpo de Sebina, levanto os olhos e encontro os de Diego.

Comemos trutas e *bosanski* sentados ao ar livre, diante de um chalé de montanha com um gigantesco urso empalhado na entrada, na longa refeição que festejava Sebina. Damo-nos as mãos por baixo da mesa. Mãos ardentes, vibrantes. Novamente nossas mãos juntas. Ele está surpreso por me encontrar tão rendida. Transpira e bebe. Não podia imaginar este caldo, esta galinha sem crista nem garras. Olha meus cabelos curtos, meu rosto sem maquiagem.

“Você rejuvenesceu e eu envelheci...”

Ele me mostra aqueles fios brancos entre as costeletas que deixou crescer. Está descascando, torrado de sol, emagreceu: talvez seja verdade, parece mais velho. Alguns meses. Levanta um braço, enfia o nariz na axila, pede desculpa por estar cheirando mal. Lavou-se no banheiro de um aeroporto, está com a mesma camiseta faz três dias.

“Por quê, onde você estava?”

“No outro lado do mundo.”

Estava imerso num rio pantanoso, arriscava as pernas e a vida ao lado de uma pacífica tribo de caimãs. Fotografava um velho balseiro em seu barco de bambu, abarrotado de peles secas ao sol. Estava bem, começava a sair. Também tinha tentado fazer amor com uma moça, uma alemã, num bangalô, sob um ventilador para espantar os mosquitos. Ela se levantara para fechar a porta, porque estava com medo que entrasse alguma cobra. Ele a olhara: aqueles poucos passos foram suficientes para entender que não conseguiria.

“Mentiroso, e o que você disse para ela?”

“Que estava com desarranjo. Fiquei fechado no banheiro até que fosse embora.”

Ri. Acreditava estar bem, disse, levantava ao amanhecer, pegava o instante em que o sol subia do planalto, já vermelho, *como um daqueles pirulitos cheios de corante*, carregava as câmeras, andava pela floresta até os pequenos vilarejos dos seringueiros. E no final começava a alimentar a ideia de ficar por ali, como um eremita, como um monge. Ele olha para mim, dá aquele sorrisinho, agita os cabelos...

“Mas não sou um monge, meu amor...”

Quando recebeu o telegrama de Gojko, jogou suas coisas na mochila e se pôs a correr debaixo de uma chuva torrencial, com o polegar para cima à espera de um carro que passasse por ali. Por fim conseguiu um jipe da polícia civil e atravessou a floresta, com uma camisa de mangas curtas, encharcado, sentado entre dois sujeitos grandes e escuros, que, mais do que anjos da guarda, pareciam dois demônios. *Se voltar para Sarajevo*, repetia para si mesmo, *quer dizer que ela também sente falta de nós*.

Aproxima a cabeça como um touro, solta um *buu*, cai por cima de mim.

“Me dê teus olhos, não desgrude de mim... desta vez te sequestro.”

O sofrimento o tornou mais másculo, mais corajoso. É um valentão crescido. Ele me tira da cadeira, leva-me para dançar entre os outros no gramado. Abraça-me como um noivo. Tem os braços fortes. Ele me pega pelos cabelos como se eu fosse uma espiga de milho, aperta minha boca, respira dentro dela, procura-me ameaçador como um caimã saindo da água.

“Olhe para mim.”

Estou olhando.

“Te amo.”

Sabe dançar como um deus, entre seus braços sou um trapinho que se deixa levar. Tem as costas retas como um dançarino de flamenco, os quadris sinuosos e as pernas loucas que se quebram como as de Michael Jackson. Onde esse louco vai me levar? Para qual inferno? Para qual paraíso? Enquanto isso não quero desgrudar de seus lábios.

“Será uma festa, todo dia uma festa. Vou lhe dar tudo, juro.”

Começa a anoitecer, o sol já vai deixando aquele gramado. Sebina está com a roupinha amarrotada, os babados frouxos, parece uma cabritinha emporcalhada de leite. Adormeceu junto a mim, transpira em minha blusa. Tem cheiro de carne nova, encolhida num céu maior do que o nosso. É uma goma morna, mel na esponja de um favo. O impalpável se move diante de mim arrastado pelo

zunido de um inseto... a sensação de que a vida passa, anel dentro de anel.

Diego e Gojko fazem uma queda de braço na mesa que se esvaziou, ficaram os copos vazios e os restos de comida que as mulheres estão dividindo, embrulham pequenos recipientes de barro rosado em panos de prato.

Sarajevo está no fundo, lá embaixo, em seu leito cavado entre dois montes. O sol se põe, faíscam os últimos raios. Parece submersa na água. Parece que tudo, as casas, os minaretes, tudo está amontoado ali por acaso, por encanto, trazido por um rio, podendo sumir de uma hora para outra. Como nós, como Sebina, como qualquer coisa viva demais para durar.

Ficamos num quarto no Holiday Inn, deserto após as Olimpíadas. Subimos a pé, nos longos passadiços que circundam todo o saguão. O lustre monumental que desce do alto parece uma enorme medusa aprisionada numa rede. Os camareiros passam como algas num mar vazio. O quarto cheira a novo, a móveis que acabaram de sair da fábrica. Há uma grande cama e uma grande janela que se abre para a avenida. Diego diz que precisa de um banho, porque cheira feito um porco. Então espero, olhando pela janela o bairro de Zemaljski Muzej, com seu jardim botânico, novo em folha, ao lado do paredão do Parlamento. Ele me beija por trás, está com os cabelos molhados, a água escorre sobre mim. Fazemos amor sem quase nos mover, agarrados. É diferente da outra vez, estamos mais tímidos. Sofremos, tivemos medo. Não arriscamos mais nada. Somos dois cônjuges que se reencontram. Que temem fracassar. Diego perdeu sua verve. Está com os olhos fechados. Eu lhe fiz muita falta, demais, murmura ele, e agora está bêbado demais para se sentir feliz.

Depois beija minha nuca suada, desgruda os cabelos dali.

“É aqui, sabe... é na nuca que nasce a vida. A nuca é o rio, o destino.”

“Como você sabe?”

Dormimos juntos, carne com carne. Vistos de cima, parece que caímos de um precipício. Acordamos ao amanhecer, porque a janela

já está repleta de luz. Tomamos café no quarto. Um camareiro bate, empurra o carrinho para dentro. Mais tarde a bandeja está no chão, ao lado das toalhas pisoteadas. Estamos de novo na cama. Eu de costas, os seios pendem um para cada lado. Diego fotografa minha barriga, comprime a lente em meu umbigo. Somente à tarde nos vestimos. Ele não encontra as meias, procura pelo quarto, deita-se para olhar sob a cama, eu me abaixo do outro lado. Ficamos algum tempo assim, a nos olhar ali embaixo, cada qual de um lado da cama. No aeroporto ele diz: “O que devo fazer?”.

“Espere por mim.”

Está abatido, com aquela mochila cheia de roupa suja recolhida do chão, luta com uma fivela enferrujada.

“Mas você vai me deixar desta vez, está escrito.”

“Escrito onde, me diga.”

Ele me deixa ali, vai ao banheiro, volta logo. Está com uma mão na testa.

“Está escrito aqui...”

Tira a mão, leio sacana, escreveu na testa com uma caneta. A testa ficou um pouco azul.

“Você é um bobo.”

“Sou um desesperado.”

* * *

Volto para casa, àquela hora Fabio não está, eu sei. Junto minhas coisas, ponho nas caixas de papelão da água mineral, não quero pegar uma mala de Fabio. Sento no sofá, fumo um cigarro, assisto o noticiário. O narrador tem óculos grossos e ombros pequenos e quadrados, o pescoço parece enfiado numa caixa. Lê as notícias. Às suas costas a Università La Sapienza, a imagem de um corpo sem vida, morto num carro. Depois o folheto branco escrito à máquina com a estrela de cinco pontas das Brigadas Vermelhas. Depois as cúpulas da Praça Vermelha. Cernenko morreu há alguns dias. Na tela as imagens do novo secretário do pcus. Parece um senhor simpático, usa um sobretudo preto que se abre na frente com o vento. O rosto redondo de padeiro e uma mancha na testa que parece uma região geográfica. Fabio volta, joga a sacola da

academia no chão. Fica surpreso por me ver. Falo com ele. Não diz nada. Diz: “Preciso me organizar”.

Olha em volta: a casa é dele, está em ordem, avalia com um olhar... racionaliza depressa o que aconteceu, sem nem perguntar muito. Mas depois chora. Volta do banho com os olhos inchados e vermelhos. Suga uma caixinha de leite. Digo para olhar a data de vencimento. Ele cospe na pia, diz *merda*, diz que está coalhado, olha para mim preocupado, pergunta se pode lhe fazer mal. Abano a cabeça: “É igual a iogurte”.

“Vou sentir falta”, diz. Não chora mais. Já se organizou.

Ele me ajuda a descer as coisas, os livros também. Transpira, fica entalado na porta do elevador, fita seus braços musculosos de academia no espelho enquanto descemos. Agradeço, dou-lhe um abraço. É como abraçar o porteiro do prédio, alguém que nos cumprimenta quando chegamos, que nos entrega a correspondência.

Nunca mais voltei a pensar nele. Tornei a encontrá-lo no verão passado. Estávamos embarcando para a Córsega, eu estava no ventre de ferro do navio, em meio àquele cheiro de mar e de nafta, encaixada entre os carros já estacionados. Giuliano havia entrado na fila mais lenta, como sempre, e eu estava de pé me roendo de impaciência, agarrada na portinhola aberta para espiar os carros no fundo, estrangulados numa fila que vinha de outro embarcadouro. Giuliano está ali, calmo, lendo jornal. Tínhamos discutido. Pietro, como sempre, tomou o partido de Giuliano, tirou os fones do iPod dos ouvidos para dizer *como é feio brigar nas férias*. No fim entrei com o carro no navio e eles subiram a escadinha dos passageiros. Depois Pietro voltou até mim porque queria seu violão. Assim ficou ali suando, remexendo na bagagem que não se abria totalmente. Na fila ao lado estava Fabio. Desceu de um jipe reforçado, um modelo antigo e bem conservado. Não tinha perdido um só fio dos cabelos louros, estava com um colete cheio de bolsos e tinha os braços de alguém que nunca deixou de praticar esportes. Ficamos frente a frente, era difícil fazer de conta que não o via. Ele me abraçou, começou a falar com sua voz potente, que reverberava naquela garagem marinha. Fitou-me... fitei seus olhos ao mesmo tempo. Eu

estava com uma camiseta amarrotada pelo tempo que fiquei sentada no carro, a pele sob os braços flácida, a mesma que eu tinha visto tantas vezes no espelho. Fiquei rígida, fechei os braços. Pensava em meus cabelos, aquele grisalho nas têmporas, não tinha ido ao cabeleireiro, não valia a pena, estávamos indo à praia, ficaria o dia todo com um chapéu de palha. Sentia-me desconfortável, estava pálida por causa do escritório, sem maquiagem. Ele, pelo contrário, estava bronzeado, era daqueles que já em maio estão dentro d'água. Falava, contava da esposa e dos filhos, três, o menor ainda bem pequeno. “Mas já come à mesa!” E deu um tapinha no bagageiro de teto do jipe, onde estavam alinhadas, perfeitamente encaixadas, as pranchas de windsurfe.

“Como estão seus pais? Seu pai, sua mãe...”

“Morreram.”

Sorriu, assentindo: “Pois é, claro... nós também estamos velhos”.

Ele não estava velho, de forma alguma. Estava melhor do que antes, os anos o recobriram com uma pátina áspera, uma pequena desordem que melhorava bastante aquele rosto, no final das contas, de bobo.

Apresentei-lhe meu filho.

“Está com quinze anos...”

Pietro começara a espiar a bagagem do jipe de Fabio, as espingardas de pesca, o equipamento de mergulho. Depois perguntou o que era aquela espécie de saco com um biquinho que me parecia uma gaita de folos murcha. Fabio explicou que era um chuveiro portátil. Era feito de um tecido térmico, especial. De manhã enchia-o de água doce, depois bastava deixá-lo o dia todo ao sol, e à noite, após os mergulhos, quando saía com frio, podia tomar uma ducha quente diretamente na praia.

“Se tomar cuidado para não desperdiçar, dá até para quatro pessoas tomarem banho.”

Tomar banho. A bunda de Fabio subira a escadinha à minha frente. O chaveiro estava pendurado no bolso. Pietro dissera: “Que gênio, mãe. Eles sim é que se divertem, viu que férias que fazem, como são organizados...”.

Eu estava desanimada, moída pelo calor, tinha manchas de suor que escureciam a camiseta sob as axilas, e o dinheiro que Giuliano iria desembolsar não valia nada, a praia não valia nada, o hotel não valia nada. Giuliano poderia no máximo pôr as iscas no anzol ao entardecer. Mas Pietro queria surfar, fazer pesca submarina, voar sobre o mar com uma daquelas perigosíssimas asas-deltas. Teria o maior gosto em se mudar de nosso carro para o jipe de Fabio. Giuliano já estava no self-service, tinha reservado os lugares, enchido as bandejas. Chamava-nos com a mão. Não estava mais de mau humor. Estávamos comendo, ele feliz. Um pouco apreensivo com a reação que eu teria diante daquelas bandejas cheias demais.

“Para não entrar na fila duas vezes...”, justificou-se. Pôs em minha boca uma garfada de maionese, “está deliciosa”. A barriga lhe pendia sobre o cinto, senti um pouco de vergonha. Fabio se aproximou para apresentar a esposa, uma loura velha como eu, mas atlética como ele. Notei sob sua camiseta decotada o peito intumescido demais.

“Ela fez plástica nos seios”, disse Giuliano no convés do navio. Depois apontou para uma espuma levemente visível na noite.

“Olhe, são golfinhos.”

Passava-me o braço pelos ombros, eu abraçava a cintura dele, a gordurinha. Estávamos no tombadilho daquele navio que nos levaria para umas férias medianas. Meu filho ia estragá-las, sentia-se no ar. Mas agora ele estava dando uma volta para ver os outros rapazes no barco, estávamos livres, momentaneamente em paz. O mar era vasto e negro, retinha lâminas de luar. Éramos um casal de meia-idade, nem bonitos, nem feios. Simpáticos, isso sim. Se alguém nos chamasse, viraríamos com um sorriso, com disposição de ir a seu encontro. Muitas vezes não percebemos o que temos, não somos gratos à vida. Eu tocava o quadril de Giuliano, sentia o perfume de sua loção pós-barba que chegava como o aroma do mar, e agradecia à vida por ter me dado esse homem bom.

* * *

Minha mãe me perguntou sobre os presentes de casamento, por nervosismo, creio, para não falar de coisas que valiam a pena e que

a fariam sofrer. “Deixei tudo para o Fabio”, respondi sem nem parar junto a ela, junto a seu corpo imóvel no umbral da porta. Meu pai estava com um ar deprimido, fingia-se amargurado, mas se controlava. Achava que era assim que devia se comportar o pai de uma filha que se casa com um jovem engenheiro assoberbado com concorrências públicas e volta para casa depois de poucos meses de casamento.

“Mas como! Você lhe deixou as panelas?”, e ficava com vontade de rir, enquanto minha mãe olhava para ele enfurecida. Eu estava preparando uma pequena maleta.

“Vai para onde?”, curioso, fingindo estar ofendido.

“Vou fazer uma pequena viagem.”

“Destino?”

Não lhe respondi. Ao se despedir na porta, disse-me que lhe trouxesse *trofie* e pesto. Sabia de tudo.

Desço em Brignole, não tem nenhum táxi, ando debaixo da chuva procurando um entre os faróis dos carros. Tenho o endereço dele, mas nem sei se está em casa a essa hora. É uma surpresa. Atravesso o limite que separa a cidade rica da casbá. É só descer, seguir o cheiro do mar. Vuelas estreitas como fitas, persianas fechadas. A rua do porto é um bordado de luzes descoloridas... viciados estendidos nos capôs dos carros, cheiro de grão-de-bico queimado, de sujeira marinha. É um casario popular encostado num barranco torto.

“Quem é?”

“Sou uma amiga de Diego.”

A voz some do interfone, e aparece uma cabeça pela veneziana aberta no primeiro andar. Cabelos amarelinhos, arrumados, um roupão que me parece turquesa. A mulher olha para mim.

“Você é aquela de Roma?”, grita.

“Sim.”

Abre, deixa-me entrar. Diego não está, vai voltar. Foi fotografar uma banda de amigos em alguma garagem. É miúda, franzina como o filho, tem olhos diferentes, azuis, o mesmo nariz, um pouco mais largo. Peço desculpas por incomodar a esta hora. *Não é incômodo*

nenhum , diz, *é um prazer* . Desculpa-se pela casa em desordem, mas para mim parecia perfeita. Tem os móveis de fórmica das casas modestas, mas com um bom perfume. Ela me faz sentar na sala de estar onde se percebe que nunca ninguém entra. Quer que eu coma, beba. Vou ao banheiro lavar as mãos, ela me segue com uma toalha limpa. Aceito algo quente, um chá de camomila. Observa-me. Fico de pé, ela também se levanta, rapidamente. É como se tivesse medo que eu fosse embora. Na verdade, eu me levantei para lhe dar um pequeno presente que trouxe, um relógio de cabeceira dentro de uma máscara de porcelana. Ela se inclina para me dar um beijo.

“Não precisava se incomodar.”

Beija-me outra vez. Sinto seu corpo vibrando.

“Diego falou tanto...”

Tem um forte sotaque genovês, uma pequena lamentação.

Chama-se Rosa.

Agora percebeu que estou com os cabelos molhados, insiste que vá ao banheiro enxugá-los, me dá outra toalha limpa.

Ela me leva até o quarto de Diego. Tem um pôster do Genoa, tem o aparelho de som, tem a cama feita por ele, de tábuas pregadas, os lençóis são azuis, desarrumados. E eu estou em todos os lugares, meu umbigo aos pés da cama dele, ao lado da janela. Há um par de botas largadas no chão, a mãe se abaixa para recolher um trapo, talvez uma cueca.

“Não posso entrar aqui, não tenho autorização...”

Ouçõ ruído de chaves, a porta bate. Eu me viro. Encontramo-nos no corredor. Ele fica paralisado: “Não...”.

Joga-se de joelhos a meus pés. Rola feito um cachorro, esfrega a cabeça no chão, beija meus sapatos, o jeans.

“Não acredito... não acredito!”

Levanta num salto como uma mola, eu também pulo sobre ele, os joelhos abraçando sua cintura. Ele me arrasta pela casa assim. A mãe se espreme contra uma parede, entra na porta do banheiro.

“Mãe, esta é minha mulher! A *minha* mulher! A mãe de meus filhos! Este é meu sonho!”

Rosa enxuga os olhos com uma ponta do roupão, bate palmas. Falo para Diego que ele não pode gritar desse jeito, as pessoas estão dormindo, vai acordar o prédio todo. Mas sua mãe grita de

propósito, pois os outros sempre fazem tanto barulho, *e hoje à noite seremos nós!* É louca, ela também, é uma família de loucos.

Comemos alguma coisa na cozinha, um pouco de fruta, alguns wafers. Depois vamos para aquela cama com lençóis azuis, de estudante. Fazemos amor lentamente. Como dois adolescentes que não querem ser ouvidos pelos pais. A música toca baixinho... o aparelho de som com suas luzinhas no escuro. Da rua, insinua-se um céu luminescente, a lua brilha. Olhamos a gigantografia de minha barriga, o umbigo parece uma cratera.

“Fazia o que com minha barriga?”

“Jogava dardos.”

Fiquei naquela casa até o final do verão. Todos os dias falava que tinha de ir embora, e todos os dias ficava. Os hábitos e horários de Diego eram completamente diferentes dos meus. Dormia até a hora do almoço, depois se arrastava de cueca para a cozinha, abria a geladeira, tirava um daqueles potes de alumínio que a mãe trazia das cozinhas do Gaslini e engolia aquela lasanha endurecida, um linguado insípido, gelado. Acostumara-se a comer assim. A mãe nunca estava, tinha um companheiro, um homem de outros tempos, com sapatos bicolores e lenço no pescoço.

Quando havia sol, íamos para a praia. Tinha um barquinho com as velas do tamanho de uma toalha num clube náutico arruinado. Ficávamos fora até a noite, em jejum, com nossas capas de chuva encharcadas. À noite perambulávamos de um lugar a outro, nas grutas das vielas. Estava eufórico com minha presença ali em seu mundo, apresentou-me um número ordinário de amigos, rostos jovens, já gastos, traduzia o dialeto, ficava me observando para ver se eu estava feliz. Passava-me um baseado imundo da saliva de muitas bocas e eu balançava a cabeça, não queria que ele fumasse também. Levou-me ao porto no cais Etiopia onde seu pai tinha morrido, esmagado por um contêiner. Sentamos numa abita, diante de um mar fosco como celofane.

Ele me confessou que usou heroína durante um tempo... *alguns picos e depois chega, pois em Gênova é difícil não usar alguma coisa*, e que foi preso junto com os torcedores de Marassi.

“Te decepcionei?”

“Não.”

Digo-lhe que não posso viver assim, ao sabor do dia, desarraigada de tudo. Sua mãe também me parece diferente quando vou embora, derrotada, uma pequena lagartixa esmagada.

“Desculpe”, ela diz.

“Ora, do quê?”

Esperamos no saguão

Esperamos no saguão, Pietro e eu. Chove. Pietro observa através dos vidros a água escorrendo, seu olhar azul se sombreou junto com o céu. Vestiu um agasalho, puxou o capuz sobre a cabeça, e está ali, largado num sofazinho baixo demais, as pernas abertas, a cabeça enfiada nos ombros. Na frente do hotel há um café com internet, queria ir para lá e conversar com os amigos. Eu lhe disse que não. Assim, puxou aquele capuz até a testa e ficou ali, deprimido e insolente como um jogador de futebol que acaba de ser expulso. A mocinha das refeições está passando aspirador de pó no carpete das escadas. O fio era comprido demais e se enrolava em torno dos pés. Pietro dá um de seus sorrisos, e diz: “Esta é totalmente incompetente”.

Respondo: “ *Ela* tem sua idade e já trabalha”.

Então ele se inflama, começa a falar rápido, comendo algumas palavras, diz que ele também queria trabalhar, mas não lhe é permitido. É verdade, queria distribuir folhetos publicitários nos para-brisas dos carros a vinte euros por dia. Não me agradava que ficasse horas no meio do trânsito, na sujeira, na companhia de Biffo, um amiguinho meio malandro, daqueles com os olhos sempre vermelhos por causa da maconha. Eu poderia argumentar que aquilo não era realmente um trabalho, era provisório, que um trabalho, para ser considerado como tal, requer uma verdadeira necessidade, e que

ele já tem uma vespa, um violão, óculos escuros, uma caderneta de poupança no banco... mas fico quieta, pois não estou com vontade de discutir.

Levanto, vou até a recepção e peço um guarda-chuva. Eles me dão um amarelo, frouxo, meio quebrado. A moça nas escadas, nesse meio-tempo, realmente tropeçou e nem se incomodou, levantou de imediato olhando ao redor, preocupada se alguém tinha visto. Só estamos nós ali. Pietro deu dois tapas na testa, balançando a cabeça encapuzada. Ri como um louco, soluça em seu moletom azul. A moça olha para ele séria. Pietro então finge estar passando mal, aperta a barriga, simula uma ânsia de vômito. Indica o cinzeiro cheio de bitucas sobre a mesa. A moça se aproxima, pega o cinzeiro. Pietro diz *thank you*, tenta reprimir o riso, mas não consegue, continua a rir à socapa como um idiota. A moça se inclina um pouco, sua respiração sopra parte das cinzas. Pietro balança a cabeça, sacode a cinza do jeans, levanta as mãos, ri. Com suavidade, agora.

“Desisto.”

A mocinha franze o rosto sólido e claro como uma pequena batata recém-descascada, diz: “ *What?* ”.

Pietro abana a cabeça, não sabe como se traduz *desisto* .

Diz: “ *Sorry* ”.

A mocinha se vira, depois volta com o cinzeiro limpo. Está com o rosto vermelho.

“ *You are great* ”, diz baixinho enquanto vai embora.

Pietro tosse, olha para mim.

“O que ela disse, mãe?”

“Você sabe, disse que você é *great*, sensacional.”

“Jura?”

Fica envaidecido, olha o corpinho da jovencinha de Sarajevo que se distancia... tira o capuz da cabeça, ajeita os cabelos.

“Gostou?”

Ele se vira feito uma cobra.

“Está louca? Ela é ridícula. Gosto das meninas italianas.”

“E por quê?”

“Porque entendo o que falam.”

Gojko entra, para na entrada. Está sem guarda-chuva, os ombros do casaco estão escuros da chuva. Balança a cabeça como um cão. Ele me procura com os olhos, aproxima-se e me dá um beijo. Seu corpo molhado está quente, mesmo hoje de manhã. Exala um vapor bom, como feno sob a chuva. Senta-se, pede um café, acende um cigarro, cruza as pernas. Está atrasado, pois passou na galeria para dar uma mão na exposição de fotos. Está de ótimo humor, pergunta como dormimos, se queremos fazer um pouco de turismo, percorrer o roteiro triste, aquele dos locais da guerra, ele está acostumado, pois é o que todos os turistas querem. Podemos ir ao cemitério israelita onde ficavam os atiradores de elite, ou arrumar um lugar no centro para esperarmos até a abertura da exposição.

Pietro diz que para ele é a mesma coisa. Depois, diz que prefere ficar no centro. Hoje de manhã fiz uma bobagem: semiadormecida, estendi a mão para ele e por engano o chamei de Diego, porque a noite havia sido invadida por aquele pequeno fantasma genovês.

Pietro se afastou, disse: “Mãe...”.

Ainda não estava totalmente desperta. “Oh...”

“Como você me chamou?”

“Não sei... como te chamei?”, e eu tremia, pois nem tinha me dado conta. “Desculpe.”

“Você está doida.”

Precipitou-se para o banheiro, para fugir de mim, de meu corpo atormentado pelo passado. Depois voltou e vi que se inclinava sobre a cama para ver se por acaso eram duas, se dava para afastá-las. Disse a ele: “Se quiser, mudamos de quarto, pegamos um com camas separadas... eu também não consigo dormir com você, é muito agitado”.

Eu estava com vontade de chorar.

Chove, mas há muita gente na rua, muitos jovens. Estamos na avenida que leva à madrasa, grupos de estudantes islâmicos passam com as mochilas cheias, como estudantes de qualquer escola do mundo. O guarda-chuva do hotel é uma verdadeira porcaria, tenho que tomar cuidado para não cegar quem está passando. Paro para comprar um para Pietro, Gojko não quer, diz que é um estorvo.

Respondo que, a partir de certa idade, faz mal a gente se ensopar até os ossos, ele resmungava que numa certa idade tudo faz mal, portanto é melhor nem pensar. Tomo-o pelo braço.

“Você ainda escreve?”

Gostaria de ouvir alguma poesia dele, lida por ele, com aquela voz que se embebe de sentimento, de intenções. Abaixa a cabeça, diz que faz algum tempo que voltou, à noite, a lidar com as palavras.

Pergunto-lhe por que esperou tanto tempo. “Precisava”, diz. “É preciso um intervalo em branco, uma gaze... é preciso que Deus ajude, e não tenha escrúpulos com nossa alma consumida. É preciso que um dia, sem que a gente saiba, Ele ajude a restaurar o equilíbrio entre o bem e o mal.”

Abre a mão e, não sei por quê, cospe nela.

“Um dia passei ao lado de uma campina forrada de papoulas vermelhas, e pela primeira vez não pensei no sangue, fiquei encantado com aquela beleza tão frágil. Bastava muito menos do que um machado, um *maljutka*, bastava uma lufada de vento. Estava ali imóvel para nós, aquela campina, à espera, logo depois da curva. Um imenso campo pontilhado de línguas vermelhas, como corações caídos do céu na grama. Estava no carro com minha mulher. Paramos e começamos a chorar. Antes eu, e logo depois ela também me acompanhou como uma torrente. Foi um choro que nos esvaziou, nos ressarcia lentamente. E desde aquela noite voltamos a respirar com nosso peito. Podíamos aguentar. Por anos nossa respiração tinha ficado presa na garganta, não conseguia ir além... Dois meses depois, minha mulher estava grávida.”

Voltamos a andar, meu braço enfiado sob o dele está em segurança. E, passado algum tempo, tenho a mesma sensação de antigamente, daqueles passeios sem rumo, quando nossas vidas pareciam protegidas, sob o guarda-chuva daquela amizade que nos instilava ousadia.

A mulher que passa ao meu lado, com a sacola das compras, parece uma mulher qualquer, apressada, preocupada por chegar tarde em casa... porém tem o andar estranho de um inseto alquebrado, os quadris sob o casaco leve demais para essa chuva

ondulam desconexos como rodas diferentes num mesmo carro, as pernas se movem rígidas como os pêndulos de um relógio de parede. E logo a seguir percebo que há muita gente assim, com algum velho estilhaço cravado nos ossos, e que são todos muito hábeis em dissimular, em disfarçar.

“É a primeira coisa que aprendemos.”

Observo as pessoas, calculo quantos anos teriam na época. Se já eram adultos ou ainda crianças, avalio o que a guerra lhes devorou, pelas olheiras, por certos olhares parados como vidro, pelos cigarros que tremem molhados nos dedos. Avalio por esses rostos, cinzentos sob a chuva, que agora vejo como mortos que ressurgem do mar.

“Comemos urânio demais... muitas daquelas malditas remessas humanitárias, sobras da guerra da Coreia...”

As crianças que encontro estão salvas, digo para mim mesma. Não sabem, não viram, portanto não podem lembrar... mas não é totalmente verdade. Elas também parecem saber, seguem circunspectas os passos dos adultos. São crianças que nasceram e sobre elas se estende o universo invisível dos outros, daqueles que não puderam vir ao mundo percorrer seu destino terreno.

Observo a nuca de Pietro sob a chuva. De vez em quando para diante de uma vitrine, não lhe interessam as mercadorias; para ele, interessam os preços em marcos conversíveis, interessa convertê-los em euros. Diz que as coisas são *bastante baratas* ... Depois repensa, *mas não baratíssimas* . Pergunta a Gojko sobre os salários atuais. Não sabia que meu filho se interessava por economia.

“Alguém que trabalha de arrumadeira num hotel, quanto ganha?”

“Cento e cinquenta, duzentos euros...”

Sorrio. Pietro torce o nariz, está irritado.

“O que você queria?”

A água escorre das calhas, das sacadas, dos telhados.

Passamos pela Ponte Latina, onde Francisco Ferdinando foi assassinado.

“A placa comemorativa foi removida por um bom tempo, pois o príncipe era sérvio, agora puseram de volta para os turistas, eliminando a palavra *herói* .”

Na praça onde jogam xadrez, todos os velhos estão de guarda-chuva. Jogam calmamente sob a chuva, de vez em quando se inclinam para mover um daqueles grandes cavalos, aqueles grandes bispos, no tabuleiro desenhado no calçamento. Pietro tira algumas fotos com o celular. Fica incrédulo diante daqueles velhos jogadores obstinados.

“Quase todos são camponeses, gente que veio depois. A cidade se ruralizou. Por anos não reconheci ninguém...”

Andamos mais um pouco e a chuva cessa, primeiro fica mais fina, depois continua a correr pelos bueiros. O céu ainda está carregado, mas por ora silencia. Pietro está encharcado. Gosta de se molhar, gosta de ficar doente. Arder em febre por uma noite e já estar bem no dia seguinte. Está com sede, com todo esse aguaceiro, para numa barraquinha e engole uma coca-cola gelada. Olha para o chão, pergunta o que são aqueles respingos de tinta vermelha no asfalto.

São as rosas de Sarajevo, testemunhos de mortos e granadas. Passamos pela rosa que recorda o primeiro massacre, o das pessoas na fila do pão. Gojko olha para mim por um momento, abro a boca, fecho-a de novo.

Atravessamos a rua, viramos a esquina, outras rosas, outros esguichos de tinta vermelha descorados no vaivém das pessoas que lotam o hortifrúti.

“A um certo ponto disseram que nós é que disparávamos sozinhos, para chamar a atenção da televisão, da opinião pública...”

Os bancos estão repletos de cores, muito mais organizados do que eu lembrava... a lista dos mortos fica no fundo de uma parede de pedra cinza, é impressionante. A lista dos vivos arrancados à vida, todos no mesmo instante, no mesmo bater de asas do mesmo demônio. Num átimo pergunto-me onde está aquele demônio, se já foi embora ou ainda claudica não longe daqui.

Há pouco Gojko disse uma coisa que me arrepiou.

“Muitos em Sarajevo acham que a guerra não acabou, apenas foi interrompida.”

Subimos as escadas que levam a um pequeno restaurante, exatamente em cima do Markale, o mercado coberto. É uma espécie de galeria com mesas e bancos de madeira que dá para o mercado lá

fora, parece que estamos numa estação ferroviária do começo do século. Vejo lá embaixo os queijos nas travessas, brancos como pedaços de gesso. Gojko me aponta a única banca que ainda vende porco, está relegada ao fundo, numa área à parte.

Pietro quer saber o que os habitantes de Sarajevo têm contra os porcos. E Gojko lhe explica que agora são quase todos bósnios, isto é, os bósnios são muçulmanos, e os muçulmanos não comem carne de porco. Pietro diz que isso ele sabe, estudou quando fez o trabalho sobre as três religiões monoteístas. Ri, diz que aqui, porém, não se nota que são muçulmanos.

“São todos brancos demais”, diz.

Gojko lhe conta que, quando era pequeno, festejava o Natal na casa de um bom católico, e depois ia fazer a coleta de esmolas com seus amiguinhos para o final do Ramadã.

“Para nós era absolutamente normal. Agora temos três línguas diferentes na escola, e quando a criança se matricula, precisa declarar a que etnia pertence...”

Pedimos sopa bósnia. Estou com vontade daquele caldo espesso com as verduras boiando ao lado de pedaços de carne. Pietro come *pljeskavica*, a coisa mais próxima de um hambúrguer.

“Mas por que houve a guerra?”

Gojko ri, com um véu de insânia nos olhos.

Pousa uma mão na cabeça de Pietro.

“Sabe quem poderia responder? Um grande humorista, um desesperado e mudo como nós, que nunca deixamos de rir. Buster Keaton, ele poderia. Já viu *Filme*?”

Pietro abana a cabeça, não gosta de filmes em branco e preto.

Gojko apaga o cigarro, calca-o com o dedo.

“O que você quer fazer quando crescer, Pietro?”

“Não sei... talvez ser músico.”

E naturalmente não tem coragem de me olhar. É uma velha história. Aluguei um piano para ele, e ficou anos mofando em casa. Pietro praticava pouquíssimo, dizia que não precisava. Depois, dois anos atrás, passou para o violão, faz tudo sozinho, vai a um clube de jazz e lá tem aulas. Eu me faço de desinteressada de propósito. Toda vez que ele sente alguma pressão, por menor que seja, de minha parte, faz o possível para me contrariar.

Sáímos de novo à rua, a chuva limpou o asfalto, as ruas cintilam como ferro.

Pietro anda à nossa frente, com seu passo indolente, pisa em poças, faz de propósito. Desde que chegamos, foge de mim. Anda sobre as rosas das granadas como se passeasse pela calçada de uma viela romana, parece insensível, deliberadamente desleixado, quase ofensivo. São desaforos contra mim, pois percebe que há algo mais nessa viagem, uma intenção que desconhece. Gostaria de pegá-lo pelo braço, de abraçá-lo. Mas não tenho coragem de me aproximar dele. Se Pietro tem algo a entender, alguma pista a farejar como um cão, terá de fazer sozinho, não posso ajudá-lo. Por outro lado é parecido com o pai, um pequeno radar de ondas perdidas.

“Parece com ele, não é?”

Gojko não olha para Pietro, olha para mim.

“Quer que te diga a verdade?”

“Sim...”

“Parece com você... anda da mesma maneira, sorri como você, volta e meia muda de humor como você...”

Ele me abraça, cobre-me com todo o seu tamanho. Aspira meus cabelos.

“Você deve ter entrado nele, Gemma. Você sempre teve essa capacidade de entrar na pele dos outros... de vencê-los sem fazer nada. Nunca te disse o quanto eu era apaixonado por você?”

“Não, nunca me disse.”

“Você estava tão apaixonada por ele... os dois estavam tão apaixonados.”

Entramos num paço de arcos baixos otomanos, ao lado da mesquita. A exposição de fotografias fica em duas salas gêmeas, compridas, com paredes de vidro recortadas por esquadrias metálicas brancas, parece um longo *bow-window*, uma estufa. Uma moça muito magra e alta como uma modelo, com um par de meias pretas grossas que pendem nas pernas nuas, está dando os últimos ajustes nas obras suspensas por finos cabos de aço. Vem até nós, dá um tapinha no ombro de Gojko, procura os cigarros em seu casaco, rouba um, dá-lhe um sorriso e um beijo na boca.

Pergunto se é a mulher dele. A moça ri, pois, mesmo que não fale italiano, entendeu o que eu disse. Meneia a cabeça. É uma artista bastante conhecida, louca como um cavalo, hábil feito um demônio.

Paro para olhar suas fotos, são homens e mulheres sobreviventes do campo de Omarska. Instantâneos de rostos esqueléticos, cavados pela fome, pelo medo. Closes de gente de idade, tão fechados que às vezes os cabelos nem aparecem, ficam apenas os olhos, as sendas tortuosas das rugas, as bocas consumidas. Nenhum tem expressão suave, todos parecem olhar para o mesmo ponto, numa zona obscura, desconhecida em sua história de seres humanos. É como se perguntassem algo à objetiva que os perscruta, uma resposta que ninguém soube ainda lhes dar.

As fotos de Diego estão na segunda sala. Sento numa cadeira para olhá-las. A exposição ainda não foi aberta ao público, uma mulher está ajeitando uns petiscos sobre uma mesa forrada com uma toalha de papel. São fotos que conheço, não precisava vir até aqui para vê-las. São poucas, ocupam uma pequena parede lateral, escondida atrás de uma coluna. Há a mulher correndo para fugir dos atiradores, os cabelos revoltos pela fuga, uma perna no ar como uma asa quebrada. Há a banheira entre os escombros com o xampu na beirada e um morto dentro dela, coberto pelo manto verde dos muçulmanos. Há a velha recolhendo a roupa debaixo da neve, os braços passando pela armação de uma janela fechada, mas sem vidros. Há o gato dormindo no banco de um ônibus incendiado. Há o carrinho cheio de cantis de água que Sebina empurra sorridente.

Pietro perambula, aproxima-se das paredes, olha as fotografias da exposição. Espero por ele. E aos poucos sinto certa paz.

Tenho montanhas de fotos de Diego escondidas em casa, no sótão. Elas me mantiveram viva por muito tempo. Esperava que o menino adormecesse, ficava eufórica, nervosa. Como se realmente tivesse de fugir de um amante. Passava dias, meses sem pensar nelas. Como o sexo, pelo qual meu interesse sempre foi repentino, feito de lufadas imprevistas e depois nada, esquecimento. No final da tarde todas as portas da casa me entristeciam, a do corredor, a do salão no escuro. Havia lama por todo lugar, as coisas se moviam, arrastadas. Muitas vezes Giuliano fazia o turno da noite no quartel e

eu ficava sozinha. Então, do nada, da escuridão daquelas janelas, do sono do menino, eu pensava em Diego com tanta insistência que chegava a me sentir mal.

Trancava-me no quarto, abria as caixas. A luz tênue o suficiente para anular o restante à minha volta. Espalhava as fotos sobre a cama, no tapete. Andava de quatro, engatinhando por aquela trilha de pedaços de papel brilhante, chorava, ria, babava feito um cachorro no túmulo de seu dono.

Uma manhã, Giuliano encontrou uma foto que ficara debaixo da colcha, na dobra do travesseiro. Tinha se amassado durante a noite. Ele tentou alisá-la um pouco com as mãos. Devolveu para mim, *pegue, amor, deve ser sua... É muito bonita*.

Estava sentado na cama, os ombros caídos, a barriga como uma pequena bolsa. Eu me aproximei, segurei sua mão órfã sobre o lençol, coloquei em meu rosto e chorei. Pouco depois ele também emitia pequenos soluços solitários. Ocorreu-me que ele era muito mais solitário do que eu, que os homens são mais solitários do que as mulheres, em todas as circunstâncias. Chorar juntos, para um casal, é um acontecimento minúsculo mas emblemático... é a respiração de um que morre na garganta do outro. É a pena que você sente do mundo e de si mesmo, pedaço de carne, saco que pouco vale. A barriga oscila junto com as lágrimas. Levanta-te, pobre desgraçado, some daí, afunda-te no fosso de tua casa, ou abre a janela e te joga, mas, se ficares, diz algo que possa nos consolar.

Giuliano disse: “Lamento que esse rapaz tenha morrido, você não sabe o quanto lamento...”.

Sorriu para ele: “Talvez você mandasse prendê-lo, era um daqueles que vão presos”.

Pietro se aproximou, cauteloso como um rato que chega perto da ratoeira, que está com fome e resolve se arriscar.

“São estas?”

“Sim.”

Olha as fotos, depressa, de baixo para cima e depois para baixo de novo, duas espiadas e só.

“Gostou?”

“Aquela do gato gostei, é intensa... Você estava lá, estava com ele?”

“Não, nem sempre.”

Fica ao meu lado, não há outras cadeiras, inclina o corpo para trás e senta-se sobre os calcanhares, como um grande pássaro.

“E eu, onde estava?”

“Você ainda não tinha nascido...”

“E você não sentia medo?”

“De quê?”

“Bom, estava grávida, não sentia medo de estar grávida em plena guerra?”

Concordo, dou uma fungada, digo que talvez esteja ficando gripada, passei frio com aquela chuva, meus sapatos estão molhados. Pietro dá uma olhada nos meus pés, vai embora. Vejo que belisca, pega um salgadinho, devolve, escolhe outro. Nesse meio-tempo chegaram algumas pessoas, pequenos grupos de duas, três pessoas, param na frente dos painéis das fotos, falam com os copos na mão. Aqui embaixo, neste canto, estou só eu. Conheço essas fotografias, mas mesmo assim afeta-me vê-las expostas na parede.

Olho os detalhes, uma mão, um pássaro que mancha o céu, o para-choque de um carro jogado a um canto. Olho Sebina, seus olhos redondos como botões... aquela boca engraçada, fina nas beiradas e estufada no centro, vermelha como uma língua.

Sorrio, porque reconheço tão bem aquela expressão, de comandante, de pequena tirana do bairro.

“Venha um pouco aqui, *Bijeli biber* ...”

Era como a chamavam, *Pimenta-branca* ...”

Então ela se aproximava com seus olhos decididos e aquela covinha no queixo, abrigo perfeito para uma pérola. Escondia uma bala nas mãos fechadas e fazia a brincadeira de adivinhar. Ela sempre acertava.

“ *Bijeli biber* , tem que estudar, entendeu?”

Concordava, com pressa de ir embora. Eu dizia a Gojko que cuidasse dela, não deixasse ficar tempo demais na rua.

“O que fará Sebina se não estudar?”

Gojko se deleitava com aquela irmã irrequieta, como um presente, encantado.

“Vai ser uma artista, sabe patinar no gelo, andar numa corda... e é mentirosa.”

Algumas vezes ela parecia rude, nem cumprimentava, brincava insistentemente com algumas bolinhas barulhentas que seu irmão tinha importado durante algum tempo, mas que não tiveram o sucesso dos ioiôs. Ninguém conseguia entender aquele mau humor. Mas eu sabia fazê-la falar, rastrear a origem daquela perturbação. Era sempre por causa da mais inconcebível, mais insensata bobagem... mas eu a compreendia. Quando criança, eu era uma perfeccionista maluca, que me superava várias vezes ao dia, exatamente como Sebina.

Ela ficava arredia e até feia de se ver. Punha-se ali sentada no muro do pátio lambendo uma mecha de cabelos, respondendo mal a qualquer um que chegasse perto. *Ei, Pimenta-branca*, eu dizia e lhe dava um abraço. Era como abraçar um orgulho forte demais, a parte menos atraente de mim mesma. Aquela rocha dura demais que nunca permitiria que ninguém me amasse até o fim. Sebina era capaz de alcançar minha solidão, éramos iguais. Tolas e presunçosas. Ela se pendurava em meu pescoço, eu a levava de volta para a casa de sua mãe, eu subia as escadas, as pernas dela balançando sobre meu corpo. Tinha se curado, a escuridão passara. Nunca fui daquelas pessoas especialmente hábeis com crianças manhosas, não tenho paciência, não faço vozinha doce. Mas Sebina foi um caso à parte. Foi um presente que Deus me deu, um prenúncio de amor. Revejo o patamar onde eu parava para respirar entre um andar e outro, pois ela pesava, o cinza do pátio na janela comprida, esmerilhada, a luz já diminuindo... e em meu pescoço ela, seu hálito, seu mistério.

Pietro está parado atrás da coluna.

“E esta, mãe?”

É uma fotografia que eu não tinha notado, perto da saída, sobre o porta-guarda-chuvas.

“É de Diego?”

Digo a ele que não tenho certeza...

“Tem o nome dele embaixo.”

É uma fotografia granulada, fora de foco, talvez um pedaço de parede com uma mancha escura, profunda, circundada por pétalas vermelhas, despedaçadas... uma espécie de rosa.

“O que é?”

“Não sei.”

Pietro gosta, fica olhando.

“Não quer dizer merda nenhuma, mas quer dizer...”

Diz que lhe parece a capa de um bom cd .

A mim parece de uma tristeza tangível. Uma estranha imagem dotada de matéria. Parece-me que nessa mancha vermelha há mais guerra do que em todas as outras fotos de guerra.

Estendo o braço para tocá-la, para tocar aquela cavidade granulosa no centro. Balanço a cabeça.

“Acho que não é do teu pai, erraram.”

Diego tinha aparecido em Roma de motocicleta, bem ao seu estilo, depois de quinhentos quilômetros de estrada à noite. Com seu corpo de mosquito, havia ultrapassado uma carreta depois da outra, montanhas de faróis, sem parar um instante. Tocou o interfone da casa de meus pais, na mão um ramalhete de girassóis comprado numa floricultura noturna. Desci para a rua de camisola, as primeiras luzes flutuavam no escuro, as portas do bar ainda estavam fechadas.

“Já me organizei!”

Pego os girassóis, seguro-os assim, presos entre os braços cruzados. Estou brava, confusa. Voltei de Gênova na véspera. Nem desfiz a mala e ele já está aqui, os cabelos amassados pelo capacete, o rosto marcado pelo frio que passou.

“Não posso te hospedar, você sabe. Eu me separei há poucos meses, não posso trazer um outro cara na casa de meus pais...”

Olha ao redor.

“Quem seria o outro cara?”

Sorri: “Já tenho onde ficar, sou autônomo”. Não lhe parecia bonito me deixar sozinha num momento tão delicado de minha vida, diz ele com um ar de cordeirinho. Dou-lhe um chute, ri porque sou

eu quem me machuco, estou de chinelo de dedo e ele com caneleiras de couro rijo, de motociclista.

Acena com a mão, olhando para cima. Ergo os olhos e vejo meu pai na grade do terraço, está de pijama e fuma. Ele também cumprimenta com o cigarro entre os dedos.

Diego, embaixo, agita os braços.

“Olá.”

“Olá.”

“Sou eu, Diego.”

“Sou Armando, o pai. Como foi a viagem?”

“Rápida.”

Faço um gesto para meu pai, para sair dali, para entrar. Mas ele desce de pijama com os chinelos que lhe dei de aniversário, joga a bituca contra a luz do amanhecer, aproxima-se. Estendem-se as mãos. Meu pai dá uma voltinha em torno da moto.

“Triumph Boneville Silver Jubilee, grande escolha.”

Depois descobri que eles tinham se falado diversas vezes por telefone, durante meu casamento. Falado de mim, de fotografia, de viagens. Haviam simpatizado um com o outro, agora se olham, e nota-se de imediato que se apreciam. Que desse amanhecer nascerá um amor, um outro. Talvez seja fácil, pois a vida é tola. Diego ficou órfão quando criança e meu pai nunca teve um filho. Teve apenas aquele genro que nunca lhe chegou muito ao coração, ficou no meio da garganta como uma rouquidão.

Diego lhe pergunta se quer dar uma volta, experimentar a moto. Meu pai se sente tentado, está com o casaco sobre o pijama, começa a fechar os botões. Lanço um olhar ameaçador. Ele aceita a ameaça, diz *não tem importância*, dará uma volta outra hora, com a roupa adequada.

O café está abrindo, meu pai insiste em nos oferecer o café da manhã. Assim atravessamos a rua deserta junto com ele, de pijama e chinelos. Esperamos a máquina esquentar, o rapaz ajeitar os croissants nas travessas. Diego come, está com fome. Meu pai toma só café, fuma outro cigarro. Apoiados numa mesinha, contemplamos a rua através da janela, os primeiros movimentos do dia. Meu pai diz: “Que bonito...”.

“O quê, pai?”

“Quando nasce alguma coisa.”

“Então, onde fica esse lugar?”

“Abaixo, no rio.”

Perdemo-nos nos fundos de um mercado. Diego está com um pedaço de papel amarfanhado com o endereço e um molho de chaves num envelope, foram dados por um amigo seu, um músico. Descemos os degraus altos de mármore travertino que levam à margem, entre manchas de musgo e garrafas dos bivaques noturnos. Aqui embaixo está mais frio, é escorregadio. A água do rio é amarelada, envolve vorazmente pequenas ilhas de vegetação que despontam do fundo, onde o lixo se enrosca. O caos ficou lá em cima, mais além, na zona do mercado. Aqui embaixo ouve-se apenas o som da água e o grito enferrujado de alguma gaivota. Olho ao redor, não vejo nada.

“Tem certeza que é aqui?”

“Não.”

Andamos ao longo da margem, voltamos. Sob uma ponte há uma casinha arruinada, a parede queimada por um fogo extinto.

“Deus existe.”

Eu me viro. Leu na parede, entre outras frases há uma vermelha, maciça: deus existe .

“Você acredita?”

“Em quê?”

“Que Deus está debaixo desta ponte.”

Dou de ombros, suspiro: “Parece ser um código da bandidagem...”.

Diego não acredita em Deus. Num de seus telefonemas noturnos, fez-me um discurso delirante, falou de uma grande energia que envolve o universo como uma auréola, uma espécie de chapéu fluido, as almas ruins nunca conseguem alcançá-lo, são velhas, estão emporcalhadas por demasiadas passagens terrenas, morrem quase de imediato, pulverizam-se, são novamente sugadas pelo negrume cósmico. As almas boas, inversamente, vão num jato, arrastadas para o alto. Lá se regeneram depois das labutas da vida e, quando podem, espalham pequenos movimentos benéficos por sobre a

Terra. Provavelmente naquela noite tinha fumado um baseado. Quanto a mim, sou como a maioria das pessoas, acredito em Deus de vez em quando, quando sinto medo.

Depois da ponte a margem é mais organizada, há um centro esportivo, com duas quadras de tênis e uma pequena área para as crianças, deserta, escondida entre os juncos. No rio há uma barcaça atracada.

“Aqui estamos.”

Aquele espaço é de um amigo que conheceu durante uma viagem, está fechado faz alguns meses... *traficava um pouco de fumo, meu amigo se meteu em algumas confusões*. Diz que no verão o lugar vai reabrir, mas já estamos no final de setembro, o amigo deixa usar o local como alojamento temporário, o quanto ele aguentar, enquanto não vier umidade demais do rio. Não falo nada, não consigo acreditar. A chave é de um grande cadeado enferrujado, a porta de madeira precisa de um forte empurrão. Dentro está mais escuro do que fora, os vidros estão opacos de tanta sujeira, verdes de mofo. É uma sala grande forrada com linóleo imitando assoalho. No centro, um balcão de bar sob uma luminária em forma de timão, ao fundo amontoam-se mesas, bancos e cadeiras de metal. Esfrego meus braços, já estou com frio. Diego está entusiasmado, tira os ganchos de ferro das janelas, duas pessoas numa canoa passam no rio.

“Mas você pretende realmente ficar aqui?”

“Não gostou?”

Olho uma geladeira de bar, a porta transparente, sem nada dentro, e um sofá de napa rabiscado a caneta. Diego se abaixa e lê em voz alta algumas obscenidades. Ri feito um louco.

“É um lugar de doidos...”

Está excitado, os olhos brilham animados no círculo escuro das olheiras.

“Você voltou a usar drogas?”

Não se ofende. Diz que sim, que está muito louco, louco por mim, que sou melhor que heroína, pois o efeito não passa, fica no sangue, e não me podem misturar com esticnina. Queria fazer amor imediatamente. Digo a ele para não me tocar, para ficar longe.

Aquele lugar me deixa aturdida, não sei onde ficar, é úmido, é sujo...

Ele desfaz sua bagagem, alguns livros, o toca-fitas, pouca roupa embolada entre as câmeras fotográficas. Tem um presente para mim: um frasco de molho de nozes embrulhado num par de cuecas encharcadas de azeite.

Cantarola enquanto procura um lugar para pôr suas coisas. Deixa sua roupa na prateleira dos copos. Já está descalço naquele linóleo incrustado de sujeira velha. Desce as escadas que levam ao porão, volta com um vassourão e um balde cheio de água que joga no chão. Levanto os pés, ele limpa. Fico ali afundada entre as obscenidades escritas no sofá. Penso que não vamos a parte alguma, que vai durar poucos meses, que este rapaz é um louco, um desajustado que dorme em qualquer lugar, até sentado no vaso, no banheiro de um aeroporto africano.

Estou com meu tênis branco, recém-saído da máquina de lavar, olho para ele. Penso na cara de Fabio... a cara que faria se me visse aqui. Atrás de uma cortina, há um nicho não maior do que um armário, com um daqueles fogões de chapa branca de duas bocas. Diego se enfiou ali dentro, está lidando com um velho botijão de gás, sacode-o para ver se tem algo dentro.

“Convido-a para um jantar. Vamos?”

Vou. São nove horas da noite. Insistiu que eu usasse uma roupa elegante, assim prendi a respiração para fechar o zíper de um vestido preto, apertadíssimo, de um antigo réveillon. Depois abri a boca na frente do espelho e passei batom nos lábios, embevecendo-me naquele pequeno gesto lânguido. Perguntei se queria que eu levasse algo já pronto, um pouco de salmão, uma mozzarella, respondeu que havia gás, que estava tudo sob controle. Desci para pegar o vinho. As lojas estavam fechando, entrei pela porta já meio abaixada de uma loja de roupas íntimas para comprar um par de meias novas. No táxi cruzei as pernas escuras vestidas com aquelas meias aderentes... as luzes dos carros na margem do Tibre dançavam sobre meu rosto... senti-me uma pequena fada idiota.

As quadras de tênis estão iluminadas, alguém joga uma partida noturna. Uma das balsas na outra margem está repleta de lâmpadas, tocando uma música ensurdecidora, deve ser uma festa particular, um casamento, um aniversário.

A barcaça está quase no escuro, vem uma luz fraca do interior, pulsa como a luz no ventre de um vaga-lume... parece feita de pergaminho, parece uma lanterna sobre a água. Ao redor o rio, seu rumor na escuridão, seu vapor um pouco triste, silencioso como uma laguna.

Ele sai no escuro, não vejo seu rosto, vejo apenas a mancha branca do peito, ouço o som de suas pernas leves.

“Bem-vinda.”

Estende a mão, puxa-me para si. Tem um perfume que nunca senti nele...

“O que é?”

“Espuma de banho de zimbro”, diz rindo.

Rio eu também. Estamos ambos um pouco embaraçados. É uma noite especial, festejamos nosso noivado.

Na porta fica a me observar... pede-me para andar, não tira os olhos de mim, de minhas pernas, do vestido negro decotado, do batom...

“Uau...”

Ele também está elegante à sua maneira, com calças pretas justíssimas, listradas, e no pescoço uma gravatinha fina balançando sobre uma camiseta.

“Esqueci as camisas em Gênova.”

Fica me olhando com seu rosto doce e insolente. Por sobre suas costas chega um fio de luz e um cheirinho bom de cozinha.

“Por gentileza, meu amor, entre.”

Olho ao redor, não sei o que fez naquela pocilga, arrumou as cadeiras e as mesinhas, em ordem, como um lugar à espera de clientes... em cada mesa há uma vela acesa, e no chão, aqui e ali, ilhas de copos de cerveja de onde despontam buquês de flores, como pequenos canteiros. Levanto os olhos... as fotos de nós dois em Sarajevo, de nós dois em Gênova, minha boca, meus olhos, minha barriga... penduradas com pregadores em dois fios que atravessam o barco como grinaldas. O pequeno aparelho de som está ligado... a

música sussurra, dissipa-se naquele ambiente grande demais. No fundo, ao lado da janela, há uma mesinha posta com uma toalha branca e longos copos em forma de cálice... na penumbra, até o sofá de napa parece elegante.

Ri: “Então, que tal?”.

“É a sua cara...”

Fico com vontade de chorar. Nunca ninguém fez nada parecido para mim... e jamais ninguém vai voltar a fazê-lo. Olho aquela extensão de velas e mesinhas, sorrio. “São velas para os mortos”, e ele ri também.

Traz uma bebida. Champanhe sabor pêssego. Comprou no supermercado junto com a espuma de banho, o escorredor de macarrão, o *radicchio*, as velas.

O molho de nozes está delicioso. Fez também um pequeno assado, que não deu certo pois o forno está quebrado.

Olha para mim enquanto como, aproxima o copo, quer fazer outro brinde... não sei quantos já fizemos, perdi a conta.

Pergunto se descansou um pouco. Diz que não consegue mais dormir, está feliz demais, excitado demais. Pois nossa vida está começando, e ele se sente cheio de euforia, de dinamite. Digo para se acalmar, porque me assusta... em todo caso não vai ser sempre assim. Um dia ele vai acordar e ver como eu sou, normal, até um pouco antipática.

Responde que é impossível, que me ama.

“Vamos ter muitos filhos.”

Sorrio, balanço a cabeça, digo a ele que não temos um centavo, que não podemos pensar nem em um cachorro.

“Como imagina sobreviver em Roma?”

Vai andar atrás de agências fotográficas, de casamentos. Ou vai bater na porta das velhinhas. Já fez isso em outros períodos difíceis.

“Todas precisam de um retrato para a lápide, posam de brincos. Fazem café para mim.”

Olho para ele... com aquela gravatinha pendurada no pescoço como uma trela, excitado como um cão que fugiu do dono. Parece que ainda está no colegial. Não iremos a lugar algum, afundaremos junto com esta barca.

“Mas como você consegue ser sempre tão feliz?”

“Simples, a tristeza me dá asco.”

Solta um grito: “Ahhh!”, cai estatelado no chão como se tivesse levado um tiro. Movi as pernas e ele viu aquele pedaço de carne nua acima do bordado da meia, e agora faz cena... abaixa a cabeça, exclama que quero matá-lo, que aquela visão é demais para um moribundo. Ele chega se arrastando, tira meus sapatos, massageia um pé, beija-me através do náilon da meia, sussurra que se quisermos todos aqueles filhos temos que pôr mãos à obra imediatamente, porque ele precisa de tempo, de muito tempo, e as obras serão tão demoradas quanto as do metrô de Gênova...

Estendemo-nos naquele sofazinho de napa todo rabiscado, com corações flechados, pênis ejaculando.

Mais tarde olho Diego de cima a baixo, ainda estou deitada, deu-me uma blusa dele, pois estou com frio, estou com as pernas encolhidas, os joelhos sob a lã. Ele anda descalço naquela barca que agora me parece o lugar mais lindo do universo. Tirou a mesa, largou os pratos na pia. Está nu, sobrou apenas a gravatinha, esqueceu-a no pescoço. Pela primeira vez ele me parece um homem. Quando fazemos amor, quando não falamos mais, quando sinto apenas sua alma, tenho confiança nele.

Fecho os olhos, sei que está me fotografando, que se abaixou devagarinho ao meu lado e está me roubando um olho, uma mão, um pedaço de boca, uma orelha.

Estamos quase no escuro, as velas ao redor afundaram uma a uma em suas poças moles. Agora vou embora, penso, pego minhas meias, meus sapatos. Mas continuo a olhar aquelas luzes sempre mais tênues. O tempo já não me morde a nuca, espraia-se em minha barriga, plácido. Continuo a pastar feliz, como uma cabra perdida no crepúsculo.

Voltei para a casa de meus pais de manhã cedo, para sair logo em seguida. Minha mãe me esperava com o rosto tenso, derrotado.

“Quem é esse rapaz?”

“Um cara.”

“Tem certeza que está agindo certo?”

“Não, mãe, não tenho certeza de nada.”

Eu descia aquelas escadas escorregadias por causa da umidade, entre as tílias, e encontrava Diego lá embaixo, no rio. Agora me parecia normal que ele morasse ali. A cidade no alto parecia distante... pequenos bandos de patos escuros passavam, assentados na correnteza. Quando chovia, parecia estar num submarino, os vidros se afogavam na água. Gostava de ficar ali embaixo, tinha me acostumado com aqueles barrancos de juncos, com os gritos das gaivotas. Às vezes Diego saía furtivo ao amanhecer, depois da chuva ia procurar poças. Passava horas ajoelhado fotografando um prédio, o ramo de uma árvore, os semáforos refletidos numa poça. Eu o acompanhava, desempacotava os filmes novos, guardava os usados nos bolsos. Podia ficar horas. Os carros passavam, espirravam água nele. Nem percebia, ou melhor, gostava daquela água turva, as imagens desmembradas pareciam explosões. Não levava as fotos para revelar, empilhava os rolos no balcão de bar da barça e esquecia. Às vezes eu tomava conta. Chegava na barca com aqueles envelopes amarelos da Kodak. Eu o chamava atirando uma pedra. Agradecia, espalhava as fotos pelo chão. Circulava em torno delas, afastava uma com o pé para ver a que estava escondida por baixo. Muitas vezes não reconhecia seu trabalho, de certa forma era-lhe penoso olhar. Era como se precisasse daquela distância para se manter afastado de si mesmo. Pegava duas ou três fotos e pendurava no fio com prendedores, enfiava as outras no envelope e largava-as junto com os filmes no balcão.

Éramos um daqueles casais extravagantes, em que ninguém jamais apostaria um centavo. Daqueles destinados a alguns meses maravilhosos e depois a despencar de repente, como os cachos de Diego quando chovia. Éramos tão diferentes. Ele flexível, eu sempre um pouco rígida, com olheiras, o casaquinho austero. Mas os meses passavam, estávamos sempre de mãos dadas nas ruas, nossos corpos dormiam próximos, à vontade, como dois fetos na mesma barriga.

Iniciou-se um outro ano, um outro marco. Tornou-se fotógrafo de imprensa, começou a intermitência das colaborações nos jornais.

Diego ficou na barça o inverno todo. Eu o encontrava com o nariz vermelho, sempre resfriado. Tirar a roupa naquele lugar já era

impossível, fazíamos amor dentro de um saco de dormir, eu nem tirava mais a blusa. Tinha comprado uma caixa de uísque, e começamos a beber um pouco demais, um gole atrás do outro para nos aquecer, como dois mendigos.

Depois o destino nos ajudou com aquela casa. Nós a encontramos através de uma instituição religiosa, a um preço bom. Fomos vê-la à noite, percorremos as janelas com grades... contamos no escuro, não podíamos acreditar que fossem tantas. Seis janelas grandes no segundo andar de uma bela construção em estilo umbertino. Esperamos o sujeito da imobiliária, e numa manhã de março subimos aquelas escadas pela primeira vez. O que posso dizer? Parecia realmente que aquela casa estava à nossa espera. Porque as casas também esperam seus inquilinos, sobrevivem anos longe de nós e depois abrem seus braços, portas e persianas, a um casal jovem, a dois bobos que estremecem de felicidade. E agora aquele coração me volta à lembrança. Estava ali naquele patamar, esculpido no reboco com um prego, ao lado havia uma seta indicando a porta. O porteiro nos disse que apenas um casal idoso, sem filhos, tinha morado durante décadas ali no apartamento. Quem havia gravado aquele coração? Um sobrinho? Uma criança do prédio? Um mendigo que recebera uma esmola generosa dos dois velhinhos? Não sei, não importa. Importa que aquele coração estava ali, e ali permaneceu por anos, até o momento em que reformaram o reboco, e fiquei uma fera porque naquele dia, quando os pedreiros rebocaram a parede de nosso andar, infelizmente eu não estava em casa.

Diego pegou seu talão de cheques, pagou o sinal e três meses adiantado, preenchendo o cheque em pé, apoiado à parede, com uma caneta que não escrevia. Estava com o rosto vermelho, suado.

“Você tem todo esse dinheiro?”, perguntei enquanto descíamos as escadas.

“Tomara que sim.”

Era uma casa boa, testemunha de vidas reservadas, parcimoniosas, de luzes apagadas cedo para não gastar energia. Quando ficamos sozinhos, na primeira vez que pegamos as chaves,

foi como entrar num santuário. Acariciamos as paredes, pousamos o rosto nelas, beijamo-las. Como se fossem vivas, porque aquela pintura e aqueles tijolos agora deveriam abrigar nossas vidas.

O único móvel na casa vazia era um velho piano vertical, cor de leite, próprio para senhoras, com pequenas flores na tampa. O comprador de móveis usados que esvaziou o apartamento iria voltar para pegá-lo. Diego levantou a tampa e começou a dedilhar as teclas.

Nunca tinha estudado, tocava de ouvido. O piano estava totalmente desafinado, mas me pareceu a música mais linda do mundo.

“O que é?”

“O que eu lembro, Debussy, Leonard Cohen...”

Seus ombros se moviam sob uma camiseta de algodão marrom, um pouco de sol banhava o piso. O ruído do trânsito ficava lá embaixo. Aqui em cima havia este pequeno piano cor de leite, estas mãos que lhe davam vida. As notas fluíam nos quartos vazios, batizavam nosso futuro.

Quando o comerciante voltou, fizemos negócio e por alguns trocados conseguimos ficar com o piano.

Trocamos a banheira que estava quebrada, pintamos as paredes, consertamos algumas fendas no assoalho velho. Passamos horas com o secador de cabelo secando a massa fina. Ao meio-dia refestelávamo-nos no chão, para comer um sanduíche de operário, com copa, lombo, mortadela e berinjela. Os melhores sanduíches de nossas vidas. Uma noite fizemos amor sobre jornais espalhados no chão, a tinta da impressão se soltou, grudando em nossos corpos acalorados, um pedaço de um soldado russo no Afeganistão ficou tatuado nas costas de Diego.

Dei a ele um pôster que amava, Braque em seu ateliê fotografado por Man Ray, e mandei emoldurar algumas das minhas fotos preferidas, os torcedores de Marassi, a marcha desconsolada dos pinguins árticos, uma jangada sobre o Mekong invadida pelo voo de besouros azuis, e depois fotografias de Sarajevo... aquele recém-nascido dormindo numa caixinha de madeira no hortifrúti.

A companhia telefônica instalou um telefone cinza, que ficou muito tempo no chão, num canto.

“Como vai, poeta?”

“Como vão, pombinhos?”

O vozeirão de Gojko, afetado pelo fumo, nos alcançava através daquele fio.

“Vejo que estão alegres.”

“Estamos.”

“No mundo há alguém que trabalha por vocês...”

“Quem?”

“Um poeta...”

“Manda bons pensamentos?”

“Meus pensamentos... não sei se são muito bons...”

Riu, como ria ele, na garganta que parecia um santuário ou um depósito de ferro-velho.

Compramos o sofá, forrado de algodão branco, com rodinhas para se mover, para se deslocar pelo salão. Diego assinou outro cheque, ele queria pagar tudo. Depois descobri que o dinheiro tinha acabado e que sua mãe correria ao banco para depositar sua aposentadoria de viúva de operário do porto na conta devedora do filho. Minha mãe nos trouxe, de presente, um vaso comprido de cobre para os guarda-chuvas, olhou para mim com seu rosto mirrado, quase se desculpando: “Pelo menos é algo útil...”.

Diego lhe deu dois longos beijos pegajosos no rosto.

Ela, acostumada aos ímpetos raquíticos de meu pai, ficou muito vermelha e se deixou sacudir, inerte como um fantoche.

“Mas você tem certeza que ele é maior de idade?”, sussurrou para mim.

“Não, não conferi o passaporte. Ele perdeu.”

Meu pai olhou pela janela, gostou da vista... os trilhos do bonde, as bancas do mercado amontoadas entre os plátanos, gostou até daqueles bandos de aves cagonas. Era um daqueles prédios velhos que lhe agradavam, mas ele tinha morado a vida inteira num prediozinho estilo anos 60, porque minha mãe queria chuveiro com box.

A casa ainda cheirava a tinta, minha mãe tossiu, olhou ao redor feito uma prisioneira, manteve meu pai ao seu lado, não deixou que

se aproximasse do quarto de dormir. Diego ia e vinha da cozinha, descalço, trazendo salgadinhos, pratinhos de azeitonas, de tremoço. Minha mãe o olhava como um animal selvagem, atraída e assustada. O macarrão boiava no molho, Diego tinha exagerado no tempero. Meu pai espirrou molho na camisa, minha mãe balançou a cabeça, passou a ponta de um guardanapo naquela mancha terrivelmente vermelha.

“No que você trabalha?”, perguntou a Diego.

“Sou fotógrafo.”

Ela assentiu: “Ah, sim...”.

Comeu outra garfada, depois voltou ao assunto.

“Fotógrafo de quê? De publicidade... de casamento...”

Diego sorriu, apontou o garfo com um rigatone enfiado na ponta para uma de suas fotos penduradas na parede.

“De poças d’água.”

Explodi numa risada, já tinha tomado dois copos, estava feliz, tinha coberto o assoalho, pintado as paredes. Minha mãe também tentou rir. Senti um pouco de pena, conhecia aquele esforço, aquela falta de desenvoltura.

Meu pai pôs os óculos e foi olhar as fotos de Diego penduradas na parede. Chamou minha mãe também: “Annamaria, venha ver...”.

E Annamaria foi. Ficaram assim, meus velhos, de costas, o nariz apontado para a parede... tentando encontrar nas fotos de Diego algo de mim que lhes havia escapado.

Depois minha mãe abrandou, começou a nos convidar para jantar. Agora era ela quem oferecia o rosto a Diego, esperando na porta aqueles beijos melados, de criança. Afinal eu e meu pai sempre a deixáramos um pouco só, éramos mais inteligentes do que ela, cabeças solitárias, pontilhadas de arrogantes extravagâncias. Sentia ternura por aquele rapaz magro, que falava feito uma metralhadora, que levantava o tempo todo para ajudá-la. Preparava para ele porções gigantescas.

Comprou-lhe um suéter, pôs em minha bolsa ao entrar, pois tinha vergonha de dar diretamente a ele.

“O que é, mãe?”

“Nada, um suéter... se não gostarem, deem para alguém.”

Mas Diego o vestiu imediatamente, aquele belo suéter de gola alta de lã dupla...

“Este vai durar dez anos, é a clássica peça imortal...”

Minha mãe estava com o rosto vermelho, feliz por ter acertado a cor, o tamanho... feliz que Diego fosse tão fácil, tão diferente de mim.

“Vamos para casa, amor.”

“Tchau, pai, tchau, mãe...”

Entro depressa no elevador, ele se demora olhando aquele rosto idoso.

“Tchau, rapazes, até a próxima!”

É, chamava-os de *rapazes* ...

Assim começou a planície de nossa normalidade. Temia que, mais cedo ou mais tarde, a rotina, aquele mastigar de coisas sempre iguais, também nos corromperia, e que um dia o desencanto olharia para nós através das frestas das persianas, junto com um daqueles dias de poluição e tempo fechado. Cada qual começaria a pensar em si mesmo, em seus próprios problemas, desvinculado do outro. Sobre nós também desceria aquele véu opaco que recobre os casais depois de algum tempo, quando a ilusão se desfaz e, com ela, a benévola cegueira que ofusca os defeitos do outro. É assim que acontece, assim aconteceu com meus pais. Meu pai ficava feliz em sair de casa de manhã e minha mãe também tomava fôlego, respirava feliz o odor de sua solidão. E no entanto se queriam bem e se respeitavam.

Mas nós fazíamos parte de um outro mundo, talvez mais ousado, certamente mais promíscuo. Éramos de têmpera quebradiça, filhos da complacência, daquele bem-estar desfraldado como a única conquista necessária.

Perdera de vista muitos de meus velhos amigos, depois do rompimento com Fabio eles tinham se retraído como lã que encolhe. Os poucos casais na faixa dos trinta que às vezes frequentávamos eram deprimentes. Em poucos anos tinham se rendido, se enfraquecido... nos restaurantes, nos provadores das lojas, nos vestiários das academias falavam em voz alta de dinheiro e sexo.

Não diziam *fazer amor* , diziam *tregar* , escancaravam sua vida íntima. O pudor parecia ter sumido, devorado pela ironia.

Diego aceitava aquelas reuniões deprimentes para as quais eu o arrastava de vez em quando.

“Não podemos nos isolar”, dizia a ele.

Ele ficava num canto, enchia um copo de vinho. Não participava das discussões, pois não tinha nada a dizer. Mas nunca era hostil. O que tinham a ver com ele aqueles jovens arrivistas que já traziam no rosto o esgar de seu final um pouco sórdido? Carne que se maceraria docilmente na salmoura de seu bem-estar, quase sem perceber, sem perceber mais nada nem ninguém. Na época, pareciam ser meus amigos. Depois, com os anos, iriam se mostrar como eram: nadavam conforme a maré. Alguns revê na televisão, com óculos da moda, meias listradas, transgressivos debaixo de uma roupa negra e austera. Uma no cravo, outra na ferradura, pecado e água benta. Bolsos cheios, apartamentos de luxo, longos sofás para acomodar a todos.

Eu arrastava Diego para aquele mundo que me parecia mais sofisticado do que o meu, um porto a ser alcançado. Eu era filha de um professor de escola técnica, desses que entravam na classe com uma serrinha e lâminas de compensado. Eu cheirava a livros e honestidade. Ria das piadas, participava de jogos que me pareciam intelectuais, adivinhar a frase de abertura de um livro, o pensamento de um filósofo, fazer mímica dos filmes mais desconhecidos.

Depois, uma noite, eu o vi de pé, ao lado de uma janela, a mais distante do burburinho do sofá. Estava olhando a rua, chovia.

“No que você está pensando?”, perguntei.

“Em meu pai.”

“Em seu pai?”

“Está chovendo. Quando chove, penso em Gênova, em meu pai que caminhava com sua capa sob a chuva.”

Eu estava distraída, com um dos ouvidos atento ao pessoal no sofá, ao jogo que prosseguia. Voltei para os meus amigos, incentivada pelos companheiros de equipe, pois eu sabia a resposta. Era até fácil demais, era a frase inicial de um livro que estava na

moda naquele ano. A nuvem de Chernobyl pairava sobre a Europa, um amigo meu nutricionista estava fazendo a lista dos alimentos mais contaminados, não se podia confiar sequer no pão.

Diego continuava ali, olhava a chuva. Então lembrei que seu pai tinha morrido numa noite de chuva torrencial, o contêiner se soltara do cabo de aço.

Voltei até ele, coloquei uma mão em seu ombro. Fiquei ali ao lado, em silêncio. E em silêncio ouvi o som de seu coração... seus passos quando criança. Tinha ocorrido com a mãe, o pai jazia numa poça d'água manchada de sangue.

Aquela foi a primeira foto que imaginei , tinha me dito naquele dia, um ano antes, em Gênova. A primeira poça d'água ... aquela que está sempre comigo no fundo de cada rolo de filme .

Fomos embora mesmo chovendo, mesmo sendo cedo.

“Vamos.”

“Tem certeza?”

“Estou cansada.”

Tomamos um banho na moto. Voltamos para casa encharcados. Fizemos amor no chão, sobre a poça de nossas roupas molhadas. Fizemos amor sobre aquela fotografia jamais tirada, sobre aquele pai morto, ensopado de chuva, achatado como uma arraia. Disse-me *obrigado* . Levantei sua cabeça, passei a língua em seus olhos, lambi as lágrimas.

“Quero um filho”, disse a ele, “um filho como você, como você é... quero lhe devolver um pai... quero lhe devolver tudo, meu amor. Toda a chuva...”

Então não se conteve, começou a soluçar de joelhos como naquele dia, como um fedelho sujo, desesperado, sob o aguaceiro que matou seu pai.

Numa manhã de julho, abafadíssima, fomos ao centro de acolhimento onde haviam chegado as primeiras crianças vindas de Chernobyl. Eu fui como sua assistente, carregava as câmeras. Fiquei encantada olhando para ele. Eu estava tensa, estrangida entre aquelas crianças indelevelmente marcadas... tinha medo das radiações, pareciam-me fosforescentes como aqueles bonecos que se

acendem no escuro. Andava circunspecta, um pouco afastada. Diego, pelo contrário, pegava as crianças no colo, soltava alguma palavra em russo. Não tinha intenção de fotografá-las a qualquer custo. Depois das primeiras fotos, largou a câmera e começou a brincar. Entendi que nunca ganharia um centavo como repórter fotográfico, não tinha aquele olho que fica colado na câmera, mórbido e cego. Vi-o renunciar às melhores fotos por outras que simplesmente divertiam as crianças. Chegou a pôr a máquina no pescoço de uma delas e deixou que estragasse todo o filme. Voltamos com um material medíocre, invendável. Sobrevivíamos com meu salário, não podíamos pensar num filho. Não lhe disse nada, continuei a tomar a pílula.

Todos os dias, mesmo nos piores, Diego se levantava cheio de energia e me agradecia por ainda estar ali com ele. Era como viver com um gato, daqueles que andam junto com a gente pela casa e, assim que podem, saltam sobre você e te lambem com a linguinha áspera. Ele ficava na câmara escura até tarde da noite, saía com os olhos vermelhos, as mãos gastas. De manhã eu tomava cuidado para não fazer barulho, abria as portas do armário prendendo a respiração. Mas ele queria ficar perto de mim, preparava o café, escrevia pequenas mensagens que enfiava nos bolsos de meu casaco. Eu tinha dificuldade em deixá-lo ali na cozinha, preso à janela. Depois de tirar a corrente da vespa, virava-me para um último aceno. Não almoçava, não fazia nada sem mim, às vezes saía. Vagava, tentando vender algumas daquelas fotos que ninguém queria. Caminhava confiante com sua bolsa a tiracolo, com suas pernas esqueléticas, naquela cidade que não era sua, e jamais se sentia deprimido.

Existem coisas. Pequenas coisas que não esquecerei, ninharias que no entanto permanecem com mais força do que todo o resto. São as escadas do prédio de nossa primeira casa, aquelas curvas de mármore escamado em branco e preto, aqueles patamares... o

corrimão onde me segurava quando corria. Voltava com a bolsa escorregando do ombro, com o cachecol pendendo até os degraus, os pacotes das compras. Nem esperava o elevador, subia pelas escadas correndo, respirando fundo. Ainda de casaco, começava a cozinhar, esvaziava os pacotes na mesa, tirava os jogos americanos, os cálices, queria que cada noite fosse um brinde.

Eu tinha conseguido um emprego de redatora numa pequena revista científica mensal. Éramos apenas cinco, eu fazia um pouco de tudo, traduzia artigos do inglês, cuidava da paginação, do arquivo, passava horas ao telefone para conseguir assinaturas anuais, falava com professores, diretores, agentes culturais, secretários de instituições públicas e empresas privadas. Era um contrato temporário, todo mês a revista corria o risco de fechar. Eu me matava por uns trocados, e com poucas perspectivas para o futuro. Não me importava muito com a medicina molecular, os campos vetoriais radiais, as energias submarinas e a teoria ondulatória da luz, mas não me desagradava o mundinho à parte daquela pequena revista. Gostava da redação, no centro, só uma sala nos porões de um prédio histórico, onde antigamente ficavam os estábulos e de cujo chão de argila ainda saía salitre, enquanto os arcos do subterrâneo tinham até mesmo as reentrâncias das garupas dos cavalos. Gostava das prateleiras de ferro com os classificadores, a chaleira num canto, a cestinha com os sachês de chá, as conversas em pé com os colegas e aquelas xícaras ferventes na mão.

Algumas vezes Diego vinha me buscar. Batia nos vidros daquelas janelas baixas, próximas ao asfalto. Descia a escadinha, olhava pela porta com seu rosto alegre e pálido, aqueles olhos salientes e aquele sorriso grande demais que lhe rasgava as faces magras. Era inverno, ainda usava seu gorro de lã. Sua cabeça, encerrada naquela calota de lã escura, parecia ainda menor.

“Como você é bonita...”

Eu não era bonita, era normal... tinha as olheiras daquele dia, o cheirinho rançoso do escritório, a voz rouca pelas horas passadas dentro daquele ambiente fechado. Meu corpo inserido na cidade era um corpo qualquer, cheio de roupas e pensamentos. Íamos para casa abraçados, por entre as vitrines que apagavam as luzes e as pessoas

que andavam depressa nas calçadas. Bastava me estreitar junto a seus ossos para me sentir em paz.

Roma era repleta de lojas, restaurantes sempre cheios, carros em fila dupla, motoristas esperando na frente das portas giratórias dos grandes hotéis do centro, turistas de luxo, políticos, mulheres com longos casacos de pele naquele clima ameno. Caminhávamos ao lado daquele conforto demasiado ostensivo. Parecia que havia lugar para todos... mas era verdade? As pessoas avançavam nas areias movediças daquela ilusão. Às vezes eu pensava em Gojko, em seu casaco de couro duro como papelão, sentia falta de Sarajevo, toda aquela gente humilde, cheia de dignidade... o gosto da pita, o cheiro das pequenas lareiras onde ardia a resina das árvores.

Então Gojko veio nos visitar. Gostou da casa, gostou das duas garrafas que bebemos. Diego estava com uma gravata fina, de lãzinha áspera. Gojko riu daquela gravata. Talvez lhe parecêssemos um pouco poeirentos, esperava que tivéssemos uma vida mais cintilante, observou-me enquanto eu vestia o avental para lavar os pratos. Ele também parecia ter crescido, achamos que estava mais taciturno, mais preso no pântano da vida. Não vendia mais ioiôs nem Levi's falsificados. Comentava poesias na rádio, era colaborador fixo de uma revista cultural, e só nos fins de semana continuava a ser guia turístico. Dormiu no único leito adicional que tínhamos, numa poltrona-cama velha, num quarto sem nenhum outro móvel.

Uma noite tirou da carteira um recorte de jornal que tinha guardado com raiva, como um prego. Traduziu algumas passagens. Era um artigo escrito por um amigo seu de Belgrado, também poeta. Desenterravam-se mortos de seis séculos atrás, batalhas contra os turcos, com um espírito épico guerreiro que, no final das contas, despertava risos.

Diego o observava. Nosso mundo agora era um ventre flácido, desprovido de marcas, que se movia num presente voraz. Mas ele tinha sido da torcida do Marassi e talvez intuísse naquelas palavras delirantes, que tresvariavam sobre etnias, identidades, feridas vivas, o código primitivo que pertence a todos os fanáticos.

“Está preocupado?”

Gojko havia dado de ombros.

“Não... porcaria, merda fascista.”

Tinha amassado o artigo de seu amigo e pusera fogo nele; acendera um cigarro com aquele pequeno incêndio.

Diego ficou amigo do dono de uma galeria, e assim finalmente conseguiu expor suas fotos dos torcedores. Mesmo nas arquibancadas dos estádios eu percebia que sempre buscara flagrar a solidão, de uma nuca, de um par de orelhas vermelhas, de um sapatinho brandido como um machado. As fotos do estádio estavam entre seus trabalhos mais bonitos, em branco e preto, granuladas... bocas que pareciam cavernas, olhos que pareciam planetas, luas vistas de perto.

A exposição foi boa, da galeria migrou para as salas de um colégio, depois para outro. Diego também conseguiu vender algumas fotos.

Gastou tudo. Voltou para casa com uma trufa branca que ralou sobre meu prato como um garçom.

As imagens dos pés esperando o metrô, pelo contrário, ninguém quis. Diego tinha ficado lá embaixo três dias, tirara uma infinidade de fotos de pessoas à espera dos trens e depois montou uma ao lado da outra. Era um campo de vida urbana, uma longa horta de solidões. Os pés magros da manhã até os pés cansados e empoeirados da noite. Foi ideia minha pendurá-las em casa. Encheram nosso corredor, deram a volta em nossa sala de estar, chegaram até a cozinha... uma longa fila de sapatos de gente desconhecida que nos fazia companhia.

Ele tinha pavor que eu pudesse me cansar de sua presença constante, da necessidade física que tinha de mim, de me tocar o tempo todo como um menino. Mesmo de noite dormia colado em minhas costas, eu acordava suada, sua saliva em meus cabelos. Esperava o dia em que ele começasse a se retirar naturalmente para

seu lado da cama. Mas não, se ele se distanciava, era por engano, ou quando eu o afastava nas noites mormacentas. Assim que percebia, mesmo durante o sono, voltava para junto de mim. Punha-se de atravessado, a cabeça em minha barriga como uma criança na cama dos pais, feliz com aquele travesseiro macio. De vez em quando eu lhe dava um pontapé. Tinham se passado três anos.

Vieram tempos duros. Diego começou a procurar pequenos serviços ocasionais. Por algum tempo foi balconista numa loja de eletrônicos. Depois começou a circular fotografando turistas na Piazza di Spagna, na Fontana di Trevi, tirava as fotos e corria para revelá-las numa lojinha ao lado. Muitas vezes os turistas não esperavam, iam embora antes que ele voltasse. Vinha para casa com os bolsos cheios de fotos de gente desconhecida e sorridente. Espalhava-as sobre a mesa da cozinha para me mostrar, ria, contava alguma bobagem que lhe acontecera. Eu me perguntava se, no fundo, não começava a se depositar um pouco de tristeza naquela vitalidade.

“Por que não sai pelo mundo?”, dizia a ele. “Volte a fazer uma daquelas suas viagens.”

“Sou o homem mais feliz da terra.”

Veza por outra, meu pai tentava me dar um pouco de dinheiro, mas eu recusava, obstinadamente. Ele também tinha comprado uma Nikon, pedia a Diego conselhos sobre as lentes, sobre a luz. E Diego criou o hábito de levá-lo consigo de vez em quando. Meu pai trabalhava de assistente, trocava os filmes, numerava os usados. Nas horas mortas vinha até nossa casa. Nunca incomodava, instalava-se num canto e não pedia sequer um copo d’água. Meu pai ajudou a pôr um pouco de ordem. Jogou os refugos, comprou fichas e catalogou todos os trabalhos de Diego, recolheu os negativos amontoados em desordem e levou-os para revelar as provas. Passou dias e dias com a lente de aumento para separar as melhores tomadas.

Foi graças a meu pai que Diego finalmente encontrou uma agência. Envergou um belo paletó de tweed, pegou o trem e desceu em Milão com uma pasta de fotos debaixo do braço. Convenceu

uma mulher mais ou menos de sua idade, toda vestida de preto e com os cabelos curtíssimos, cor de gelo, a cuidar de Diego, a encerrar aquele talento dentro de um contrato.

Diego não parecia contente, lia e relia as cláusulas do contrato procurando uma desculpa para não assinar. Depois pegou a caneta e rabiscou seu nome, porque era um bom contrato, porque meu pai tinha se postado à sua frente com os braços cruzados, como um delegado de polícia.

“Assine!”

E assim ele aceitou seu primeiro trabalho de verdade, pago regularmente. Fotografou uma nova linha de sapatos para um showroom no centro. Sandálias que pareciam coturnos, com laços prateados repletos de cristais, que Diego enfiou nos pés sofridos de uma bailarina da escola de Pina Bausch. Fê-la dançar totalmente nua com as sandálias nos pés numa fábrica abandonada, entre vidros quebrados e mato crescido, rolou pelo chão ao lado daquele corpo dramático que voava por cima dele como um pássaro moribundo. O contraste entre aquela figura esquelética, o arco das costelas lançado para trás, uma perna dobrada como uma pata, e aquelas sandálias barrocas era desnorteante. Eram fotos de aparência indefinida, fora de foco, deformadas pela grande-angular, manchas em movimento, como se tivesse sido jogado um balde de água sobre as imagens. O objeto anunciado mal se via, vislumbrava-se uma tira desamarrada, uma sola metálica. No entanto, o luxo maltratado daquelas sandálias, arremessado na sujeira daquele galpão, na nudez daquele corpo sofrido, tinha algo de chocante que agradou ao jovem fabricante de sapatos.

As fotos foram expostas numa longa galeria do showroom, uma atrás da outra, como fotogramas de um único salto. Diego recebeu um belo cheque e um par de sandálias impossíveis de presentear.

Ele me convidou para jantar num restaurante com duas estrelas no guia Michelin. Pus meu vestido preto. Ele havia comprado no brechó da via Sannio um smoking americano estilo anos 40, dois números maior do que ele. Tinha dobrado os punhos, um pedaço do forro saía para fora. Sentamos naquele restaurante como um casal régio, comemos merdinhas de luxo, pudins salgados, carne recheada com sorvete. Brindamos a tudo.

O que lembro daquele dia?

O que lembro daquele dia? Chovera a noite toda, pancadas violentas tinham atingido os vidros das janelas, os trovões nos acordaram diversas vezes. De manhã a cidade estava ensopada, o céu era uma chapa cinza, pesada.

“Vai fotografar alguma poça d’água?”, tinha perguntado a Diego, que saía de casa. Sacudira a cabeça, teria de renunciar àquela festa de água, estava com um trabalho para entregar, passaria quase o dia todo fechado na câmara escura. Meu pai já tinha chegado, trouxera alguns kiwis, começara a descascá-los na cozinha. Aquelas frutas peludas como macacos por fora e verdíssimas por dentro eram novidade recente. Meu pai havia dito que eram um concentrado de vitamina C e insistia que nos dariam energia.

Vomitei o kiwi na cesta de papéis ao lado de minha cadeira, um coágulo verde como fel inchou minha boca.

No intervalo saí, estava me sentindo melhor, tinha parado de chover. Não tinha fome, entrei numa loja de discos, queria dar um presente a Diego, uma coletânea antiga dos Doors que ele gostava. No caixa percebi que só tinha dinheiro para o álbum. Foi ali que decidi, e não sei por quê. Esperava enquanto as pessoas à minha frente pagavam, fiquei inquieta, do casaco estofado subiu um bafo de calor que me queimou as faces. Um cotovelo tinha esbarrado em meu seio por engano... eu me protegi com as duas mãos. Se levasse

o disco dos Doors, não poderia comprar mais nada. Ainda não sabia exatamente o que estava imaginando, a ideia se formava naquele momento, uma sensação que subia das profundezas do corpo. Observava os cartazes pendurados na parede sobre o caixa, o de Joan Baez ao lado do de Jimi Hendrix numa nuvem de fumaça... larguei o disco dos Doors e saí. Dei alguns passos e entrei numa farmácia. Esperei que o cliente da frente fosse embora e fiz meu pedido depressa, num sussurro permeado de rouquidão.

Um teste de gravidez, por favor .

A farmacêutica voltou com sua cruzinha vermelha e dourada presa ao avental e uma embalagem alongada, azul-claro. Meu dinheiro caiu no chão, abaixei para pegá-lo... sorri sem alegria, desesperada.

Desesperada que pudesse não ser verdade.

Fui até um MacDonald's qualquer. O mais próximo possível. Fiz o teste no banheiro, costas contra a porta. Li as instruções naquele escuro dali. Coloquei o bastonete sob o jato, fiquei esperando.

Vi a urina que se espalhava na cavidade no centro do bastonete... lá fora toda aquela chuva. Estava chovendo fazia dois dias. As fundações da cidade estavam embebidas de água.

A faixa de confirmação apareceu ao lado da outra, antes claríssima, depois de um azul mais nítido. Estava grávida.

Fizemos amor sem nenhuma precaução por mais de um ano e ainda não havia acontecido. Eu estava com quase trinta e quatro anos. Todo dia descobria em mim pequenos vestígios do tempo que passava. Prendia os cabelos, me maquiava, ainda era bonita, talvez mais do que quando mocinha, mas avançava hesitante, ousada e palpitante. E era aquela incerteza que me fazia mais humana. Poucos meses antes, num dia qualquer, no espelho do elevador, eu vira os mil caminhos que as pequenas rugas levemente visíveis iam tomando, como bigodes, como ondas caprichosas, transformando minhas feições. E entendi que o epicentro da explosão é um tormento que vem de dentro e por dentro nos corrói. Dali partem as rachaduras, como um vidro que se estilhaça e continua em pé. Não envelhecemos dia a dia, envelhecemos de repente, num nó amargo.

Uma centelha gasta que nos ofusca, que nos mancha... espalha amargura por nosso rosto.

Aquele desejo contido, inconfessado, dissolve-se quando olho a pequena faixa azul no bastonete branco. Agora o tempo podia cair sobre mim, envelhecer-me, porque o epicentro de onde se iniciara aquela velhice não seria um pesar, mas um dom... e então tudo seria aprazível. Seria um rosto de mãe, o meu, que os anos enrugariam pelo lado bom da fecundidade, do amor que passa e se aninha num testemunho.

Tampeei o bastonete e coloquei-o no bolso. Saí ao ar livre e realmente olhei para o céu, era uma poça sombria ainda repleta de umidade, de nuvens baixas e escuras como uma fumaça densa. Parei num telefone público para ligar para Diego.

“E aí? O que você está fazendo?”

Ele me disse que precisava sair, tinha um encontro marcado com um dono de galeria para um trabalho. Ouviu o ruído do trânsito, perguntou-me por que eu não estava na redação.

“Estava com vontade de andar um pouco...”

“Ainda está chovendo?”

“Não...”

Resolvi não dizer nada, não pelo telefone... no meio daquele trânsito que zumbia. Esperaria chegar em casa, quando poderíamos nos abraçar e nos emocionar na santa paz, ao abrigo de tudo. Voltei para a redação, não fiz nada, fingi trabalhar, fiquei ali olhando a tela do computador. Não tinha condições de me concentrar em nada.

Diego estava descalço, tocava piano. Virei a chave e o encontrei ali, as mãos longas para fora de seu pulôver esfarrapado.

Eis a música! Eis aquele breve concerto de amor que naqueles anos sempre se renovara... nota após nota, incessantes, que se quebravam contra aquelas paredes, no tambor de ressonância daquela casa modesta. Afundei lentamente na poltrona a suas costas e fiquei ouvindo, até que ele parou para enfiar um dedo no nariz, como um menino.

Continuei a sinfonia, assobiando, eu que sou desafinada. Ele se virou.

“Amor... você está aqui...”

Estávamos cansados. Fazia meses que estávamos cansados, assediados pelas miudezas do cotidiano, por aquele ir e vir da casa, naquela cidade cada vez mais despótica.

Aproximei-me dele.

Ficou me olhando, talvez percebesse aquele esconderijo de pensamentos densos.

Entreguei-lhe o bastonete do teste.

Pegue, pai, eis a primeira foto de seu filho . E desculpe se não foi você que tirou .

Tirou o pulôver, arrancou-o do corpo... arrancava aquela dor remota para se encher de alegria. Começou a percorrer a casa com o tronco nu, a bater no peito como um chimpanzé vitorioso. Tornou-se petulante como um marido... eu tinha de me cuidar, de me resguardar. Por que não tinha lhe telefonado? Iria me buscar, eu tinha sido imprudente em andar de vespa com todos aqueles buracos! Foi até a cozinha, voltou com uma garrafa de vinho tinto e dois copos. Eu não estava com vontade de beber álcool, tomei só um golinho. Continuei a olhá-lo enquanto se embriagava. Depois pegou a garrafa vazia e começou a embalá-la com um recém-nascido.

“Pietro”, disse. Pietro... Era o nome que sempre imaginamos para um filho.

“E se for menina?”

“Pietra.”

Ri, cansada, exausta com aquela alegria que iluminava tudo. Era uma noite calma... uma simples noite urbana num apartamento, os aquecedores estavam ligados, Diego cheirava a vinho.

Disse que queria tomar um banho, abri a torneira. Fiquei tocando a água que enchia a banheira. O bastonete na outra mão.

“Tem certeza que esse negócio funciona?”

Liguei para minha ginecologista. Disse-me para ir tirar uma amostra na manhã seguinte, para verificar a quantidade de Beta hcg presente no sangue.

Diego entrou na banheira junto comigo, fez transbordar a água, encolheu as pernas.

“Não me quer?”

“Claro que sim.”

Tínhamos apagado a luz, uma vela pingava na borda da banheira, ao lado do sabonete. Ficamos ali naquela leve espuma evanescente, naquela luz suave que apagava os contornos daquela banheira comum, daqueles pequenos azulejos de corte adiamantado... imersos num bem-estar total. A vida havia nos arrastado suavemente até ali. Era o dique para onde tudo confluía, aquela poça calma, que estagnava em nossos corpos, em nossos pequenos movimentos submersos. Procuramos as mãos, enlaçamos os dedos, como aquelas células lá embaixo que se abraçavam, juntavam-se indefesas.

“Já sinto amor por ele...”

Afundou na água, voltou a subir. Os cachos molhados, colados na cabeça miúda, e aquelas orelhas grandes e chatas como arraias.

Eu tinha certeza que se pareceria com ele.

Adormecemos, aquecidos por aquele banho. Afundamos sob as cobertas, ainda meio molhados. Acordei com a música, era Diego ao piano.

Pensei na galeria de fotos penduradas nas paredes... todos aqueles pés desconhecidos. Agora me pareciam em marcha, vinham até nós pelo corredor ainda imerso na escuridão. Imaginava-os jogando fora sapatos, botas, tristezas, e começando a dançar ao som daquelas notas para festejar conosco.

Senti o cheiro de café. Diego estava na cozinha, alcancei a mão dele, o tórax. Vestimo-nos e saímos, impelidos pela vontade de aproveitar aquele silêncio, aquela noite que se dilatava como uma longa vigília.

A aurora emergiu da escuridão com seu azul, a noite se recolheu. O bar levantou sua porta de enrolar. O pessoal do mercado começou a se movimentar ao redor das bancas. Parecia férias, uma excursão. Aguardávamos o horário de abertura do laboratório, entramos no bar, esperamos a máquina do café esquentar um pouco.

Ergui a manga da blusa, amarraram a borrachinha em meu braço, desviei os olhos para não ver a seringa que sugava o sangue.

As primeiras mulheres percorriam as bancas do mercado com seus carrinhos de compras. Caminhávamos abraçados com aquele

segredo que nutríamos por dentro.

“Vamos comprar alguma coisa? Um pouco de brócolis?”

Era uma bela caixa verde, de maços recém-colhidos, úmidos de orvalho.

“Sim, vamos levar os brócolis...”

E também algumas bananas... e um maço de rabanetes.

Trancamo-nos em casa. Na hora do almoço Diego despejou os brócolis na panela, comemos direto dali, eu com um garfo, ele com outro, mergulhando pedaços de pão que ficavam imediatamente verdes.

Depois Diego voltou ao laboratório de análises para pegar os resultados.

Eu o esperava na janela, de calcinhas e com um pulôver seu. Ele olhou para cima, sacudiu o envelope com o resultado. Sorriu com sua boca cheia de dentes jovens.

Telefonei à minha ginecologista. Ela me disse que estava tudo em ordem, o nível de hcg ainda estava um pouco baixo, mas dentro do normal, visto que a gravidez ainda estava no início.

Transcorreram-se dias de plena paz. Diego me ligava o tempo todo na redação, queria saber como estava, se tinha comido, se muita gente fumava naquela sala. Eu persistia em meus hábitos, andava de vespa, comia em pé nas lanchonetes.

Diego colava a orelha em minha barriga. Só a orelha, pois não queria fazer peso com a cabeça. Ficava ali, naquela posição reclinada, um pouco incômoda, ouvindo, com um ar sonhador, quase imbecil.

Quando contamos para meus pais, não conseguiram emitir uma única palavra. Vi seus olhos mudarem, tornarem-se dóceis e ternos... instintivamente meu pai procurou a mão de minha mãe. Fazia anos que eu não via aquele gesto. Depois minha mãe disse: “Pensávamos que vocês não quisessem... que você, Gemma, não quisesse...”.

“E por quê?”

“Porque eu era... assim... apreensiva demais.”

Meu pai parou de fumar, começou a correr de manhã. Apresentava-se a caráter para pegar Diego, que o acompanhava fraco, sonolento, com um par de tênis velhos que nem tinham cadarços.

Parecia-me um verdadeiro milagre... acolher aquela borrasca de células na quietude de meu corpo. Era como ter engolido o mundo inteiro. De súbito comecei a andar devagar, imersa numa frágil floresta pantanosa, onde a vida se ramificava submersa, como raízes albinas no silêncio de um pântano. Na redação sentia-me incomodada com os barulhos, os telefones tocando o tempo todo, os colegas que de repente me pareciam falar alto demais, todos muito agitados. Ficava quieta em meu lugar, afundada atrás de uma trincheira de pastas de documentos e papeladas. Parada na cisão que se criara entre mim e o mundo ao redor, como uma pequena toupeira recolhida à sua toca subterrânea. Quando Diego vinha me buscar, eu me agarrava a seu corpo magro. Ele me dava a mão, mantinha-a no calor de seu bolso. Parávamos para olhar as vitrines de uma loja de bebês. Eu ficava curiosa, aturdida e agitada, examinava aquele mundo de miudezas que me era desconhecido. Mas então queria ir embora, subia-me uma estranha inquietação. Diego me levava até a vitrine de uma rotisserie cheia de bolinhos de arroz refogados no azeite...

“Vamos comer um bolinho de arroz?”

Eu dava duas mordidas e já sentia o estômago revirado, ele comia por mim, a boca estufada de arroz, de felicidade.

Foi o tempo branco da espera, dos sonhos que se prolongam numa longa vigília. Se eu fechava os olhos, via aqueles círculos evanescentes que se veem ao sol, quando os raios pesam nas pálpebras, e desce um cansaço solene, de ócio de verão.

Depois veio a serpente. Atravessou o branco com seu manto escamado, deixando atrás de si o halo viscoso daquela passagem.

Um dia entramos num parque. Os pés de Diego ao lado dos meus sobre a folhagem vermelha, no alto o céu manchado de ramos, ao redor aquele cheiro de vegetação e urina de cachorro. Estava um dia lindo. A serpente só eu a vi, uma inofensiva cobra de rio, passou

por cima de meu sapato. Era realmente estranho que estivesse ali, naquele parque urbano, repleto de focinhos de cachorro. Foi um rápido instante, deixou a terra da viela para se infiltrar no verde, sob os arbustos.

“Você viu?”

Não, ele não a tinha visto. Inclinou-se sobre o arbusto, pegou um pedaço de madeira e remexeu entre aqueles ramos, mas nada, a serpente não estava mais lá. Deixamo-la para trás, aquela serpente, eu fingi não pensar a respeito.

Era a primeira ultrassonografia, estávamos no escuro da saleta daquele ambulatório. O gel na barriga era frio, tinha a consistência de um rasto desagradável. O médico movia seu instrumento, fazendo-o deslizar naquela coisa pegajosa. Pensei novamente na serpente. Naquele serzinho asqueroso que tinha resvalado no meu pé. O rosto do médico estava impassível. Empurrava o instrumento para baixo, bem perto de meus pelos. O embrião estava ali, um pontinho negro no magma do útero, mas o batimento não... faltava aquela intermitência branca. Aquele som como um cavalo a galope mencionado no livro. O médico olhou para mim, perguntou se eu queria fazer uma ultrassonografia transvaginal. Concordei sem saber o que exatamente estava autorizando. Queria só uma coisa, queria ouvir o coração. Diego estava ali... seus olhos de íbex à espera, presos ao monitor, à boca ressecada do médico. A sonda entrou em meu corpo, escavou. Saiu com sua luvinha de celofane e seu gel, saiu como um mero instrumento médico, de esgotamento, de tortura.

Não havia batimento.

“Talvez ainda seja cedo”, disse o médico. “Talvez tenham se enganado, a gravidez deve ter se iniciado mais tarde do que imaginam.” Preencheu a ficha, disse-nos para repetir o exame depois de uma semana, mandou entrar a outra mulher à espera... uma mulher com um barriga de pelo menos sete meses.

Entramos num bar. Pedimos dois chás, dois pedacinhos de papel para fora de um bule de metal. Havia um cheiro de chapa usada, de gordura fria. E uma balbúrdia de rapazes festejando alguma coisa... Diego estampava um sorriso para me consolar, mas não conseguia consolar nem a si mesmo. Um lampejo amargo lhe perpassava os olhos bondosos. Segurava minha mão na mesa suja, cobria-a com a sua, como uma cortina, como se quisesse sufocar todos os meus pensamentos.

“A serpente”, disse ele. “Aquele merda de serpente...”

Engolimos aquele chá ruim, feito com a água da máquina de café, tendo no fundo um gosto químico de detergente. Diego se levantou, voltou mordiscando um biscoitinho com geleia, o queixo manchado de açúcar de confeitaria. Fez-me cócegas, pôs aquele doce na minha boca, disse para morder, para comer.

“Está tudo bem, você vai ver.”

Repetimos o exame do hcg no dia seguinte. Furaram meu braço. Olhei para o outro lado, para a parede, para o frasco de álcool no carrinho metálico ao lado dos chumaços de algodão. Saímos do ambulatório. Havia gente discutindo, gente pobre que cheirava a ônibus lotado, gente com a senha na mão, bocas transbordando amargura. Entramos num bar melhor. Comemos em pé ao lado do balcão. Entrou um sujeito, forte, falante. Conhecia Diego, era um publicitário, um dos que lhe forneciam trabalho. Abraçou-o, começou a lhe falar, de pronto, sobre um projeto. Era um pouco espaçoso, barulhento, esganiçando vida. Parecíamos dois lêmures... dois pobres fantasmas pousados na terra por engano. Vi Diego rir exagerado, para criar coragem. Apresentou-me, estendi minha mãozinha ossuda. Voltamos para casa. Mais tarde Diego desceu para pegar os resultados dos exames. Pela janela eu o vi voltar... atravessava a rua do mercado entre as bancas que estavam desmontando. O rosto tenso, aquele envelope na mão. Abrimos juntos no sofá. Liguei para a ginecologista. O nível de hcg estava baixo demais.

Perdi o bebê dois dias depois. Estava na redação, senti aquele jorro entre as pernas, levantei apavorada. Tirei a meia-calça e o resto

naquele banheiro minúsculo com as prateleiras abarrotadas de resmas de papel e caixas de canetas. Ali estava aquele pequeno pântano de sangue e coágulos que continuavam a escorrer... usei como absorvente as toalhinhas de enxugar as mãos... mantive-me de pé... alucinada, atordoada. Enquanto isso eu me observava naquele pedaço de espelho pendurado na parede. Estava assustada e lúcida como um assassino recém-batizado como tal por um roubo repentino, por uma circunstância infeliz... tentava limpar as provas, escorria uma água rosada na pia, no bidê.

Pus um maço de toalhinhas de papel entre as pernas, apoiei-me à porta esperando a hemorragia parar. O sangue atravessou o papel num instante, removi aquele fardo mole de um vermelho incrivelmente vivo e coloquei mais papel. Nunca tinha visto tanto sangue em minha vida.

“Venha me buscar.”

“Aconteceu alguma coisa?”

“Venha me buscar...”

Esperei por ele do lado de fora, sentada no degrau que era o lugar daquele mendigo que sempre fazia ponto ali e que agora já tinha ido embora. Diego chegou correndo, ouvi seus passos como socos na calçada. Atirei-me sobre ele com a boca aberta. Afoguei-me em seu casaco...

Perdi. Perdi. Perdi.

No hospital encontramos um clima tranquilo, enfermeiros que fumavam colados a um rádio que transmitia um jogo da Copa, uma luz quente... um edifício antigo do centro. Escadarias largas de mármore escurecidas pelos passos. Faltava pouco para o Natal, as pessoas estavam comprando presentes, até o hospital parecia semideserto. Eu não chorava mais, gotejava como um céu cansado.

Fui atendida, fizeram-me uma ultrassonografia. Passaram um grande pedaço de papel para limpar o gel da barriga. O médico de plantão sorriu. Era um homem robusto, com uma voz calorosa de vendedor ambulante.

Ele me disse que tive sorte, que a hemorragia me salvara de uma curetagem. Quanto ao resto... não se tratava sequer de um

verdadeiro aborto.

“São óvulos cegos”, disse ele, “o corpo se livra deles naturalmente.”

Eu era jovem, poderia tentar uma nova gravidez em seguida.

“São episódios muito frequentes.”

Voltamos para casa assim, de mãos vazias, de barriga vazia... reconfortados pelas palavras daquele médico experiente. Não havia espaço para dramas, apenas prosseguir. Acendemos as luzes de casa e fomos enfrentar aquela noite ruim. Diego abriu a enésima garrafa de vinho, a melhor que tínhamos em casa. Queria expulsar aquela lama. Levou a rolha ao nariz, cheirou, disse *caramba, que vinho*. Assim nos consolamos, com um copo de vinho tinto encorpado. Assim foi, paciência. O vinho era realmente bom, mosto que aquecia. Aquela criança não era nada, tinha ido embora entre os coágulos, sem um corpo visível... apenas um mísero expurgo. Uma morte sem caixão, sem funeral. Um luto que não devíamos ter.

Pegamos o livro de gravidez e procuramos no pequeno dicionário o verbete *óvulo cego*. Não tinha. Fechamos o livro, jogamos num canto. Diego tentou me fazer rir. Voltou com uma venda nos olhos, esfregou-se em mim, procurando-me às apalpadelas.

“Olha eu aqui, sou eu... teu óvulo cego.” Porém a luz do abajur iluminava sua tristeza.

“Significa que não era nosso filho. Os filhos que tiverem de vir virão, fique tranquila.”

Não falamos mais no assunto. Eu me matriculei numa academia. Ali, meu corpo enxuto era um privilégio, uma condição necessária. Não tinha a menor certeza se queria tentar de novo.

Ficamos tristes por algum tempo, depois nos acostumamos, retomamos nossos ritmos. A fumaça dos maus pensamentos se dissipou. Os dias passavam naquela casa. Passavam nas escadas de mármore, no piano fechado, em meu cachecol pendurado na entrada, ao lado de sua jaqueta de motociclista. Era novamente aquela vida doce, feita de pequenas coisas. Mas também de milagres. Como naquele dia em que o encontrei por acaso.

Passo ao longo do Tibre de vespa, paro num semáforo com o habitual rosto tenso no trânsito, na confusão da vida comum, e o vejo. Está andando, atravessa a rua com sua bolsa pesada demais que lhe prejudica o ombro. Buzino para ele, ele se vira, mas não me vê, aperta o passo na faixa. Então estaciono, deixo passar o rio de carros. Acompanho-o devagarinho por algum tempo. Depois o chamo.

“Diego...”

Ele se vira, me reconhece, solta a bolsa para vir me abraçar.

“Estava pensando em você!”, exclama. “Estava pensando em você e você aparece...”

Ele me enlaça, deixamo-nos poucas horas antes, de manhã, mas é como se não nos víssemos havia meses... é uma surpresa, um presente.

Caminhamos um pouco ao longo do Tibre, de mãos dadas como dois turistas. Os últimos dias não tinham sido muito bons, seus cuidados comigo não foram suficientes. Tenho uma ruga de perplexidade na testa que não me abandona mais. Meu trabalho não me satisfaz, meu humor é sempre o mesmo, o de um carcereiro sem graça. Flutuo no mundo sem otimismo, com os olhos cheios de perguntas. Aquela criança perdida está longe de mim, enxotada às pressas... mas talvez esteja ali, naquela ruga.

É bonito se encontrar por acaso num dia qualquer. Aperto suas mãos e não quero mais soltá-las. Seus olhos me compensam de tudo.

“Onde você estava indo?”, pergunto a ele.

“Para nenhum lugar. Voltava para casa, para você.”

“Meu amor.”

“Meu amor.”

“Nunca deve ficar triste...”

“Eu vivo só para você.”

Um carro passa, derrapa, roça em nós... poderia terminar assim, por engano, num segundo.

* * *

Descemos para a margem do rio, lá embaixo naquela imundície que tanto apreciamos, que nos conheceu tolos e pequenos. Viu-nos dançar nus, abraçados, com r.e.m . a nos embalar.

Onde estará nossa barça? Onde estão aquelas pequenas andorinhas retardatárias que pousavam para beber água? Aqui embaixo caminhamos despreocupados, a cidade está acima do grande muro de tijolos negros, aqui embaixo há apenas o sulco poderoso dessa água pesada que tudo leva.

Fazemos amor, aquela noite... deixamos o crepúsculo no rio lá embaixo, junto com aquele cheiro de mangue e de lembranças. Subimos de volta para a cidade. É lá que moramos agora, na metrópole que muitas vezes nos rouba, nos descarna, reduz nossas vidas a fios frágeis. Subimos abraçados... podíamos ter feito amor lá embaixo. Jogarmo-nos naquela lama, ou naquele banheiro. Mas eu não tenho essa coragem, estou com frio, começo talvez a envelhecer.

Você ainda ama meu coração?

Sempre. Sempre você, para sempre.

Não acha que eu mudei, que piorei? Medrosa, mesquinha, agarrada a minhas blusinhas, a meus passos raquíticos.

Acho que você tem um perfume que sempre me agrada.

Fazemos amor em nossa cama. E é a primeira vez, depois de meses, que a esperança volta entre nós, com seu pequeno langor, sua língua sinuosa. Lambe e limpa.

Vejo o menino mais vezes... sempre ele, sempre o mesmo. Mas não me lembro de seu rosto, nunca aparece por inteiro. Fica ali parado no fundo de uma estação, as pernas pequenas balançam por fora da grade de madeira de um velho banco. O menino está lá embaixo, como um pequeno ferroviário com sua lanterna na neblina avisando aos trens para partir, para ir logo.

Nós também partimos, fomos a Paris. No Centre National de la Photographie havia uma exposição de Joseph Koudelka que Diego queria ver. Vimos o pássaro de cabeça para baixo pendurado no fio, o anjo sobre o asno. Saímos deslumbrados, silenciosos. Paramos para comer *oeuf à la neige* sentados ao ar livre na frente do

Beaubourg, fitando o grande relógio digital que escandia os segundos que nos separavam do réveillon de 2000. Aquela visão de ciganos itinerantes, aquele vento, nos tinham dado vontade de largar tudo, de deixar Roma e ir viajar. Era uma ideia que de vez em quando ardia em nosso coração. Que sentido tinha viver em Roma, uma cidade onde não possuíamos amigos de verdade, onde, para nos sentirmos nós mesmos, tínhamos de descer e caminhar ao longo daquele rio sujo, que nos parecia o único músculo ainda vivo?

Comprei um teste de gravidez na volta, no aeroporto. Não disse nada a Diego, afastei-me e voltei com um pacote de chicletes e um tubinho de aspirina francesa. Maltratei aquele pensamento. Abri a valise, coloquei a roupa suja na máquina de lavar. Deixei o teste na bolsa até a noite, até realmente me esquecer dele.

Esperei o silêncio noturno da casa, as ruas que se esvaziavam. Vozes distantes de pessoas saídas de um restaurante, que continuaram a conversar ao lado de um carro estacionado. Fui ao banheiro, coloquei o bastonete sob o jato de urina. Fechei a tampa, deixei o bastonete na beirada da banheira. Esperei sem olhar. Tirei a maquiagem, escovei os dentes. Virei-me para olhar. Estava grávida de novo.

Foi uma alegria fria. Agora eu era uma especialista, conhecia os exames, os valores dos níveis hormonais, agora podia observar minha condição com um olho clínico. Não queria me afundar dentro de mim. A voz daquela necessidade começava a se fazer alta demais.

Não dissemos a ninguém. Andamos dias e dias com aquela gravidez parada na concha de nossas mãos. Fingimos viver.

A primeira dosagem hormonal foi boa.

Esperamos para fazer a ultrassonografia. Então, um dia, fomos. Não havia batimento. A sonda procurou em vão, comprimindo minha carne com força. O quarto continuava escuro, sem nenhum coração.

O médico acendeu o abajur em sua escrivaninha, pegou suas folhas, sua caneta.

“Talvez ainda seja cedo... talvez vocês tenham se enganado na data da concepção.”

Não estávamos enganados, não tínhamos mais feito amor para não perturbar aquelas células.

Voltei para casa inerte. Atirei-me na cama, puxei as cobertas até a cabeça, encerrei-me na escuridão...

Quero dormir, me deixe dormir.

Tirei os sapatos, arranquei a roupa... vá à merda, vão à merda todos e tudo. Um outro óvulo cego, um outro embrião murcho, uma outra aranha sem coração. Olhava os cortes do velho assoalho... onde tinha se entocado aquela desgraça?

Dessa vez tive de fazer a curetagem.

Diego me acompanhou até a porta de vidro fosco, andou ao lado da maca, sem soltar a minha mão.

Estava mais serena, tinha aceitado aquela injustiça. Diego estava pálido, falava alto demais, brincava com o enfermeiro que me levava.

“Te espero, pequenina... estou aqui, não vou me mexer... estou aqui.”

Acariciou meus cabelos com uma mão pesada e firme. Olhou para mim com demasiada intensidade. Os olhos de uma cor diferente, mais escuros... as pupilas dilatadas tinham devorado o resto.

Depois me disse que havia fumado um baseado. Enquanto esperava, desceu ao andar térreo, entrou na capela do hospital e se sentou sob a luz de neon diante do corpo de uma Virgem de plástico. Apenas ele e uma freira, sentados perto por algum tempo. Não se lembrava de nenhuma oração e a freira o ajudara com uma Ave-Maria.

Saiu com os olhos abertos.

“Não quero mais te ver sofrer, meu amor.”

Passaram-se meses, um depois do outro, inúteis como vagões mortos.

Comprei roupas novas. Um par de botas aderentes como luvas e um casaco redingote com um cinto alto que apertava a cintura fina

demais. Minha cabeça parecia menor. Tinha cortado os cabelos, queria sentir meu crânio. Meus olhos saltavam no meio daquele amontoado de tecidos escuros e pesados, como os de um animal... a ferida oculta no pelo brilhante.

Diego me olhou quase assustado, gostava tanto de meus cabelos. Disse que continuava bonita, que assim meus traços se realçavam mais. Viu-se ao lado de uma outra mulher, uma pequena raposa de rosto ossudo e grandes olhos parados, imperscrutáveis.

Eu não queria falar a respeito.

Enquanto isso, o trabalho de Diego prosseguia. Agora, dava aula de manhã numa escola particular de fotografia. Saía antes de mim para chegar a tempo para a aula das oito e meia. Seus alunos o idolatravam, seguiam atrás dele como adeptos. Se a luz estava adequada, levava-os para fotografar ao ar livre, longe dos estúdios, que detestava. Grupos de vespas percorriam a cidade, dos parques do centro às balanças dos pescadores na foz do Tibre. Os estudantes o imitavam, jogavam-se no chão junto com ele e capturavam imagens invertidas, enviesadas. As estudantes o paqueravam, muitas eram graciosas, de uma excentricidade um pouco ostensiva. Às vezes, no intervalo do almoço, eu pegava a vespa e ia esperá-lo para comermos um sanduíche. Eu via que se demorava, sorria... Eu me aproximava com minha cara de raposa.

“Bonitinha aquela...”

Concordava sem convicção, sem interesse. Não era de olhar para as mulheres. Mesmo sentados naquele bar, com as alunas que comiam ao nosso lado, que enrolavam um baseado, ele olhava para os cachorros que passavam. Gostava dos cães de caça, com orelhas grandes, focinhos finos e pelagem curta e pintalgada.

Mas eu não queria um cachorro, arranjava desculpas, as clássicas, que precisaria levá-lo para passear, que não teríamos mais liberdade de viajar, de ir e vir sem horário, como estávamos acostumados a fazer. Na verdade, não queria ceder à ideia de que começávamos a nos sentir um pouco tristes juntos, de que precisávamos de um outro ser vivo que invadisse o silêncio da casa, dos pensamentos que eu tinha sozinha... que ele tinha sozinho. O pensamento daquele filho que não nascera.

Lembro bem da série de acontecimentos daquele 1989. Ocorreram três coisas. Caiu o Muro de Berlim, morreu Samuel Beckett, magro como papel, e no mesmo dia também morreu Annamaria Alfani, minha mãe. Uma morte incerta como toda sua vida. Uma manhã, começou a se encher de hematomas. Ficou pálida como uma vela, enquanto nas pernas e na barriga afloravam manchas escuras.

Não foi uma doença prolongada, não consegui fazer praticamente nada por ela. A única coisa que me pedia era um queijo *stracchino*, estava com vontade. Assim, na hora do almoço, saía da redação, passava naquela rotisserie e corria para ela. Punha-o em sua boca com uma colherinha, limpava seus lábios. Tirava meus sapatos e assistia um pouco de televisão deitada ao seu lado, na cama. Fazia a brincadeira dos feijões, adivinhar quantos havia no frasco de vidro. Um dia, minha mãe disse três mil setecentos e vinte e três e acertou. Assistiu ao seu fim com os mesmos olhos com que assistia aos programas de televisão. Sem verdadeiro interesse, pensando em alguma outra coisa. Foi um exemplo.

Afastou-se serenamente, pôs as mãos no corpo, juntou-as sozinha. Era uma de suas posições preferidas, frequentemente ficava assim, com as mãos uma sobre a outra.

Meu pai emagreceu, ficou pele e osso. Convidava-o para jantar, mas ele não queria vir. Assim eu ia cozinhar para ele, tentava fazer as pequeninas almôndegas fritas de Annamaria. Armando se postava na frente dos azulejos da cozinha e ficava ali, sem tocar em quase nada.

Gojko puxa o casaco sobre a cabeça, voltou a chover. Atravessa a rua para comprar cigarros. Acende um debaixo d'água, fuma mesmo estando molhado, joga-o fora pela metade porque se apagou. Volta-se para mim, vejo seu rosto com os cabelos colados na testa e aquele casaco sobre a cabeça como um manto, parece uma mulher, parece sua mãe.

Sáímos da galeria de arte. Seguimos para o restaurante, junto com um pequeno grupo de pessoas. Tenho medo de meu coração, da mão da dor, pousada ali. Gostaria que Gojko não se virasse mais

para me procurar, que me deixasse sumir. Paro ao lado de uma vitrine de pequenas joias. Olho um broche com formato de rosa em prata filigranada...

“Você gosta?”

Eu não tinha percebido que Pietro estava atrás de mim. Está aqui, respirando perto, seu hálito embaça o vidro da vitrine. Está com o capuz do moletom na cabeça, azul como seus olhos que hoje à noite parecem negros. Aponta com o dedo, no centro da vitrine, aquela rosa apoiada numa mísera almofadinha de veludo.

“Você gosta?”

“Do quê, querido?”

“Do broche, ali... a rosa.”

Assinto. “É bonito, sim.”

Fico respirando contra o vidro, contra aquela rosa. Diego me fez a mesma pergunta, apontando uma vitrine não longe desta, no mesmo mercado turco, uma rosa em prata filigranada. Prendeu-a em minha camiseta, sob a escada de uma cervejaria...

Pietro me olha... vê que oscilo, como uma bêbada.

“Está cansada, mãe?”

“Não... não...”

“É por causa das fotos... não é?”

Eu me viro para meu filho, para seu rosto longo e ossudo como o de seu pai.

“Gostou delas?”

Não responde imediatamente, balança a cabeça, morde um lábio.

“Fazem mal, mãe...”

É a primeira vez que me parece sincero em meses, a primeira vez que não está com aquela risadinha inefável por trás do rosto tenso.

Procuro sua mão, pego-a, está fria.

“Sinto muito, Pietro.”

Vejo que engole alguma coisa, que sua garganta se move no escuro.

“Era bom o Diego, era grandioso.”

Olha para a vitrine, aquela rosa em sua almofadinha.

“Eu não me pareço com ele, não é?”

“É igual.”

“Oi, amor...”, entra na sala e sorri.

É a sala de espera de um consultório médico particular. Um aquário glacial. Dois sofás, um em frente ao outro, ambos de couro cor de pérola. Estou sentada em um deles. As janelas têm grades de ferro, de arqueologia industrial, um grande quadro abstrato ocupa a parede inteira... manchas vermelhas, bolhas de luz e sangue que navegam num fundo escuro.

Diego entra, por sorte. Levemente inclinada para a frente, olho a porta, as mãos unidas sobre as pernas, entre a helanca das meias. E agora finalmente chegou, os cabelos amassados, seu rosto magro que sempre me reconforta.

“Estou atrasado?”

Abano a cabeça... “Não, eu também cheguei há pouco.”

Senta no sofá a meu lado, beija meu rosto, está com o capacete na mão, tem seu cheiro, o da cidade que atravessou de moto.

Ele me beija, tira as luvas de motociclista. Dou um pequeno sorriso feio, tenso. Ele me esfrega as costas, me dá uma chacoalhada.

“Vou ter que me masturbar de novo?”, ri.

Também tento rir.

Quando o geneticista leu os resultados das análises de Diego, concordou satisfeito, *felizmente seu marido tem uma qualidade espermática excelente, assim devemos nos concentrar apenas na senhora* .

Começo a chorar. As lágrimas habituais, no habitual rosto imóvel, composto. Ele não diz nada, está acostumado com aquele choro, é um roteiro, mais ou menos igual, que se repete a cada vez.

“Quer ir embora?”

Diego fica o tempo todo me repetindo, *se for virar uma tortura, vamos deixar para lá* . Sou eu que insisto, que marco essas consultas.

“Está vindo de onde?”, pergunto a ele.

“Do estúdio.”

“Precisa voltar?”

“Não se preocupe, eles esperam.”

Agora faz apenas fotografias publicitárias. Segue o gosto dos clientes, não suja mais as imagens, faz o que lhe pedem para fazer, fotografias límpidas como cristal. Não é um trabalho criativo, por isso gosta. Diz que liga o piloto automático.

Precisamos de muito dinheiro para o tratamento. Passou-se mais um ano. O mais atroz de minha vida. O ano da evisceração, do castigo. Das pernas abertas, dos espéculos, das agulhas por dentro.

Injetaram-me hormônios para estimular a ovulação, depois sugaram os óvulos para analisá-los. São imperfeitos na forma, os ácidos nucleicos não estão na ordem certa. Formo coágulos onde não deveria. Tomei injeções de cortisona, de anticoagulantes, depois mais estimulações do ovário. Meus óvulos melhoraram. Viram alguns decentes, no final. Centrifugaram os espermatozoides de Diego e fizemos a primeira inseminação artificial. Fizemos também uma segunda. A gravidez começou, havia batimento. Depois de quinze dias não havia mais. Uma semana mais tarde caí da vespa, levei cinco pontos no queixo. O geneticista disse *tem algo que não me convence*.

Então me fizeram uma histeroscopia. O geneticista sorriu para mim.

“A senhora tem um septo no útero, sabia?”

“O que é?”

“É um pedaço de membrana que divide a cavidade do útero e não permite o aninhamento do óvulo fecundado.”

Fui ao melhor, como se diz. Ficava em Milão. Pegamos o trem, ficamos num hotel. Vesti a túnica verde numa clínica particular. Tiraram-me o septo. Diego me ajudou a andar naquele corredor envernizado. Olhamos o berçário, vimos aquela horta branca de cabecinhas pretas. Estávamos atrás do vidro, do aquário. Abraçamo-nos. Fui um tanque de guerra. Disse *quero conseguir e conseguirei*.

Recomecei as estimulações do ovário, com o Profasi 500 e o Pergonal 150. Inchei, mudei de humor, minha libido foi para o Ártico. Segui regras férreas, não cheguei perto de um cigarro. Agora estou aqui esperando uma nova inseminação.

Finalmente entramos na sala, a grande sala com a escrivaninha imensa de vidro polido, o quadro que parece de Burri, uma de suas feridas.

O geneticista é gentil, tem bigode, a carne masculina de antigamente... mexe as mãos. Olho sua aliança, os tufo de pelos negros nos dedos.

Preparo-me atrás da cortina, levanto a saia, abro as pernas. Ele liga o monitor, coloca a cânula, escava. Espero.

É um homem honesto, afinal das contas. Põe uma mão na cabeça, abre a outra. Estamos de novo na escrivaninha, estou de novo com meu rosto miúdo de raposa moribunda. Olha para nós, olha para Diego, olha para mim, abana a cabeça, lamenta, diz ele, realmente, mas não é o caso de tentar mais uma vez.

Apesar dos hormônios, meus óvulos são pouquíssimos, menos do que na vez anterior. Sua voz estava mais aguda do que o normal, talvez seja a voz que usa quando está em dificuldade. Não posso mais participar de nenhum programa de maternidade assistida, não posso sequer pensar na eventualidade de receber o óvulo de uma doadora externa, porque meu útero é pouco desenvolvido, pouco elástico... *é um útero envelhecido*, a extração do septo deixou uma enorme cicatriz. Acontece, infelizmente, são zonas obscuras, tecidos moles.

A voz demasiado aguda diz: “A senhora é incompatível com a vida, tem uma esterilidade de noventa e sete por cento... uma esterilidade total, segundo nossos parâmetros”.

Faço sinal de assentimento, as mãos apertadas numa pequena rosa de ossos, de pele amarela.

Diego se levanta, esfrega as mãos no jeans, depois senta novamente.

“E aqueles três por cento?”

O professor estica a boca...

“Milagres...”, sorri, “estamos na Itália, sempre se deixa uma margem de possibilidade para os milagres, não custa nada.”

Ele nos acompanha até a outra porta... onde jamais nos acompanhara, além da sala das secretárias, até o portão de entrada. Também está contrafeito, é como um padre enxotando dois fiéis de uma igreja.

“Obrigada...”

Dessa vez não quis um centavo, arrastou-nos para fora, longe das secretárias.

Descemos as escadas, toco a pintura brilhante do corrimão. É um prédio tão bonito, anos 40, branco e polido como um navio.

Não sofro mais. Já sofri. Talvez me sinta até aliviada. Nunca serei mãe. Permanecerei para sempre uma moça. Envelhecerei assim, enxuta e sozinha. Meu corpo não se deformará, não se multiplicará. Não haverá Deus. Não haverá colheita. Não haverá Natal. É preciso procurar o sentido da vida no mundo, em sua aridez, em seus pontos de estrangulamentos... nestas lojas, neste trânsito. Envelhecerei assim. Morta, é como me sinto. Serena, em paz, porque falecida.

O curso da vida está aqui, nesta rua que atravessamos com minhas pernas de sempre. Tenho um cartaz pregado no peito, como no pescoço dos pobres, como as plaquinhas dos cães. mulher estéril

.

* * *

Abro as janelas. A casa me parece escura, talvez as paredes estejam encardidas, enegrecidas pelo pó que sobe da rua. Há um quarto vazio, no fundo. É onde estendemos a roupa nos dias de tempo fechado, ficou assim, desocupado desde a época da reforma. Era o quarto destinado à criança.

O corredor também é comprido. Adequado para uma bola, para um triciclo.

Caminho com minha boina e meu casaco de gendarme nas ruas de sempre.

Na redação fiquei mais desconfiada. Com as mulheres. Souberam que enfrentei dificuldades, mas não o resto.

Enquanto esperamos que o café encha o copinho de plástico, Viola me diz que está grávida e lhe dou um abraço. Sou bastante sincera. Quando seu ventre toca o meu, levamos um choque. Sorrio,

talvez seja culpa das roupas, das porcarias sintéticas de que são feitas. Ela concorda, acende um cigarro. Já abortou duas vezes, dessa vez quer tê-lo. Já tem trinta e sete anos.

“Depois chega o prazo de vencimento, como para os iogurtes.”

Mais tarde, sem que ela me veja, olho sua barriga. Gosto dela. É uma daquelas pessoas um pouco distraídas que obrigam os outros a gostar delas. Mesmo assim, agora me incomoda tê-la na mesma sala, parece-me descuidada, tola.

Traduzo do inglês um artigo sobre a impotência masculina. Um entrevistado diz: “Se você é cego, pode pedir à esposa que o faça enxergar com os olhos dela... se você é impotente, não pode pedir que o faça fazer amor...”. Choro.

Agora o mundo está dividido em dois. Eu faço parte da metade triste. Como as florestas queimadas, os mares sufocados pelas algas, as mulheres de Chernobyl.

Diego vem me buscar. Encosto meu braço no dele, rígida, incerta. Esta cidade de repente cheia de grávidas. Antes não percebia, agora parecem um exército. Um impávido batalhão que marcha contra mim. Não olho quando passam ao meu lado. Descubro já de longe com um faro canino. Com o rabo do olho espio Diego.

* * *

Vou ao cabeleireiro, estendo as mãos para a manicure. Olho para ela enquanto faz minhas unhas, tira as cutículas. É um prazer retido em meu corpo, estéril como o resto. A jovem proletária curvada ao meu lado naquele salão de beleza tem um seio fluorescente e um ventre fértil, faz sexo com seu namorado, toma cuidado para não engravidar, despeja filhos nos preservativos... certamente é mais feliz do que eu. Deixo-lhe uma boa gorjeta, sorri para mim com seus lábios grossos, sua pele firme, seus olhos ousados. Talvez a odeie. Odeio a fertilidade dos pobres. Odeio a mulher somali que limpa as escadas do prédio... às vezes traz a

filha. A menina se põe num canto, acompanha a mãe nos degraus, lê uma revista, ou brinca em silêncio. Passo e sorrio para aquele bichinho.

É Natal. Não temos vontade de ficar em Roma, nessa confusão de lojas e presépios. Vamos para a montanha, num hotel que parece feito de marzipã. Tomamos banhos termais, cobrimo-nos de lama verde, envolvemo-nos no luxo de roupões brancos. O hotel tem vidraças de luz amarela que dão para a neve. Depois do jantar ficamos olhando aquele encanto... aquele tédio. Pedimos a chave do quarto, subimos. A cama é grande, o chocolate sobre o travesseiro. A torneira está aberta, olho a água saindo e se desperdiçando. Se tivesse um filho, fecharia a torneira, me preocuparia com o mundo, com sua sede. Esta lua de mel adiada já não me agrada, parece gasta, terrivelmente infeliz.

Na noite seguinte vamos ao boliche. Foi Diego que insistiu, para nos divertirmos um pouco. Tem um clima de seriado americano, alguns garotos jogando. Galochas molhadas de neve na entrada. Tomamos chocolate quente de canudinho em copos enormes, comemos cachorro-quente. Lançamos as bolas pretas, correm na pista envernizada, batem nos pinos ao fundo com um estrondo infernal. Gosto desse barulho, para conversar temos de gritar. Gosto de gritar. Rimos como adolescentes. Retrocedemos um passo na vida, isso não é ruim. Para não sofrer, é preciso ficar um pouco tolo. Estou com o rosto vermelho, a febre nos olhos. Diego se pendura em mim, beija meu pescoço. Ele me ajuda a balancear o peso, a lançar.

Olho os pinos alinhados no fundo. Penso nas crianças. Naquele exército de bebês que surgem ao acaso, muitas vezes onde não deveriam, onde ninguém precisa deles. Tomo impulso, giro o braço, lanço a bola com toda a raiva que tenho.

No quarto, Diego come o chocalatinho. Ele se vira.

“Por que não adotamos um menino?”

É um rapaz fértil, pode se permitir a magnanimidade. Tenho vontade de lhe dar um soco. Sorrio, espero. Que o fogo suba e desça.

Tenho medo dos filhos dos outros. Tenho medo do mapa genético, da bagagem de origem. Para confiar na roda é necessário um pouco de ar por dentro. Estou encerrada em meu corpo chumbado. O mundo que fique com seus filhos, eu fico com minha incompatibilidade com a vida.

Olho para ele, sorrio.

“Não somos casados. Podemos adotar uma criança a distância.”

A distância.

É uma igreja

É uma igreja do centro, cheia de ouros barrocos, de abóbadas consagradas, de luzes refletidas nos afrescos, de lúgubres alegorias.

É tempo de arrependimentos, de calvário. Da Quaresma que se aproxima. Sento numa pequena cadeira dourada sob uma abóbada lateral, no fundo escuro apenas um par de velhas solteironas, mulheres que não precisaram fazer frutificar seus míseros corpos.

Tenho vergonha de acreditar. De me abandonar a essa Idade Média. Estudei a origem científica da vida, dos microrganismos surgidos nos mares, o pensamento dos agnósticos, as reflexões dos místicos mais livres... fiz amor, casei e me separei, viajei, nutri-me de esclarecimento. O que faço aqui dentro, junto com essas beatas? É uma quarta-feira à tarde. As lojas estão abarrotadas de ovos de chocolate... as crianças esperam as surpresas e Ele seu calvário.

Não me sinto à vontade nessa cadeirinha, sinto-me inoportuna, uma ladra, como aqueles turistas que entram sem fé, só para espiar os afrescos com suas máquinas fotográficas, suas bocas sujas de sanduíches. Quero ir embora já, mas fico, choro.

Sempre acreditei poder dominar tudo, poder controlar cada passo meu. Por anos tomei a pílula. Que escárnio.

Não fui admitida no banquete da vida. Talvez deva apenas abaixar a cabeça. Nem todos podem ter filhos, sei disso.

Fico com as mãos pregadas nas alças da bolsa, minha carteira recheada de cartões de crédito, meus documentos, minhas generalidades: olhos azuis, cabelos castanhos, sexo feminino. Barriga morta.

Sou uma mulher arranhada pela inteligência, tudo aquilo que parecia me ajudar agora me abandona.

Da fé não tenho a coragem. E nem a inocência.

Deus é apenas um cúmplice remoto das imperfeições dos homens.

Porém aquele geneticista falou num milagre, numa remota possibilidade confiada ao inapreensível. Entrei por causa desse milagre, esta é a verdade. Fiz essa tentativa grotesca e agora saio com o rabo entre as pernas, desencorajada por essa falta de fé que não me permite esperar nenhum prêmio.

Estou para me levantar, mas alguma coisa me segura, me faz reclinar a cabeça. É uma mão que me empurra para baixo, me guia para a humildade.

Talvez eu não creia em Ti, mas talvez sejas tão pródigo a ponto de crer em mim ...

Agora aprendi a rezar.

... dá-me a possibilidade de ler um sinal melhor neste destino... é só o que Te peço.

Passo um pouco de água benta. O arcanjo Gabriel está ali ao lado, numa anunciação cheia de espanto. A Virgem é pequena, mísera, esmagada por aquela visão. Por aquela tarefa.

Na academia gasto muito tempo passando cremes. Quando faço amor fico aflita, tenho medo de voltar para a luz. Concentro-me buscando no fundo de mim mesma um prazer contido, comprimido numa solidão distante. Tudo me incomoda, qualquer mínimo som. Diego cai ao meu lado. Somos dois corpos separados.

Ele olha minhas costas. Ele me diz que não precisamos fazer amor, podemos também ficar assim, abraçados...

Olho seu corpo nu, seus testículos férteis.

Agrido-o, simulo uma violência que ele não tem.

Se fazemos sexo estamos salvos, somos um casal. De outra maneira o que somos... o que seremos?

Meu ventre é firme e musculoso. Ele preferia antes, quando minha barriga era um saco quente, cheio de rumores benignos, de teias de aranha brancas. Sei que me olha com saudade. Não me importa. Essa firmeza me defende. Não tenho mais o ventre de uma mãe, é bom que se acostume, serei uma amante a vida toda. Uma criatura adequada a um sexo sem consequências.

Seus olhos e sua saudade me incomodam. Incomodam-me aquelas fotos nas paredes. Às vezes tenho a impressão de que todos aqueles pés, todas aquelas poças d'água a me espreitar zombam de mim, de minha incompletude. Algo aninhado nesta casa nos trouxe infortúnio.

Os inquilinos anteriores também não tiveram filhos.

Mas se queriam muito bem, disse-me o porteiro. Devo esperar ter a mesma sorte. Penso na vida que nos aguarda... na velhice, em nossas quatro pernas sozinhas.

A moça proletária que faz minhas unhas me pergunta por que não tenho filhos.

Tenho vontade de mandar que cuide de sua vida, folheio uma revista, não levanto os olhos.

“Meu companheiro não quer”, digo.

A moça se satisfaz com a resposta, diz que as pesquisas mostram que muitos homens não querem filhos, têm medo de ser negligenciados por suas mulheres.

Vá embora, rapaz. Vá embora, Diego.

De vez em quando acho que ele devia encontrar outra, uma de suas alunas. Uma com os ovários cheios, sem cicatrizes no útero.

Se não me amasse, seria mais fácil.

Saio do estúdio fotográfico. Imagino vê-lo saindo com outra, flagrá-lo trocando beijos à sombra de um muro, um passando a língua no outro, babando como nós babávamos. Tremo, mas em

algum lugar tenho essa esperança. Para sair desse limbo, para enchê-lo de pontapés no meio da rua, para cuspir em sua cara que tenho razão...

No entanto ali está ele, sozinho ou acompanhado é igual. É sempre ele, o gorrinho de lã, o rosto magro. Seu corpo longo, curvado. Ele se despede, vai até a moto. A alça da bolsa cruza diagonalmente as costas dele, formando uma leve corcunda.

Sentamos à mesa. Eis nossos cotovelos... próximos, como todas as noites. É uma mesa grande, a nossa, onde caberiam pelo menos dois pirralhos. Todavia ninguém suja nada. Estamos bem de vida, estéreis, organizados. Depois do jantar, num instante, não há mais sujeira, nem mais barulho. Pomos nossos dois pratos em nosso pequeno lava-louças. Ficamos educados demais, cuidadosos demais um em relação ao outro. Fecho o lava-louça, o indicador vermelho se acende, começa aquele barulhinho de coisas se lavando no escuro...

“Você vai ver que, mais cedo ou mais tarde, vai encontrar outra... e vai ter um filho.”

Digo-lhe pelas costas, fechada em meu corpo magro, em minha caxemira preta.

“Vou entender, gosto demais de você...”, sorrio, toco minha cabeça, meu novo corte de pintinho molhado.

Ele me pega pela nuca, me vira com força para si.

“Eu não te quero bem, sua desgraçada. Eu te amo.”

Todos os nossos amigos começam a ter filhos, apartamentos cheiram a roupa lavada e estendida dentro de casa, a semolina e chás de erva-doce... invento desculpas para não visitá-los. Convenço-me de que são tediosos, fedem a refogado, a pântano doméstico. Compro um vestido novo. Gastar dinheiro me proporciona pequenas lufadas de satisfação. A magreza nos provadores das lojas é uma virtude, os tecidos aderem em meu ventre chato... tenho prazer em pisar nas coisas novas que experimento e descarto.

Talvez esteja mais sexy. Enquanto me maquio, às vezes imagino alguém me dando um soco no rosto, uma grande luva de boxe que

arrebenta meu nariz, afoga meus olhos no negror.

Vamos ao cinema, aos concertos, aos restaurantes dos gays e dos artistas, das pessoas que pensam em si mesmas. Deixo meu casaco Armani na chapelaria, desfilo em meus saltos altos até a mesa.

Acabamos de encomendar um bom vinho, um bom jantar. Imagino uma chacina, um terrorista que entra pela porta giratória e começa a dar rajadas de metralhadora ao acaso... sobre as mesas, sobre aquela parede de garrafas finas. Jatos de vinho e de sangue. Levanto-me para morrer. A barriga perfurada pelas rajadas. Morro rindo como o Coringa do *Batman* .

Resolvo fazer análise.

Falo com um homem, não quero uma mulher. Tenho medo que seja fértil.

O homem diz poucas coisas, bastam para eu entender que ele nunca vai me entender. Não acredito na inteligência. Acreditei, mas agora não mais. Acredito na natureza, em seus ciclos. O homem fala, com compostura profissional, não quer ser importuno, quer simplesmente me dar alguns instrumentos. Seus instrumentos não me servem. Entendo todo o percurso. Entendo que é uma fórmula, uma regra prática que geralmente funciona. Não comigo. Estou pensando nas romãs, naqueles grãos vermelhos... estou pensando numa cadela parindo, abro ligeiramente as pernas para aquele parto sair.

Associações livres que deveria mencionar. Mas não tenho vontade.

Levanto, vou e não volto.

Não preciso daquele homem.

Às vezes aproximo-me das latas de lixo, das caixas emborcadas depois da feira no mercado. Quem sabe encontro um recém-nascido abandonado. Rio comigo mesma, apertada em meu casaco preto. Estou ficando um pouco louca. Não me desagrada.

Vai passar, algum dia paro de pensar a respeito. Muita gente não tem filhos, não quer. Os supermercados estão cheios de produtos para quem mora sozinho, potinhos com porção individual, alimentos pré-cozidos.

Mas nós não somos assim. Nós dois gostamos de levar comida para os gatos no pátio. Uma pomba está chocando em nosso terraço, emite seu arrulhar incessante, faz sujeira com suas penas. Eu deveria enxotá-la com a vassoura, jogar fora aqueles ovos. Das cascas fedorentas sai um par de bichinhos pretos, empapados. Diego se empenha em montar barreiras de papelão, porque tem medo que caiam, tem medo dos gatos. No fim, as pombas pequenas vão embora, para as canaletas, no alto, com o restante da família, sobra um tapete de cocô branco e preto que cabe a mim raspar.

Uma noite entramos numa loja de animais que por acaso vimos na rua. A vitrine está cheia de filhotes de cachorro, ofegam nas gaiolas, com as linguinhas rosadas de fora. Diego pega um filhote de bassê, deixa que aquela minhoca preta, brilhante como um sapato de verniz, lamba o rosto dele. Ri. É a primeira vez que o vejo rir assim depois de tanto tempo. Encosto nas gaiolas, um pobre papagaio com seu topete verde e amarelo... Sinto aquele cheiro poeirento de serragem suja, de ração, não é este o cheiro de minha vida. Diego toca em meu ombro, pousou o cãozinho, restituiu-o ao dono da loja, à sua gaiola de irmãos uivantes.

“Vamos.”

“Não vai pegá-lo?”

“Vamos pensar.”

Chamo os pedreiros, mando pintar a casa, troco a banheira, mando instalar uma com hidromassagem, tiro os azulejos da cozinha, escolho tintas de cores vivas. Subo e desço as escadas do prédio com as amostras das tintas, dos tecidos para as cortinas, para a cabeceira da cama. Sou ágil como uma mosca, sinto-me tomada por uma nova vitalidade.

“Gostou dos sofás novos?”

Diego anui, experimenta. Para ele, o velho também estava bom, era mais confortável, ele gostava daquelas almofadas macias, aqueles braços encardidos... mas, por ele, nunca trocaria nada. Tem trinta e um anos, e uma cara de rapazinho. Mas está mais lento, mais titubeante. Tem uma tosse seca grudada no peito que sai em acessos quando está nervoso.

Perde as coisas, como sempre, os óculos, os filmes... mas agora teima em procurá-las. Esfalfa-se nessas buscas pela casa.

Meu pai também nos ajuda nessa caça ao tesouro doméstica, inclina-se sob os móveis, escruta circunspectamente nossas prateleiras... não quer se intrometer, quer apenas nos ajudar.

Encontra o filme, devolve-o a Diego, mas no minuto seguinte faltam as chaves do carro.

Meu pai graceja, diz que Diego está ficando gagá, que está envelhecendo. Sente nosso cansaço. Na noite em que lhe disse que não posso ter filhos, tapou-me a boca com a mão, para me impedir de falar, de sofrer. Aproximou o rosto e beijou sua mão pousada em minha boca. Beijou meu destino, nosso sangue que terminava ali. Como quando era menina e caía da bicicleta, e ele beijava meus joelhos esfolados para curá-los.

Já passou, querida, já passou .

A tosse de Diego me preocupa, vou com ele tirar uma radiografia. Não tem nada, nem mesmo bronquite. Mas a voz está mais baixa porque, de tanto tossir, as cordas vocais se inflamaram. Agora sua voz é um miado infantil que me espanta.

Compro-lhe um grande cachecol, preparo para ele o vaporizador, como uma mãe demasiado apreensiva. daquelas que adoecem os filhos para mantê-los perto.

Aspira o vapor, sorri para mim.

Estou um trapo , diz.

Parece feliz com isso, olha para mim na espera de um sorriso, de uma bênção.

A árvore de Natal morreu, não resistiu no terraço. Pego aquele torrão de terra seca e jogo no lixo.

O quarto do fundo agora é uma academia, foi ideia do arquiteto. Nas paredes estão grandes espelhos e um espaldar, no centro uma

esteira. Corro na esteira no escuro, sozinha, com as luzes da rua. É noite e suor. O suor me escorre na boca... tem um gosto amargo, de toxinas, de raiva, parece o expurgo de um animal milenar, extinto. No espelho escuro há a silhueta de meu corpo que se move sozinho, este era o quarto destinado ao futuro. Embaixo, na rua, alguém ri... a esteira é mais rápida do que meus passos, quando me dou conta, já caí.

Com o pulso deslocado e uma pequena bandagem branca sob a manga, vou visitar Viola, que teve um filho. Fica ali na cama, um penhoar amarfanhado e a cara de sempre, a mesma que tem no trabalho ou quando vamos ao bar. A diferença é apenas aquele ventre um pouco relaxado, um tubo do soro preso no pulso com esparadrapo. Fica ali, tranquila naquela enfermaria de hospital, na cama ao lado, uma mulher negra com um radinho colado ao ouvido.

Está com uma perna levantada, dobrada na cama, aquela cor amarelada, os cabelos em desordem. Quando me vê, seu rosto se ilumina.

“Ei, você veio...”

Olho ao redor, pergunto-me por que não escolheu um lugar melhor do que este. Mas Viola não tem recursos, a bolsa rompeu, chamou uma ambulância, levaram-na ao hospital onde havia vaga.

“Vamos fumar um cigarro?”

“Mas você pode fumar?”

“Quem se importa...”

Ficamos, ao ar livre, encostadas no balaústre encardido de poluição de uma espécie de sacada não mais larga do que um capacho...

Embaixo vemos as grelhas de uma cantina, sentimos cheiro de restos de comida.

Viola fuma, suga o canudo branco de seu cigarro, olha embaixo o terreno do hospital, os doentes, os visitantes que chegam.

“Está contente?”

“Sim...”

Seu rosto desgastado ao vento.

Durante a gravidez deixou o namorado, um idiota coberto de tatuagens. Seguiu em frente sozinha, com seu caráter prático. Nenhuma poesia sobre aquela barriga, nenhum filme de amor. Apenas um realismo pragmático. E no entanto é uma moça com uma doçura própria.

Ajudo-a a limpar o pescoço com os lenços umedecidos, ajeito um pouco a gaveta do criado-mudo de metal, um suco de fruta derramado, uma revista melada. Viola me agradece acenando com a cabeça. Desço, compro-lhe um maço de cigarros, um sorvete. Parece-me estranho que uma moça que acabou de dar à luz esteja sozinha.

“Mas sua mãe, onde está?”

“No camping.”

Tudo o que vejo contraria a ideia de maternidade, aquele mel enjoativo que achava que precisava engolir como um castigo. Viola está tão inerte e sozinha que me tranquiliza. Não parece uma recém-parida, parece alguém que caiu da vespa e quebrou uma perna.

Trazem o menino. Viola o entrega a mim de imediato, passa-o como se me passasse uma pasta de documentos ou um sanduíche.

“Como é ele?”, pergunta-me.

É uma coisinha pequena, negra, com um nariz achatado e uma expressão adulta. Nem parece italiano, parece um afegão, é parecido com o pai.

“Parece um homem, só lhe falta a gravata... já vai para casa andando sozinho.”

Viola ri, diz que tenho razão, diz que é uma sorte. O afegão não chora, fica ali, bonzinho, tranquilo.

“Esperemos que durma...”

“Você tem leite?”

Seus seios ainda estão pequenos, pega o menino e o aproxima do bico do peito, reclama porque a enfermeira lhe disse para fazer assim, pois *se o menino não sugar, o leite não vem ...*

Viola concorda enquanto manda a enfermeira para aquele lugar, ela e as alças brancas de seu uniforme.

Sou eu quem a ajuda. Eu que não sei fazer nada... aproximo-me dela no travesseiro, seguro a cabecinha do pequeno, dou-lhe um beliscãozinho sob o queixo para abrir a boca...

Viola me olha, diz que sou melhor que a enfermeira. Rio, fico vermelha.

Abraço minha amiga, sinto seu cheiro de suor, de cansaço. Antes de eu ir embora, ela chora. E chorando sorri.

“São os hormônios que estão diminuindo...”

Sigo a enfermeira que leva o nenê de volta ao berçário. Fico ali olhando pelo vidro, aqueles berços de metal, aquela plantaçã de cabeças. Sementes que despontam na neve. No jornal, alguns dias atrás, li a história de uma mulher que roubou uma criança de um berçário... não foi longe, parou num banco a poucas quadras do hospital. Quando os policiais se aproximaram, ficou feliz em devolvê-lo, o recém-nascido chorava e ela não sabia como consolá-lo, não tinha pensado que podia chorar assim, que podia ter fome. Não tinha pensado em nada, no choque da mãe, nas consequências. Agira por instinto, como um cão, pegara o osso que lhe faltava. Antigamente eu não prestava atenção nessas notícias, pulava, não me interessavam. Agora elas me atraem, penso nos olhos daquela mulher que não consegue domar os farrapos de sua psique.

Desço as escadas do hospital, entro no carro. Viola talvez não venha a ser uma boa mãe, é necessitada demais para sê-lo, desventurada demais. Mas quem pode saber, não existe nenhum decreto. Devo me render à ideia de que os filhos nascem como o mato, em qualquer lugar, onde o vento espalha as sementes.

Da Romênia chegam as cartas das duas crianças que adotamos a distância, nem as leio, não me interessa estabelecer nenhum contato com elas. Preencho a ficha de depósito postal, mando o dinheiro e é o que me basta.

Diego marca com o lápis vermelho as fotos para enviar a Milão. A modelo é macérrima, vestida em trapos de tecido de camuflagem, boné, coturnos, o rosto pintado de preto como um soldado que se arrasta na floresta.

A televisão está ligada, está passando o massacre em Ruanda. Ninguém escuta, só meu pai. Formas negras se apinham num rio de lama vermelha... chego perto.

“Mas o que são?”, pergunto a ele.

“Mortos.”

Olho aqueles corpos estripados a machado, as cabeças longe dos corpos. Irmãos que, de um dia para outro, começaram a se matar entre si. Quando desligo a televisão, ainda sinto um arrepio. Que dura pouco. Peguei o número da conta-corrente que aparecia na tela, também enviarei dinheiro para aquele rio de órfãos negros.

Meu pai bebe um uísque, Diego dorme. Estava com a voz fraca hoje à noite, sua voz de castrado.

Meu pai de repente diz: “Então, Gemma... por que não adotam uma criança?”.

Respondo-lhe sem emoção. Digo que temos duas crianças adotadas a distância, que está bem assim.

Ele concorda, mas está inquieto.

“Vocês são dois jovens, bons...”

“Não somos casados, pai...”

Concorda com a cabeça baixa que lhe pesa no pescoço, diz que não tinha pensado nisso. Vai até o corredor, até o casaco. Depois toca de novo a campainha.

“O que foi, pai, esqueceu alguma coisa?”

“Mas por que não se casam?”

“Boa noite, pai.”

Casamos. Cerimônia civil. Nós, poucos parentes e as testemunhas. Duccio, o novo agente de Diego, com os suspensórios vermelhos e um terno risca de giz, Viola com o pequeno afegão no colo. Era um dia qualquer, uma quinta-feira, anônima, meio triste. Não tínhamos feito preparativos, tudo se dera às pressas, com certa brutalidade de minha parte. Tínhamos esperado os dias regulamentares das proclamas e depois, quando fomos avisados sobre o horário e a data, apresentamo-nos naquela sala com duas armaduras de bronze na entrada, ao lado de uma bandeira frouxa. Junto conosco, esperando, um casal na faixa dos cinquenta, divorciados que estavam se casando novamente. Eu estava com um tailleur cinza, um pouco formal demais. No último minuto, enrolei um lenço florido no pescoço para animar um pouco aquela roupa sisuda. Parecia minha mãe. Diego estava com seu paletó de veludo,

aquele que não tirara durante todo o inverno. Único indício de cerimônia, uma gravata-borboleta cor de mostarda. Uma borboleta capenga pousada numa camisa esporte.

Na saída, Viola tirou da bolsa um pacote de arroz ainda embalado a vácuo. Ficamos ali esperando que rasgasse o plástico com os dentes, que distribuísse entre as pessoas. Instantes ridículos, irritantes. Enfim, sem surpresa, chegou aos nossos rostos contraídos aquela saraivada de grãos jogados perto demais.

Diego tirou as fotografias, deixou a câmera sobre uma colunazinha de mármore e correu até mim e os presentes para um disparo automático. Não me lembro se chegamos a ver aquelas fotos.

Depois, fomos em pequeno número nos refugiar num restaurante perto do Campidoglio, lotado de turistas alemães. Não lembro muita coisa daquele dia. Meu mau humor o tinha envenenado. Diego levantou o copo em direção da mesa dos turistas alemães e brindou com eles. Assobios e votos alemães nos festejaram. Os Estados Unidos bombardeavam o Iraque. Na noite anterior tínhamos ficado colados à televisão olhando os B52 e os Wild Weasels que soltavam seus mísseis inteligentes guiados a laser...

“... dizem que atingem apenas objetivos estratégicos... depois arrasam um hospital, um ônibus... desculpam-se diante de uma garrafa de água mineral...”

Meu pai agitava os braços.

“Sabe o que está escrito nos mísseis? Os rapazes do batalhão Apache se divertem... escrevem: este é para teu cu, saddam , e num outro escrevem: e este é para o cu da tua mulher .”

Ele tinha bebido um pouco demais, ficara ali entristecido ruminando. Fazia algum tempo que o mundo lhe agradava cada vez menos. Era minha mãe que equilibrava seu humor, que o reconduzia às pequenas coisas, banais. Depois que ela morreu, Armando tinha ficado mais rebelde, vagava de rédeas soltas em seus pensamentos.

Eu tinha uma aliança nova em folha no dedo e uma carinha desagradável. Não estava contente. Tinha casado para poder adotar uma criança. Agora nossos nomes viajariam em par nos túneis infinitos da burocracia italiana. Eu temia que aquele registro legal

de nosso amor nos espoliasse de algo. Enquanto assinava aquele documento ao lado de Diego, não tinha sentido nenhuma alegria, apenas o gosto amargo de uma derrota. Aquele casamento sancionava definitivamente minha incapacidade.

Eu esfarelava pão na mesa. De vez em quando, Diego apoiava sua cabeça na minha. Meu pai levantou o copo, pegou o garfo e começou a bater no vidro para pedir atenção. Ele pensava que, em certas ocasiões, era preciso dizer as coisas em voz alta. Permaneceu calado por um instante, com a boca aberta... até que a pausa se tornou longa demais, quase patética. Olhou ao redor daquela mesa infeliz, poucos amigos modernos e chatos. Apertou os olhos, como costumava fazer, para reunir as sobancelhas fartas, os pensamentos. Depois extraiu aquelas poucas palavras.

“Desejo ao casal saúde, paz, mesa farta e... e o que vier...”

Olhou para nós, eu e Diego, como um mesmo corpo. Um nó lhe fechou a garganta, fingiu que era um arrote. Levou o guardanapo ao rosto, *pardon*.

“Sinto falta de Annamaria...”, murmurou.

Viola lamentou que a carne estivesse dura.

“Peça outra coisa”, respondi aborrecida.

Duccio nem esperou a sobremesa, voltou para as suas modelos.

A gravata-borboleta de Diego ficou no bolso de seu paletó de veludo, encontrei-a alguns dias depois.

Não fizemos amor naquela noite. Diego abriu a garrafa de champanhe que deixara na geladeira, veio até mim para um brinde. Entrelaçamos os braços, derrubamos um pouco de champanhe no pescoço, nas roupas. Ficamos risonhos e loquazes. Tínhamos medo do silêncio... medo de nos encontrarmos nus e derrotados.

O telefone nos acordou. Era Gojko, assobiava a marcha nupcial no aparelho. Ele deveria ser uma das testemunhas, mas precisaria de documentos, comparecimentos à embaixada, e nós três tínhamos preguiça, éramos refratários à burocracia, e assim não se havia feito nada.

“Em todo caso é você a verdadeira testemunha, a única...”, disse a ele.

“Eu sei”, respondeu, “... infelizmente sou apenas uma testemunha”, e gargalhou. “Preferiria ser o assassino.”

Ele nos perguntou, à sua maneira, sobre a lua de mel.

“Sob qual precioso céu irão trepar?”

Diego sorriu, esfregou a testa, olhou para mim.

“Vamos ficar em Roma trabalhando.”

“Está louco, imbecil? Depois de casar o sujeito viaja, pega a mulher pelo braço e vai...”

Sabe-se lá o que ele imaginava... um daqueles casamentos deles cheios de furor, e aquelas noivas recamadas de bordados entre um monte de homens bêbados de *šljivovica*. Certamente não pensava naquele recatamento, a casa no escuro e nós dois parados entre as dobras da cama, sonolentos, entediados.

“Pegue sua mulher e leve para um hotel!”

Diego sorriu.

“Vou tentar.”

Desligou o telefone, olhou para mim, apagou a luz.

“Vamos ao Grand Hotel, ficaremos numa suíte...”

Murmurei uma frase de esposa aérea e pensativa...

“Para que jogar dinheiro fora...”

Ele se revirou várias vezes, depois se levantou. De manhã encontrei-o no sofá, a televisão ligada com um cara gordo de bigode vendendo quadros *naïf*... , o peito nu, um braço caído no tapete, a garrafa de champanhe vazia. Recolhi um chinelo, um travesseiro. Fui até a cozinha, olhei pela janela os carros passando, as bancas do mercado. Fiquei ali, encostada no vidro, ausente, misturando as coisas que via numa só papa de cores manchadas, lodosas.

* * *

Dois dias depois, apresentamos nosso pedido de adoção ao Juizado de Menores. Começou a fila das certidões, das repartições públicas. A espera da gravidez se tornou a espera dos papéis timbrados, dos questionários, dos estados civis, das certidões de nascimento. Não me desagradava aquela gravidez extracorporal, de mofo burocrático. Era o tempo passando.

O problema tinha se transferido de meu corpo para as papeladas dos órgãos públicos, para os arquivos ministeriais. Eu ia de vespa,

abaixava o pedal, corria pelas escadas, fiquei amiga de recepcionistas e de funcionárias atarracadas e prepotentes.

Meu pai foi ao cartório assinar sua autorização para a herança, Diego foi a Gênova. Nos registros do Judiciário havia aquela marca, aquele crime menor com os torcedores de Marassi pelo qual ele tinha sofrido um processo e fora condenado.

Fomos chamados à delegacia. Encontramo-nos diante de um jovem balofo com um nariz achatado. Um sujeito inexpressivo, arrogante. A cara chata e albina, como um daqueles peixes que vivem debaixo da areia.

Lembro apenas do isqueiro, um cilindro de ouro, pequeno, que ele ficou o tempo todo girando nas mãos. Falava em voz baixa, olhando pouco para nós. Umedecia continuamente os lábios com a língua.

Diego tinha entrado sorridente, descontraído. Eram histórias que faziam parte de uma outra vida. Estava com o gorriinho de lã na cabeça, o sujeito ergueu o queixo.

“Tire o chapéu, por favor.”

Diego tirou e se desculpou.

A um certo ponto o policial lhe disse: “Pare de se mexer”.

Diego balançava um pouco o corpo, os olhos faiscantes, fazia um esforço para lembrar aqueles anos...

Ficou imóvel, mudou de expressão. Respondeu às perguntas alterado. Um lampejo que nunca vira nele obscurecia seu olhar. O rapaz de farda estava cada vez mais insolente. A luz mudou. Lambeu novamente os lábios. De sua palidez agora aflorava um sadismo descolorido. De repente sentimo-nos dois criminosos. Ele sabia tudo sobre nós, as viagens a Sarajevo e o resto, comecei a gaguejar, a me justificar por meu casamento de poucos meses. O sujeito me fotografava com aquele olhar de soldado, a certo ponto se deteve em meu seio. Ajeitei a camiseta. Diego se levantou. O policial disse que não tinha terminado. Diego disse: “E o que vai fazer? Vai nos prender?”.

A partir daquele dia passamos a nos sentir vigiados. Vez por outra um carro da polícia passava perto de nossa casa, diminuía a velocidade.

O psicólogo do posto de saúde foi gentil e indiferente. Fomos até aquela repartição da periferia, um centro de higiene mental. Um belo prediozinho anos 20, decrépito, cercado por um jardim meio abandonado. Um deserto de salas, de aventais sentados nas janelas a fumar, de viciados a vagar. De nosso lado, uma mulher insignificante com a carteira dentro de um saquinho de supermercado amarrotado.

Entramos, o psicólogo do posto sorriu para nós, estava ao telefone, não desligou. Depois fez as perguntas, preencheu o questionário. Quase sem nos olhar, emitiu um ótimo parecer sobre nós.

Finalmente sentamos para a primeira entrevista. A psicóloga que acompanhará nosso caso é uma mulher gorda, demora-se na porta com a assistente social, uma moça desbotada, vestida como um homem, de colete e gravata. Depois se aproxima de nós, olha-nos sem olhar, pondo nossa pasta na mesa, tem cabelos fartos, pequenos olhos maquiados com sombra e vários colares ruidosos. Deve ter sido bonita... fito os lábios carnudos, os dentes brancos que mostra o tempo todo, uma boca com uma sensualidade, uma vulgaridade própria. Ergue os olhos, e percebo que vai me odiar. Há mulheres que simplesmente me odeiam. Aprendi a reconhecê-las no primeiro piscar de olhos. Aprendi a me defender. Procuo não pensar, não me deixar influenciar por essa percepção, respondo a suas perguntas. Sua voz é volumosa como seu corpo, ressoa surda naquela sala cheia de cartazes de crianças, de mãos que se encontram. Sorri para mim, diz para prosseguirmos. Mas, na verdade, parece que faz de tudo para me desencorajar. Seus olhos correm de mim para Diego como bolinhas de gude. Sinto-me frágil, insegura. Ela está avaliando nossas imperfeições. Diego é mais novo do que eu, nota-se. Tenho as costas curvadas, aperto os braços, dobro-me sobre o corpo, como se estivesse com dor de barriga. Compreende-se que sou eu a estéril. Falo de coisas inúteis, fujo das perguntas. Não posso dizer a verdade. A verdade é que eu queria um filho com os olhos e os ombros do rapaz que amo. A verdade é o que ela lê em mim, estou aqui por falta de alternativa. É meu último

recurso. Pois, se pudesse gerar um filho, certamente não estaria aqui, na frente dessa mulher ruidosa, como seus colares, a me desmascarar. Não sou movida por nenhuma bondade. Tenho apenas medo de que Diego vá embora, quero prendê-lo a mim. É isso que eu quero. Quero um cadeado de carne. Mostro segurança, lanço pequenas exclamações. Mas enquanto isso gostaria de me soltar e chorar abraçada a essa mesa cheia de fichas... documentos de gente que sofre, como nós. Eu esperava que fosse a psicóloga a me convencer. Acreditava que era assim que funcionava, como com o padre, que uma mão experiente me tomava pela mão. Em vez disso, essa mulher cumpre seu papel de examinadora de pais. Ela me diz a verdade, que é um percurso longo, doloroso. Um calvário da psique e da alma.

“Mesmo os casais de maior fôlego, mais motivados, têm decepções terríveis.”

Sinto um cheiro, estou com as axilas banhadas de um suor nervoso, ácido, dor que escorre.

Em casa me revolto: “Aquela vaca! Aquela tremenda desgraçada!”.

Sinto-me ferida, espoliada. Sinto que uma mão penetrou para fazer uma curetagem nas partes mais íntimas, para remover os últimos coágulos.

Diego se fecha na câmara escura, longe de mim. Que fique lá. Passou ao meu lado com seu suéter, tive vontade de arrancá-lo, de lhe puxar os cabelos. Não me defendeu, deixou que eu me afundasse. Enquanto eu falava, a psicóloga se dirigiu a ele, de chofre: “Sua mulher lhe parece sincera?”.

Diego se manteve calado, sem dizer nada. Depois assentiu... mas como aqueles cães de mentira atrás dos carros de outrora, automaticamente, por inércia.

Falto à entrevista seguinte. Estou com um problema na redação. Uma desculpa ridícula. Na verdade não quero ir, é como se me pusessem na berlinda.

Esperávamos que fosse mais fácil. Sonháramos com uma criança já pronta para nós. Mas agora sabemos que é preciso esperar

muito tempo, passar por interrogatórios que duram horas. Sabemos que não poderemos ter um recém-nascido, não permitem a casais sem experiência.

Talvez Diego também tenha medo.

O livro sobre maternidade diz que os primeiros dois anos são os que importam. É naquele ferro maleável que bate o martelo. Depois trabalha-se em material duro.

Um publicitário que Diego conheceu na agência convida-nos para jantar. Ele e a mulher adotaram uma menina. Esta Ludmina é graciosa, loura, evanescente, parece a Sininho de *Peter Pan*. A casa é moderna, de propaganda de tevê. Pratos escuros, cozinha com o balcão alto no centro. A mãe é uma inglesa, loura como a filha adotiva. Que realmente parece filha deles. Talvez a tenham escolhido por isso, é um pensamento mesquinho, mas mesmo assim foi o que pensei. Porque sei que é verdade. Tornei-me muito atenta, uma observadora das profundezas. É tudo muito agradável, o vinho tinto em taças especiais, couve-flor com molho branco ao forno. O casal parece em sintonia, são gentis entre si. O pai abre o forno com a luva, a mãe dá de comer à criança, que tem quase seis anos, mas ainda se deixa alimentar. Mais tarde leva-a para dormir. Ludmina se despede das visitas com seu boneco preso ao braço, como uma extensão. A mãe volta, acende um cigarro. Pega as cumbuquinhas do pudim cozido em banho-maria. Pouco depois a menina volta, quer água, diz em russo. Quando está cansada, usa sua língua materna. A mãe apaga o cigarro, dá-lhe água e leva-a de volta à cama. A menina retorna mais uma vez, ainda está com sede. Daí vai o pai, a menina continua a voltar. Agora com outra expressão. Está menos evanescente. Percebe-se aquele embaraço medonho que já há algum tempo paira sobre aquela mesa da moda... sem fronteiras. Um homem italiano, uma mulher inglesa, uma menina russa. Aos poucos o belo castelo de propaganda se desmorona. A menina parecia morta de sono, mas agora não tem a menor intenção de se recolher. Os pais se olham, talvez estejam prestes a discutir. O publicitário está com as faces rubras como se quisesse gritar, mas sem poder, pois tem uma rolha na boca. A mãe fuma outro cigarro,

cai um pouco de cinza no suéter, espana, olha o buraquinho. Ali estamos nós. Desculpam-se, sorriem. Deixam a menina à vontade para fazer o que quiser. Começa a puxar almofadas, a pular, liga um brinquedo falante atroz. Num segundo enxovalha aquela intimidade, aquele clima acolhedor, de anúncio publicitário. O pai se levanta, fala baixo em seu ouvido. A mãe se aproxima e a menina lhe desfere um pontapé. Na mesa servem um Porto junto com aquele pequeno estrago. Depois a menina despenca no chão diante do desenho *Tom e Jerry*. Também assistimos um pouco, as cabeças retorcidas na mesa. O volume está alto demais para não sermos sugados. A mãe tira a fita do videocassete, fala. Conta-me um monte de bobagens poéticas, a viagem, o encontro com Ludmina na sala do orfanato. Depois aflora um pouco de verdade. A menina a rejeita, tem lembranças da mãe e por isso, quando fica irritada, diz *você não é minha mãe*. Com o pai é melhor, mas é muito agressiva. É bom que seja, porque significa que expele a dor, aquela raiva que tem dentro de si, a do orfanato com as caminhas de grades altas como uma prisão. “Você não faz ideia de como são tratados... é indescritível.” Ela se comove. Depois diz uma frase autêntica e terrível.

“Amo Ludmina... mas, se pudesse voltar atrás, não sei. Assumimos uma dor enorme que não nos pertencia.”

Olha para mim com essa face loura, gentil, inocente. Talvez envelhecida nos últimos dois anos.

Não é verdade que você adota uma criança. Você adota a dor do mundo. É uma tirinha de papel tornassol de suas incapacidades.

A quinta entrevista foi melhor. Aprendi a ser sincera. Choro, não falo. A psicóloga diz que é bom chorar.

Depois de uma semana falo. De minha mãe, digo que nunca a vi nua, que aplicava talco em meus tênis e me fazia comer em pratos de plástico para ser mais rápido. Choro sobre o nada. Sobre aqueles pratos de plástico, sobre aquela esterilidade.

Depois de dois meses confesso abertamente que a adoção, para mim, é por falta de alternativa. E que não tenho certeza de poder me afeiçoar a qualquer um. Tomei gosto pela verdade, tem um sabor melhor. Mais ofensivo. Digo que estou com medo. De perder Diego.

Porque ele é mais jovem do que eu, porque sou eu a estéril, ao passo que ele *tem uma qualidade espermática excelente* . Conto meu calvário das agulhas, dos óvulos negros. Não choro mais, olho para mim mesma.

Hoje é Diego que chora. Treme, tosse aquela tosse áspera.

A psicóloga nos deixa a sós. Ao voltar, oferece-nos uma bala. Mastigamos aquelas esferas de alçaçuz borrachento que nos fazem bem.

Diego põe sua mão na minha. Somos duas crianças. Daquelas pequenas, que se conhecem no maternal e se amam com um amor muito maior do que si mesmas.

Olho para Diego e digo: “Quero um filho com teus olhos, com tua nuca”.

Olho para a psicóloga e digo: “Segundo a senhora, é possível?”.

A psicóloga concorda, com seu corpo robusto e diligente.

Diz: “Sim, é possível”.

Abraço-a. Hoje ela é minha mãe. A verdadeira, a que me adotou.

Na vez seguinte, Diego fala de seu pai. Conta de uma sala de máquinas, de um cais sujo de serragem.

Na última entrevista, a psicóloga nos diz *nestes filhos encontra-se algo a mais, porque se escava mais. E você, Gemma, encontrará a nuca de Diego. E você, Diego, encontrará seu pai* . Diz que aprendemos a escavar.

Caminho abraçada a Diego. Não sei aonde vamos. Vamos aos velhos lugares, à barcaça que agora é um bar da moda e não há mais nada. Não há mais o sofá de napa com os rabiscos obscenos onde fizemos amor tantas vezes. Há um assoalho de listras brancas. Comemos *bresaola* . Choramos de amor sobre aquela carne seca, escura. Nossa carne é viva e vermelha. Olho o rio lá fora. É sempre o mesmo, amarelo e raivoso. Não sou mais estéril. Minhas mãos estão macias. Diego diz: *temos toda a vida pela frente* .

Voltamos para casa. Há uma nuca em nossa frente. O menino está tão perto que podemos tocá-lo.

A psicóloga agora confia em nós, encoraja-nos. Não é um salto no escuro. Há uma margem de escolha, fazem-se entrevistas de orientação. Diego diz *nenhuma escolha* . O primeiro menino que

entrar naquela sala, o primeiro que nos olhar, é ele. Não se escolhem os filhos, não são pêssegos no mercado.

Somos um pai, uma mãe. Estamos prontos.

A despedida é numa pizzaria. A pizza mais porca de nossa vida, a mais enlameada, mozzarella e merda. Nós três choramos. A psicóloga diz: “Nunca conheci dois jovens tão bons como vocês, tão honestos”.

Nosso pedido foi rejeitado. Não podemos adotar. Diego tem a ficha suja. Aquele policial imberbe e balofo escavou o passado, aquele flácido ser obtuso veio boiando até nós.

Meu pai trouxe nêspersas, a fruta predileta de Diego. Lava, reparte-as ao meio, diz: “Vamos mudar de país. Vamos morar na Islândia”.

Diego está à janela. Contemplo sua nuca.

Cresci. É absurdo, mas de algum lugar sinto algo vindo em nossa direção e, agora à noite, é realmente absurda essa confiança.

Hoje Gojko está de mau humor. Parece mais velho do que é, obstina-se naquela maneira de andar já senil, arrastando os pés, com os braços afastados do corpo, as manoplas abertas. O que ele parece? Um velho moinho daqueles abandonados ao longo das margens do Drina. Um corpo atarracado de tijolos escuros e pás quebradas, caídas... mas ainda à espera do céu, do vento.

“Não imaginava que fosse possível recuar tanto no mal, que minha geração se pusesse a perseguir o mal em sentido retroativo, a desenterrar os mortos da Segunda Guerra, e os das batalhas contra os turcos... só para refocilar no ódio... não posso acreditar, tínhamos a vida pela frente... um show do U2, uma moça que nos amava e nos teria ouvido... o que faltava? Por que escolhemos a semente impura, os poços envenenados, as carniças putrefatas?”

Estamos sentados no ponto do ônibus, sob uma cobertura de plástico opaco, alinhados num banquinho como três turistas cansados que se perderam, mas não se importam porque não estão com pressa. Atrás de nós, um disco metálico de uma piscina coberta com sua armadura de tubos negros parece a carcaça de um animal pré-histórico. A rua à nossa frente é larga e nua, com uma lama da

chuva que parou há pouco. Passa um carro, um velho Opel que deixa um rasto negro. Pietro põe a mão na boca.

Gojko sorri, olha para Pietro.

“Vive-se bem em Roma, hein?”

“Sim...”, resmunga Pietro, “razoavelmente...”

A voz de Gojko tem uma rouquidão que adere às palavras, dá-lhes um tom de ameaça, tenho a impressão de que a cólera invade o rosto dele.

“E aqui, pelo contrário, você acha tudo um pouco triste, um pouco desbotado...”

Pietro dá de ombros, olha a rua à sua frente, essa avenida despovoada, a árvore desfolhada com o tronco magro, dobrado como uma vara de pescar...

“Não... gostei da praça do xadrez...”

“A praça do xadrez é o ponto de encontro de velhos patéticos, de refugiados, seria melhor que vocês tivessem ficado em Piazza Navona, naquele bar na frente da fonte de Bernini... você tem sorte de ser italiano.”

Pouso uma mão em sua perna, uma mão que gostaria de consolá-lo, mas é uma mão assustada. Aperto-lhe a carne. Temo que Gojko possa dizer alguma coisa a Pietro. Talvez tenha errado em confiar nele... é um homem que sofreu demais, de repente sua calma me parece um rancor à espreita.

“Pergunte à sua mãe como era esta cidade, antes da guerra...”

“Era lindíssima”, apresso-me em dizer.

Viro para Gojko, está desagradável, irreconhecível.

“É aqui que conheci seu pai, sabia, não?” Pietro concorda, dessa vez inclinando a cabeça.

“Era muito simpático... sua mãe, pelo contrário, era um pouco arrogante, mas era tão linda que podia se permitir...”

Pietro arranha o jeans com as unhas longas que precisa ter para tocar violão. Ele também está nervoso.

“Pare com isso!”, digo. “Me incomoda.”

Não se rebela. Para de se coçar.

Dois rapazes com pobres moletons de tecido acrílico, com olimpik sarajevo escrito nas costas, jogam bola na área que fica em frente ao disco metálico. Gojko devolve a bola que lhe veio por trás. Levanta, começa a jogar... ainda é ágil, consegue manter a bola no pé.

“Quero ir embora, mãe... quero voltar para casa.”

“*Italijan!*”, grita Gojko apontando para Pietro. “Ei, Del Piero!”

Os rapazes se aproximam de Pietro, Gojko lhes disse que o convidassem. Os dois se parecem, têm os mesmos olhos, as mesmas manchas vermelhas no rosto. Parecem irmãos.

Pietro sorri, abana a cabeça... não gosta de futebol, não é seu esporte. Resmungua que não está com calçado adequado, mas depois não se faz de rogado.

Olho para ele ao lado de Gojko, enquanto disputam a bola. Pietro é mais delicado, Gojko leva a sério, tem aquele frenesi um pouco patético dos velhos quando se põem a competir com os jovens.

Um dos rapazes de Sarajevo derruba Pietro, rouba a bola. Pietro se levanta, sacode o jeans, fica para trás, salta sozinho. Põe o capuz do moleton. Faz isso quando quer se defender.

Um deles avança de novo, gira em torno dele, fica provocando. Dessa vez Pietro consegue lhe tomar a bola, chuta contra a parede, grita que é gol. Os rapazes assobiam com os dedos na boca, dizem que foi fora. Gojko abre os braços, há algo que o une àqueles dois rapazes, uma espécie de crueldade. Jogam sem divertimento, para machucar. Pietro manca, sob o capuz está com o rosto tenso, os olhos baixos que observam a bola como uma inimiga. É, como uma inimiga. Estão em quatro, cada um joga por si... mas é como se estivessem todos contra ele. Percebo que Pietro está sozinho num campo de adversários. Observo-o, é longilíneo, de gestos elegantes, usa jeans e sapatos caros... é bonito, é cheio de luz. Tem uma natureza gentil, e depois foi educado assim. Giuliano o levou ao judô, com um mestre da velha escola, da velha cortesia, ao polo aquático, ao tênis. Está acostumado a disputar com lealdade, não cede, mas é incapaz de ferir os outros. Fito-o com os olhos de quem o vê pela primeira vez, com os olhos daqueles rapazes que agora me parecem feios e opacos, com seus macacões de acrílico, seus rostos

manchados, seus olhos parados que transbordam inveja, que talvez o odeiem. São todos filhos da guerra, são dessa idade, mães doentes de câncer, pais desempregados, alcoólatras. Têm corpos toscos, jogam com rudeza, dão chutes nas canelas finas de meu filho.

Não se pode ter piedade de ninguém... não gosto desses rapazes, não gosto de seus rostos suados que parecem feitos de um material inferior, decadente... de uma carne sem luz, de detritos e pó.

Meu filho está salvo. Está fora desse campo de concentração. Tirem as mãos dele, seus javalis, seus lixos.

Daqui desta colina os atiradores disparavam, brincavam com suas vítimas, atingiam uma mão, um pé... Alguns miravam nos testículos, num seio, tinham tempo suficiente para matar, e por isso antes se divertiam um pouco.

Para mim era como atirar em coelhos, disse um deles numa entrevista. Não se sentia culpado, nem sequer entendia por que todo aquele interesse por ele, não era louco nem sádico nem nada. Simplesmente perdera o sentido da vida.

A piedade morre com o primeiro que matas.

Estava morto ele também, por isso sorria.

Na volta ligo para Giuliano. Ando grudada no celular, com um dedo tampando o outro ouvido, porque agora há trânsito, fedor, barulho.

“Amor.”

“Amor.”

Peço que me ajude a antecipar o voo lá na Itália, diz que vai tentar.

“Mas vocês não iam à praia?”

“O tempo está feio, a comida é ruim, Pietro reclama.”

São pequenas desculpas, modestas como meu coração, como meus temores. Giuliano percebe. Deixa-me um pouco em silêncio.

“Giuliano?”, digo.

“Estou aqui”, responde.

Espere mais um pouco, é o que está pensando, percebo. Vejo seu rosto, seus olhos que se estreitam... conheço sua expressão

quando pensa em mim.

“Onde você está?”

“Na rua.”

“O que você vê em frente... em sua frente?”

Não entendo o que está me perguntando.

“Tem uma rua, feia, congestionada, uma loja de celulares, uma padaria... uma placa cheia de nomes de mortos...”

“Não fuja.”

Diante do hotel despeço-me de Gojko sem fitá-lo nos olhos. Percebe que estou distante, fechada em meu casaco, em meus óculos.

“Boa noite.”

“Boa noite.”

“Amanhã?”

“Amanhã vamos dormir um pouco.”

Viro e sinto nas costas seus olhos turvos que me retêm.

Pietro abre a garrafa de água, segura pelo gargalo, bebe demoradamente. Depois suspira. Solta um pequeno arrote, pede desculpas.

Tentamos ligar a televisão. O canal que pega melhor é o alemão, está passando um jogo que também tem na Itália, um daqueles programas ditos “de formato”. Material exportável adequado ao mundo todo, botões, caixas repletas de dinheiro.

Ficamos inertes na cama olhando aquele quadrado fosforescente onde se movem pessoas risonhas, entre moedas que aparecem na tela como que caídas de um cofre, moedas falsas, grandes e brilhantes como as dos butins dos piratas.

Nunca assisto esse tipo de coisa. Mas agora deixo prosseguir sem me defender, sinto que me faz bem, me relaxa. Tira-me da estagnação, devolve-me um pouco de indiferença.

Certa vez perguntei a Diego o que tinha sentido quando era jovem e usava heroína.

Uma cara de merda ficava decente, o estádio Marassi parecia o Maracanã, minha vespa se comportava como uma Harley Davidson... Suportava melhor o mundo, tudo isso.

Olho para a tela, aquelas imagens que me penetram e não se detêm... assim, depois de algum tempo, não penso mais em nada. Esvazio-me de tudo, sobra uma boca imbecil que cochila pregada no rosto.

Pietro desencosta da parede, pega seu travesseiro.

Desligo a tevê, entro na escuridão do quarto. Um pé de Pietro toca em mim e não se afasta de imediato. Fica ali ao lado do meu. O que se passa com meu filho hoje à noite? Ele me parece melhor, menos raivoso.

“No que você está pensando?”

“Nada, mãe.”

Mas está com a voz desperta de alguém ainda presente no mundo.

Não tira o pé, deixa-o ali, colado ao meu. Olho seus cabelos no escuro, estendo uma mão e lhe acaricio a cabeça. Em casa ele teria me afastado, com um de seus gestos malcriados, com um grunhido. Mas hoje à noite em Sarajevo aceita meu carinho, fica ali. Ou melhor, aproxima-se imperceptivelmente, acomoda-se junto ao meu seio, junto à minha barriga, curvado como um feto. Abraço-o. Abraço meu filho como não fazia havia muito tempo. Talvez esteja ferido. Por este dia estranho, por esta cidade onde nasceu, por acaso, acredita ele, porque seu pai era um fotógrafo e rodava o mundo. Agora respira mais forte, talvez esteja dormindo.

Poucos dias antes de morrer, minha mãe me disse que tinha sonhado comigo ainda dentro dela, um sonho tão realista que de manhã ainda se sentia perdida. Estava ali naquela cama, à beira da morte, e tocava o próprio ventre, incrédula por estar vazio. Tinha certeza que eu voltara para dentro dela.

“Que idiotice”, disse-lhe eu, magoando-a.

E depois ocorrera também comigo. Pietro era pequeno, tinha contraído uma otite purulenta, o pus lhe escorrera de um dos ouvidos, a febre aumentava.

Aquela noite mantivera-o junto de mim, minúsculo e febril. Tinha cochilado por alguns minutos. E então sonhara que abria as pernas e trazia-o ao mundo. Não havia dor, nem sangue. Acordara com um grito, um longo gemido.

Giuliano acendera a luz, assustado, os olhos espantados.

“O que foi?”

Pietro dormia, a febre estava diminuindo.

“Um sonho”, tranquilizei-o.

“Ruim?”

“Amanhã te conto.”

Hoje à noite meu filho dorme junto de mim, colado como um grande feto. Hoje à noite, neste hotel, na luz pálida que sobe da rua, sinto medo que Sarajevo tenha uma voz sutil, que cante e conte. Escuto a respiração de Pietro.

“Talvez um dia eu conte a ele”, eu sussurrara aquela vez a Giuliano.

“Vou lhe dizer que não sou sua mãe.”

Em Dubrovnik o sol flutuava

Em Dubrovnik o sol flutuava em cada partícula do céu, como se tivesse se dissolvido e escorresse... nos telhados vermelhos da cidade velha, nas costas claras das muralhas. Ficamos encantados ao ver aquele ancoradouro. Finalmente, depois de tanto tempo, férias de verdade.

Descemos até a estiva da balsa para pegar o carro, a cancela se abriu e um cheiro terrível nos atingiu, trazido por aquela fumaça negra. Gojko estava ali. Calças brancas, óculos escuros, já queimado de sol. Um pé apoiado sobre um dos grossos cabos que prendiam a embarcação em terra, ajudava a descer os carros, fazia sinal para endireitarem as rodas, enquanto conversava com um oficial de uniforme branco que estava ao seu lado.

Diego pôs a cabeça para fora da janela, enfiou dois dedos na boca e soltou um de seus assobios dos becos.

Gojko voltou-se para nossa direção, viu-nos, abriu no rosto um grande sorriso com todos seus dentes tortos, uma fenda numa fruta madura. Estávamos ainda atrás, alcançou-nos correndo, pulando os capôs dos carros em fila com saltos felinos. Apertou no peito a cabeça de Diego, gritando de felicidade. Deu-lhe um beijo, fitou-o, deu-lhe outro beijo. E de novo gritou.

“ Dobro došli, Diego! Dobro došli! ”

Depois veio para meu lado. Tentei me defender de seu assalto, literalmente me arrancou do carro, erguendo-me feito um graveto.

“ *Dobro došli u Hrvatsku* , bela mulher!”

Ele tomou o volante e descemos para o quebra-mar. Depois, entramos abraçados naquelas ruelas polidas pelo mar, abraçados como dois irmãos. Insistiu em me dar um chapéu com o brasão vermelho e branco da Croácia. Coloquei, olhei-me num pedaço de espelho, e aquele chapéu me pareceu lindíssimo... meu rosto ali debaixo parecia o de antigamente.

Diego tinha ficado para trás. Fotografava o porto do alto, esticando-se por sobre a muralha. Gojko lhe lançou um olhar por cima de minha cabeça.

“Ele te fez sofrer?”, perguntou-me.

Tinha seus olhos de homem dos Bálcãs, fundos, ameaçadores, cheios de antiga honra.

“Não... não foi ele.”

Não perguntou mais nada.

“Temos tempo”, disse.

Virou-se e deu um grito para Diego.

“Ei, artista, tire uma foto minha com sua mulher!”

Ainda tenho, aquela fotografia... Gojko com sua cara de mártir fanfarrão, eu com aquele chapéu croata, as pernas macérrimas saindo dos shorts. Meu rosto não aparece, pois uma mancha de óleo que Pietro deixou cair quando era pequeno me apagou.

Sentamos numa pousada atrás do Stradum, sob um caramanchão de hibiscos, na frente de uma garrafa de vinho e de um prato de pequenas azeitonas pretas. Fizemos o concurso dos caroços, quem os cuspiu mais longe. Diego ganhou. Ganhava sempre. Tinha uma força incrível naquelas bochechas magras.

Gojko pediu a Diego que lhe desse um sapato. Diego riu, jogou-lhe um chinelo. Gojko o observou longamente com uma cara de nojo e devolveu. Abaixou-se triunfante sobre um dos mocassins que calçava, tirou e mostrou a marca Dior no interior. Anuímos, consternados. Gojko acendeu um cigarro, fumou sob os óculos negros.

“De onde você os roubou?”

Disse que não aceitaria provocações, mas nos ofereceria uma outra rodada de bebida.

O sol avançava além da cobertura, o mar embaixo estava parado, azul-escuro. Estávamos quase bêbados.

Gojko tinha calçado de novo uma parte do sapato, pisando na parte de trás, como um chinelo, talvez fosse justo e não conseguisse mais calçá-lo no pé suado. Dois tanques militares estavam parados no porto.

“Por que estão aqui?”, perguntei a Gojko.

“São os da Armija, de vez em quando mandam saírem por aí para fazer um reconhecimento.” Olhava o mar através de seus óculos americanos. Tinham ocorrido distúrbios em Krajina, os mortos de Borovo Selo. Um dos catorze cadáveres fora devolvido sem os olhos, outro sem uma mão. Diego perguntou alguma coisa.

Gojko sorriu. “Rixas entre vizinhos, bobagens.”

Mostrou uma bugiganga da qual se orgulhava, uma senhorita de borracha muito formosa e seminua com um prendedor no lugar da cabeça. Ele nos explicou que era um porta-retratos, que a pessoa podia pôr ali naquele pescoço a cabeça que quisesse.

Revolveu os bolsos e tirou um pequeno retrato 3 × 4, prendeu-o no ganchinho. Reconheci, era minha foto do crachá para o ginásio de esportes durante as Olimpíadas.

Apoiou na mesa a boneca sexy com meu rosto.

“Você ficou comigo o inverno todo...”

Diego deu-lhe um tabefe.

A ilha de Korčula era recortada por vinhedos que chegavam até as enseadas tortuosas da costa. Estávamos num hotel de poucos quartos, em estilo veneziano. Não voltávamos para o almoço. Caminhávamos entre moitas de arbustos e pedras claras até alcançar uma pequena praia da qual logo nos apoderamos. Ficávamos o dia todo na água. Eu examinava o fundo por horas, os pequenos peixes que se aproximavam de meu corpo naquele mar transparente como vidro. Os seixos da praia mudavam de cor a cada hora do dia. Atraíam a luz e pareciam se mover, reorganizar-se continuamente segundo uma ordem secreta. De manhã cedo, parecia caminhar

numa imensa incubadora de ovinhos prestes a se abrir. Ao entardecer, os seixos adquiriam um azul variegado e vibrante, pareciam dorsos de insetos caminhando. De noite, o resplendor branco da lua deixava as rochas evanescentes. Os seixos ganhavam uma reverberação metálica de carvão se apagando.

Gojko tinha arranjado num borracheiro uma câmara de ar, passava o tempo dentro dela na água, os cotovelos apoiados na borracha negra, lendo um livro. De vez em quando parava de ler e cantava aos berros.

“ Kakvo je vrijeme... Vrijeme je lijepo... sunce sija... ”

Estava com uma grande queimadura de sol na testa, que protegia cobrindo com um pedaço de jornal molhado. Quando se cansava, deixava seu assento aquático e caminhava com o peito nu ao sol até um quiosque de bebidas, longíssimo, de onde voltava molhado de suor, com cervejas geladas e espetinhos de peixe para todos. Diego fotografava as poças salinas que pareciam rostos, máscaras fúnebres de antigos guerreiros. Estava com trinta e um anos, havia melhorado com o tempo. Tinha o rosto ao mesmo tempo ascético e carnal. Um queixo com covinha, de criança, e uma melancolia a mais no olhar encovado. Eu estava com trinta e seis anos, o corpo era ainda jovem, mas o rosto se ressentia de minha magreza. O bronzeado realçava as pequenas rugas de expressão. O neon da luz no banheiro do hotel era violento demais, evitava acendê-la, punha a maquiagem na penumbra do quarto, sentada na cama, um pedaço de rosto no espelinho do ruge. Jantávamos nos pequenos restaurantes ao lado do porto turístico, crustáceos, mariscos fervidos, com alho e farinha de pão, e aquele queijo saboroso feito com o leite das cabras que pastam nas moitas entre as rochas. E jarras de vinho local. Eu notava algumas moças que passavam várias vezes diante de nossa mesa, garçonetes de temporada, moças da ilha contagiadas pela euforia dos turistas. Lançavam olhadelas furtivas a Diego, a seu rosto que, bronzeado, parecia esculpido numa madeira escura e polida. Afinal éramos uma tríade, e talvez eu parecesse a mulher de Gojko. Aproximava-me de Diego e o beijava, para afastar aquelas pequenas aventureiras croatas.

Já havia aquela guerra ali... mas naquele verão eu ainda não sabia, não pensava a respeito. Gojko ficava o dia todo boiando em seu anel de borracha preta, escrevinhando poesias, vendendo bugigangas nas horas vagas. Depois do jantar desaparecia, atirando o corpanzil suado contra algum corpo ocasional... ou, pensando nisso hoje, já havia em seus olhos aquela guerra, naquela sua vontade de exagerar, de arrebatrar. Talvez o fizesse somente por nós, queria que seus dois queridos italianos usufruíssem daquele mar, daqueles mariscos, daquele vinho. O último butim antes das trevas. Agora sei que o frenesi de Gojko era o filho rude e alegre daquele presságio sombrio.

“No Zagreb todos os sérvios se tornaram chetniks, em Belgrado todos os croatas são ustashis...”, cuspiam caroços de uva no mar. “A propaganda... a televisão... antes vem a propaganda e depois a história...”, ria, falava daqueles líderes, cujos nomes ouvíamos pela primeira vez, como uma penca de imbecis, gente que armava o cabelo com o secador, que se maquiava para ir à tevê. Milošević começara a circular com os despojos do príncipe Lazar como um coveiro ensandecido, e Tudjman queria trocar os cardápios dos restaurantes, as placas das ruas. Era impossível ter uma conversa séria, Gojko dava de ombros, desenhava uma charge... Tudjman que apresenta sua mulher a um amigo, escrito no balãozinho: não é sérvia, não é judia, não é turca, infelizmente é uma mulher. Não comprava nem os jornais: “Cada um fala para si mesmo... basta soltar um peido, sentir-se aclamado pelo próprio cu!”. Seu humor nos protegia, ao seu lado sentíamos-nos a salvo.

Andava animado demais, algumas vezes tão irrequieto que me incomodava. Gojko parecia aquele mar, aquele verão, subia com a maré alta, batia contra as rochas, turbilhonava. Depois, em algumas noites, quando a maré absorvia de volta a água e a praia ficava nua, ele parecia aqueles pequenos caranguejos que ficam na areia e correm pelos escolhos, como crianças sem cobertor.

Uma noite, irritada com aquelas risadas que ressoavam altas e pesadas demais nas vielas desertas que nos levavam ao hotel, eu lhe disse, sem pensar, *você é um idiota*.

Mais tarde, com o último copo de *travarica* na mão, no saguão deserto do hotel, entrou com seus mocassins Dior naquela fonte seca

no centro, revestida de azulejos como um banho turco, e se pôs a gritar.

“É verdade, sou um idiota! Os poetas são idiotas como moscas contra um vidro! Debatem-se contra o invisível para apanhar um pouco de céu!”

No quarto ao lado do nosso hospedou-se um casal de alemães com duas daquelas crianças louras que parecem anjos roubados do paraíso. Tínhamos encontrado com eles no corredor, voltando de chinelos da praia. A mãe andava à minha frente, com as pernas inchadas, com manchas de bronzeado, atravessadas por pequenas veias filamentosas e escuras. Uma mulher jovem já gasta, sem nenhuma sensualidade. O pai tinha sandálias próprias para andar nas pedras e o ventre dilatado pela cerveja. Sorriam para nós, eu sorri para eles, para aquelas duas crianças maravilhosas.

“Quando crescerem, serão feios como os pais”, eu dissera rindo, enquanto entrávamos no quarto.

Diego olhara para mim, atingido por aquele comentário cáustico. Era uma família discreta, não incomodavam, falavam em voz baixa. Mas agora havia aquelas roupas de banho penduradas na grade do terraço vizinho ao nosso. O vento tinha derrubado uma delas, a de florzinhas azuis da menina. Eu fiquei olhando a calcinha que se afundava no silêncio daquele pátio marinho, onde um funcionário arrastava um saco de lixo.

Há uma porta trancada, pintada de branco como a parede que dá para o outro quarto... é dali que chegam os ruídos. É noite funda, as crianças dormem. A mãe lavou os pés delas, colocou-as na cama. Voltamos sempre tarde, quando o quarto ao lado está em silêncio. Mas esta noite os alemães têm vontade de fazer amor, de unir aqueles dois corpos desgraciosos, que mesmo assim se procuram. Ouço aqueles rumores... o rumor inconfundível das abordagens sexuais. De meu estômago sobe um refluxo ácido que me corrói a garganta. Hoje à noite o ensopado de peixe estava temperado

demais. Sinto enjoo devido àquela comida, ao vinho alcoólico demais, àqueles corpos feios, grosseiros, que se esfregam no quarto ao lado. Sou tomada de asco por todo sexo do mundo, por aquele meter e meter até a morte, por aquela busca de buracos. Imagino aquele homem, a barrigona nua, ele e seu saco de gordura no ventre... e a mulher, o sexo grande e gasto como as pernas, como o resto de seu corpo. Fico ouvindo aquele ruído de cama, de molas velhas rangendo. São as férias deles, têm marcos, para os alemães é conveniente vir passar férias nestas praias. Haverá guerra? Talvez sim, talvez não... estamos em junho. É o mês das mães e das crianças. Hoje à noite trepam. Afundam essa cama já afundada. Os alemães comeram, andaram de mãos dadas pelas vielas de pedras lisas, compraram um cata-vento para os filhos. Voltaram para o hotel de bom humor, puseram os pirralhos na cama, aqueles dois querubins que agora dormem com seus caracóis louros nas frentes suadas. Mataram alguns pernilongos. Depois deslizaram para sua cama. É um casal afinado, sabem como extrair prazer um do outro sem afobação. Os sons são apenas aqueles mínimos, da cama velha, das respirações... não há gritos nem palavras obscenas. Quero me levantar porque está calor, porque a digestão está pesada, porque Diego dorme e não ouve nada. Depois ouço um grito súbito, o grito das aves marinhas quando desafiam a água, quando reaflorem com a cabeça molhada depois de atravessar por um instante a lâmina do mar.

É uma das crianças que grita. Agora soluça. Escuto a voz da mãe, seus mugidos amorosos. Não está mais fazendo amor, aquele lixo de mulher. Tirou suas nádegas do instrumento do gordão e desceu da cama, para se reclinar sobre a criança e acalmá-la com sua respiração, que agora é quente como a de uma vaca.

Portanto é assim que se faz amor quando se têm filhos. Deixa-se a libido e, num rápido afã, entre humores líquidos, acontece ao filhinho para consolá-lo, para acudi-lo em seus pesadelos. A alemã é uma boa mãe. Agora canta uma cantiga de ninar. É uma mulher pouco atraente, jovem mas gasta como uma mulher de meia-idade. Não tem nenhuma beleza, mas o filho sente amor por ela, como um escudo de carne, uma torre de amor. O filho a considera belíssima,

afunda o nariz naquele perfume forte de cabelos, de pele suada, e reconhece o cheiro do ventre, da lama de marfim do nascimento.

Estou no terraço, não vou mais dormir, amanhece. O ar está parado e fresco, de um azul-cobalto intenso. Fui atacada por um ódio, antes soluçante e indeciso, depois cada vez mais consciente. Odiei aquele menino gemente, aquela mulher. Odiei principalmente a mim mesma, e este sentimento me consolou.

Na manhã seguinte, Diego comia uma daquelas panquecas doces embebidas em mel e queijo, já estava de calção.

“Não estou com vontade de ir à praia”, digo a ele.

Sempre há uma crise no meio das férias, depois da voracidade dos primeiros dias vem a queda. Diego sorri, diz que ele também está um pouco cansado, que vai ficar para me fazer companhia.

“Esta noite uma das crianças dos alemães chorou, não consegui dormir.”

“Vamos mudar de quarto.”

“Sim... vamos mudar de quarto.”

No corredor encontro a alemã, seu rosto está inchado com um rubor que lhe aflora agora, talvez receie que eu possa ter ouvido o resto também. Enquanto ela segue, pergunto: “ *What was the matter with the child last night?* ”.

Ela me explica que a menina perdeu o biquíni, por isso chorava. Já tinha chorado na praia, e de noite, durante o sono, deve ter lembrado a perda.

“ *It was old, but she liked it so much...* ”

Penso naquele biquíni caído no pátio, no funcionário que o recolhia e o jogava na lata grande de lixo. Queria gritar-lhe que não jogasse, sabia que tinha caído da grade do balcão do quarto dos alemães. Mas eu deixara que o fizesse, cheia de amargura... quase sentira prazer em ver desaparecer aquelas roupinhas desbotadas.

No fundo nós três estávamos um pouco tristes, por isso fingíamos alegria. Aquela natureza nos perfurava, restituía-nos a nós

mesmos. Os dias passavam, o mar drenava meu corpo. O vento salgado me devolvia as forças. Serpentes despertavam sob a pele escamada pelo sol. Diego agora entrava pouco no mar, o sal agredia os olhos dele, preferia as rochas. Eu o acompanhava com meu chapéu croata, descalços sob o céu abrasador, escalávamos até o topo. Sentia a respiração de Diego, olhava seus pés, que haviam se tornado preênses como patas palmadas. Aves marinhas faziam seu ninho nas pedras, ficavam ali encolhidas naqueles berços minerais, observavam o vento. De súbito se largavam, desciam planando para capturar um peixe. Diego fotografava aquele instante, o peixe que aflora à superfície do mar e o bico que submerge e o captura. O encrespar das águas e no meio aquele corpo rapace que arrisca se afogar, pois desafiou um outro elemento. Depois aquela luta argêntea no céu. A vida do pássaro e a morte do peixe. Num instante.

Diego pega minha mão, é um dia límpido, brilhante. As coisas parecem de mentira. Uma cópia reluzente do real. As ilhas estão literalmente pousadas sobre a água.

“Gostaria de viver aqui... um dia voltamos, largamos tudo.”

Hoje se enxerga também a Itália. Além do bordado das ilhas, há uma linha escura no horizonte.

“Estamos tão perto...”

Gojko me vigia... sob os óculos escuros sinto seu olhar que se estira sobre mim. Afundo em longos silêncios. Repito um gesto, pego aquela areia granulosa e a deixo escorrer lentamente pela ampulheta de meu punho fechado.

Chegam por volta das duas da tarde, na hora mais quente. É um grupo de rapazinhos da ilha, saem correndo da vegetação, precipitam-se para o mar. Parecem pequenos javalis fugidos do mato. Têm corpos raquíticos, calções desgastados pelo sal.

Um deles, o menor, de vez em quando se destaca do grupo, caminha em nossa direção e se detém, acocora-se no chão e fica ali parado, embalando-se levemente sobre as pernas dobradas. Parece um ovo.

Deve querer dinheiro, como aqueles rapazinhos no porto, aqueles que mergulham quando chegam as balsas de Dubrovnik. Quantos anos terá? Sete, oito no máximo. Tem os cabelos crespos grudados de sal, que parecem tufos de uma cabra. Tenho a impressão de que hoje se aproximou mais do que o usual. Seus olhos nos fitam, são negros e parados como grandes botões brilhantes. Cochilo, acordo. O moleque está ainda ali. Estou com as pernas levemente abertas... olha o triângulo do biquíni, aquela saliência entre os ossos do púbis. Fecho as pernas, ajeito o tecido. Quem é este menino?

Agora está com a água pela cintura. Olha o mar ao redor de seu corpo, imóvel. Não entendo o que está fazendo. Então, de repente afunda uma mão, está tentando agarrar algum peixe. Diego se dirige aos recifes. O menino ergue o olhar das águas.

Os outros rapazinhos estão interessados na máquina fotográfica, são muitos, têm mãos demais. “Tome cuidado”, disse a Diego, “podem roubá-la, jogar uma lente na areia só para fazer desaforo.” Mas Diego deixa que encostem nele, não tem medo, embora dois sejam taludos, com corpos troncados e pesados, músculos já delineados. Um tem uma mancha vermelha no rosto, como molho de tomate esguichado, o outro é o único do grupo que possui pés de pato. Pretos e amarelos, iguais aos de um turista francês, que, antes de ir embora, procurou longamente por eles. Não tira as nadadeiras dos pés, não usa para nadar, caminha pelos seixos feito um pinguim ridículo.

Diego fotografa o grupo de rapazinhos contra os recifes, vejo-os ali, aos cachos, posando e gracejando. O mais miúdo parece nem pertencer ao grupo, ninguém lhe dá atenção. Ainda está na água, parado feito uma estaca. Agora estão todos ao redor de Diego. Olho para ele agachado na praia, cercado por aquele enxame de míseros discípulos... desmontou a objetiva, está explicando alguma coisa, não sei em que língua. A máquina passou para o pescoço do rapaz com a marca vermelha de nascença no rosto, agora é ele quem está tirando fotos. Diego ri.

Volta até mim, o rosto bronzeado ainda tomado por aquele sorriso. Arruma a câmera fotográfica na capa de couro.

“Não me largavam mais.”

“Tirou boas fotografias?”

“Não sei.”

Nunca sabe se suas fotografias vão ficar boas, se vai ter algo aproveitável. Uma imagem, apenas uma, que vale pilhas de filmes gastos. Ele, enquanto fotografa, vê coisas erradas, obras-primas que na verdade saem umas merdas. A imagem se revela entre os erros. Beleza que desponta ao acaso, como sempre no mundo.

No dia seguinte, ao entardecer, o menino está ali de novo. Diego está tomando o último sol, é o que prefere, porque é vermelho, porque é dócil como todas as coisas que estão para partir. Tirou os óculos escuros, seu rosto é invadido por aquela luz maravilhosa. Desliza silencioso como uma serpente, abre a capa, pega a câmera fotográfica, assesta-a no olho.

O menino está ali, de costas... acorado como sempre, como um ovo. Não sei quando chegou, até há pouco não estava ali. Chegou com esta luz suave. Saiu dos arbustos, como uma cabra extraviada. Diego se aproximou dele de bruços. Rasteja sobre os cotovelos alguns metros mais abaixo. O menino agora está na água, faz seu trabalho. Tenta pegar peixes com as mãos, mergulha uma mão como um bico, como aqueles pássaros esfomeados. Diego bate a foto... é um segundo. O menino pegou um peixe, pegou-o por um instante. Vejo a fotografia, um menino-gaivota e um peixinho voando contra o sol que escapa. Talvez seja esta a imagem, a beleza ao acaso.

Foi apenas um instante, porque logo a seguir o peixe escapou e o menino fugiu. E o sol também se fora, deixando um céu opaco e uniforme que parecia jamais ter conhecido um sol daqueles.

Vejo Diego que cai de costas, arqueja cansado, apertando sua Leica. Então penso que há um anjo que, de vez em quando, pousa por pena de nós, de todas as coisas que nos fogem das mãos, que não permanecerão em nossos olhos.

Chegaria o dia em que, com os olhos impregnados de tudo, olhando essa foto, Gojko diria: “Agora sei o que é a arte...”, e atravessando-me com aquele olhar viscoso, inteligente à beira da estupidez, “é Deus que sente saudade dos homens”.

Gojko não está conosco, há dias está sumido, desce à praia só de tarde. Diz que tem negócios para resolver na cidade velha, que o

sol mexe com sua cabeça, que lhe veio em mente uma poesia. Talvez tenha se cansado de nós. Talvez sejamos mais enfadonhos do que outrora. Seus mocassins Dior já viraram chinelos, as calças brancas estão escuras na frente, cheias de nódoas. As férias estão terminando.

Começamos a retomar contato com o mundo que nos aguarda. Diego se fecha na cabine telefônica do hotel, conversa com Duccio, já está com dois trabalhos fotográficos para a semana seguinte. Comecei a guardar as coisas na mala. De chofre Gojko pergunta: “Por que vocês dois ainda não têm filhos?”.

O vento traz um som, as notas de um violino. Gojko se levanta e anda na direção daquelas notas. Volta mais tarde, canta balançando as pernas. Tomou alguns tragos com amigos. É um grupo de rapazes da academia de música de Sarajevo, estão hospedados junto à praia, onde antigamente ficava o quartel da guarda florestal, uma grande casa cinzenta, malconservada, cercada por um calçamento de pedras escuras como a rocha.

Quando o vento muda, chegam lá de cima, vindos da casa cinzenta, os sons dos instrumentos que se afinam entre si. Estão ensaiando um concerto, disse-nos Gojko.

Foi o menino que nos procurou, como se tivesse farejado nossa ausência. Chega misturado com os outros, com suas exclamações. Como sempre, observa-nos de longe, por trás do escudo de sua selvageria.

Está ventando. Perto das duas horas, eu e Diego vamos até aquele primeiro quiosque onde se pode comer alguma coisa sob um toldo de plástico, pedimos queijo de Pag e pepinos. O toldo se agita, as pontas batem. O vento aumenta. O mar começou a se erguer, a se quebrar na praia em ondas altas, compactas como fardos de feno.

Voltamos para recolher nossas coisas, as toalhas voaram para os recifes, voa também o chapéu croata. Vamos embora.

Poderíamos não ter ouvido aquele grito, havia o barulho ensurdecido do mar, como uma manada em fuga. Levantava a terra clara do caminho. Alguns metros a mais e ultrapassaríamos o penedo, começaríamos a ver as primeiras casas do vilarejo, os

arbustos de gerânios silvestres, a parede amarela da peixaria. Alguns passos a mais e jamais teríamos ouvido aquele grito: “Ante! Ante!”.

Vemos, mais abaixo, aqueles rapazinhos que se agitam na língua nebulosa da praia bradando aquele nome. É um segundo, um raio. Diego não está mais ao meu lado. Rola para baixo na frente dos recifes, descalço. Devora os passos que acabamos de percorrer, os atalhos, onde as rochas se precipitam.

Agora seus calcanhares correm pelos seixos, sem se deter lança fora a mochila e a máquina fotográfica.

“Espere!”

Quando chego à praia, já é tarde demais. Diego é uma cabecinha de pássaro cavalgando as ondas. Os rapazinhos à minha volta estão mudos e perdidos como cabras tolas. Estou muda, eu também. Aquele maldito ovo não está sentado sobre seus calcanhares a se embalar, procuro-o com os olhos e já sei que não vou encontrá-lo.

Agarro as nadadeiras amarelas e pretas, grandes demais para meus pés, atiro-me na água, tento ultrapassar aquele paredão onde se quebram as ondas, como fez Diego... mas aquele paredão me arremessa de volta. Engulo água, me afogo. E enquanto engulo água, penso que desde o início dessas estranhas férias nós três, cada um por vez, sente vontade de morrer.

Encharcada e derrotada fito o mar, além da barreira das espumas. O tempo passa. O tempo está parado. À minha volta os rapazes são como velas apagadas, soltam reflexos cinzentos. Tive a impressão de ver a cabeça de Diego mais uma vez, aflorando na água e depois se afundando no declive da onda. Pensei naqueles pássaros que planam sobre o mar, que arriscam a vida para capturar um peixe.

Chegaram também os músicos, vindos de sua casa cinzenta. O rapaz com a marca vermelha no rosto correu para dar o alarme, e agora há um ajuntamento de pessoas na praia. Gojko chega com o zíper das calças abaixado, a camisa aberta. Certamente estava trepando com uma daquelas instrumentistas que cheiram a anchovas salgadas e cosméticos baratos. Está com os cabelos arrepiados e um rosto sinistro, atônito, de ator dramático.

Olha a enseada, as rochas que se elevam onde terminam os seixos. Escala, desaparece atrás das rochas.

Reaparece pouco depois, cansado como um náufrago, na companhia de Diego, que aperta o rapazinho contra si, um braço caído. Ele se aproxima com aquele pequeno troféu de carne. Corro, chego até eles.

Diego sorri para mim meio ofegante. A correnteza os levou até a pequena enseada ao lado, é dali que voltaram. Ante está lívido, aturdido pela água. Diego esfrega as costas dele, Gojko lhe enfia um copinho de aguardente goela abaixo. Os rapazinhos se aglomeram ao redor, quase o soterram, observam aquele tremor exagerado, os dentes que batem como um martelo num prego. Riem de suas mãos enrugadas, devoradas pela água, de seus lábios roxos. Olham-no como um peixe anômalo preso numa rede. O menino cospe um pouco de mar, endireita o corpo e foge, desaparece nas moitas.

Os rapazes põem o dedo na testa, dão-nos a entender que aquele moleque é um pouco estranho, um pouco amalucado... que lhe falta alguma coisa.

Voltamos para o hotel. A noite está fria. O vento parou, mas deixou um ar mais pesado. Abraçamo-nos na cama, com os corpos ainda salgados.

Ante não vem mais à praia. Os rapazinhos nos dizem que a mãe o castigou, bateu nele com um pedaço de corda, a mesma que usa para amarrar as cabras nos ganchos do estábulo à noite. O mar está calmo como vidro. O rapaz com a marca vermelha no rosto bate os pés na água com as nadadeiras amarelas e pretas roubadas do turista francês. Diego está de bruços, olha as moitas, os recifes. Sente falta daquele maldito ovo... está procurando por ele. Pois o menino de vez em quando aparece entre os arbustos, espia a praia sem coragem de ultrapassar o muro das moitas. Os outros lhe atiram pedras, falam que eles o estão vendo, caçoam dele.

Diego se levanta e se afasta com a câmera fotográfica no pescoço. Vai ver se os ovos das gaivotas abriram, vai tirar as últimas fotos do alto.

Deixo-o ir, mas depois o sigo. Arranho as pernas entre os arbustos para não perdê-lo. Ele avança rápido como se também estivesse seguindo alguém. Ultrapassa a casa dos músicos, seus

instrumentos largados sob a grande amoreira que parece adormecida, sufocada pelo calor, pelo peso de suas frondes. Os músicos descansam em suas camas de campanha. Paro, de uma janela espreito Gojko, que está com os olhos fechados, o braço apoiado nas costas nuas de uma mulher. Depois vejo os dois, Diego e Ante. O menino deixou que ele se aproximasse e Diego está fotografando-o.

Sigo-os até o topo, na beira de um penhasco, onde as moitas ficam mais ralas, há uma casa de pedras. Ali fora está sentada uma mulher, magra, desgastada, os olhos claros afundados nos ossos, inertes como os de um cego. Examina Diego e lhe faz uma pequena medida. Vejo-os entrar na casa.

À noite esvaziamos uma garrafa de Lombarda no terraço, junto com um pouco de queijo, estamos cansados de restaurantes. Comento com Diego que aquele menino tem algo dele... as pernas, talvez, o modo de fugir.

No dia seguinte compro duas camisetas e um par de tênis para Ante e levo até lá em cima para sua mãe. Está com uma outra criança presa ao seio frouxo como o de uma vaca doente. Ela me dá a entender por gestos que a recém-nascida não está bem, que o leite não desce pela garganta. Volto com um pacote cheio de alimentos, antes de sair deixo sob uma garrafa de cerveja vazia todo o dinheiro que trago no bolso. Sorri com um sorriso mesclado, o esgar ingrato de certos cães vadios, que rosnam depois de lhes darmos comida. Não fala italiano, mas entende. É uma refugiada da Krajina, voltou para ali porque ali nasceu e ali tem aquele casebre com sua mãe, que é uma velha vestida de negro que tantas vezes encontramos nos recifes, aquela que toma conta das cabras, o rosto carrancudo e uma agrura de álcool entranhada nas roupas.

Ante hoje dá a mão a Diego. Voltamos para a praia junto com ele, a mãe agora o confia a nós.

“Muito ‘bregado’”, disse o menino quando a mulher lhe deu um tapa em nossa frente para fazê-lo falar.

Assim, pela primeira vez ouvimos sua voz. É o sussurro rouco de uma gaivota.

Agora é nosso. Por esses dias restantes é nosso. Diego lhe dá a mão, põe a máquina fotográfica em seu pescoço. Na hora do almoço vou comprar lulas no espeto, comemos na praia. O menino tem fome. Agora fala muito, não fica um minuto quieto... sua voz treme, se eleva, perde o fôlego. Quando ri, o tecido miserável de seu rosto se enrugava de gratidão. Não entendemos tudo o que diz, mas entendemos que está feliz. Agora é ele que ensina Diego a apanhar peixes com as mãos. Eles se posicionam na água como duas estacas. Sim, parece com ele, pensei já desde a primeira vez... quando vi aquele corpo franzino fechado como um ovo que se embalava na praia.

Gojko nos vê passar com aquele menino, enquanto o levamos de volta para casa. Passamos diante da amoreira, diante do quartel da guarda florestal, os músicos ensaiam, uma flauta se afina com uma viola. Gojko nos apresenta sua namorada de verão.

“É Ana.”

Tem os cabelos pretos, com corte desfiado, da moda, um rosto rechonchudo. A pele branca de alguém que nunca saiu ao sol.

Gojko olha o menino, dá de ombros, sabe que é filho daquela mulher meio retardada e não entende por que o trazemos conosco.

Depois, uma noite, respondo à sua pergunta. Estamos sentados na frente de uma igreja, sobre os degraus largos banhados pelo último sol. Diego entrou na portinha branca da agência de viagens, do outro lado da praça, resolvemos ficar mais alguns dias. De Roma a assessoria de imprensa do cliente reclamou, Duccio gritou. Deixamos de ligar.

“Sou estéril, Gojko. Não posso ter filhos.”

Fica triste. Sempre tem algo a dizer na ponta da língua, mas agora olha ao redor ferido... contrai a boca, aperta o nariz com o polegar. Pega um folheto amassado e lê para mim alguns versos seus.

*... e a vida ri de nós
como uma velha puta desdentada
enquanto trepamos de olhos fechados
sonhando com a bunda de um lírio...*

Está com os olhos bobos e parados.

“Somos uma geração sem sorte, Gemma.”

Ele me dá alguns tapinhas, me abraça. Fico ali segurando sua mão, contemplando as unhas finas naqueles dedos inchados.

“Ficamos apegados àquele menino.”

Agora desatei a chorar em sua camisa.

“Me ajude... fale com a mãe, procure um advogado aqui do lugar, alguém. Talvez a gente consiga adotá-lo... ter a guarda dele... podemos dar dinheiro para a mãe...”

Diego volta com as passagens trocadas e um sorriso. Ele me encontra com aquele rosto arruinado. Eu me levanto.

“Disse a ele.”

Nós nos abraçamos, os três no meio daquela praça branca.

Assim Gojko foi conversar com a mãe, subiu com uma garrafa de *kruškovača* nas mãos, sentou no quintal com toldo de plástico, aquele fedor de cabras. A mãe fez um trejeito, o costumeiro. Disse que pensaria a respeito.

“O que disse a ela?”

Tínhamos alugado um barco naquele dia, para ir à ilha de Mljet. Navegamos pelo lago salgado até o mosteiro beneditino. Ante estava conosco, Diego o colocou nas costas. Pareciam realmente pai e filho. Eu e Gojko caminhávamos alguns passos atrás.

“Eu lhe disse a verdade, que você não pode ter filhos, que cuidarão do menino, mandarão para a escola...”

“Disse a ela que podemos lhe dar dinheiro?”

Abaixou aquela cabeça de cabelos avermelhados, coçou forte.

“Quer comprá-lo?”

“Quero fazer qualquer coisa.”

Ficou me olhando... examinando meu olhar faminto e parado.

“Os pobres também têm direito de ficar com seus filhos.”

“Aquele mulher não merece aquele menino, não o ama, bate nele.”

Corri para Ante, levantei a camiseta para lhe mostrar aquelas nervuras das crostas de ferida que começavam a cair.

Gojko balançou a cabeça.

“Deus é quem decide.”

Disse-lhe que era um maldito santarrão croata e o mandei para aquele lugar.

Voltamos no dia seguinte e no outro também. A mulher sorria, aceitava nossos presentes, levantava os ombros.

“ *Patre ...*”, dizia, é o pai que decide.

Assim começou a sucessão de telefonemas da cabine de nosso hotel. O marido que ficara em Krajina nunca estava. Ante subia para nosso quarto, ficava entre nós na cama. Comecei a lhe ensinar algumas palavras de italiano, dava-lhe banho na banheira.

Montaram os carrinhos de bate-bate na praça de terra junto ao velho atracadouro. Passamos uma noite inteira lá, até ficarmos só nós dando trombadas e rindo. Quando Diego ia contra ele, Ante gritava *belin* como um moleque da via Pré.

Aquela noite, quando nos despedimos, chorou.

No dia seguinte conseguimos falar com o pai pelo telefone. A mãe chamou Gojko para dentro da cabine. Eu o observava pelo vidro, vi que relaxava, falava, calava e depois falava de novo demoradamente.

Saiu exausto. Ante entrou na cabine. O pai queria falar com ele.

Não disse uma palavra sequer, só uma vez o vimos concordar. Saiu com um rosto diferente, mais largo, me pareceu. Os grandes olhos límpidos em nossa direção.

“ *Moram íci za ocem* ”, disse com sua voz de gaivota.

Gojko traduziu.

“Tenho que ir ficar com meu pai.”

Em setembro o menino voltaria com ele para Krajina. Era um soldado da guarda territorial croata. Não renunciava a seu filho. Maldizia a mãe, em vez de deixá-lo com aquela desgraçada preferia levá-lo consigo para combater.

Ante se despediu sem lágrimas, estendeu-nos em silêncio sua mãozinha enrugada.

“É este Deus que decide?”, perguntei a Gojko. “É este vento ruim?”

Joguei nossos trapos dentro da valise. Deitamos na cama ao lado da mala fechada. Amanhã um novo hóspede entraria naquele quarto, expulsaria nosso cheiro. Saímos, caminhamos pelas ruelas do centro, embicamos rumo ao porto. Gojko estava sentado a uma mesa naquele restaurante da praia onde seus amigos, enfileirados a uma espécie de plataforma, tocavam uma sinfonia de Haydn.

“Haydn foi muito influenciado pela música croata...”, sussurrou para mim.

E daí?, pensei.

Sua conquista, Ana, era a única que não tocava nada, virava as páginas para o violoncelista, um velho com uma barba longa, voltada para cima como uma língua. O vento movia as roupas dos músicos, seus cabelos... a música corria pela água e por um momento pareceu que podia nos consolar. Ainda mais porque já estávamos bêbados, tínhamos esvaziado a última garrafa de Lombarda e queríamos que tudo fosse à merda. A certa altura comecei a não me sentir bem. Não sei exatamente o que disse. Diego me tocou um braço e eu o repeli, *me deixe desabafar*.

O concerto estava no intervalo. Ana, a moreninha de Gojko, estava com o rosto apoiado numa mão, me observava como de uma janela. Eu notava o esmalte em suas unhas, aqueles pedacinhos vermelhos que dançavam. Tinha começado a lhe contar meu calvário, assim, do fundo daquele vinho, daquela náusea. Em Roma nunca falara com ninguém e agora despejava tudo para fora com essa desconhecida. Era seu esmalte, talvez... peixinhos que flutuavam em minha direção. Ela acendeu um cigarro.

Disse algo num italiano estropiado: “Pode pedir para outra mulher”.

E, enquanto soltava anéis de fumaça, contou-me que conhecia uma mulher austríaca sem útero, mas com um restaurante em Belgrado, que alugou a barriga de uma kossovita.

Olhei a boca de Ana, pequena e pontiaguda, vermelha como as unhas, naquele rosto largo, sem zigomas. Fiquei em dúvida se era uma fada ou uma bruxa. Afastei-me e vomitei atrás dos recifes.

No dia seguinte, de manhã cedo, estávamos no cais. Os óculos de sol, as camisetas limpas. Dois turistas tranquilos voltando para casa. Chegamos adiantados, ficamos no bar do porto tomando um suco de laranja. Ante não estava por lá. Esperávamos por ele, sem ter a coragem de dizer. Estávamos inquietos, tínhamos a impressão de que estava postado fazia algum tempo atrás de uma daquelas paredes cor-de-rosa e que nos espiava. Ficamos até o último momento no quebra-mar, Gojko chegou de peito nu, ouvimos de longe o som de seus mocassins Dior reduzidos a chinelos. Foi uma estranha despedida. E estranhos foram os versos que nos dedicou.

Bastará o fio branco da aurora

a nos separar da noite?

Voltaremos a nos encontrar?

Embarcamos na balsa. Ficamos apoiados como dois pássaros naquele parapeito de tubos brancos. Ante apareceu no cais somente quando o barco partiu. Vimos sua figura avançando pelo quebra-mar. Mas parou ali, pois adiante estava o mar, e ele não sabia nadar. Era um pouco mais alto do que uma daquelas abitas de ferro. Agitava um braço, um único braço negro, que permaneceu em meus olhos como uma unha.

Só entramos quando deixamos de vê-lo. Havia aquele cheiro de barco, de revestimento úmido do piso, de combustível e de maresia na ferrugem. Uma televisão ligada, sem sinal, uma tela confusa, um ruído.

Diego se levantou: “Preciso ir ao banheiro”. Encontrei-o atrás de um bote suspenso. Estava ensimesmado e oscilava sobre os calcanhares, como um ovo. Olhei para o mar e pensei em segurar Diego pela mão e saltar lá, para baixo, além da espuma. Quem sabe se sob todo aquele mar não encontraríamos uma outra vida. *Peixes*, pensei, *somos apenas peixes... brânquias que se estufam e se fecham... depois vem uma gaivota que nos apanha por cima e, enquanto nos dilacera, leva-nos para voar, talvez isso seja o amor*.

Um estrondo rompeu o silêncio, encolhi instintivamente a cabeça sobre os ombros, levei as mãos aos ouvidos. Eram aviões militares, voavam sobre o mar em baixa altitude... passavam sobre nós em rasantes, varrendo as ondas. Por um longo momento tive a sensação de que haviam nos atingido. Alguns marinheiros foram

olhar. Vi seus rostos lívidos. Eram aviões saídos da base aérea de Dubrovnik, enquanto outras esquadrilhas saíam simultaneamente de Spalato, de Fiume, de Pola: saberíamos mais tarde, quando a televisão diante da bancada do bar começou a funcionar. Diego estava largado numa poltrona, uma perna erguida no encosto da poltrona da frente, os óculos de sol. Turistas de chinelos, com as pochetes na cintura e xícaras de café na mão, aglomeravam-se na frente da televisão, aquelas imagens que iam e vinham. Os marinheiros estavam todos em volta, o capitão também mantinha os olhos fixos naquela tela cheia de interferências, enquanto tomava uma cerveja no gargalo da garrafa.

“Que desgraçado está pilotando o barco?”, perguntei a Diego.

Arranquei-lhe um sorriso, puxou-me para si.

Começamos a conversar em inglês com um norueguês. Era um repórter, filmara os tanques do Exército Federal alinhados ao longo das fronteiras e depois, naturalmente, aproveitou a viagem para visitar as ilhas. Tinha um chumaço de cabelos louros amarrados para trás, franzia os olhos continuamente e falava rápido demais. Era cético, pessimista. Tinha entrevistado Milošević, que lhe repetira várias vezes que *todo pedaço de terra onde há uma tumba sérvia, ali é a Sérvia...*

“A Croácia está cheia de sérvios...”, murmurou o norueguês.

Os aviões militares tinham ido embora. Diego contemplava o mar através do vidro embaçado de maresia, um raio de sol entrava em sua boca.

Foi rápido

Foi rápido. Vimos na televisão os bombardeios de Zagreb, Zara e depois Dubrovnik... onde havíamos passado aquele dia. De vez em quando, tinha a impressão de reconhecer um trecho, um muro por onde passara de chinelos, tomando um sorvete enjoativo com aroma de banana. Estávamos sentados em nosso sofá novo. Lá fora havia a quietude bonachona de Roma, e aquele outubro como sempre generoso de luz. Eu levava as mãos à boca, devorava as unhas. Repercorria aquele dia, as coisas que tínhamos visto em Dubrovnik.

Porta Pile, depois a longa rua de pedestres da Placa... a Fonte de Onófrio. Descendo, até a torre do relógio, a coluna de Orlando.

Diego não tirou nenhuma foto da cidade, apenas partes de pessoas em movimento, cadeiras de bar. Depois as vimos derrubadas no chão numa matéria do telejornal, aquelas mesmas cadeiras.

Assim começou a guerra para nós. Com aquelas cadeiras derrubadas entre os escombros de um bar... o bar onde tínhamos estado poucos meses antes, onde Gojko tirara suas bugigangas, e aquela boneca formosa com uma fotografia minha presa no prendedor que lhe saía do pescoço. Agora lhe telefonávamos com frequência. Ele nos tranquilizava. Tinha parentes em Zagreb que tiveram de abandonar suas casas.

“Estão de férias na Áustria...”

Não sei se por orgulho ou o quê, mas agora tinha dificuldade de falar de seu país, que estava explodindo, um pedaço após o outro.

Também na redação percebo que ninguém tem muita vontade de acompanhar essa guerra, e ademais nossa revista é uma publicação científica. No bar, enquanto escolhe um sanduíche, Viola diz: “Os Bálcãs... não se entende merda nenhuma dos Bálcãs”.

Dá uma mordida no sanduíche, diz que é pão dormido, que o atum está velho, não caiu bem, devia ter pedido aquele com espinafre. “E não interessa porra nenhuma a ninguém... justamente.”

“Por que *justamente* ?”

“Mas quem liga para isso?”

Tem a cara de sempre, desleixada e bondosa. Dá de ombros, aponta para uma torradeira de pão atrás do balcão, diz que estão queimando meu sanduíche, ela reclama por mim.

“E o menino, como está?”

“Está na creche.”

Vemos a guerra na televisão todas as noites, a guerra, esta é a verdadeira novidade. Está próxima porque fica a poucas milhas marítimas, está longe porque zumba na tela da tevê.

É dia 18 de novembro, sei porque é o aniversário de meu pai. Fizemos um bolo, despedimo-nos na porta, como ele se despede de mim ultimamente, como se não fôssemos mais nos encontrar. Talvez esteja um pouco deprimido. De manhã cedo passa em nossa casa. Toca o interfone, diz que vai subir com as mangas. Agora tem paixão por mangas, descasca-as, corta-as em fatias. Os restos do bolo estão em cima da mesa, lambo o dedo com os farelos que apanho na embalagem de papel alumínio. Também estendo o dedo para Diego lamber os farelos. Ele aperta o controle da tevê.

A voz diz: *Depois de oitenta e seis dias de cerco, a cidade de Vukovar se rendeu às tropas irregulares sérvias .*

Um homem de costas corre abraçando um menino. O cinegrafista acompanha aquela corrida. O menino se rendeu, as pernas moles como de um boneco. Talvez esteja ferido e o pai esteja correndo para um hospital. O homem está com uma parte do traseiro aparecendo... é o que noto. Não tem cinto nas calças, talvez estivesse dormindo e se vestiu às pressas. Eu fito aquele detalhe, as calças escorregando e a mão tentando segurá-las de alguma maneira.

Quando desligamos a televisão e ficamos olhando a tela negra que ainda guarda um pouco de luminosidade, aquela imagem continua em meus olhos. É como se a tragédia inteira dessa guerra se concentrasse ali, naquele homem tentando salvar o filho e ao mesmo tempo procurando não deixar a bunda de fora.

Não falamos mais do menino de Korčula. Voltamos com aquela dor, depois ela se foi. Suavemente. Pousou como um peixe num espelho. Mas Ante permaneceu conosco. Creio que quando se encontra um filho no mundo, aconteça o que acontecer, ele permanece. Há gente que os perde e os reencontra diariamente, nas fotografias, no armário de roupas. E assim continuamos a encontrá-lo, num quadro, na galeria de arte moderna, numa lebre que se detém diante dos faróis do carro e nos olha por um tempo, como se tivesse algo a nos dizer. Na nuca de Diego. Porque ali permaneceu, como um amor aflorado. Quando o vejo sentado no vaso sanitário por tempo demais, o jeans enrolado no chão, a cabeça apoiada contra os azulejos como se dormisse.

“No que você está pensando?”, pergunto a ele.

Sim, está pensando naquele moleque, naqueles carrinhos de bate-bate.

O inverno avança, arrasta seus dias de frio. Os gases que saem dos escapamentos dos carros lançam cinzas no ar, grudam nas roupas estendidas nos terraços daquelas casas de frente para a estrada. Passo ali todos os dias para ir ao trabalho. Corro encapotada em minha vespa. Na redação faz frio, tenho um pequeno aquecedor

peçoal e os post-its que o diretor me deixa. A palavra que mais leio é urgente . Destaco aqueles papezinhos amarelos e amasso-os, brinco com eles. Como pode ser urgente um artigo sobre o efeito magnético de uma nova fibra sintética que revolucionará o modo de limpar nossas casas? Agora a revista se tornou um mero catálogo publicitário camuflado de informação científica. Seria um trabalho temporário, alguns meses e só, mas me promoveram a redatora-chefe. Levanto para preparar um café na maquininha, todos os dias, na mesma hora. Espero o líquido descer no copinho marrom... e enquanto isso penso que não vou mais sair. Sou boa em meu trabalho, rápida. Porque não tenho o menor interesse por aquilo que faço. Está bem assim. A paixão me corta as pernas, sinto-me desajeitada. Tenho dificuldade em enfrentar o que realmente me importa. Fico ansiosa, começo a me coçar, como se o sangue de repente corresse rápido demais sob a pele e queimasse. Há alguns dias reencontrei as anotações para minha tese. E me pareceram tão distantes aqueles dias, quando acreditava que continuaria a estudar a vida toda. Pensei em Andrić, naquela solidão patológica que o tornava inconstante, paranoico. Nas últimas entrevistas parecia irritado com as perguntas e cansado de sua obra... como se tivesse desvendado demais a si mesmo e se arrependesse. E tive a impressão de entender algo que nunca havia entendido antes. Ao envelhecer, a pessoa de repente pode se tornar avara de si mesma, árida com o mundo, porque nada veio de fato recompensá-la.

“Vai saber como está Sarajevo agora...”

É Diego quem fala, apoiado na balaustrada do Pincio.

Encontramo-nos às sete da noite, trocamos um beijo e fomos abraçados para uma adega onde já somos de casa, que nos recebe como um ventre consagrado. Comemos alguns pedaços de pão torrado coberto de molhinhos, tomamos pequenas taças de vinho tinto. Há um banco e uma janela que dá para a rua. As pessoas se apressam na calçada... vemo-las passar como figuras de cinzas.

Damos as mãos por sobre a mesa. Sorrimos para o rapaz que atende. Não falamos mais, nem sequer do trabalho. Diego não tem vontade, já não traz os filmes para casa, tem um assistente que faz

tudo. E mesmo quando tem tempo não sai mais com a máquina fotográfica no pescoço à caça de poças d'água, fica em casa, adormece no sofá. O piano está fechado há meses.

Não estamos realmente tristes, somos troncos na correnteza, flutuamos plácidos para o vale, pouco nos importando. Não frequentamos quase mais ninguém, arranjam desculpas. Gostamos de ficar sozinhos. Nós nos amamos mais do que nunca depois daquelas férias estranhas. É um amor diferente. Um casal se jogou de um viaduto. Li no jornal. O dono de um daqueles trailers que vendem sanduíches foi o último a vê-los. Estavam tranquilos, até alegres. Tinham comido pão e *porchetta* e tomado uma cerveja. Havia nuvens no céu, acumulavam-se por trás dos montes. O homem do trailer lhes havia dito que à tarde iria chover, e os dois sorriram fitando o céu, aquela chuva que nunca os alcançaria. Ficamos molemente sentados na adega, compenetrados, como se não tivéssemos mais nada a perder, mais nada a pretender. Como se tivéssemos de levantar e saltar de um viaduto.

Talvez este seja o amor quando atinge seu ápice. Ébrio como um alpinista que escalou e chegou ao topo, não pode subir mais, pois ali começa o céu. Assim olhamos pela janela, aquela paisagem rarefeita, o mundo do qual saímos para iniciar a subida, que agora nos parece tão distante. Estamos no topo e sozinhos, no ápice que alcançamos.

A mão de Diego está sobre a mesa, seu pulso é branco.

Viu as multidões de refugiados, cordões humanos nas estradas de terra... aquele velho desesperado diante de um estábulo de animais mortos, aquela mulher com um só brinco e uma só orelha, as quarenta crianças cegas de Vukovar que não veem a guerra, mas a percebem com seus olhos de clara de ovo. Talvez seja ali, entre aquelas pessoas, que ele gostaria de estar, com sua câmera fotográfica, seus velhos sapatos de montanha.

Pomos os pés no asfalto e voltamos. Seguimos beirando os muros. O vinho desceu para as pernas, para as mãos que balançam unidas. Agora é mais fácil voltar para casa, acender a luz, reencontrar aquele monte de quartos, de coisas nossas que ficaram sozinhas o dia inteiro e agora cheiram a silêncio.

Ligamos a televisão. Esperamos a noite, as matérias mais longas. No horário em que as crianças já estão dormindo, mostram os cadáveres, lívidos, inúteis, homens que apertam gatilhos, que armam obuses, que destroem o trabalho de outros homens. Que frêmito pode causar a destruição instantânea de coisas construídas em séculos, a eliminação dos rastros da boa vontade humana? Assim é a guerra. Reduzir tudo a um só nada, um banheiro público e um convento no mesmo amontoado de escombros, um homem morto ao lado de um gato morto.

Veza por outra o locutor se cala. O cinegrafista filma. Então ouvimos a voz da guerra. É um som que se reconhece como o bater dos pratos na pia. É um silêncio rompido aqui e ali, tecido recortado por um alfaiate nervoso. Os passos de alguém fugindo, pedras surdas afundando na lama. Uma rajada, não muito terrível, como uma coluna que se rompe. Depois a explosão dura de um obus. A câmara que treme. A lente manchada por um esguicho. Cochichos, como rapazes do lado de fora de uma escola. Uma cabeça saindo de um carro carbonizado, pequena e alegre como a de um pintinho que acaba de romper a casca.

Nesse meio-tempo andamos pela casa, fazemos nossas coisas, passo o creme noturno. Diego abre a janela, observa a rua, o trânsito da noite, organizado, de luzes vermelhas e brancas, de rastros opalescentes.

É mais fácil conseguir linha à noite. Discamos o prefixo, o número. Esperamos o vazio, aquele salto de nação, de quilômetros de terra e mar... mas não vai, a comunicação se interrompe, e parece realmente um elástico que arrebenta e volta para trás. Tentamos outra vez, e mais outra vez, e finalmente chega aquele sinal de linha livre, fundo, distante. Imaginamo-lo como um estopim correndo ao longo dos cabos que atravessam florestas, planícies de choupos, campos de girassóis, rios que descem de rochas de minérios, dos montes Zelengora, Visočica, Bjelšnica... enfim Sarajevo, o estopim a percorre, alcança aquele prédio rosado, aquele telefone cinza, ministerial, apoiado no aparador marchetado de pequenos pedaços de espelho, sob o retrato de Tito.

Gojko atende com uma voz clara, como se estivesse na cabine telefônica que se vê pela janela de nosso banheiro. Grita para sua mãe abaixar a televisão. É Diego que fala, ele segura o aparelho. Estou ao lado com a cabeça encostada na dele, como um cachorro. Pergunto como estão passando, se precisam de alguma coisa. Gojko responde que não lhe desagradaria uma caixa de Brunello de Montalcino.

“Sem brincadeira. Precisa de alguma coisa? Mando para você, levo pessoalmente.”

“Tranquilo.”

“Como está sua mãe? Como está Sebina? Pelo menos ela, talvez seja melhor que saia daí.”

“Aqui não há guerra.”

“Vai haver?”

Gojko diz que não. Ninguém tocará em Sarajevo.

Pego um pedaço de parmesão, uma pera, levo o prato até onde está Diego. Comemos assim, onde calha, um bocado cada um. Dou-lhe comida na boca.

Há coisas demais nesta casa, vamos ter de jogar quase tudo fora. Deixar apenas o sofá, talvez nem ele, apenas o piano, e sentarmos no chão com as costas na parede como antigamente, poucos anos atrás, quando éramos jovens.

Ele está nu, fotografa a televisão. À noite, ilumina de flashes aquele azul, aquela guerra que vemos na tela. Assim fotografa os mortos do hospital de Vukovar, aquelas bocas de cera, despedaçadas no último alento.

Em volta a nitidez da casa, os bibelôs, as cortinas claras, as chaves do carro, a normalidade espalmada de manteiga e descontentamento. Diego fotografa, está acorado no chão, usa a grande-angular, fotografa de atravessado, rouba coisas das margens. Ampliará as fotos em azul, longas e oblíquas como cinemascópio, a televisão que flutua naquele espaço brilhante e noturno, coisas negras ao redor, apenas aquela luz, aquele azul que ilumina a morte.

“Chega, venha para a cama.” Sua bunda é cavada como a de um cachorro.

Fazemos amor. Seu corpo é um saco de ossos.
Suado, cai ao meu lado. Tosse, uma tosse surda, curta.
Sorri para mim, pencas de rugas num rosto de menino.
Volta a olhar a televisão. A propaganda de um carro. E depois a moça enforcada com a blusa vermelha e as pernas abertas, curtas como as da vaca de seu estábulo.

Aconteceu no salão de beleza. Naquela bolha quente do secador, de cheiros gostosos de xampu, de tinturas. Eu gostava de ir, apoiar a parte de trás da cabeça numa daquelas pias assentadas no assoalho. A moça esfrega, remove a sujeira da cidade e de meus pensamentos... e por um momento parece que tudo pode se escoar por aquele ralo a minhas costas. Levanto a cabeça, entregam-me a pequena toalha preta... ando em direção aos espelhos neste grande salão do centro que parece um loft nova-iorquino. Nada de propagandas cafonas de pomadas e penteados nas paredes, apenas grandes quadros acinzentados, paisagens marinhas fugidias que nos incentivam a esperar um futuro reconfortante, quando as pessoas normais estarão extintas e restarão somente os estilistas.

Com minhas madeixas molhadas espero Vanni, o chefe desse refúgio para cabelos maltratados pela poluição e pelas pequenas infelicidades. É a hora do almoço, há um pouco de confusão. Peruas ricas sob os capacetes, advogadas, economistas e monumentais prostitutas à espera de algum político, pois o Parlamento fica logo ao lado. Um dos rapazes vestidos de preto depositou um maço de revistas na minha frente.

“Quer ler alguma coisa?”

Abriria meu livro. Mas não estou com vontade de me concentrar, e sim de flutuar nesse limbo, nesse aquário de glamour. Folheio propagandas de roupas, de batons, uma matéria sobre a reconstrução do hímen, propaganda de lingerie, a reportagem de uma viagem pelos mercadinhos de Londres, cartas de mulheres desiludidas pelos homens. Paro. Vejo a foto de uma mulher com uma criança no colo. O título em vermelho diz a cegonha chega de longe .

Leio a entrevista dessa mulher francesa, estéril após o tratamento de um câncer. A irmã lhe doou um óvulo que foi fecundado *in vitro* e depois implantado no útero de uma terceira mulher, uma moça húngara, *a cegonha*, justamente. Leio o nome técnico daquela possibilidade: *maternidade por substituição*. Penso em minha mãe, no sucedâneo de caldo de carne que comprava na farmácia.

Vanni se aproxima, beija meu rosto, masca um chiclete, é um gay robusto mas atlético, anda descalço no meio daquele tapete de cabelos, como um armador em seu iate. Puxa meus tufos, contempla-se no espelho junto comigo. Prende a respiração, passa a tesoura... toca os cabelos como um artista toca a matéria. Fricciona-os com sua mão experiente, e o corte se materializa.

“Gostou?”

“Gostei.”

Dá uma olhada na revista, pega um cinzeiro, fica fumando ao meu lado, fuma e masca o chiclete. Falamos a respeito, ele diz: “Mesmo a Virgem, pensando bem, alugou o útero a Deus...”.

Chove. Uma gota maior do que as outras escorre pelo vidro da janela, acompanho-a. Uma longa cesura de água que divide a noite. A respiração agora parece o batimento da terra, e aquela gota uma lágrima pré-histórica que separa nosso mundo do deles.

Hoje de manhã meu pai trouxe tangerinas. Antes de subir para nossa casa, passa no mercado aqui embaixo. Passeia, cheira. *É a parte boa da cidade*, diz, *a última sobra de uma humanidade que ainda convive. O resto é solidão*. Agora tem um cachorro, uma espécie de perdigueiro de pelagem desfiada. É uma boa razão para sair, para andar. Apoia o saquinho pardo, enche a casa com aquele perfume fresco. *Um pouco de vitamina*, diz.

Sentamo-nos os três na cozinha. Descascamos as tangerinas. Depois Diego come as cascas também, gosta delas.

As malas estão ali, ainda abertas. Diego tirou sua mochila do mezanino, queria aquela. Encarapitou-se na escada, quase caiu. Jogou a mochila no chão. Ao pegá-la, cheirou-a. Reconheceu o odor das viagens, das noites nos aeroportos, dos sonhos e das férias.

É minha velha pele, disse.

O cachorro de meu pai rodeia a mochila, cheira-a também.

“Este cachorro não vai fazer xixi em nossas bagagens, pai?”

“Aqui, Pão, deitado.”

“Pão, que nome é este?”

“Estava comendo um sanduíche na rua, dei-lhe um pedaço de pão, não foi mais embora, ficou me seguindo.” Faz carinho naquele cachorro que logo se aproxima, estica o focinho como um órfão melíflu. As tangerinas acabaram. Meu pai olha as malas. Nunca deixou de olhá-las. “Como vai estar o tempo, chuva?”

Enquanto isso tira o saquinho cheio da lixeira.

“Vamos, pai, o que você vai fazer, jogar nosso lixo?”

“Que trabalho me dá?”

“Deixe.”

É mais forte do que eu, mais obstinado. Segura aquele saquinho com raiva.

“E me deixe fazer alguma coisa, santo Deus!”

Na manhã seguinte, ele insiste em nos levar ao aeroporto. Seria mais prático pegar um táxi, mais rápido. Mas cabe a nós este homem que é meu pai, que acorda de madrugada e nos espera no carro, adiantado demais como um motorista zeloso. Toca o interfone.

“Estou aqui embaixo, não tenham pressa.”

Gosta daquele amanhecer, está feliz como se estivesse indo pescar. Fez a barba e pôs até uma gravata, como um motorista de verdade. Emanava o perfume de sua loção pós-barba e do café que tomou no bar.

Assim estou atrás desta nuca, grisalha e familiar. Como quando era criança e me levava para a escola. Não era boa em matemática, sofria. *Copie, fique perto de alguém que te deixe copiar*. Eu ficava vermelha, não me parecia um conselho adequado ao meu orgulho.

Você não entende nada, pai . Mas entendia tudo. Aprenda só o que gosta, Gemma, o resto deixe para os outros, não se dedique.

Dirige concentrado, prestando atenção em tudo. E é como se quisesse nos dar um sinal, dizer para tomarmos cuidado nós também. Não tem dúvidas. Sabe por onde ir, que rampa subir no aeroporto para nos deixar na frente da entrada certa, parece que estudou o percurso. Abre o porta-malas, corre para dentro para achar um carrinho. Ele se despede rapidamente, não quer ser um peso. Hoje de manhã, quer ser um profissional, daqueles que levam as pessoas ao destino e vão embora porque têm outros compromissos. Ele não tem outros compromissos, mas faz de conta que sim. Volta ao carro, acena com a cabeça. Os maxilares tensos no vidro. Disse só uma palavra: *telefonem* .

Talvez pare em Fiumicino, dê um passeio pela praia, espere a hora do almoço, meio-dia e meia. Gosta de merluza frita. Imagino-o devorando um belo prato, tenho certeza que também pedirá vinho, uma garrafa fresca, tomará toda, ficará rubicundo. Sozinho ele se soltará, conheço-o. A vida toda tentando ser um bom exemplo, para mim que sempre fui um pouco obtusa, e só entenderei o privilégio de um pai assim quando ele tiver partido, como as moscas e o vento, como tudo, sempre.

As moscas estão no cesto do pão, um daqueles cestos de plástico que usam na praia, nos restaurantes das empresas. Meu pai come e bebe, aproveita o sal, a vista azul do mar. Dali pode ver os aviões que levantam voo e dão aquela volta antes de achar a rota.

Estamos num daqueles aviões, acompanhou-nos com os olhos, levantou a cabeça. Ainda há pouco estávamos próximos e grandes, corpos e cheiros, e agora somos destinos postos no céu. Meu pai contempla a distância entre o nada e o tudo, entre aquele traque de fumaça branca entre as nuvens e este amor aqui no solo, comprimido no coração que começa a ficar velho.

“No que você está pensando?”, pergunta-me Diego enquanto a asa do avião segue a trilha do sol refletida na janelinha.

“Nada, em nada...”

É meu pai na asa do avião que parece parado.

Tem algo que você não está me dizendo, certo, Gemmina?

O quê, pai?

Não precisa dizer, não tem importância.

Estamos na classe executiva

Estamos na classe executiva, assentos espaçosos, copos de vidro e guardanapos de verdade. Não estava com vontade de viajar na classe econômica, não nesses aviões escangalhados... não queria assentos estreitos, aeromoças que não te dão atenção. Quero esticar as pernas. Não é uma viagem de turismo. É um refúgio. É como quando a gente está doente, se puder escolhe uma clínica, um quarto particular, uma enfermeira que parece uma camareira de hotel e uma cortina para fechar e manter o mundo distante. Eu achava que encontraria um avião vazio. Quem iria querer sobrevoar uma guerra? E no entanto muitos querem. Homens que irão a um daqueles locais de luzes opalescentes e de moças claras como manteiga que mal começaram a se macular. A liquidação está no início, desperta o desejo de chegar primeiro e arrebatá-la aquela pureza. Homens que depois voltarão para casa com algumas latinhas de caviar, alguns ícones. E também russos retornando ao seu destino. Como os dois ao nosso lado, com valises, pretas, rígidas, que não põem no compartimento das malas, mas sob o assento, fiscalizadas pelos pés, por sapatos pretos e lustrosos. Sapatos italianos para dois homens de negócios da ex-União Soviética. O que terão vindo vender? Pedacos de seu país em via de desmobilização... oleodutos, prédios, minas, ogivas nucleares. Por um momento imagino que nas malas há canetas que matam,

ampolas de cianureto, como os espiões vindos do frio dos filmes americanos. Mas a guerra fria se dissolveu como o resto, estes dois estarão levando no máximo alguns pedaços de parmesão.

A cortina que nos separa da classe econômica está fechada. Os russos tomaram muitas taças de champanhe sem mudar a expressão nem o tom de voz.

A aeromoça que nos atende tem rosto cheio e nariz curto, o chapeuzinho na cabeça é pequeno demais para os cabelos armados, está prestes a cair. Parece um barquinho sobre as ondas. Ela serve nossas bebidas com certo charme, esticando o braço gordo com graça, sem derramar uma gota.

“ More, please. ”

Esperei tanto por este momento e agora não sei mais por quê. Fiz de tudo para embarcar neste avião, e agora penso que se alguém abrisse a porta, um louco, um sequestrador, eu também desceria, no branco farinhento das nuvens, no frio da altitude.

Foi uma decisão repentina, eu comprei as passagens, verifiquei se os passaportes não estavam vencidos. Vamos ver, entender... não custa nada.

Foi uma escolha de amor, dizia a mulher naquele artigo lido no salão, *ajudei uma outra mulher como eu, não fui apenas uma incubadora, fui uma cegonha*. Bebo champanhe. *More, please*. E no amolecimento da bebida e da altitude flagelo-me um pouco. Se é uma escolha de amor, por que estamos indo para um país empobrecido e à deriva? Os romanos, do outro lado, falam em voz alta, qual a diferença entre mim e aquele grupo de putanheiros? Eu também estou atrás de uma mulher, de um ventre.

“Ouça...”

Diego tira o fone e põe em mim. É o r.e.m. Ouvimos juntos um trecho de “Losing my religion”.

... That’s me in the corner... that’s me in the spotlight...

“Fique tranquila.”

Depois ele dorme. Olho sua mão. O que é uma mão? Quem nos cortou assim?

Uma mulher se levanta, abre o compartimento, tira uma sacola. Quase cai em cima de mim, pois agora há um pouco de turbulência.

“Desculpe.”

Tem um rosto simpático. Seu marido também dorme. Um crânio com alguns cabelos grisalhos, a boca aberta no travesseiro que nos deram no início do voo.

Está sentada atrás de mim, depois de algum tempo toca em meu ombro.

“A senhora tem medo de altura?”

“Não, tenho medo da terra.”

“Como assim?”

Que merda estou dizendo? Não sei. É o champanhe...

“Tenho medo de aterrissar”, corrijo.

A mulher é daquelas que gostam de falar.

“Eu não, porque já vemos as casas.”

Há um lugar vago na fila ao nosso lado, a mulher se levanta e se muda para lá. Não é jovem, não é velha, está no meio-termo. Tem um belo sorriso. Abriu a bolsa, tirou alguma coisa. Primeiro uma manteiga de cacau, *pois no avião os lábios se ressecam, já reparou?*, e depois uma caixa que abre agora. Tira um par de tênis de menina com a beirada cor-de-rosa.

“Gostou?”

Assinto.

“Meu marido comprou em Nova York, volta e meia vai lá a trabalho.”

A mulher leva os tênis ao nariz, cheira-os, acaricia-os.

“Olhe, tem uma surpresa...”

Sorri, imagino que talvez tenha algum problema, deve ser daquelas que tomam calmantes, que ficam atordoadas.

“Eles se acendem... está vendo?”

Põe as mãos dentro dos tênis, abaixa-se até o carpete e move as mãos, imitando passos. De fato os tênis têm pequenas lâmpadas que se acendem na sola de borracha transparente.

“Na Itália ainda não tem esse modelo...”

“São para sua filha?”

Demora um pouco para responder, cheira novamente aqueles tênis, talvez tenham perfume de morango.

“Ainda não é uma filha...”

Creio que não esperava coisa diferente. É daquelas pessoas que nas viagens olham em torno e procuram o funil por onde enfiarão a

voz. Hoje de manhã encontrou a mim. O marido está dormindo, aprendeu a se proteger, a deixar que a cabeça morra num travesseiro. Aguento a história. Ela e o marido acolheram por dois verões seguidos uma menina de Chernobyl, aquelas que vêm se purgar das radiações, é uma órfã. O orfanato precisava de uma geladeira e de um projetor, eles deram de presente. Fizeram amizade com a diretora. Agora vão visitar a menina, Annuška, e ela está lhe levando aqueles tênis de presente. São velhos demais, não podem adotá-la, mas têm esperança de conseguir a guarda.

“Nosso advogado falou com um advogado ucraniano.” Move os dedos, esfrega o polegar no indicador: “Dinheiro, é só uma questão de dinheiro. Lá com dinheiro se resolve tudo”.

Essa Annuška tem sete anos e eles podem adotar apenas uma criança com mais de nove. Agora estica outros dois dedos, agita-os como pequenas facas, a voz é um sussurro lamurioso.

“Dois anos... o que são dois anos?”

Agita de novo aqueles tênis, balança a cabeça duas vezes, com um sobressalto nervoso que parece um tique, está expulsando alguma coisa, um pensamento recorrente que precisa expulsar com frequência... reconheço o gesto. Há um código comum a todas as mães frustradas.

“Dois anos... Tentei até falsificar meus documentos, não me envergonho de dizer... obrigam a gente a ir contra a lei...”

Agora me parece um arremedo de mim mesma.

Peço mais champanhe. Enquanto isso, pergunto-me se aqui encontrei a mulher que virei a ser, se a vida é o que parece ou é um caminho de sinais luminosos como esses tênis de merda, como a luzinha que indica a saída.

A mulher fala, fala...

“... Annuška, quando chegou, nunca tinha visto um armário, e se assustou, se escondeu debaixo da cama. Desmontamos o armário, deixamos que dobrasse as roupas na cadeira, como estava acostumada a fazer. Agora neste verão ela quis o armário, tiramos do porão, remontamos. Meu marido suou feito um porco, *dane-se*, pensei eu. Foi o dia mais bonito de nossas vidas. Annuška ria, não sentia mais medo, queria entrar dentro do armário, bater, ver abirmos a porta e libertá-la...”

A mulher se curva e move novamente aqueles tênis pelo carpete, aquelas solas que se acendem com o movimento. E por um instante tenho a impressão de conhecê-la, essa Annuška que não conheço. Vejo-a correndo com seus tênis americanos. Bons para a noite, para não se perder. Lembro aquele dia quando acompanhei Diego, que ia fotografar aquelas crianças recém-chegadas de Chernobyl naquela colônia em Ostia... pareceram-me fosforescentes.

“E a senhora?”, pergunta a mulher.

Encosto o dedo no braço da poltrona, o buraco negro de uma queimadura de cigarro.

“A senhora tem filhos?”

Aperto o dedo naquele estofamento velho.

“Ainda não.”

Sorri, suspira...

“São jovens, têm tempo.”

Diego reabriu os olhos, vê que horas são, estica os braços para cima, espreguiça-se.

“Seu marido parece um rapazinho...”

Diego sorri.

Ouve a mulher dizer:

“E o que vão fazer de bom?”

É ele que responde sobre minha nuca inclinada.

“Passar umas férias.”

Pensa mais um pouco, sorri.

“No mar Negro.”

No aeroporto de Kiev encontramos nossa intérprete, Oxana, uma moça magra e alta. Está ali, rígida, entre a multidão do desembarque, segura uma plaquinha com nosso sobrenome escrito a caneta. Tem uma expressão séria e o porte hierático de um soldado. Relaxa ao nos ver, vamos ao seu encontro, estendemos a mão. Dá um leve sorriso, inclinando-se um pouco, esboçando uma mesura. Está com os cabelos presos, um casaco azul com as mangas curtas nos pulsos nus, uma bolsa de corda a tiracolo. Pergunta-nos como foi a viagem. Fala bem italiano, com aquele sotaque que nos faz rir

um pouco. Caminhamos atrás dela no meio de uma onda serpenteante de pessoas malvestidas que não têm aparência de quem vai viajar, que estão ali para aproveitar o calor que vem das grelhas dos aquecedores. Pergunto a Oxana o que há naqueles pacotes abandonados ao lado da saída.

“Correio...”

“E não entregam?”

“Sim, mais cedo ou mais tarde vão entregar...”

Um homem de bigode põe a cabeça para fora de uma velha van Fiat, dá marcha a ré, abre a porta para nós, pega nossas bagagens. Sentamos entre todos aqueles bancos vazios. Oxana abre a janelinha de vidro que nos separa do motorista, diz-lhe alguma coisa em voz baixa, depois se senta em nossa frente, na direção oposta do percurso.

“Vocês têm dólares?”

“Temos.”

“Dólares é melhor.”

“E as liras?”

Sorri, não quer nos ofender.

“Melhor dólar.”

Fita-nos à espera de alguma pergunta. Tem a graça um pouco rígida de certas bailarinas clássicas.

“Quantos quilômetros são?”

“Cento e poucos.”

Pergunto-lhe apenas quando poderemos encontrar o médico.

“Hoje mesmo.”

Olho para Diego: “Passamos no hotel, deixamos as coisas e vamos...”.

“Certo.”

Ele também está observando Oxana, aquele rosto sério, virado para nós, aquela testa alta, límpida.

Vans, tratores, ônibus, passam roçando por nós numa estrada que corta campos albinos, e depois intermináveis planícies de espigas ainda verdes.

“É trigo?”

“Sim. A Chechênia é nosso petróleo, a Ucrânia é nosso trigo, dizia Stálin”, comenta com um sorriso.

Diego lhe pergunta de Gorbachev, do que veio depois, ela abana a cabeça.

“Calamidade... uma calamidade.”

Diego diz que é natural, que aquela transição exige tempo.

“Talvez precise de uns vinte anos...”

Oxana concorda, a cabeça ondula sobre o pedestal do pescoço.

“Vinte anos... como eu.”

“Tem só vinte anos?”

Concorda. Eu achava que tinha trinta. Talvez por ser tão magra, tão séria.

Os campos ficaram para trás há um bom tempo, agora não vemos nada além de fábricas de aspecto decadente. A cidade parece não ter um centro, apenas periferia. Oxana desce em nossa frente, acompanha-nos, fala com o recepcionista.

O quarto está envolvido com um papel de parede azul-celeste de uma lisura brilhante e rígida que parece plástico. É tudo igual, as cortinas, a cabeceira da cama. Deixamos a bagagem, lavamos as mãos, batemos a porta.

O posto médico ficava a poucas quadras do hotel, uma construção maciça e descarnada em perfeito estilo soviético. Tomamos o elevador, subimos ao segundo andar. Esperamos um pouco numa sala, os pés pousados num pavimento em linóleo branco. Nas paredes alguns certificados emoldurados e duas grandes gravuras plastificadas, como aquelas que existiam antigamente nas salas de medicina na universidade. Reproduziam o sistema reprodutor masculino e o feminino. Havia os sacos rosados do escroto e dos ovários, os canais seminiais, as trompas, e uma infinidade de filamentos vermelhos e azuis representando as artérias e as veias. Olhei aquele imenso pênis seccionado, mole como uma tromba de elefante frouxa, aquela vagina alaranjada que parecia o interior de um mexilhão. Subiu-me da barriga uma tristeza que chegou à nuca. Dei uma olhada de esguelha para Diego. Sorria sozinho, bobo feito um estudante.

Fomos chamados por uma mulher com um avental justo num corpo bonito, mas atarracado. O médico estava sentado atrás de uma escrivaninha administrativa com tampo de vidro esverdeado, grande demais para a sala, que, por sua vez, era de dimensões modestas, às costas, duas cortinas com babados e diversos quadros com títulos honoríficos.

Ele se levantou, estendeu-nos a mão, fez sinal para sentarmos. “Por favor”, disse em italiano.

Oxana sentou ao meu lado, traduziu as desculpas do dr. Tymošenko por não falar italiano, conhecia apenas algumas palavras, mas tinha intenção de estudá-lo, pois agora começavam a vir muitos italianos.

“Somos um país na vanguarda... neste setor.”

Oxana traduzia, sem hesitações e com o rosto impassível. Tive a impressão de que conhecia de cor aquele discursozinho que prosseguia no mesmo tom. Nos dois lados da sala havia imagens de crianças sorridentes no colo de mães sorridentes... devia ser um percurso semelhante ao dos hotéis termais, onde passamos do frio para o calor, das rochas para os óleos. Aquela sala de espera deprimente com aqueles órgãos reprodutivos inexpressivos e depois esta sala reconfortante, com as cortinas bordadas, como num chalé, e estas mães felizes. Estava tensa, tentava adivinhar onde estava o problema...

O avental do dr. Tymošenko era aseado, mas levemente acinzentado, os zigomas mongóis, os cabelos grisalhos untados com brilhantina. Disse-nos para ficar à vontade se quiséssemos fumar.

“Não fumamos.”

Acendeu um cigarro, esperou.

Falei eu. Conteí nossa história. Às vezes Oxana tocava meu braço para me interromper e poder traduzir. Eu a olhava tentando adivinhar se cumpria direito seu ofício. Fiz um gesto brusco a Diego pedindo que me desse as pastas... aquele imenso pacote de ultrassonografias, exames, dinheiro jogado fora, mostrei ao médico a fotografia de meu útero e o resto.

“Não explodiu...”, disse eu. “Um útero que não explodiu...”

Esperei que a intérprete traduzisse aquela palavra. O médico abriu o envelope, olhou a ultrassonografia, concordou. Retorci a

boca. Havia uma janela que dava para um campo esportivo, uma grande quadra com uma velha cesta sem rede... fitei aquele olho de ferro, chorando.

Ele me deixou chorar sem se descompor, devia estar acostumado com isso. Soluços duros, pedras.

Levantei e me aproximei da janela, Diego me alcançou, ficamos abraçados de costas para aquelas duas pessoas que não conhecíamos. Olhamos aquele campo esportivo e a sucessão de casas que se viam ao fundo, sem telhado, todas iguais, pareciam cabines de um balneário abandonado.

Voltei a me sentar. Estava calma. A vergonha tinha ido embora, como a pedra no rim que, quando passa, causa tanta dor, mas depois termina de vez, e ficamos apenas um pouco cansados. Uma mulher enorme entrou com um samovar fumegante e tomamos chá. Descobrimos que o médico falava francês e, assim, por algum tempo, prosseguimos sozinhos, sem a ajuda de Oxana. Depois ele voltou ao russo. Abriu uma gaveta, tirou umas folhas.

Agora eu estava atenta e lúcida.

Traçou três círculos, A, B, C, e no alto dos círculos um triângulo com um X. Apontou o lápis sobre o X.

“Este é seu marido”, olhou para Diego, sorriu.

A mãe A era a doadora do óvulo, que seria fecundado com o líquido seminal do triângulo X e injetado na mãe substituta B. A cada vez fazia um tracinho com o lápis, unindo um círculo ao outro até chegar a mim, no círculo C.

Círculos demais, pensei, mães demais.

“Gostaria que fosse uma só... uma outra mulher apenas.”

Ele disse que não haveria nenhum problema, poderia ser feito com a mesma mulher. Mas seria mais caro.

“Uma mãe de aluguel com um filho que não lhe pertence geneticamente não pode reivindicar nenhum direito, mas a mãe natural...”

Eu sabia que correria um risco maior, mas queria olhar na cara da mulher, vê-la sorrir... estabelecer uma relação.

Oxana traduzia, mas eu olhava apenas o médico. Aquelas manoplas, a boca enquanto falava, os olhos pequenos de um azul

profundo... perguntava-me se poderia confiar nele. Se havia algum bom sinal naquele homem.

Demos uma pequena volta com ele pelo posto médico, entramos numa sala com uma caminha, um móvel de ferro, uma prateleira forrada de ampolas e medicamentos, um balde cheio de algodão, um outro para os afastadores, vi um velho recipiente de plástico com alça, talvez guardasse ali os óvulos, o sêmen... parecia uma daquelas caixas térmicas de praia, de antigamente.

O médico se sentou na caminha e começou a falar do pagamento com deservoltura. Queria receber em moeda estrangeira, dólares ou marcos alemães. Não havia despesas com o agenciamento, nem com o sustento da mãe substituta durante a gestação, nem com um advogado local. Eles cuidariam de tudo.

“E se a mãe reconsiderar?”

Oxana traduziu: “Não reconsideram. São mulheres que se oferecem espontaneamente...”.

Por um longo momento pensei que não havia nenhuma verdade no olhar daquele homem e em nada do que dissera.

Voltamos a pé para o hotel. Chovia. Oxana tinha um guarda-chuva e insistia em cobrir nossas cabeças por trás. Dissemos a ela que podia nos deixar e ir embora. Mas acabamos nos perdendo. As indicações estavam em cirílico e ninguém falava uma palavra de nada. Muitas lojas estavam fechadas, a palavra produkti desbotada, as vitrines semivazias. Entramos numa padaria. Alguns pães avulsos numa prateleira de madeira, como pedras sobre uma tumba. Os poucos passantes se viravam para nos olhar.

Diego fotografou uma velha sentada sob uma guarita de cimento refletida numa grande poça d'água. Não se moveu, não mudou de expressão em momento algum diante daquele rapaz que se ajoelhava e fotografava aquela água suja na beira da calçada. Depois Diego se ergueu com os joelhos molhados, procurou nos bolsos uma nota de dez dólares. A velha tinha um rosto amarelado que parecia feito de um tecido esponjoso, de um músculo árido, doente. Atirou-se ao chão para beijar as mãos de Diego. Ele tentou detê-la, frear aquela reação exagerada. Deu um beijo naquela cabeça, naquele lenço.

Retomamos a caminhada.

Encontramos o hotel, surgiu do cimento naquela tarde de luz fosca e vapor de chuva.

Tomei banho sob uma ducha minguada, com os orifícios entupidos, que esguichavam água aqui e ali contra a cortina de plástico, longe de meu corpo. As camas eram pequenas e separadas, juntamos as duas, e o ruído do ferro arranhando o piso chegou aos nossos ouvidos. Os lençóis estavam presos como um saco ao redor dos edredons, pareciam uma camisa de força. Diego não reclamou do chuveiro, aproximou-se da janela, fotografou o que se via embaixo: um longo muro cinza com uma espiral de arame farpado por cima, como um quartel.

Descemos para comer. Havia um pouco de vida, uma cantora com um vestido em escamas de lantejoulas vermelhas, muitos homens sozinhos e alguns casais. Um garçom em branco e preto com o ventre inchado e grandes pés vagarosos, realmente parecido com um pinguim. Sentamos a uma mesinha, trouxeram-nos um grande cardápio, com tradução em francês e inglês. Lemos, chamamos o garçom. Foi uma pequena farsa. Toda vez que indicávamos um prato, o pinguim abanava a cabeça, abria os braços, *niet ...*

Havia *borsch*, pedimos isso. Depois o homem voltou até nós e tirou do paletó uma caixinha que nos mostrou por sob a mesa, fingindo esconder do maître. Era caviar, custava dez dólares, a ser entregues a ele, em dinheiro. Pegamos o caviar, a nota sumiu na hora. Com a segunda nota chegou-nos também uma garrafa de vodca especial.

Agora o maître também sorria com uma pequena mesura ao passar ao lado de nossa mesa enquanto ia receber os clientes. Mulheres de cabelos armados, minissaia e botas pontudas, homens de paletós brilhantes. O caviar era muito bom, servido com *blinis* e creme azedo... Diego estava com uma daquelas pequenas ovas negras na ponta do nariz, sorri, me aproximei dele, limpei com o dedo. Espiou dentro do decote de minha blusa de seda como um namoradinho, e por algum tempo sentimo-nos como um casal em férias. Continuamos naqueles bancos estofados mesmo depois de terminar o jantar. Diego ergueu o copo de vodca na direção da cantora, e aquela mulher um pouco acabada, com o vestido

vermelho de sereia e os olhos cheios de sombra verde, cantou para nós *Volare, oh oh oh oh*. Rimos, aplaudimos.

No quarto nos amamos sobre aquelas camas que fazem um barulho infernal. É uma coisa sexual, uma vazão. Não nos desagrada, pelo menos estamos vivos.

“Mesmo que não dê em nada, quem se importa”, suspirei.

“Fizemos uma viagem, fizemos amor...”

Diego, na janela, aponta a objetiva na escuridão.

“O que está fotografando?”

“Uma luz.”

Deve ser aquele holofote branco do quartel em frente.

De manhã descemos para a sala de refeições, havia dois grandes recipientes com água fervendo, alguns ovos, alguns doces. E aquele cheiro recorrente de coisa parada na cozinha, de carne deixada macerando no caldo. Oxana nos encontrou ali, o mesmo elástico nos cabelos, a mesma palidez. Enfiamos uma xícara de chá em suas mãos vermelhas. Ela nos disse que devíamos esperar, que o médico estava procurando a pessoa certa para nós e que à tarde nos diria alguma coisa.

Fomos dar um passeio. Diego fotografou uma velha igreja de madeira e a estátua dos cossacos ao lado da chama de gás metano azul e eterna. No centro também reinava uma miséria absoluta, um estranho silêncio.

Oxana voltou à tarde. Tomamos um táxi para ir ao posto médico, um Skoda cor de ameixa, sem para-choques. O médico localizara uma mulher que talvez desse certo.

“Quem é?”, perguntei a ela.

Oxana estava sentada ao lado do motorista, deu-lhe o endereço. Virou-se para nós, disse que a mulher era uma pessoa de confiança.

“Já fez isso.”

Pensei naquela mulher que me esperava em algum lugar, que entregava seus filhos... por dinheiro. Uma profissional, esforcei-me

em pensar que não havia nada melhor do que uma profissional. Olhei a mão de Diego fechada no banco. Estava imóvel, mas não era uma mão tranquila, apertava sua pele como se apertasse um prego.

Antes de viajar, eu e Diego tínhamos discutido longamente sobre os limites morais assinalados por aquela viagem. Diego tinha dito *existe só uma lei, a da nossa consciência. Devemos continuar a nos sentir honestos, a nos sentir nós mesmos. Se não for assim, voltamos atrás e nunca mais vamos falar nisso.*

Eu o arrastara para aquela aventura, depois de uma noite de choros, de desespero. Agora eu estava aborrecida com seu rosto sério, o olhar pensativo.

Entramos na sala, a mulher estava de costas, sentada. O médico veio ao nosso encontro, ela não se moveu. Avaliei sua figura com um rápido olhar, sem fitá-la realmente. Sentamos, e apenas passado algum tempo, enquanto o doutor continuava a falar, é que a olhei de fato. Destaquei-a do resto, e a degluti às escondidas. Vi uma mão, uma orelha, cabelos curtos como de homem. Era uma mulher simples, vestida humildemente, mas com dignidade. O rosto longo e encovado, o nariz regular. Segurava uma bolsa de alça rígida de couro sintético. Olhei suas canelas ossudas, os sapatos confortáveis, amarrados na frente como de algumas beatas. Concordava com as palavras do médico. Oxana traduzia.

Sentia um cheiro de mato e de cinzas. Perguntei-lhe se era dali, daquela cidade. Era apenas a primeira pergunta que me veio em mente.

Deu um sorrisinho em minha direção, depois respondeu olhando Oxana. Morava no campo, a uns vinte quilômetros da cidade. Trocamos algumas outras banalidades. Entrou a gordona com o samovar, serviu o chá. A mulher bebeu inclinando o rosto sobre a xícara, preocupada em não fazer barulho, cuidando em não sujar o pires.

Depois se levantou e fez uma pequena reverência. Oxana traduziu que a senhora tinha de ir, pois temia perder o ônibus que a levaria para casa. Estendeu-me a mão, era fria e tão delicada que parecia incorpórea.

“Obrigada...”, disse eu.

Diego se levantou. Não havia dito uma só palavra. Ele também lhe estendeu a mão e fez uma mesura como se devesse recompensá-la por alguma coisa.

A mulher fez um gesto gentil, de conforto, deu um tapinha na mão de Diego, brusco, como uma mãe com um filho.

Foi embora sem deixar nenhum rasto, levando seu cheiro de cinzas e sua bolsa de plástico.

“É perfeita...”, disse o médico. “É uma mulher séria, muito reservada.”

A entrevista fora curta e informal, assim devia ser, era a praxe. Não falamos sobre nada.

“Haverá tempo”, disse o médico.

“Precisam voltar para o hotel, pensar por uma noite.”

“Quantos anos ela tem?”, perguntei.

“Trinta e dois.”

“Já tem filhos seus?”

“Tem três.”

“Tem marido?”

O médico desatou a rir.

“Claro que tem marido.”

“Como podemos ter certeza que...”, parei por pudor.

O médico entendeu, parecia responder a um questionário a que já havia respondido muitas vezes.

A voz de Oxana traduziu que, após a inseminação, a senhora ficaria alguns dias na clínica, onde o doutor monitoraria a ocorrência da fecundação, e só então voltaria para casa.

Sorriu. “O interesse de vocês é nosso também.”

Ele tocou a cabeça, aquela brilhantina que aprisionava os cabelos, e emitiu uma voz mais áspera.

“Nossas mulheres são humildes e generosas, consideram-se criaturas neutras. Jamais dariam um filho do próprio marido. Portanto pode ficar tranquila.”

Comemos o caviar com menos voracidade do que na noite anterior. Distraídos por infinitos pensamentos. Às vezes tombava uma palavra sobre a mesa. A cantora estava com o mesmo vestido vermelho, os mesmos olhos aveludados, a mesma voz rouca. Eu pensava naquele encontro, naquela mulher. Tinha um ar modesto e limpo, uma leve penugem no rosto, as sobrancelhas malcuidadas, nem sequer usava pinça. Tinha os sapatos e os cabelos de uma freira. Era perfeita, o médico tinha razão. Alguns copinhos de vodca tinham descido, se instalado lá embaixo, feito um ninho cintilante...

“Então...? O que você acha?”

“Parece uma boa pessoa.”

“Então é ela...”

“Vamos dançar?”

Dançamos entre dorsos de homens desajeitados e mulheres de nádegas cheias e perfumes doces demais... dançamos abraçados e aturdidos.

O médico passou para nos apanhar logo após a hora do almoço. Entramos num sedã azul com bancos de couro que cheiravam ao detergente com que tinham sido limpos pouco antes. As ruas estavam tranquilas, talvez demais, desertas mesmo nos centros habitados, casas claras com telhados íngremes pardacentos naquela planície sem fim. O rádio estava ligado num noticiário interrompido por breves intervalos musicais. Entendemos que falavam da guerra, pedimos a Oxana que nos traduzisse o que diziam. Ela se virou para nós.

“Assinaram um acordo de cessar-fogo na Croácia...”

O médico riu.

“É o que mais gostam, assinar e não respeitar os acordos.”

Passamos ao lado de uma área cercada por cilindros de ferro que se estendia no campo por uma centena de metros, dentro viam-se edifícios maciços dispostos em semicírculo.

“O que é?”, perguntou Diego.

Oxana se virou: “São minas de...”.

O médico lhe lançara um olhar pelo retrovisor. Virou-se para nós, falou com seu francês trôpego.

“São velhas minas abandonadas...”

Entramos numa estrada de terra, o carro avançou devagar. Era uma casa de campo num pequeno vilarejo rural. Havia lama da chuva recente. Vi um estrado encostado num barracão e uma bicicleta de criança.

Um homem veio até nós, corpulento, com o rosto escuro e um pulôver em losangos vermelhos e castanhos. Não devia ter mais de quarenta anos, mas parecia bem mais. A mulher nos esperava dentro de casa. Cumprimentou-nos, com um gesto simples convidou-nos para sentar. Pôs na mesa uma bandeja com copos e uma garrafa cheia de um líquido avermelhado, era suco de cereja, tocou no peito para indicar que ela mesma o tinha feito. Ouvimos um choro. Ela foi para dentro e voltou com um menino pequeno no colo, que teria no máximo um ano. Deu-lhe uma colherinha para brincar e se sentou. O marido falava, movendo as mãos como facas na mesa, como se cortasse alguma coisa. Ele e o médico falavam em russo, mais de uma vez ouvi a palavra *dollars*. Oxana traduziu para Diego: “A primeira parcela no início da gestação, a segunda no quinto mês, a terceira na entrega...”.

Estudara italiano por correspondência e usava termos ásperos, burocráticos, sem se dar conta de quanto nos feriam. Diego engoliu em seco.

“Está bem... assim está bem.”

O menino era pálido como a mãe e tinha os olhos do mesmo marrom apagado, vestia um macacãozinho de chita de cor indefinida. Agora a mãe me olhava.

“Quero saber se está contente em fazê-lo... se o faz com amor, para nós é muito importante.”

O marido respondeu, com seu russo, com sua garganta enferrujada pela nicotina.

Oxana traduziu que estavam muito contentes, que a mulher estava feliz em nos ajudar.

Ela levantou, mostrou-nos a casa, poucos aposentos com o mesmo piso de cerâmica cor de vinho, cortininhas nas janelas, lustres de renda engomada e poucos móveis de madeira maciça clara. O homem abria as portas, púnhamos o nariz, dávamos uma olhada. Era tudo miserável, tudo com o mesmo cheiro, mas limpo.

Perguntei se podia ficar um pouco a sós com a mulher. Era tímida e se esquivava de mim, e havia aquele marido intrometido demais que nos fiscalizava.

Ela me levou para fora, enquanto pegava lenha. O exterior era mais desorganizado, havia móveis empilhados em todo lugar, ao lado de montes de materiais de construção. Oxana caminhava atrás de nós. Perguntei à mulher como se chamava. Falamos do campo, da estação ainda rigorosa. Disse que tinha estudado para ser engenheira, mas depois teve que largar. Olhava quase sempre para o chão, e só de vez em quando levantava o olhar para Oxana que devia traduzir. Aquela intermediação constante me deixava desconfortável, tirava a intimidade daquela conversa.

“Ouça, Tereza, quero apenas saber se é uma escolha... se não é teu marido que...”

Balançou a cabeça. Repetiu que estava feliz em fazê-lo, que o faria mesmo sem o dinheiro, mas que o dinheiro era para seus filhos, para poderem estudar. Disse que gostava de ficar grávida, as gestações não lhe causavam nenhum problema, pelo contrário, os hormônios da vida a deixavam de bom humor.

“E o que você vai dizer a seus filhos?”

Riu, um sorrisinho que descobriu dois dentes quebrados, lascados, bem na frente.

“Eles nem percebem, sou muito magra... e sempre me visto assim...”

Tocou o vestido um pouco folgado que lhe dançava sobre os ossos. Fiz a pergunta que lhe devia fazer.

“E para você? Não será difícil se separar da criança?”

Vestia um par de galochas de borracha, esfregava-as no barro. Tive a impressão de que não queria responder.

Eu me dirigi a Oxana: “Ela entendeu o que eu disse?”

Escapou-me um tom autoritário, o que se usa com as crianças e os velhos... com as criaturas que dependem de nós.

“Não”, traduziu Oxana, “para ela é natural... sabe que a criança não lhe pertence.”

Finalmente olhou para mim.

“*Ja eto dom .*”

“Sou a casa.”

Estava dobrada, olhei seu ventre murcho sob a roupa, consumido pelas gestações. Enfiou a mão sob a palha do galinheiro e tirou dois ovos ainda quentes. Insistiu em me dá-los, eram bons de beber... abanei a cabeça, depois enfiei-os no bolso do casaco. E fiquei com uma mão ali, naqueles ovos quentes.

Depois de algum tempo disse: “Não pense que sou uma mulher ruim”.

O marido apareceu para nos procurar, soltou um silvo estranho, como se estivesse chamando as galinhas. Tereza rumou depressa para casa. Fiquei atrás dela, vendo suas nádegas, suas ancas, como se observa um animal. Não tinha uma constituição ruim, seus músculos eram longos, as canelas esguias. Não tinha nenhum defeito físico, nenhuma anomalia. Neutra... eis o que era. Não era alegre nem triste, não era bonita nem feia, não tinha um grande calor humano, mas não era antipática... era uma daquelas criaturas indefinidas que não deixam marcas, uma ovelha no rebanho. Havia desaparecido três segundos antes e já não guardava nenhuma lembrança sua. Servia... ou melhor, talvez fosse perfeita porque não era ninguém. Era a senhora ninguém. O círculo desenhado no papel.

Dei mais uma volta, sozinha, no terreno diante da casa. Cheirava, espiava aqui e ali, fiscalizava o território, os metros de terra onde Tereza viveria com nosso filho no ventre. Abaixei-me para tirar um prego enferrujado, como uma mãe previdente...

Voltei para dentro. Diego tinha começado a fotografar o menino, que agora se agarrava à beirada de uma caixa escangalhada, a boca colada no plástico. Olhava a objetiva sem interesse algum. Era incolor e inerte como a mãe. Não pulava como uma criança. Ficava ali, aprisionado na opacidade como um fóssil na resina... e sua miséria tinha algo de eterno... carne inútil que se reproduz nos séculos, que germina e desaparece sem deixar traços. Diego o fotografava, e talvez fosse justamente isso que lhe agradava, que o comovia, a imóvel fixidez do destino humano.

“Vamos...”

Incomodava-me que fotografasse aquele menino. Às vezes incomodava-me até vê-lo fotografar... ele se envolvia com a

máquina fotográfica como se fosse um coração, como se fosse algo que lhe saía do peito e pulsava, que retinha consigo para viver mais alguns instantes.

“Vamos...”

Incomodava-me aquele seu ar, aquela face encovada de missionário. Havia derrota demais naquela maneira de amar. Um dia tudo isso acabaria. Um dia ele fotografaria nosso menino por horas e horas... e todos os outros, todos os Ante do mundo deslizariam para um pântano inferior.

Diego se manteve calado durante toda a viagem, cochilou apoiado no vidro.

“O que vai acontecer agora?”

Oxana traduziu. Já no dia seguinte Tereza iria ao centro médico para as coletas de sangue. O médico iria monitorar a atividade folicular, a ovulação estava próxima, talvez fosse uma questão de horas. Não haveria necessidade de nenhuma estimulação dos ovários, pois a mulher era extremamente fecunda.

O médico se virou: “A menos que queiram gêmeos ou trigêmeos...”.

Ri, desatei a gargalhar. Fazia tempo que não ria assim. Agora gostava daquele homem direto, ríspido. Um verdadeiro cossaco devotado à causa da esterilidade humana!

Diego não ria. Segurei-lhe a mão.

Não tinha intenção de partilhar seu mau humor, seus escrúpulos... Agora eu estava preocupada com a mulher, com *moi malenchii dom*, minha pequena casa. Deixaria mais dinheiro para ela, com certeza... enviaria vitaminas e sais minerais, magnésio, ferro. A fecundação agora me parecia um detalhe. Algo que ocorreria depressa, em alguns minutos, naquele posto médico com as cortinas bordadas.

O doutor estava loquaz e relaxado durante aquela viagem de volta, respondia a todas as perguntas, aparava as arestas de todas as inquietações. A mulher seria submetida a controles constantes, receberíamos na Itália as ultrassonografias e os resultados de todos os exames pré-natais, e poderíamos decidir a qualquer momento ir

visitá-la. Sugeriria que pelo menos eu ficasse na Ucrânia durante os últimos meses da gravidez.

“Assim não precisará dar explicações, se quiser poderá simplesmente dizer que deu à luz no exterior. Será importante para a senhora participar, pôr a mão na barriga da mãe substituta, sentir os movimentos do feto. Isso vai ajudá-la. Logo enfrentará grandes emoções, deverá estar atenta à sua saúde, muitas vezes é a mãe contratante que adoece... a senhora vai se sentir fraca, e no momento do parto sentirá contrações verdadeiras...”

Pensei que estava a um passo da vida.

Diego ouvia olhando para fora, pelo vidro, de vez em quando fotografava alguma coisa, um trator arando os campos, um homem de bicicleta. Ficou meses sem fotografar e agora fotografava esse nada, esses campos feios, esse céu empoeirado...

Passamos de novo ao lado da longa cerca de lanças e fios de arame farpado que circundava a mina, com aquelas placas que diziam sabe-se lá o quê. Diego levantou a câmera fotográfica e tirou uma foto pelo vidro. Perguntou novamente o que extraíam naquela espécie de bunker, Oxana não se virou, apenas deu de ombros.

Naquela noite a cantora tinha trocado o vestido, estava toda de branco, como uma grande nuvem, o maître nos trouxera o caviar, pedira sua gorjeta. Depois a vodca desceu e trouxe as palavras.

“Tem os dentes quebrados... aquela mulher tem os dentes quebrados.”

Tentei sorrir. “E daí?”

“Você realmente não notou, amor?”

“Não notei o quê?”

Levou uma mão ao rosto, pôs no zigoma...

“Tinha alguma coisa, um sinal... um hematoma.”

Sim, tinha visto aquela marca sob o olho, quando se virara para mim dizendo *sou a casa*.

“Deve ter sido o filho, deve ter enfiado algo no olho... ou se arranhou nos campos...”

Diego concordou.

“É, pode ser...”

Mais tarde, no escuro, eu não conseguia dormir... havia aquele cheiro desagradável no quarto. Tinha posto o casaco para secar em cima do aquecedor. Aqueles dois ovos de merda haviam se quebrado no bolso, tinha me esquecido deles. Jogara as cascas no vaso sanitário, virara o bolso do avesso e o lavara da melhor maneira possível. Agora, do aquecedor, vinha aquele cheiro de ovo secando, fedendo.

“O marido manda nela... é isso que você acha?”

Ele também não estava dormindo.

“Não gosto daquele homem, o menino também é muito triste.”

No dia seguinte saímos cedo. Oxana veio nos buscar no hotel, e nós a convidamos para tomar o café da manhã conosco. Grudou seu rosto branco na xícara de chá quente, comprimiu-a junto à face. Tinha vindo a pé, passando frio e mais cansada do que nos dias anteriores. Quando Diego levantou para ir ao quarto e carregar a máquina fotográfica, perguntei à queima-roupa: “Aqui os homens batem nas mulheres?”.

Ela estava menos sorridente aquela manhã. Disse que de manhã cedo nas ruas as mulheres se escutam, se avaliam.

“Não há mais trabalho, os homens bebem até cair.”

Estava com a voz aveludada, continuava a esfregar o nariz vermelho, os lábios pálidos não conseguiam reencontrar sua cor natural...

“Meu irmão trabalhava num navio, perdeu o serviço, agora quando lhe abro a porta de casa ele dá dois passos e cai. Reduziu-se a isso...”

Segurei sua mão, pronunciei seu nome.

“Oxana...”

Parecia distante, todo aquele jovem orgulho esmigalhado de vez.

“Kasimir, meu vizinho, um velho de oitenta anos, atirou-se da janela... isso aconteceu... não tinha mais o que comer.”

Chorou um pouco, sem mudar a expressão do rosto. Depois riu.

“Meu primo Epifan trabalha numa fábrica, o pagamento é feito com rolos de papel higiênico, montanhas de rolos de papel

higiênico... é a única coisa que não falta em nossa casa.”

Queria ajudá-la mas sem feri-la, mexi na bolsa ao meu lado, fuzilou-me com o olhar, levantou a mão.

“ *Niet!* ”

Menti, disse que estava procurando a manteiga de cacau para os lábios.

* * *

À tarde voltamos ao posto médico. Tereza estava lá, tinha feito os exames e estava se vestindo. Sem pedir licença, pus o rosto na porta, estava curvada sobre o leito de exames. Vi suas costas num relance. As omoplatas magras como asas de um frango depenado. Havia uma marca ali também, uma mancha azulada que descia do pescoço. Sorri para ela. O marido estava num canto da sala, veio até nós. Eu me virei. Fitei atentamente o olho de Tereza, estava mais escuro e inchado do que no dia anterior. O médico disse que a atividade folicular começara. O marido esfregou as mãos no tecido das calças. Pareceu-me o som mais feio da terra.

“ *Niet* ”, disse.

O médico me encarou. Curvou-se.

“Essa pessoa não nos serve. Desculpe.”

Há um grande barril de óleo fritando no meio da rua. É sábado, dia de mercado. Uma mocinha com as tranças molhadas devora uma rosca escura. Sob um toldo gotejante uma velha vende pequenos copos desemparelhados e um candelabro de cobre. Baixou o frio esta noite. Nas margens da estrada o mato está branco e rígido. O vento gelado fere o rosto. No nevisco, uma outra velha vende algumas meias, duras e pesadas, outra ainda oferece um maço de beterrabas e um boneco de borracha, um coelho. Ficam ali imóveis, como o gelo colado nos telhados em longas gotas rígidas. Diego hoje de manhã não fotografa. Compra tudo, joga tudo dentro da mochila. Tira maços daqueles *karbovanets* deles que já não valem

mais nada, manda aquelas velhas para casa, para a frente de um aquecedor.

Mais caviar. É sábado, a cantora desceu do tablado e esta noite anda com o microfone, flutua entre as mesas... aproxima-se da nossa, talvez perceba que chorei. Toca de leve meus cabelos, fica um pouco ali conosco. De perto parece mais velha.

Diego só quer ir embora, mas eu insisto em ficar. “Mais um dia”, digo. Olho as mulheres na rua, a frentista do posto de gasolina, a operária pintando um muro. Revisto-as com os olhos, demoro-me em seus corpos, esfrego o focinho naquilo que me falta.

“Isso não é bom...”, diz Diego.

“Me deixe em paz”, respondo.

Oxana vem atrás de nós, com seu casaco azul, seu pescoço branco de estátua. Pergunto a ela: “Você faria?”.

Oxana não responde... faz de conta que não entendeu.

Diego me torce o pulso, me machuca.

O doutor não nos deixa ir. Marcou uma outra entrevista. Diego está com uma cara estranha, hoje de manhã parece mais feio, os traços tortos. Esta noite dormiu longe de mim, naquela cama branca esticada como uma camisa de força.

A mulher está ali na cadeira, no lugar da outra. É mais jovem, mais bonita. Levanta, sorri. Tem dentes intactos e uma boca robusta. É mais alta do que Diego. E se a outra não tinha cheiro, esta parece saída de uma fábrica de perfumes baratos. Um fedor adocicado invade o ar. Está com uma blusa branca com um camafeu no seio e uma saia escura, de colegial. Deve ter se vestido assim para a entrevista, e agora observa nossa reação. Os olhos, rápidos, escapam para todos os lados, como a voz. Avalio sua pele, parece em ordem. Tem os cabelos descoloridos, mais escuros nas raízes. O rosto é estranho, como o de um palhaço sem maquiagem. Depois percebo que não tem sobrancelhas, nenhuma, em seu lugar um inchaço de ossos e só. Parece uma pintura incompleta.

Procuro os olhos de Diego, está olhando para fora, para a quadra de esportes, aquela cesta sem rede.

Andamos pela rua. Pergunto a Diego o que acha.

“Quer saber?”

“Claro que quero saber.”

Não se vira, continua a tocar com a mão todas as colunas de cimento que encontramos, como se as estivesse contando.

“Para mim é uma prostituta.”

Para, balança-se um pouco, sorri.

“Acho que somos nojentos, amor.”

* * *

Na van rumo ao aeroporto, finalmente Oxana nos conta a verdade sobre aquela mina. É uma mina de urânio, e o vilarejo ao lado até pouco tempo nem aparecia em nenhum mapa, não existia.

“Uma amiga minha perdeu um filho pequeno, mas minha avó tem quase noventa anos e nunca saiu dali. Tem uma horta, diz que o urânio faz bem para o repolho.”

No aeroporto os pacotes postais ainda estão ali, mais estragados.

Seguro o rosto de Oxana, antes de me despedir afundo o queixo em seu casaco azul. Diego lhe dá todos os dólares que restaram e dessa vez ela aceita, guarda-os naquela bolsa de corda.

O avião fazia escala em Belgrado, havia umas duas horas entre um voo e o outro. Sentamos no balcão de uma cafeteria, pedimos um chá. Ficamos ali, diante daquelas xícaras pretas. Ao nosso lado, um homem comia uma salsicha, vermelha e comprida, que escorria gordura. Diego deixou o chá de lado, pediu uma daquelas salsichas e uma caneca de cerveja.

Olhei Diego engolir aquele horror sem dizer uma palavra. Não comia, arrancava pedaços. Disse a ele: *vamos dar uma volta*, respondeu: *vá você*. Eu balançava a perna, fazia vibrar o banco onde ele estava sentado. Flutuava entre as cinzas, como depois de um incêndio.

“Fique quieta.”

Continuei a agitar aquela perna.

“Por favor.”

Estava com o queixo engordurado, fitava-me com um olhar fundo, vindo sabe-se lá de onde, pulsante e distante naquela proximidade.

“Talvez seja melhor a gente se separar.”

Ele se levantou.

“Aonde você vai?”

“Mijar.”

Mas não estava no banheiro. Circulei por entre as pessoas à espera dos voos, entrei naqueles espaços iluminados, entre as prateleiras de garrafas e pacotes de cigarros. Depois desisti de procurá-lo. Pensei em retrospecto. Perguntei-me onde, em qual instante podre tínhamos começado a nos perder. Voltei ao banheiro, enxaguei o rosto, caminhei até o embarque para Roma. Já havia uma aeromoça contando pedaços de papel.

Fiquei sentada até o último momento naquelas cadeiras emendadas umas nas outras. Virei-me para trás, alguém tinha posto uma mão em meu ombro. A mulher que encontrara no avião da vinda sorria para mim. Usava um lenço russo na cabeça, amarrado como uma faixa, entre a grande franja e o resto dos cabelos.

A menina cuja guarda queria tinha sido adotada por uma outra família.

“Franceses...”

“Sinto muito...”

“Pegaram também o irmão menor, de três anos... estão juntos agora. Para as crianças é uma sorte. Nunca poderíamos ficar com os dois... os franceses são jovens...”

Dei-lhe um abraço. Senti seu corpo tremer, seu seio comprimido num sutiã rígido.

Diego chega correndo no deserto de gente que já se dispersara. Senta-se ao meu lado.

“Você não queria me deixar?”

“Voltei.”

“O avião já partiu.”

“De quem são esses tênis?”

“Daquela senhora que conhecemos na vinda. Ela me deu de presente.”

“Por quê?”

“Não sei. Eles acendem.”

Enfio as mãos dentro daqueles pequenos tênis e começo a engatinhar entre os bancos e os tubos, ando de quatro para as solas acenderem. Diego acompanha as luzinhas com o olhar. Os cabelos estão despenteados, a barba falhada, os olhos cansados, mas ainda vivos. Pega sua Leica, fotografa... sorrio com as mãos enfiadas naqueles tênis.

“Então é verdade...”, sussurra.

“O quê?”

“Que a vida fala com a luz como a fotografia...”

Ele me ajuda a levantar, apoia-se em mim.

“Sabe para quem vamos levar esses tênis?”

Sinto um golpe por dentro, como uma vassoura que passa e risca ao limpar.

“Tem um voo para Sarajevo, foi o que vim te dizer.”

O aeroporto está semideserto, povoado apenas pelos funcionários e alguns viajantes locais. A esteira de bagagens está parada, quando volta a funcionar transporta apenas algumas malas isoladas, coisas que rodam um pouco, ninguém pega. Um cinegrafista australiano com uma câmera de ombro filma um homem falando. É um taxista encostado na janela de seu carro, uma daquelas caras encovadas que se encontram frequentemente em Sarajevo, ossos aflorando na pele pálida de nicotina. Gojko está ali, servindo de intérprete. Ele nos vê, fica rubro, impaciente, faz sinal para esperarmos, abre os braços para indicar que foi envolvido ali por acaso. Não deve gostar do que está traduzindo.

... disseram que vão nos deixar um pouco de terra, o suficiente para os túmulos. Foi o que disseram... em nosso Parlamento...

“Niilista de merda...”, diz, enquanto com um gesto manda o taxista e o imbecil do australiano para aquele lugar. Ele nos beija. Abraça-nos do modo usual, apertando-nos o peito com aqueles

braços longos e inertes, que de repente se tornam fortes, como torniquetes.

“... bela mulher, fotógrafo magro...”

Nenhum dos três achava que nos encontraríamos tão cedo, é uma manhã de março. Passaram-se nove meses desde a viagem para a Croácia, o tempo de uma gravidez, de uma guerra.

Segura-nos junto a si. Encosta a cabeça nas nossas, pergunta se precisamos de muita coragem para vir.

“Ficar longe foi pior.”

Diz que somos seus amigos, abraça-nos de novo. Vejo seus pequenos olhos cor de mel que se enchem de lágrimas.

“É o poeta que de vez em quando mijá...”, diz. Faz realmente o gesto de mijar, ri.

Diego respira, abre os braços e respira, o ar está ainda frio, mas já é primavera.

Gojko está com um blusão de Gore-tex, *é alemão*, diz, trocou com um jornalista da Reuter Deutschland, tira-o ali no saguão do aeroporto. Por baixo está apenas com uma camiseta de algodão, quer que apalpemos o blusão, para sentirmos como é leve. Veste-o de novo enquanto vamos para o carro.

Diz que não sente mais frio, que aquele blusão resolveu sua vida, pode ficar na rua a noite toda, mesmo a dez graus abaixo de zero. Fala do Gore-tex, da revista literária onde publica suas coisas, da rádio onde trabalha de vez em quando, aonde nos levará, pois é um lugar de gente com cabeças que funcionam rápido, como hélices de um helicóptero. Olho aquelas ruas, aquelas tílias, aqueles prédios cor de chumbo. Respiro. Por que não viemos antes? Esta cidade é um bolso para nós, é pôr as mãos no escuro e sentir um calor que vem lá do fundo.

Vamos em direção à cidade. A voz de Gojko é lama quente, conta-nos que agora há muitos jornalistas por ali, está se realizando a Conferência Internacional da Bósnia e Herzegovina sob a égide da Comunidade Europeia, ele retomou o trabalho de guia como na época das Olimpíadas.

Diego lhe pergunta da guerra, que avança.

Gojko joga o cigarro pela janela.

“Agora temos os olhos do mundo sobre nós. Aqui não vai acontecer nada.”

Leva-nos a uma *kafana*, aquela perto do Markale, com as paredes forradas e o blues bósnio que sai dos alto-falantes. Gojko fuma de novo, observamos seu rosto, talvez um pouco mais inchado do que no verão. Reclina-se com a boca até uma de minhas mãos sobre a mesa, beija-a. Levanta a máquina fotográfica apoiada no banco de courvin vermelho, abana a cabeça ao ver que Diego ainda tem aquela gloriosa Leica, de suas velhas reportagens.

A primeira fotografia de Diego é naquele bar, naquele banco, eu abraçada a Gojko... com o indicador e o dedo médio faz o V da vitória diante de nossos rostos sorridentes.

“Vocês ainda se amam muito?”, sussurra-me Gojko.

Diego responde: “Sim”.

“Que pena.”

Sáímos, caminhamos no frio. As pessoas estão imersas em sua normalidade. As lojas da Bašćaršija estão todas abertas, os montes de especiarias, os utensílios de cobre, as túnicas brancas bordadas de ouro.

Como eram os rostos dos judeus quando olhavam o mal que lhes vinha ao encontro, sem reconhecê-lo? Não deviam ser diferentes destes daqui. Deste velho gravando o couro, desta moça saindo da madrasa com seus livros presos com um elástico, seu véu e seu jeans.

Entramos naquela área coberta, sentamos nas arquibancadas. Era um ginásio grande, daqueles construídos para as Olimpíadas. Sebina estava ao lado de uma pilha de tapetes azuis, de borracha. Ficamos a mirá-la por algum tempo antes que ela nos percebesse. Não tinha mudado muito, simplesmente crescera alguns palmos. Estava com as pernas nuas, brancas como velas, um pouco grossas, marcadas por músculos salientes, como pequenas salsichas, os pés descalços e um xalezinho de lã que usava como polainas. Vi que o tirava antes de fazer um exercício e o vestia novamente em seguida, como uma atleta experiente. Havia pouca luz naquele ginásio,

apenas duas barras de neon que flutuavam embaixo, as escadarias ficavam quase na sombra.

Ela nos viu. Ergueu os olhos e deteve-se, nos examinando. Ficou hesitante. Estava me reconhecendo? Conversávamos por telefone, eu a vira crescer pelas fotos. Todos os anos no Natal eu lhe mandava um brinquedo e um pouco de dinheiro, e ela retribuía com bilhetinhos de votos, anjos recortados no papel. Não se moveu, continuou ali parada, entre o grupo, disciplinada. Mas tudo o que fez dali por diante foi para mim, para meus olhos que a fitavam. Fiquei observando-a nas barras paralelas, na trave, no cavalo, subindo para pegar naquelas argolas e se erguer reta, com a cabeça invertida, virada para nós. Nas cartas ela tinha me contado sobre aquela paixão, mas vê-la era outra coisa. Errou um fechamento, caiu. Mas depois cruzou a sala com uma série de cambalhotas, como uma pequena chama, e aterrissou com as pernas perfeitamente abertas em *spaccato*.

Encontramo-nos naquele corredor de linóleo, no fundo a luz dos vestiários. Eu a chamei, estava me procurando. Virou-se para mim e veio correndo. Tinha o mesmo rosto amassado de quando nasceu, a mesma boca, o lábio superior proeminente como uma pequena bolha que ainda parecia aquela de leite. Levantei-a nos braços, creio que a levantamos juntos, eu e Diego. Disputamos aquele perfume, aquela pele delicada e suada.

“Alma minha... alma minha...”

“Gemma... Diego...”

“Sebina...”

O que é a alegria? É isso, este corredor isolado, rançoso de cheiros bons, este pequeno corpo agarrado.

Era minúscula... de perto era muito menor.

“Mas é pesada”, disse a ela.

“*To su miši ć i*”, são os músculos.

Gojko agora morava sozinho, mas ia buscar Sebina quase todas as noites. Esperava-a diante dos chuveiros, às vezes ajudava-a a enxugar os cabelos, às vezes punha-lhe um chapéu de feltro e saíam assim. Quando estava com disposição, levava-a para comer um

daqueles sonhos recheados de maçã e mel num lugar com banquetas altas, onde mastigavam olhando a parede e saíam com cheiro de fritura impregnado na roupa. Falavam entre uma mordida e outra, sem se olharem realmente. Ele lhe perguntava como tinha sido o dia, a escola, como um irmão mais velho, como aquele pai que não tinha. Sebina falava rápido demais e Gojko tinha dificuldade em acompanhá-la. Gostava de duas coisas na escola, a janela do corredor que dava para os jardinzinhos ao lado do Miljacka, onde os casais se beijavam, e das experiências de química no laboratório. Ela queria ser campeã de ginástica, mas estava crescendo pouco.

“Sou a menor.”

O irmão limpava sua boca com a mão. “Os baixos são mais apegados à terra.”

Quando estava triste, lia para ela um de seus poemas.

*A menina sentava no chão
diante de uma pira de corolas
chamas de inverno pareciam.
Ajude-me, estou cansada.
Despetalamos rosas até o crepúsculo
no perfume doce demais
atordoante como droga.
Quem tomará toda esta aguardente?
perguntei-lhe.
Você, se voltar.
Não sabia se reencontraria o caminho.
Saudou-me da janela
o rosto de gesso fundido
as mãos ensanguentadas de pétalas.*

Sebina gostava dos poemas do irmão, mas fazia perguntas demais.

Ele lhe dizia: “Poesia não se explica, se ela atinge o ponto certo, você sente, ela coça por dentro”.

“Qual é o lugar certo?”

“Procure.”

Sebina retorcia a boca, olhava-o cética, com aquele ar de infeliz. Apalpava a barriga, as pernas.

“Pode ser o pé?”

“Fica meio baixo.”

“Para mim coça ali, a sua poesia.”

Gojko punha Sebina nos ombros, subia as escadas de sua antiga casa e entregava-a a Mirna.

Entramos num restaurante para comer pita recheada de tudo, de carne, batatas, abóbora. Sebina começou a bocejar, os olhos perdidos, cheios de água, o sono das crianças. Não reclamou. Dobrou um braço na mesa e adormeceu sobre aquele braço. Continuamos ali, conversando. Diego desmanchou um cigarro de Gojko, abriu sua caixinha e preparou um baseado. Gojko o observava... zombava dele.

“Desde quando você se droga?”

“Não é droga, é haxixe.”

Gojko pegou o baseado, umedeceu na boca.

“Então vamos fumar...”

“A menina está aqui”, disse.

“A menina está dormindo”, respondeu Gojko.

Fumaram os dois, enquanto eu acariciava a nuca de Sebina. A um certo ponto me dobrei e afundei o nariz naquele fosso de carne. Reencontrei aquele cheiro, intocado pelos anos, de leite e de floresta. E me pareceu o cheiro do futuro... estava ali diante de nós, como outrora. Olhei nossos corpos no espelho que revestia uma parede e me pareceu que o tempo não nos tirara nada. Diego chorava, imóvel. Talvez nem percebesse aquelas lágrimas que corriam tranquilas como suor. Toquei-lhe um ombro.

“Estou bem”, disse ele, “está divino.”

Voltamos a pé no escuro, por aquelas ruas amigas. Sebina adormecida no colo do irmão, os braços pendentes capturavam a luz dos lampiões.

Estava um frio do cão. Toquei as mãos de Sebina, estavam geladas. Apertamos o passo até o hotel, um portãozinho vermelho, uma entrada pequena como a de uma casa. Pegamos a chave, subimos. Gojko não estava com vontade de nos deixar e nós também não queríamos deixá-lo. Tinha conseguido para nós um quarto maior do que os outros, com assoalho de madeira e um grande tapete de lã. Também tinha experimentado a cama, disse ele.

“Cochilei...” E realmente havia uma depressão no meio, a colcha amarfanhada.

“Ainda fazem amor, vocês dois?”

Estávamos chegando daquela viagem desoladora, e o frio não nos libertara do torpor.

“Hoje à noite estamos mortos.”

“Morto é que se faz bem amor, quando o corpo está vazio, então a gente voa.”

Mais tarde Gojko ligou a televisão. Karadži estava falando, os cabelos armados pelo secador, a maquiagem rosada como uma boneca, era uma entrevista longa e superficial. Falava de sua atividade de psiquiatra e poeta, ao lado do rosto passavam alguns de seus versos sobrepostos à imagem. Gojko lia, caçoava.

“Montenegrino psicopata!”

Coçava a cabeça, um braço, como se estivesse atacado por uma coceira terrível.

“Como se pode acreditar num imbecil como este?”

Diego tinha se jogado na cama.

“São os imbecis que dão medo...”

Diego fechou os olhos, um braço aberto ao lado de Sebina que não acordou em momento algum, foi posta na cama e ali ficou.

“Não vai tirar a roupa?”, mas ele já está dormindo.

Gojko acende um cigarro. Digo que vá para a janela e ele fuma ali pela fresta.

Olho o relógio, são quase três horas.

“O que foram fazer em Belgrado?”

Sentamos na beirada da cama... falo com o rosto baixo. Conto-lhe sobre aquela viagem à Ucrânia, sobre aquelas mulheres. Gojko me olha sério, depois começa a rir.

“Está louca, queria que ele fizesse um filho com uma puta?”

O corpo de Diego está ali ao lado, deitado na cama como um menino crescido...

“Não tirou nem o guardanapo...”

É verdade, ficou com o guardanapo do restaurante enfiado na gola da blusa. Gojko levanta, tira-o, assoa o nariz dentro dele. Finge chorar, bate com a cabeça na parede.

“Por quê? Por que não precisam de um homem? Por que a vida é tão injusta?!”

Ele me abraça por trás, me faz cócegas. Afasto-o debilmente.

“Estou sofrendo há meses, não sei mais quem sou.”

Aproximo-me de Diego, tiro-lhe as botas, aquelas botas velhas difíceis de tirar. Gojko acompanha aquele gesto cansado, materno.

“Você tem medo de perdê-lo, não é?”

“Tenho trinta e sete anos.”

“Ele nunca vai te deixar.”

Jogo as botas no chão, tiro suas meias. Fico olhando seus pés compridos, brancos, um pouco vermelhos nas laterais.

“Quero um filho com estes pés aqui.”

Gojko faz uma careta.

“O que esses pés têm de bonito?”

“São dele.”

“Ah...”

Os caixilhos de ferro da janela aberta vibram, Gojko a fecha. É noite alta. Enxergam-se as pontas da catedral com suas pequenas cruzes que parecem de vidro...

* * *

Naquela noite dormimos os quatro na mesma cama. Gojko estava cansado demais para carregar a irmã nas costas. Eu não tinha a menor intenção de dormir. Encostei-me na ponta da cama e fiquei me equilibrando, dura como a lâmina de um patim no gelo. Esperei o alvorecer, e me recolhi num breve sono diurno, finalmente protegida pela luz. Quando reabri os olhos, encontrei o rostinho de Sebina curvado sobre o meu. Acordara antes dos outros, já tinha lavado o rosto e penteado o cabelo.

“Espere...”

Levantei, abri minha mala e lhe dei os tênis.

“Quando você anda, eles acendem...”

Ficou com soluço, seu corpo reagiu àquela emoção fragmentando a respiração. Ajudei-a a calçar os tênis, apertei na frente onde terminavam os dedos, havia espaço pelo menos para mais um ano de crescimento. Observava fixamente seus pés, sacudida por aqueles pequenos soluços que não cessavam.

“Ande, experimente...”, os tênis se acenderam.

Não parecia feliz, parecia desesperada. Entendi aquele desespero. Era o mesmo que eu sentia nos momentos culminantes... quando entendia que tinha tudo, sentia de súbito o êxtase do nada. Tive a impressão de que ela ia desmaiar. Gritei para interromper seu soluço. Um mugido selvagem, que eu não sabia que havia dentro de mim.

Sebina deu um pulo. Ficou me olhando com a boca escancarada...

Não sei por quê, mas estávamos paradas diante de alguma coisa. E nos rebelávamos.

“Ande, o que está esperando?!”

Sorriu. O soluço tinha passado. Começou a andar pelo quarto olhando os calcanhares, aquelas bolhas de plástico que se acendiam por dentro. Voltou até mim, deu-me um beijo na boca, senti a substância fresca de seus lábios sobre os meus.

Gojko tinha caído de sono no tapete. Agora a irmã caminhava em cima dele, em cima da barriga, para acordá-lo. Punha os tênis na cara dele. Gojko abriu um olho, examinou aquelas solas luminosas, virou-se para mim como uma víbora.

“Caramba... onde você encontrou? Quero importá-los.”

Sebina começou a gritar com aquela voz estridente e aguda, a investir contra o irmão. Queria ser a única em Sarajevo com aqueles tênis!

Diego também tinha acordado, olhou aqueles passos luminosos, sorriu.

“Assim sempre te encontraremos, mesmo no escuro.”

Gojko tinha se mudado para um edifício antigo, deteriorado e sem elevador, perto da velha sinagoga. Afora alguns inquilinos idosos, não moravam famílias no prédio, mas apenas jovens,

estudantes universitários, aspirantes a artistas, intelectuais em formação. A nova geração de sarajevitas que povoava os concertos, os cafés literários, os cineclubes... aqueles que marcavam encontro na čeka e à noite se divertiam gritando como o U2 *I wanna run... I wanna tear down the walls that hold me inside* sob as velhas estátuas de Tito. Gojko morava no último andar, num apartamento que dividia com mais gente, uma daquelas casas caóticas onde os jovens moram por algum tempo antes de entrar na verdadeira vida, uma espécie de república. Gojko com seus trinta e cinco anos era o inquilino mais velho. Mas aquela casa aberta lhe caía bem... *Quem passa aqui embaixo e vê as janelas acesas, se quiser, sobe* .

Ele nos abriu a porta e fomos atingidos por uma onda pesada de fumaça e temperos. Perto da janela um rapaz tocava saxofone, curvava-se sobre as teclas com as faces estufadas e os olhos fechados, sua figura se refletia nos vidros finos, soprados e cortados à mão como se fazia antigamente, que pareciam se mover como água.

Achávamos que íamos encontrar um mundo deprimido, de gente meio à deriva por causa da guerra que avançava, mas havia música, conversas e umas duas moças fechadas na cozinha mexendo a sopa.

Voltamos quase todas as noites àquela casa suspensa no alto, no refúgio da cidade velha. E talvez ali tenhamos encontrado aquilo que nos faltava, o calor humano de rostos jovens que nos sorriam, e o tempo... sim, o tempo, o velho hábito bósnio de interromper a vida para falar, para ficar. Reencontramos aquele tempo que se dilatava acompanhando a respiração, a necessidade do corpo e do espírito. Reencontramos Mladjo, o pintor, que agora envolvia em linho corpos de todas as idades, manchados de cores puras, e expunha estes sudários modernos num galpão em Grbavica. Reencontramos Zoran, o advogado com o rosto coberto de espinhas, e Dragana, que agora se apresentava num teatro junto com Bojan, seu namorado.

Ana, encontrei algumas noites depois, nem ela perdera seu sorriso. Ficava ali, apoiada numa porta, com um copo vazio na mão e um suéter preto justo no seio robusto. Fitei seu pescoço que se cobria com as sombras de quem passava. Lembrava dela seminua,

na ilha de Korčula, o ventre acomodado sob aquela amoreira. Enquanto conversávamos, percebi que se embalava, avançava lentamente e lentamente ia para trás, como se estivesse parada num limiar... Olhei ao redor e senti um gelo que me penetrava o corpo... Todos aqueles rapazes que falavam, que pareciam vivos, todos estavam parados no mesmo limiar.

“Como conseguem não ter medo?”, perguntei a ela.

“Ficamos juntos... é importante ficarmos juntos.”

Olhei o jovem saxofonista que se curvava sobre seu instrumento como sobre um corpo amado, como se estivesse fazendo amor pela última vez.

Pietro se vira na cama

Pietro se vira na cama, cobre o rosto com o travesseiro, a luz o incomoda.

“Levante, já é tarde.”

“Está chovendo?”, pergunta-me lá debaixo.

“Não.”

Levanta de repente: “Mesmo?”.

Ele se aproxima da janela, fica um pouco ali encostado no vidro, olhando aquele sol incerto sob o céu caliginoso.

Esta manhã Gojko vai levá-lo para passear no parque aquático, aquele anunciado no outdoor da avenida Tito. Abre o armário, esvazia a bolsa sobre a cama. Tranca-se no banheiro. Ouço a água correr no vazio.

“Feche a torneira, tem gente morrendo de sede no mundo.”

É uma de minhas frases recorrentes. Também com Giuliano. Não suporto aquela torneira aberta à toa enquanto faz a barba. Existem coisas que fazem parte de mim, como minha sombra. Aquela mulher morta na cerca, ao lado da fábrica de cerveja onde as pessoas faziam fila para pegar água... as pernas dobradas como se estivesse dormindo, a cabeça apoiada na mancha de sangue cor de ameixa, ao lado daquele balde que não conseguiu encher.

Pietro sai do banheiro com sua roupa de surfista, aquela que seca imediatamente. Dinka, a mocinha do bar, também irá com eles.

Convidou-a ontem à noite.

“O que acha, mãe, convido a Dinka?”

Fazia algum tempo que estava com ela na cabeça, mas não tinha coragem de me dizer.

“Convide, claro.”

Deu alguns passos, depois voltou para trás.

“Deixa pra lá.”

“Por quê?”

“O que eu falo?”

“O que passar pela cabeça.”

Levantou de novo, aproximou-se do balcão onde Dinka estava pondo gelo nos copos. E pela primeira vez vejo-o se aproximar de uma mulher. Observando-o, penso que é um rapaz sedutor, apesar da timidez e daqueles braços compridos. Para passar o nervoso, tamborila o jeans enquanto se aproxima, senta, levanta os olhos índigos, abre um sorriso. Volta a se sentar ao meu lado.

“O que ela disse?”

Pegou no expositor um saquinho de batatinhas bósnias, e agora mastiga. “Sim, parece que vai.”

Dinka, agora de manhã, está magra e muito alta, encarapitada nas sandálias de plataforma, jeans justo, um anelzinho prateado preso no umbigo. Pietro o nota imediatamente, aquele piercing reluz no meio daquela faixa pálida de barriga que deve lhe agradar, que o intimida.

Olha para o outro lado, começa a disfarçar. Mostra a toalha que trouxe, uma do hotel. Dinka ri, diz que não pode, Pietro então a esconde por baixo da camiseta, bate as mãos naquela barriga de pano, riem de novo.

Gojko chega de casaco e camisa como ontem à noite, mas calçando sandálias. Tomamos um café no bar diante do hotel, um *espresso* italiano. Há um homem ao nosso lado, lendo um livro apoiado no balcão, os cabelos grisalhos, longos como a barba. Parece Karadžić quando foi preso, travestido de santo, usa a mesma túnica branca, de guru indiano, o mesmo olhar de cordeiro. De repente penso quantas pessoas assim existem por aí, passeando

tranquilamente, como Karadžić que ia ao estádio, que retomara sua profissão de médico. Pergunto a Gojko o que sentiu quando o prenderam.

Apaga o cigarro, aperta a bituca no cinzeiro até queimar o dedo. Diz que Karadžić não foi preso, foi vendido. Diz que não sentiu nada.

Suas sandálias têm um solado de grama sintética, que lhe massageia os pés, tira uma para me mostrar melhor, fica com um pé descalço na calçada.

Volta a calçar a sandália e quase cai em cima de mim. Está contente por não chover, por ser verão, finalmente.

Pergunto-lhe se os tobogãs do parque aquático são muitos altos, se são seguros...

Entram no carro, batem as portas.

“Quando vocês voltam?”

“Quando fechar.”

Subo para o quarto, preparo uma pequena mochila para levar nas costas. Quero manter os braços livres, quero andar.

Os velhos já estão na praça do xadrez, junto com os pássaros. Começa uma nova batalha. As peças estão enfileiradas em suas posições. Olho aquelas duas frentes, uma branca, outra preta.

Passo ao lado do edifício circular do mercado coberto. Ando mais depressa, olhando apenas meus passos. Paro. Há uma banca que não havia antes, na frente das vitrines está estacionado um carro branco com um pequeno letreiro azul: fundação heinrich böll . Balanço a cabeça, sorrio. É do escritor de Colônia, do livro que trago na mochila.

A escola de música está ali em frente. Um edifício angular ladeado por uma ladeira íngreme... É idêntico ao que era antes, somente o reboco foi refeito, é de um cinza pálido que parece céu. Ninguém presta atenção em mim. Subo um andar. Há cheiro de fechado, de corpos amontoados em pequenas salas... o cheiro de todas as escolas. Dos lugares onde crescemos, suamos. Deslizo ao longo do corredor num carpete cor de corda preso por filetes de cobre. Por baixo oscila um velho piso desconjuntado que, depois da

guerra, talvez tenha sido simplesmente recoberto. Sucessões de notas, acordes, chovem sobre mim enquanto subo... um violino que está ensaiando, um contrabaixo. Deixo-me absorver por este local de perseverança, de solidão. O local das mãos, dos fôlegos, da loucura, de uma velha professora excêntrica, de um jovem talento autista. Portas forradas e revestidas de couro... flauta, gitara, klavir, viola ... Empurro uma porta, dois rostos jovens e uma professora curvada sobre uma pianola, etérea como uma luz que se extingue. Depois uma maquininha de café.

Pergunto ao bedel se posso continuar a visita. Ele me acompanha. Tem um rosto velho e um avental curto, de coroinha, manqueja. Continuamos a subir, o andar foi invadido por rapazes, talvez à espera de uma audição. Um rapaz acorçado no chão movimenta os dedos sobre as chaves de um clarinete, afastado da boca, sem emitir sons. O bedel me explica que nas áreas comuns é proibido tocar e falar em voz alta.

Acompanho o ruído daquele sapato preto com fundo duplo que o ajuda na perna mais curta. Detém-se, abre a janela e expulsa algumas pombas que estavam chocando no vão entre as grades. Chegamos quase em cima.

Na parede reencontro a velha inscrição: tišina , silêncio... mas sob ela há um grande buraco criado por uma explosão. O bedel me diz que foi mantida para lembrar a violação daquele silêncio. Acende um cigarro, encosta na perna rígida, muito magra. Aquiesce sozinho à lembrança... Pergunto-lhe se posso ficar um pouco ali. Vai embora levando junto sua perna dura, deixa-me comigo mesma.

Sento no chão diante dessa parede perfurada. Do outro lado, no fundo da sala, uma mulher corpulenta com um estranho penteado de tranças enroladas está dando aula de solfejo a um grupinho de rapazes, agita um lápis com ênfase, como um regente de orquestra.

Olho essa inscrição que soa ao mesmo tempo ridícula e solene. silêncio ! Penso no impacto, na granada que deflora o silêncio dessas paredes acostumadas a recolher notas. Olho minha vida por essa parede mutilada, esse buraco que ninguém jamais fechou.

Houve o referendo pela independência da Bósnia, as ruas estavam forradas de cartazes nacionalistas. As mães dos soldados convocados para o exército federal faziam a manifestação com

faixas coladas ao corpo, para ter os filhos de volta ao lar. Agora chegavam notícias alarmantes, alguns até diziam que, durante a preparação das Olimpíadas de Inverno, enquanto nivelavam as pistas, já estavam pensando nas trincheiras para a guerra que viria...

Gojko dizia que não passava de alarmismo tolo.

“A propaganda encontra prosélitos nos campos, é fácil convencer um camponês que o vizinho é um turco que quer roubar tua terra e cortar tua garganta... mas aqui não há turcos, nem chetniks, nem ustashis. Aqui somos só sarajevitas...”

Mas Diego conhecia a linguagem dos estádios. Karadžić fora o psicólogo do Sarajevo Futebol Clube, Arkan era o chefe da torcida do Estrela Vermelha de Belgrado...

“As guerras começam em tempo de paz nas periferias das cidades, enquanto vocês ficam em seus círculos culturais discutindo poesia...”

Intermináveis discussões nos acompanhavam até em casa à noite.

Eu e Diego tínhamos deixado o hotel e nos transferido para um quarto alugado na casa de um casal de idosos. Ele, Jovan, era um biólogo, um senhor de cabelos brancos, silencioso, que sofria com o frio e usava camisas de fustão fechadas até o último botão. Sua mulher Velida fora sua assistente a vida toda. Macérrima, vestida sempre de cinza como uma freira, com olhos verdes e vivos. Trocávamos pequenas gentilezas. Eu lhe dava os jornais estrangeiros que Diego comprava uma vez por semana e que eram caros demais para a aposentadoria deles, e Velida quando cozinhava algo de bom deixava um prato diante da nossa porta. Um pequeno patamar separava o quarto do resto da casa.

Assim éramos independentes. Tínhamos uma chave nossa e um banheiro nosso, além de um fogãozinho para o café.

Aquela noite Diego saiu para fotografar para os lados de Grbavica. Estava sozinha e desnorteada. Era muito tarde, Gojko bateu na porta, deu alguns passos pelo quarto e se jogou na cama. Ficara o dia todo fechado no Parlamento junto com um americano, para traduzir as discussões dos políticos que tinham se prolongado

até tarde. Os membros do partido servo-bósnio tinham abandonado a sessão. Estava exausto e deprimido.

“ *teta.* ”

Eu me virei. “O que é uma pena?”

Deu de ombros: “ *Ništa* ”, nada.

“Realmente vão embora?”

Concordei.

Fechou os olhos, deixei que dormisse um pouco. Roncava demais. Quando me aproximei para acordá-lo, senti que fedia a álcool, devia ter enchido a cara com o americano. Fitou-me com olhos estranhos, os de um menino que se sente perdido, que teve um pesadelo e não consegue mais distinguir entre a mãe e o ogro.

Pega-me pelo pescoço, acaricia-me o rosto.

“Meu amor...”

“Você está bêbado, vá para casa.”

Tira a carteira do bolso do casaco, remexe na divisão cheia de papeizinhos. Lê uma poesia sua.

Minha irmã dorme, que pena.

Suas mãos crescem

longe de mim

enquanto o dia morre.

Amanhã vou levá-la para patinar

vai parar na rua Vase Miskina

na frente daquela vitrine de computadores

que acabaram de acender.

Acredita no futuro, minha irmã,

que pena.

Sorriso, concordo.

“Achou ruim?”

Abro os braços, pense o que quiser. Tem um caráter impossível, é jovem, mas está piorando com a idade.

“Sebina quer um computador?”

Gojko se vira.

“Vim te convidar para um concerto.”

É a apresentação de fim de ano dos alunos da escola de música de Sarajevo, ele quer que eu conheça uma moça.

“Falei de você para ela...”

Estou pondo o secador na mala. Fico imóvel.

“E o que lhe disse?”

Dá um passo em minha direção, coloca uma mão em minha barriga, embaixo. Fica ali parado... sinto o calor daquela mão, e é um fogo amigo que me penetra por dentro. Transpiro. Não vai embora, fica ali com aquela mão impudica logo acima de meu púbis. Respiro, não o afasto, e de repente tenho talvez a impressão de desejá-lo, pois há algo nele que faz parte de mim, uma derrota, uma solidão que não partilho mais com Diego. Respiro, e a respiração desliza para a barriga, sob essa mão imóvel e ardente a me premir.

Diego volta com sua cara de gato noturno.

“O que vocês dois estão fazendo?”

Gojko não se move, parece morto. Dou-lhe um leve pontapé.

“Estou bêbado”, diz, e vai embora.

Observo-o pela janela, enquanto segue pela rua escura. Diego olha minha cabeça, minha mão segurando a cortininha bordada.

“Ele assediou você?”

“Não, convidou-nos para um concerto.”

Assim entramos naquela escola de música. É uma tarde chuvosa, a água corre torrencialmente nas ruas. Esperando o início do concerto, apoio os pés molhados, um por vez, no aquecedor de ferro. À nossa volta, mulheres de galochas rurais ao lado de outras com sandálias de verão e vestidos longos de noite totalmente molhados. Uma senhora corpulenta com um apito no pescoço organiza as cadeiras. É uma pequena ocasião cultural que deve ser muito importante para os presentes. O som das vozes é temeroso, educado, e mesmo a excentricidade miserável daqueles vestidos de noite tem certa elegância. Penso em Roma... naquelas pessoas promíscuas que lotam os chamados *eventos*, mulheres usando trapos milionários, intelectuais de danceteria, políticos, gente sem pureza... era esta a *alma de nosso tempo* de que falavam os publicitários.

Muitos ficam de pé, mas não reclamam, nem se apoiam nas paredes. Está quente na sala, e me abano com o libreto do programa. No estrado de madeira, os músicos se revezam, alternam-se constantemente. São todos jovens, os rapazes com gravatas, as moças vestidas de preto com roupas adaptadas para a ocasião. Agradecem, levantam de trás de seus instrumentos e inclinam a cabeça. Entra o segundo grupo. Não aguento mais. Gojko toca meu joelho, indica os sopros.

É a mais alta do grupo, tem um rosto branco demais, um batom escuro demais, os cabelos ruivos como ferrugem. Ainda não é sua vez, abraça o instrumento, um trompete, como se abraçasse o próprio coração. Usa um vestido de chenilha que lhe desce pelos quadris magros, pelos seios que, apesar do preto, são visíveis. Num momento devoro todos os detalhes, como uma mulherzinha curiosa por uma criatura mais bonita. Examino-a pronta para encontrar algum defeito. Levanta o queixo... estou um pouco longe demais, não enxergo direito seus traços, precisaria de um daqueles pequenos binóculos que as senhoras usam na ópera... Vejo a mancha do rosto, as linhas de expressão. Começa a tocar cercada pelos violinos. Esvazia o ar da boca, comprime os lábios, curva-se sobre aquele trompete, depois se eleva com a música que agora é arrebatadora. Não sei se é boa, não entendo, não vem ao caso. Toca com os olhos fechados, agita-se um pouco demais. Sacode a cabeça, aqueles cabelos vermelhos, cortados em cachos imprecisos. Parece um pássaro com asas em excesso.

É o concerto para piano, trompete e arcos de Shostakovich. A música muda, torna-se mais insistente, mais sombria. Os violinos atordoam com seu vagido de cordas dolentes, o trompete entra em acessos, a moça agora parece que tem sede. As faces se enchem e afundam, se esvaziam lentamente. Os dedos nos pistões agora são soldados num campo de batalha, enfrentam-se, recuam... O rapaz louríssimo no piano também parece ensandecido, corre de um lado para outro arrastando com as mãos o corpo inteiro, bate aqui e ali como uma mariposa moribunda... o trompete agora é o grito de uma coruja que olha dentro da noite. O peito da moça infla, depois se abaixa, ferido, os cabelos vermelhos são um rasto de sangue. Ninguém ousa se mexer, estão todos arrebatados. Lá fora a chuva

não parou sequer um instante, não se vê nada pelas vidraças... estamos encerrados num cárcere de água, e a música parece prisioneira dessa água que não para de cair. Está quente, abano-me, a mulher ao meu lado chora. Lágrimas solitárias que riscam o rosto impassível. Todos parecem sobreviventes de uma grande dor ainda por vir, que a música antecipa.

Ponho a mão sobre a mão de Diego, acolhe-a sem dar atenção, como se segurasse uma luva usada. Nas noites anteriores tentamos fazer amor, aproximamo-nos sem ir além. Rimos, acontece com os amantes falidos, acabados. No passado era sua namorada, agora frequentemente passeia com sua câmara fotográfica, faz amor assim, com o que acontece no mundo, como um padre. Depois volta para sua ama.

A moça toca, agita-se pendurada naquele trompete, morre dentro dele. Depois se recompõe, como uma atriz experiente que morre em cena todas as noites, e agora sorri soprando uma espécie de marchinha.

Fito Diego, está com os olhos fechados. O concerto acabou.

A mulher ao meu lado é a primeira a se pôr de pé, o rosto corado, as mãos que aplaudem. A trompetista se juntou aos outros, é da altura dos rapazes, cruza uma perna, faz uma mesura exagerada. Entraram também os grupos que se apresentaram antes, comprimem-se no estrado, agora é um concerto de algazarras. O regente joga a baqueta para o ar e todos atiram alguma coisa, um arco, uma partitura, como os formandos com seus chapéus pretos da formatura. Diego abriu os olhos, não se levanta, bate palmas devagar.

“Adormeci...”, diz.

“Aquela é a amiga de Gojko.”

Diego acha que é a violinista gordinha com uma trança que lhe atravessa a cabeça como uma espécie de crista... digo a ele *não, é aquela com os cabelos vermelhos que está abraçando o loiro que tocou piano*. Diego a observa... os cabelos, os lábios negros.

“O que é, uma punk?”

Gojko fica em pé, solta um assobio daqueles que atravessariam um bosque.

“Ótimos, não é? Revolvem nossas vísceras, dançam em cima delas e depois põem de volta na barriga...”

Por um momento penso que são todos loucos, parecem felizes como se a guerra já tivesse acabado, como se fosse uma festa de reconciliação.

Estamos ali apoiados à parede, eu e Diego, entre as carnes das mulheres que parecem pequenas cúpulas de abajur bordadas, desse caubói bósnio que passa em minha frente com seu casaco de camurça de onde chovem franjas. É a sala contígua à do concerto, a mulher com o apito dispôs numa mesa algumas travessas de doces e enroladinhos feitos em casa. Agora, ao cheiro de chuva, de roupas molhadas que exalam o vapor quente dos corpos, mistura-se o cheiro de comida sarajevita, de especiarias, de gordura animal, de queijo coalhado.

A moça se aproxima de nós... de perto parece muito mais jovem, uma menina maquiada. Os cabelos suados parecem ferrugem escorrendo. Trocou de roupa, sob o vestido de chenilha aparece um jeans surrado. Tem um alfinete de fralda espetado na orelha, a caixa de seu instrumento a tiracolo e um saco de lona abarrotado de coisas no ombro. As mãos em concha cheias de docinhos.

“Ela é Aska, minha amiga.”

Olha Gojko, sorri, engole. Estende-nos uma mão engordurada.

“Sou Aska, a amiga de Gojko.”

Fala *razoavelmente* italiano, diz ela, pois estudou um ano no conservatório de Udine. Está com fome, antes de tocar não pode comer, *senão vomita na cabeça dos outros*, por isso agora está faminta. Não tem inflexões na pronúncia, separa as palavras, diz todas as letras. Cada palavra uma barra, parece uma daquelas vozes monocórdicas que saem das maquininhas dos estacionamentos *bem-vindo, insira o cartão, aguarde por favor*.

“Aska, como a ovelha do conto de Andrić...”, digo num instante.

“Sim, fui eu que escolhi este nome para mim”, ri.

Observo a fronte alta que domina o rosto, os olhos alongados como folhas, de um verde fundo, empastados com aquela

maquiagem preta que escorre no branco.

Ela se ajoelha, apoia os docinhos no estojo de seu instrumento. Está tirando os sapatos de salto para calçar um par de coturnos, roxo-vivo.

Nós lhe damos os parabéns.

“As pessoas choravam...”

Ela se levanta, agradece sem ênfase.

“As pessoas não têm ironia.”

Passa um velho senhor de quipá, um professor que fala com ela, segura seu rosto com as mãos trêmulas. Ela o escuta séria, depois lhe rouba um cigarro do maço de Drina que sai do bolsinho. O velho sorri, acende para ela. Agora é Aska que fala com o velho, olhando-o fixamente, fumando perto de seus olhos. Quando fala em sua língua, tem outra voz, mais melódica, apressa-se com as palavras como antes com as notas.

Diz que está com pressa, que comeu e fumou, e agora precisa ir tocar em outro lugar. Tem uma motocicleta estacionada na frente da escola, um velho bólido que parece um daqueles do exército. Enrola um lenço preto na cabeça, talvez seja muçulmana, talvez seja somente por causa do frio. Puxou o vestido, deu um nó atrás como um rabo, e agora sobe com as pernas abertas com seu jeans, seus coturnos roxos, o estojo do trompete a tiracolo.

Diego quis tirar uma foto dela, está sem o flash, talvez baste o cone de luz do poste, ele pelo menos tenta.

“Tive muito prazer em conhecê-los.”

Aska dá a partida e se embrenha na noite com aquela carcaça de moto.

Mais tarde Diego me pede para lhe contar a história da ovelha Aska do conto de Andrić.

“É a história de uma ovelha rebelde, que só quer dançar e não ouve as recomendações da mãe. Assim, dançando, um dia se afasta do rebanho. Quando volta a abrir os olhos, ali está o lobo. Ele está faminto, mas ainda pode esperar, acha divertido aquela ovelhinha tola dançando. Ela sente os olhos negros do lobo sobre seu manto alvo, sabe que sua vida está por um fio, sabe que deveria ter ouvido

sua mãe. Está apavorada, mas continua dançando porque é a única coisa que pode fazer... e dançando recua. O lobo está sempre ali, bastaria estender uma pata para pegá-la, mas a ovelhinha dança tão bem que ele quer apreciar mais um pouco. Certamente encontrará outra ovelhinha, mas nunca uma ovelhinha que dance assim...”

“Como termina? O lobo a come ou a deixa escapar?”

Preparo uma infusão de ervas para seus olhos, esfrego gaze em suas pálpebras.

Ele segura minha mão no escuro dos olhos vendados.

“O que há?”, pergunta-me ainda.

“Gojko disse que Aska estaria disposta a nos ajudar.”

Eu examinava a face imóvel do velho Jovan afundado na poltrona de veludo verde puído, com um paninho alvo bordado no encosto que Velida trocava quase todos os dias. Ouvia pouquíssimo, olhava a televisão já sem se esforçar em captar o som. Era um modelo antigo em preto e branco, com uma pequena antena que não sintonizava bem. A ausência de cor e o pálido véu granuloso que cobria a tela faziam lembrar aquelas imagens de arquivo, em velhos filmes da Segunda Guerra Mundial. O exército sérvio havia atravessado a divisa natural do Drina e avançava sobre a Bósnia. Voltou-me à memória a longa noite do homem na Lua, aquele remotíssimo sinal. Eu era pequena, estava ao lado de meu pai, que olhava a tela como se olhasse uma última porção do futuro, algo que nunca mais veria. De repente sentia-se parte de uma geração única de homens que, das asas de Ícaro às máquinas voadoras de Leonardo e ao primeiro *Flyer* dos irmãos Wright, agora deixavam definitivamente a gravidade da Terra para se sentar naquele olho diáfano, distante. E aquele mergulhador branco, vacilante como um recém-nascido naquela crosta cor de chumbo, era ele mesmo.

Meu pai acreditava no futuro, como Sebina. Acreditava que os homens comuns iriam passear por todo o céu. Na tela avançavam sinistros tanques de guerra, e o único sinal que chegava era o som chiado dessa televisão velha.

Velida se levantou para soltar os dois melros trancados na gaiola branca na cozinha. Não fugiam, voavam pela sala, no máximo

atravessavam a rua, paravam na sacada do prédio em frente e depois voltavam ao chamado de Velida, mansos como galinhas. Desligou a televisão com um gesto de irritação, quase um pequeno desafio pessoal, vasculhou a prateleira cheia de discos de vinil e pôs no prato de seu velho gramofone um pouco de jazz. Depois preparou o café, com um cuidado obsessivo, sem derramar nem sequer um grão de pó.

Olho a tranquilidade daqueles aposentos, aspiro o perfume das coisas que estão ali há muitos anos, que se acumularam... os livros de arte, os volumes científicos, os pequenos vasilhames nas prateleiras da cozinha, as fotografias de Velida e Jovan quando jovens, o relógio na parede. Parece que nunca nada sairá desta casa. Um pequeno labirinto doméstico onde os melros voam, pousam no sofá ao lado do gato que nem os olha. “Não é normal que um gato não salte em cima de um passarinho”, digo a ela. Levanta a colher: “Ensinei a se respeitarem”.

Estamos na cozinha, ajudo a preparar os charutinhos. Misturamos o arroz com a carne, abrimos as folhas de parreira, recheamos e depois enrolamos. Seus gestos fazem pensar num tempo eterno, em charutinhos que ferverão, satisfarão paladares ininterruptamente. É relaxante ficar na cozinha com esta velha bióloga, que desliga a televisão, afasta o negrume do mundo picando uma cebola.

“Por que não têm filhos, você e Jovan?”

Seus olhos estão vermelhos por causa da cebola, mas está sorrindo.

“Não quisemos. Jovan estava muito ocupado com suas pesquisas e eu muito ocupada com ele. Foi assim.”

“E nunca sentiu falta de um filho?”

Poderia mentir para mim, é uma mulher acostumada com a discrição, a solidão. Mas não mente.

“Sempre”, diz. “Sempre”, repete.

Empilha os charutinhos numa panela, mói a pimenta. Sorri outra vez.

Pouco antes, diante da televisão, perguntei a ela o que pensava em fazer se a guerra os alcançasse, os atingisse. Deu de ombros, foi soltar os melros. Agora me responde. Derrama um pouco de vinagre na panela e diz que não sairão de casa. Diz que já teve câncer duas vezes, mas que Deus não a quer, deixa-a ali cozinhando.

“É só pelos filhos que se tem medo...”

Vem um cheirinho gostoso da panela, digo-lhe que Deus faz muito bem em deixá-la naquela cozinha. Ela me pergunta por que eu não tenho filhos.

Digo-lhe a verdade na hora, sem esforço. Ela me fita com seus olhos de bióloga, balança a cabeça. Comenta que meu nome Gemma no processo da gemação indica o primeiro núcleo de um novo indivíduo.

Disse a Gojko que queria encontrar Aska sozinha. O encontro era num bar aonde eu nunca tinha ido, uma espécie de turbante de cobre e vidro no meio de um parque, uma grotesca releitura do estilo otomano com pitadas austro-húngaras. O interior tinha a elegância decadente dos cafés vienenses do início do século e um cheiro de pepinos em conserva e de *bosanska kafa*. Aska estava semioculta por uma cortina de espelhos, ao seu lado o estojo negro de seu instrumento, falava animadamente com Gojko.

Aproximei-me da mesa. Estendi-lhe a mão.

“Olá.”

Ela se levantou e me abraçou com calor. Vestia um suéter preto cheio de cortes e o jeans do dia anterior. Continuava com o alfinete de fralda fincado no lóbulo da orelha, mas estava sem maquiagem. Cheguei perto de seus cabelos, da carne de seu pescoço... aspirei um perfume de madeira aromática, de palissandra, de cedro.

Aska fez o pedido para mim. *Bavaroises* austríacas e doces locais feitos com mel.

Enquanto ela come, sondo-a com o olhar... está muito perto de mim, há a luz inclemente do dia... procuro algo de macilento, um

pequeno defeito oculto. Mas é bonita, tem um rosto perfeito, austero, e um inchaço natural sob os olhos, na pele transparente como água. Um cansaço que a torna sensual, ressalta aquela beleza. Ela também me olha, olha as migalhas em minha boca, o anel que tenho no dedo. Falamos um pouco.

“Quantos anos você tem?”

“Vinte e dois.”

Esperava que fosse um pouco mais velha. Olho ao redor... uma mulher de meia-idade fala e fuma comprimindo o maço de cigarros na mão livre, como se comprimisse a própria respiração. No fundo há uma porta, a do banheiro, talvez. De repente penso que devia ir embora já, levantar fingindo que iria ao banheiro, mas sair, me afastar dessa ovelha, dessas olheiras que parecem pétalas inchadas.

E agora penso que ela tem algo de mim de alguns anos atrás... a expressão do rosto, altiva e ao mesmo tempo um pouco tola.

Gojko me lança olhares maliciosos, de intermediário, de rufião.

Aska tirou o suéter, está quente aqui dentro. Por baixo está com uma camiseta branca estampada com uma imagem cinza, um rosto jovem, não dá para entender se é homem ou mulher.

Sobrou uma *bavaroise*, pergunta se eu quero.

“É sua”, digo a ela.

Estou satisfeita, na verdade não estava com fome. Aska come a *bavaroise*, lambe os dedos.

Tem esses olhos estranhos, onde repousa um fundo de tristeza... como pequenas embarcações esquecidas numa margem.

Ela me olha séria, e mesmo quando ri não parece brincar com as pessoas. Gojko a trata como uma irmã menor, com a mesma rispidez com que às vezes trata Sebina. Pergunta-lhe quem é a mulher na camiseta.

Aska lhe diz: *você é velho, não sabe nada*. A mulher é um homem, um mito chamado Kurt Cobain.

E assim descubro que ela gosta do Nirvana, que ouve no escuro, a noite toda, diz que se sente levada para longe.

“E para onde te levam?”, graceja Gojko.

“Para um lugar onde você nunca conseguirá chegar.”

Ele acende um cigarro, joga o maço na mesa. Gargalha, resmunga que o Nirvana é *lukavi*, espertalhões. “São uns niilistas

milionários de merda!”

Ele se levanta, diz que vai mijar. Faz de propósito para me deixar sozinha com Aska.

Na camiseta, embaixo, há uma frase de Cobain escrita em inglês: nunca ninguém conhecerá minhas intenções .

Tenho vontade de sair deste bar.

“E suas intenções, quais são?”, pergunto à queima-roupa.

Diz que simplesmente quer ir embora do país. Vem de Sokolac, a trinta quilômetros de Sarajevo, ganha seu sustento fazendo algumas apresentações nos bares, dando aulas particulares. Restam-lhe ainda alguns minutos, tem que sair logo, está indo para a casa do filho de um joalheiro da Bašćaršija.

Infla as bochechas para indicar que o menino é gordo, não consegue sequer abrir os dedos sobre os pistões. Diz que entre os sarajevitas abastados está na moda que os filhos tenham aulas de música.

Ela me diz que não quer envelhecer assim, que é jovem.

Sorri, diz que um dos três do Nirvana é um croata, que se ele conseguiu, ela também pode conseguir. Quer ir para Londres, para Amsterdam, formar uma banda, para isso quer o dinheiro.

“O que Gojko lhe disse?”

“Que vocês estão procurando uma *roda* ... uma cegonha.”

“Sim.”

No prato sobrou um pouco de creme ao lado dos grânulos do açúcar de confeitiro, Aska pega aqueles restos com a colherinha.

“Estou pronta”, diz.

Olha para os lados, apoia o rosto no punho fechado, aproxima-se de mim com seus olhos verdes, sinto o cheiro de sua boca.

É descarada e burocrática. Quer receber em marcos alemães e em dinheiro vivo. Veste de novo o suéter, a cabeça some e depois reaparece.

“Vai fazer só pelo dinheiro?”

Pega o estojo de seu instrumento.

Sorri, diz que gosta de dizer a verdade, que posso confiar nela, pois não tem medo da verdade.

“O que eu poderia dizer?”, toca o lóbulo, um daqueles brincos kitsch. “Que faço por amor?”

Ela me diz que a música é toda sua vida, que passou a infância no campo limpando gaiolas de coelhos, debulhando espigas, tocando-as como se fossem flautas e teclados. Por muitos anos Sarajevo lhe pareceu San Francisco, agora lhe machuca as costas como um sutiã apertado demais. Diz que jamais se casará, nunca formará uma família.

Pergunto se é muçulmana.

Faz uma careta, diz que jamais entra numa mesquita, que às vezes lê o Corão.

“E o que diz o Corão, pode alugar o útero?”

“O Corão diz que é preciso ajudar os outros.”

Não lhe desagrada a ideia de emprestar sua barriga a uma mulher mutilada. Diz assim mesmo, mutilada.

“Cada um de nós deve restituir algo...”

Ela se levanta, veste um capote de plástico para se proteger do vento na motocicleta. Ajeita os ombros. Pede para eu lhe dizer logo, precisa organizar seu futuro.

Diego se cala. Olho sua nuca encovada, a cabeça abandonada sobre as espáduas. Está morto de cansaço, as calças enlameadas. Subiu até o cemitério judaico e fotografou a cidade do alto, havia neblina embaixo. Os minaretes e o alto dos prédios pareciam despontar de uma xícara de soro. Contei-lhe de Aska. Disse apenas *não sei*, arrumou os filmes, numerou-os, guardou-os em suas caixinhas pretas.

Encontramos um médico, na periferia, na estrada que leva a Hadžići. Gojko veio nos buscar de carro. Aska estava sentada na frente, tinha seus cabelos vermelhos despontados por tesouradas violentas, as unhas pintadas de preto, óculos escuros do tamanho dos de Kurt Cobain. Eu parecia a mãe, com minha saia abaixo do joelho, meus óculos de grau, o coque.

O médico não nos fez muitas perguntas, era atarracado e tinha um rosto meio obtuso, como alguns camponeses. Tinha um pequeno tique, chupava o vão dos dentes da frente. Lembro apenas daquela boca que se franzia como a de um coelho e daquele barulho irritante.

Aska pôs uma mão sobre a de Diego, disse que era seu namorado, que queriam um filho, mas que ela não podia ter relações sexuais.

“Tenho espasmos musculares que me impedem.”

Gojko abaixou a cabeça quase até o chão, o desgraçado estava rindo. E também senti novamente o arrepio de nossa juventude, quando éramos loucos e livres. O médico não estava interessado em nossas extravagâncias. Prescreveu alguns exames para ela, pediu um adiantamento de cem marcos alemães e marcou uma consulta para a semana seguinte.

Aska saiu toda animada, antes de pôr os óculos de star me deu uma piscadinha.

Fomos esperá-la no lado de fora da escola de música, num bar escondido, porque ela não queria que seus amigos a vissem, move a boca como um bico, faz *qua qua*, diz: *eles falam demais*, e ela não quer dar explicações a ninguém. Nunca pareceu tão feliz em nos ver, ri, acusa-nos de sermos como dois pais muito insistentes. Aperto as mãos naquele bar, estralo os dedos... na verdade sou eu a ansiosa. Diego está tranquilo, até demais. Parece um hóspede.

“Precisamos te conhecer melhor.”

Aska bufa, diz *é uma bobagem porque as pessoas nunca se conhecem de verdade, nem os maridos e as mulheres se conhecem. Todos têm uma vida secreta... a secret life...*

“Você dois se conhecem?”

Diego sorri, encaram-se e por um instante me parecem muito próximos.

A ovelha tem esses olhos que vagueiam, sempre um pouco cansados, que sobem como asas molhadas, batem, e como asas molhadas voltam a cair... mas, quando te roçam, deixam um rasto, a dor da beleza. Observo seus lábios rachados pelo uso do trompete, que nunca para de lambar, os seios, os braços, o pouco do corpo que consigo ver sob as roupas de personagem, de infelicidade moderna. Ridículo punk revisitado em Sarajevo. Pouco me interessa que se vista assim, não é minha filha, e ela tem razão, jamais será minha

amiga. Pinta o rosto pálido, branco como cal, deixa os lábios escuros, maus.

Irá para Londres, não fará nada de sua vida, vai se consumir nas ruas, nos sons dos botecos. Não me interessa seu destino, interessa-me seu futuro imediato. Interessa-me sua carne. Está brincando com Diego, deixo-os falar de música. É bonita, apesar da cal do rosto transborda saúde. Sorrio como uma mãe afável.

“Então quer ir embora?”

Está mastigando. Todas as vezes que nos encontramos, ela se empanturra, pede sanduíches, doces, a cada vez diz que está em jejum desde cedo. Diz que não pode tocar muito tempo se tocar de verdade, pois a música atrai os ratos que saltam em você, ela te devora...

Detesta Madonna e Michael Jackson.

Agora fala de Janis Joplin. Seu rosto se entristece, muda de repente. Não come mais, olha para a frente.

“De vez em quando Deus, lá do céu, aponta para alguém e diz: *você, venha comigo*. E você não pode dizer não a Deus. Ele se planta em seu corpo, dilacera sua alma. Janis se drogava para suportar Deus.”

Pergunto se ela se droga, se já se drogou.

Ela me olha com ódio. Diz que não, levanta, diz que o encontro terminou.

Estamos atravessando a Ponte das Cabras.

Ela me fala de sua mãe, que morreu faz apenas um mês porque não seguiu seu caminho, porque as pessoas adoecem se não seguem seu caminho.

“Ontem à noite adormeci com ‘Smells like teen spirit’ do Nirvana.”

Ri, diz que é praticamente impossível dormir com aquela música, mas caiu num sono de pedra. Sonhou que estava andando na avenida Tito, nua e grávida, estava muito cansada, a barriga pesava e não entendia por que continuava a andar, em vez de sentar. Depois tinha visto os tanques avançando sobre ela. Sabia que iriam esmagá-la, mas continuava a caminhar como se fosse a única coisa a

fazer. Como o manifestante anônimo da praça Tian'anmen. Tinha certeza que deteria os tanques.

Olha para o Miljacka... suas águas mansas.

“Há pontes demais em Sarajevo...”

Abre os braços ao vento que sopra, fica ali como um anjo com as asas abertas, aqueles cabelos vermelhos, aquela roupa despojada de grunge sarajevita, os óculos grandes e escuros, o alfinete de fralda na orelha. Ela me diz para abrir o peito, respirar fundo. Ficamos ali como dois anjos bobos, eu com meu tailleur, ela com seus braceletes, infinitos círculos de metal que soam como um cincerro de ovelha.

“Por que não pode ter filhos?”

Conto a ela minha história.

“Não é apenas a barriga, é a própria vida que te é negada a cada dia, infinitas vezes.”

Ela me abraça sem se comover. O alfinete de fralda roça minha boca... e agora me parece que ali está suspenso meu futuro.

Diego nos fotografa de costas. Diz que gosta de nos ver juntas, que Aska lhe lembra uma moça de Gênova. Uma que trabalhava num depósito de roupas militares no porto, coisas resistentes que cheiravam a umidade, velhos uniformes dos fuzileiros navais.

“Você gostava dela?”

“Era lésbica.”

Aska me pergunta se eu e Diego nos amamos.

“Sim, muito.”

Concorda, olha a água abaixo, inclina-se, pega um cascalho e atira-o ao fundo.

Diego nos enquadra, abraçadas naquela ponte. Depois Aska quer olhar através do visor da máquina e nos fotografar, nós dois.

Diego está conversador, como com suas alunas: “Pode fotografar simplesmente a realidade, ou pode procurar”.

“O quê?”

“Algo que passa, que nem se vê. Que aparece depois.”

Explica para ela que é por isso que gosta de fotografar a água, porque se move e inadvertidamente inclui alguma coisa, uma passagem, uma reverberação...

Aska bate a foto, devolve a câmera a Diego, sorri.

“Quem sabe... talvez eu tenha fotografado algo que não se vê...”

Sorrio e é de novo meu sorriso tolo, porque de novo sinto que o menino está aqui, desliza até nós por este rio. Viro-me para observá-los, andam juntos na calçada, sem se olhar. E por um momento penso que se parecem. Têm a mesma altura. Têm o mesmo modo de andar, ondulando nos lados, pensos, rígidos, como se tentassem se esquivar de um perigo, indo a seu encontro desafortadamente.

Enquanto isso tínhamos dado a ela os cinco mil marcos iniciais. Contou as notas sobre a mesa do bar de sempre.

“Não seria mais fácil depositar numa conta bancária?”

Não confia, a Iugoslávia está se despedaçando e ela tem medo que seu dinheiro acabe nos bolsos de alguém em Belgrado.

Tomamos um táxi para voltar ao médico, ela segura a pasta com os exames que fez. *Tudo em ordem*, diz.

“Não tenho Aids.”

Toco sua perna, as meias furadas de onde despontam bolhas de carne alva.

“Estou preocupada, Aska.”

“Por quê?”

Quem me garante que ela não vai querer ficar com a criança? Que, ao sentir que se mexe, não vai dizer que não pode mais se separar dela?

Ela me tranquiliza. Tira os óculos, mostra-me seus olhos, sem maquiagem agora de manhã. Ela diz que me deu sua palavra.

“Mas agora você não tem como saber...”

Diz que sabe, que não quer ter filhos, que realmente não saberia o que fazer com eles.

“A única coisa que quero é tocar.”

“O que você vai dizer aos seus amigos?”

Pensa um pouco: “Nos últimos meses vou embora, é o que vou fazer.”

“Vai para onde?”

“Tem um lugar que eu gosto, no litoral, vou para lá...”

“E eu irei com você.”

Concorda sob os óculos.

E já me sinto mais animada, o carro segue e imagino uma casinha branca, fora de temporada, com seu cheiro de umidade. Pego a mão de Aska porque imagino andar de mãos dadas com ela numa praia... ela com sua barriga e eu lhe preparando um chá, cuidando dela, pondo um de meus xales em suas costas. Vai ser bonito, só nós duas, o mar de inverno e uma janela cheia de gotas por fora e de vapor por dentro.

Estamos parados na porta daquele pequeno posto médico.

“Vou tocar sempre para sua criança... assim talvez se torne um grande músico...”

De repente fica triste, afasto um cacho daqueles cabelos vermelhos e fortes.

“Mas não toque o Nirvana, pelo amor de Deus...”

“O que você quer que ele ouça?”

“Mozart...”

“Esquece.”

“Chet Baker?”

“Ele sim.”

O médico não estava, a porta estava trancada. Aska subiu as escadas, tocou as outras campainhas, só havia uma mulher em cadeira de rodas.

Voltou até nós, os braços cansados na cintura.

“Foram todos embora.”

“Para onde?”

“Ninguém sabe, não há mais ninguém.”

Ouvimos vozes e logo a seguir vimos dois homens em uniforme de camuflagem aparecer num dos balcões. Estavam ali tranquilamente como funcionários na hora do intervalo, fumavam, fitavam-nos, pareciam rir de nós. Tive medo pela primeira vez. Ficamos um pouco ali naquele portão, apalermados, como galinhas para fora do galinheiro ao entardecer.

O táxi tinha ido embora, voltamos a pé. Aska andava no outro lado da rua, parecia voltar de um passeio no campo. Cantarolava,

tentava alcançar com uma das mãos os ramos floridos das ameixeiras. Estávamos na beira da calçada, poucos carros passavam, escapamentos velhos deixavam sua acrimônia. Diego me dava a mão, sem peso, ausente. Tinha riscado a lente de uma objetiva pouco antes, caíra nas escadas daquele prédio velho, tal era para ele a dor do dia. Estava farto daquelas peregrinações, deixava-se levar por mim, por inércia, por amor. Mas era como cuidar de uma esposa acometida de uma obsessão solitária.

Parei para olhar o céu, aquele sol que se retraía enxotado pela noite. Não havia uma estrela sequer. Voltamos no escuro, tateando até as luzes da cidade. Aska morava num dos primeiros bairros. Nós a acompanhamos até sua porta, perguntou se queríamos entrar. Não tinha muito para oferecer.

“Não faz mal.”

Entramos.

Agora éramos nós os órfãos, e ela nossa mãe. Não era uma casa propriamente dita, parecia uma espécie de quitinete. Apartamentos pequenos, um ao lado do outro, como cabines.

“Eram os alojamentos dos atletas olímpicos.”

Dentro havia uma mesa de madeira clara fixada no piso e um banco de canto, forrado com o mesmo marrom do carpete. Uma fila de copos na parede atrás da grade de um suporte, parecia o interior de um trailer. Dei alguns passos para ir ao banheiro, dei uma espiada no quarto de dormir, também pequeno e escuro. Na parede havia um pôster da Janis Joplin com sua cara de mendiga velha, os cabelos crespos, a fenda dos olhos, da boca, o vento do delírio.

Embaixo uma legenda: no palco faço amor com vinte mil pessoas. depois, à noite, volto para casa sozinha .

Ficamos conversando um pouco. Aska pegou os copos do suporte, pôs um pouco de leite e uma colherinha de chocolate em pó para cada um, misturou. Levou dois dedos à ponta da orelha, fazendo o sinal de que era uma boa bebida, que iria nos consolar. Disse que sempre se consolava assim, com doces, como as crianças. Mas não parecia nada triste. Tinha tirado os coturnos roxos, andava descalça, tinha longos pés brancos com longos dedos finos, eu também tirei um sapato, aproximei um pé do dela, rimos, porque os meus eram muito menores e mais largos. Disse-lhe que podia jogar

basquete. Balançou a cabeça vermelha e falou de novo que só queria tocar, que nasceu com um trompete por dentro.

“É um estranho instrumento para uma mulher...”

“É o meu...”

“Por quê?”

“Toma todo o fôlego, toda a alma...”

Colou os lábios no bocal e começou a tocar “Diane”, fechou os olhos, bamboleou com ar agonizante como Chet Baker.

Diego a olhava com a boca ligeiramente aberta, como observamos alguém que é importante para nós e que pode cometer erros. A noite se aqueceu assim, com aquele chocolate, com aquela música. Diego tinha preparado um baseado e agora tamborilava sobre a mesa. Eu abraçava meus joelhos, com a cabeça apoiada na parede.

Estava bem, também tinha dado algumas tragadas e agora sentia alguns tremores mornos por dentro, fios de palha que se moviam docemente.

Tinha sido assim. Deixaríamos a pequena amiga sarajevita para trás, e aqueles cinco mil marcos pagariam por aquela noitada. Eu já estava acostumada às derrotas, aos furos n’água... sempre os mesmos, no mesmo pântano. Era uma noite suave, vibrante. Uma despedida cujo gosto eu já conhecia. Aska parou de tocar, sacudiu o trompete, caiu um pouco de saliva. Preparou uma outra rodada de leite e chocolate em pó. Tirou o alfinete de fralda da orelha, começou a brincar.

“Por que se veste assim?”

“Comecei para fazer um desaforo ao meu pai.”

E nos conta que o pai conduz as orações na mesquita de seu vilarejo, por anos brigaram, mas, depois que a mãe morreu, fizeram as pazes.

“Minha mãe também morreu.”

Fico triste. Diego hoje à noite está com o suéter que ela lhe deu... penso naquele dia, naqueles olhos tímidos, indecisos sobre tudo, como sempre. Penso que pareço com ela mais do que jamais imaginara.

Diego pega minha mão e a beija.

“No que está pensando, meu amor?”

“Nada, em minha mãe.”

Sim, penso nela, uma mulherzinha que teve tão pouco da vida.

Aska me pergunta: “Ela também era estéril?”.

Rio, como nunca ri na vida. Escancarando os dentes e toda minha infelicidade.

“Eu nasci.”

Aska se diverte: “Ah é, que boba...”.

É o fumo fazendo efeito. *Mas talvez*, penso, *ela tenha razão*, *nunca nasci. Sou a sombra de meus desejos*.

E novamente penso naquela fábula, da ovelha dançarina que dança para não morrer.

Alguém nas colinas dispara. Olhamos por uma pequena janela dupla, que Aska sustenta com a mão porque o gancho está quebrado. O ar está frio, não conseguimos entender exatamente de onde vêm os tiros.

Aska não parece preocupada.

“Acontece quase todas as noites faz algum tempo, são uns idiotas se divertindo, rapazes.”

Vamos para a cozinha, eu e ela, para esquentar um pouco de água. Enquanto tenta manter a chama azul do gás acesa, ela me diz:

“Se quiser, podemos fazer naturalmente.”

Ela me diz que acabou de ter sua *menstruacija* e que nuns dez dias estará pronta para o acasalamento. Usa mesmo a palavra *acasalamento*. Solto uma risada... ela brinca com aquele alfinete de fralda. Diz que para ela o acasalamento não é problema. Penso nos coelhos nos campos, naqueles coitos rápidos. Estou com o rosto em chamas... estou atordoada de alegria, de um pequeno surto de entusiasmo descontrolado.

“Poderia ser um problema para mim...”

... mas sei que não é verdade, que não é... olho sua ferrugem e já saltei o fosso da ambiguidade. Há algo flutuando em minha barriga a noite toda. E mesmo antes, quando lancei um olhar naquele quarto, naquela cama pequena... pensei *mas precisaríamos de outro baseado e... eu fico aqui no banco e eles ali, sob o pôster da Janis Joplin... voltamos todos para casa sozinhos, Aska, todos, no fundo de nossos pequenos corpos, nascidos para não durar*.

Ela ainda fala. Diz que o sexo não lhe interessa, acha inútil. Como todas as coisas moles e molhadas demais. Diz que, se eu quiser, posso ficar olhando.

“Como num posto médico...”, ri.

Agradeço-lhe. “ *Hvala* .”

Não capta a ironia. Responde *de nada* . Diz mais uma vez: “ *Za mene parenje nije problem* ”, para mim o acasalamento não é problema.

Deixei que aquela frase deslizesse em meu peito, voltei a me sentar no banco, esperei sentir seu efeito até o fundo. Até a barriga.

Diego nos olhava... sentia alguma coisa, o mosto de uma intimidade.

“O que têm vocês duas?”

“ *Ništa* ”, nada.

Disse-lhe que preparasse outro baseado, estava com vontade de rir e rir, de dissolver tudo numa longa risada entorpecida. Sim, fora daqueles postos médicos, daquelas seringas, daquelas coletas de sêmen. Fora de tudo o que me fizera sofrer. Não mais ejaculações no vidro, e sim abraços na carne. Na carne branca e quente de Aska, que agora me parecia a minha. Seria como fazer amor nós três ... aquecermo-nos juntos, como agora há pouco, quando tínhamos nos comprimido contra aquele vidro... Nós e nossa ovelha.

Era a carne que servia para nós, era jovem, e Diego gostava dela. Qualquer um gostaria de uma belezinha assim, uma sarajevita tolinha, bela como o sol, parcialmente enfeada pela moda, pela idiotice consigo mesma.

Ficamos nos fitando por mais algum tempo. Não havia constrangimento, não baixava seus olhos, mantinha-os ali, dentro dos meus, e não havia sequer malícia. Simplesmente estava menos alegre do que antes. Agora tinha se encostado na janela. E eu aprendia algumas coisas sobre ela. Era uma criatura levemente desprendida das coisas, como se entre ela e tudo ao redor sempre houvesse um pequeno vazio a transpor, a violentar. Não havia pontes para ela, havia um rio a correr, e ela procurava um apoio na

água, uma pedra que aflorasse, qualquer coisa. Agora a encontrara, aquela pedra, e pouco importava que fosse seu corpo.

Pensei que esperara por mim, que viera ao meu encontro para me socorrer, que nascera para isso. Que esse era seu destino. Surgira entre nós por acaso, como um filho ao fazermos amor. E esta era uma noite de amor. Havia aqueles tiros distantes que quase nos faziam companhia, advertiam-nos, ensinavam-nos que a vida tem seus riscos, seus aspectos escabrosos, e que mais vale dispensar os preâmbulos e arriscar de uma vez por todas, até o fim. Pelos vidros das janelas, mirei os perfis das colinas recortados pelo luar. O que éramos nós, ovelhas ou lobos?

“Aska quer ir em frente de qualquer maneira...”

Diego se pôs a rir, estava empolgado...

“Ou seja, tenho que...”

Ele me olhava e se esquivava, como uma borboleta contra a luz. Estava com a camisa aberta, os cabelos grudados na testa, os lábios rachados de frio... vi as manchas vermelhas que, quando ele sente vergonha, assaltam-lhe a pele do rosto de repente, como uma alergia violenta. Giramos como piões na noite, atordoados, impelidos a pontapés por aquele estranho jogo. Quando encontramos o caminho de casa e depois de nossa cama, meu humor já estava mais confuso, uma garganta entupida de catarro. Diego tirou apenas a calça, estava ali, sob as cobertas, de camisa e com as pernas nuas, cheirávamos a leite e chocolate.

“Como termina a fábula de Andrić?”

“Bem. A ovelha não para de dançar... e o lobo adia o momento de comê-la, e assim não percebe que se aproximaram demais do povoado. Nesse momento os camponeses o cercam e o matam. A mãe passa uma tremenda repreensão na ovelha bailarina que jura nunca mais se afastar, mas, como dança tão bem, é enviada para a academia de dança.”

Abracei suas pernas magras. Beijamo-nos longamente. Havia meses que não fazíamos amor e agora de repente estávamos excitados.

A aurora já despontava, como um pântano na noite, a claridade aproximava-se, e à distância a obscuridade dos montes.

No dia seguinte fui procurar Gojko na rádio. Esperei que terminasse seu programa, em pé no lado de fora da sala de gravação. Era o final da manhã, mas lá dentro ainda parecia noite. Gojko estava ali com os fones nos ouvidos, sob uma luzinha amarela, a voz rouca de cigarro transbordava do microfone, sensual, macia. Estava lendo uma poesia, viu-me, soprou um beijo, dedicou-me os versos de Mak Dizdar:

*Kako svom izvoru
da se vratim?*

[Como poderei retornar
à minha nascente?]

Sentamos na entrada, ao lado da porta, tomamos café de máquina.

“O que quer que te diga?”

“A verdade. O que você sente...”

De vez em quando alguém entrava, trazia um pouco de ar.

Eu tinha vindo pedir conselho... O café no copinho de papelão estava quente demais, sujei minha camiseta.

“Aqueles dois querem trepar, é isso que eu sinto.”

Balanço a cabeça, inflo as bochechas... queria dizer alguma coisa, absorvo o golpe. Fitamos pelos vidros o jardim interno, ramos pontilhados de pequenas flores empoeiradas.

“Diego está caído por você, diria caído...”, ri.

Ele se levanta, vai ao banheiro, volta com um lenço pingando água.

“Mas é um homem... e o pepino não segue o mesmo caminho do coração, ele desce... até os apriscos.”

Ri, diz que aquela ovelha é uma mitômana esperta, não simpatiza com ela, mas certamente não vai querer ficar com o pimpolho...

“É jovem, quer se divertir... Posso?”

Esfrega aquele lenço molhado na mancha de café.

“Pegue o que te interessa, chega de sofrer. Consiga esse maldito menino, e depois o mandamos para a guerra...” Ainda está rindo, e no entanto está sério.

Olho para ele, está bonito hoje de manhã, fica bem com essa camisa azul, esses óculos. Talvez seja a melhor pessoa que conheço, a mais sincera, a mais solitária.

“Tenho medo.”

“De uma ovelha?”

Gojko olha minha pele que transparece na seda molhada.

“Que saudade...”, sussurra.

“Por que estavam atirando à noite, nas colinas?”

“Os imbecis querem mostrar que estão lá.”

Caminhamos um pouco, abraçados sob aquela poeira que se desprende das árvores.

“Vai acontecer alguma coisa?”

“Não, irão embora.”

Olha para mim, olha novamente minha pele rosada sob a blusa molhada.

“Não se pode dividir a água.”

“Vou te dar o que você quer e vou sumir.”

“Talvez a gente vá te visitar em Londres, ou Berlim... quando for uma estrela do rock... vamos te aplaudir...”

“Sim, quem sabe...”

“Vai fazer de conta que não nos reconhece...”

“Não, vocês é que não irão.”

Vimo-nos mais algumas vezes, encontros rápidos, formais. Aska sempre estava com pressa de ir embora, ficava ali inquieta, agarrada ao estojo de seu instrumento como um escudo.

De fato alguma coisa tinha mudado...

Os olhos de Diego estavam mais nervosos, os cílios pareciam patinhas de insetos em fuga.

Quase nunca se olhavam, e era naquele mútuo esquivamento que se atavam os fios. Eu tinha percebido e ficava quieta.

Agora só me restava esperar. Eram eles que puxavam o trenó. Eu não corria nenhum risco. Diego era meu como cada gota de meu

sangue. E queria que aquele menino nascesse do prazer, e não da tristeza. Estava farta de fantasmas raquíticos, de mulheres tristes, de crianças opacas. Gostava daquele banquete da juventude.

Aska tinha ficado mais séria, mais introspectiva.

Agora eu pensava que toda aquela desenvoltura era postiça, como seu modo de se vestir, de repicar os cabelos. Ela me lembrava aquelas bonecas que, quando criança, eu estragava com o pincel, com as tesouras.

Durante aqueles encontros, Diego falava pouquíssimo, de vez em quando concordava, quando eu dizia alguma coisa, de resto parecia quase inerte.

“Não sei se vou conseguir”, tinha me dito ele.

Ficava colado em mim como um filho, como se tivesse medo de me perder. Estávamos de acordo, só um encontro. Se não acontecesse nada, iríamos embora.

Ele repetia o tempo todo: “Tem certeza?”.

Queria um filho dele, era minha única certeza. Fechava os olhos e pensava na criança. Eu aparentava calma, falava apenas de coisas práticas. Agora o médico parecia ser eu. Aprendera com meus carnílices, usava o mesmo tom sereno, o mesmo jargão burocrático. O ciclo era regular, numa semana a ovelha estaria fértil.

Tinham ocorrido distúrbios e uma morte. O pai de um noivo morto no adro da igreja ortodoxa.

Aska estava fora de si.

“Estava agitando a bandeira com as águias chetniks no coração da Bašćaršija!”

Peguei a mão de Diego, uni-a à de Aska, abandonada na mureta ao longo do rio, coloquei a minha por cima.

“Vai dar tudo certo”, eu disse.

Foi uma espécie de ritual. Fiquei sentindo o calor que se soltava daquele emaranhado de mãos, os pequenos movimentos dos nervos, os microscópicos acomodamentos, toda a tensão que confluía naquele abraço... pensei nos sinais de nossas mãos ali embaixo, no escuro daquelas palmas sobrepostas. E mais uma vez me perguntei se o destino nos ajudaria.

Aska tentou retirar a mão, mas eu a retive, depois Diego tentou se libertar, e eu e Aska apertamos com todo o peso do corpo.

“Aonde você acha que vai?”

Diego estava perturbado. Estavam com aquele encontro carnal marcado e não conseguiam mais se olhar nos olhos. Mais tarde se miraram.

Entramos no jardim zoológico, passeamos um pouco por entre as jaulas e os cercados. Estava ventando, erguia-se uma poeira clara que toldava o ar. Os ursos estavam nervosos, ficavam entocados numa espécie de tanque vazio, coberto aqui e ali de musgo. Fazia anos que Aska não entrava naquele zoológico, foi ela que insistiu... aquele lugar recordava sua infância, comprou um saquinho de avelãs e deu para os chimpanzés. Começou a perambular por entre as jaulas fazendo ruídos estranhos, um pavão lhe respondeu. Afastei-me para procurar uma garrafa de água.

Quando voltei, Diego estava tirando fotos dela. Não acontecia nada, Aska tinha entrado numa jaula vazia e estava ali agarrada às grades como uma macaca deprimida, a cabeça ruiva pendia num dos ombros. Senti alguma coisa, o peso de uma intimidade.

Diego tinha parado de fotografá-la, abaixara a Leica e a olhava com seus olhos nus. Aska se fora, estava andando um pouco mais adiante, passando os dedos nas grades.

No meio da noite ligo para meu pai, sua voz está presente como se estivesse me esperando.

“Pai...”

“Minha querida.”

Não fala, respira, sinto o assobio de seus pulmões, de sua vida nesse aparelho verde, burocrático.

Fazia tempo que eu não ligava para ele.

“Está precisando de alguma coisa?”

“Não.”

“Que barulho é esse?”

“Está chovendo.”

“Quando vocês voltam?”

Ficamos conversando um pouco, conta alguma coisa sobre o cachorro.

“Não cozinho mais, vamos todas as noites ao restaurante mexicano.”

O cachorro gosta da carne, meu pai da tequila, diz que se entendem. Ele me faz rir. Fico ali gracejando com ele, derrotando aquela chuva que não para de me entristecer.

“Que barulho é esse?”, pergunta de novo.

Agora sou eu que respiro no aparelho.

Um raio, digo. Mas era uma rajada. Surda, insolente.

“Tomem cuidado.”

Digo a ele que está longe e não pode entender.

“As pessoas aqui estão misturadas como água, uma gota dentro da outra.”

Ele diz que os noticiários na Itália não são tranquilizadores.

“Aves de mau agouro...”, resmungo, e rio porque agora já estou falando como Gojko.

Desligo o telefone. Diego está dormindo, uma pata branca para fora da cama, um de seus longos pés.

Foi Aska que marcou a data no calendário, três dias, os melhores, os mais fecundos, os que caíam exatamente no meio da ovulação. E em vez de um círculo tinha desenhado um coração. Escolhemos o segundo dia, aquele no meio do coração. Mais uma vez pusemos nossas mãos umas por cima das outras, para celebrar um pequeno ritual propiciatório.

Agora eu pensava naquele coração. O calendário estava ali, pendurado em nosso quarto, olhava para ele todas as noites, contava as horas.

Alguns dias antes escolhemos o local para o encontro, uma pensão que parecia um refúgio, uma casa isolada, na verdade ficava nos arrabaldes, era uma das últimas construções no sopé do Trebević. No andar de cima havia poucos quartos, apenas um corredor e dois banheiros no fundo. Tínhamos entrado num quarto branco e perfumado como o de uma clínica. Havia uma pequena janela, com grades, que dava para o bosque. *Para os ladrões?* ,

Anela, a proprietária, tinha dado risada. *Não, para os esquilos* . Eles apareciam nos quartos para recolher alguma sobra. Eu me deitara na cama coberta com um tecido branco bordado à mão. E me senti ousada e despreocupada como Gojko, como o terceiro inquilino de um mesmo coração. Aska e Diego tinham ficado de pé contra a parede, como dois pequenos esquilos tímidos.

A mulher da pensão

A mulher da pensão no sopé do Trebević continuou a arrumar diariamente as mesas para o café da manhã. Não havia nada, nem pão duro para dar às galinhas, apenas xícaras desbeijadas, vidros fora dos caixilhos. Mas ela continuou com sua normalidade, para não se deixar abater, pensando nos lá de cima. Continuou como os animais, que enquanto estão de pé não morrem. Todas as manhãs levantava cedo, tirava a água do poço, preparava o café. Todos os dias Anela punha as mesas para seus clientes à espera da paz. Escrutava a aurora, o velho galo de ferro na porta, maltratado pelos disparos dos soldados bêbados que brincavam de tiro ao alvo. Que clientes viriam numa época dessas? Nenhum turista, nenhum caszinho em fuga, nenhum representante comercial de Dubrovnik, de Mostar. Mesmo assim, Anela todos os dias dos infinitos dias daquele cerco preparou aquelas mesas de madeira. Os demônios tinham entrado, já tinham pegado tudo o que havia para pegar, não sobrara sequer uma cereja. Ela recolhera as xícaras, colara as partes quebradas, arrumava-as todas as manhãs naquelas mesas nuas. Pombas cansadas, paradas, esperando a paz. Era seu orgulho, e seu orgulho foi sua resistência.

Estou com minha mochila nas costas, meus óculos escuros abaulados que parecem dois ovos negros cravados em minhas órbitas. O calor parece mais intenso, minha blusa transpira, sinto o tecido grudando atrás, nas costas. Subo em direção a Bistrik. Marcas de granadas nos muros, nas partes de baixo, nas faixas de pedra enegrecidas pela poluição. Pequenas casas otomanas com suas janelas em arco de madeira escura. Paro, a velha pensão parece escorregar sobre mim. Reconheço a forma, quase um erro do arquiteto distraído, a base muito estreita e as paredes, ao subir, parecem se abrir e pender tortas para a frente. Faz lembrar aqueles antigos nišan do cemitério muçulmano.

A mulher está nos fundos, num espaço cimentado onde ficam os engradados de plástico amarelo dos cascos de cerveja, os botijões de gás. Está dando um pouco de milho a um par de galinhas-anãs que ficam juntas a seus pés. Cumprimento-a, não me reconhece, mas eu também nunca a reconheceria longe dali. Sei que é ela porque está aqui, porque estava procurando por ela. A primeira coisa que me ocorre é que está viva. É uma velha vestida de negro, com o rosto corado e um sorriso desdentado. Anela nunca saiu daqui.

Conversamos um pouco com meu parco bósnio, conto-lhe que vim à pensão antes do cerco. Ela se vira, aponta para os bosques, a linha de fogo estava ali, a uma centena de metros. Saía bem cedo, ao amanhecer, para pegar os ovos, abaixava-se nas gaiolas de madeira, voltava suja de penas e começava a fritá-los para seus clientes. Fito as mãos vermelhas, o rosto gretado de camponesa. Ainda tem a mesma expressão quando falo com ela, finge não entender e enquanto isso pensa. Portanto está viva. Ela também retornou à vida... eu a afastara de minha mente como tudo o que se perdeu, uma figura lateral, uma casca quebrada. No entanto, agora sinto vontade de abraçá-la... puxo-a por um braço ao mundo, recoloco-a em seu lugar.

Anela não se lembra de mim, mas me observa. E seus olhos são charcos que retêm o pranto com esforço.

Depois da guerra vendeu, não tinha dinheiro para reformar os quartos destruídos pelas granadas. Indica por meio de gestos e algumas palavras em alemão e italiano que manteve um quarto no andar térreo, agora todo o resto é propriedade de uma tipografia. No

salão das refeições agora ficam as máquinas impressoras. Tapa os ouvidos com as mãos para mostrar que aquele barulho lhe tira o sono. Diz que tinha se acostumado com as granadas, mas que agora está mais velha e incomoda-lhe vibrar o dia inteiro junto com as paredes do quarto.

“ *Strpljenje* ”, paciência, diz.

Não a expulsaram, o proprietário é um sujeito rico, daqueles que ganharam dinheiro com a escavação do túnel sob o aeroporto, com o mercado negro, com os ovos que entravam em Butmir a um marco e saíam para Dobrinja a dez, mas não é mau, manteve-a ali como uma espécie de zeladora, paga-lhe um pequeno ordenado.

Pergunto a ela se posso dar uma olhada nos quartos do primeiro andar. Diz que não há nada, só depósitos.

“Vim com meu marido...”

Observa-me, por um instante penso que me reconheceu.

“Era um fotógrafo.”

Concorda, diz que passaram muitos fotógrafos por ali, põe as mãos nos quadris para mostrar como posou.

Afasta-se, abre a porta de metal da tipografia, volta com um molho de chaves. Recomenda que eu seja rápida, que não mexa em nada. Não pode me acompanhar porque suas pernas não conseguem mais subir as escadas. Afasta-me com um gesto brusco, o mesmo com que afastava as galinhas.

Foi ela, Anela, quem nos deu as chaves naquela noite. Pagamos adiantado, concordou como uma mãe. Pegou o passaporte de Diego, devolveu-o sem registrar nada. Virou-se para a armação de grade onde estavam penduradas as chaves daqueles poucos quartos.

Mão contra a parede. Mão. Uma mão minha contra esta parede velha. Subo Tateando-a. Passo dos cinquenta anos, e não há nenhuma razão para eu estar aqui. O corredor é este, reconheço-o imediatamente. Respiro, avanço. Os quartos ficam todos do mesmo lado. Aqui em cima nada realmente mudou, está apenas mais escuro, mais sujo. Ainda se sente o cheiro da guerra, ressuma das paredes, das fendas das portas. A cidade ainda deve estar cheia de lugares assim... prédios aparentemente reformados, novamente em uso, e por dentro ravinas abandonadas, sinistros cadáveres insepultos. Nas paredes, aqui e ali, ainda há manchas granulosas,

onde se aplicou um novo reboco, onde se fecharam as feridas. Pontos de sutura nas paredes como num corpo doente. Faz um calor entorpecedor, asfixiante, e há um cheiro desagradável de esgoto. Empurro uma porta. Os banheiros ainda estão ali, a parede se acinzentou com o envelhecimento da massa corrida. Os vasos sanitários não têm assentos, têm um fundo preto, é dali que vem o fedor. Conto as portas e enfrento o quarto. Aquele ao lado do bosque, dos pássaros, dos cogumelos, dos esquilos. Aquele demasiado perto da linha de fogo. Entro, fecho a porta. Espero o coração se acalmar. Caixas empoeiradas, resmas de papel. A luz entra pelas pequenas frestas ao fundo. Deixo a mochila deslizar das costas. Poucos minutos e irei embora. Basta pensar que é um lugar como qualquer outro, um quarto gasto pelo tempo, invadido por uma poeira luminosa. Há ainda a pia presa à parede, pequena e solitária como uma pia batismal numa igreja esquecida pelos vivos... e depois montes esparsos de não se sabe o quê, pastas, refugos de papel... convites para velhos casamentos agora exauridos, fardos de folhetos enegrecidos pela umidade, deformados pelo calor. E depois vejo aquelas pernas de ferro. É a armação de uma cama. Daquela cama. Ela também está afundada sob pacotes pesados envoltos em papel pardo, amarrados com barbantes, carimbos municipais, como velha correspondência jamais enviada.

Tropeço, resisto. Diego está sentado diante de mim nessa rede... o colchão está sem lençóis, está queimado aqui e ali, enodado. Ele está com o peito nu, toca o violão, os cabelos compridos presos com um elástico que roubou de mim. Seus pés estão manchados de sangue, os pés de alguém que pisou em vidros. Não me olha, canta... *Spring is here again... Tender age in bloom... Nevermind...* Aska está ao seu lado naquele colchão incendiado, treme. As janelas estão quebradas, entram rajadas de gelo. Gostaria de lhes atirar um casaco, um cobertor... alguma coisa. Cobri-los. Sorrio, não sentem frio, penso, pois estão mortos. Faz anos que estão parados nessa cama velha, prisioneiros desse quarto.

Naquela noite brincávamos, mantínhamo-nos abraçados. Subimos as ruelas a pé, deixamos para trás a Fonte dos Viandantes,

suas bocas de ferro polido nos saudaram. Chegamos gracejando, embora tomados de pavor. Paramos, beijamo-nos, sugamos nosso sabor um do outro. Os disparos silenciaram. Parecia uma brincadeira distante, terminada, de crianças já cansadas, agora dormindo.

Dou-lhe as últimas indicações, mais uma vez beijo-o até a garganta.

“Somos loucos”, diz ele.

Reencontramos nossa juventude... e esse passeio noturno se parece tanto com aquele passeio que fizemos sob a neve, na primeira vez em que nos encontramos. Somos gatos de rua, a vida nos reconduz ao passado, somos corpos que ousam. À merda as boas maneiras, o pensar duas vezes. Eis o portão, eis o choupo trôpego, solitário como um velho, eis o galo de ferro e a inscrição gostionica , pensão. Batemos, Anela nos abre a porta, reclama, diz que é tarde pois ela levanta às cinco da manhã e estava indo dormir. Deixa-nos entrar, sorri. É uma noite qualquer, antes das xícaras, da loucura branca. Ela nos dá as chaves do quarto e do portão, diz para não fazermos barulho.

Voltamos à rua para esperar Aska, sentamos no degrau da casa ao lado. Há uma lua magra, um bigode branco no céu negro. As ramagens dos choupos vibram no silêncio total. Diego bafeja em mim, esfrega-se em mim contra a parede. A ovelha não apareceu.

“O que faremos?”

“Ficamos aqui mais um pouco.”

Não está frio, é uma noite suave de abril. Se fôssemos embora agora, não aconteceria nada do que viria a acontecer... mas a vida é como a água, desaparece, afunda e depois ressurgue, onde pode, onde deve.

Acaricio os cabelos de Diego, aqueles cachos macios recém-lavados. Estava com a cabeça apoiada em minhas pernas, o tempo passava e a espera deixara de ser vibrante para se tornar cada vez mais incerta. Olhávamos ao redor, uma névoa perolada avançava na escuridão.

A fã do Nirvana tinha nos enganado, sua coragem era postiça, como seus rasgos, seu cinto com tachas de guerreira do futuro. Roubara-nos um pouco de dinheiro e sumira. Voltou-me à

lembrança a capa do disco *Nevermind* , ela o mantinha ao lado da cama como uma relíquia, contemplava-o todas as noites antes de adormecer. Havia aquele recém-nascido com os braços abertos na água azul, seguindo uma nota de um dólar. De súbito um tiro, depois um silêncio nervoso. Erguemos os olhos para o Trebević, fitamos seus abetos imóveis no escuro. Aqui embaixo há espuma de amêndoas, pó branco que avança e devora a distância.

“Vamos embora.”

Sim, deixemos esta noite e esta cidade que começa a fazer mal. E já pensávamos em nos consolar com um passeio pelo litoral, entre aquelas ilhas paradisíacas, que agora estão vazias pois foram abandonadas pelos turistas...

Mas Aska veio. Primeiro ouvimos o ruído da moto ao desligar, depois sua figura avança entre o denso nevoeiro que devora seus passos. Está ali, parada diante do portão vermelho, espera por nós. O trompete a tiracolo, encerrado em seu escrínio negro.

Vejo-a e sei que já vi essa cena noturna, essa moldura de névoa que devora os contornos de seu corpo, como nas imagens dos santos. É nossa Virgem, tufos ruivos desgrenhados, meias furadas, coturnos de guerreira.

Cumprimentamos Aska com um assobio, com um aceno. Ela diz *oi oi* em italiano, *ciaociao* . Adora dizer *oi oi*. Sua pronúncia é estranhamente gutural, parece um apelo saído do papo de um peru selvagem.

“Estou atrasada.”

“Estávamos para ir embora.”

“Houve uma confusão...”

É verdade, havia confusão nas ruas, pessoas que demoravam para se retirar.

Não atravessa, fica ali, esperando Diego. Vejo apenas um gesto, uma mão que acaricia a perna. Um gesto lento e talvez um pouco triste... é como se acariciasse um corpo além do seu, o dorso de um cão, a cabeça de uma criança.

Podia entrar atrás deles, esperar embaixo. Adormecer naquele sofazinho ao lado da sala de refeições. Mas de repente fiquei com

vergonha, sentia-me ridícula.

Deixamo-nos às pressas, eu e Diego, depois de todo aquele torpor pusemo-nos em pé, alertas. Não, não estava com vontade de ficar ali como um cão de guarda... não suportaria aquela dor, aquela pornografia. Abraçamo-nos, Diego se virou, vi seus olhos se encherem de medo e de excitação.

Aska não se aproximou de mim, e eu não tive vontade de me aproximar dela. Ficamos uma aqui, a outra ali, na beira da calçada. Havia aquela neblina que baixava, que anulava.

Enfrentei inerte o caminho de volta. Usava um cardigã que a umidade deixara um pouco laseado, as mãos se afundavam nos bolsos. Estava arrependida, depois de alguns passos já estava arrependida. A noite arrastava fantasmas. Sentia os arquejos daqueles dois lá em cima, naquele quarto pequeno e perfumado. Sentia-me deprimida, deslocada... voltava-me um desagrado de sabor ácido, o mesmo da infância, quando por uma pequena desavença isolava-me de minhas amigas, ferida, mortalmente ofendida. Voltara-me aquela menina mal-humorada e agora eu a abraçava naquele cardigã frouxo... era a parte mais verdadeira de mim, a mais desgraçada e enterrada, a gema oculta de minhas incapacidades.

E de novo pensei em minha mãe... *Gemma, Gemma* .

Os esquilos entram pela janela, e por isso as grades... não consigo me desprender daquele quarto, talvez um esquilo esteja ali olhando em meu lugar. Vejo os lábios de Diego pousar naquelas pálpebras, naquela boca já sem batom...

Subiram de mãos dadas, muito constrangidos, falaram um pouco, cruzaram as pernas na cama e começaram a tocar, baixinho porque os outros estão dormindo. Depois Diego preparou um baseado, está com vontade de fumar, de chapar um pouco. Fitam-se com os olhos licorosos, à escassa luz filtrada de fora, riem, aproximam-se... Ele lhe acaricia uma mão pousada na cama, um dedo por vez, depois ela aproxima a cabeça que agora pesa um pouco, apoia a testa na testa dele, os lábios se tocam, carne macia que se abre, devagar, devagar. Agora sentem o cheiro da pele, do pescoço, das orelhas... sentem o cheiro de suas histórias, da infância e do restante, das pequenas dores, da poeira. Da morte que está tão

próxima... Ele a despe do vestido de chenilha preta dos concertos. Ela levanta os braços para ajudá-lo, ele põe a cabeça no oco de uma axila... o seio se aproxima daquele peito magro, dos pequenos mamilos do rapaz de Gênova. Não têm medo. Agora sentem o coração, os batimentos que vagam naquele universo vermelho, submerso. O fumo fez efeito, tudo é profundo e próximo. Penetrar, lançar tudo para dentro, é entrar na vida, como um homem e uma mulher, como uma criança que passa e atravessa o sepulcro do amor. O escuro agora é fosforescente. As pupilas de Aska se dilatam nas de Diego... é um planeta distante que se aproxima. Ele cai sobre ela. Várias vezes caem um sobre o outro. Planetas que se obscurecem, que se engolem. A ovelha geme perdida no bosque e dança para ele, para aquele pequeno lobo sem presas, que lhe passa a língua na nuca e sangra...

Atravesso a Ponte Latina, sento ao lado da Fonte dos Viandantes. Gojko pousa uma mão em meu ombro.

“O que você está fazendo aqui?”

“Desci para trazer o lixo.”

Joga o saquinho, olha para mim.

“Estava te esperando. Não podia te deixar sozinha.”

Choro em seus ombros, agradeço a noite desse corpo suave e grande.

“Estão trepando, aqueles dois?”

“Sim.”

Falamos de coisas variadas, pergunto o que fez, foi à rádio e depois ao Parlamento. Tira um pedaço de papel, quer ler uma poesia sua, digo-lhe que não, que não estou com vontade. Que estou cansada de poesias. Não leva a mal, atea-lhe fogo com um isqueiro, acende um cigarro, eu também pego um.

Olhamos aquele pedaço de papel preto que se enruga na noite, que dança agonizante.

“Que pena, era bonita...”

Ele se despede de sua poesia.

“Tchau, palavras perdidas, incendiadas por um coração cruel...”

A aurora se infiltra em nossos passos. Começamos a ver as cores dos carros parados, da hera no muro onde paramos. Gojko respira sobre mim... estou chorando de novo, meus lábios tremem.

De repente penso que esta é a última vibração de vida, que não nos encontraremos nunca mais, algo nos acontecerá. Ele chega mais perto, seus olhos são sérios e plácidos. Não está mais com vontade de gracejar, de escarnecer da vida à força de palavras e risadas. Solta seu hálito em meu rosto.

“Estou cheirando mal?”

“Não, está perfumado.”

Então se aproxima. Beijamo-nos como nunca havíamos nos beijado antes, sinto seus dentes, sua língua áspera de gato... sinto seu peso que cai sobre mim, este afã imóvel, sinto o licor de seu coração, de todas aquelas poesias que escreveu e que ninguém lerá.

“Vamos para minha casa...”

Abaixa a cabeça, endireita-se... seus olhos miúdos se dilatam. É a noite certa.

“Vamos fazer amor uma vez, antes de morrer...”

Foi um momento, um momento que passou, que queimou como o pedaço de papel incinerado na noite.

Éramos um casal pegajoso, patético... tolos satélites daqueles dois planetas jovens. Dei uma palmadinha no rosto dele.

“Não morreremos, Gojko.”

Vamos dormir. Como dois irmãos bobos.

A cama está aqui, diante de meus olhos. O que sobrou, uma armação de ferro com as pernas enferrujadas pela chuva. Larga demais para passar pelas portas, e por isso ninguém se preocupou em jogá-la fora, simplesmente ficou coberta de porcarias, refugos de tipografia. Estação após estação a cama esperou por mim, sobreviveu à guerra, flutuou em meus sonhos com seu ranger incessante. Como um balanço num jardim abandonado, que a cada lufada de vento continua a estalar, a cumprir seu velho ofício.

Chego perto do leito, afasto alguns fardos, são pesados, caem no chão como tijolos, levantam poeira. Basta-me pouco, sou magra, uma estreita faixa dessa malha de ferro. Deito, ergo os joelhos, os pés calçados.

Pietro voltou, anda corcunda pelo quarto, arrastando passos pesados e cheiro de cloro. Reclama que as costas ardem, que Gojko caiu em cima dele e pesava cem quilos, que Dinka o arranhou: suas unhas são longas demais e ela é medrosa demais.

Anda com seus passos que fazem tremer o chão, e eu tremo também, como um vidro velho nos caixilhos.

Estou encolhida na cama, de olhos abertos na penumbra.

“Devagar”, digo a ele, “devagar...”

Pietro abre a janela, diz: “Que escuridão é essa?”.

A luz me atinge com violência.

“O que você fez, mãe?”

“Nada... andei.”

Examina meus pés.

“Nem tirou os sapatos...”

“Me deixe um pouco em paz.”

“Ficou em paz o dia todo, o que há com você?”

Digo a ele que não estou me sentindo bem, que quero descansar um pouco. Responde: *que saco!*

Enxugo os olhos depressa, com uma parte da mão. Não quero que Pietro veja que chorei, mas ele me observa com seus olhos de lince, tão distantes dos meus.

Continua a se queixar, agora amplia o campo de reclamações. Resmungo que seus amigos, em agosto, fazem viagens legais, vão para os Estados Unidos seguindo a rota das cascatas, vão a Dubai onde tem aquela quadra de tênis suspensa no céu, aquela onde Federer jogou. Enquanto isso, estamos nós aqui nessa droga de cidade.

Não lhe respondo, fale o que quiser.

Quero ficar encolhida no escuro. Tenho vontade de sentir Diego, seus braços que me abraçavam com suavidade, como se eu fosse de vidro. E o que recebo é esse vozeirão feio.

Pietro gira em torno de si mesmo, nos poucos metros do quarto, atormenta-me com suas passadas. Berra que está com as costas queimadas e que eu fico ali, na cama, deprimida.

Está acostumado a me ver saltar e abanar o rabo atrás de suas necessidades. Tirou a camiseta, anda feito um macaco na jaula.

“Dói, queima...”

“Tome um banho.”

“Você não tem um creme?”

“Olhe no banheiro.”

Ouçõ que joga tudo, que despeja minha sacola. Volta com uma bisnaga.

“É este?”

Confirmo. Joga a bisnaga na cama.

“Você passa em mim?”

“Passe sozinho, Pietro.”

Ele se vira, desconfiado: “Por quê?!”.
“Porque não estou me sentindo bem, já te disse.”

Senta-se no parapeito, aperta as teclas de seu celular.

“Alô, pai.”

Pietro, me deixe em paz. Cozinhei para você, dobrei suas roupas, fiquei horas curvada sobre suas lições de casa. Você tem toda a vida pela frente... eu tenho apenas estas pernas magras, estes ossos vazios como caniços. Hoje estou patética como esta cidade, sou um gato doente se esfregando nas paredes.

Ouçõ seus resmungos. É tudo uma droga e eu estou caduca.

“Pronto, passo para você...”

Não estou com vontade de conversar com Giuliano, quero ficar quieta, imóvel.

Pietro joga o celular na cama: “Pegue, é o papai”.

Falo pouco, com uma voz do além. “Ligo depois”, digo.

Talvez esteja com febre.

Pietro desce da janela, aproxima-se.

“Por que não falou com ele?”

“Vou ligar depois.”

Ele me bate nas costas, nas pernas.

“O que está fazendo?”

“Você está toda empoeirada, onde se encostou?”

Puxo a saia, como um gato doente faz com a cauda.

É verdade, estou suja e suada.

“Me deixe em paz.”

Pega novamente o telefone... rodeia a cama.

“Por que você... por que você...”

Começa assim, sem saber por onde começar, como sempre. Só que hoje a raiva é maior, é uma onda que lhe escurece a vista.

“Quem você acha que é?!”

Deveria ficar brava, mas não tenho força, estou quebrada. Observo-o daqui. Agora, é um rapaz feio, desajeitado.

“Quem você acha que é?! Por que você sempre tem vergonha do papai...”

Dá um chute na cadeira, derruba as roupas.

“Porque o papai tem barriga, usa uniforme...”

“O que você está falando, Pietro?”

“... e você nunca foi às festas dos carabinieri, porque você não gosta das mulheres dos carabinieri... e mesmo no aniversário de Salvo d’Acquisto eu é que fui! Você não! Você tinha mais o que fazer!”

“Mas o que você está dizendo?... O que tem a ver...”

Agora olho para ele e sinto medo, preciso me levantar da cama, passar creme nele, cuidar dele. Espalhar frescor nessa raiva.

“Você é uma egoísta! Você não voltou aqui por minha causa! Você voltou por causa daquele merda, daquele Diego!”

Ainda está aos berros, não o escuto mais. Fito seus olhos azuis que agora estão vermelhos, cheios de raiva. Jogo a camiseta nele.

“Suma, seu desgraçado.”

Vira-se e por um instante penso que quer saltar em mim, me morder. Agora está uma onça. Uma jovem onça mostrando as presas. Aponta-me uma pata.

“Abaixe a crista, mãe! Você não é ninguém!”

E vai embora com suas costas queimadas.

Vai se enfiar no cyber café, naquela gruta de telas azuis. Conversará on-line com seus amigos, com aquele exército de hominídeos pelos quais me renegou na virada do ano. Voltará com os olhos alucinados por causa do monitor, vai me olhar como uma parente distante.

É verdade, não sou ninguém.

Vou ao banheiro lavar o rosto. Mas continuo chorando.

Sento-me na janela. Ligo para Giuliano.

“Desculpe, desculpe...”

“Do quê?”

“Que não fui à comemoração de Salvo D’Acquisto...”

Ele ri, mas fica comovido, pois é realmente uma bobagem. E as bobagens sempre nos comovem um pouco. Quanto ao resto, somos fortes. Ele esteve no Líbano, eu, na Bósnia.

Conto-lhe sobre Pietro, sobre sua raiva. Ele me diz: “Pietro está com ciúme, é normal...”.

Suspira, e agora está com sua voz bonita, brilhante como a chama que traz na boina.

“Você está cercada de homens ciumentos.”

Saio para procurar Pietro. Dou uma espiada no cyber café. Rapazinhos curvados sobre os monitores, névoa branca de cigarros. Perscruto com os olhos. Caminho até a rua Titova. E, enquanto caminho, esvazio-me, de tudo. Sempre tenho medo de não voltar a vê-lo. Quantas vezes esperei, colada à janela da cozinha, a volta daquela vespa, daquele capacete amassado. E não era eu mesma, era como agora, uma figura de papel numa folha escura, à espera das tesouras que a cortassem. Giuliano é mais calmo do que eu, *you are very anxious*, diz, *assim estraga sua vida*. É verdade. Todas as mães sentem medo. Mas meu medo é uma aflição diferente, mais funda, mais desamparada.

Abaixei a crista, abaixei. Ando sem me sentir realmente presente aqui, nessa Sarajevo onde o passado pesa e é ruidoso, como uma lata no pé.

Depois o vejo, está sentado ao lado da Fonte dos Viandantes, entre pombos tardios, gente noturna.

A mesma fonte, o Sebilj, onde eu e Diego paramos como viandantes cansados da viagem que mal começara. Diego apanhou um pouco de água com as mãos... *uma historieta diz que quem beber desta água voltará a Sarajevo pelo menos uma vez*.

“Pietro...”

Não toco nele, acompanho seus passos.

Anda ao meu lado de cabeça baixa, está com um pacote na mão, um cartucho vermelho que guarda no bolso.

“O que é?”

Não responde, examina seus pés, como um garimpeiro em busca de ouro. Tento sentir seu cheiro... por um momento tenho medo de que esteja me escondendo algo naquele papel vermelho. Muitos amigos dele fumam baseados, buscam o aturdimento desde cedo. Não cheira a fumo, não me parece.

Sento na cama, destampo o creme. Ele se aproxima, a camiseta puxada para a cabeça, as costas recurvas. A pele queimada absorve o frescor, minhas mãos espalham, movem-se sobre essas asas jovens. Não me pede desculpas. Passou-se o tempo do *desculpe, mãe*, mas respira devagar, como um cordeiro que reencontrou a paz.

Havia aquela manifestação enorme contra a guerra, organizada pelas forças de paz, que se comentava fazia dias. Sarajevo estava lotada de gente, muitos tinham vindo de fora, sobretudo jovens. O estacionamento ao lado da estação estava tomado por ônibus, os manifestantes circulavam pela cidade desde as primeiras horas do dia, gritando palavras de ordem, comendo sanduíches, como torcedores em trânsito. Fui acordada pelos gritos que ricocheteavam da rua dentro de nosso quarto. Olhei pela janela e vi uma passeata que passava ali embaixo. Mais tarde fui visitar Velida, comemos marmelos e tomamos café, embaladas pelo tumulto daquela onda humana que liberava uma energia contagiante.

Sáímos para a sacada e passamos quase todo o resto do dia ali, como duas comadres, olhando os manifestantes lá embaixo. De vez em quando ela reconhecia algum amigo da universidade, acenava com o braço. Parecia uma manifestação qualquer pela paz no mundo. Uma multidão tranquila de estudantes, de mulheres e pais de família com crianças nas costas, de mineiros em roupa de trabalho. Sobre os corpos flutuava uma longa faixa branca com as palavras *mi smo za mir*, nós somos pela paz.

A última vez que eu tinha visto uma multidão parecida fora na abertura das Olimpíadas, no estádio Koševo... lembrei o tedíforo com a chama, enquanto acendia o braseiro, as animadoras de jogos, aquele Vučko idiota, o lobinho da sorte de Sarajevo 1984... e tudo me pareceu muito distante. Agora o lobo era outro, era o que à noite

disparava tiros de advertência contra as estrelas, como se quisesse apagá-las, todas.

Mais tarde, quando o cortejo de manifestantes avançou para o Parlamento, saí com Velida para fazer algumas compras. A mercearia estava estranhamente deserta. Muitas prateleiras já estavam vazias. Uma mulher empurrava um carrinho cheio de latarias. Velida balançava a pequena cabeça, o passo altivo de certos passarinhos pretensiosos.

“O que aconteceu com as pessoas para levarem tudo... ficaram loucos.”

Perguntei se ela também queria algum pequeno estoque, talvez houvesse algum problema, um protesto dos fornecedores, algo de que não estávamos informadas.

Mas Velida comprou menos do que o habitual. Havia uma forma inteira de queijo, era possível comprá-la. Mas ela pediu que cortassem uma fatia pequena, o suficiente para o jantar.

“Nunca fizemos estoque! Nunca faremos! Se querem nos reduzir a isso, estão enganados!”

Já estava escurecendo. As pessoas andavam rápido, beirando as paredes, todos pareciam estar com pressa de voltar para casa. Franjas isoladas de manifestantes passavam correndo sob nossa janela, como se fossem perseguidos. Voltaram-me à lembrança as manifestações estudantis de 1977, as palavras de ordem, os atropelos, as fugas súbitas.

Escureceu de repente, o sol deslizou atrás dos montes e uma lua filiforme apareceu entre as nuvens fundas e distantes. Ainda era possível vê-la, por pouco tempo. Gritos cortavam a escuridão. Calcei os sapatos, fechei o casaco. Diego ainda não tinha voltado, queria ir procurá-lo. Não aguentava mais ficar ali, alongando lúgubres sombras sobre aquela ausência.

Alcansei a avenida. Os postes estavam desligados, depois de andar poucos metros um policial me parou, tentei lhe dizer algo... não me ouvia, revolvia a escuridão com os olhos esbugalhados, ergueu um braço, gritou: “ *Natrag! Natrag!* ”, para trás... para trás. Como se realmente pudesse voltar atrás!

Pedi a Velida que me deixasse ficar com o gato naquela noite, não queria dormir sem uma vida ao lado. Vesti um suéter de Diego e deitei na cama. Ao amanhecer, os disparos. Diferentes dos outros, mais próximos, mais nervosos. Naquele instante aprendi a distinguir entre os tiros de advertência, no céu, no vazio, e os tiros que acabam enterrados na carne, disparados para matar. O gato se ergueu, o pescoço esticado, as orelhas vibrantes como pequenos radares. Foi ele o primeiro a perceber aquele silvo maligno. Escondeu-se embaixo da cama e começou a choramingar... miados fundos, feios, que pareciam gritos humanos.

Não olhamos mais pelas janelas. Velida e Jovan já tinham vivido uma guerra, eu não, mas instintivamente sabia o que fazer. Fechamos as persianas, trancamos as janelas.

Ficamos o dia todo trancados em casa, diante da tevê, olhando as pessoas que nesse meio-tempo tinham entrado no Parlamento. O rádio transmitia sempre a mesma música, “Sarajevo, meu amor”.

À noite chegou Gojko. Estava com os cabelos arrepiados como os pelos de um gato, uma das lentes dos óculos quebrada. Ficara trancado dois dias no Parlamento junto com uma multidão inacreditável, num clima irreal... de entusiasmo, porque a Comunidade Europeia havia reconhecido a Bósnia e Herzegovina, e de prostração, pelas ameaças de guerra. O presidente Izetbegović fora vaiado, os homens das divisões especiais da polícia receberam ovações.

Ele me contou o que havia acontecido. Das janelas de um dos últimos andares do Holiday Inn, onde ficavam os quartos dos figurões do Partido Democrático sérvio, alguém começou a atirar. O povo reunido diante do palácio do Parlamento tinha se jogado no chão, as pessoas tentavam se esconder umas sob as outras como uma manada em pânico. Muitos começaram a correr para alcançar o outro lado do Miljacka, mas também vinham disparos de lá... do cemitério judaico, talvez... era o que ouvia dizer pelas ruas. O bairro de Grbavica fora ocupado pelas milícias sérvias.

Depois a televisão deu a notícia, uma moça tinha morrido, alvejada na Ponte Vrbanja enquanto tentava fugir. Pensei em Aska... perguntava-me se havia um presságio naquele rosto pálido como cera.

Agora o locutor da Jutel informava que na verdade eram duas moças mortas. Estudantes que reivindicavam a paz. Jovens lírios.

Gojko acendeu um cigarro, não deu uma tragada sequer e começou a soluçar alto, sem se conter. Eu fitava aquele cigarro que se consumia entre os dedos fechados e que em certo momento caiu, morreu no chão. Foi um pranto terrível, triste como o de um animal. Com aquelas mãos agarradas ao rosto, ele segurava os destroços daquele futuro trágico que já o atingira. Ao pensar de novo naquilo, percebo que aquele pranto foi, para mim, o início da guerra.

Ele se recompôs, o rio passou e deixou o rosto cinza de um afogado. Mostrou sua preocupação por mim, como sempre.

“Vamos procurar o fotógrafo...”

Gojko dirigia com os faróis apagados, com aqueles óculos quebrados no nariz. Barricadas surgidas numa noite dividiam a cidade. Atravessamos o Miljacka, mas não foi possível alcançar as últimas casas junto ao Trebević. Homens encapuzados vigiavam no escuro. O pavor me paralisava as pernas, penetrava-me pelas costas como um longo prego, uma rajada nos atingiu, uma sarivada de cartuchos que se cravaram na lateral. Voltamos.

Não lembro exatamente como foi... não lembro exatamente o momento. Talvez ninguém se lembre. Sebina sim, ela disse que estava vendo os *Simpsons* na tevê, aquela alegre familiazinha de brincalhões. A transmissão se interrompeu. Ela correu para procurar a mãe que estava corrigindo as tarefas de seus alunos, na cozinha, na mesa onde comiam.

“Mãe, o que está acontecendo?”

Mirna tirou os óculos e olhou para filha parada na porta.

“Fique tranquila.”

Estrondos chegavam das montanhas. Era a vida que partia para dar lugar à loucura. Ainda não sabiam, ambas se abraçaram. Havia as tarefas para corrigir, Mirna tocava nelas... flutuavam já distantes, como aquelas pequenas vidas que as tinham escrito, como aquela mesa, como elas duas. Durou pouco, os *Simpsons* voltaram a tagarelar com suas vizinhas de desenho animado, de homenzinhos engraçados.

Não, não lembro exatamente quando o fio da normalidade se rompeu, quando até os cachorros fugiram para se esconder...

Havia roupas estendidas, era primavera, a estação das faxinas, das janelas abertas. De vez em quando algum corvo crocitava nas ruas, ninguém prestava atenção. Era uma cidade pacífica, ninguém se perguntava muito a que etnia pertencia o outro, o vizinho ou a mulher. Havia afeto ou desafeto por empatia, pelo cheiro, como em qualquer lugar do mundo.

Havia toda aquela gente nas ruas. Havia aquela faixa arrastada por muitos braços: wir sind walter , nós somos Walter... toda a cidade abraçada num mesmo coração heroico. Olhavam para o alto como se fosse um espetáculo de acrobacias aéreas. Controlavam as montanhas. Quem estava escondido lá em cima?

Tinham começado a disparar contra as casas. As primeiras granadas caíram longe de nós, ouvimos aqueles estrondos que nos pareciam gravados, como se saíssem das grades de plástico do rádio.

Velida disse: “Quem pode ter interesse em nos matar?”.

A granada caiu tão perto que tive a impressão de que me entrava pela barriga, que me abalava por dentro. Estavam disparando na Baščaršija. Por algum tempo ficamos paralisadas, olhando-nos. O pequeno rosto de Velida enrijecido numa fixidez atoleimada, como uma face já defunta.

As xícaras tremiam, tremiam os livros... os melros tinham se escondido sob um montinho de algodão.

Velida gritou: “Jovan! Jovan!”.

“Estou aqui.”

O velho biólogo não se movera da poltrona. Aspirava um de seus cigarros, os dedos amarelados como os cabelos. Objetos caíram das prateleiras. Os vidros ainda estavam intactos, por ora. Rangiam como meus dentes. Num dado momento apertei o maxilar com a mão, para calar aquele som de armadilha. Recolhi o que havia para recolher. Fechei-me no quarto, agarrei-me a um travesseiro. Não conseguia calar os dentes, e estava com aquela dor terrível no ventre... a mesma dos abortos. Uma mão que agarra e leva tudo embora.

Diego voltou três dias depois. Entrou no quarto, cortando a escuridão em silêncio, como um animal. Ficamos parados num

longo abraço, sem forças, imóveis como sacos. Ele me pareceu pesadíssimo. Tinha corrido, estava suado, meu rosto se molhou em seu pescoço.

“Amor.”

Mantinha as mãos nos ouvidos, balançando um pouco a cabeça. Uma granada o ensurdecera, e agora sentia um sopro dilacerante por dentro, como um torvelinho. Não olhou nada ao redor, sentou na cama. Tirou as botas, arrancou-as com suas últimas forças. Descaiu sem forças ao meu lado. Deixei que dormisse. Colei-me a suas costas para sentir o odor que tinha... era o habitual, só que um pouco mais forte, como quando estava resfriado e ficava na cama com febre, e eu encontrava aquele cheiro de homem-cão nos lençóis, no colarinho de seu pijama. Fiquei de olhos fechados naquela penumbra. Ele voltara. Respirava com dificuldade, como se a aspiração fosse demais, como se lhe entupisse o nariz.

Ao amanhecer, encontrei-o desperto, arrumava os filmes sentado na cama.

“E Aska?”

“O quê?”

Não parecia sequer se lembrar dela, falava-me de um planeta distante. Levou novamente as mãos aos ouvidos. Começou a balançar a cabeça como um cofre. Fitou-me.

“Não aconteceu nada...”

Quase se desculpou: “Sinto muito”, disse com um sorriso triste, “razões de força maior”.

Tinham ficado presos naquela pensão, junto com os raros frequentadores, e haviam passado as horas mais ou menos como nós, como todos em Sarajevo, pregados na frente da televisão naquela sala de refeições onde já não havia uma xícara inteira, pois os obuses estavam a poucas centenas de metros.

Balançava a cabeça, por causa daquele ruído que ficara dentro dela, e ainda não conseguia acreditar.

“É louco... é tudo louco...”

Abracei-o, repassamos às pressas aquelas horas terríveis em que estivemos separados.

“Dizem que não vai durar, que acabará logo...”

Mais tarde fiz o sinal da cruz. Não havia acontecido nada, não houve nenhum acasalamento. E agora me sentia liberada. Projéteis vermelhos caíam na noite. Aquele desejo encravado como uma unha ruim se retirava de mim para sempre. Naqueles dias terríveis, eu temera tudo, imaginara-os mortos, sepultados pelos escombros naquela cama para onde eu os empurrara.

Segurei sua mão, apertei-a junto ao peito, para que ele sentisse meus batimentos, Diego a espalmou, premiu-a sobre meu coração. Havíamos corrido um risco absurdo e agora eu lhe pedia perdão.

Fora uma lição, a mais dura de minha vida.

Olhava para ele, estava com o rosto arranhado, os cabelos brancos de poeira.

“Tirou alguma foto?”

“Não.”

Foi ao banheiro, encheu a banheira, mergulhou até a cabeça. Acerquei-me, ele estava com os olhos abertos. Contemplamo-nos através daquela água, inquietos de dois elementos diferentes.

“Você ainda me ama?”

Emergiu, cuspiu um pouco de água.

“Sempre e para sempre.”

Queríamos ir embora imediatamente, mas passaram-se os dias. Gojko tinha ido ao aeroporto. As pessoas atacavam os aviões parados na pista de Butmir, os últimos voos que deixavam a cidade pareciam caminhões de gado, gente amontoadada nos corredores, nos banheiros.

Ficamos em casa diante da televisão. O presidente Izetbegović tranquilizava a população, a guerra na Croácia não se deslocaria para a Bósnia. Dizia para o povo sair tranquilamente às ruas.

Mas a cidade estava cercada. Por todas as partes havia canhões, morteiros, obuses, kalashnikov, metralhadoras, fuzis de precisão.

A Armija, o glorioso exército iugoslavo que deveria proteger a cidade, na verdade esvaziara os quartéis. Por meses, tinham levado, um por um, todos os armamentos para as montanhas ao redor. Para a defesa, disse-se. Agora era tarde demais para indagar por que as armas de Sarajevo estavam apontadas contra Sarajevo.

Gojko continuava a esperar.

“Não vai durar... poucos dias e termina. Os olhos do mundo estão sobre nós...”

Acompanhava bandos de jornalistas pela cidade, para filmar os rombos das granadas, as imagens daquela população civil inerte, desarmada.

“O importante é mostrar o que está acontecendo.”

As *kafanas* ainda estavam cheias de rapazes que falavam à vontade, cervejas, cigarros e vozes sobrepostas. Vozes livres, altas, incisivas, na certeza de serem ouvidas, de ultrapassar aqueles montes e rolar pelas mesas da Europa.

Os rapazes ainda acreditavam que o mundo tinha ouvidos. O velho Jovan não. Era um judeu sérvio, de Sarajevo. Tirava os sapatos quando entrava em casa, como os muçulmanos, em respeito à mulher. Não lia mais os jornais, não ouvia mais os noticiários. Ficava horas a fitar os pés encerrados nas babuchas de lã.

Era maio. Mês de primulas e dentes-de-leão floridos, de pequenas andorinhas nas margens do Miljacka.

Todos se iludiam que seria apenas um ataque, um nervosismo que logo acabaria. Como um terremoto que volta ao seu lugar.

Enquanto isso, os funcionários da onu deixavam a casa de repouso de Sarajevo, transferiam-se para Stojčevac.

Enquanto isso, queimavam o escritório dos Correios e o quartel Marechal Tito.

Enquanto isso, descobriam-se atiradores à espreita em toda a cidade. Começara a vivisseção cotidiana. Aquelas miras sofisticadas que seguiam as pessoas até enxergar a cor de seus olhos, o suor sob o nariz.

Quem estava lá em cima? *Os chetniks, os animais*. Gente vinda de fora ou gente expelida pela cidade? Rapazes que subiram os montes, rastejando, para se unir ao demônio, para matar seus colegas de curso na universidade, seus amigos de sempre...

Velida levava as mãos aos olhos, as costas ainda retas.

“Não é verdade, não pode ser verdade.”

Ficamos para fazer companhia àqueles dois velhos. À noite jogávamos baralho numa pequena mesa coberta de pano verde. Velida servia aguardente de mirtilo e docinhos feitos com mel. Ouvíamos o som surdo daqueles tiros que se precipitavam na noite. Choviam granadas em Dobrinja, em Vojničko Polje. Em Mojnilo... Pensava em Aska, naquela espécie de trailer de cimento onde morava, justamente em Mojnilo, onde outrora ficavam os alojamentos dos atletas olímpicos.

Para mim o acasalamento não é problema...

Parecia que tinham transcorrido séculos.

Eu me perguntava se já havia um destino naquele olhar sempre um pouco distante, naquelas pálpebras que se moviam como asas. Todos os dias examinava a lista dos mortos, no *Oslobodjenje*, com medo de encontrar seu nome.

Um dia Diego voltou com o primeiro retrato de uma morte. Uma mulher ao lado de um saquinho de onde rolavam maçãs.

Arrancou o cordão do pescoço, afastou a máquina fotográfica do peito como se ela queimasse, jogou-a na cama cheio de raiva, como se estivesse irritado com aquele olho mecânico que o obrigava a olhar... aquele corpo que a imagem fixaria assim, insepulto para sempre. Enquanto retirava os filmes, tive a impressão de que suas mãos tremiam, deixava-os no escuro de uma caixa de metal.

“Sinto-me um coveiro, um sepultador.”

Nossa *kafana* não estava mais lá. Pulverizada. Atingida em cheio por uma granada. Restava apenas um vazio espectral, metal emaranhado, futurista. Por sorte nenhum de nossos amigos estava lá. A explosão tinha ocorrido de manhã cedo, apenas um pobre empregado albanês que dormia nos fundos fora atingido.

Caíram também os vidros de nossas janelas. Fizemos como todos os outros, pregamos telas de plástico nos caixilhos. A luz mal conseguia passar por aquelas proteções opacas. À noite, a escuridão

chegava cedo. Não havia mais eletricidade. Velida e Jovan agora ocupavam apenas a área mais interna da casa... à noite ficavam ali, diante de uma vela, esperando que a chama se extinguísse na cera. Não pretendiam deixar sua cidade. Nem descer para os porões, como agora muitos faziam.

“Vamos ao encontro do verão”, dizia Velida, “no verão não é preciso aquecimento, pode-se viver como num acampamento.”

Ela e Jovan tinham ido acampar muitas vezes nos parques naturais da Bósnia, sob as cascatas. Horas e horas curvados nas poças d’água examinando microrganismos.

Havíamos nos acostumado às sirenes dos alarmes, aos silvos das granadas. Eu achava que nunca mais conseguiria dormir, ficava acordada, os olhos estalados, a mão na de Diego. Pensava em nossa casa em Roma, na sala de estar, na cozinha, nas fotografias penduradas nas paredes naquela longa fileira. Pensava naquela rua silenciosa ali embaixo, atravessada, à noite, apenas por alguém que levava um cachorro para passear. Meu pai tinha as chaves, ia regar as flores suspensas nos parapeitos, sentava naquele silêncio, preparava o café, lavava a xícara. Fazia uma semana que eu não falava com ele. Na última vez não conseguia falar, parecia emudecido pela dor.

Eu lhe contara poucas coisas. Tinha conseguido mandar alguns filmes de Diego por intermédio de um amigo de Gojko que voltava para o Zagreb, pedira a meu pai para verificar se as fotografias saíam com o nome de Diego e não com a sigla da agência.

Depois aprendemos a dormir, a afundar no sono para sair por algumas horas daquele campo de concentração. De dia acordávamos cedo, aproveitávamos a luz. Diego saía e eu o abraçava apertado. Agora todos se abraçavam apertado sempre que se encontravam, despediam-se como se não fossem mais se encontrar.

O instrutor de ginástica de Sebina morrera, morrera também a farmacêutica. Corpos que ficavam por um bom tempo sozinhos... pois era perigoso demais se aproximar, o atirador mantinha-se à espera com sua mira. Eram removidos apenas à noite, e à noite eram sepultados no velho cemitério muçulmano. Funerais silenciosos,

peças leves como borboletas noturnas. Desafiava-se a morte para sepultar a morte.

Aprendemos tudo naqueles dias de maio. Aprendemos a reconhecer a garganta rouca das *kalashnikov*, o silvo das granadas. O estrondo dos morteiros e depois aquele sibilar. Se depois do estrondo você o ouvisse atravessar o céu com seu assobio, significava que tinha sobrevivido. Se não ouvisse nada, significava que o morteiro já tinha descrito sua curva e talvez estivesse caindo perto de você. Aprendemos que, geralmente, a montanha silenciava no dia seguinte ao festival de explosões. Aprendemos que, a determinada hora, os atiradores paravam para o almoço... e que ao entardecer a mira deles piorava, pois estavam entupidos de *rakija*.

Aprendemos a nos deslocar. A correr feito lebres nas zonas descobertas: as passagens entre os prédios, os cruzamentos de onde se viam as colinas.

Eu só queria ir embora. Mas Diego não conseguia se desprender, andava quilômetros com a máquina fotográfica no pescoço e a mochila nas costas. Voltava com alguma coisa para comer, com velas para a noite.

Eu ficava quase sempre em casa. De vez em quando acompanhava Velida ao mercado. Não se encontrava quase nada, apenas algumas verduras das hortas de Sarajevo, e os preços tinham dobrado. A padaria ainda funcionava, mas era preciso enfrentar filas imensas.

Aprendemos que as tréguas eram fingidas, duravam poucas horas e depois a música recomeçava. As ruas mudavam de aspecto todos os dias, desagregavam-se e se recompunham miseravelmente. Agora blocos de cimento, carcaças de bondes, telas de plástico entre os prédios obstruíam a visão dos atiradores. A cidade começara a se organizar com voluntários e armas improvisadas. Tropas regulares da Defesa territorial bósnia combatiam nas trincheiras. E tropas de malfeitores se aproveitavam da situação, saqueavam as casas dos sarajevitas sérvios, dos professores, da pequena burguesia. Começara o comércio da guerra, das expropriações, do mercado negro. Caras extravagantes te assediavam para vender de tudo, para trocar moeda. Os blindados brancos das Nações Unidas estacionavam inertes como frangos entorpecidos pelo sol.

Mesmo assim, à noite a vida continuava, sobrevivia-se nos bares e botecos ao som de gracejos amargos. Ainda havia cerveja, a famosa Sarajevsko pivo, mas o sabor tinha mudado, agora ela era áspera, estranha, como aquele humorismo. Havia a esperança de que tudo acabasse antes do verão.

Encontramos uma nova *kafana*, descia-se uma escada e entrava-se numa grutazinha densa de fumaça. Mas pelo menos ali embaixo estava-se em segurança. A música da rádio Zid encobria os arrotos do céu, as sirenes dos alarmes. Para ir até lá, desafiávamos o toque de recolher. As moças vestiam roupas da moda, andavam maquiadas. Ana e Dragana dançavam abraçadas. Mladjo, o pintor, agora recortava silhuetas humanas em chapas de compensado das portas dos armários, pintava e depois deixava aqueles perfis no meio da rua, para zombar dos atiradores. Todos queriam se divertir, não se dar por vencidos pelos animais dos montes.

Às vezes Gojko trazia algum jornalista um pouco mais corajoso do que os outros, que queria ver Sarajevo por trás dos bastidores do cerco. Gojko fazia com que ele oferecesse bebida a todos, livrava-o de seus marcos. Ficávamos com os olhos fitos nos copos usados. Uma noite Gojko se levantou e declamou uma poesia para um amigo morto:

*Não deixaste nada
em tua velha casa,
só a cama desfeita
e um cigarro aceso.
Não deixaste nada
em tua velha vida,
só teu cão Igor,
com a bexiga cheia
à espera de tua volta.*

À noite passamos rente às paredes. Junto conosco, outras sombras humanas se retiram silenciosas como algas no mar. Movemo-nos num aquário negro. Não há luz, somente velas apagadas. A escuridão é total. A lua é a lanterna de um fantasma. A luz vermelha de um projétil de fósforo nos ilumina por alguns segundos, depois cai, como uma estrela cadente.

Estamos sós. Diego está com cheiro de cachorro, falta água. Lavamo-nos na mesma baciazinha.

Mirna pôs os óculos e começou a preparar a aula para seus alunos. A escola está fechada, mas ela e os colegas estão pensando em organizar pequenas turmas em domicílio. Quem pode, continua a ir a pé para o trabalho, os mais afortunados vão de bicicleta. Os bondes estão parados e não há mais gasolina para os automóveis.

Sebina ri, diz que seu prédio estava preto de poluição e que assim é melhor, sem carros.

Para sair, Mirna usa sapatos de salto. Sorrio, não são os sapatos mais adequados. Ela continua séria. Não pretende mudar de vida, saltar o dia todo como uma lebre. Seu casaco de gabardine também está em ordem. Aperta o cinto com um gesto decidido. Voltou a ter o manequim que tinha quando jovem, a maquiagem não é suficiente para esconder a palidez. Também não pretende sair de Sarajevo.

“Quem queria ir embora já foi. Nós ficamos.”

Digo-lhe que, assim que encontrarmos lugar num daqueles comboios para Zagreb ou Belgrado, partiremos. Digo-lhe que gostaríamos de levar Sebina conosco para a Itália.

“Para os estrangeiros é tudo mais fácil”, digo.

Minha afilhada me encara, cheia de ódio bósnio. Parece-se com aquele bisão que é seu irmão. Responde aos gritos que não tem a menor intenção de vir comigo, quer ficar com sua mãe.

“São apenas férias...”, tento lhe dizer.

Mas minha afilhada é a menina mais esperta de Sarajevo! Ela se acalma, cruza as pernas em sua pequena poltrona cor-de-rosa de superstar e diz, com a tranquilidade de um chefe de Estado, que férias são para os tempos de paz, e que eles estão em guerra. Em todo caso, estão melhor do que os outros, porque Gojko trabalha com os jornalistas estrangeiros. Mudaram o aquário de Sebina para a cozinha que dá para o interior do prédio, para o quadrilátero dos pátios. Gojko arranjou um pequeno gerador elétrico.

Baixa a escuridão, o aquário está iluminado. É uma bolha azul, fosforescente, naquele dilúvio negro. Ficamos ali como se estivéssemos em torno de uma lareira. Vozes que flutuam, como flutuam os peixes, narizes que mal se enxergam, azuis. Sebina está com o queixo afundado entre os joelhos, sorri com sua boca magra. Gojko caçoa dela, persegue-a com seu humor macabro, diz para

tomar cuidado, pois, com a fome que anda por aí, alguém poderia ter a ideia de roubar aqueles peixes, de pescá-los para comer.

Quando vou visitá-la, corre para mim com os patins ainda presos aos tênis luminosos que lhe dei. Brinca de imitar aquelas mocinhas que viu na televisão, que atendem nas lanchonetes americanas, de patins, minissaia e um rabinho branco. Curva-se sobre mim, põe à minha frente um prato vazio, um copo. Está com um bloquinho para anotar os pedidos.

“O que deseja, senhora?”

“ *Ušticipci* , *kolači* e torta de morango.”

Serve-me um livro, depois um pegador de cozinha, depois uma xícara de cabeça para baixo. Finjo me empanturrar mastigando ar. Ela ri. Diz: “Mas... uma bela torta de morango não iria mal”.

Faltam ovos, falta manteiga, mas podemos tentar com geleia de ameixa, óleo de sementes e farinha escura. Sai uma coisa dura, cozida na panela em fogareiro de acampamento, pontilhada de poros como um rosto cheio de acne. Mas lambemos os dedos. Ficamos ali espremendo os dedos nos pratos para catar os farelos. Depois aquele impacto que permanecerá por muito tempo nos ouvidos. A granada deve ter caído bem perto. O estrondo nos atinge pelas costas, de repente, ressoa dentro de nós. Tudo treme. Somente alguns instantes depois é que percebemos que escapamos por acaso. Por aquele acaso que em Sarajevo agora se chama milagre. Se estivéssemos onde estávamos anteriormente, antes de começar a fazer aquela torta...

O estilhaço está ali, rasgou o plástico da janela e se cravou na parede. Um pedaço de metal retorcido, pontudo como uma pá e mais comprido do que um braço. A parede ao redor está toda rachada, fendas profundas que mostram o que há por trás. Parece uma escultura, a obra de um artista conceitual. Aquela parede como terra gretada pela seca, aquele tição de ferro como uma grande pá maléfica. A imagem de Tito não caiu, ficou atravessada, mas continua pendurada em seu prego. Penso que Diego vai fotografá-la, esta imagem precisa de um testemunho.

O coração, como um pêndulo, oscila para a frente e para trás, conta os segundos. Nenhum desmoronamento. Esperamos com o ar preso na garganta que a casa violentada reencontre sua ordem. O

aquário dos peixes ainda está intacto. Sebina o contempla... contempla aquelas escamas multicoloridas que flutuam na água agitada. Contemplamos a vida que resiste. Aqueles peixes que tremem como os lírios na nova bandeira da Bósnia. É apenas um instante, e então a rachadura avança pelo vidro, invisível. Um choque submerso que estava aprisionado na água e só agora explode. O aquário se parte em dois, cai no chão em mil pedaços. Os peixes se reviram no pó, saltam com seus dorsos sujos. Sebina solta um berro, grito para ela não se aproximar, as lajes podem desabar. Mas ela se lança na poeira. E então alcanço-a, engatinhando, cercamos aquele pequeno tuguário periclitante para tentar salvar aquelas criaturinhas que não valem nada. E no entanto valem. Ou melhor, agora valem mais do que qualquer outra coisa... como o símbolo, como os lírios. Pego o balde, despejo um pouco de água numa panela, jogamos os peixes ali dentro. Mais tarde Sebina está com os olhos marejados de lágrimas que nunca saíram, observamos o movimento dos peixes naquela panela, naquela água turva de poeira. Estão todos vivos, menos um. Uma coisinha que boia, como uma bituca de cigarro.

“O pequeno morreu...”, sussurra Sebina, “meu *Bijeli* .”

Tento consolá-la. Já é um milagre que os outros estejam vivos.

Depois Gojko lhe trará um aquário novo, e só Deus sabe o quanto vai se bater até encontrá-lo. Mas Sebina o atormenta por dias e dias, não pode deixar os peixes na panela. Gojko se arrependeu de tê-los dado a ela. Porque não se encontra ração nem no mercado negro. *Porque as coisas vivas morrem* . Sebina não se acalma, agora precisa descer ao porão com muito mais frequência e ficar ali durante muitas horas. E não quer deixar seus peixes.

“Dói meu coração”, diz.

“Tudo o que amamos faz-nos sofrer, é uma regra...”

Pensa um pouco.

“É por isso que você não quer filhos?”

Fico com vontade de chorar, dou-lhe uma beliscadinha, sorrio.

“Você é suficiente para mim...”

“Não sou sua filha.”

“Um pouco é, sim.”

Ela me avalia com aquele ar insolente.

“Sim, um pouquinho...”

Faz o gesto com a mão, um tantinho de amor fechado entre dois pequenos dedos.

Naquela manhã as pessoas caminhavam tranquilamente, mulheres com echarpes, homens de gravata. Tinham de erguer o punho fechado e mostrar o dedo médio para aquela gente lá em cima, o clube dos três dedos chetniks. *É uma mensagem para eles, *enfim no rabo seus fuzis de precisão*. Aquelas echarpes, aquelas passadas comedidas, estavam ali para dizer isso. Para testemunhar que a vida continuava. A clínica de obstetrícia fora atingida, o edifício do *Oslobodjenje* agora servia de alvo para atiradores desocupados. Quem não tinha nada para fazer disparava-lhe um tiro. A cidade parecia vazia, depois se reanimava, como uma pastagem. Na parede embaixo de casa surgira uma frase:

esta noite não morremos .

Todas as manhãs eu olhava para ela através da janela, sentia um nó na garganta.

Ocorrera um abalo no dia anterior, o estádio Zetra na vila olímpica tinha se incendiado, a cobertura de metal tão querida a todos se derretera. Os bombeiros e os voluntários trabalharam durante horas. Agora as pessoas sabiam que, passando as piores saraivadas, a montanha se calava por algum tempo. Determinara-se o cessar-fogo, agora irrevogável, estipulara-se uma série de sanções a Belgrado. As filas eram inevitáveis. Para a água, para o pão, para os remédios... arriscavam a pele ficando ali todos juntos como pombos, mas aquele era um dia de confiança, de mulheres conversando nas calçadas, de meninos correndo entre pernas. Havia sol. Era a rua Vase Miskina, onde agora há uma das maiores rosas. A pequena porta ainda continua lá, não vendem mais pão, mas ela está ali.

Os nomes estão escritos em letra miúda, em ordem, ao lado da estrela e do crescente muçulmano, ao lado de um versículo do Corão.

Eram mulheres, homens, crianças a brincar... E não sabiam que seriam gravados no muro, infundavelmente fotografados pelos

celulares dos turistas. Era a fila para o pão, havia um perfume gostoso. Era um dia de confiança, de lebres pondo a cabeça para fora. Era final de maio, as andorinhas ciscavam os farelos de quem ia atirando nacos de pão pela rua. Houve alguns mais afortunados. Gente mais rápida, mais expedita, que tinha entrado cedo na fila, antes dos outros, e que acabara de ir embora com seu filão de pão ou um daqueles pães sem fermento e sem sal. Mas houve também quem continuou ali por acaso, que se pôs a falar, a trocar dois dedos de prosa com um conhecido. Caíram três granadas, duas na rua, uma no mercado em frente. E todos os que estavam ali voaram longe, como um esguicho. A praça virou uma cena de teatro, trapos vermelhos por todas as partes. Aquele horror vermelho, aquele pão encharcado de sangue poderia dar a volta ao mundo.

“Eu não imaginava que uma criança tivesse tantos miolos”, disse um velho apoiado numa bengala. “Não paravam mais de sair, aqueles miolos.”

Uma mulher estava sentada na mureta, não chorava. Abraçava dois filhos mortos, um aqui e outro ali, como flores cortadas. Uma outra tentava pegar de volta sua perna, ia atrás dela, arrastando-se nos cotovelos. Um homem era mais grotesco do que os outros. Caído, como uma daquelas luvas que as pessoas encontram na rua e deixam em algum lugar, pois o dono que a perdeu talvez passe por ali de novo. Pois é, ele estava ali como uma luva apoiada num daqueles tubos de ferro que dividem as ruas. Mas não tinha mais barriga. Apenas um grande buraco redondo, um pouco desfigurado. Atrás, viam-se as pessoas em fuga, as macas, e ele estava ali como um efeito especial.

Aquele dia Gojko parecia ensandecido, viera correndo, gritava para os jornalistas filmarem...

“Assim agora prestarão atenção em nós!”

Recolheu um pão, partiu ao meio, o miolo estava embebido de sangue rubro como molho de tomate. Ofereceu aos jornalistas.

“Está aqui, peguem e comam todos, é nosso sangue...”

Depois saiu em disparada, desesperado como Judas indo se enforcar.

Mais tarde a cidade ficou calada. Fora um dia de confiança. Chegaram aqueles jovens com uniformes de camuflagem e capacetes azuis como o céu... as pessoas tinham se iludido, achando que eram anjos da guarda, que tudo havia terminado. Mas agora o hospital estava repleto de carne para remendar. A montanha também estava em silêncio. As televisões do mundo transmitiam incessantemente aquela fita truculenta. E os animais lá de cima haviam se recolhido a suas tocas para beber *rakija* e festejar a fama.

Partimos dois dias depois. A energia elétrica voltara, todas as máquinas de lavar de Sarajevo começaram a funcionar à noite. Alcançamos o Zagreb num ônibus que tinha até ar-condicionado, era um daqueles que costumavam levar os peregrinos a Medjugorje. De lá conseguimos pegar tranquilamente um avião. Queria dizer tantas coisas a Diego, mas disse: “Um prato de espaguete, já pensou?”.

Diego sorriu.

Seus olhos estavam vermelhos, precisava levá-lo a um médico, era a primeira coisa que pretendia fazer. Agora eu pensava que Deus nunca mais nos lavaria os olhos.

* Saudação usada pelos nacionalistas sérvios. (N. T.)

Olho o céu pela janela

Olho o céu pela janela. O céu limpo dos homens em paz, dos aviões de turismo, das aves que migram e voltam. Desembarcamos daquele voo curto, sob a asa branca deste céu afortunado. Desta aragem do mar, de andorinhas que voltaram para se abeberar.

Meu pai veio nos esperar. Mais magro, com as lentes escuras de proteção baixadas em seus óculos de grau e uma de suas camisas soltas de presidiário em dia de passe livre. Ele nos abraça com um sorriso amplo, otimista. Como se voltássemos de umas férias. Logo abaixa a cabeça, pega minha mala, quer levar a de Diego também.

Parece um daqueles guias espertos demais, com o olho na gorjeta. E nós parecemos dois turistas. Desgrenhados, empoeirados. Voltando de um safári.

Como foi a caça? Trouxeram algum troféu? Alguma presa, algum rabinho ...

Sim, um rabo trouxemos, sujo, a deslizar atrás de nós, a se meter entre nossos passos. Um rabo ferido. É preciso dar-lhe tempo, alguns dias, e depois cairá... um pedaço de carne fedorenta que vai morrer. E voltaremos a ser nós mesmos, aqueles de antes. Bundas lisas e aperitivos ao sol.

Meu pai abre o bagageiro, guarda nossas malas. Diego deixa a mochila escorregar das costas. E é como se soltasse um pedaço de si mesmo, o corpo de um filho.

Senta-se atrás, estende-se no banco. Meu pai olha a estrada. Tem um sorriso apagado fixo na boca. Não pergunta nada, espera que eu diga alguma coisa.

Hoje de manhã meu pai está correndo, é um motorista destemido. Daqueles que dirigem ambulâncias. Transporta dois feridos.

Olho as placas de informações na estrada. Olho as largas pistas de asfalto liso que levam a Roma. Os carros com placas registradas, com os canos de escapamento em ordem, a tranquilidade daquele trânsito. Essa normalidade me parece um milagre, um efeito especial. Trago nos olhos aqueles carros queimados, as carcaças precárias. Viro para Diego.

“Como estão os olhos?”

Estão fechados, duas bolhas rosas, percorridas por pequenas veias... parecem ventres de passarinhos que acabaram de nascer. Meu pai se reanima, vai ligar para o hospital oftalmológico, tem um amigo lá, é o médico-chefe.

“Os olhos para um fotógrafo são importantes, são a mira e o ponto da mira.”

Diego lhe põe uma mão no ombro, sorri.

Passam os prédios. Elegantes, em estilo umbertino, depois os dos anos 20, sacadas geométricas como toldos de navio, os dos arquitetos dos anos 60, os barrocos do centro, que escoam o sol róseo dos crepúsculos romanos.

A aranha branca do Vaticano e ao redor as sombras das igrejas, o ouro das galerias de arte, o mau cheiro dos armazéns de tecidos, a voz rouca do gueto e a voz grave do potentado político, os bandos de turistas, um nobre reduzido a andrajos sentado à pequena barraca de raspadinhas, ao lado das pombas que examinam os músculos amarelos do Tibre.

Faz anos que quero ir embora e faz anos que permaneço. E hoje agradeço a Deus por este meu Ocidente de paz encardida.

As pessoas cuidam de suas vidas, saem das lojas, dos escritórios, atravessam a rua, vão comer um sanduíche, correm nas academias.

Tenho vontade de tudo. De abraçar cada uma das ruas, de caminhar horas a fio, devagar e com as costas retas. Saímos do

campo de concentração.

Em casa. O cheiro de fechado, do último pensamento que deixamos entre estas paredes. Na mesa há ainda um pacote de cartelinhas brancas, ultrassonografias e relatórios médicos, que escarafunchei, acorada no tapete, na noite antes de viajar. Dou um passo, entro, avanço. O som do relógio na parede da cozinha. A boca escura da geladeira desligada, vazias as cavidades para os ovos. O cheiro do tapete colado no piso. As fotografias de Diego, pés à espera do metrô.

Abro as persianas, empurro suas folhas contra os beirais encardidos. Uma serpente de sol desliza sobre as fotos. Diego sentou no sofá, deu alguns passos e parou ali, naquele fosso branco. Diz que todos aqueles pés em fila são uma merda, devemos tirá-los das paredes.

Não digo nada. Mas agora sei que nunca mais voltará a gostar de suas fotografias anteriores. Observa-as e diz que não parecem feitas por ele.

Abro, escancaro tudo. Deixo a luz entrar. Em passadas largas retomo meus metros de assoalho. Estamos a salvo, no ventre de nosso apartamento. Meu pai foi embora, não quis subir. Ajudou a pôr a bagagem no elevador, girou nos calcanhares e se foi.

“Durmam”, disse, “fechem as persianas e durmam, recuperem-se.”

Por sorte havia coisas a fazer. Passar uma esponja na mesa da cozinha, estender lençóis limpos na cama. Diego me ajuda, começa a lavar o chão. Esfrega o pano como se estivesse esganando alguém, arremessa-o no piso. É um desabafo que nos vem por acaso, uma cura. Poderíamos não nos importar, sair, chamar uma faxineira. Mas estamos com vontade. Agora de manhã é um privilégio podermos nos mover, passar pela frente das janelas escancaradas. Não há nada melhor do que limpar uma casa... reagir fisicamente contra a inércia, contra os pensamentos reprimidos. Enchemos um daqueles sacos grandes de lixo, Diego joga fora montanhas de provas de contato, de fotografias de merda, eu jogo todos meus exames, minhas ultrassonografias. Encerrei. Abraçamo-nos no meio do

salão, suarentos, sujos com o pó de Roma. Viramos ao mesmo tempo para a janela, como se fosse para uma fotografia. Ou para um atirador. Quem sabe se o tabelião do prédio em frente não instalou um fuzil de precisão no orifício do ar-condicionado.

Mais tarde descemos, vagamos pelo mercado, entre as bancas cheias de verduras da estação, o vermelho dos tomatinhos, as caixinhas de cerejas, os maços de catalonha mergulhados em água. Agarramos a vida, fazemos as compras. Diego pôs sandálias, foi procurar no quartinho e as prendeu nos pés, aquelas sandálias de apóstolo. Algumas pessoas nos cumprimentam, perguntam onde estivemos.

“No exterior”, dizemos. No exterior.

Enchemos a geladeira de coisas para comer, preparamos uma salada de todas as cores. Entupimo-nos de vitaminas. Comemos pão fresco, abrimos também uma bela garrafa de vinho branco. Pus os pés em cima da mesa. Diego os acaricia. Está com os olhos fechados e um baseado na boca.

Não falamos. Sabemos tudo. Não é preciso falar. É preciso que o corpo aproveite esse tempo bom, estivemos no além e voltamos.

É noite. Fito-o ao lado do vidro que nos separa do mundo, das vozes da rua, das pessoas que voltam dos restaurantes. Percorre com a mão aquele milagre de um vidro intacto, colado em sua armação de madeira. Vimos todas aquelas telas de plástico nas janelas como ataduras nos olhos de um ferido. Eu me pergunto quando conseguiremos de novo ultrapassar o vidro e olhar além dele.

Retomamos a vida de antes, interrompida. E foi como carregar nos ombros o corpo de um amante que não amamos mais, pelo qual sentimos um triste afeto, um senso de dever que nos oprime. A ducha da manhã e depois sair, ao encontro daqueles dias que simplesmente não parecem mais nossos. Diego se empenhava, saía como nos velhos tempos, reencontrara sua motocicleta, suas camisas brancas, parecia o mesmo. Eu ficava ao lado da porta, costas na parede, respirando. O silêncio da casa me afligia, sem me dar conta andava como em Sarajevo, sob as paredes principais, como se temesse um desmoronamento inesperado.

Estou no escritório. O diretor reclamou de minha longa ausência.

“Gemma, você é a redatora-chefe.”

Abri os braços: “Provisória...”.

Olho os computadores cinzentos, os rostos dos colegas... Viola me traz um cappuccino do bar, um croissant. Não me deixa em paz, apoia a bunda em minha escrivaninha e fala, fala. Creio que, se morasse em Sarajevo, não sobreviveria, não é esperta, é preguiçosa, tem pouca consideração por si mesma... não, sua bondade não a levaria ao outro lado da rua. Um atirador se colaria em seus passos, iria se divertir. É a clássica presa. No final das contas, eu também sempre me aproveitei dela, apenas me entretive com ela, nunca a considerei à altura de qualquer verdadeira confiança. Observo os colegas de redação, rapazes cansados, como eu, formados às pressas e depois encaçados. Pequenos tubarões envelhecidos nesse charco de sapos. Imagino atingindo-os, perfurando-lhes a testa, vendo-os descaírem em seus míseros postos de comando. Quantos colegas eu não tiraria da frente hoje... suas minúsculas idiosincrasias, suas vozes lamuriantas.

Ligo para Diego.

“Como vai?”

“E você?”

Estamos fechados em nosso silêncio. Não falamos. Nós dois fazemos a mesma coisa, tentamos tomar distância. Afastarmo-nos daqueles dias interpondo outros dias, esses dias que custam a passar.

Escrevo um artigo sobre esterco. Na Índia é usado como combustível, na Noruega um homem construiu uma casa. Há um pensamento que me consola, que emballo como uma boneca. Estou contente em não ter filhos. Ontem à noite vi na televisão aquele menino morto, a mãe lavava seu corpo para sepultá-lo. Estava na cozinha, cortando o pão, soltei a faca. Fiz o sinal da cruz. *Boa viagem, vida inútil*. Desliguei a televisão, recomecei a cortar o pão. *Aquele menino não é seu, Gemma*, disse a mim mesma. *Você não tem filhos, sorte sua*.

Vamos jantar na casa de alguns amigos. Voltamos à normalidade, às roupas na tinturaria. É o aniversário de Duccio. Depois do inverno reabriram o terraço, embaixo corre o Tibre

dourado pelas luminárias dos eventos de verão, lançamentos de livros, bobajadas. Há o Castel Sant’Angelo, seu anjo que se projeta na noite. Pus sapatos de salto, um vestido decotado sem alças. Diego veste seu paletó de linho de trama larga, está com os cabelos soltos, as costeletas compridas. Estamos fartos de nos entristecer, queremos sair de mãos dadas, de banho recém-tomado, bem-arrumados. Hoje à noite estamos bonitos como dois artistas de cinema. Uma taça de champanhe imediatamente, depois outra, apanhadas na bandeja de prata do garçom que não tem rosto, apenas um braço branco estendido para nós. Taças divinas, opacas de frescor. Duas para cada, para começar a nos sentir bem.

São pessoas do meio de Diego, mundanidade com pinceladas de cultura. Um pouco de tudo como nos tira-gostos, um ramo verde e uma cenoura, uma tira de pimentão e um rabanete.

“Olá, como vai?”

“Bem, e você?”

Comemos alguma coisa, um canapé de lagosta, um grissino envolto em presunto.

Encontramo-nos num canto da varanda, uma mão no ombro, os olhos polvorosos... observamos o lento ruminar da festa. Depois Duccio se aproxima com um sujeito, diz algo sobre Sarajevo, diz que estávamos lá. Deixa-nos com essa cara de cera mole, essa carpa de óculos e charuto, nem sequer odioso demais. Quer saber, quer falar. É um jornalista, daqueles que ficam sentados na redação e mandam os jovens para os serviços externos.

Não estamos com vontade de dizer nada, resmungamos alguns sins e alguns não. De qualquer forma, a carpa fala sozinha, já sabe tudo pelas notícias da imprensa. Dali a pouco apinha-se gente ao nosso redor. Arrastam-nos para o grande sofá de ratã. Sarajevo e aquela guerra estão na moda, são o luto do ano. Pode-se abanar a cabeça, falar mal da América e da Europa. Todos querem notícias recentes sobre aquela cidade transformada em campo de lebres para ser abatidas a tiros. Faço esforço em lembrar, em restituir dignidade humana àquelas lebres. Mas como falar do odor daquelas casas tranquilas, melhores do que as nossas, da coragem das mulheres em sair, em se maquiar... como falar daquela mão sem vida, um rastelo de carne, imóvel no pó?

O jornalista de gabinete agora pôs seu disco do ódio étnico entre raças bárbaras. Um modernoso e uma intelectual discutem, o homem diz que a Europa tem medo do Islã, a mulher diz que não, a Europa tem medo da Alemanha, de seus bancos, de suas fábricas, como na Segunda Guerra Mundial.

Sempre causa boa impressão falar de política internacional, não se diz nada de útil para o mundo e nada de verdade sobre si mesmo. O menino morto, cujo cadáver a mãe muçulmana lavava, não passa de um traque. Neste terraço joga-se Risiko.

“No que está pensando?”

“Em Gojko.”

Se fosse ele, jogaria os copos, derrubaria as bandejas de canapés no chão. Ou talvez vendesse o cu em troca de uma boa gorjeta, ocuparia o centro das atenções, falaria um monte de abobrinhas. *Pois a verdade é evidente demais, tola demais, e todos querem se sentir inteligentes...*

Aquela guerra tão próxima e tão violenta desencadeia uma curiosidade mórbida. A mulher ao meu lado é boa, coça uma perna já bronzeada, fita-me com um ar sinceramente penalizado. Contribui com um depósito postal para a Caritas de Sarajevo. Tento falar algo sobre aquelas pessoas gentis e esclarecidas que conheço, sobre aquela infinita dignidade. Anui, mas não parece interessada. O Leste tem seu estereótipo, seu mau cheiro.

Diego não fala, nunca falou. Está com uma mancha de vinho tinto no paletó de linho. Que mandaremos para a tinturaria.

Há ali uma mocinha, a filha de alguém, cabelos bastos, seios pequenos como tremoços. Adora o trabalho de Diego, adora as poças. Ela também pergunta sobre Sarajevo, a cidade da moda. Diego a toma pelo braço, leva-a até a balaustrada que dá para a margem do Tibre, para o presépio romano da cidade santa, da aranha branca. Estende um braço e começa a atirar, ratatá, ratatá, ratatá...

A mocinha não entende, ri. Depois retrocede.

O fotógrafo está meio alto, mira as vespas que passam, os playboyzinhos parados na barraquinha que vende bebidas coloridas, grita: “*Enjoy Sarajevo ...*”.

Todos se voltam para ele. Aproximo-me, finjo rir.

“Vamos para casa, meu amor. Já é tarde.”

Duccio está na porta, suspensórios vermelhos sobre uma camiseta preta.

“Que merda deu em você?”

Diego pega os suspensórios, puxa e solta. Duccio recebe aquela descarga elástica, a última rajada do fotógrafo bobo.

Uma noite Diego grita. Estou fritando os ovos, corro para a sala. Gojko está na tevê. É sempre o mesmo, está vivo, os cabelos mais crescidos. Fala em italiano, diz: “Esta guerra não é um problema humanitário, precisamos nos defender. Mandem kalashnikovs em vez de pacotes de macarrão!”.

O repórter está tentando pegar o microfone de volta, Gojko segura. Agora grita em sua língua, está irritado com Mitterrand que foi dar um passeio em Sarajevo, e está irritado com os capacetes azuis da onu que ficam lá *como semáforos quebrados...*

“Está bêbado?”

“Completamente.”

Sobre nós permanecem por um bom tempo os olhos alucinados de Gojko, de nosso amigo poeta que hoje à noite parece um sobrevivente do Vietnã.

Os ovos queimaram. Comemos um pedaço de queijo.

* * *

Esperamos que a guerra acabe. Enquanto isso, uma granada nos grandes armazéns, uma na rua Titova, outra na praça Rade Končar. Diego se irrita com a televisão, briga com o enviado com colete à prova de balas e uma pashmina de verão. Diz a ele: *saia da frente, deixe-me ver o que está atrás de você*. Passa de um canal a outro, em busca de noticiários. As matérias são sempre as mesmas, repetidas até a última edição. Mas ele não desgruda da tela. Revê aquelas imagens como se esperasse encontrar algo que antes lhe escapara... como nas poças, nas fotografias.

Procuramos nossos amigos entre aquelas figuras assustadas que atravessam rapidamente a tela nas matérias sobre Sarajevo. Não olhamos os mortos, recuamos um passo.

Procuro o sorriso de Sebina, com uma falha na frente, onde caíram os dentes de leite. Que fim levou minha afilhada? Escrevo-lhe uma carta quase diariamente, mas nunca recebi resposta. Pergunto-me se aquele prédio com grades azuis ainda está de pé... olho a tevê, escrutino a tela. Por que não mostram aquela rua de Nova Sarajevo? *Aonde você vai com essa filmadora?*

Tenho a impressão de que enquadram sempre as mesmas ruas, os mesmos prédios. O cameraman anda alguns passos, depois volta a se enfiar no saguão do Holiday Inn, nos sofás da imprensa internacional.

Quase todas as noites tentamos entrar em contato com Gojko. O telefone se enche de vozes desconhecidas, incompreensíveis, frequências de rádio ou sabe-se lá o quê... parece o ruído de um estômago que digere mal.

Hoje à noite o jantar queima outra vez, carboniza-se na panela. Está passando uma matéria sobre o zoológico de Sarajevo... a pantera e os babuínos estão mortos, presos em suas jaulas. O zelador não pode mais passar para alimentá-los, dar-lhes água. Contemplo aqueles corpos forrados de pelagem imóveis na poeira, meu rosto fica coberto de lágrimas. Talvez chore pelos animais porque não choro pelos seres humanos. Choro porque me lembro daquele dia com Aska no zoológico, ela tinha comprado um saquinho de avelãs, enfiava a mão entre as grades, distribuía o alimento... depois entrara naquela jaula vazia e ficara ali, balançando a cabeça.

Esta noite também comemos queijo. Diego brinca com as cascas, compõe uma letra A. Noto depois, enquanto recolho os pratos.

Diego faz seu trabalho, levanta, veste a roupa, tira o cavalete da moto, parte. Agora vai com frequência a Milão, trabalha o dia todo e depois se joga no último avião noturno.

“Como foi?”

“Bem.”

Quando volta, tento lhe perguntar alguma coisa, mas percebo que ele se esforça para não ficar nervoso.

“Não acontece nada, você sabe...”

“Quem estava?”

“Os mesmos. Quem você queria que fosse?”

Aproxima a cabeça, esfrega-se com seu cheiro. Pede desculpas, os olhos o deixam louco, culpa das telas negras que atraem o pó, daquelas malditas luzes. Lava-se sob o jato de água fria na cozinha, ergue-se com os cabelos molhados. A água escorre pela camisa, ela seca quase de imediato. Da rua eleva-se um vento quente como um secador. Como Gojko e os outros estarão se virando sem água?

Comemos na cozinha, sentados nos lugares de sempre, um diante do outro, na mesa que sai da parede sob a janela. Gostamos, é como comer num trem. Pode-se contemplar lá fora, lançar um olhar para a rua, para os passantes. Diego mastiga olhando um pouco a noite. Depois pega minha mão, abre meus dedos na mesa, lentamente.

“Quer saber o que fiz hoje?”

Toca minhas veias, insinua-se nos espaços entre um dedo e outro. Um gesto cansado como sua voz. Gagueja um pouco hoje à noite.

“Fotografei o dia todo uma lata de atum.”

Antes fechada, depois aberta. Passou horas procurando a luz adequada para iluminar os veios do atum, para que o óleo brilhasse.

Rimos, conta-me que havia uma maquiadora para o atum, que o umedecia constantemente com óleo, que o trocava tão logo se alterava um pouco sob a luz, levava-o a um camarim como uma modelo cansada. Conta que usaram uma montanha de atuns, que em todo caso não eram destinados ao comércio, pois o atum que vai para as latinhas, nem é preciso dizer, é de pior qualidade. Não é o filé, são aparas.

“Portanto é uma fraude.”

“Como tudo.”

“O mundo se degradingola”, diz, “e nós com ele.”

Ri, mostra todos seus dentes tortos.

Não comeu quase nada.

Temos cerejas, abraçadas aos pares como os apaixonados.
Engole algumas, sem sequer cuspir o caroço.

Diz mais uma vez: “Fotografei o dia todo uma latinha de atum”.

Levanta da mesa com dois pares de cerejas nas orelhas. Dá três passos e vomita no tapete. Pede desculpas, diz que não deu tempo de chegar até o banheiro.

“Está passando mal?”

“Estou bem.”

No domingo ele se fecha na câmara escura. Passa o dia ali, entre bandejinhas e líquidos. O olho no ampliador, passando os negativos naquele plano de luz. Gosta de ficar enclausurado naquela prisão, o único canto realmente seu em nossa casa.

Não vendeu uma fotografia sequer de Sarajevo. Preparou poucas ampliações e ficou com elas, jogou-as num montinho cinzento.

A faxineira somali vem limpar nossa casa, às vezes traz sua menina. Não me incomoda mais com isso, pelo contrário, gosto de vê-la sentada num cantinho da cozinha. Fico serena quando ela está, e fico serena quando ela vai embora. Não sinto nada.

A mãe esvazia o cestinho de Diego, há algumas fotografias rasgadas. Um dos pedaços cai no chão. É em preto e branco, portanto não se vê o vermelho dos cabelos, mas aquela madeixa e aquela metade de olho claro são de Aska. Quando percebo, é tarde demais, a mulher já levou o saquinho do lixo. Resta apenas aquele pedaço, contemplo-o, jogo-o fora.

Estamos em agosto, quase todos saíram da cidade. Ficaram apenas os reféns, os velhos, os indigentes, os deficientes... os doentes terminais que não podem sair dos lençóis dos hospitais. A tevê mostra as imagens das estradas congestionadas de veículos. O bar fechou, o restaurante também fechou, pelas janelas já não vem o perfume de bifês e alcachofras fritas.

Encontramos um lugarzinho que não vende bebidas alcoólicas, tomamos leite e café de cevada junto a clientes pobres do bairro, mulheres gordas, de chinelos, com aventais desabotoados até as coxas, velhos com camisetas regata. É um centro recreativo para dependentes de não sei o quê, deixam-nos entrar porque é verão, no inverno usam como salão de baile, dançam aquelas danças empertigadas de antigamente, como marionetes. Há um caramanchão e uma quadra de bocha com uma lâmpada branca de campo de concentração, homens de idade estão a jogar. Preso à parede, um daqueles instrumentos mortíferos com lâmpadas azuis que atraem os insetos noturnos. Está ali por causa dos pernilongos, mas todas as noites mata uma infinidade de borboletinhas. Os corpos carbonizados caem na base de metal que serve para recolhê-los e depois será esvaziada. Bebericamos cevada e ouvimos aquele som terrível, o choque, as asas eletrocutadas. É a trilha sonora de nosso verão.

Antes eu não conseguiria sobreviver nem sequer alguns minutos num lugar assim. Mas agora não me importa, deixo que as borboletas caiam e morram. Diego parece uma criança, com esse copo de leite que lhe deixa bigodes. Acende um baseado, um velho sente o cheiro estranho, vira-se para ele. Diego levanta o baseado.

“Droga”, diz.

O velho acena com a cabeça, joga a bocha, faz o ponto.

É um daqueles lugares onde as pessoas não amolam, cuidam da própria vida. É um bairro de desesperados, de clandestinos, alegres casos-limite. Rodamos um pouco de moto até encontrá-lo, agarrados nessas noites de verão. E não foi por acaso. Porque em todas as cidades, sabendo procurar, existe um lugar que lembra a guerra.

E Diego diz: “Quero voltar lá”.

Diz isso enquanto o instrumento dá choques. Mas aqueles tolos bichinhos noturnos não veem que fim terão? Por que entram em fila para encostar naquela luz, para morrer? Mas que raios isso me importa. Estou bêbada de cevada, estou com as pernas meio abertas na cadeira de plástico, as partes moles suadas. Diego está cinzento. Não tomou sol nenhum dia, está com a camiseta que usava para correr, de um branco velho, tem os olhos de um pássaro malcuidado.

“Pingou colírio nos olhos?”

“Quero ficar cego”, ri.

Na verdade faz tempo que sei disso, que sinto isso. Ele nunca voltou de fato. A paz não é esta. E Aska veio conosco, seguiu-nos nessas noites de falsa trégua.

“Quer voltar para ela, não é?”

Não responde, sorri, seus lábios se encrespam levemente. Não posso sequer ficar brava. Como é possível ficar brava com um filho triste?

Nas escadas de casa dou-lhe alguns pontapés, deixo-o ir na frente e depois me atiro sobre aquela camiseta de rapazinho, grito que vi aquele pedaço de fotografia, que vi a letra A que ele fez com as cascas de queijo.

Diego se vira, protege-se com os cotovelos.

Entro em casa e jogo as coisas no chão, nem acendo a luz, vou direto para a câmara escura, reviro tudo, derramo as garrafas com as soluções, jogo no chão o exposímetro e as objetivas.

Diego não se mexe, observa-me do sofá, plácido como uma lagartixa.

Mais tarde diz: “Caramba, olhando por cima, você causou uns cinco, seis milhões de prejuízo...”.

Estou recolhendo os pedaços, engatinhando. Peço desculpas, estou tão sentida por ser eu a formiga, por ser eu a mais tacanha. Ele não dá a mínima.

“Era necessário um pouco de raiva”, diz. Aliás não lhe desagrada descobrir que ainda sinto um pouco de ciúme dele.

Ele me chama, com a voz dos velhos tempos: “Venha aqui...”.

Ele me beija longamente na boca, depois passa a língua em seus lábios, diz que sou o sabor de sua vida.

No banheiro, enquanto removo a maquiagem dos olhos, contemplo meu rosto. Não gosto. Sempre vejo apenas meu oco. Como posso sentir ciúme daquela pobre moça que está morrendo junto com sua cidade? Daquela ovelha punk que dança perseguida pelo lobo?

Mais tarde assistimos televisão, hoje à noite, risadas, um programa estival de brincadeiras, filmes amadores, gatos que lambem papagaios, esposas que perdem as saias, crianças que tropeçam cem vezes.

Assim demos uma sacudida em nós mesmos. Deixamos o campo vazio da cidade no verão e vamos visitar meu pai na praia, para lhe fazer companhia, para mudar de ares.

Vamos de moto, abraço Diego no vento quente da estrada, do asfalto amolecido. A casa tem seu cheiro de outrora, como se tivesse permanecido refém do tempo. O cheiro de minha avó, da comida que cozinhava, de seu suor após o longo passeio voltando da praia. O cheiro de seus suspiros, de repreensão. A quem? A mim? Aos peixes?

Meu pai sai de manhã cedo para passear com o cachorro ao longo da linha de arrebentação, enquanto os salva-vidas rastelam a praia, abrem os guarda-sóis dos estabelecimentos.

É um mar nojento, plano, viscoso.

Diego toma banho meio entristecido.

“Não se vê nada”, diz.

Vamos embora antes que cheguem as raquetes, os rádios, o creme de coco.

Do outro lado do mar está aquela costa dilacerada. As ilhas onde até o verão passado se ia com as lanchas, com os barcos de cruzeiro, mesmo que só por um dia. Nos dias claros aparecem os perfis daquelas rochas abandonadas pelos banhistas, que ninguém mais olha, como se pertencessem a um outro mar.

Aqui as pessoas tomam banho de mar, chupam picolés, compram biquínis, túnicas de gaze, negociam com os ambulantes carregados como camelos, arrancam o melhor preço debaixo do sol escaldante.

Aqui lembro de mim mesma, nesta água rasa de que nunca gostei. Da vez em que fui picada por um peixe-aranha e senti aquele choque que me paralisou uma perna, e veio aquele rapaz que me curou com amoníaco. Foi a primeira vez que olhei para um homem.

Meu pai diz que descobriu que essa porcaria de lugar não lhe desagrada. Ele também não se entendia com a mãe, com aquele corpo vibrante de ansiedade, de reprimendas murmuradas. Mas, pensando agora, coitada dela também, que tomava o ônibus em Roma para vir trocar os lençóis dos hóspedes, para brigar por causa dos estragos nas paredes, na banheira. Uma noite conversamos a

respeito, com Diego a nos ouvir. E a certa altura meu pai me pede desculpas por ter me deixado aqui todos aqueles verões.

“Não se pode largar as crianças e deixá-las tristes. Nem os cachorros, quem dirá as crianças...”

“Vocês trabalhavam, pai, não havia outra maneira.”

Reflete um pouco.

“Sempre há uma outra maneira”, diz.

Desde que minha mãe morreu, ficou mais duro consigo mesmo. Diego o contempla. Sempre sentiu falta de um pai, e hoje à noite percebo que quis vir aqui para procurá-lo.

Esta noite estamos bem, comemos na cozinha com a porta aberta para a sacadinha, estreita demais para pôr uma mesa. É um apartamento modesto, de paredes finas, ouvem-se as vozes dos outros veranistas, das televisões ligadas. Não se vê o mar, apenas as antenas. Meu pai fez mariscos ao molho, preparou algumas frituras.

É o primeiro bom jantar depois de muito tempo, embebemos o pão no molho dos mariscos. Abrimos outra garrafa de cerveja. Meu pai fuma, fala de minha infância, de quando eu era uma menina antipática, introvertida demais para agradar a qualquer outra pessoa, e assim ele tinha apenas a mim e eu tinha apenas a ele.

Diego aproveita a ocasião e pede-lhe que conte como eu era. E meu pai se põe de pé e me imita. Como eu costumava ficar com os braços, sempre cruzados, sempre um pouco presunçosa. Fico triste ao lembrar como eu era.

“ *Madre Abadessa* , dizia a avó...”, ri.

Dou-lhe um tapa no braço.

Diego nos olha, é uma noite suave.

Ainda não sabíamos, mas é a última noite que passamos juntos. Porém talvez alguém lá no alto saiba. Paira uma estranha luz sobre nós, é Deus iluminando a despedida.

É a última ceia do jovem apóstolo. Está com os cabelos molhados presos em um rabinho porque tomou banho de mar. Tem um baseado na boca, meu pai pede para dar uma tragada.

“O que está fazendo, pai?”

Dá de ombros: “Ora...”.

Meu pai foi dormir rindo, nós descemos para tomar um sorvete. Havia uma loja iluminada na noite, clientes dançando num círculo de cimento, moças com a pele escura como negras, com grandes brincos brancos, franjas caindo nos olhos como schnauzers, e rapazes com cabelos com gel e camisetas justas, espalhafatosos.... turismo local transbordando do interior para a praia.

Depois Diego me pede para fazer amor. Fecha os olhos. Reconheci aquele mendigar de cachorro cego, recém-nascido, que procura uma teta no escuro... estávamos ali na praia como dois adolescentes, ouvia-se o ribombar da discoteca e as vozes vindas da loja...

“Vamos para casa...”

Ele me arrastou na areia, entre as cadeiras. Agarrou-se a mim como um remo a seu tolete e começou a lutar naquela quietude noturna como se tivesse de me conduzir a salvo em meio a uma tempestade.

Na manhã seguinte acordei sozinha. Voltamos para dormir no apartamento, a cama desarrumada estava suja de areia. Pensei que Diego tinha ido àquele bar onde havia doces e um expositor de jornais. Ele se levantava com fome, o jejum era a única refeição indispensável. E por um momento imaginei sua figura satisfeita, sentada a uma daquelas mesas de plástico, aproveitando o sol.

Desci para fazer algumas compras, vi a garagem aberta. Meu pai estava ali, arrumava as prateleiras, limpava uma chave inglesa enferrujada com um pano embebido de aguarrás.

“Onde está Diego?”

Eu trazia metade de uma abóbora num saquinho junto com tomates, deixei cair. Apoiei-me na parede, ela estava fresca.

Meu pai ergueu os olhos da chave inglesa. Deu dois passos em minha direção. “Desculpe.”

Fala lentamente, como falava com seus alunos. Escuto-o nesse clima irreal, nessa garagem que parece um hangar. Ele me diz que

Diego veio aqui para isso, para ir embora, pois Ancona fica a dois passos daqui. Ele tentou dissuadi-lo, mas... Sacode a cabeça.

Então ele foi até uma loja de artigos militares e comprou um colete à prova de bala.

“Daqueles bons”, diz, “com as placas... aqueles que usam na Irlanda do Norte...”

Está com os olhos brilhantes de um insano. Fito-o e penso que enlouqueceu.

Observo esse pobre velho enquanto experimenta o colete à prova de bala, bate, dá-lhe socos, para ver se resiste. E depois deposita-o nos ombros magros daquele filho que nunca teve, daquele rapaz que ama e deixou partir, como um filho que vai para a guerra.

Bate na cabeça com o nó dos dedos.

Agora está com aquele ar inútil de desespero e culpa. Quase me pede para ajudá-lo.

No hangar está minha bicicleta da infância com seu cestinho branco. Juntos pedalávamos sob os pinheiros, eu na frente, ele atrás. Odeio toda minha vida... minha infância e esta idade adulta sem frutos.

“Pronto, pegue...”

É uma folha de um bloquinho quadriculado, dobrada. Sem sequer um envelope, como se o pudor já não fosse necessário.

Uma linha.

Meu amor, estou indo. Diego.

Em Roma, sonhei com aquela viagem quase todas as noites. A moto que arrancava através das trilhas rastreadas pelas milícias irregulares. Via o rosto do rapaz, os olhos fatigados que cavavam o escuro daquela terra agora sem luz.

Vivia na frente da televisão. Assim vi o incêndio da Biblioteca Nacional. O locutor dizia: *a cidade está envolta numa chuva de cinzas*. Todos os livros guardados ali por séculos, reduzidos a um enxame denso de asas negras. Uma nevasca cinzenta, num dia de agosto, sepultava a memória dos homens. O símbolo daquela cidade aberta, de culturas mescladas como a água. Agora o Miljacka estava

negro de fuligem, uma longa tarja fúnebre corria em seu leito. Achei que não restaria nada. Relembrei a moça magrinha de óculos que pegava os livros nas prateleiras e levava-os entre os braços pelo longo corredor, em pilhas de três, quatro volumes no máximo. Andava com cuidado, atenta, com medo de deixá-los cair, como se carregasse no colo uma criança pequena, depois punha-os ao lado dos estudantes junto com a folha com o regulamento e pedia que virassem as páginas devagar.

Agora devia estar ali, engatinhando, ensanguentada de fuligem, entre os outros rapazes daquele cordão de voluntários que tinham começado a cavar para tentar salvar alguma página, algum pedaço de si naquele martírio. Tive a impressão de ver Diego num relance, mas não era ele, era outro.

Depois ligou.

“Sou eu.”

Sua voz metálica, mas incrivelmente próxima.

“Onde? Onde você está?”

Estava no Holiday Inn. Falava de um telefone via satélite de um repórter de televisão de um canal canadense. Ouvia-se um barulho infernal, estava no saguão e alguém ao seu lado gritava em inglês, também ouviam-se risadas, mais distantes, porém audíveis.

“Como vai...? Fale mais alto!”

“Bem, estou bem.”

Parecia incrivelmente tranquilo.

Perguntei sobre a viagem. Fez uma pausa, parecia já ter se esquecido. Disse que passara por Medjugorje, assistira a uma missa... o único homem entre um bando de camponesas em lágrimas. Nos enclaves sérvios, os rapazinhos o tinham saudado levantando os três dedos. Fora parado por todos, pelos sérvios, pelos croatas, pelos boinas-verdes muçulmanos, mas o crachá de imprensa e algumas centenas de marcos tinham sido suficientes. O último trecho, o mais insidioso, a passagem do Igman, estava protegido por três blindados da onu que escoltavam alguns caminhões de ajuda humanitária.

Queria lhe dizer tantas coisas... Esperava aquele momento fazia mais de seis dias, fechada em casa sem nunca me afastar do telefone, e agora estava totalmente despreparada.

Falei uma bobagem.

“Não atiraram em você?”

Fez uma pausa, ouvi que tossia.

“Não, ainda não...”

Perguntei de Gojko, de Velida e Jovan, de Ana e dos outros.

Estavam todos vivos.

“E Aska? Você a viu?”

Fiquei com o telefone na mão, largado sobre as pernas, a emitir aquele som reiterado, sem me decidir a desligar, como se ele pudesse voltar da distância...

Tinha atravessado incólume todos aqueles quilômetros de vilarejos incendiados, de minas, de pontes explodidas, e voltara à cidade da qual todos tentavam fugir. Fizera a viagem em sentido contrário ao dos comboios lotados de refugiados, órfãos fugindo do cerco. Agora estava ali, naquele esquite.

Liguei para meu pai.

“Ele chegou.”

E o ouvi chorar, desobstruir aquela garganta embargada.

“Ele falou onde está dormindo?”

“Não sei nada, pai.”

Meu front era esse. Essa cidade tranquila. Essa casa limpa e vazia sem Diego. Não havia mais seus jeans, suas bitucas espalhadas, os rolos de filme que corriam para debaixo do sofá. A desordem era toda dele, e talvez dele fosse a vida. Sozinha eu não sujava as coisas, não existia. Era neutra, inodora. Comia e já retirava o prato. A cama estava sempre feita. Eu ficava na frente do piano. Parecia-me uma grande urna branca que guardava as cinzas de nossos melhores dias. Esperava a paz, as resoluções da onu . Ouvia

o papa que implorava a deposição das armas. Mas enquanto isso, em Genebra, os mandantes do horror tomavam água mineral.

Ele estava lá, no front que escolhera. O dos vidros explodidos.

No meio, essa terra de ninguém que era meu corpo abandonado, como a terra queimada, abrasada por rajadas de metralhadora, entre duas trincheiras. Por onde um esquilo passa ao acaso no amanhecer e olha em torno, sente a presença humana, mas não vê os homens escondidos atrás dos sacos de areia.

Assim vagava eu, incrédula, perdida.

Continuava a dar os farelos para nosso passarinho, deixava-os no parapeito, ele era desconfiado. Estava acostumado com a mão de Diego, do rapaz que abria a janela de peito nu mesmo no inverno.

Ia quase todos os dias ao Ministério do Exterior para ter notícias, esperava horas para falar com um funcionário.

“Preciso alcançar meu marido.”

Queria uma autorização para embarcar num daqueles aviões militares que iam para a Bósnia.

“É um risco muito grande, é melhor esperar.”

“Não aguento esperar.”

Tinha decidido atravessar a terra de ninguém para alcançar o outro front. Depois, um telefonema de Gojko. Sua voz rochosa, rouca de cigarros. É um amanhecer de setembro. Diego está bem, está hospedado na casa dele, na casa comunitária. Telefonar é extremamente difícil, quase impossível. Está com pressa, liga do bunker da televisão, é um telefone via satélite, um amigo está lhe fazendo um favor.

“Como vai? Como estão?”

“Resistimos.”

Os telejornais dizem que a cidade está completamente destruída, que quase todos os edifícios foram atingidos. Gojko responde:

“Não, ainda estamos de pé”.

Pergunto de Sebina. Ele me diz que ela não pode mais treinar.

“Mande-a para a Itália.”

“É muito difícil sair agora.”

Volto ao Ministério do Exterior. Fiquei amiga de um funcionário, um rapaz jovem com uma grande gravata, esfuziante e otimista como um corretor de imóveis.

“Escreva-me o nome e o sobrenome dessa menina.”

Paro com a caneta na mão. Sinto a cabeça cheia de água, onde não flutua mais nada.

“O endereço, a senhora lembra?”

“... é uma rua larga, em Nova Sarajevo...”

O rapaz me olha chorar.

“Aceita um café?”

É começo de setembro, a televisão diz que às portas de Sarajevo, nas encostas do monte Zec, caiu um avião militar em missão de paz, um G222 do exército italiano. Transportava um carregamento de cobertores para o inverno. Caiu com uma asa quebrada, destruída por um míssil. Jovens esposas esperam o resultado das buscas, atônitas diante de seus aparelhos de tevê. Os heróis são trapos humanos sobre aqueles cumes impenetráveis com mais de dois mil metros de altitude, mas elas esperam. Abraçam os filhos. Crianças curiosas com toda aquela gente, aqueles jornalistas que agora vêm bater às portas de suas casas, onde nunca ninguém bate, de onde o pai saiu com seu uniforme, sozinho como sempre.

À noite penso nessas viúvas, nessas camas largas compradas a prestações, vazias pela metade. Farão como eu, ficarão paradas no escuro. Enxugarão as lágrimas para não sujar as fronhas.

Penso nessas crianças, no braço que nunca mais usarão para fazer aquele gesto. Para erguê-lo e estender a mão ao pai.

À base militar de Pisa retornaram caixões envoltos na bandeira tricolor da morte. A ponte aérea está interrompida. A cidade mártir está isolada do mundo, à mercê de seus algozes.

A voz do funcionário no telefone é sucinta. Não tem tempo para mim.

“Os voos humanitários estão suspensos, senhora.”

“Mas eu preciso ir.”

“É o inferno, lá.”

“Meu marido está lá, no inferno.”

“Sinto muito.”

Minha resistência é feita de pequenos bocados, é só se mover devagar para não perturbar o equilíbrio. Não mudar nada. Assim talvez o mal se esqueça da gente, passe por sobre nós. Acordo no meio da noite, estou sentada na cama e estou correndo. Sonhei que o telefone tocava, a voz do funcionário. *Senhora, lamentamos, mas seu marido era um débil mental, certas pessoas procuram problemas. Aceita um café?*

Também no escritório olho para o telefone. *Agora*, digo. *Agora vão ligar do Ministério do Exterior para me dar a notícia.* Levanto o fone, verifico se tem linha. Depois me consolo, Viola se aproxima com seu sorriso inútil. Se tivesse acontecido alguma coisa, eu já saberia. Lá está cheio de jornalistas e de voluntários, pessoas que vão e voltam e não morrem. O fato é que conheço Diego... seu modo de ir, ir para as periferias, as poças d'água menores. É aquele centro descentralizado que o atrai. Tenho medo que esteja a descoberto.

Na tela passam as imagens dos campos de concentração da Bósnia, encontraram pelo menos cinco. O mais terrível é o que fica ao lado das velhas minas de ferro. Esqueletos humanos desdentados, mutilados, como não se viam havia tempo.

Depois Diego telefona, e dessa vez parece que tem mais tempo. Ouço uma deflagração, pergunto a ele o que é, diz que é a música daquele dia. “Espere.”

Ouço outros ruídos, desiguais, desfiados. Chamo.

“Diego! Diego!”

Volta: “Ouviu? Rajadas esparsas de metralhadora. Obuses. Granada. Disparos contra as ambulâncias...”

“Estão atirando nas ambulâncias também?”

Ri. Eu me pergunto se ficou louco ou se está apenas bêbado.

Mais uma semana de silêncio. Vou ao salão de beleza. Sento-me naquela planície de bem-estar, deixo que também lixem as unhas

dos pés. As mulheres à minha volta têm bolsas elegantes e compromissos à sua espera, nesta cidade que retomou seu movimento após a pausa do verão. Eu não tenho nada, apenas meu corpo abandonado. Esta cabeça à qual tentei dar uma ordem exterior. Sou refém desta terra de ninguém. Saio dali parecendo uma boneca, encharcada de perfumes que não me pertencem. Chove e não abro a sombrinha, deixo-me devastar com prazer.

Pilhas, vitaminas, lampiões de acampamento

Pilhas, vitaminas, lampiões de acampamento. O que mais? Tudo, tudo era necessário, lá faltava de tudo. Antibióticos, pastilhas para desinfetar a água. Cigarros, leite em pó, carne em lata. Entrava nas lojas, tirava aquele folheto amassado. Gojko tinha me ditado a lista e agora eu obedecia. Depois do medo, o ímpeto, não da coragem, não, mas de um objetivo, mesmo minúsculo.

Já tinha feito um pacote, enviara-lhe por intermédio da Caritas, mas nunca chegou. Acontecia, os pacotes melhores eram abertos, saqueados. Agora eu iria e o pacote iria comigo. Uma mala enorme com rodinhas, de tecido extensível, mais resistente.

A funcionária da loja de malas olhou espantada essa mulher magra, estranha, que se sentou em cima da mala preta para ver se o tecido aguentava.

“O que precisa levar?”

“Um cadáver.”

Riu da piada, negra como a mala. Paguei, arrastei a mala para casa. Meu melhor rabo.

Há uma mulher ressequida, desgastada pelo silêncio. Uma mulher estéril que arrasta pelas ruas, subindo e descendo calçadas, uma grande mala vazia que se encherá de tudo. E encher gradualmente aquela mala será o objetivo de sua vida pelos próximos dias.

As camadas, feitas e refeitas de noite. Primeiro as coisas mais duras, mais incômodas, depois os objetos pequenos, as coisas mais delicadas, os frascos de vidro. Fica ali, essa mala, a me olhar. Agora não estou mais sozinha.

Cada coisa que ponho ali dentro é uma esperança de vida.

As mulheres não têm mais absorventes, traga também .

Na farmácia paro, roço aqueles pacotes cor-de-rosa, lilases. Extra-slim, absorventes resistentes mas ultrafinos, aqueles mais caros, que não se veem nem com calças justas. Os que ocupam menos espaço. Aperto os pacotes na mala, uma grande camada de absorventes. Esses finos bastam. Que fluxo hão de ter mulheres com tanta fome?

Meu pai também traz coisas. Ele realmente encara essa mala como um ataúde.

“Vou trazê-lo de volta”, disse-lhe.

Não dá um pio, acata minha dor, minha fúria.

É uma mala que toma tempo, ocupa nossos dias, desperta discussões entre nós. *Não posso colocar coisas volumosas, já disse! Não cabe mais merda nenhuma, não vê?!* E lhe arremesso os cobertores que trouxe.

Parece que à noite a mala cresce, fermenta como uma grande barriga, como um contêiner... parece que deve salvar, alimentar, vestir toda Sarajevo! Olho a mala e meus olhos brilham. Levanto de noite, verifico a validade dos antibióticos, das barrinhas energéticas. Tudo serve, tudo é útil... beijaria tudo. Contemplo a mala como uma mãe contempla o enxoval de noivado da filha.

Quanta vida há naquela guerra?

Quanta morte há nesta paz?

A vida subiu-me de novo pelos pés, pelo sexo, pela barriga.

Numa grande loja de departamentos, uma Upim, compro uma montanha de pincéis e cadernos de desenho.

“A senhora é professora?”

Digo: “Vou para Sarajevo”.

Então a mulher, robusta, gasta pela rotina de seu trabalho de caixa, muda de rosto. Torna-se uma grande mãe palpitante, a humanidade lhe sai em borbotões pelo rubor no rosto. E agora o rapaz também ajuda, o almoxarife de brinco na orelha e dentes de viciado, e também o diretor com a gravata de riscas. Trazem coisas do subsolo, restos de material de escritório, de roupas.

“Pegue, senhora, pegue, leve consigo.”

O almoxarife é o mais furioso, soluça.

“As facas que usamos para descarregar azeitonas e aqueles animais usam para descarregar os olhos...”

Costumava passar as férias na Iugoslávia, tinha até uma namorada em Spalato. *Um paraíso*, diz.

Na academia as moças malham, há este novo aparelho, o step, um degrau de plástico, sobem e descem dali, suam.

Estou no fundo da sala, observo as bundinhas, as malhas tipo tanga. Desço daquele degrau de plástico. Estou em forma, corro na esteira. É importante estar em forma para voltar a Sarajevo, é preciso saber correr, ter fôlego para saltar a morte, deixá-la para alguém mais velho, menos em forma do que você.

Nos vestiários as moças passam cremes, requebram nuas com os corpos esculpados... fofocam sobre homens, dietas, se maquiam, vestem uma meia.

Fecho os olhos uma, duas vezes, sinto sono nessa cálida tepidez das duchas e secadores. Adeus, moças, adeus. Adeus, escrotinhas.

Meu pai se tornou mais decidido do que eu, vaga pelas bancas de Porta Portese, compra pequenos jogos de chaves inglesas, rolinhos de fio de cobre, transistores, até um visor noturno. Essa mala vai explodir. Observo-a, é a última noite. Por fim posso partir, consegui lugar num dos voos humanitários, finalmente.

Viola me telefona. Encontraram um nódulo num seio, chora por seu seio, chora porque vou viajar. “Você é minha melhor amiga.”

Nunca fui realmente amiga dessa moça passiva, ela fez tudo sozinha. Mas hoje à noite penso que realmente fez alguma coisa, que certas pessoas penetram em nós como o câncer, não se sabe exatamente quando.

“Está com medo?”, pergunto a ela.

“Mas quem se importa com o nódulo...”

Agora não entendo bem se está rindo ou chorando.

“E você? Está com medo?”

Estou com medo de tudo, dos caminhões na estrada, da multidão nos concertos. Tenho medo até dos raios, quem dirá de uma guerra.

Meu pai traz uma caixinha de pêssegos, ainda não muito maduros. Eu me rebelo, mas depois fazemos uma última camada, por baixo das coisas de lã.

Armando se sentou sobre a mala, comprimiu-a com a bunda, e eu dei toda a volta fechando o zíper. Agora a mala é um grande corpo fechado.

Ando pela casa, arrastando-a. Tento erguê-la. Preciso ser autônoma, ninguém vai me ajudar a descarregar minha bagagem humanitária.

Fico com ela ao meu lado durante esse voo que me parece curtíssimo, pois todo o medo voltou de uma vez só e agora, se tivesse alguma chance, iria para Nova York. O interior do avião é de ferro áspero. Poucos bancos nus enganchados nas paredes e muito espaço vazio ocupado por caixas, por montes de tecidos militares. Depois do mar sobrevoamos a terra.

Sobe-me à garganta um gosto ácido, como uma fermentação do estômago. Os braços e a cabeça estão rígidos, os pés se comprimem no metal que vibra constantemente. Há um som ensurdecido de motores que queimam o céu. Agora sei, sinto. Agora pode acontecer. Estamos descendo de altitude. Agora entramos na linha de fogo. Somos um alvo para os que estão nos bosques. Retornam as cenas que vi, os fragmentos dos aviões abatidos, aqueles pedaços de carlingas, de asas que derrubaram alguns galhos desses abetos

densos como lama. A boca está totalmente seca, a língua inerte, carne cinzenta como miolo de pão mofado.

Junto comigo apenas outros três civis, em missão de paz nesta terra sem paz. Dois médicos e a voluntária de uma rádio livre, Vanda. Uma moça corpulenta, masculina, meio desleixada, como certos homens eslavos. É a mais calma do grupo. Já estive duas vezes em Sarajevo desde o início do cerco, parece um daqueles grandes ratos que sabem como proceder em situações difíceis, está com um casaco cheio de bolsos como os enviados de guerra nos filmes, parecem esconderijos para granadas. Masca chicletes, faz pequenas bolas na ponta dos lábios, pequenas explosões que me dão sobressaltos.

De minha mala sobe o perfume dos pêssegos de meu pai. Vanda sorri, estoura mais uma bola de chiclete, deve me achar uma maluca. Ela me pergunta se volto hoje à noite, diz que em geral os intelectuais ficam poucas horas, o bastante para dizer que estiveram aqui, para sentir um pouco o cheiro das formigas queimadas.

“Formigas queimadas?”

“É como cheiram os mortos.”

Talvez pense que sou um daqueles chacais da tinta.

“Vou encontrar meu marido, é um fotógrafo, está em Sarajevo já há várias semanas.”

Ela me pergunta o nome dele. Diz que o conhece, que o viu, no final de agosto.

“É simpático, é um louco.”

“Por que é louco?”

“Tomava banho no Miljacka, enquanto atiravam lá de cima.”

Abano a cabeça, mas ela tem certeza. Diz: “Tem cabelo crespo e usa barba”.

“Não, não usa barba.”

“Então não é ele, deve ser um outro Diego.”

Um outro Diego, penso, *um outro Diego*, e enquanto isso o avião desce. A aterrissagem é de guerra, em espiral. Descendo de altitude bruscamente. Vejo de relance a silhueta espicaçante das montanhas, e depois o impacto das rodas sob os pés.

O aeroporto tem três alfândegas, três barreiras. Militares de exércitos adversários tomam café na mesma máquina, restou apenas ela. Contemplo essa cena surreal, inimigos que se abaixam diante da mesma cavidade de metal. O aeroporto está nas mãos dos capacetes azuis, que protegem a pista e a triagem das ajudas humanitárias, mas de fato convivem com os milicianos sérvios. Não há tensão, parecem todos muito cansados. Soldados egípcios cochilam sobre o que sobrou dos bancos, os capacetinhos azuis flutuam nos rostos magros, escuros. Esperamos longamente, antes que um jipe blindado da Unprofor, a “força de proteção” das Nações Unidas, leve-nos para a cidade. Talvez estejam combinando uma pequena trégua, pois ouço um dos azuis confabular com um sujeito de uniforme camuflado e boina preta com a águia: “ *Can they go now? O.k.?* ”.

“... *Slobodan? Free?* ”

O sérvio concorda. Como assim, penso, como um oficial da onu pede permissão para passar a um militar do exército agressor? Mas não há tempo para se espantar. Este aeroporto já é um escárnio, um pé gangrenado sob o corpo ferido da cidade. Se esta é a porta para o mundo, não há salvação para os ratos.

Subimos no jipe com a cabeça baixa, sem olhar ao redor. Passamos o primeiro check-point, formações de ferro, como trilhos arrancados e postos em cruz, montanhas de sacos de areia. Rostos nas balaclavas, *kalashnikovs* presas aos corpos. O rapaz ao volante grita:

“ *Keep your head down!* ”

O jipe está correndo na avenida dos atiradores, derrapa para evitar os detritos que invadem a rua. Pela única fresta de luz vejo passar o edifício do *Oslobodjenje* , não há mais nada, só a caixa do elevador, como um bastão de alcaçuz num sorvete derretido.

Estávamos no imenso saguão do Holiday Inn, tendo descido a toda a velocidade pela rampa que levava à entrada subterrânea. Um ventre escuro, protegido por lonas plásticas da Unprofor, totalmente repleto de jornalistas e equipes de televisão. Figuras duvidosas me abordavam para perguntar se eu queria comprar um colete à prova

de bala, se precisava de um carro, se tinha dinheiro para trocar, se queria comprar informações. Um sujeito andava por ali com uma perna descoberta recém-costurada e um pedaço de granada debaixo do braço, procurava alguém para comprar sua história. Fiquei esperando naquela casbá. Não havia quartos vagos, não na área segura, tinham sobrado apenas os que davam para a Grbavica. Estava com medo de adormecer, medo de que alguém me roubasse a mala. Arrastei-a até a sala transformada em restaurante. Comi uma refeição quente e insossa, que me pareceu ótima, sentada numa longa mesa comum, apinhada de jornalistas que falavam em voz alta, riam.

“ *Here you need to laugh!* ”, um cinegrafista alemão me piscava o olho.

Voltamos juntos para os sofás do saguão, ele me ofereceu uma cerveja, começou a explicar como se movimentar na cidade sitiada. Parecia bastante excitado, naquele dia tinha filmado a trincheira sobre o Žuč. Pôs uma mão em minha perna, perguntou se eu queria dormir no quarto com ele. Sorria com uma cara violácea e idiota, parecia-lhe normal que eu fosse para sua cama, visto que estávamos em guerra. Ouvi um estrondo, e poucos segundos depois um outro mais próximo. Reconheci o silvo das granadas.

Olhei para cima, o longo balcão em espiral onde ficavam os quartos. Pensei naquela noite em que eu e Diego, lá de cima, tínhamos nos observado no espelho daquele saguão deserto e faiscante.

Não me lembrava de ter visto algum dia uma prostituta em Sarajevo. Agora moças de minissaia sentavam nos tamboretas ao lado do balcão em companhia dos jornalistas estrangeiros. Na mesa ao meu lado, um homem tirara um revólver e o depositara ali, como um maço de cigarros, enquanto um outro sujeito com casaco de couro preto contava um maço de marcos. Falavam de apostas, de um lugar, em Marijin Dvor, onde havia briga de cães.

Se recordo alguma sensação daquelas horas, daquele prelúdio, é esta... uma sensação de algo gorduroso, de coisas a bruxulear à minha frente e depois se afastar de mim, como bolhas de óleo na água.

Uma mão se afunda em meu ombro, quase me machuca. Gojko se ajoelha ao meu lado, não me olha, me abraça e me aperta.

“Linda.”

Vamos para o fundo, agora ele arrasta a mala.

“E Diego?”

“Está te esperando.”

Ainda tem seu Golf, só que agora parece saído de uma história em quadrinhos, a lataria amassada, crivada de furos, portas desparelhadas, tiradas de outros carros, janelas sem vidros.

“São os novos modelos de Sarajevo city”, ri. E me parece um milagre que ele ainda solte essa risada.

É a aurora, logo antes de clarear o dia. Corremos nesse carro futurista ao encontro de um futuro que será, talvez, todo assim, feito com as sobras do passado. O céu é gelo, de um azul-escuro que começa a se iluminar por dentro. Contemplo a paisagem de coisas derrubadas e perfuradas. Prédios enegrecidos como chaminés, emaranhados de ferro, esqueletos de carros, de bondes... fachadas duras da habitação popular, que agora parecem papelão queimado. Tentamos chegar a Bašćaršija. Gojko atravessa ruínas, passagens improvisadas, ruas que nunca vi. Nos cruzamentos a descoberto afunda o pé no acelerador, abaixa minha cabeça. É um gesto de domínio. Quer proteger minha vida, mas talvez também se divirta um pouco, exagere. Grita, solta longos gemidos animais. No final das contas, continua o mesmo, um fanfarrão bósnio naquela cidade dividida.

Entra voando num pátio, arcos caídos, mato alto, amarelado. Por fora, o edifício está carcomido por rajadas, mas por dentro está intacto, só mais escuro, mais sujo. As placas de pedra nas escadas se movem, estou correndo. Diego.

Está ali, no meio de um pequeno canteiro de velas que manteve acesas para mim. Vem ao meu encontro. Abraço-o e sinto que há algo, uma dureza que nunca houve. Seus ossos me parecem de ferro. Observo seu rosto, está magro, tem os lábios escuros. Uma barba comprida que eu nunca tinha visto sobe-lhe até os olhos. Sinto dificuldade em tocá-lo, em reconhecê-lo. Tem o mesmo aspecto daqueles prédios lá fora.

Sorrio, digo-lhe que está cheirando mal. E no entanto, diz, tomou banho, com um regador, à maneira de Sarajevo.

Tem um quê de animal em cativeiro. De um daqueles babuínos mortos no zoológico.

Pego a mão dele e nos isolamos num canto. A casa está escura, as janelas protegidas, as paredes têm longas rachaduras.

“Como consegue viver aqui...”

Está agarrado à minha mão, enfia o rosto dentro dela. Fica ali a me cheirar, a se roçar em mim, a recuperar de mim tudo o que lhe fez falta.

Olha-me fixamente. Mas seus olhos são estranhos pântanos. De súbito penso que ele não está aqui, não é a mim que busca, e sim algo que não existe mais.

“Amor...”

Tocamos um no outro como dois ressuscitados.

Ele me dá um ramalhete de flores de papel.

A floreira do Markale, aquela velhinha que parece uma bruxa boa, não tem mais flores frescas para vender, e assim inventou essas pequenas flores feitas de pedacinhos de papel que dobra e pinta. Olho para elas, são lindas e muito tristes. E penso que Diego se parece com essas flores de papel, que guardam a nostalgia das cores, do perfume, da vida.

Ele está com fome, abro a mala, meu tesouro. Morde um pêssego, o sumo lhe escorre pelo queixo.

Depois aparecem os outros, Ana, Mladjo... e rostos que nunca vi, pessoas que vieram de casas destruídas, e Livross dos bairros ocupados. Retiro minhas coisas da mala. Abraçam-me, abraços apertados. Como se nos conhecessemos desde sempre. *Hvala, Gemma, hvala*. E no dia seguinte virão mais pessoas. Há aquele fardo, aquela mala cheia de coisas para distribuir... e hoje este apartamento parece a Benevolencija. Fazemos festa, abrimos latas de carne, de conservas, comemos o parmesão. Gojko pega uma garrafa de *rakija* de sua pequena reserva pessoal.

Aproximo-me da janela, afasto a tela de plástico, infiltro-me naquela fenda. A cidade está prisioneira da escuridão... cavada como uma mina onde não há mais nada a ser extraído, apenas covas

e túneis abandonados. A escuridão, o apagar das coisas, tranquiliza. Entrevejo a coluna clara de um minarete amputado.

Onde estão os sons? O badalar dos sinos, o lamento dos muezins? Onde está o cheiro? Aquele farinhento dos fundos dos cafés? Aquele violento das especiarias e dos *čevapčići*? Onde está a poluição dos carros? Onde está a vida?

Não havia mais intimidade. Naquela casa, como em todas as casas de Sarajevo, todos dormiam juntos, colchões amontoados no corredor, longe das janelas, das zonas mais expostas aos tiros dos obuses, dos canhões.

Só eu estremecia, os outros pareciam todos acostumados, ou talvez tivessem perdido a audição. Via os olhos enfileirados na penumbra de velas feitas em casa, pedaços de corda que boiavam em potes de água com um fio de óleo na superfície. Todos fumavam os cigarros que eu tinha trazido, e que foram o presente mais apreciado, porque *não comer é difícil, mas não fumar é atroz*, e agora fumavam de tudo, folhas de chá e de camomila, palha dos campos e das cadeiras. Ana escondera alguns pacotes de absorventes em sua bolsa de lona turca e agora apertava-a contra a barriga como um travesseiro. Fitava aqueles olhos, estranhos como os dos animais que enxergam no escuro... as bocas que tragam os canudos de tabaco inflamando as brasas.

Eram os mesmos olhos de Diego, alucinados, prisioneiros de uma fixidez muda. Todos pareciam olhar o mesmo charco, um espelho turvo que não refletia nada.

“Como está?”

“Bem, sim...”

Mas minhas palavras pareciam alcançá-lo de muito longe, como um eco. Tinha erguido uma das mãos e passara os dedos na minha boca, como se quisesse sentir sua espessura. Afundava a polpa dos dedos em meus lábios como numa matéria quente, mas inatingível.

Encostou-se na parede, tocou violão no escuro.

Depois deitamos num daqueles colchões. Diego se ajeitou apenas uma vez, fechou-se como um feto, e logo adormeceu, a respiração diferente. Parecia-me que tinha caído naquele sono

somente para se separar de mim. Talvez tivesse apenas bebido demais, como os outros. Fui a única a ficar acordada naquele escuro onde ruminavam as respirações. Levantei para afastar um frasco cheio de bitucas. Alguns recipientes de plástico jaziam num canto, ao lado da pilha de sapatos. As janelas estavam fechadas com aquelas telas que agora se moviam, e entrava frio. Dali a pouco começaria o inverno. Por que estávamos ali, estendidos no chão com aquela gente? Pensava nisso, olhando as costas de Diego.

Ao amanhecer despertei com o som de um golpe surdo, talvez de morteiro, que recai em mim, no torpor daquele sono que demorou a chegar... tinha dificuldade em me mexer. Não havia mais ninguém, todos desaparecidos. Apenas Gojko estava ainda ali, lidava com um transistor.

“Onde está Diego?”

“Não quis acordar você.”

Comemos algumas das bolachas que tinha trazido.

“Você sabe se ele está se encontrando com Aska?”

Não me respondia e não me olhava.

“Foi embora? Está viva?”

“Ainda está em Sarajevo.”

“Diga-me onde se veem.”

“Não sei, não sei o que Diego faz... quase nunca o encontro.”

Devorava as bolachas, sua barba estava suja de farelos.

“Nunca confiei em você.”

“Não é grave, paciência.”

Agora, com um pouco de luz, percebia que o olhar de Gojko estava mais turvo do que antigamente, manchado por aqueles meses de guerra. A jovialidade tinha desaparecido. Arrastava uma carga de desilusões, de acrimônia... seu senso de humor também tinha algo de estragado, fedia a formigas queimadas, como tudo. E agora eu tinha a impressão que também envelheceria de repente.

Diego voltou depois de algumas horas. Fora buscar água, estava com os braços enrijecidos pelo cansaço, pelo peso daquelas tinas que carregara por quase dois quilômetros.

“Assim você pode se lavar.”

Fechamo-nos no banheiro, olhei para aquela banheira de cerâmica acinzentada, cheia de veios amarelos, a torneira de onde não saía uma gota.

Despejamos a água numa bacia. Tirei a roupa, e pela primeira vez tive dificuldade em ficar nua na frente dele. Era como se não houvesse mais intimidade. Diego também evitava me olhar, continuava a mexer na água, deixava-a correr entre os dedos, como se procurasse algo... um reflexo distante, uma passagem.

“Olhe para mim”, disse a ele.

Ergueu os olhos com esforço, lentamente. Estava nua. Uma planta morta, sem casca. Madeira branca, amputada.

“O que há?”

“Você é bonita.”

“O que há?”

Tocou minha barriga, esticou um braço e roçou meu umbigo, e eu senti repulsa por aquela mão.

Tocava em mim do mesmo modo como me olhara, com a mesma distância, como se eu fosse um manequim.

Agachei-me, fechei-me em mim mesma como um ovo.

Ele se despiu, aproximou-se daquela banheira sem água, espremeu uma esponja na bacia e me lavou as costas. Virei para olhá-lo... olhei seus ossos amarelados sob a pele fina e árida, seu sexo inerte entre os pelos, como num ninho negro. Parecia um velho.

“Por que você está aqui?”, perguntei a ele.

“Estou onde devo estar.”

No dia seguinte, acordei como os outros, ao amanhecer. Diego estava curvado perto da mala. Estava enchendo a mochila.

“Para quem você vai levar essas coisas?”

Para algumas famílias que conhece, responde ele, velhos que não podem se mexer, viúvas com crianças.

Visto-me depois dele, acompanho-o até a Ponte cúmurijska.

Vejo a cidade de dia. Não há mais nenhum edifício intacto, as cúpulas das mesquitas parecem tampas de metal perdidas nos escombros. As portas da Baščaršija estão fechadas, nas lojas até as

prateleiras foram arrancadas. Um pássaro cai sobre mim, um pássaro cansado que não tem mais um ramo sequer onde pousar.

Rolos de filme. Filmes enfileirados na mesa desse mísero quarto que agora é nossa prisão. Filmes como cartuchos, como balas. Como ovos negros. Invento uma distração para passar o tempo, empilho aqueles filmes, faço construções acrobáticas que deixo ali, deitado na cama e espero. O tremor chega após uma explosão, percorre os pavimentos, as paredes... sobe até a mesa. Os filmes caem de súbito, rolam no chão.

Quem sabe se chegarão a ver a luz, todas as imagens impressas nas fitas de celuloide encerradas naqueles pequenos invólucros de metal, agora amolgados, próprios para um passatempo, para este tempo que nunca passa, pois a partir das três da tarde ficamos trancados em casa. Concluídos os tráficos do mercado negro, das tinas de água, não faz sentido arriscar a vida por mais tempo.

Agora me parece que nunca saí desta cidade.

Voltamos para o velho quarto alugado. Velida tocou em mim como se fosse um milagre, um vidro ainda inteiro. Esses meses a devastaram, agora parece um de seus melros. A cabeça se move com um pequeno moto-perpétuo, um comentário desconsolado. Separei uma bela porção de mantimentos para ela. Quando viu o archote, Jovan comprimiu os lábios para conter o pranto. É a coisa que mais lhe fez falta, um facho de luz para iluminar aquelas noites demasiado escuras.

O velho biólogo não sai mais de casa, passa o dia inteiro num canto protegido, ao lado da gaiola dos melros que ainda estão vivos. Mas o gato morreu, saiu de casa uma manhã, deu alguns passos com seu rabo torto e depois não voltou mais.

Jovan e Velida esperam a paz, todos os dias. Mas agora não confiam mais. Olham os blindados brancos da onu que estão ali, sob suas janelas, não fazendo nada, inúteis como riquixás acorrentados num parque deserto.

Pedi a Velida uma vassoura e um pano de chão, limpei o quarto. Ela continuava a balançar a cabeça o tempo todo.

“Vocês têm certeza que querem ficar aqui conosco?”

“Sim.”

“É melhor o hotel dos estrangeiros, lá estarão mais seguros.”

Há este pó que não sai, uma camada cinza, sólida como cimento.

Velida toca no peito e diz que aquele pó das coisas ruindo já está dentro deles, é uma cola em seus pulmões.

“É o pó dos edifícios onde vivemos... de nossa biblioteca, a velha Viječnica, da universidade onde ensinamos, das casas onde nascemos...”

Agora a cozinha está cheia de folhas, camadas verdes em cada prateleira. Velida diz que a urtiga é um ótimo recheio para a pita.

“Todos em Sarajevo comem urtigas”, sorri, a dieta macrobiótica é uma coisa boa, vão segui-la se sobreviverem às granadas.

Seus estudos de bióloga lhe são úteis nessa carestia, oferece-me uma infusão de abeto.

“É ótima.”

Ela me pergunta por que voltei.

“Quero ficar com Diego, e ele quer ficar aqui.”

Seus olhos azuis se turvam de emoção.

Ela também seguiu Jovan durante toda a vida. Mesmo que agora se envergonhe deste amor, neste momento em que os jovens morrem, morrem as crianças e os dois ainda estão vivos, e ainda se beijam na boca.

Não há mais cortinas de brocado nas grandes janelas, mas apenas as telas com pregos, os quadros nas paredes estão tortos e sem vidros. A bela casa diminuiu, levaram as camas para a cozinha. É o único aposento aquecido. Velida comprou um velho aquecedor no mercado negro, em troca de seu rubi de noivado e de seu casaco de peles. Fizeram uma cavidade na parede como respiradouro. Todos os apartamentos agora têm um orifício por onde sai a fumaça, chaminés adaptadas para a guerra com canos improvisados. A cidade é um grande acampamento.

Tenho medo de sair, fico fechada naquela cozinha com Velida, miro suas costas magras e curvas.

“Como vão fazer no inverno?”

Começaram a queimar os móveis, Jovan os despedaça com as mãos, tira as pernas da mesinha da sala, quebra as gavetas dos criados-mudos, do aparador. Velida cortou os tapetes em tiras e fez bloquinhos de tecido que ardem lentamente como carvão.

Os parques não têm mais árvores. Em pouco tempo a cidade foi desnudada de seu verde. Por toda parte há esse ruído de serras, de galhos arrastados como grandes escovões entre os escombros.

Jovan reclama, cortaram também a tília diante do prédio, que protegia contra os atiradores. Sobrou-lhe apenas um de seus quadros, aquele tronco e aquela grande copa pontilhada em aquarela.

“As árvores são a vida...”

Está irritado com os chacais, que cortam para enriquecer no mercado negro.

Estamos em outubro, ainda não está muito frio. Em outros anos, chegou a nevar em agosto, mas neste ano, se Deus quiser, a neve chegará mais tarde.

Assim a vida morre, as árvores caem uma a uma. Prepara-se lenha para o inverno que se aproxima, e assim abre-se espaço para os mortos... que agora são enterrados em qualquer lugar, nos parques, no campo de futebol do Koševo, porque os cemitérios não são mais suficientes. Por toda parte há aqueles túmulos, manchas escuras de terra revolvida.

Os animais dos montes continuam a se encarniçar contra os escombros. Caiu uma granada sobre um grupo de crianças que jogavam bola numa zona tranquila, já devastada, atrás de nossa casa. Os chetniks declararam que aquela granada acabou ali por engano, e que foram os boinas-verdes que atiraram, não eles. As crianças mortas não deram nenhuma declaração. Porém a bola bateu direto na casa de Velida, desprende a tela e entrou. Só à noite ela soube das crianças. Agora contempla aquela bola que deixou na cozinha sem o gato e me pergunta: “A quem devo restituí-la?”.

* * *

Agora a noite não tem mais fim. Diego volta com aqueles filmes, esvazia a máquina, joga num canto. Não me conta mais o que fotografa.

À noite, a cidade parece uma boca estragada de construções roídas por dentro como dentes devorados por cáries. O escuro devora o apocalipse. Não há traço de vida. As sirenes dos alarmes são vozes esquecidas de um alerta que parece não servir a mais ninguém. Todas as noites Sarajevo morre. A noite é uma tampa que se fecha. Os sobreviventes são formigas que seguiram o destino da cidade por obstinado afeto e ficaram emparedadas no ataúde.

À noite resta apenas o vento, que desce das montanhas e vagueia como um espírito inquieto nessa boca desdentada.

Diego diz: *isso é apenas o prenúncio. Um dia o mundo inteiro será assim, queimado por dentro, ferido de morte. Restarão apenas ruínas enferrujadas, respiradouros gasosos, línguas negras de combustões exauridas. Agora estamos presenciando o fim do mundo, aquele das histórias em quadrinhos, dos filmes que se passam no mais apocalíptico e infecto dos futuros*. Sorri. À noite as esperanças somem. Diego fica tétrico. Fito seus esgares, os olhos luzentes no escuro. Bebe demais, litros daquela cerveja ruim. Levanta-se para urinar, bate em alguma coisa. Quando dorme, toco nele para sentir se está vivo, se se mexe. Tenho medo desta escuridão que é um verdadeiro abismo. Parece subterrânea, na profundidade de um lago extinto.

Em algum lugar uma pá está cavando. À noite, em Sarajevo, enterram-se os mortos, deslizam para a terra em silêncio. Os grupos nos espaços abertos são uma autêntica mina para os atiradores, por isso aguarda-se o escurecer. Os vivos não soltam nenhum lamento, as lágrimas se colam dentro do peito como as tábuas daqueles caixões feitos de restos, de velhas mesas, de portas de armário.

A única voz é o ganido rouco dos cachorros, que circulam em bandos esqueléticos, ventres de pele descarnada, olhos de lobo. Cães domésticos que se tornaram vira-latas por causa da guerra, abandonados pelos donos que fugiram, morreram ou estão esfomeados demais para poder alimentá-los.

Depois o amanhecer. Às vezes não são os obuses que nos acordam, e sim os pássaros que voltam e chilreiam. Então a gente

pensa que pode acabar.

Que os sobreviventes poderão sair da cidade e subir nos montes em Jahorina, no Trebević, para fazer um piquenique ou colher cogumelos.

Que o bonde número 1 voltará a funcionar até Ilidža, até as cachoeiras e os prados.

Parece incrível que ao amanhecer reapareçam todas aquelas pessoas, a gente se pergunta onde tinham se escondido, se são seres vivos de verdade ou mortos ressuscitados. Ninguém fica em casa, é preciso sair em busca de alimento, de água, de oportunidades no mercado negro, de bônus para o pão, de enlatados das ong s. Vagueia-se, bate-se à porta da Caritas, da igreja evangélica, da Benevolencija dos judeus, que são os mais generosos e ajudam a todos. Ajudam os muçulmanos de Sarajevo, que por sua vez os ajudaram, esconderam-nos dos nazistas. Assim transcorrem as primeiras horas do dia. Se a pessoa fica em casa, morre.

Toda vez que Velida sai, ela diz: “Estou indo”. Faz uma pausa, sorri.

“Vou ao encontro de minha granada.”

De vez em quando alguém cai. Uma mulher na fila da água. Uma lebre.

É melhor não parar para olhar... dar tempo aos olhos para fitar, se afeiçoar. É isso que se precisa aprender. Não dar aos mortos o tempo de se revelar, de se tornar reais, é preciso seguir em frente, não distinguir entre um corpo e um saco de areia, mas deixá-los para trás, indistintos, afastar-se da realidade, olhar apenas o próprio caminho. Somente assim é possível resistir. Não dar aos mortos um nome, um casaco, uma cor de cabelos. Deixá-los. Aprender a se afastar deles a distância, fingir que não os vimos. Fingir que não estão lá.

Porque, se pararmos, se nos deixarmos envolver... inevitavelmente diminuiremos o passo.

Mas as crianças são curiosas, esticam o pescoço, olham enquanto são puxadas, arrastadas pelas mães, aproximam-se dos

mortos como os esquilos se aproximam das sobras de um piquenique.

Apesar de tudo, esta cidade de morte constante libera uma força oculta, linfa que sobe de uma densa floresta.

Gojko veio me buscar e assim pude abraçar novamente Sebina. Parecia uma tartaruga, o rosto seco, triangular, a boca como um riço de palha. Abracei-a. Estávamos na porta daquela casa ainda incrivelmente em ordem. Senti sua cabeça em meu colo.

“Por que ainda está aqui, *Bijeli biber* ?”

Não quer seguir naqueles comboios de crianças sozinhas.

Recebe cartas dos amigos que partiram, todos lhe parecem mais tristes do que ela. Diz que seu quarto ainda está de pé e que afinal de contas não é tão ruim assim. Gojko vem quase todos os dias, não lhes falta nada. Só não aguenta mais arroz e macarrão.

“E além do mais esse fedor!”, ri.

São as sardinhas em lata dos pacotes humanitários, é um cheiro que já se sente em todas as casas, em cada arrotado das pessoas afortunadas como elas.

Ela me diz que já se acostumou com os alarmes, com o porão. Trouxe-lhe um pouco de chocolate, lambe a barra, lambuzo a boca.

Não treina mais, a academia é um dormitório para refugiados. E agora, depois de todo o entusiasmo, a voz se turva. Mas não chora, faz uma outra careta, dá de ombros. Ela se põe de cabeça para baixo, apoia-se à parede, anda sobre as mãos, os cabelos roçam o piso. A saia caiu como uma corola frouxa, olho suas pernas manchadas, as rótulas dos joelhos, as pequenas veias que aparecem sob a pele, a calcinha florida. Depois desce em arco... suas costas se dobram como as de um contorcionista.

“Vai se machucar...”

E agora abre as pernas até as virilhas num spaccato perfeito. É um pequeno show para mim. Aplaudo. Seu sorriso continua o mesmo. O som solitário de meus aplausos.

Pergunto-lhe o que é aquele envelope preso à maçaneta da porta. Diz que são os documentos, os papéis da casa, as certidões de nascimento com o tipo sanguíneo e também a carteira de motorista

de Mirna, junto com o dinheiro e as joias, o relógio do pai. Estão ali para o caso de uma fuga, se uma granada atingir a casa.

Tosse, abre a boca e pulveriza na garganta um pouco de seu remédio para a asma. Ri, diz que tem gosto ruim.

“De percevejo”, diz.

“Desde quando você tem asma?”

Desde que passou a ficar sozinha, a garganta se tranca, fica ansiosa pela mãe, tem medo que não volte. Vai para cá e para lá com aqueles tênis que se acendem no corredor escuro.

“Ainda funcionam...”

“Claro, eles se recarregam sozinhos.”

As notícias dos mortos chegam até ela, mas só de longe, porque Mirna a protege, mantendo-a em casa. Mas Sebina sabe que agora as pessoas morrem na rua. Ela me diz para tomar cuidado.

“Porque você é italiana, mas eles não sabem, pensam que você é de Sarajevo e atiram em você.”

Saio com Diego. Visto aquele colete à prova de bala que ele nunca usa. Andamos em silêncio entre os escombros, junto com os outros. Não correm, estão compenetrados, apenas os olhos são mais atentos do que os dos cidadãos de uma cidade em paz. Os homens são mais desleixados, cabelos sujos e as mesmas roupas gastas com que dormiram. Mas também há aqueles de paletó e gravata, parecem professores, empregados de nível. Aonde vão? As escolas e os escritórios estão fechados. Atravessam o pó com seus mocassins, suas pastas pretas de documentos e apostilas universitárias. Andamos com cautela, quase em câmera lenta, nessa paisagem metafísica. Há algo de irreal na calma desse campo minado, essas pessoas causam um estranho efeito, parecem silhuetas de uma cenografia teatral. Ficam rígidas, empertigadas de medo. Apenas os olhos correm, movem-se atentos... como olhos verdadeiros atrás de uma silhueta de papelão. Agora nos cruzamentos há aqueles cartazes: pazi sniper ! Cuidado com os atiradores!

Todos são magros, não há mais um ser humano acima do peso. Poderia dizer às moças da academia. Problemas de celulite? Deem um passeio até Sarajevo, aqui não se come e caminha-se o dia

inteiro. É possível contar os meses de cerco pela cabeça das mulheres que não podem mais tingir os cabelos, por aquelas tristes faixas grisalhas que cresceram. Mas as jovens mantêm a elegância, andam com suas faces desfeitas perfeitamente maquiadas.

O fato de todos saírem é o sinal de resistência, uma banana para aqueles lá de cima, com a calma obstinada, os sapatos de salto, o batom, nas valas abertas pela guerra, nos percursos obrigatórios entre trincheiras de sacos de areia e cruces de ferro.

Chegamos até a fábrica de cerveja. Diego fotografa as longas filas para a água, aquele cano descoberto, cheio de pequenas bocas, onde as pessoas apoiam as tinas.

* * *

As rodas. Existem coisas que antes não importavam, como em qualquer lugar do mundo eram apenas coisas entre tantas outras. Mas agora... as rodas. Todos falam das rodas, todos perguntam se você tem uma roda velha.

Točak... Točak...

As rodas servem para locomover as tinas de água, os pedaços de madeira, as peças de automóveis, as coisas que se consegue recolher.

Diego fotografa o velho que arrasta uma carrocinha, dentro uma raiz de uma árvore. Uma grande criança de madeira manchada de terra, que vai servir para o inverno.

O dia é essa caça, ali, embaixo, na lama dos escombros. Enquanto os atiradores estão à nossa caça.

“O alvo predileto são as mães, sabia?”

Não sabia.

“Os atiradores se divertem com as crianças chorando desesperadas, com a boca escancarada.”

Diego fotografa as crianças que nunca deixaram de brincar, que se escondem nos interiores periclitantes, sob as lajes de cimento dos forros desabados. Ele se ajoelha, fala com elas. Revolve os bolsos, dá o que tem. Frequentemente deixa que o cerquem, toquem-lhe o rosto, os cabelos, ergue-as nos ombros, não se zanga mesmo quando mexem em suas lentes.

Fotografa a mim também, no fundo a cratera da biblioteca.
Ele me diz: “Fique ali”.

Eu me pergunto se ele ainda me ama ou se sou apenas um fantasma de sua vida anterior. Está sempre movendo a cabeça, vira-se constantemente, olha ao redor. Quem está procurando?

A mesquita do Bey também foi atingida. Diego fotografa os fiéis que rezam ao entardecer diante de um monte de ruínas, ajoelhados em seus tapetinhos, aqueles que se usam ao lado da cama. Na rua Titova há um folheto escrito a máquina com a lista dos mortos, penduram-no ali à noite. As pessoas param, leem, abaixam a cabeça.

Entramos numa *kafana*, um recinto lúgubre, com as mesas aglomeradas longe da rua. No balcão apenas algumas roscas pardacentas. Mas há aquele Nescafé forte que, batido com força, faz uma leve espuma e pode parecer um *espresso*. Há fumaça de Drina, gritos de homens com uniformes militares feitos em casa, milicianos de um exército reunido às pressas, heróis combatentes e velhos prisioneiros promovidos a comandantes locais. Há uma mulher imóvel, um cotovelo na mesa e o rosto apoiado na palma da mão. Está parada, naquele gesto que lhe repuxa os traços, dilata as narinas, descobre seus dentes escuros, fecha um olho. Não parece perceber nada do que se passa em volta. Talvez esteja ali para acalmar-se do susto.

Talvez esteja trespassada de dor.

Mulheres atônitas. Velhos que parecem estátuas. Tomamos o Nescafé. Pergunto a Diego pela enésima vez qual o sentido de ficar ali.

“Por que estamos aqui?”, pergunto a ele.

Por que este absurdo? Esta punição?

Não responde, toma o café até a última gota. Sua língua tem um sarro esbranquiçado, como a minha.

“Não pedi que viesse.”

E no quarto, mais tarde, quando não temos nada para comer, pois não nos preocupamos com isso, e nossos estômagos estão ácidos e ásperos, a voz de Diego me alcança na escuridão:

“Volte para a Itália, meu amor.”

Chove... o céu escorre, despenca. Trovejou e relampeou a noite inteira, os estrondos da natureza se mesclaram aos da maldade humana. Fiquei acordada por muito tempo ouvindo aquela competição no céu, como se Deus se sentisse despeitado e tivesse acionado toda sua fúria naquele céu que lhe pertence, banhando as bocas dos canhões, dos obuses, da artilharia antiaérea adaptada à terra, às valas das trincheiras. Lá nas montanhas provavelmente tudo é lama. Talvez as árvores dos bosques não consigam conter a enxurrada, a terra irá se esboroar como uma correnteza negra, arrastando as hortas, as casas dos dirigentes turcos.

A chuva bate nas lonas plásticas das janelas e esse som terrível se prolonga por horas. Faz frio, a estação avança rápido, essas paredes cheias de rachaduras que se estendem até o forro não nos protegem mais. Há cheiro de umidade e panos sujos. Diego está encolhido sob os lençóis, a cabeça coberta, os pés nus, amarelos. O gás de nosso fogãozinho acabou, saiu uma última exalação azul... uma chama que durou um breve instante e depois sumiu no ar, como uma alma exausta. Desço para a cozinha coletiva para procurar um pouco de café. Velida está na fila, as pernas encharcadas até os joelhos, uma jarra de ferro esmaltado na mão. Dá um pulo, tem um sobressalto, a jarra cai.

“É um trovão, é apenas um trovão...”, digo a ela.

Abaixo-me, devolvo-lhe aquela jarra que lascou em dois lugares e agora mostra a alma de ferro.

“Mais uma coisa quebrada...”, sorri.

Ela também está com um cheiro estranho. O cheiro dos cidadãos de Sarajevo. E não é apenas por falta de água, pois hoje as pessoas se lavam com a chuva, é o cansaço, o pânico que emana dos corpos. Um cheiro de pré-morte. Como dos animais aterrorizados que, de súbito, soltam um fedor insuportável para se defender. São corpos revirados, estômagos alterados de pessoas que comem capim, não dormem e saem de casa na certeza de morrer.

Chove sobre aquela pequena fila no pátio. Mulheres de chinelo, uma miscelânea trêmula.

“Veja a que ponto chegamos...”

Hoje Velida pode chorar, pois chove tanto que ninguém perceberá suas lágrimas. Uma mulher na fila lhe dá um empurrão,

ela se põe de lado, deixa-a passar. Depois cede-lhe também sua porção de leite, que o quitandeiro encontrou sabe-se lá onde, faz meses que não se vê um pouco de leite de verdade. Fico irritada, digo-lhe que está magra demais para se permitir tanta generosidade. Mas ela não quer se reduzir a um animal, rejeita aquela luta entre desesperados.

“Ela tem filhos”, diz Velida, “e eu tenho apenas a morte.”

Levanta a cabeça, os cabelos molhados lhe desnudam a cabeça, tufo de lã encharcada.

“Hoje em dia tenho contato com ela, até pouco tempo atrás mantinha distância, mas agora está aqui, deixei que entrasse... senta-se na cozinha como eu, fita-me na frente do fogo apagado, faz-me companhia. Convida-me para dançar. Ontem à noite calçou meus sapatos italianos, aqueles da lua de mel, beges, abertos atrás.”

Volto para cima com um pouco de café. Diego já está pronto para sair, usa um impermeável vermelho, leve e rasgado nas costas.

“Aonde você vai?”

Não consegue ficar trancado ali dentro, não lhe importa a chuva; pelo contrário, gosta dela.

Consertou o rasgo na capa com dois pedaços de esparadrapo de nossos primeiros socorros guardados na caixa de sapatos.

Sai com aquela cruz nas costas. Digo-lhe que parece um alvo perfeito. Dá de ombros, sorri. Até pouco tempo atrás, eu me jogaria sobre ele para detê-lo, mas agora não tenho mais forças. Ele se tornou um fatalista como todos os sarajevitas. *O destino é como o coração*, disse-me, *está dentro de nós desde o primeiro instante, portanto é inútil mudar a rota*.

Idiota.

Sigo-o. Sem colete à prova de bala, porque é pesado demais, porque hoje eu também baixo a guarda. Estou cansada, o cansaço nos torna temerários.

E além do mais, com toda essa chuva, talvez os fuzis estejam molhados, e a vista dos atiradores embaçada, escamada. Talvez seja mais fácil passar ilesos sob esse aguaceiro.

Sigo-o nos caminhos gotejantes, nos passadiços desertos, entre placas de paredes arrancadas, removidas pelas granadas, que reencontraram certo equilíbrio espectral. Pode-se ver como é feita a parede... com que trama, com que pó. É um olhar por dentro, obscuro. Intimidade atravessada, descoberta, posta a público na dor pública.

Mas ninguém mais olha, segue-se em frente.

Os olhos passam ao lado dos cadáveres e não se detêm, não se envolvem. A guerra está dentro desses passos que continuam, esses olhos cansados que descartam.

Os olhos são os únicos pedaços de vidro que não caem, continuam ali em sua armação entre os ossos, obrigados a ver, a engolir imagens que adoecem o corpo.

Chove. Ando atrás de meu marido, de vez em quando o perco de vista, depois o reencontro. Tenho fome.

Diego está com aquela cruz branca nas costas de plástico vermelho. Entra no mercado coberto. Solitários dão voltas em torno de si mesmos, parecem loucos, prisioneiros de um manicômio, andam de cabeça baixa como animais num cercado por onde passam choques elétricos. De vez em quando, alguém estremece como se tivesse alcançado aquele limite que não mata, mas apenas abala, consome o sistema nervoso. Na há nada para comprar, apenas míseras mercadorias de troca, um bule de cobre, uma garrafa de aguardente... um vidro de compota de ameixa, um isqueiro Bic.

Diego se abaixa, recolhe algo, puxa uma cédula de dinheiro.

Em volta há apenas água, desce em borbotões violentos como se fosse arremessada por baldes.

Diego fotografa as pessoas que perambulam mudas naquele cenário de água, peixes moribundos a boiar.

Agora estou completamente ensopada. No chão há apenas lama, adiante uma cabeça calva separada de um manequim, que explodiu de uma loja, os lábios vermelhos, cintilantes de chuva, os olhos falsos arregalados. Detenho-me para fitar aquela absurda cabeça que me parece tão sozinha, e quase sinto vontade de me abaixar, recolhê-la e levá-la comigo, deixá-la na mesinha de um bar e conversar com ela. Diego está atravessando a Ponte Cúmurija.

Gostaria de voltar atrás, mas parece que atrás não há mais nada. Corro atrás dele... atrás daquela cruz branca.

Ele segue beirando a Papagajka, aquele edifício feio e colorido demais, aquele papagaio derrubado pelas granadas. Continua a andar, não olha para trás. Entra numa construção mais baixa do que as outras, é uma antiga escola... salas em fila, negras como grutas. Salas de aula sem caixilhos nas portas, que acabaram nos aquecedores, tal como as carteiras, das quais permaneceram apenas alguns esqueletos de ferro. Fede a fezes. Diego parece conhecer o caminho de cor. Passa ao lado de uma parede onde ainda há um mapa da antiga Iugoslávia e uma fotografia de Tito crivada de tiros. Um homem está despedaçando uma tábua, nem me olha. Sigo os passos de meu marido. Ouvem-se vozes, sons humanos... não é possível entender se riem ou choram. De vez em quando há uma cortina, ou um tapete preso por pregos no vão de uma porta, protegem míseras intimidades... colchões amontoados no chão, aquecedores improvisados. Provavelmente é um abrigo de refugiados. Depois sinto o cheiro de lenha e de tinta, que ardem juntos. Diego chegou, ergueu a ponta de uma tela de plástico e se juntou ao grupo de pessoas agachadas no centro daquele aposento, em torno de um fogo aceso no chão, no assoalho úmido... um fogo fraco, que solta apenas fumaça.

Fico atrás da tela. Esquadrinho aquelas pobres costas. Quando me dou conta, engulo em seco, a respiração parece pó de vidro ferindo a garganta. Com a cabeça coberta, não se veem os cabelos, parece uma das tantas muçulmanas exaustas, camponesas fugidas de seus vilarejos incendiados. Diego abre a mochila, senta ali ao lado. Ela se apoia em seu ombro, estava à espera dele. Bebem a aguardente que ele trouxe, passam a garrafa um ao outro. E depois passam para os demais.

Então Aska se levanta. Ainda usa seus coturnos de guerrilheira, mas está vestida como uma turca, com as *šalvare*, as calças à zuava das muçulmanas. Ela e Diego saem para a rua. A chuva lhe empurra o véu para trás e agora, acima da foice branca da testa, percebe-se o vermelho dos cabelos.

Sinto sangrar em mim uma estranha euforia, uma alegria violenta que me corta a cabeça. Avanço no silêncio irreal dessa

chuva que devora todos os outros sons. Não caminham realmente juntos, ele segue atrás, levemente afastado. Parecem dois amantes que discutiram.

Sigo-os pelos caminhos obrigatórios, entre barreiras de chapas e blocos de cimento. Agora estão ao ar livre, numa daquelas passagens descobertas onde há o aviso cuidado com os atiradores ...

Paro, sinto o medo nas pernas, na barriga. Há aquela fenda por onde se entrevê o verde plúmbeo dos montes. Os abetos imersos na chuva parecem guerreiros em marcha. Alguém atravessou correndo em zigue-zague... e ouvi a rajada. Um homem que, por sorte, agora está a salvo do outro lado do cruzamento, dobrado sobre si mesmo. Cheiro a medo... transpiro nas roupas molhadas.

Não posso acreditar, Aska avança. Observo com um olhar fixo e alucinado aquela travessia. Ela não corre, anda calmamente como se aquilo não fosse um maldito cruzamento de Sarajevo, mas de Roma ou Copenhague.

Diego parou, como se não quisesse mais segui-la. Então, de repente, ele sai a descoberto, corre como o padoleiro de uma ambulância com sua capa vermelha e aquela cruz de esparadrapo nas costas... puxa Aska, arrasta-a pelo braço, grita que corra, que saia dali. Protege-a com seu corpo.

A rajada não chega, talvez tenha terminado o turno do atirador, ou talvez ele também tenha fitado incrédulo aquela ovelha de cabelos vermelhos, aquele balé indolente.

Agora Diego e Aska estão a salvo atrás da carcaça de um bonde. Ela acendeu um cigarro. Ficam ali não sei quanto tempo, como animais molhados. Ela fuma outro cigarro. Ele também fuma, não parecem conversar. Estão agachados em silêncio, os joelhos à altura do nariz. Depois se abraçam de repente, como se fizessem as pazes num instante, e ela tivesse arriscado a vida de propósito, um pouco antes, ao andar tão devagar naquele cruzamento, talvez apenas para puni-lo. Ele lhe tirou o véu, acaricia seus cabelos. Pousa a testa entre aqueles cabelos, fica respirando naquele manto molhado.

E eu tenho a impressão de sentir o odor daquele abraço, o odor quente de um ninho, de um abrigo.

É um gesto que ele fazia no começo, quando saíra de sua cidade e ainda não conseguira se adaptar totalmente em Roma. Então

pousava a testa em mim, em meu ombro, vencido por um cansaço interno. Ficava ali, imóvel entre meus ossos, o olhar escondido de um menino derrotado, que não quer que os outros o vejam perdido e carente de amor.

Aska parece muito mais forte do que ele. Consola-o, rígida, constrangida, quase incomodada com aquele abatimento.

Ela se ergue, é mais alta e mais magra do que eu lembrava, parece uma vela negra. E da magreza aflora o ventre, uma protuberância redonda, como um inchaço. Poderia parecer o ventre de um corpo consumido pela guerra, pela má alimentação, pelas urtigas, pelas sopas de farinha, pela água indigesta e tingida pela cor das pastilhas desinfetantes... um ventre com verminose. Mas eu sei que não é assim. Aquele ventre me penetra como uma granada. Recuo estripada como aquele homem da rua Vase Miskina, aquela luva perfurada e apoiada num cavalete.

Vou embora. Vago por aquele parque de diversões incendiado. Recolho a cabeça do manequim, levo-a para passear debaixo do braço.

Conseguí voltar para casa, enfiar-me na cama. Nem fechei a porta, que ficou ali, as dobradiças rangendo e marcando o tempo de espera, lufadas de vento e chuva entram e molham tudo. Diego volta, sacode os cabelos, tira a capa, o jeans encharcado. Fica ali, com suas patas brancas e o rosto encovado.

“Agora você sabe por que não posso partir.”

Contemplo o que se segue, a febre e o resto. As alucinações, círculos na água, na lama, no céu dos projéteis vermelhos. Vejo a longa fila de túmulos vazios e todas as pessoas que conheço ali dentro, cada qual em seu nicho, falamos, sorrimos, abrimos e fechamos as tampas, corrediças como as das caixas de fósforos. Velida entra e traz uma de suas infusões. Diego não voltou a vestir as calças, permanece ali com as pernas nuas, o pavio de uma vela arde no óleo. Não se aproxima, balança a cabeça.

“Por que não me contou?”

Queria se virar sozinho, não queria que eu arriscasse a vida, diz.

Não está agitado, não chora, não faz nada. Está parado como esta guerra.

Recolhemos água da chuva. Há esse cemitério de bacias em nosso quarto. A água estará contaminada? O que importa? Quero tomar um banho. A febre me queima por dentro. Mergulho no gelo que cheira a pântano.

Sabia que eu estava seguindo seus passos, diz ele, deixou que eu o fizesse.

“Não podia continuar assim.”

Está tranquilo, pela primeira vez em meses.

Fizeram amor aquela noite, e todas as noites e dias em que ficaram juntos. E não foi apenas um acasalamento, foram horas de amor, de absoluta doçura.

Só agora, enquanto fala dela, seus olhos ganham vivacidade... quando me conta como foi difícil se afastar daquele corpo, daquela nuca.

É fácil se agarrar à vida quando lá fora chovem granadas.

E nossa vida, onde está?

Longe, longe... é inútil mentir. Caminhamos moribundos pela Croácia, pela Ucrânia... paramos no aeroporto de Belgrado, voltamos para morrer em Sarajevo, nesta cidade onde nascemos.

A cabeça do manequim está em cima da mesa, fita-nos com seus grandes olhos maquiados.

Procuramos um corpo de apoio... um pedaço de madeira no leito de nosso rio que desandava, algo que nos conduzisse à outra margem. Mas ele não é como eu, não consegue se aproveitar das pessoas... é um rapaz tolo, que se apaixona.

Ele não sabia que ela estava grávida, ela nunca o procurou. Descobriu apenas quando voltou a Sarajevo.

Contempla a cabeça cortada, que agora lhe deve parecer a de Aska. Ela também vive assim, destacada de seu corpo.

Ela se arrependeu imediatamente daquela história, ficou enraivecida, deprimida. Em seu vilarejo, Sokolac, sua família foi exterminada... e agora se sente culpada, crê que foi um castigo divino.

Diego acaricia aquela cabeça, olhos muito abertos a brilhar de lágrimas que não correm, estagnam-se.

“Você a ama?”

“Como é possível não amá-la?”

“E eu?”

“Você é você.”

Quem sou eu? Sou aquela da foto no crachá de imprensa. Deveria ir embora, deveria me arrastar até o comando da ONU, brandindo meu crachá de imprensa, e entrar num daqueles aviões que nem desligam os motores, descarregam caixas de medicamentos na pista de Butmir e partem imediatamente. Mas permaneço. Como posso ir embora? Os filmes caem no chão, ninguém os recolhe. Há fotógrafos à espreita em todos os lugares, ao lado dos cruzamentos mais perigosos, esperando o morto que anda, a mulher que corre para alcançar sua família e é atingida. São os atiradores da película. Esperam a fotografia que lhes dará o prêmio.

Das colinas chegam ao vale relatos assustadores. Nos fins de semana, estranhos voluntários se juntam aos chetniks. Gente vinda do exterior, para se divertir. Atiradores de elite cansados das simulações, das silhuetas de papelão.

Sarajevo é um grande polígono ao ar livre. Uma reserva de caça.

Depois da chuva saem os caracóis

Depois da chuva saem os caracóis, avançam alongando os corpos viscosos, desprovidos de ossos, para fora de suas frágeis casas. Depois da chuva os sarajevitas respigam as campinas sem árvores, entre emaranhados de ferro e sepulturas frescas... abaixam-se furtivos, excitados, para recolher aqueles animaizinhos brilhantes. Há meses não comemos um pedaço de carne. Hoje choveu, e as mulheres sorriem, esvaziam seu butim nas cozinhas totalmente vazias. As crianças sorriem ao ver os caracóis caminhando pela mesa e, então, caindo. Velida também chegou com um saquinho cheio daquelas conchas. Colheu-os escondida, numa horta isolada... sente vergonha de parecer tão faminta.

Embebemos o pão na panela, a cozinha é invadida por esse odor levemente adocicado. Caracóis cozidos no caldo liofilizado dos pacotes humanitários, temperados com especiarias turcas e vinagre bósnio. Uma iguaria.

Mais tarde Velida dirá que foi culpa desse prato apetitoso demais, que lhes devolveu uma felicidade que não sentiam desde longa data, que os iludiu e lhes fez mal.

Jovan estava com os olhos brilhantes e o rosto levemente corado após meses de tez cinza, coberta de manchas ásperas.

Depois de comer, acendeu um cigarro daquele maço que Diego lhe dera. Os Drina que agora eram enrolados com as páginas dos livros, pois faltava papel, e naturalmente haviam começado pelos livros em cirílico. Não agradava a Jovan que sua cultura virasse fumaça, mas paciência, um cigarro depois de um prato de caracóis era um verdadeiro luxo.

Quando o silêncio retornou, quando Velida voltou a picar urtigas e o cheiro bom dos caracóis sumiu definitivamente, Jovan saiu.

Fazia meses que ele não saía. Vestiu-se com capricho, o colete de lã, a gravata larga, seu velho quipá na cabeça. Pegou a bolsa que usava quando era professor e disse que ia dar uma volta, que se sentia bem.

Palavras irreais naquela cidade fantasma, naquela casa sem luz, sem vidros, os melhores móveis vendidos e os piores partidos para servir de lenha.

“Aonde vai, Jovan?”

“Vou à universidade.”

Velida não teve coragem de detê-lo, sempre respeitou a vontade do marido e não lhe parecia ser o momento de tratá-lo como um incapacitado. Tentara apenas lhe dizer que a universidade tinha sido atingida como todos os outros edifícios mais importantes, e Jovan concordara...

“Vou ver se se pode fazer alguma coisa.”

“É perigoso...”

Conseguira desentranhar um sorriso e aquele velho provérbio ídiche.

Se o destino de um homem é se afogar, ele se afogará até num copo d'água.

Velida veio bater à minha porta tarde demais, quando já estava escuro, já era a hora da polícia, e fazia muitas horas que Jovan saía. Não chorava, mas a cabeça lhe tremia mais do que o normal.

Estava preocupada, mas ainda cheia de coragem. Fizera a coisa certa.

Hoje, um dia em meados de novembro, após uma refeição de caracóis e dois copos de aguardente feita em casa com o arroz dos pacotes humanitários, o idoso Jovan, judeu sérvio de Sarajevo,

especialista em biologia das águas doces, depois de ter estudado durante toda a vida a evolução dos oligoquetas e das algas unicelulares flageladas, saiu para dar uma olhada na esqualidez de sua cidade, na destruição de sua espécie, aquela espécie pacífica dos muçulmanos, dos sérvios, dos croatas, dos judeus de Sarajevo.

A escuridão devorava o rosto de Velida, atravessado pelo rio das lembranças. Não estava arrependida; se Jovan sentira aquela necessidade de ir, estava certo assim.

“Nunca fomos violentos, somos um casal pacífico.”

* * *

Quando a notícia chegou, Velida anuiu, e foi trazida por um motorista de táxi, um daqueles heróis da cidade que enfrentam os cruzamentos mais terríveis com as portas abertas para recolher os feridos. Um homem alto, de rosto extremamente bonito, descamado pelas dores da guerra. Abriu os braços, depois os fechou sobre o peito, como os muçulmanos, e inclinou a cabeça.

Jovan fora atingido na Ponte da Unidade e da Irmandade, caminhava serenamente para os atiradores de Grbavica. Era o que faziam as pessoas, como ele, demasiado cansadas ou demasiado orgulhosas. Decidiam morrer de pé. Caminhar até o atirador como se fosse um anjo.

Velida conteve o choro na garganta, pequenos sorvos de uma dor imensa, e depois curtas apneias. Assim sepultava cinquenta anos de vida com Jovan. Apertei a mão dela, só isso. Era uma viúva forte, altiva, como a mulher de um combatente. Ouvia-se apenas aquele som da garganta na cozinha vazia, como o gorgolejo de um peru. Poucos dias antes houve uma discussão, uma das raras discussões em todos aqueles anos juntos. Jovan insistia que Velida vendesse o microscópio, os livros e todo o equipamento de seu laboratório científico. Mas ela não queria nem ouvir falar nisso, tinha vendido suas joias de ouro, os poucos objetos de prata da casa, queimara seus sapatos e seus livros para manter o aquecedor funcionando, mas não queria vender os objetos de Jovan.

“Não podia despojá-lo de sua vida.”

Então ele providenciara por conta própria. Restava sua poltrona afundada, o cardigã surrado que o aquecera em todas aquelas noites passadas no laboratório.

Acredito que simplesmente quis libertar Velida de seu peso. Sem ele, talvez ela pudesse partir, vender o microscópio, salvar-se. Sabia que, em todo caso, não sobreviveria ao inverno, estava debilitado demais. Sua tosse agora parecia sair de uma cratera. Não queria esperar o fim sentado, no escuro das telas do Unprofor. Tinha esperado a chuva, os caracóis. Aquela refeição lhe restituíra um pouco a força. Com aquela força efêmera, saíra para se despedir do que restava da cidade onde nasceu e viveu.

Chegamos ao hospital do Koševo. No necrotério há aquele odor inconfundível, agridoce. Passamos ao lado do corpo de uma moça de jeans e sem braços, depois de um homem carbonizado, a pele negra, repuxada sobre os ossos do crânio, os dentes descobertos. Deram-nos uma mascarazinha impregnada de desinfetante para nos proteger daquele cheiro. Velida não a usa, parece não sentir nada.

Jovan está intacto. É ele, indubitavelmente ele, o mesmo rosto de algumas horas atrás, de quando comemos os caracóis. A morte não o maculara. O médico que nos acompanha explica que foi atingido na nuca e a bala saiu pelo lado do ouvido, indica-nos um pequeno furo cor de mirtilo. Velida anui. Não há nada de feio. Mesmo as roupas estão em ordem. O médico se afasta, ficamos sozinhas com todos aqueles mortos. Penso: *é carne que não sofre mais*. Penso que, além desse abismo, não há mais nada. Que deveria deixar de sofrer agora, porque aqui dentro simplesmente deixa-se de sofrer. Abaixa-se a cabeça. Velida se inclina e beija Jovan na boca. Fica muito tempo assim, colada ao rosto do marido com os olhos fechados. Quando se endireita, não derrama lágrimas, mas seus lábios parecem escuros e mortos como os de Jovan.

Depois percebo o menino, é o cadáver seguinte, passando uma maca vazia. Parece um menino azul. Sim, tem aquela palidez levemente azulada dos santos na igreja. Está composto, não há sangue no rosto, e tem aqueles cabelos que estão sempre em ordem, crespos, aparados rente, como uma pelagem, tão vivos que tenho a

impressão de sentir seu cheiro, o cheiro de uma cabeça um pouco suada, de menino a brincar. É uma lagartixa azul, esse menino. Um pequeno santo. Deve ter morrido há pouco, pouquíssimo tempo. Aproximo-me para contemplá-lo melhor, não há ninguém com ele. Velida está conversando com Jovan, está se despedindo. Está lembrando os melhores momentos. Assim tenho tempo de dar uma volta por esse lugar absurdo. Fora de qualquer realidade. O depósito da guerra, corpos amontoados como brinquedos quebrados. O menino está com uma camiseta listrada. Olho uma de suas mãos, levemente aberta, abandonada como no sono. A inocência humildemente reclinada perante a morte. Fito suas unhas, onde a alma parece ter se detido. Deveria ir embora, pois sinto que não me salvarei mais dessa visão, que esse menino entrará em mim e sairá apenas quando eu morrer. Será a última coisa que verei, e a primeira que desejarei alcançar, depois, quando procurar as unhas desse menino no voo azul das almas. Não me pergunto onde está sua mãe, por que não está aqui chorando, talvez tenha morrido também. Porque agora sou eu a mãe do menino, toco sua mão. Sei que não deveria. É que me parece que poderia. Não há ninguém aqui para chorar sobre o cadáver do menino, para reivindicá-lo. Acabou de morrer, parece ainda vivo. Parece que pode dar um salto, cravar os olhos em mim e desaparecer depressa como um camundongo, assustado por estar aqui.

Agora eu teria a solução para os poderosos do mundo, para os homens de paletó e gravata ao redor da mesa da falsa paz. Poria o menino azul em cima daquela mesa. Ficariam fechados naquela sala, sem poder se mexer. Ficariam ali. Veriam a morte cumprir seu trabalho metódico, comendo-o por dentro. Distribuiria sanduíches, cigarros, água mineral e os deixaria ali, enquanto o menino se esvazia e se decompõe até os ossos. Por dias. Por todos os dias que fossem necessários. Faria exatamente isso.

E agora sei que me tornei mãe diante desse menino morto. Os ossos da bacia se abriram, houve um parto nesse necrotério.

A revolta me faz ranger os dentes.

Vejo o menino em seu fluido azul. Seguro-lhe a mão. Percorro todo seu corpo, um cotovelo, os roxos nas panturrilhas entre a penugem delicada.

O que há depois de um menino morto?

Nada, acredito, apenas a réplica surda de nós mesmos.

O menino está aqui, com seus cabelos de menino, uma calota de pelos que ainda emana o odor da vida. Os olhos emparedados dos santos, dos mártires que recuam. A pele das pálpebras é líquida, os olhos transparecem como bagas de uva... não estão totalmente cerrados, há uma fresta entre os cílios. Um caminho. Como uma trilha escura entre a neve fresca.

Pego a mão do menino, sigo com ele. *Por que nasceu?* , pergunto-lhe.

Velida se aproxima.

“Podemos ir, agora.”

Depois ela também percebe o menino, leva uma mão à boca.

“De quem é?”, sussurra.

“Não sei.”

Olha em torno como se procurasse algo, alguém... o motivo disso tudo. Ela também não teve filhos, somos duas mulheres inúteis, duas bicicletas sem correntes.

“É o filho da guerra...”, digo, e não sei o que estou dizendo, o que estou pensando, não sei o que me tornei.

Estamos sozinhas num campo de mortos. Há um menino azul que não poderei mais esquecer. Eu não deveria estar aqui hoje, não deveria ser eu a consolá-lo, a segurar sua mão. Foi um acaso.

Dirigimo-nos à saída. A mascarazinha embebida de desinfetante me protege do cheiro. Não devo mais me virar. Atravessamos o escuro, o esqueleto da cidade.

À noite penso nos caracóis, em seus pequenos corpos viscosos, naquele grupo de crianças que vi pela janela, que riam e recolhiam aquele maná depois da chuva. Penso no colete vermelho de Jovan, em seu peito catarrento a andar... ouço o som desse peito, como se estivesse dentro dele, como na sala de máquinas de um navio. Penso nos olhos sonambúlicos do menino azul, naquela trilha entre os cílios... delgada, pegajosa. É ali que caminha um caracol, atravessa a rua, lento como Jovan, um velho envolto num casaco brilhante como o manto de um caracol. É ele que acompanha o menino pela linha da vida.

Mais tarde, Diego também irá ao necrotério se despedir de Jovan.

“Pus um cigarro no bolso dele”, sorri. “Vai fumá-lo durante a viagem.”

Olho suas costas, os cabelos presos. Pisou num caracol, voltando, estava na soleira da porta. Sentiu a casca que se esmigalhava sob o pé. Ficou contrariado por tê-lo matado, diz que agora fica contrariado com tudo... pois todas as vidas lhe parecem engatadas umas nas outras. E agora é um labirinto.

“Viu o menino?”

“Que menino?”

“O menino azul, ao lado de Jovan...”

Diz que não havia nenhum menino quando ele foi. Nenhum menino.

“O corpo ao lado... depois da maca vazia”, insisto.

Dá de ombros. Vira-se para mim.

“Por quê, o que havia com esse menino?”

Queria lhe dizer tudo, mas não posso lhe dizer nada.

“Estava morto”, digo.

Caminho na lama das lágrimas, afogo-me na bainha daqueles olhos que não tinham se fechado por inteiro e agora já estão sepultos, terra colada a eles como num caracol esmagado. Nunca mais chorarei assim, nem mesmo quando ficar só. Naquele dia serei forte como uma viúva bósnia, como Velida.

Diante do menino ela disse: “Os maridos podem morrer, os filhos não”.

E sua dor se retraiu, como os caracóis na panela.

Eu me lembrarei dele, talvez.

Mas hoje à noite choro por tudo, até pelo que está por vir. O que vi na trilha negra daqueles olhos entreabertos.

Depois me acalmo, mas não sou mais eu. Sou o que resta na praia depois de um furacão, um silencioso campo de destruição consumada. Do qual aflora algo, como uma placa rodoviária derrubada.

“Sabe com quem se parecia o menino? Lembra-se de Ante?”

Diego tem um sobressalto, como se tivesse sido picado por um peixe, daqueles sob a areia, que dão choque.

“Ante...”

Sim, ele. Aquele moleque com as calças puídas, que ficava sempre apartado, abrigado na rocha como uma ave, que fingia saber nadar e se afogava para não precisar pedir ajuda.

Por alguns dias não sinto mais nada. Fico fechada no fogo azul daquela visão. À minha volta apenas matéria fria. O pensamento do menino sob a terra não me deixa em paz. Endurece como um fóssil numa pedra, uma casca. É o último degrau dessa escada que sobe no vazio. Não posso mais tocar essa terra onde pastam caracóis e mortos. Sinto que, com o menino azul, morreram todos os meninos do mundo. Está frio, o gelo adere às coisas, captura-as. As crianças brincam de escorregar, nem as olho, parecem fantasmas, criaturas em fila rumo à morte.

Estico um pé, puxo a porta do armário. Contemplo-me naquele único pedaço de espelho que sobrou colado ali. Os cabelos voltaram a crescer em meu castanho opaco, os reflexos desceram, estão nas pontas, amarelas como penas de galinha. Penso em meu cabeleireiro, em seu rosto, em seu jargão.... *brilhos, reflexos, creme revitalizante*. Estou do outro lado do mundo. Não sou mais eu, mas não me importa. Passo o tempo deitada na cama empurrando com a ponta do pé a porta deste armário, deste pedaço de espelho que me reproduz em fragmentos. Tudo o que ocorreu antes dessa guerra parece confinado numa solitária pré-história. Houve um tempo antes da guerra, antes do menino azul, em que eu imaginara poder ficar ao lado da ovelha, poder apoiar uma mão, um ouvido em seu ventre. E juntas teríamos sido duas mães.

“O que Aska fará com a criança?”, perguntei a Diego.

“Não sei, não fala a respeito.”

“Tenho medo.”

Olhou para mim por breves instantes.

“Agora é tarde para ter medo.”

E começou o inverno. E a guerra agora se encarniçara. A florista do Markale dizia: “Este ano estamos com sorte, a neve está atrasada”.

Ficava ali batendo os dentes, diante de sua pequena moita de flores de papel. O gorro de lã feito à mão parecia cada vez maior sobre seu rosto cada vez menor. Mas nunca deixou de sorrir.

Há coisas que levarei comigo e que me salvarão. O sorriso da florista da rua Titova me salvará.

Um dia perguntei-lhe como se chamava. Talvez tenha pensado que era uma pergunta capciosa, de jornalista. Pelo sobrenome poderia remontar à sua etnia.

“ *Cvječarka sarajevska* ”, respondeu.

Que nome é? , perguntei a Gojko. Riu da esperteza da velha. *Não é propriamente um nome, cvječarka quer dizer florista.*

Cvječarka de Sarajevo e só. Nem sérvia, nem muçulmana, nem croata. Florista e só.

Diego tira uma foto sua, compra maços daquelas flores, traz para mim, e certamente leva também para a ovelha.

Não sou ciumenta, não sou mais nada. O que há em torno dissolve tudo.

É Diego quem me fala sobre ela, enquanto andamos, enquanto aquelas flores desbotam, soltam gotas coloridas. Ele me diz que Aska está muito fraca e triste, sua família morreu e aquela criança na barriga lhe pesa como uma pedra. Mas é a única coisa viva que lhe restou.

“Então talvez queira ficar com ela...”

Vai lhe perguntar quando for o momento.

“Neste caso...”

Balança a cabeça, é uma hipótese remota. Nenhuma mulher ficaria com um filho sob o dilúvio da guerra.

“E você vai ficar com ela e com a criança, certo?”

Ele se vira para mim, eu me pergunto o que estou fazendo aqui.

* * *

O urso também morreu, resistiu mais do que todos os outros, meses e meses. Depois morreu. Seu corpo peludo se ajoelhou,

depois se deitou, a boca se abriu lentamente, e permaneceu aberta.

Acompanho Velida até a estação ferroviária, é de lá que deveria partir os dois ônibus de carreira para a Croácia. Gojko me ajudou a encontrar um lugar para ela. Não foi difícil, desembolsei três mil marcos, quase tudo o que me restava, mas isso ela não sabe. E nunca vou lhe dizer, se quiser continuar a ser sua amiga. Disse a ela que é idosa e viúva e se encaixa nas listas dos civis que são evacuados. Mas não é assim, ninguém consegue sair sem pagar. Ela traz apenas uma mala, pequena, marrom-escura, de couro sintético, com um par de prendedores atravessando-a. Levanto-a pela alça, não pesa nada. Não gosto dessa mala semivazia, não há uma promessa de vida.

“E do que preciso?”, diz. “O casaco, estou vestindo. Do que preciso para minha nova vida?”

Mas trouxe seus melros, deixa-os ali, junto aos pés, numa gaiola demasiado pequena, coberta por um trapo. Receia que não a deixem subir com aquela gaiola, é sua única preocupação. Sorri. Os cabelos curtos, grisalhos, e o rosto desolado. Mas essa manhã está com um pouco de cor. Faz um frio terrível, nem podemos nos sentar, esperamos em pé diante das ruínas da estação ferroviária de outrora... dali as pessoas partiam para Ploče para os passeios na praia. Há mais gente, sentada sobre seus pacotes, mulheres abraçando crianças. Se conseguirem passar pelas guaritas militares dos check-points, irão engrossar o rebanho já numeroso dos refugiados, das pessoas em trânsito, com o visto de permanência temporária no passaporte azul estampado com os lírios dourados da recém-nascida e já defunta Bósnia. Alcançarão os centros de acolhimento, farão trabalhos humildes, serão vistos com suspeita pelos cidadãos das nações onde poderão viver, mas não poderão ser eles mesmos. Esta é a nova vida.

Os ônibus chegam ao anoitecer, quando ninguém mais esperava. Soam aplausos, bocas carriadas riem. Velida sobe, pousa a gaiola nos joelhos. Nós nos despedimos pelo vidro, meneia a cabeça, fecha os olhos, para me transmitir que está tudo bem. “Vou lhe escrever.”

Contei a ela sobre Aska, no final. Já sabia de tudo, vira-a junto com Diego.

“Onde?”

“Nos velhos banhos turcos...”

Caminhavam de mãos dadas. Eles a impressionaram. Tão jovens, perdidos, sonambúlicos.

Apertou minha mão, puxou-me para si num último abraço. “Não faça como eu”, disse, “não respeite a morte. Lute, agarre a vida, Gemma.”

Mães ao redor choram, um dos dois ônibus está totalmente ocupado por crianças. Há apenas um acompanhante, um homem robusto, com uma gravata cor de pêssego, que recolhe os passaportes.

Essa gravata vai me voltar à lembrança, junto com aquele ônibus de crianças, na sala de minha casa em Roma, quando ler que centenas de crianças evacuadas de Sarajevo desapareceram no nada. Talvez adotadas ilegalmente, talvez muito pior. Pior, ou seja: *extinga tudo, que merda está esperando, Deus? Tire o sol, arremesse do céu sobre nós um planeta negro como o coração dos caçadores engravatados. Escureça tudo de uma vez por todas. Elimine também o bem, pois o mal vive em seus bolsos. Já. Agora. Pois agora mesmo uma criança está para ser atingida. Salve o último. Apague tudo, Deus. E não tenha piedade, não temos direito a nenhuma testemunha.*

Certa noite, descendo pelas valas, entre os montes, embrenham-se nas vielas da Baščaršija rajadas de gelo que paralisam a vida remanescente. A temperatura desce muitos graus abaixo de zero, os cobertores, rígidos e gelados como mantos de metal, pesam sobre os corpos. O frio penetra por todas as partes daquelas construções feridas. As telas nas janelas estão cobertas de gelo, queimam ao toque. Começam a se contar os primeiros mortos de frio nas auroras nubladas, múmias com véus de gelo, como biscoitos secos recobertos de glacê. As hortas de inverno resistem, crispadas sob pequenas coberturas feitas com saquinhos de celofane emendados.

Os atiradores de Grbavica, de Trebević, de Poljine fazem turnos mais curtos devido ao gelo, não distinguem entre a carne da mão e o ferro dos fuzis.

A neve cai, devora o céu. A cidade está fechada no silêncio de seus passos, os canos d’água têm coágulos de gelo nas bocas. As crianças matam a sede com a neve que carcome as mucosas.

Numa noite a neve cobre as ruínas, prende-se nos edifícios negros e parece capaz de limpar tudo. Depois, pelo contrário, a cidade fica ainda mais sombria, mais abandonada, quando a neve varrida forma paredões encardidos, e do manto branco despontam os minaretes tombados como lanças despedaçadas. O gelo enrijece a vida... nas ruas apenas figuras descarnadas, esqueletos corcundas, como os do Museu de Ciências Naturais, arrastam trenós, carrinhos cambaios repletos de sucata.

Depois a primeira granada do dia, o sangue na neve.

Quase não vejo mais Gojko, vive fechado no bunker da rádio, põe em contato as pessoas e seus parentes presos nos bairros ocupados, recebe das estações de rádio na Croácia e na Eslovênia as chamadas dos refugiados que querem notícias dos familiares que continuam sitiados. Mas ainda encontra forças para sorrir. *Parecem vozes do além*, diz. Ele se tornou exímio em captar sons distantes, ligações que se interrompem infinitas vezes, vozes que afloram de um bosque em que se entrechocam outras vozes, soluços, ruídos que parecem abalos telúricos.

“Um dia falarei com os mortos”, diz. “Quando esta guerra terminar, já terei me transformado em médium.”

Em algumas noites ainda conseguimos beber juntos aquela cerveja que agora tem gosto de sabão, nos botecos subterrâneos que reabriram, porque a vida começa a se reorganizar na sombra da guerra. Os rapazes querem se embriagar, se apaixonar, rir.

Assim reencontro Ana e Mladjo. Zoran, no entanto, foi capturado por um grupo de paramilitares e morreu cavando trincheiras no Žuč. Riem, pois Zoran era um intelectual, refratário ao trabalho físico como um gato à água, e acham divertido imaginá-lo ali com o lodo até os joelhos e a pá na mão.

“E além do mais”, diz Ana, “as lágrimas afogam os mortos, as risadas os mantêm vivos.”

Veste uma Levi’s 501 e uma camiseta preta, ainda é bonita mesmo com os dentes escurecidos.

“O que está fazendo aqui ainda?”, pergunta para mim.

Mladjo me mostra seu último trabalho. Caminhamos até um edifício austro-húngaro, onde havia uma escola primária. Está completamente destruída no interior, mas a fachada permanece de

pé. E naquela parede, solitária como uma tela pendurada no nada, ele colou uma placa de isopor, fez um desenho em perspectiva de uma sala de aula... uma enorme reunião de estranhas crianças. Reconheço muitos rostos, Ana, Gojko, Zoran com seu rosto bexiguento. Ele pôs todas as pessoas que conhece em Sarajevo, todos os seus amigos, os vivos e os desaparecidos.

O que lembro daquele último mês? Sebina com um chapéu vermelho de Papai Noel, que Gojko pediu de presente a um cinegrafista irlandês. Ia com a mãe a uma festinha na casa de uma prima, Mirna levava uma bandeja de doces, estava com os cabelos arrumados e usava batom. Passamos ao lado do Zemaljski Muzej, e ela lançara um olhar aos antigos *stećci* bogomilos crivados de balas. Sebina, por sua vez, parecia não perceber aquela profanação, saltitava entre os saquinhos de terra das trincheiras. Estava feliz porque seu professor conseguira organizar uma pequena turma em seu apartamento, e assim não perderia o ano escolar.

Não sei dizer onde brota o amor dentro de nós, antes de escorrer e parar na barriga. A guerra me escorria pelas mesmas fendas por onde outrora passara o amor, e agora tinha se depositado profundamente em minhas entranhas. À noite, apenas a luz dos projéteis luminosos atravessava a escuridão. Pensava naquele ventre que crescia, inchado e alvo como os sarcófagos bogomilos que vira de manhã, com suas simbologias florais e suas cosmogonias gravadas na pedra, lascada pelos disparos. *É o símbolo que querem matar... o símbolo*, dizia Gojko. E agora sabia que aquele ventre era Sarajevo.

Diego assobia, põe a língua entre os dentes e reproduz o silvo das granadas. Não envia mais os filmes por intermédio de algum jornalista de volta à Itália, como fazia antes. Há pequenos cortes feitos pelo vento, pelo gelo, na tela de plástico verde na janela. Diego introduz a lente naqueles cortes, como fazem os atiradores com os canos dos fuzis, posiciona o corpo, escolhe um alvo, alguém

que passa. Mas muitas vezes fotografa sem sequer utilizar o filme. Quando comento, ele dá de ombros.

“É a mesma coisa”, diz, “não muda porra nenhuma.”

Não falamos mais do depois, deixamos passar as horas encapsulados no presente. Somos como todos os outros prisioneiros deste vale, não temos nenhuma certeza de resistir até amanhã. Essa precariedade não me incomoda, é como andar sobre as ondas. Se ao menos ele estivesse aqui comigo. Mas nós duas o escondemos uma da outra, e esse cerco é nosso, uma barreira dura que nos protege de nós mesmas. À noite é proibido sair com os archotes, mas Diego frequentemente vai, levanta-se da cama e sai. A barba longa que agora lhe cobre o pescoço, os olhos doloridos, agita-se, diz que à noite não consegue dormir. Vagueia alucinado entre o esqueleto daquela cidade devorada... é como entrar no próprio corpo da morte.

Encosto em seu peito magro, ele afasta minhas mãos que lhe estendem aquele colete de chumbo, não aguenta aquele peso. Sua coluna vertebral se tornou dura, adulta. Não há mais tempo para as bobagens, para os duetos amorosos.

O que mais me faz falta é o tolo abandono do depois. Quando Diego afastava os cabelos de minha nuca e ficava horas me beijando, naquela cavidade entre os ossos do pescoço, onde começam os cabelos, onde ele dizia que ainda permanecia o odor de meu nascimento.

Não espero mais o dia da ressurreição, do avião que nos levará embora. Talvez simplesmente não voltemos mais, morreremos junto com esta cidade onde nos conhecemos. Onde fizemos amor pela primeira vez, na cama da mãe de Gojko, diante de um berço vazio. Eu devia ter prestado atenção naquele sinal, que já era o nosso destino.

Nunca falamos sobre Aska. Ela se move ao fundo, mora naquele bairro periférico, mais destruído do que os outros, de onde não quer sair, é fácil esquecê-la. Mas à noite Diego chama por ela, uiva como um cão ferido, ergue-se na cama. Por isso não consegue dormir. Tem medo que ela seja atingida, e com ela morreria o filho

deles. Pronto, falei: o filho *deles* . Eu gostaria de ter a coragem de Jovan, ir ao encontro do atirador, com os braços abertos como um anjo. Mas não é minha cidade. Afundo na colcha fria, somos peixes sepultados num lago congelado. Peixes cegos devido à profundidade, roçamos um no outro sem nos encontrar.

Diego diz que não tem nada a ver com Aska. Ficaria de qualquer maneira, não pode abandonar essas pessoas, não pode viver em outro lugar. Não agora que conhece aquela dor, da qual tentou se desprender, mas não conseguiu.

A vida está aqui, entre estas ruínas recobertas de gelo. E ele nunca a sentiu tão forte. A vida é Khalia, a mocinha que arrasta o pequeno trenó com seus irmãos em cima, miúdos como coelhos, é Izet, o velho que diariamente vai até a frente de sua loja fechada na Baščaršija e se encosta na porta amassada, a vida é a florista que vende buquezinhos de ilusão.

Diego continua a me repetir *vá embora, volte para casa* . Mas eu não posso ir embora sem ele, sem esse amor que agora ele espalha como alpiste pelas ruas de Sarajevo.

“Você não precisa de mim, consegue ir muito bem sozinha.”

Passa os dias enchendo tinhas de água que depois leva para os apartamentos dos velhos, dos inválidos que ficaram sozinhos. Constrói estufas, arrasta lenha, limpa a neve, vai e vem entre os centros de distribuição das ajudas humanitárias e as casas das famílias que adotou e agora ficam à sua espera. Tem o rosto manchado com as marcas das crianças que lhe vêm aos braços, que ele carrega pelas escadas daqueles prédios sem luz, malcheirosos. Arrisca sua vida, em vez de deixar que as mães arrisquem, pois os homens sadios estão quase todos combatendo, cavando trincheiras. Quase não fotografa mais, diz que não lhe interessa, que Sarajevo está cheia de fotógrafos e de repórteres, gente que não serve para nada, chacais. Os jornais do mundo estão saturados desses mortos chacinados, dessas crianças sujas com roupa de ginástica, precisam de mais espaço para a publicidade, para os panetones, os diamantes eternos.

Ele decidira morrer naquela guerra, decidira pagar por todos os mediadores da paz que não faziam nada. Mas eu achava que, por trás desse sacrifício, havia uma desilusão em relação a mim, em relação a nós. A arrogância de um menino ferido.

Quem ele pensava que era, esse rapaz magro e encurvado, com os cabelos presos com uma fita vermelha e um casaco com esparadrapo nas costas?

Era o pai de todos, e todos o chamavam pelo nome.

“ *Zdravo, Diego!* ”

“ *Zdravlje, Diego!* ”

Agora falava a língua deles. Tinha as mãos feridas pelo frio, por aquelas tinas de água que arrastava.

“São as chagas de Cristo”, eu brincava com ele.

Tinha me apaixonado por um rapaz de Gênova com o sotaque rouco dos becos, alguns dentes cariados pela droga, um filho extraviado. Um arruaceiro nos estádios e que comigo era um pintinho.

Agora era um velho, a longa barba de um eremita.

Pego um pouco de neve, jogo nele, em seus olhos bons.

Canalha. Querido.

Um dia urino de medo na neve, quando vejo se agachar o rapaz de casaco xadrez ao meu lado. Por sorte não morreu. Inclinou a cabeça para recolher o cigarro que estava fumando e o estilhaço de uma granada lhe feriu apenas um ombro. Ele se salvou porque, com as mãos enregeladas, o cigarro lhe escorregara dos dedos.

É uma boa fatalidade. Há aquele sangue e o rapaz que não entende, não sente dor, lamenta apenas que o cigarro molhou e se apagou. Depois percebe aquele sangue gotejando na neve, fita-me com os olhos arregalados, pois pensa que é meu, que a granada atingiu a mim. Pensa que sou eu a morta e que agora vou cair. Fita-me como se eu fosse um fantasma. Procura minha ferida. Pensa que talvez esteja em minha nuca e que agora vou cuspir sangue pela boca. São esses olhos que me dão medo. Opacos, estrangeiros, assistem-me morrer. Será este o último olhar do mundo sobre mim? Sinto a urina quente no gelo, que escorre por uma perna, a perna trêmula. Então é assim que as pessoas morrem sem se aperceber.

Depois o rapaz dirá que realmente não sentiu nada, apenas um golpe como um tapa nas costas, depois olhou em torno e viu o sangue, viu a mim. E por algum tempo realmente acreditou que eu tivesse sido atingida.

Hoje, na fila da água, aprendi que os estilhaços de granada não doem, penetram nos corpos sem causar dor, pois o choque funciona como uma anestesia.

Não saio mais, espero escondida no corredor, longe da janela.

A vida se reduziu à mera sobrevivência.

“Encontrou alguma coisa?”

“Queria tanto uma cenoura, sabe uma cenoura?”

Poderíamos ir a um hotel, arrastarmo-nos até o Holiday Inn junto com a imprensa estrangeira, ali há o murmúrio de línguas conhecidas, pessoas que vão e vêm, comida quente, garçons. Mas Diego odeia aquele ambiente falso.

Estou agarrada a ele, nua, sem mais dignidade, sem mais orgulho.

“Fui um monstro... um monstro. Quero encontrar Aska e pedir perdão.”

Diego me olha como se eu fosse uma fonte, um objeto inanimado que solta água.

“O que posso fazer? O quê?”

“Ligue para seu pai, peça que ele mande todo o dinheiro que puder.”

Uma noite voltou com uma caixa de *pašteta*, um tipo de patê bósnio que em tempos de paz causava-me ânsias de vômito, e naquela noite pareceu-me o melhor alimento do mundo. Então olhei para ele para pedir clemência, doçura. Estendi a mão, ele a beijou como se lambe um selo para colá-lo no envelope, apenas para me afastar.

Ficamos ali mais um pouco, inclinei a nuca para lhe pedir um beijo ali, naquela cavidade que tanto lhe agradava.

Mas ele nem percebeu. Examinava algumas fotos que levava para revelar num laboratório, um buraco atrás da rua Titova onde

havia um velho que ainda ampliava fotos, num papel velho e fosco, recortado com uma faca.

“Deixe-me ver.”

Pessoas posando, fotografias recortadas até a altura dos ombros. Imagens sem profundidade, como as sinalizações da polícia.

“O que é isso?”

“Me pediram.”

Agora trabalha apenas para os sarajevitas. São fotos de lembrança, santinhos para enviar a algum parente, para depositar nas sepulturas.

“Não ponha as mãos nelas...”

“Por quê?”

“Estão sujas...”

É verdade, estou com as mãos engorduradas de *pašteta*. Mas hoje à noite não aguento mais. E de repente, antes que ele possa fazer alguma coisa, amasso aquelas fotografias, toda aquela gente miserável posando. E sinto-me viva, porque me restou apenas a raiva.

Sigo-o como uma sombra suja, doente.

Joga uma rápida partida de futebol na neve com um grupo de rapazinhos, naquele pátio devastado. Ri, salta, dribla. Depois permanece ali, dobrado sobre as pernas, cansado. O vapor branco de seu hálito no frio.

A sala de aula de isopor ainda está pendurada naquela parede espectral. Mas Mladjo morreu. Empurrava a carrocinha do pai, o atirador o atingiu apenas para ver o velho paraplégico sozinho, plantado no meio da rua, incapaz de se mover, de socorrer o filho.

Sigo Diego até o Markale, ele entra naquela construção em ruínas onde hoje pendem roupas úmidas de neve a pingar, coisas humanitárias que acabam no mercado negro... revira os montes de botas de borracha, de galochas usadas. Tudo isso agora me causa asco. Estou no limite. Incomoda-me aquele odor de coisas usadas e úmidas, de sopas comuns que fervem nos caldeirões de alumínio, de esgotos quebrados... tenho asco dessa lama misturada com a neve. Tenho medo dos cães vadios que dilaceram os mortos, tenho medo

dos rostos cavados das pessoas, daquelas calças habitadas por pernas magras e rígidas como muletas, desses olhos alucinados que vasculham o chão, que procuram como aqueles cães. Não há mais nada na cidade, é um campo incendiado. Os corpos desnutridos têm dificuldade em ficar de pé, oscilam em busca de algo, de qualquer coisa que possa servir à vida. O mímico Bojan e sua namorada Dragana fazem uma apresentação especial sob o pórtico da rua de pedestres, fazem de conta que estão comendo, servindo um banquete imaginário, e são tão bons que dão água na boca. Tomam pela mão quem se detém para assisti-los, convidam a se sentar com eles para aquela comilança, servem a todos os comensais sopas, pernis de carneiro, pita... lambem os dedos, alguns riem, outros choram, mas no final todos estão mais saciados.

Diego sai do Markale com um casaco de carneiro num cabide. Leva-o nas costas, aquela pele virada do avesso, estufada de pelos, que parece o corpo de um animal. Arrasta-o pela neve.

Na última vez que vejo Aska, ela está com esse casaco que a deixa gigantesca. Os botões repuxados na frente, sobre o ventre enorme. Alcançou a mesquita de Ferhadija, lava-se na fonte gelada. Diego a ajuda, dá-lhe amparo. Ela esfrega o rosto, o pescoço. Depois tira os sapatos e mergulha os pés naquela água que é puro gelo.

Anda descalça na neve. Detém-se no que restou dos *sofe*, os locais destinados às mulheres. Ela se curva e se ajoelha. Permanece ali com o corpo reclinado, penosamente, pois o ventre a impede de tocar o solo naquela submissão total a seu Deus.

Aproximo-me, ajoelho-me ao seu lado. Seus olhos são peixes imóveis sob uma lâmina de gelo.

“Vou lhe dar a criança”, diz.

Um sorriso melancólico no rosto que não me parece mais o mesmo.

“A menos que um atirador se adiante a você.”

Pietro está na frente do espelho

Pietro está na frente do espelho. Tomou um de seus intermináveis banhos de chuveiro. Ergue os braços nus, contempla-se longamente. Ele se aproxima, pergunta se noto alguma diferença entre um músculo e outro, se já está com músculos de tenista.

“Toque.”

Não vejo nenhuma diferença. Apalpo dois canudos de carne longa e magra, e logo chego ao osso.

“Tenho de me matricular numa academia, preciso fazer musculação.”

Agora está sentado na cama, uma toalha na cintura, molhou os lençóis, não tem problema, pois estamos de saída.

Observo suas costas nuas e curvas, com os nós da espinha dorsal, as escápulas salientes como asas dobradas.

“Sou feio”, disse.

Diz isso o tempo todo, encontra um monte de defeitos, os ombros raquíticos, os olhos grandes demais, com cílios demais, *como uma mulher*. Sente nojo daquela pequena mancha marrom com alguns pelos na coxa, ao lado da virilha. *Desejo de comer porco*, diz. Por causa da mancha não veste calções curtos na praia, só bermudas até o joelho.

“Imagine, você é lindo!”

Ainda não teve nenhuma namorada. A única mulher que o elogia sou eu, e naturalmente ele não acredita em mim.

Tem esta penugem fina sobre o lábio que parece manchado, os dentes, as orelhas e o nariz são grandes demais, porque o rosto ainda não acabou de crescer e os traços parecem os de um menino de Picasso. Olhos de cavalo desalinhados num rosto de feijão.

Ele ficará muito bonito, percebe-se pelo sorriso, pela graça com que trata as crianças menores ou quando cumprimenta pessoas desconhecidas, beijando-lhes as faces de repente, como se fossem amigos próximos.

Seu passaporte registra que nasceu em Sarajevo. Para ele, essa cidade é uma terra de ninguém, onde fui parar por engano, para seguir um pai que ele nunca conheceu.

Somente uma vez ele me perguntou como tinha nascido. Estava no terceiro ano primário, era para uma tarefa da escola. Com um bastão de cola, grudamos sua foto de recém-nascido numa folha de cartolina. “O que escrevo, mãe?” Ele devia descrever seu nascimento e naturalmente perguntava a mim. Levantei, abri a geladeira, tirei um bife. Falei de costas... inventei uma coisa qualquer revirando aquela posta de carne fria.

Depois vi sua tarefa colada ao lado das redações das outras crianças, no grande quadro escolar do final de ano. Eu estava ali com o copo de plástico cheio de suco de laranja, em meio àquele galinheiro de mães que nunca suportei muito. Tenho medo da intimidade entre mães, nenhuma delas se parece comigo. Ficava ali diante das palavras de meu filho. Tinha descrito um nascimento banal e açucarado. E justamente aquela banalidade superficial me comovia. Éramos como todos os outros, eu uma mãe *dulcíssima* e ele um *recém-nascido roliço*. Nossa história absurda se perdia entre todas aquelas descrições de nascimentos ortodoxos, com fitas azuis e cor-de-rosa. Ele tinha inventado muito melhor do que eu. Estava ali perto, com o físico raquítico do pai, o rosto pálido da cidade. Os olhos pacatos de um cúmplice perfeito: “Gostou, mãe?”.

Deixei cair uma lágrima no suco de laranja. Uma lágrima tola como minha vida. Nem conseguia responder, fazia que sim com a cabeça como uma galinha ciscando. Ciscava aquela morna e longuíssima mentira, espalhada a lápis na caligrafia ainda incerta de

meu filho. Aquela inocência era minha proteção. Era ele que me batizava como sua mãe. Era ele que dizia: *É você . E esta é a certidão .*

O que haveria de lhe dizer?

Sempre que ia visitar alguma amiga dando à luz entre travesseiros brancos e laçarotes, sempre que visitava aquela alvura, sempre que sentia aquele odor indescritível de carne nascida, de criança nova... mas também o dos desinfetantes, das pequenas compressas para desinfetar o bico do seio antes de amamentar, sempre que sorria e dizia *que maravilha, que encanto* , em todas essas vezes eu sempre me sentia mais solitária, mais feia. E saía entristecida daquelas tocas de algodão, depois de deixar meu presentinho para os bebês. E caminhava um pouco, a esmo, sem ser mais eu.

Não dei à luz. Nunca nos curamos daquilo que nos falta, adaptamo-nos, contamos para nós mesmos outras verdades. Convivemos com o que somos, com a nostalgia da vida, como os velhos.

Não participei do evento primordial, da regeneração de mim mesma. Meu corpo foi excluído desde o início desse banquete que as mulheres comuns repetem aos surtos, saciadas, indiferentes às outras mulheres como eu.

Os partos mudam os ossos, deslocam-nos. Minha avó dizia que cada nascimento é um prego no corpo de uma mulher, uma ferradura de cavalo. E, antes de morrer, as mães reveem os partos que tiveram, o corpo que se escancara e entrega ao mundo um carvão branco. Veem os pregos, os traços de seu percurso. Ao morrer, o que lembrarei? Qual será minha ferradura de cavalo?

Pietro escreveu que eu o tinha posto sobre a barriga e que ele adormecera sobre mim. Eu deveria sentir vergonha, mas sentia-me em paz. O resto eram pregos a serem descartados.

Gojko veio me buscar, ouvi aquelas batidas na porta, não estava dormindo. Estava tensa, de olhos fechados, junto à parede no fundo do quarto para onde arrastara a cama, não conseguia me afastar daquela parede que refletia o frio, e à qual me colava durante o

sono, por medo. Mal começava a amanhecer, em épocas normais eu nem teria percebido, mas agora percebia todas as variações do breu.

Gojko não fala, está com um isqueiro na mão para enxergar no escuro. Depois o apaga, talvez para economizar gás.

“O que há?”

Não enxergo mais seu rosto, imagino-o como a reverberação do momento anterior, daquela chamazinha que acabou de se extinguir. Faz um gesto, leva a mão ao rosto e deixa-a ali, apoiada na face, como uma carapaça de carne, como se quisesse se proteger. É um gesto inusual, feminino, que nunca o vira fazer.

“O que aconteceu?”

Balança a cabeça, resmunga.

Por que não fala, este imbecil? Estou pronta. Desde que entrei naquele necrotério estou pronta, desde que caiu a primeira neve. Jovan já me ensinou tudo. O corpo se esvazia como um saco de areia furado, ouve-se o som da areia caindo. A calma é uma virtude de Sarajevo. É uma calma que ignoramos possuir, inesperada como a dos mortos.

Pego o archote, aponto para ele. Gojko se rebela contra aquela luz, agita a cabeça, tira a mão do rosto, cospe no chão.

“Ahhhh...”

Sinto um cheiro forte de álcool, de aguardente. Gojko xinga, reclama que está com dor num *zub*, um dente, daqueles grandes no fundo. E diz que fica com aguardente na boca para embalar o menino, o molar. Fito-o, tem o rosto inchado de um lado como se fosse a picada de um inseto, e os olhos desanimados, semicerrados.

Depois ele me diz que a criança está nascendo e veio me buscar. Foi Diego que lhe pediu.

Volto com o archote para o quarto, abaixo-me, puxo a mala que está sob a cama, abro, pego a mochila com o dinheiro que meu pai mandou através de Vanda, a voluntária que conheci no avião militar. Reencontramo-nos numa *kafana*, raspou os cabelos como um paraquedista. Dividimos um pacote de absorventes como duas irmãs.

É uma aurora pálida que talvez traga um dia luminoso.
Corremos pelas ruelas arruinadas de Bjelave.

Entrei nesse carro pela primeira vez durante as Olimpíadas de Inverno, mil anos atrás. Gojko transbordava com aquela tola felicidade dentro de si, cheirava a ingenuidade e presunção. Cantava em inglês com sotaque croata *Everybody's got a hungry heart ...* usava o mesmo jeans desbotado de Bruce Springsteen, esse rapaz intrometido, *born in Sarajevo* . Queria impressionar e me parecia patético. *Nunca mais vou vê-lo* , pensei.

Estamos aqui, afundados nesse labirinto de esqueletos, de avenidas que parecem montanhas-russas de um parque de diversões no inferno. De súbito penso que o pior não é isso, este presente agitado pela loucura. O pior está ainda por vir. Quando os canhões forem embora, os noticiários também sumirão e restará o lado cinza da cidade, que continuará a emanar uma dor silenciosa como mofo. Como pus.

“Você ainda escreve?”

“Não.”

Não parece triste nem perdido. Agora conhece a topografia dessa nova cidade minada, dividida em zonas, onde nos movemos como bolinhas de um fliperama, e onde só os melhores não acabam no buraco. E Gojko é um bom jogador. Não olha mais para a devastação, acostumou-se. Procura apenas a passagem livre, a oportunidade.

“No que está pensando?”

Ele me diz que está com dor de dente e só pensa naquele molar que dói.

A luz do hospital é fraca como a de um cemitério. Pequenas luzes de emergência, vez por outra, e depois longas zonas de escuridão, escadas que se precipitam. Sinto sob os pés o assoalho solto, que parece apoiado em lama. Um cabo, um painel suspenso, raspam em minha cabeça. Quase todos os setores foram atingidos, as camas se amontoam pelos corredores. Os corpos parecem sacos de areia no escuro. Tento não olhar os pés que saem das cobertas, os tubos negros de sangue. Sigo as costas de Gojko nesse túnel.

Figuras que vêm ao nosso encontro, colidem em nós. Alguns gritam. Mal desponta a luz do dia, mas parece que avanço para um crepúsculo turvo. Um combatente uniformizado manca amparado por uma mulher de avental azul. Um velho com uma perna que termina no joelho, num tufo de ataduras ensanguentadas, fuma sentado numa maca. Gojko me estende uma mão, ajuda-me a atravessar escadas quebradas de onde entrevemos o precipício dos andares. Onde se dá à luz há uma trégua, ninguém reclama. Uma mulher está dobrada sobre o ventre inchado como sobre uma mala, como uma viajante exausta.

Diego está sentado no último degrau de uma daquelas rampas que não têm mais corrimão.

Não é um amanhecer qualquer. Parecemos submersos numa mina submarina, movemo-nos lentamente na água. Gojko se afasta, vai procurar alguém que lhe arranque o maldito dente; se não encontrar, grita que ele mesmo vai tirar, basta uma pinça. Diego me vê, levanta. Refugio-me em seu cheiro. Há três dias não o vejo, não volta para dormir.

“Como vai?”

“Estou bem, tudo bem.”

Poucas palavras e depois o vapor dos hálitos, naquele setor que parece um depósito de ferro-velho. Não há aquecimento, parece estar ao relento. Algum dia eu deveria comentar esse cheiro com Pietro. Cheiro de cansaço e de frio. Do pescoço de seu pai, que tremia como um ganso prestes a ser apanhado.

“Diga alguma coisa.”

“O quê?”

“Qualquer coisa.”

Te amo, talvez seja o que quer ouvir. Estamos sentados juntos nesse degrau, deitou a cabeça em minhas pernas.

“Trouxe o dinheiro”, digo a ele. “Está aqui...”, e toco na mochila. Não pus a mochila nas costas, e sim na frente, sob o casaco. Tinha medo que me roubassem numa barreira de fiscalização. E só agora me dou conta que a mochila parece uma barriga de mulher grávida. Diego sorri, um velho e desconsolado sorriso. Porque tudo está nessa barriga de dinheiro, nossa sorte e nossa tristeza.

Devo contar a Pietro? *Veja que mamãe estava grávida de cinquenta mil marcos em notas miúdas, pesavam-lhe no colo, sob os seios* . Contar: *veja que fomos generosos, eu e o fotógrafo, vovô tinha vendido a casa da praia para nos ajudar* . Era um valor desproporcional, há quem tenha comprado crianças em Sarajevo por alguns trocados.

Emballo essa barriga de dinheiro, seguro-a apertada. Abraçamos com esse peso no meio, que nos mantém levemente afastados.

Aska está de pé, anda para cima e para baixo diante das portas dos banheiros. De vez em quando para, apoia-se na parede entre duas pias. Aproximo-me dela. Poucos passos naquela mina submersa.

Há um cheiro forte, de privadas entupidas, que o perfume dos desinfetantes não consegue encobrir totalmente. Nossos hálitos soltam vapores brancos. Estamos num lago ártico, sepultados sob a camada de gelo. Estamos nós três juntos, depois de tanto tempo.

Também devo contar isso a Pietro. Falar desse outro cheiro, de cárcere, de abandono. Falar desse encontro.

A trompetista, a ovelha indisciplinada de Andrić, a rebelde que dança na frente do lobo, fita-me sem mudar a expressão, como se não se lembrasse de mim.

Mas numa época, cem anos antes desse cerco que devorou sua cidade, fomos amigas. Uma noite, dançamos abraçadas na frente de um pôster de Janis Joplin, e ela, mais jovem e mais pobre, susteve-me, resplandecia com seu futuro selvagem de instrumentista, enquanto eu dizia a ela *sou muito mais pobre do que você* . Os cabelos estão mais opacos do que antigamente, caem pelo pescoço, presos por um elástico. O rosto, perpassado pela luz cinza, parece desprovido de emoção. Depois olho mais abaixo.

Está com o casaco de carneiro que Diego comprou no Markale, aberto sobre a camisola. Contemplo aquele ventre que aflora e me parece enorme, brotando de tanta magreza. Está com as mãos postas atrás, nos rins, encosta a cabeça na parede. Diego fica ali ao lado, mas de alguma maneira está ausente, deixou-nos sozinhas. O ventre de Aska é grande e parado.

“Posso tocar?”

É uma voz que sobe de um poço, e nem parece minha. Aska permite, sem me olhar. Afasta os braços do corpo como que para me abrir espaço. E eu estendo a mão.

E isso eu devo contar a Pietro, algum dia antes de morrer falarei desse braço que se destaca de mim e avança até ele.

A mão que se apoia vacilante como o primeiro lem sobre a Lua; os dedos são patas rígidas, metálicas.

Não sou ninguém, apenas uma invasora, um pássaro de ferro num planeta que não me pertence.

Mas a seguir sei como proceder, naturalmente, e é como se despir para entrar na água, desnudar-se. Faz um frio terrível, mas essa mão parece envolta por uma neve tépida. Estou aqui e não irei mais embora. Respiro.

E a água agora é apenas esta, amniótica, submersa.

“Trouxe o dinheiro?”

Afirmo com todo o corpo, indico para ela a mochila em minha frente, aquele calombo sob o casaco. Aquele ventre de dinheiro mais patético do que tudo me torna realmente miserável.

“ *Dobra* ”, diz, ótimo.

Então vem aquele golpe, sob minha mão apoiada em seu ventre. E é realmente uma cabeça que bate, como um peixe sob o gelo.

Grito. Sinto aquele golpe por dentro e grito.

O que era? Um pé? Um cotovelo? Um punho?

Mas não vejo mais nada, apenas um céu de lama azul, um enjoo que desce da cabeça... e sei que estou desmaiando, porque estou em jejum, porque aquele golpe me entrou pela virilha vazia, naquele tapete de carne silenciosa e oculta entre os ossos do púbis, que nos esqueletos são achatados e brancos...

Sou um saco de areia rompido, sinto os grãos descendo, atravessando, ásperos, meu corpo. A areia agora está a meus pés, a cabeça está vazia, é luz que tudo apaga.

Estou nos braços de Gojko, reabro os olhos entre seus cabelos imundos. Empurra a garrafa debaixo de meu nariz.

“Aspire, linda, cheire esta maravilha.”

É aguardente de Montenegro, a famosa Treze de Julho, uma raridade. Devem estar já meio altos, pois as mãos de Diego estão quentes apesar do frio. E Gojko está eufórico, tirou o dente. Abre a

boca, mostra-me aquele buraco negro, ri com os dentes manchados de sangue.

Vejo Aska nessa semiconsciência líquida, a cabeça apoiada contra a parede. Desmorona entre as pias, fica de quatro.

“Precisa de alguma coisa?”

“Um cigarro.”

Peço a Gojko que me dê um de seus Drina, fico de joelhos e ponho o cigarro já aceso na boca de Aska.

Enquanto traga, estremece, o rosto se contorce de dor.

Agora sinto uma dor forte nas costas. Lembro bem, essa dor bífida que percorre as costas e penetra nas profundezas macias. Duas lâminas cravadas nos rins avançam até se unir em minha virilha.

É a dor de Aska que adere em mim. Não estava preparada para isso. Afasto-me, volto a sentar no degrau.

Diego se aproxima de Aska, massageia um pouco suas costas, depois cambaleia até mim de cabeça baixa.

Agora ela está feia, deformada de exaustão como um cão hidrófobo. O cigarro caiu no chão. Devo contar a Pietro sobre essa cabeça que bate na base de uma pia... sobre esse cigarro caído no chão nojento, que eu queria jogar fora, mas sua mãe quer de volta, grita em sua língua.

Ponho novamente aquela bituca entre seus lábios. A fumaça sai em espiral de sua boca, talvez afaste a dor. Grita de novo, contraída como antes, como se tivesse um trapo na boca, uma tampa.

As mulheres sabem se esconder, se enterrar, como a terra à noite, mas no momento de dar à luz saem como dentes na escuridão, é ali que se mostra a alma, a coragem, enquanto bate-se o prego. Enquanto o destino nos crava a ferradura nos rins e soltamos o osso da vida, um novo esqueleto que passa pelo nosso, um rio atravessando outro rio.

Fiquei no escuro como a Terra coberta por seus planetas, não precisei me revelar.

Mas Aska foi obrigada a vir a descoberto. E quantas vezes, contemplando as montanhas, pensei em seu ventre apontado para mim como um canhão.

“É preciso respirar”, diz Gojko.

“Quem lhe disse isso?”

“Minha mãe.”

Todos respiramos, engolimos ar até a barriga e o expulsamos, como aquecedores quebrados. Aska solta alguns haustos junto conosco, depois geme, afasta-nos. Gojko lhe diz que dar à luz é como tirar um dente, que daqui a pouco vai ficar bem como ele. Escancara a boca, mostra-lhe o buraco. Aska pede outro cigarro. Gojko me olha: “Prepare-se, belezura, essa criança vai cheirar a Sarajevo, como um cinzeiro”, ri, se não fosse uma tragédia seria uma comédia... parecemos quatro loucos no manicômio, andamos de quatro ao lado das dores de parto da ovelha.

Ela se levanta. Rola ao longo da parede como um grande inseto, aproxima-se da janela daquele banheiro, que está coberta por um plástico militar rasgado no meio, talvez para deixar passar o ar, o mau cheiro. Aska passa por aquele rasgo. Contempla o céu atravessado pelo clarão de uma daquelas balas luminosas... contempla Sarajevo, as casas incendiadas, o campo de futebol reduzido a cemitério.

Devo contar a Pietro também sobre esse olhar de Aska, que continua a fumar e enquanto isso fita a cidade morta, comprimida na letargia do frio e da lama.

São seus últimos instantes dentro dela.

Seu ventre vivo se expõe pela última vez à roleta de Sarajevo.

Por que faz isso? Os atiradores de elite não estão longe dali, posicionados nos esqueletos das casas a oeste. E ela está com esse cigarro aceso, essa brasa que é um sinal.

Sua barriga agora é a cúpula de uma mesquita... da mesquita de Ferhadija onde a vi entrar e estender-se no chão.

Mas deixo-a em paz. Que ela decida por nós, por todos.

Tenho uma pedra endurecida por anos no fundo do corpo. Todos meus óvulos cegos sobrepostos agora são túmulos de terra fresca, como esses mortos com a data 1992.

É Diego quem a toma por um braço e a tira dali, leva-a para dentro. Respiram com as costas apoiadas na parede, próximos. Ela arqueja, o pescoço voltado para o forro estragado, e ele olha para ela. E talvez a olhasse assim, com a mesma ternura, a mesma nostalgia, enquanto faziam amor.

Devo contar isso a Pietro?

Esse olhar tão íntimo, que mais uma vez me priva de tudo. Faz um último gesto, pega a mão de Diego, puxa para si, morde-a como um trapo entre os dentes, como um amor que vai embora.

“ *Dosta... dosta...* ”, geme, “chega, chega, tirem-no de mim...”

Depois finalmente chega alguém, uma mulher de avental e meias de lã curtas, e a leva.

E tudo acontece a dois passos de nós, atrás de uma cortina de plástico branco. Ao ir para a maca, Aska olhou para mim... e esse olhar continua sobre mim, como um peso que me recurva as costas. É o olhar inerte dos refugiados, das pessoas que se separam de si mesmas.

Tudo acontece depressa. Atrás da tela branca de plástico veem-se apenas sombras de membros, de gestos concisos. Um pé de Aska dança no ar. Devo contar a Pietro sobre esse pé, essas sombras em que se alongam nossos medos e nossa miséria.

Depois as costas da parteira, seus cotovelos... parece que está cavando, aos puxões. Aska quase não se queixa.

Estamos ali, os olhos colados nessas sombras negras sobre a tela branca.

Fragmentos de gestos, de vozes... de mãos que cavam num corpo. Como as mãos que começaram a cavar sob a terra no aeroporto de Butmir, para encontrar uma fenda que levasse aos territórios livres.

E agora a guerra se concentra aqui, nesta tela, onde as mãos parecem multiplicadas aos milhões, parecem as mãos do 6 de abril, de todas aquelas pessoas que gritavam pela paz. Parece uma longa retirada na neve, colunas de combatentes exaustos coxeiam nessa tela.

A mulher cava, puxa, arrasta, dá um nó...

Estamos parados, apoiados à parede como estátuas sob a Chama Eterna.

Devo contar a Pietro o que pensei enquanto ele vinha ao mundo?

Nos atiradores. Em suas vidas trágicas. Naquela entrevista filmada que assisti. O rapaz tem olhos azuis e sorri, diz *é como atirar em coelhos, a mesma coisa*. E vejo o menino azul. Brinca com um pequeno trenó, sobe arrastando-o com uma corda, é uma trabalhadeira a cada vez, pois descer é fácil, mas subir... Porém vale a pena. É um belo dia de luz, a neve está fresca. O branco que cobriu o negro. O atirador tomou aguardente de ameixa, fumou, jogou no chão a bituca ainda acesa. Depois pegou sua pá, seu fuzil. Um dia sua mãe o pôs no mundo, batizou-o, o atirador tem uma cruz no pescoço, crê na divina trindade, a da grande Sérvia. Pelo menos é o que julga lembrar, porque se passaram poucos meses, mas tudo mudou e ele não lembra bem por que subiu para a montanha junto com os outros. Dispara sobre a cidade, sobre seu bairro. Levanta o fuzil, firma a vista e procura... gosta de procurar, sente uma vibração que lhe desce do peito até a barriga, e depois até os testículos. Escolhe aquela descida, aquela trilha coberta de neve onde ele também brincava quando era criança. Tem saudade daqueles dias, de sua infância, como todos os homens. Não se sente contrafeito, quando percorreu a lama para cruzar aquele rio, rumo às montanhas, sabia que não voltaria. Há outras crianças na descida entre dois prédios estripados, o edifício da esquerda era a escola primária onde ele também estudou. Por um instante volta-lhe à lembrança a professora que passava *pašteta* no pão e lhe dava uma fatia. E ele sorria, dizia *hvala* para ela. Gostava daquela professora, não lembra se era sérvia ou muçulmana, reflete, mas não consegue lembrar. Agora a escola é um esqueleto, como a estrutura de um prediozinho inacabado ao qual alguém ateou fogo. As crianças brincam, viu chegarem, não as esperava. Nunca sabe o que lhe surgirá, onde se deterá sua atenção, em que alvo, em que *cilj*. É uma palavra que lhe agrada, *cilj*, porque é seu trabalho cotidiano, porque é uma palavra limpa. *Homem, mulher, criança*, parecem-lhe palavras que conspurcam sua missão. As crianças são alvos pequenos, *maleni ciljevi*, e em geral ele não atira em alvos pequenos, movem-se demais. Mas hoje de manhã está demasiado fácil, é um convite. Os *maleni ciljevi* parecem coelhos espalhados na neve. Suas mães os deixaram sair, não podiam manter as crianças encerradas o dia inteiro na umidade dos refúgios, e talvez quisessem

ficar livres, lavar roupa, preparar uma sopa de ervas. O atirador procura. As crianças ainda são manchas na neve, pequenas figuras de contornos imprecisos. Gira a manopla que regula a luneta de seu fuzil de precisão. Há uma massa indistinta de neve, pedaços de blusas, pedaços de rostos. Está alto demais, a imagem demasiado imprecisa. Tenta ajustar o foco, aproxima-se, comprime... sai do desconhecido, da neve. Os *maleni ciljevi* agora são crianças. Ele anda um pouco com sua luneta, dá alguns passos, acompanha a brincadeira deles. Ele também brincava assim, escorregava na descida numa caixinha de plástico junto com seu irmão. Uma vez caiu numa grande pedra que despontava da neve. Ele se pergunta se ainda está ali, procura-a, encontra-a. Gosta de encontrar sinais de sua vida passada, mesmo sabendo que não voltará mais. Não sente nenhuma emoção, é como reconhecer um território, para um caçador é importante. Ele se detém sobre um menino. Não sabe por que escolhe este, em vez de outro. Talvez porque não esteja de chapéu, a frente está descoberta e, quando ele se vira, vê a cavidade da nuca.

Devo contar isso a Pietro? Ele nascia e eu pensava na nuca do menino azul, enxergava-a, estava diante de mim, na mira de um atirador. A base dos cabelos onde começa a vida.

Meu coração pulsa dentro do coração do atirador. Sou eu que escolho o menino. Escolho-o porque está com a nuca descoberta e tem esses cabelos curtos, densos, como uma pelagem. São cabelos que soltam cheiro. E o atirador pode sentir aquele cheiro. Ele também, quando criança, tinha cabelos assim, espessos, endurecidos pelo suor, sem ruído. O menino dá os últimos passos de sua vida na neve, ri, tem as faces coradas, o vapor branco do frio, arrasta o pequeno trenó na subida.

A mira sobre o cano do fuzil acompanha os passos do menino, escala a neve com ele. O atirador não sabe por que lhe coube esse trabalho, como se deu exatamente. Foram as circunstâncias. Há sacos de terra empilhados na neve, poderia desviar a mira e atirar num daqueles sacos, não faria nenhuma diferença para ele. O fato é que, para cada alvo atingido, recebe um bom prêmio em marcos, e ele precisa daquele prêmio, pois o soldo é baixo e ele quer comprar um carro, uma bmw com teto solar. Pensa naquele carro, nos bancos

pretos, no acendedor do painel, pensa naquele vento que dará vida aos seus cabelos. O coelho é um menino, avança com a calota de seus cabelos, com sua nuca. O corpo do atirador está colado no fuzil, são uma coisa só. É o momento do abraço, do pênis que se enrijece mecanicamente. Não há desejo algum, só o da bala. É ela que age, o atirador se deixa guiar por sua experiência. Dobra o dedo, depois o solta. É um instante perigoso, o percurso silencioso da bala no ar branco. Como um espermatozoide que caminha sob a lente do microscópio. Pode encontrar algo, um obstáculo que lhe desvie o percurso. Este é o melhor momento. Não é exatamente puro prazer, é também doloroso, como uma ejaculação atrasada demais. O peito recebe o tranco do tiro. O ar está branco. A bala alcançou a nuca, o menino caiu com o rosto no chão. Os outros fogem, deixam os pequenos trenós e correm como coelhos assustados. O atirador volta para o local, gira sua lente em torno, dá uma olhada nas pegadas que ficaram. Gosta daquele silêncio, quando confere o trabalho, quando restam só ele e seu centro. Confere o orifício na nuca, perfeito. O alvo pequeno, o *maleni cilj* morreu no ato, nem sequer escorregou um pouco sobre os cotovelos. O atirador não precisa desperdiçar outros tiros para acabar com ele.

Agora sorri, o rosto amarfanhado, os olhos parados porque o coração está morto. Passará algum tempo antes que venham buscar o menino, sabe disso. Esperarão que ele vá embora, que termine seu turno. O rosto do menino está azulando na neve. A bituca que o atirador jogou no chão ainda está acesa. De vez em quando um jornalista sobe e lhe diz: *atire que vou filmá-lo atirando*, o atirador atira para o jornalista. A seguir dá uma entrevista, os braços cruzados, a cruz no uniforme camuflado, a boina preta.

É como atirar em coelhos, sorri. Depois a superfície do rosto se endurece e permanece aquele miserável assombro, o do demônio que contempla a si mesmo.

Depois o som do recém-nascido vivo, vagidos sufocados nas mucosas sujas, como o lamento de um gato. Nenhum de nós se mexe. Apenas Diego avança um passo em direção ao seu filho, depois para. Volta para mim e me dá a mão.

A mulher nos chama, faz sinal para nos aproximarmos. Mostra-nos a criança, é um menino. Nenhum de nós sabia o que seria, e é Pietro.

“Pietro...”

Fito-o, mas não o vejo de imediato, vou ver depois. Agora eu o engulo. Abro a boca de espanto e ele salta para dentro da garganta. A mulher de avental está limpando a criança na extremidade da maca, virou-a de bruços, e esfrega com um pano que mergulha numa bacia de metal. Faz um frio terrível, o corpo é minúsculo, violáceo, escuro. Parece um molusco cheio de raízes marinhas. A mulher se apressa, esfrega-o sem muito lirismo. É sua profissão, tirar peixes do mar. Chega o lamento de uma sirene, a luz vacila, depois uma explosão, mas ninguém se importa muito. A mulher xinga como se faz com um vizinho barulhento demais. A guerra está dentro dela, em seus braços de tira-crianças.

“ *Odijeća... odijeća...* ”

Quer as roupas, olha para nós, pergunta se trouxemos.

Balanço a cabeça, abro de novo a boca para não dizer nada, apenas para suspirar que lamento, mas não tinha pensado. Diego lhe pede para esperar, abre a bolsa dos filmes e tira aquela pequena roupinha... um macacãozinho de lã feito à mão, de um branco um pouco amarelado.

“Onde encontrou?”

Comprou no mercado. E eu fico realmente pasma que ele tenha pensado nisso. A mulher pega o macacãozinho e veste o menino, é muito maior do que ele, as mãos somem, e embaixo sobra um pedaço que fica suspenso como uma meia vazia. Ela o acomoda nos braços de Gojko, talvez por ser o único sarajevita, ou talvez julgue ser ele o pai. Gojko não diz nada, concorda, afasta o queixo, como se estivesse com medo de embriagar o filhote com seu hálito de aguardente. Desde a época de Sebina ele não segurava um ser humano do tamanho de duas mãos; era algo que acontecia num outro mundo, em outra vida, longe dessa ferrugem, desse frio, num hospital que cheirava a chá de framboesa.

Aproxima o nariz, a boca fechada, cheira.

“Perfumado”, diz.

Devo contar a Pietro? Dizer-lhe: *olhe este búfalo bósnio, este sobrevivente que é nosso guia e que você acha um pouco antipático porque não tem paciência com você e é desleal jogando bola, ele foi o primeiro a pegá-lo no colo e foi o primeiro a sentir seu cheiro ?*

Olho para Diego, mas Diego não está olhando para eles.

Devo lhe contar isto: *teu pai não te olhava, olhava a ovelha sem ventre, a cabeça vermelha frouxa no travesseiro ?*

E era tão denso aquele olhar que nem se apercebia de mim, de meu embaraço. Estavam sozinhos. Pareciam sozinhos, isso eu lembro. Afundados no passado.

Ela também não olhava para o menino, nunca olhou.

E agora realmente tenho a impressão de estar ao lado de uma cama que não é minha, e observar dois amantes trocando juras.

Tudo se desenrolou naquela cama, a troca da criança, aquele banho improvisado. Aska estava com as pernas encolhidas, talvez devido à dor que sentira. A mulher de avental agora se retirava e batia uma mão na perna dobrada, Aska estava soerguida, tinha algo debaixo de si, um recipiente de aço para expelir a placenta.

A mulher diz que voltará para verificar.

Gojko finalmente me dá o menino, e é como passar um meteorito.

Também sinto o odor. De alma velha que renasce, que volta a esperar junto com os homens. Ainda não sei se é meu menino, se será o meu. Terei de esperar o dia em que será ele a me batizar, no terceiro ano primário. Mas por enquanto tenho-o nos braços. E já sou o lobo. Sou o atirador que volta ao campo de neve para olhar o orifício na nuca.

Depois levam a tela branca, a mulher de avental e meias remove a tela das sombras. Há apenas isso, um recém-nascido, enrugado como uma maçã velha, enfiado num macacão de lã que parece uma meia de feltro.

Contemplo-o nessa luz incerta, enquanto a areia volta a subir por meu corpo e os órgãos retornam a seus lugares. Então sinto o coração, como uma língua de fogo e de dor entre as costelas.

E devo contar isso a Pietro? Falar desse coração que ele me devolve, que eu não sentia mais e agora palpita?

A mulher volta, aperta o ventre de Aska, põe as mãos sob as cobertas. E a ovelha expela a placenta também.

Enquanto a mulher retira o recipiente de debaixo do corpo de Aska, vejo aquela perna manchada de sangue e num relance o sexo, o buraco ensanguentado como o buraco do dente de Gojko. Não me impressiona. A vida tem as mesmas cores da guerra, neve e sangue. Caminhos como tripas na lama.

Vejo-a por um instante, aquela casca cinza, quando a mulher passa ao meu lado. Agora a ovelha não serve mais, como aquela pele interior que manteve o menino vivo e agora é porcaria a ser jogada fora.

Deveria sentir pena dela, e no entanto só sinto medo de que volte atrás, que comece a gritar que mudou de ideia.

Perdeu a família, talvez queira ficar com o menino.

Só sinto medo de que possa criar empecilhos, por isso examino-a, para ver se está inquieta, pois não confio. Senti o cheiro do menino, o cheiro do sangue de Diego.

Ouçõ as palavras de Velida, caindo de seus olhos transtornados, com as quais sonhei todas as noites. *Não faça como eu, Gemma, não respeite a morte. Lute, agarre a vida.*

O dinheiro... tenho de dar o dinheiro a ela, todos aqueles marcos em notas miúdas como pediu, como o prêmio que dão aos atiradores por cada alvo atingido. Ela também vai comprar um carro, uma bmw conversível e partirá nela.

Sou eu novamente. Para mim a guerra terminou. O menino azul foi sepultado. O filho de Diego está vivo. Esta ovelha, esta criatura menor deve desaparecer, como agora há pouco sua placenta, uma tripa suja.

Não existem leis, não existe justiça. Existe apenas a coragem.

Gojko brada que, ao chegar em casa, vai escrever uma poesia, depois de tanto tempo escreverá uma poesia, e assim celebrará o nascimento do menino. Declama, bêbado:

Tenho os pés de um porco e o rabo de um rato

*a vida me arrasta para cima como um elefante que voa...
adeus, espectros, hoje não estou com vocês...*

“E com quem você está?”

Toma um outro trago.

“Estou aqui com meus amigos.”

Mas na verdade parecemos espectros que se refletem num poço metálico e lamentam a vida.

Fui ao banheiro, tirei a mochila, sentei num vaso sanitário e dei a Gojko um maço de mil marcos.

“O que você vai fazer com a grana?”

Pegou também nossos passaportes.

“Volto logo.”

Esvaziei a mochila na fronha de um travesseiro. Aproximei-me da cama de Aska.

“Pronto.”

Num gesto cansado, puxou para si a fronha estufada de marcos, escondeu-a sob as cobertas.

O recém-nascido estava numa cama de metal, longe da mãe. A obstetra havia lhe enrolado uma faixa e o deixara ali. Não se mexia. Começavam as explosões, cada vez mais próximas, depois as rajadas isoladas dos katuscia. O pequeno estava acostumado àqueles estrépitos. Aska também dormia, a cabeça enfiada sob as cobertas. Acordou apenas duas vezes, pediu água.

Veio outra mulher, mais jovem do que a anterior, e nos explicou como fazer com o menino, como trocá-lo. Tirou do macacão de lã aquelas duas pernas magras e pequenas, pouco maiores do que os dedos de Diego, e mostrou como pôr as fraldas. Mas não havia fraldas, deu-nos gaze e chumaços de algodão. O menino por ora não precisava se alimentar. Deixava-se sacudir como uma trouxa, não chorava. Agora estava de novo sozinho naquela maca, a faixa amarrada nas costas. A moça perguntou se a mãe pretendia amamentá-lo, ela meneou a cabeça. Não disse nada, olhou o corpo de Aska na cama, estava acostumada a mulheres enfraquecidas. Pediu-nos cem marcos, desculpou-se, não gostava de cobrar, mas certamente não era para ela. Voltou com uma embalagem de leite

em pó já aberta e uma mamadeira usada. De vidro. O primeiro pedaço de vidro intacto depois de tanto tempo. Coloquei tudo na mochila.

A guerra agora vinha em nosso socorro. Ninguém nos perguntou nada, ninguém parecia estar interessado em manter aquele recém-nascido por mais tempo no hospital, tão perto da linha de fogo. Éramos dois estrangeiros, podíamos deixar aquela cidade de onde nenhum deles podia sair. A moça nos perguntou como a criança iria viajar.

“De avião... estamos esperando.”

“São jornalistas?”

“Sim.”

Ela nos deu uma carta, era para sua irmã que estava num centro de acolhimento em Milão.

As explosões tinham recomeçado, o percurso desesperado das ambulâncias, dos carros improvisados que recolhiam os feridos. Agora era dia, mas o menino não acordava.

Finalmente Diego o contemplava.

E sobre esse olhar devo falar a Pietro, evitar o resto e falar desses olhos. São os olhos de um cão observando outro cão. Eis o presépio, o nosso, olhos alucinados, mãos que tremem, pensamentos em fuga.

Gojko voltou com o homem que nos ajudou, um ar alucinado de sobrevivente como os que vendem notícias aos jornalistas no Holiday Inn. Há um avião humanitário que volta para a Itália à tarde, foi ao comando da onu , conseguiu nos incluir na lista. Entrega-nos os passaportes e a certidão de nascimento do menino, será o suficiente para passar. Leio, palavras deles e nossos nomes. Ao lado da palavra *otac* , pai, está o nome de Diego, e ao lado de *majka* , mãe, o meu.

Não me parece possível esse milagre tão inodoro.

Abraço Gojko.

“Como conseguiu?”

Ninguém preencheu a ficha de internação, porque não há mais fichas de internação. Bastaram nossos passaportes e o dinheiro.

Gojko se deixa sacudir como um saco.

“Agora certas coisas são fáceis...”

Não o faria por razão alguma no mundo, ele é daqueles que troca socos com os aproveitadores do mercado negro, com os chacais que se alimentam da guerra. Mas por mim fez. E agora penso que nunca mais quererá me ver.

Aska está sentada na cama. Abraça aquela fronha recheada de marcos. Está melhor, embora tenha o rosto amarelado por causa da anemia.

Obrigada , disse a ela.

Assentiu, e talvez finalmente quisesse chorar, mas não havia tempo.

Vamos embora, a ovelha está fora dos registros, fora da história. O menino do tamanho de uma mão tem uma tripa amarrada na barriga, oculta sob a lã áspera, ali onde estava preso à carne da ovelha. Uma tripa que secará e cairá, e será apenas uma concha de carne num mar remoto. Não ficará no vale dos lobos, nunca será um coelho, um *maleni cilj* .

Agora quem faz o serviço são os soldados ucranianos, ajudam-nos a subir no blindado branco. Viro-me para Gojko. Voltaremos a nos encontrar dali a dezesseis anos, mas ainda não sei disso. Viro-me para um morto, como sempre em Sarajevo quando nos despedimos de alguém.

“ *Čuvaj se* ”, cuide-se.

Foi ele quem conversou com os soldados, convenceu-os, deu-lhes dinheiro, tudo o que restava. É um serviço que tem seu preço, o transporte da onu até o aeroporto. Agora estamos no interior daquela tartaruga branca que começa a se mover. Faz um barulho infernal, o menino parece uma boneca, balança ao tremor do blindado, sem acordar. Quem é essa criança que se deixa levar sem peso, sem alma, como um pé numa meia? É tudo o que eu quis, é a razão pela qual atravessamos esse inferno que nos esperava como um prego no destino, e agora estou tão extenuada que seria capaz de deixá-lo cair. O blindado anda sobre as ruínas, sentimos sob nossos pés. O soldado ucraniano ri, fala em inglês, pergunta sobre o menino, aproxima uma mão para afastar o cobertor, para ver sua carinha.

Paramos num posto de fiscalização, o soldado olha pela janela, fala com um paramilitar. Sérvios agressores e ucranianos da onu se entendem, cumprimentam-se com os três dedos.

Descemos do tanque, entramos na caixa escura do aeroporto. Diego me dá indicações sobre o que dizer, sobre o que fazer... estamos nos aproximando da fiscalização. Há uma mulher magra em uniforme de camuflagem, os ossos dos zigomas fortes como os de um cavalo, examina-me. Tenho medo de seu olhar, abaixo a cabeça. Junto-me ao pequeno grupo de civis que esperam conosco, todos com coletes à prova de bala por cima dos casacos contra o vento. Ninguém se sente em segurança, esta é a última boca do cerco, talvez a mais temível. E todos esses militares parecem nos odiar. São tubarões de guerra, conhecem todos os estados de ânimo de seus prisioneiros... há um ar tenso no silêncio, farejam nosso medo, talvez se divirtam. Parece que, de um momento para o outro, podem disparar contra nós. Andamos com cuidado, sem nenhum movimento brusco. Todos temos medo de que possa acontecer algo, frequentemente os sérvios atiram no aeroporto, apesar de ser controlado por eles. No espelho de uma vitrine arrancada, veem-se as pequenas casas de Butmir, com os telhados cedendo nas armações das traves. Agora de repente todos gritam. Estão ocorrendo combates no front de Dobrinja. O ar está gelado, debruço-me sobre o menino. O nariz, do tamanho de uma unha minha, parece um pedaço de gelo. Assopro-o. Diego me acaricia as costas, um movimento mecânico, exausto. Depois se inclina para olhar o menino.

“Não deve ter medo de nada.”

E não sei se está dizendo para seu filho, para mim ou para si mesmo.

De repente mandam-nos levantar, dizem-nos para correr. Um capacete azul grande como um gigante nos escolta em direção à pista. Ao lado da porta de vidro, antes de passar para o lado de fora, um policial verifica se os nomes estão na lista. É uma operação rápida, passamos com a cabeça baixa como animais. Entrego meu passaporte com a folha do hospital dentro. O policial nem se deu conta de que tenho algo nos braços, fica apenas olhando para o outro lado, vira constantemente a cabeça para a barreira na pista,

bem debaixo da torre de controle, onde alguns militares estão correndo. Talvez aguarde um sinal. Espero um carimbo, vermelho, como aquele nos animais. Meu coração está parado. O policial ergue ligeiramente o queixo para olhar o menino envolto no cobertor. São cinco da tarde, já está escuro. O rosto do policial está enrugado de frio, o nariz largo, vermelho... não sinto meus braços. De novo tenho medo de deixar cair o menino, enquanto o homem avança a mão até o cobertor, abre um pouco e vê o rostinho coberto. Faz uma expressão estranha, quase de surpresa, uma perplexidade amarga. Retira a mão, deixa passar. Dou alguns passos no gelo. Rajadas de vento descem do Igman, levantam a neve que embranquece a pista. Eu me viro, porque sinto o vazio. É um vazio que reconheço, que trago comigo há meses como um presságio contido, reprimido. Diego não está mais atrás de mim. Perdi-o. Eu me viro, mas sei que minha busca é inútil. Porque já o perdi faz muito tempo. E sei que poucos minutos antes ele já estava se despedindo de nós.

Não deve ter medo de nada .

* * *

E talvez deva contar a seu filho a sensação desse vazio, dessa vida em queda. São os primeiros passos que damos sozinhos, órfãos. Os passos incertos de um desses animais de patas longas que, tão logo nascem, têm de se pôr de pé imediatamente, para sobreviver.

Olho a cova mal iluminada do aeroporto que flutua dentro de mim, já longe, no escuro coberto de neviscos. Vejo apenas silhuetas, sombras. Não entendo o que está acontecendo. Diego está ao lado do policial... mandam-no esperar e enquanto isso deixam passar os outros, dois jornalistas que passam ao meu lado correndo. Ele se agita, com os dois braços levantados, grita. Está dizendo para eu correr, para sair dali.

Corro em frente com o pescoço voltado para trás, em sua direção. No lado leste estão atirando, veem-se os lampejos dos projéteis luminosos.

Escalo e me jogo dentro daquele ventre de ferro. Espero, agarrada na porta, o rosto endurecido pelo frio, pelo vento que corta como uma navalha. Deixei o menino no banco, ao lado de uma

mochila militar. Talvez pudesse deixá-lo ali. Voltaria para a Itália de qualquer forma, alguém cuidaria dele... poderia deixar sobre ele a certidão de nascimento, ligar para meu pai de um dos telefones via satélite do Holiday Inn. Sim, poderia descer, jogar-me deste avião que nunca desliga os motores, voltar para as janelas sem vidros, voltar para o corpo de meu amor.

Devo contar isso também a Pietro? Essa vontade de abandoná-lo, o corpo debruçado no vento gelado da pista.

“Por que pararam meu marido?”

“Perdeu o passaporte.”

O militar é um rapagão alto de capacete, tem sotaque vênето, pede desculpas, diz que não podem fazer nada, descarregaram as ajudas humanitárias e agora voltam, são estas as ordens, nem sabiam que teriam passageiros. Fito o monte Igman petrificado pelo gelo.

Sou um rapaz de sorte.

É mesmo?

De muita sorte .

Muitos anos antes, sua sorte caía do céu com aquela neve em flocos que impedia a decolagem dos aviões. Queria lhe dar um tapa, porque vencera. Aquele tapa está imóvel aqui em minha mão congelada, agarrada à escadinha, enquanto o soldado me diz para entrar, pois precisa fechar.

Não consegui descer, deixar Pietro, escolher um outro destino.

O vento me impele para trás, a pista é imensa e negra e talvez eu seja atingida por uma bala. Afrouxo no avião, quero subir ao céu viva.

A verdade é que escolhi, e Diego sabe. Eu nunca iria embora de mãos vazias. Mas agora tenho este pacote para entregar ao mundo. Estou levando a melhor parte dele, a vida nova, não conspurcada por dor alguma. E tenho a impressão de ver seu sorriso. Comprimo o corpo junto à única fenda que permite enxergar lá fora. O avião se move. Fito o rapaz de Gênova pela última vez.

O corpo magro, negro e distante contra a bolha de luz fraca daquele aeroporto sem vidros, sem pessoal, sem voos... está ali parado, ao lado do policial. Seu rosto jovem, descarnado como o de um velho, fita esse C130 que move suas rodas no nevisco. Olha-nos, fita o que está perdendo.

Ficou em terra, naquela terra conspurcada. E nunca saberei se o passaporte realmente caiu na neve.

Sou um rapaz de sorte.

Ah, sim?

De muita sorte.

O avião aponta direto para o céu. Puseram-me um cinto, mandaram-me abraçar o menino. Assim decolamos desse cerco, sem curvas macias, apontando diretamente para o céu, pois ainda podemos ser atingidos por um míssil. Os motores são bocas de fogo, o avião está na vertical, rolam sacos para o fundo, cabeças se arremetem para trás. Senti a arrancada, o esforço violento para romper a gravidade. É uma decolagem brusca, de guerra, os tímpanos doem, ardem. Estou presa ao assento, seguro firme o fardo.

Depois a trégua. Alcançamos os nove mil metros, agora nem mesmo o míssil mais sofisticado conseguiria atingir o avião humanitário que sobrevoa o Igman. O pescoço volta ao lugar, os ossos retraídos ainda doem. O esforço dos motores diminui, e assim ouço a voz: o fardo chora. Portanto está vivo, não morreu de frio nem de medo. Tenho-o nos braços como um filão de pão. Afasto o cobertor, está com a carinha vermelha, azulada de vida, a boca que se escancara repetidamente naquele primeiro choro violento, desdentado. *Quem és*, pergunto a ele, *uma ovelha ou um lobo?*

O recém-nascido abre essa boca de gengivas nuas como um velho, como uma ave.

Ficou quietinho até a decolagem, enquanto estava no colo da guerra, imóvel como se nunca tivesse nascido... como se um simples vagido pudesse lhe custar a vida. E agora finalmente pode nascer, a nove mil metros, no céu, onde os mísseis não podem nos alcançar. E então chora, faz-se ouvir, demanda atenção.

Daqui a dezesseis anos, quando um amigo lhe perguntar por que nasceu em Sarajevo, Pietro responderá: *por acaso, como os que nascem nos aviões*.

E eu ficarei sem fôlego. Eu me apoiarei num armário, na parede. E de novo ouvirei o choro da criança que nasce neste C130,

alcançados os nove mil metros.

Olho pela fenda, não se vê nada, apenas o negror em meio aos lampejos brancos da lua. Como nas fotos devoradas pela luz. Lembro um gesto que Diego fazia, punha meu mindinho na boca e o segurava ali, sugando-o de vez em quando até adormecer, e era eu que permanecia em seus lábios. Estou com as mãos sujas, imundas. Lavo o mindinho com minha saliva, chupo o dedo para limpá-lo, depois ponho-o nessa boca azulada. Agarra-o como um passarinho faminto. Faz exatamente como fazia o pai, chupa um pouco, depois adormece. E eu o beijo pela primeira vez. Pouso meus lábios naquela testa minúscula.

Atravessamos o tapete de veludo do Adriático na noite e chegamos. Desci do avião com os cabelos grudados na cabeça, o casaco rasgado e imundo, a mochila frouxa, o menino no cobertor. Procurei um banheiro. Olhei-me no espelho. Uma grande parede intacta, terrível. Quem me olhava era um animal, o rosto descarnado, as pupilas dilatadas, ausentes. Fedia. Fedia o fedor de Sarajevo, da guerra, da vida sob coerção. Não havia percebido aquele cheiro, agora naquele banheiro fresco eu sentia. Não sabia o que fazer, havia duas pias, apoiei o recém-nascido numa delas. Deixei-o naquele berço de cerâmica e me lavei um pouco na outra pia, lentamente tirei o casaco, levantei a camiseta. Lavei o rosto, tinha uma crosta no zigoma e um risco preto na testa. Mas havia mais, uma pátina fosca, como cerâmica que perdeu o esmalte e guarda os sinais do tempo e da sujeira.

A porta se abriu e entrou um homem, deu-me uma olhada naquela luz de neon, estava de sutiã, os ossos das vértebras sob a pele sem carne. O homem vestia um uniforme escuro, sorriu.

“É o banheiro masculino, este...”

Apertei a camiseta na frente para me cobrir. Ele fechou uma porta atrás de si, ouvi-o urinar, saiu. Não tinha me movido, não tinha sequer vestido a camiseta.

O homem se aproxima da outra pia. É alto, tem passos de chumbo, ombros maciços. Veste um uniforme com um grande cinto de couro na cintura. Ergue os olhos, encontra os meus no espelho. É simplesmente um homem que mijou e precisa lavar as mãos, mas eu não sei. Os lobos também mijam e lavam as mãos. Tenho medo dos homens de farda, procuro meu rapaz, magro como eu, com cabelos compridos e descuidados e a mesma história dentro dos olhos.

O homem me observa pelo espelho do banheiro.

“De quem é?”

A vida de Giuliano está toda ali, naquele banheiro onde entrou por acaso. Um momento antes, pensava em urinar na estrada, estava com pressa de ir embora depois daquele dia de pacotes humanitários, de refugiados para fazer a triagem e encaminhar aos centros de acolhimento. Mandou distribuir refeições quentes, papinhas para as crianças, pegou os menores no colo, preencheu folhas com burocracias e carimbos. Fita pelo espelho o recém-nascido deixado na pia, fita a mulher que aperta um trapo sobre si, as omoplatas onde se reflete a luz de neon. Talvez seja uma refugiada que por alguma razão não subiu no ônibus, escondeu-se no banheiro com o filho. Tem os olhos de um animal parado num penhasco.

“De quem é?”

Agora percebe que a mulher está chorando, mesmo sem se mover, sem sequer bater as pálpebras. Lágrimas grandes que caem como pérolas. E instintivamente ele gostaria de recolhê-las como pérolas de um colar rompido e devolvê-las a ela. Conhece o olhar dos refugiados, das pessoas que buscam em seus olhos a confirmação da própria existência, como se fosse ele quem decidisse mantê-las em vida. São olhares que são difíceis de sustentar.

O homem me olha. Tem um rosto largo, compacto, italiano, a fronte reluzente de quem perdeu os cabelos.

“De quem é?”

E Giuliano não sabe que aquele menino será seu, que será ele a levá-lo à escola, ao pediatra. Não sabe que será sua razão de viver. É um momento demorado, de calmo espanto, naquele banheiro onde o destino opera ao acaso.

É um recém-nascido sujo, um naco de carne indistinta, abandonado numa pia. É o céu num buraco.

“É meu!”

E corro para retomar o fardo.

“Desculpe-me...”

Abaixo a cabeça, defendo-me.

O homem sorri, tem belos dentes, vejo-os flutuar sob meus olhos viscosos, de velhas lágrimas que se soltaram de súbito como pedaços de gelo de uma rocha.

“Então a senhora é italiana?”

“Sim, sou italiana.”

Saio depressa do banheiro, ando naquele hangar escuro, não sei aonde ir. Preciso chegar à estação ferroviária, procurar um trem para Roma. Ou procurar um hotel, ligar para meu pai... preciso trocar o menino, cheira mal... eu também cheiro mal. Estará com fome, porra, estará com fome, vai morrer, porra, onde está a guerra? Onde estão as trincheiras? Onde está o gelo? Onde está o Trebević? Onde estão escondidos os atiradores? Não estou em condições de controlar a paz, esta é a verdade. Não estou em condições de controlar meus passos. Aqui perceberão que o menino não é meu, aqui não há guerra, não existem hospitais bombardeados, sem repartições, para me proteger... aqui estamos na legalidade da paz. Tenho de ir, vão me parar. Farão o teste no menino e verão que não é meu, que aquela certidão de nascimento é falsa, comprada. Não irei muito longe, darei poucos passos no escuro e pararei para morrer ao léu, apoiada contra uma parede, a criança escondida como um cachorro... como um filhote morto. Onde está o rapaz de cabelos compridos? Onde está meu órfão predileto? Onde está o pai? Somente ele pode me salvar, o menino tem seus genes. Era meu salvo-conduto, mas ele não veio. Perdeu o passaporte na neve. Mentiu. Estou com frio, estou com as costas nuas. O casaco caiu, eu o tinha apenas posto por cima das costas, para sair o mais rápido possível daquele banheiro, para me afastar daquele homem de uniforme que deve estar me seguindo... porque entendeu que há algo errado. Uma mãe não deixa o próprio filho numa pia só para lavar o rosto na pia ao lado... para se olhar no espelho e chorar.

Há um banco e me sento. Coloco o menino ao meu lado.
Lentamente visto a blusa, o casaco.

Um rapaz se aproxima, deve ter pouco mais de vinte anos, é parecido com Sandro, um amigo do colegial. Tem os mesmos lábios carnudos e vermelhos demais, os mesmos olhos arredondados como duas nozes. Quem é? O que quer? Por que Sandro sai de sua carteira do colegial onde escreveu viva che e viva a buceta e vem até mim?

“Desculpe-me, senhora, para onde vai?”

Fica me olhando, levemente curvado sobre mim. Não é Sandro, tem uma voz do Sul e um uniforme simples de carabineiro.

“Não sei...”

O rapaz estende o braço para a silhueta junto à porta... o homem do banheiro parado na soleira.

“O capitão quer saber se precisa de carona para algum lugar.”

“Para a cadeia?”

O rapaz ri, mostra dentes pequenos demais para aqueles lábios tão grandes, gostou da tirada.

“Eu acompanho o capitão a Roma, ao destacamento Celio.”

Corremos juntos nesse carro preto, potente, com a inscrição carabinieri e a faixa vermelha da Corporação nas laterais. Aqui dentro há uma paz sem igual, os bancos têm um odor agradável de couro novo. A concha negra e perfumada deste sedã potente me recolhe e me leva para casa numa estrada de asfalto normal, sem buracos, sem barreiras, lisa como uma fita de cetim. E por algum tempo sinto-me como um animalzinho, um cabrito atropelado que um motorista bondoso está levando a uma clínica veterinária. O falso Sandro dirige com o quepe na cabeça. O capitão está sentado ao seu lado, com a cabeça descoberta, lê um jornal sob a luzinha.

Antes de me deixar entrar, disse: “Seria bom ter uma cadeirinha para seu filho, aquelas ovais para recém-nascidos, não pode levá-lo assim...”

Dei um sorriso torto, bobo.

“Tem razão”, respondi. Esperei. “O que faço?”

E ele disse: “Paciência, entre”.

Dentro de mim borbulhava um riso louco e áspero, transbordando humor negro, como as piadas dos sarajevitas. Este menino é um caranguejo pré-histórico, fugido de uma guerra, e, no entanto, mal chegou a essas estradas planas, já precisa de uma cadeirinha em formato de ovo para sobreviver! Como é idiota a vida em tempo de paz.

O capitão não deve ter gostado do meu olhar... sentiu algo, o rasto daquele riso feio. Acendeu a luz, pôs o quepe com a flama de ouro no painel e começou a ler. Talvez tivesse se arrependido de sua generosidade. Talvez agora, nesse espaço fechado, sinta meu cheiro, deve ser parecido com o dos ciganos que de vez em quando prende, e que gritam, lançam pragas dentro do carro.

Contemplo a liberdade. Os prédios industriais da periferia, as casas, a fila de telhados perfeitos, as placas de sinalização sem furos de rajadas.

Depois o menino em meu colo se mexe, agita-se como um caranguejo. Quantas pinças tem? Quantos nervos?

Experimento pôr novamente o mindinho em sua boca, mas dessa vez não funciona, o capitão se vira.

“Talvez esteja com fome.”

Paramos num restaurante de estrada, o carro entra sob a marquise do estacionamento. O falso Sandro fica de guarda, o capitão desce comigo, caminhamos no escuro até o estabelecimento. Entro no banheiro. Há um local para trocar os recém-nascidos, um suporte de plástico branco preso à parede. Apoio o fardo, procuro na mochila as faixas e os chumaços de algodão que me deram no hospital, abro o cobertor, procuro os botões daquele macacão de lã dura como papelão. Tiro as perninhas. Nunca vi nada tão pequeno. Abro a faixa, o algodão está completamente molhado e os excrementos são amarelos como se tivesse tomado açafrão, mas não cheiram mal. É a primeira vez que vejo tão próximo o corpo do menino entre minhas mãos. Tem o ventre inchado como um frango. Chora, contrai as pernas, mantém apertadas ao corpo como patas. Respiro. Se não conseguir trocá-lo, vou fechar de novo o cobertor e pronto. A gaze em torno do umbigo caiu, ficou aquele pedaço de

tripa preta pendurada. Abaixo-me para verificar se cheira mal, mas ainda sinto o odor de álcool. Não devo pensar, devo agir. Abro a torneira, molho um pedaço de algodão e passo entre suas pernas. Envolver na gaze o algodão restante, rasgo-a com os dentes. O menino continua a chorar, preciso lhe preparar o leite, tenho de alimentá-lo. Inclino-me para recolher o macacão que caiu no chão. Ouço um estalido seco, estou com a mochila nas costas e me abaixei depressa demais. Abro e é o que imaginei, vidro de Sarajevo, vidro sem futuro!

Jogo o que sobrou da mamadeira no lixo. Ouço baterem do lado de fora.

“Precisa de ajuda...?”

Pego novamente o fardo, abro a porta, o capitão está ali fora, com seus cabelos ralos.

“Quebrei a mamadeira.”

Saímos da estrada para procurar uma farmácia vinte e quatro horas.

O capitão agora acolheu a causa do caranguejo faminto, mesmo porque Pietro tem um choro de estourar os tímpanos, perfura os ouvidos como as sirenes dos alarmes.

“Saia da estrada”, disse ao ajudante, “temos de procurar uma mamadeira, uma chupeta...”

O falso Sandro não proferiu uma palavra, deu seta, seguiu na escuridão. Onde está a saída? Não há nenhuma casa, só campo.

O capitão não lê mais o jornal, mas não parece contrariado. Vira-se para mim, observa-me mais do que deveria.

Sorrio para ele, com os olhos arregalados de um cabrito prisioneiro.

“Mas leite, a senhora não tem?”

Aponto para a mochila... “Sim, tenho um pouco, meia lata.”

Não volta para a frente, mantém a cabeça e os olhos virados para mim.

“Quero dizer, no seio... não tem leite seu?”

Cubro instintivamente o seio vazio com o fardo, aperto-o contra meu corpo.

“Não, não tenho leite.”

“Que pena”, volta a olhar a estrada. “Seria mais fácil.”

* * *

Encontramos a farmácia numa cidadezinha, daquelas cortadas ao meio pela rodovia. Mas o letreiro luminoso está apagado. Há homens no bar jogando baralho, o capitão olha para dentro, pergunta. Acompanham-no até o interfone do farmacêutico, o qual se veste de novo e desce. É um homenzinho magro, com os cabelos tingidos, deve ser um pequeno boa-vida provinciano. Passamos entre as prateleiras escuras, que de chofre se iluminam para deixar entrar o uniforme, o quepe com a flama. O capitão me entrega uma mamadeira de plástico.

“Talvez seja melhor”, sorri.

O farmacêutico pergunta que tipo de leite quero.

“Para lactentes.”

“Que marca?”

Olho para o capitão, olho ao redor, olho para o farmacêutico.

“A que tiver. Uma boa.”

O capitão avança até o balcão.

“Deixe ver.”

O farmacêutico empilha as latas no balcão. O capitão põe os óculos, pois as letrinhas são muito miúdas, e lê.

“Vamos levar este, é antialergênico...”

Consulta-me: “O que você acha?”

Acho que me tratou por você. Concordo.

“Está bem.”

Não tenho uma lira para pagar. “Perdi a carteira”, sussurro, e enquanto isso devolvo as fraldas que peguei. Talvez o caranguejo não cague mais açafão antes de chegar a Roma.

O capitão pega as fraldas e põe no balcão junto com o resto. Olha o farmacêutico com seus cabelos tingidos de cantor decadente.

“Não tem um negócio...?”

O farmacêutico olha e espera.

“Aquele negócio que faz barulho... um chocalho.”

Não é bem um chocalho, é um brinquedo de plástico com uma musiquinha. Ao entrar no carro, diz: “Desculpe se tomei a liberdade”.

E volta a me tratar por senhora. Talvez antes quisesse apenas dar a entender que era alguém da família, sua irmã, sua mulher.

Desembrulha o brinquedo, tem dificuldade em remover o plástico, agita-o junto ao rosto azulado do menino, que não para de chorar. Talvez nem ouça aquela musiquinha de carrilhão. É um osso duro, acostumado com as bombas. O capitão suspira: “Vê-se que não tenho filhos, não é?”.

Estamos novamente parados, em outro restaurante de estrada. Bancos de plástico vermelho, mesas na parede como nas lanchonetes e abajures com franjas.

“Está com fome?”

“Obrigada, depois.”

Ele, por sua vez, arranca grandes mordidas de um sanduíche, vira-se para mim, resmunga.

“A água deve ser quente?”

“Um pouco.”

Concorda, olha o balconista: “Um pouco”.

O uniforme que se impõe... o balconista pensa alguns instantes antes de opinar: “Veja, a água teria de ser fervida e depois resfriada”.

O capitão se aproxima do balcão, interroga-o.

“Como é que você sabe?”

“Tenho um menino pequeno.”

“Quantos anos você tem, desculpe?”

“Vinte.”

“Não perdeu tempo.”

“Minha namorada é que não perdeu.”

O capitão ri junto com o balconista. Aponta para o vapor que sai do bocal de aço. “Prossiga.”

Volta para a mesa com a água e, para nós, traz dois pratinhos cheios de coisas para comer. Tem as mãos preênsas, é uma das primeiras coisas que noto nele... mãos torneadas que imaginamos

desajeitadas, mas sabem segurar várias coisas ao mesmo tempo, sem deixar cair, em tranquilo equilíbrio. E ainda os pés são chatos, bem aderidos ao chão, como um garçom profissional. Nesse segundo restaurante, examino-o talvez pela primeira vez, sinto certa simpatia, parece um homem bom. E de repente sinto saudade de meu pai.

Giuliano põe as coisas na mesa, empurra a mamadeira para mim.

“A água deve ser fervida antes e depois resfriada, sabia?”

“Não.”

Ri, fica me olhando.

Talvez sinta que lhe escondo alguma coisa. Não faz mal, apoio-me no encosto do banco. Ele põe os óculos de novo. Lê as medidas na lata de leite. Pergunta se é água demais. E aguarda a resposta observando-me por sobre os óculos que desceram para o nariz.

Não respondo. Um dia, ele vai me dizer que já tinha percebido que eu não podia ser a mãe natural. Parecera-lhe muito desamparada na frente daquela lata de leite artificial.

“Vai mamar enquanto estiver com fome”, diz.

Nem sei se estou empurrando demais o bico da mamadeira. O recém-nascido o envolve todo com a boca, mama sem tomar fôlego, olhos nos olhos. Parece o movimento de uma medusa na água. Depois seus olhos amolecem. Fecha as pálpebras devagar, relaxa a boca, geme um pouco ao adormecer. Deve estar muito cansado, transpirou no macacãozinho sarajevita.

O capitão se levantou, pegou uma garrafa de água com gás, encheu dois copos.

“Precisa arrotar.”

Enquanto isso me oferece aquele copo de água com gás.

“É uma coisa que lembro dos sobrinhos...”

E me conta que sua irmã, quando tinha nenê de colo, depois de dar de mamar passava-lhe a criança e ele devia bater devagarinho nas costas. Punha um lenço no ombro para não manchar o uniforme.

Faz a mesma coisa nesse restaurante imitando o estilo rústico. Tira do bolso do uniforme um belo lenço alvo dos homens de antigamente, de cambraia levíssima, estende-o no ombro, cobre as divisas e os galardões.

“Posso?”

“Por favor.”

Enquanto como, estou com os olhos postos no prato com os sanduíches restantes, e só depois percebo que o capitão me observa. Estou com esse casaco imundo, os cabelos sujos, essa fome de miserável... não tenho um tostão furado no bolso, só um menino de poucas horas de vida que entupi de leite até quase explodir.

Um dia ele me dirá que nem se deu conta de que meu casaco e meus cabelos estavam tão sujos, dirá que me achou uma mulher bonita, audaz, extravagante... e o que mais lhe agradou foi meu apetite, porque ele tinha tido uma mulher que só comia salada, um coração ressequido, áspero.

O menino está colado ao seu uniforme. O capitão dá alguns passos, vai até o expositor de jornais ao lado do caixa, depois volta. É imponente, maciço, mas é harmonioso, tem um andar sereno, repousante.

O falso Sandro tomou uma coca-cola, amassou a latinha e agora aguarda. Quando o capitão passa à sua frente, ergue-se à espera de uma ordem que não vem.

O capitão segura o menino num braço e com a outra mão bate levemente naquelas costas minúsculas. O fardo emite um arrote profundo, rijo, como o ruído imprevisto do cano de uma pia.

“Viu?”

Até o falso Sandro diz: *nossa* .

A carinha do pequeno está reclinada naquele ombro. Com o arrote, ele teve um pequeno sobressalto, mas não acordou. Terminei os sanduíches, tomo a água com gás e também solto um pequeno arrote. Agora estou saciada e tranquila como o menino.

Contemplo esse homem, ao fundo dessa luz noturna, com o recém-nascido de Sarajevo no colo. De repente sinto aquela dor, que depois sempre me acometerá com uma maneira própria de me agredir. Ela me aperta a nuca, enrijece meu pescoço. É Diego que

me segura por trás, reconheço suas mãos, seu hálito, mas não posso me virar. Era ele que deveria segurar o menino no colo, o rapaz que teria sido um pai maravilhoso, um santo, um artista. É ele que me segura pela nuca e me sussurra para olhar meu destino em frente, as cenas de minha vida sem ele. É ele que não me permite virar.

Abraçar a morte.

O capitão volta a sentar, do outro lado da mesa, no outro banco.

“Está cansada?”

“Um pouco, sim”.

“Deu à luz em Sarajevo...”

“Sim.”

“Teve muita coragem.”

Começamos a conversar, conto a ele sobre meu marido que ficou por lá, que é fotógrafo. Giuliano meneia a cabeça, falo de Diego, como nos conhecemos, as fotografias que tira.

A saudade é atroz nesse instante. É um rio que arrasta. Vejo as pernas de Diego no aeroporto, magras e frias como tubos de ferro. Vejo que fica ali... Paro, o peito se infla, respiro, continuo. Giuliano abaixa os olhos, não diz nada.

Um dia ele me dirá que também se emocionou porque nunca tinha visto uma mulher tão apaixonada. Teve uma mulher, uma companheira, histórias e historietas... mas, ao me ouvir naquela noite, senti saudades de um amor que nunca o atingira até o fundo.

Ele me conta que não frequentou a academia militar, que estava nas tropas especiais, esteve também no Líbano. Ele me conta de um paraquedas que não se abriu direito. Por isso agora está em terra, em serviço interno. Ele me faz rir, diz que está cheio de placas de metal, e no aeroporto, ao passar pelo detector de metais, desencadeia-se o inferno. Ele me diz: “As piadas sobre os carabineiros são todas falsas, sabe por quê?”.

“Não.”

“Porque é tudo verdade.”

Ri junto com o falso Sandro.

Levanta-se, vai até o caixa, compra uma caixa de bombons, pergunta se quero um. Ele desembulha com a mão que está livre, a outra está amparando o menino que nem chegou a acordar.

Ele me diz que gosta de fotografia, também se dedica a ela, como dileitante. Pergunta se tenho alguma foto tirada por Diego para lhe mostrar.

Digo que não tenho nada, além do menino.

“Não consegui voltar para o hotel.”

“E seu marido?”

“Perdeu o passaporte...”

Ele me estende um cartão de visitas: “Se precisar de alguma coisa”.

A cidade se filtra do escuro nesse calmo dia de inverno, os letreiros luminosos das lojas, os prédios com as persianas em seu lugar. São cinco da manhã. Vidas que daqui a pouco vão se levantar das camas, ficarão na vertical, apinharão as ruas. Recomeçará a tola azáfama da paz. Um caminhão de limpeza urbana nos interrompe a passagem. Paramos. Olho o braço metálico que se engata nas caçambas, içá-as, inclina-as. E novamente me vem a sensação de ter perdido tudo.

Chegando ao prédio, o capitão desce para me ajudar com o menino. Abriu a boca para dizer algo, mas ficou calado. Fez um gesto, vestiu novamente o quepe. Aquela viagem foi talvez para me manter sob observação, e sua gentileza foi apenas para disfarçar. Tem o olhar de um cão de caça, daqueles que parecem vagar despreocupados pelos campos, mas que retornam com a presa entre os dentes. Entendeu que há algo de estranho, talvez tenha pensado que rapti o menino. Virou-se para me dizer, porém depois mudou de ideia.

Um dia, ele me dirá que ficou dividido durante toda a viagem entre o uniforme e a vontade de confiar em mim. Um dia, ele me dirá que *a lei pode dar um passeio, o amor deve ficar onde está.*

A porta se abre para o silêncio

A porta se abre para o silêncio, para o tapete que reveste o chão do corredor. As persianas estão abaixadas, há um cheiro de fechado, os aquecedores estão mornos. Não tenho bagagem para abrir, tenho apenas o menino. No cabideiro está o casaco de Diego, aquele de veludo com remendos, e uma gravata, a das festas, estreita, vermelha. Um fio de sangue.

Tiro as botas sujas de Sarajevo, de sua lama, sem me abaixar, empurrando-a com o calcanhar. Ainda não tirei o menino dos braços. Não é propriamente um retorno ao lar, saindo de uma clínica após o parto. Não sei onde colocá-lo, não há um quatinho pronto para ele, não há um berço nem uma mesa para trocar fraldas. Há o piano de seu pai, o sofá branco que precisa ser lavado. O cheiro de uma casa que ficou parada, congelada no silêncio de uma vida anterior.

Passo ao lado dos pés que esperam o metrô, e lembro que Diego já não gostava daquelas fotografias, queria tirá-las da parede. No quarto abro uma fresta da janela para entrar um pouco de ar. Deito o menino na colcha, ao meu lado. Nem tiro o cobertor, não tiro o casaco. Adormeço ao seu lado como estou, deixando tudo para depois, entrando no sono como uma toupeira na terra, num canal negro sem sonhos.

Ao reabrir os olhos, tenho dificuldade em me mover, estou moída de dores, todas se reúnem nos ossos que tentam acordar. Talvez porque o corpo tenha relaxado, abandonado as defesas. A luz entra pelas persianas e o menino está acordado. Não reclama, olha o forro com aqueles olhos que ainda não veem.

Tomei um banho com a porta aberta. Fechava constantemente a torneira por medo de que o ruído da água encobrisse o choro do menino. A sujeira saiu, deslizou pelo ralo. Liguei para meu pai. Estava novamente com meu roupão.

“Alô...”, era o sussurro rouco de um velho, de uma boca estagnada de silêncio.

“Sou eu, pai.”

Gritou meu nome duas vezes, e parecia gritar num desfiladeiro. Não lhe disse nada do menino, falei que tinha voltado, que acabara de tomar um banho.

Fui à cozinha, fervei um pouco de água, enchi a mamadeira. Era fácil porque notei que o menino não podia se mexer. Agora chorava e contei depressa as medidas do leite em pó. Era nosso primeiro dia, nós dois sozinhos.

“Está machucada?”

“Estou de pé, não vê?”

Ele me abraça com essas mãos que não reconheço.

“Quantos quilos você perdeu?”

Ele também perdeu, está um palito. Faz tanto tempo que não ligo para ele.

“Isso não se faz...”

“Desculpe, pai.”

Fica parado na porta, demora para entrar.

“Não, não desculpo.”

Diz que não é assim que se trata um pai, não se trata assim nem um cachorro. Não foi isso que ele me ensinou.

“São dois egoístas. Você e aquele outro.”

Pão está ao seu lado, gane para me cumprimentar, para entrar em casa e farejar.

“Aquele outro não voltou, pai.”

De repente os olhos são uvas negras, o pomo-de-adão sobe e desce. Ele olha ao redor, na mancha escura da entrada, como se procurasse uma sombra.

“Como *não* voltou ?”

“Ficou.”

Deixa cair a correia e Pão aproveita para entrar.

“Como *ficou* ...”

Entra atrás do cachorro, para chamá-lo de volta... entra porque não há nenhuma sombra ali fora, o rapaz não deixou nenhum rasto. Entra para tatear aquele casaco com remendos, aquela gravatinha vermelha... move os olhos no silêncio.

“Pão, vem aqui... Pão...”

Mas Pão sai dali, vai para o quarto.

“Cuidado!”, grito.

Meu pai segue o cachorro, vira-se para mim.

“O que há?”

“Há...”

Não digo nada, deixo que veja por si. Estamos na porta do quarto. O cachorro apoiou o focinho na colcha, cheira o cocô do recém-nascido, a fralda suja que deixei ali. Meu pai sussurra, *tire, tire o focinho* ... vê Pietro na cama. Não se aproxima, não fala. Depois faz a mesma pergunta do capitão no banheiro do aeroporto militar.

“De quem é?”

“É nosso, pai.”

Dá um passo até a cama, abaixa-se um pouco.

“Mas é um menino de verdade?”

“Claro que é de verdade.”

Mexe no casaco, põe os óculos. Examina a respiração do menino com a mesma atenção com que corrigia as tarefas de seus alunos.

“E que idade tem?”

“Nada... um dia.”

“Vocês o adotaram?”

“Não. Aluguei um útero, pai.”

Ele me olha com o ar de um enforcado, com um rosto exangue.

Poderia lhe contar uma mentira, dizer que o menino era filho de uma aventura de Diego, e que eu tinha pagado a moça para não abortar, para salvar o menino. Poderia desenhar uma imagem melhor de mim mesma nessa colcha. Mas não quero mentir para meu pai, mesmo que deixe de me amar.

Ergue os olhos, meneia o pescoço, as costas.

“Preciso pensar... preciso pensar...”

Atravessa o corredor, o salão, chega à porta. Chama o cachorro, mas Pão não se move, faz a guarda do menino desconhecido, que atravessou a solidão desta casa.

Meu pai volta, observa aquele cão imóvel e nobre como uma estátua, como os galgos aos pés do rei.

Abraça-me naquela cama, ele de pé e eu sentada, ele alto e eu baixa, como quando era menina.

“Como posso deixá-la sozinha, santo Cristo? Como posso?”

O menino abre os olhos cegos e vê a silhueta do avô italiano que vendeu a casa de sua velhice para fazê-lo nascer, seu dinheiro terminou nos bolsos de uma Virgem punk, de uma trompetista apaixonada pelo Nirvana.

Meu pai sorri para Pietro, diz devagarinho: “Amor, amor...”.

E vejo aquilo que vale a pena, a vida que retribui... vejo meu pai que se inclina sobre mim, logo que nasci, e me chama de amor...

Não falamos mais nada.

De onde quer que venha o menino, agora ele está aqui nesta cama. Está com aquele macacão pesado de lã encardida, áspera. Meu pai desce, pois na avenida há uma loja de roupas infantis. Volta, os olhos rebrilham como os de Pão.

“Peguei o tamanho zero.”

Arrancamos o celofane, as etiquetas, vestimos o menino de Sarajevo com aquele tamanho zero, novo em folha. E agora é um príncipe vestido de bordado inglês e lã refinada, desaparece o cheiro do estábulo, da morte.

Meu pai não me deixa mais sozinha. Imagino que, de manhã, chega muito antes de tocar o interfone. Dá voltas pelo mercado, passeia com o cachorro aqui embaixo. Na verdade, não consegue ficar longe. Talvez de noite nem durma, sonhe com o menino. As cores de seu rosto se renovaram. A pele parece ter se desenrugado, os olhos são nascentes de água virgem. Arqueja quando bate à porta, como um cachorro com medo de ser escorraçado.

“Atrapalho?”

“Entre, pai.”

Traz frutas, jornal, pão, porque eu vivo entrincheirada em casa como no cerco.

Encontra-me sempre de roupão, cansada pelas noites, pelas mamadeiras que interrompem o sono, e depois o sono não volta, volta o menino azul, volta Diego, voltam aquelas filas sob a mira dos atiradores. À noite tudo se amplifica, quando o menino chora logo cedo, tenho medo que trema de abstinência, como os filhos dos viciados. Tenho medo que seus nervos explodam, como os meus, em atraso, neste silêncio. Tomo-o nos braços, suplico que me ajude. Embalo-o atordoada, vou para lá e para cá passando pelos pés à espera do metrô, paro diante das janelas, volto, ponho o fardo em sua caminha, deixo que chore. Tranco-me no banheiro, oscilo na beirada da banheira. Estou amarelada, com as esperanças diminuindo, como uma mulher que teve um parto difícil e desliza para um abismo solitário.

Com o dia retorna a calma.

Meu pai tem um livro de puericultura, folheia-o. Diz que os choros mais desesperados, aqueles com os membros encolhidos, são cólicas gasosas, porque Pietro come rápido demais. Agora, depois de mamar, meu pai o mantém de bruços, faz uma massagem nele, tranquiliza-o.

No correr de uma semana, Armando se tornou melhor do que uma babá vêneta. Cheira a leite, refluxos, óleo de amêndoas. Quando não está aqui, está na farmácia, põe os óculos, estuda as prateleiras da primeira infância. Consulta moças de avental branco com a cruzinha dourada, ficou amigo de todas, trata-as pelo nome. Confabula sobre cocôs, soluços, vermelhidões. Os olhos lânguidos

de um apaixonado aos primeiros batimentos. Simplesmente perdeu a cabeça.

Pão está deprimido como eu, a língua frouxa pendendo da boca, morre de ciúme, como um irmão mais velho deixado de lado, negligenciado.

Saímos pela primeira vez, levamos Pietro ao pediatra.

Meu pai já pegou o carro, estacionou na calçada em frente ao portão, não se importa em ser multado, é preciso escoltar o oráculo, o futuro da humanidade. Estou de óculos escuros e um sobretudo preto, magra e pálida, como uma princesa triste, mãe de um herdeiro ao trono. Está frio, meu pai cobriu o cestinho do nenê com um véu; o porteiro, um morador e a senhora do bar vêm olhar.

Meu pai não quer saber, afasta o véu apenas por poucos segundos.

A mulher do bar sorri para mim.

“Não sabia que estava esperando um filho, senhora...”

“Meu genro é fotógrafo, percorrem o mundo. Não são pombos de pátio como eu e a senhora, são jovens modernos. Não se assustam, fazem filhos onde estão.”

A mulher do bar me dá os parabéns. Espia minha barriga. Diz que nem parece que tive filho, tenho sorte de ter um físico tão elástico.

No carro meu pai está alterado, olha o tempo todo pelo retrovisor, penso que deve estar começando a ficar com arteriosclerose, vocifera contra aquela mulher grossa.

“Faz cappuccinos medíocres, economiza no leite.”

Vira-se para o banco de trás, verifica o cesto do nenê. Rosna como um cão de guarda. Agora é ele que tem medo que alguém nos tome o caranguejo. Tenho medo apenas de não ter sucesso.

Com os dias, o menino se acostuma comigo, e eu com ele. Sei reconhecer sua voz. Sei quando reclama só para ganhar colo e quando chora porque está com fome, ou porque não digeriu bem.

Todas as minhas camisetas estão com os ombros manchados de leite coalhado, onde ele apoia a boca.

Passeio com ele dentro de casa, tenho medo de machucá-lo. Paro diante das fotografias de Diego. Falo com ele sobre seu pai. Engano-o, digo-lhe: *quando papai voltar, faremos isso e aquilo.*

O cordão umbilical caiu. Cheirei, depois abri o piano e o coloquei lá dentro, entre as teclas.

As coisas práticas já consigo resolver, sei dar banho no menino, trocá-lo, alimentá-lo. O resto eu não sei. Vivo em suspenso, à espera de alguma notícia, meus gestos também permanecem em suspenso. Faço tudo, mas sem participar de fato. Como uma babá eficiente, como se esse menino me tivesse sido emprestado só para cuidar bem dele e depois devolvê-lo. Já deveria amá-lo, seria normal. Mas todo meu amor parece ter morrido em Sarajevo, numa daquelas imundas canaletas de neve.

Quando ele me acorda à noite, não sei como sair daquele sono pesado para atendê-lo. Levanto para lhe preparar o leite, queimo as mãos, sujo a cozinha. Está sempre com fome, esse menino de Sarajevo, a fome de sua origem miserável.

É verdade, seu odor é agradável, aspiro-o pelo nariz. Ainda é céu e já é lago. Mas o que faço com isso? Esse odor demasiado agradável dói. Penetra em mim como uma dor, talvez por ser o odor de seu pai quando nasceu, e ele é quem deveria reconhecê-lo.

Cuido do menino sem um verdadeiro amor, como se fosse um carro, ponho gasolina, mantenho-o limpo, guardo na garagem do berço. E se me viro para contemplá-lo enquanto dorme, é apenas para procurar seu pai, para ver se é parecido com ele. Somente quando Diego voltar, somente quando este menino for nosso, é que poderei senti-lo como realmente meu.

Vejo-o durante o sono. Diego está com o pequeno na bolsa canguru, com uma mão segura-lhe a cabeça e, com a outra, me abraça. Andamos ao longo do rio, estamos em paz. No sonho, há a sensação tangível dessa paz, não estamos mais em guerra com nós mesmos nem com as coisas que nos cercam. É o destino que nos trata bem, como se precisasse de nós. É a primeira vez que sentimos isso, a primeira vez que nos sentimos úteis no fluxo. E entendemos que esta é a paz, este é o sentido do movimento... avançar no

mundo sem nos subtrair, como essa água que arrasta a si mesma, atraída pela consumação de seu próprio curso. Caminhamos até aquela barcaça que continua em seu lugar, parada, à nossa espera. À espera de ver como termina nossa história. Diego me diz *obrigado pelo menino*, porque só agora sabe o que é. E só agora sabe que está a salvo.

Pensarei por toda minha vida que, se Diego tivesse ficado com o menino, mesmo que fosse apenas por uma noite, se o tivesse abraçado junto de si com seu respirar, talvez tivesse conseguido viver.

Ele não liga, e eu não espero ao lado do telefone. De dia os sonhos somem. Restam as fotografias, as poças, os pés, os rostos alucinados dos torcedores.

Depois liga, e é uma voz muito distante da paz do sonho, agredida pela dor da vida.

“O que aconteceu? Por que não volta? E o passaporte?”

Nem parece lembrar.

“Ah, sim, o passaporte. Encontrei, sim.”

“Onde estava?”

Caiu de um bolso furado dentro da bota, diz.

Não pergunta do menino, sou eu que lhe digo que está bem.

Em Sarajevo ainda faz muito frio, está tudo como antes, diz ele, pois o pior já não existe, já foi alcançado, e além disso não há nada, há a monotonia da dor, como uma cantilena que se repete infundavelmente, como uma roupa que se arrasta na lama e que ninguém jamais irá limpar.

A ligação cai e já falamos bastante, quase um milagre. Porém não nos demos nada. Nenhum conforto.

Desligo o telefone e sinto Sarajevo, o cheiro da urtiga, dos sapatos que queimam, das pessoas na fila para morrer. *Não está lá, Gemma*, digo para mim mesma. *Não está lá. Acabou, está fora*. Respiro, sinto-me sufocar. Meu pai me traz um copo d’água. “Beba, querida, beba.”

Mas eu sei por que estou mal. Porque agora sei que não queria estar diante daquela morte, por nenhuma razão no mundo.

Meu pai: é ele que embala o menino esta noite, ficou para dormir no sofá, na frente do piano.

“Não me custa nada”, disse ele.

Canta uma canção de ninar, sua voz mitiga, costura as feridas da escuridão. Ama o menino, bastou olhar para ele para amá-lo. Eu, pelo contrário, desconfio dele e, toda vez que fito seus olhos, penso nos olhos feridos de seu pai, sem ninguém para curá-los. Sinto que o recém-nascido rouba essa vida, arranca-a a mordidas das costas de Diego, é o que penso e não posso dizer.

Meu pai não me pergunta nada, tem medo de meus pensamentos.

Enquanto ele canta, penso no ventre da ovelha, em seus olhos enquanto eu ia embora. Talvez tivessem combinado, e a ovelha sabia que ele voltaria para ela, e aquele olhar abatido na verdade formigava de pensamentos subterrâneos. Sabia que vencera. Talvez tenha sido Diego que a convenceu a me dar o menino de qualquer maneira, para se livrar de mim, para me dar alguma coisa. Eles poderiam ter outros, e eu não voltaria de mãos vazias daquele calvário.

Dera para mim aquilo que eu queria, o menino era o preço de sua liberdade. Não lhe pagara em marcos, foi uma troca de seres humanos. Aska ficou com a carne de meu amor.

Comecei a tomar uma garrafa inteira de *grappa*, meu pai diz *chega*, eu digo *mais*. A bebida me salva do inferno reconduzindo-me ao inferno. De novo com eles. Grito que não quero mais este menino, que aquela vaca bósnia roubou meu marido, aproveitou-se de minha fraqueza para se introduzir em nosso sangue.

O menino azul retorna diante de meus olhos. Por que não foi ele a se salvar, em vez do filho daqueles dois miseráveis?

O recém-nascido chora, meu pai o ergue nos braços, agita-o como uma cruz. Como um exorcista que tenta expulsar o Maligno.

Porque hoje à noite o diabo está em nossa casa, em minha casinha romana com o piano branco. Olho o berço... e vejo apenas aquelas duas serpentes que continuam a se engolir na esqualidez daquela cidade. É deles este moleque, este pedaço de carne esfaimada. Devia tê-lo deixado lá, passearia no canguru com seu pai e sua mãe, naquele incêndio recoberto de gelo...

O cachorro late. O recém-nascido grita como um porco degolado. Meu pai o deposita ríspidamente em meu colo. Protegeu-o até agora, e agora o abandona.

“O filho é seu, faça o que quiser.”

Por que arrisca tanto? E no entanto não é um homem de muita coragem.

Alguns passos para trás e caio no sofá. Deixo o menino escorregar ao meu lado. Se fosse uma serpente, poderia me morder e fugir. Mas fica ali, o choro abafado entre as almofadas, incapaz de se mover como um inseto virado para cima.

Levanto e me afasto. Vou ao banheiro vomitar a aguardente. Porque agora não me parece existir nenhuma diferença entre a vida e a morte, entre o movimento e o silêncio.

Meu pai foi embora, arrastando o cachorro consigo. Ouvi o som da porta, ele bateu, e parecia que a parede, o mundo, se desmoronaria. Ele se foi desacorçoado, como um exorcista frustrado.

Ergo o menino, ergo os braços sobre minha cabeça e mantenho-o lá em cima, suspenso. Parece que gosta da altura, para de chorar. Ainda solta alguns soluços, dou-lhe uma sacudida. Parece não se importar, como quando regurgita. Ele voa entre meus braços. Por algum tempo brincamos de aviãozinho. Quando terminamos, está mais tranquilo. Repuxa a boca de uma maneira que faz lembrar um sorriso. Não o deito no berço, seguro-o junto a mim. Viro-o de bruços sobre minha barriga, é a primeira vez que faço isso. Não sei quem adormeceu primeiro. Sonho com uma cidade pousada em meu ventre. Abro os olhos e já é dia, uma segunda-feira, e Pietro dormiu a noite toda, não acordou nem sequer para mamar.

Meu pai recebeu o telefonema

Meu pai recebeu o telefonema.

Haviam encontrado na carteira de Diego um papel dobrado com alguns números de telefone. Da delegacia de polícia de Dubrovnik discaram simplesmente o primeiro número daquela pequena lista, era o de meu pai. Estava ao lado da palavra pai , e assim pensaram que era o número de telefone do pai do rapaz. O funcionário falava italiano e assim foi tudo bastante fácil. Meu pai não perguntou nada, naquele momento não conseguia articular nenhum pensamento. Disse apenas *entendi... entendi... entendi* , três vezes, de maneira automática.

O que entendeu, nem ele sabia. Eram as únicas palavras que lhe tinham ocorrido, e pronunciara-as em voz alta, para tamponar dignamente a situação, a hemorragia que se iniciara, incontrolável.

Meu pai era um homem contido, reservado, razoavelmente tímido. Não estava acostumado a extroversões. Assim, seu corpo resistiu à dor aprisionando-a.

Cerca de duas horas depois, quando bateu à porta de casa, ele estava com a boca torta, como que arrastada para o queixo, e um olho mais fechado do que o outro.

“O que aconteceu?”

Nem havia percebido que tivera uma paralisia facial. O cão entrou junto com ele. Levei meu pai para a frente do espelho do banheiro, olhou, mas não parecia se enxergar, ou pelo menos não parecia absolutamente interessado, anuiu com a cabeça.

Porém eu tinha me apavorado, assustava-me aquela cara torta que não reconhecia, a voz empastada, o torpor do único olho aberto. Era preciso chamar o médico, fazer exames. Talvez fosse apenas uma friagem, mas poderia ser uma isquemia.

Havia comprado nêspersas, trazia-as num saquinho de papel que continuava a segurar, que não soltava.

Eram os primeiros frutos, pois mal se iniciara a primavera.

“Onde conseguiu?”

Fomos para a cozinha, sentamos à mesa.

“Pietro?”

“Dormindo.”

Normalmente, a primeira coisa que fazia ao entrar em casa era correr para vê-lo.

Lavou as nêspersas. Pega uma e esfrega com um pano. Depois remove lentamente o cabinho. Observo suas mãos para ver se também estão com algum problema. Os gestos estão muito lentos, mas todos os dedos parecem se mover.

Meu pai abre uma nêspersa, tira devagar o caroço brilhante, dividido em duas partes, como um coração.

Oferece-me metade daquela fruta, dou uma mordida, olho para ele. Levou aquela polpa alaranjada e granulosa à boca, mas não consegue morder devido ao lábio inerte.

Meu pai tem um rosto bondoso, muito bem desenhado, um nariz regular, cabelos fartos: é o que se chama um homem bonito. De vez em quando, porém, assume um ar levemente tolo, quando arregala os olhos um pouco redondos demais e levanta as sobrancelhas, ou quando mexe as orelhas e o nariz de propósito. Faz isso raramente, só para divertir as crianças. Seu rosto parece austero, e por isso é surpreendente vê-lo tão móvel. Quando eu era pequena, meus amigos ficavam loucos com as orelhas e as sobrancelhas de meu pai.

Hoje de manhã, todas essas bobagens se somam aqui, neste rosto fora de eixo, congelado num esgar que parece uma de suas brincadeiras, só que permanece, não se desfaz.

Meu pai não consegue comer a nêpera.

Agora lacrimeja, por aquele único olho aberto corre um fio viscoso como uma baba.

Penso que é por causa da paralisia, e me parece absurdo estarmos aqui comendo nêperas, em vez de correr para um hospital.

Levanto, digo-lhe que vou buscar as chaves do carro.

Ele diz: “Sente-se, querida”.

Não é sua voz, é um gorjeio rouco.

Seu rosto está assustadoramente contorcido.

Abre outra nêpera, oferece a mim.

“Pegue, coma...”

Não consigo engolir, fica entalada na garganta... porque tudo me parece absurdo, incrível. Porque agora sinto que, por trás desse rosto miseravelmente torto, há um segredo sórdido. Parece contraído num grito contido à beira de um rio, como o quadro do homem sozinho com sua boca negra.

Solto a nêpera, tiro os pedaços da boca.

Procuro aquele único olho aberto que lacrimeja.

“Soube de algo, pai?”

Agora lembro que as nêperas são as frutas prediletas de Diego, e meu pai sempre trazia para ele.

“Soube de algo?”

E não entendo por que meu pai trouxe as nêperas justamente hoje, e por que foi até o centro para encontrá-las, visto que ainda não é a estação, visto que eu não gosto muito e ele sabe disso.

Tinha mil maneiras para me contar, ou talvez apenas esta. Trouxe-me o sabor dele enquanto vivia, já é um pedaço de alguma coisa, de como procederemos no futuro.

Comeremos nêperas de vez em quando, em silêncio, para nos lembrarmos dele, do fotógrafo de Gênova que escrevera o número de Armando ao lado da palavra que mais lhe fazia falta, *pai*.

Agora estou pronta. Há aquela velha lembrança em mim, aquele refrão que aprendi em Sarajevo.

Trata-se de deixar passar a areia. Deixá-la escorrer até o fundo do corpo. É ela que nos mantém de pé, apesar de tudo, como a base de cimento de um guarda-sol.

“Morreu, não é?”

Meu pai fica me olhando com aquele rosto paralisado cuja origem agora conheço. Distante como o grito do homem de Munch.

Não confirma, olha-me fixamente com aquele olho e a fenda do outro, balança um pouco a cabeça, como um louco num hospício.

Solta um leve lamento. *Oh... oh... oh*, três vezes.

Fico à espera do esfacelamento diante desse rosto descomposto.

Depois confirma devagar, mas só um pouco, como se não estivesse realmente convencido. Mantém aquele queixo torto levemente erguido... como se perguntasse a mim, àquelas tolas nêspers... para me ouvir dizer que se enganaram. O morto que encontraram não é Diego, é um outro.

Espero que seu rosto se recomponha, como um fotograma voltando atrás. Mas sei que não é possível.

Baixo os olhos, abandono esse rosto desprovido de si mesmo, de sua doçura. Desprovido da paz. Parece-me o último adeus de Sarajevo, nele está aprisionado todo meu futuro. A vida pela frente terá apenas essa expressão contorcida, esse esgar aterrorizado.

Talvez meu rosto também se detenha num grito mudo... eu e meu pai ficaremos desfigurados.

Sinto medo pelo velho, tenho medo que ele também morra agora, nesta cozinha. Desfaça sobre a mesa, entre as nêspers.

Ele me olha para ver se estou enlouquecendo.

Tenho medo. Sinto o cheiro de seu medo. Das mãos que agora continuam a mexer nessas pequenas frutas, com estranhos espasmos irrefletidos.

“Morreu?”

“Sim.”

Não estou enlouquecendo. Já aprendi tudo, fazia parte da viagem, do pacote. Estava tudo incluído.

Já vivi este momento. No necrotério do Koševo, entre Jovan e o menino azul, havia uma daquelas mesas de aço nua, vazia.

Agora essa mesa, que vi e esqueci, retorna. Agora sei que estava à espera de um corpo, do terceiro corpo entre o velho e o menino.

Como uma cruz que deve se completar. O rapaz de Gênova com quem me casei já havia anunciado seu destino. O resto, o passaporte que caiu na bota, a própria Aska... eram apenas ocorrências, tudo já estava estabelecido. A vida e a morte não se decidem, no meio-tempo podemos tomar um caminho mais difícil, desafiar o destino, mas no fundo lhe fazemos apenas cócegas.

Agora eis-me viúva.

Sei que deveria reagir, mas olho as nêspas na mesa. Fico parada, e sei que não deveria, depois disso me fará mal. Deveria chorar, desafogar. É perigoso manter o eixo, ficar exatamente onde se está, sem se mover um milímetro, enquanto tudo desmorona. É um heroísmo que não serve para nada, como tampouco a dignidade serve para alguma coisa.

“Foi uma granada?”

E é normal falar.

Ao falar, meu pai baba, cai um pouco de saliva daquele sulco disforme enquanto diz: “Um acidente... caiu das rochas... na praia...”.

O que ele está dizendo? Sarajevo não tem mar.

“Em Dubrovnik”, meu pai diz que aconteceu numa daquelas ilhas na frente de Dubrovnik.

“O que estava fazendo lá?”

Meu pai não sabe, não perguntou nada.

Não importa, não tenho a menor curiosidade.

Estou vendo algo que já vi, que me esperou por longo tempo.

Levanto-me, mas não sei por que, dou três passos, mas como uma galinha de pescoço torcido, os passos dos nervos espasmódicos, dos músculos que retêm a memória do movimento. Volto a sentar e olho novamente as nêspas.

Corações de polpa de um alaranjado pálido. Diego era capaz de comer uma montanha delas, ria, cuspiu os caroços dentro da lata tentando acertá-la.

Diego.

No final das contas eu sempre soube. Não havia nenhuma verdadeira novidade, é simplesmente o destino que se cumpre, que se mostra.

Sempre tive medo de perdê-lo.

Aproximo dois carochos na mesa, fito-os. Nunca fomos tão perfeitos juntos, havia sempre algo que não combinava... uma aresta onde sempre batia, a barra de uma roupa que sempre fica para fora do armário e à noite incomoda, e você diz: *agora vou levantar, tirar aquela ponta de roupa* . Mas continua na cama e diz: *amanhã eu faço* . Agora sei o que era, era esse dia, estas nêsporas, essa morte. Ele tinha uma vantagem sobre mim.

Sorrio, morreu caindo, junto ao mar, como seu pai.

Sorrio, pois não estava surpresa. Como quando encontramos de repente a solução de um enigma que nos enlouquecia, nos atormentava, mas que era fácil, até demais, por isso não conseguíamos resolver. Procurávamos em outro lugar, em vez de procurar no bolso.

Sorrio porque não sabia se iria sobreviver, mas não me preocupava.

Bem, não o verei mais.

Significa que não verei mais suas pernas de garça, significa que não sentirei mais o cheiro de seu pescoço. Ele levou consigo os olhos que me fitavam e não poderei mais lhe perguntar *como sou?* , e ele não poderá mais responder *você é você* . Significa que sua voz está parada numa garganta morta e que esta garganta será sepultada.

Bem. Está tudo aqui.

Sorrio porque sou invadida pela amabilidade de um vento agradável, Diego que se vira para mim na estação, trouxe a cadeirinha pequena de plástico verde, trouxe-a no trem de Gênova só para me mostrar, porque se sentava nela quando criança e agora se senta na estação Termini, entre as pessoas, para me mostrar que ainda cabe. Pois é magro como um pernilongo. *Como os verdadeiros pobres* , diz. Os trabalhadores braçais de antigamente, os africanos. Rio. Está me perguntando se o amo, veio para se mostrar, para se vender como um escravo, porque ele me ama demais e não pode viver sem mim. Ele me diz que sabe que é um

erro, que não tem fascínio, pois não tem vergonha de se mostrar tão idiota, tão apaixonado. *Mas sou assim*, diz. Sorrio, dou-lhe as costas no fundo da estação, penso que é tolo, doido, viciado. Que tem os ombros estreitos demais e as pernas muito compridas. Viro-me, ele está de pé, mas com a bunda ainda colada na cadeirinha verde, segue-me assim. Quando paro, ele se senta de novo, cruza as pernas, está sem cigarro, mas faz o gesto de estar fumando embevecido. *Estou esperando*, diz.

O quê?

A vida, estou esperando a vida.

Bem. Tiramos os carços da mesa, jogamos no cesto.

Meu pai diz: “O que temos de fazer? Como se faz?”.

Diego era um filho para ele, e agora quer saber como se faz para trazer de volta o corpo de um filho morto.

“É preciso acionar o Ministério do Exterior.”

“Ah, sim.”

Eu me levanto, ponho os óculos, mas depois não faço nada.

“Eu vou a Dubrovnik se você não for.”

Aonde ele pode ir com esse rosto?

“Você precisa ir ao hospital, pai.”

Ele concorda, não pode acreditar que seja tão fácil, tão normal.

O menino acorda porque está com fome, preparo seu leite. Meu pai o pega, e Pietro chora porque não o reconhece, assusta-se com aquele esgar, e assim percebemos que ele já enxerga. Depois reconhece o cheiro do avô e toma o leite que lhe dá aquele rosto torto. Contemplo por alguns instantes meu pai que dá a mamadeira, soluça e molha o menino com suas lágrimas.

Digo-lhe: “Tome cuidado, pai”.

Abaixa a cabeça, esconde-se. Tem vergonha porque sou forte e ele, pelo contrário, está fraco. O cão dorme com o focinho num de seus pés.

Folheio a lista telefônica, procuro o número do Ministério do Exterior. Anoto num papel. Receberam um comunicado, mas a voz do funcionário diz: “Ainda não sabemos os detalhes, senhora”.

O céu está nublado, abro uma das persianas, tiro o varal com os macacõezinhos e os babadores. Troco o menino, mantenho-o acordado por algum tempo entre mim e meu pai, na sombra seu rosto parece ainda mais sinistro, parece o de um velho doente mental, o olho aberto está arregalado.

Ele amava o rapaz de Gênova, amou-o desde o primeiro instante.

“Não tem um centavo, viaja sem bilhete nos trens. Sem eira nem beira...”

Eu pensava que era uma censura. Acabara de me separar, depois daquele casamento absurdo com Fabio. Meu pai estava com um ar zangado. Depois moveu as orelhas, o nariz, fez uma daquelas suas brincadeiras de mímico.

“Mas tem todo o resto: ande logo, sua cabeçuda!”

Depois seria seu assistente, e Diego o levaria consigo, na motocicleta. Nunca mais seria tão feliz.

Os minutos passavam, a areia descia em meu corpo. Pensava no mar, em Diego sujo de areia. Não pensava no cadáver, não tinha a menor pressa de me jogar na realidade dos telefones, das vozes estrangeiras. Sentia-me morosa. Abobalhada como uma grávida. Diego estava fora do mundo, mas eu sentia que estava dentro da vida, que a tinha alcançado. Flutuava no óleo do nascimento, nas raízes líquidas de uma grande placenta cósmica. Eu tinha uma mão pousada sobre a barriga do menino. Era ele que me devolvia essa serenidade autista. Estava ali tranquilo, com seus arrulhos. Estava acostumado com a casa que reconhecia, com aquela vida. Não sofria com aquela tragédia, para ele não existia. Nunca conhecera Diego, não o buscava com os olhos que, agora, já movia de um lado para outro. Era órfão de pai, exatamente como seu pai. Seu destino se deslocara de repente, mas ele não sabia, balbuciava *nhem nhem*.

Seu desconhecimento era um escudo contra a dor, mas também era a verdadeira morte de Diego.

Meu pai não queria me deixar, tinha medo. E me disse isso mastigando as palavras na boca torta. Chamara seu médico, que agora o esperava no hospital. Um táxi aguardava no portão.

“Você está calma demais, e eu não estou tranquilo.”

Mas eu queria ficar sozinha.

Liguei novamente para o Ministério do Exterior, mas ainda não tinham notícias para mim.

Estamos esperando, disse a voz.

Adormeci com o menino sobre a barriga.

Fui até a janela, que estava aberta, e me debrucei com o menino no colo para me atirar. Foi uma boa prova, descobri que não tinha a menor intenção de fazê-lo, dificilmente alguém morre pulando do segundo andar, pensei. Havia pessoas na rua e fiquei observando dois jovens que se beijavam apoiados numa vespa estacionada.

Sonhei com Sarajevo, a cidade que se recompunha como num filme em retrocesso, as ruínas se levantavam, os vidros quebrados se reconstituíam como vidros intactos, janelas, vitrines das lojas. As portas da Baščaršija se reabriram, os arcos da Biblioteca Nacional voltaram a se erguer em direção ao céu, voltou a moça que trazia os livros naquelas salas organizadas. Voltou o lamento do muezim nos minaretes intactos. Voltou o verão depois da neve, as lareiras acesas, o desfile para Tito, as animadoras de torcida com os vestidinhos turquesa, voltou aquele refúgio em Jahorina, voltou o olhar de Diego, o primeiro sobre mim.

No sono retive-o abraçado como uma faca, como um lírio. Era uma ferida sem sangue, branca.

Ao nascer do dia, pensei que não iria conseguir.

Mas consegui, pus Pietro no canguru e saí. Tinha reencontrado aquele cartão, o do capitão dos carabineiros.

Esperei um pouco, depois me deixaram entrar.

Giuliano ergueu os olhos.

Eu me sentei. Ele disse algo sobre o menino, disse que tinha crescido, sorriu.

“O que posso fazer pela senhora?”

Pedi um copo d’água.

Mandou trazer uma garrafa. Bebi.

Ele também bebeu. Sorriu.

“A senhora dá sede.”

E somente ali, na frente daquele homem de uniforme, um pouco corpulento e um pouco calvo, comecei a chorar. Foi um pranto longo e lento, ao qual ele assistiu calado.

Depois iria me dizer que se apaixonou por mim naquele dia, porque ele também esperava um destino que nunca tinha visto e agora, de súbito, via.

Foi ele quem me ajudou a trazer o corpo de Diego para a Itália. Decidi não ir a Dubrovnik, não tinha a menor intenção de atravessar o mar. Tinha o bebê para cuidar e meu pai não estava bem, estava se recuperando da paralisia, mas não era mais o mesmo. Estávamos como aqueles seres dos filmes de ficção científica, mutantes esvaziados de nós mesmos e habitados por autômatos.

Ouvíamos um som diferente quando trocávamos o beijo habitual, nossas dores se entrecrocavam, estagnadas no corpo, nos braços que pareciam de ferro. E até sentíamos incômodo em nos olhar mutuamente. Era melhor fitar os estranhos, as pessoas que não sabiam.

A casa estava doente, e no entanto parecia viva, pois a empregada vinha, pois meu pai sempre trazia flores e frutas frescas e tentava agir mais ou menos como antes. Fazia as compras, ninava a criança, dava água para o cachorro, reorganizava minha geladeira. Mas depois, assim que podia, enquanto Pietro dormia, postava-se diante das fotos de Diego e as contemplava demoradamente, esquecido de tudo... sentava-se no sofá e ficava abobalhado fitando uma poça d'água, uma fila de pés. Depois, ao perceber minha presença, baixava os olhos. O olho começava a se reabrir, mas ainda estava torto em relação ao outro e chamava a atenção.

Eu flutuava sobre a dor. Uma membrana delgada me mantinha na superfície. Como aqueles insetos que vivem sobre folhas aquáticas, eu não encostava realmente na terra. Dentro de mim também explodiam microscópicas paralisias. De vez em quando, não sentia mais um seio, ou um pé, ou uma parte do ombro... eram partes de meu corpo que Diego havia tocado, era a lembrança de sua

mão apoiada em mim... Anestesiava a parte naturalmente, como uma gengiva no dentista.

Eu estava lendo um livro sobre insetos, era uma leitura que me agradava porque não me distraía, falava de mim por meio de outras formas de vida. Insetos que se imobilizavam nas cascas das árvores, adaptavam-se ao medo, transformando-se, mudando de cor, paralisando-se.

Chegou um relatório médico de Dubrovnik: Diego morrera de uma queda, tinha uma lesão no crânio e fraturas em todo o corpo, as mãos e os antebraços escoriados, como se tivesse tentado se agarrar.

Perguntei ao capitão se alguém poderia tê-lo empurrado.

A polícia de Dubrovnik excluía essa hipótese, muitas testemunhas tinham visto Diego passear pelo quebra-mar de Korčula e depois subir nos escolhos.

“Estava... confuso.”

Giuliano inclinou a cabeça, abriu a gaveta, tirou algo, uma caixa de alçaçuz...

Agora me olhava e eu sentia sua pena, deslizava sobre mim.

O menino na bolsa canguru se moveu, de repente fincara os pezinhos em minhas pernas imóveis na cadeira e se ergueu. Pousei-lhe a mão por trás da cabeça, estava com medo de que se virasse para o capitão, um medo irracional que, de chofre, tal como se levantara, pudesse falar, dizer que não era meu filho.

Abriu a caixa de alçaçuz, ofereceu, deixou passar mais algum tempo.

“Seu marido usava drogas?”

Atrás de um arbusto, no local onde Diego passara a noite, haviam encontrado uma seringa, e em seu sangue havia traços de heroína.

Baixei a cabeça, fiquei com vontade de batê-la na mesa. Mas encontrei a cabeça do menino. Queria bater devagar com ela, cem vezes, e cem vezes dizer *não*. Meu rapaz das vielas escolhera seu fim.

O capitão confirmou, os olhos parados como vidro.

“Não é fácil voltar de uma guerra...”

Ao lado do relatório médico havia um envelope amarelo. Já o fitava fazia algum tempo. Era a parte mais terrível, mais escabrosa, Giuliano o deixara de lado, mas agora era preciso abri-lo. Eram as fotos de um cadáver.

Giuliano abriu com a espátula aquele envelope que custava a ceder, papel resistente da velha burocracia iugoslava. Folheou depressa.

Eu o observava para captar alguma reação em seu rosto... beijava a cabeça perfumada do menino, de repente esperava um milagre, que o morto, apesar dos documentos, das descrições detalhadas das roupas, do anel de prata no dedo, não fosse Diego.

O capitão devia estar acostumado a examinar fotografias de cadáveres, não mudou de expressão. Levantou um olhar amável.

“Basta que veja uma, é necessário... precisa assinar uma declaração.”

Olhei as fotos do fotógrafo morto, passaram diante de mim plácidas como barcos num rio.

“Sim, é ele.”

Enquanto voltava a guardar as fotografias no envelope, o capitão disse: “Parece Che Guevara”.

Era verdade, era um morto extremamente bonito. Um rosto lívido, devorado pelas sombras, mas ainda se percebia a tensão da alma, a paixão pela vida.

Os dias se passaram e descobri que era muito mais fácil trazer um recém-nascido de Sarajevo do que repatriar um cadáver de Dubrovnik. Finalmente o caixão chegou.

Num dia ensolarado, no silêncio absoluto de um céu líquido que movia o horizonte, o avião cavou o asfalto mole da pista. O capitão, com um uniforme irrepreensível, alcançou o avião a passos largos. Transcorreram segundos irrealis, como antes de um parto. Depois a porta traseira se abriu e o caixão deslizou para fora do ventre metálico.

Comecei a transpirar, minha blusa se colou ao corpo como um maiô.

Alguns anos mais tarde, quando Giuliano acabou me pedindo em casamento, eu lembraria essa chegada, o corpo de Diego no ataúde e o capitão a esperá-lo sob aquele céu quente que movia tudo. Um destino de saída e outro de chegada.

Fiquei um dia inteiro com o caixão, tinham-no deixado num aposento bastante pequeno. Houve problemas, porque o funeral estava marcado para a manhã seguinte e o pessoal do aeroporto não tinha a menor intenção de ficar com o caixão no depósito. Diego não era herói de guerra ou coisa parecida. Era um fotógrafo desconhecido, caído de uma rocha, doido de heroína. O capitão assistia impassível à minha desorganização, que agora não o surpreendia mais. Era evidente que, em solo italiano, eu teria de cuidar do caixão. Mas eu não havia pensado nisso. Estava ali, com um chapeuzinho de algodão na cabeça e a blusa úmida de suor, como uma turista perdida. Então começou o vaivém dos telefonemas e das discussões.

No final, quatro recrutas do exército ergueram o caixão e o levaram para uma saleta pequena e arejada, como uma casa de praia. Havia uma porta de enrolar verde-clara que pedi para deixar aberta. Dava para uma área de serviço do aeroporto, via-se um hangar de metal e o arame farpado da cerca.

Fiquei até o crepúsculo.

Era madeira, nada além de madeira. Banhada pela penumbra daquela sala apartada. Eu me distraía constantemente, olhava para fora, atraída pela luz, como uma mosca que não encontra paz. Fitava os juncos crescidos nas margens da pista, rompendo o asfalto. Tentava me concentrar, como quando era criança, quando recebia a hóstia na igreja e buscava o recolhimento, mas os esforços não resultavam em nada, pensava em minhas coisas. Esperava simplesmente que o tempo passasse. Sentia-me perpassada por um leve desconforto, como quando partimos em viagem e temos a sensação de ter esquecido alguma coisa. Paramos, fazemos um pequeno inventário mentalmente, vasculhamos a roupa, abrimos a bolsa, mas não conseguimos saber o que esquecemos de trazer.

Depois aconteceram duas coisas.

A primeira foi que Diego entrou naquela sala e falou comigo. O sol começava a declinar, era uma hora que nos agradava, começávamos a tomar vinho e a conversar, e por isso não me surpreendi que ele tivesse escolhido aquela hora para me visitar. Não saiu do caixão. Entrou vindo de fora, abaixando as costas para não bater na porta de enrolar.

Olá, pequena .

Vinha me fazer companhia naquela vigília, como quando esperávamos juntos nos postos médicos. Não estava com a barba de Sarajevo, o rosto estava escanhado, usava aquela velha camisa branca sem colarinho, com o peitilho rígido na frente, e suas calças de explorador. Tinha acabado de tomar banho, os cabelos úmidos recendiam perfume de xampu.

Perguntei se tinha sofrido.

Sorriu, moveu a cabeça. *Um pouco .*

Perguntei: *O que é a morte, Diego?*

Não pensou sequer um segundo: *É um rio que sobe .*

O caixão estava entre nós, ele apoiara os pés em cima. Parecia a vigília fúnebre de um homem morto muitos anos antes, seu pai, talvez. Agora tocava violão, eu olhava as solas gastas de suas botas, de alguém que tinha caminhado muito. Havia um avião do lado de fora do hangar, um pequeno avião militar a turbo-hélice.

Gostaria de partir, amor? , perguntei.

Ele me fitou longamente com olhos úmidos e velhos. Olhos fortes da vida, próximos da fragilidade do céu.

Não, gostaria de ficar .

Só então me perguntou do menino.

Contei-lhe sobre aquela manhã, enquanto trocava as fraldas ele tinha feito xixi no meu rosto.

Riu, contou que ele também fazia xixi em sua mãe, que era uma coisa que os meninos fazem. Levou uma mão ao rosto, abriu os dedos, ficou algum tempo assim, sob aquela gaiola.

Ao ir embora, deixou um filme sobre o caixão.

A segunda coisa foi que realmente encontrei o filme, a película aberta, amassada. Estava ali no chão, ao lado da porta, esquecido por alguém que talvez não soubesse tirá-lo e o estragara. Guardei no bolso aquele rolo de filme queimado pela luz. E me senti melhor,

como se fosse a coisa que havia procurado um pouco antes, sem encontrar. Saí da sala.

No dia seguinte, no funeral, há muitos rostos jovens, os rapazes da escola de fotografia. Viola está com os cabelos compridos, derrotou o câncer, mas não consegue controlar o pequeno afegão, que se contorce, dá alguns passos solitários até o caixão. O padre é um velho colega de escola de meu pai, é robusto, tem sua cantilena. Toda vez que diz *Diego*, tenho um sobressalto. *Por que chamá-lo?*, penso.

Um sujeito magro, não muito mais alto que um menino, aproxima-se de mim.

“Você é a mulher?”

As vogais abertas, as consoantes que se dissolvem como mar, o sotaque forte dos becós, de Diego.

“Sou Pino.”

Ele me abraça forte.

Rosto de boxeador, óculos escuros e gel, como um coveiro.

Já vira diversas fotos dele, era o chefe da torcida, não consigo acreditar que é tão pequeno, nas fotografias de Diego parecia um gigante.

Ele me apresenta os outros, o grupo de Gênova, rostos descarnados de viciados. Pergunta-me se podem pôr a bandeira. É a histórica, a mais suja e rasgada, com todas as assinaturas dos jogadores. Estendem-na lentamente sobre o caixão como um sudário.

A bandeira é o pai, a mãe, o emprego que você não tem, a heroína, das boas...

A mãe de Diego veio de carro com o companheiro, setecentos quilômetros até essa igreja simples, de bairro.

Está sentada no banco, ao meu lado, colada. Amedrontada. Pobre Rosa, é uma florzinha murcha que nunca mais recuperará o viço. Porém arrumou o cabelo, nota-se que foi ao cabeleireiro, está com um penteado armado de cachos imóveis, violáceos. Seguro sua mão, ela aperta como que para me pedir desculpas.

Um dia ela me disse: “Eu não podia ficar com ele em casa, tive que mandá-lo para um internato, mas se pudesse voltar atrás...”.

Não se volta atrás, Rosa.

Agora talvez esteja pensando naqueles anos, quando Diego era pequeno, *um tiquinho de gente*, e se agitava tanto durante o sono que caía do beliche, e ligavam da enfermaria porque o menino chamava por ela, mas Rosa não podia ir até Nervi, até o instituto, *um bom instituto, veja bem*, tinha os turnos no bandejão. Falava ao telefone, dizia a ele *fique bonzinho, pequenino*. Agora se mudou para Nizza com o companheiro, têm uma *casinhola*, pena que esteja com esse tremor nas mãos.

Beijou o neto na testa, mas teve medo de pegá-lo no colo. Parece absorta, à mercê de fantasmas mais miseráveis do que ela. Respira calada o hálito de sua boca que ficou fechada no carro por todas aquelas horas.

Perguntei-lhe se o menino se parece com Diego quando criança.

“É o retrato dele, vou lhe mostrar... mandarei para você.”

Sorriu ausente, apalermada.

“Ela se entope de calmantes”, Pino me dirá mais tarde.

A moça que lê o Evangelho é um pouco retardada, parece uma foca de peruca. Diego a escolheria como modelo.

Levei um gravador. Levanto-me, aperto a tecla play.

No caixão não há nenhuma flor. Só a Leica quebrada e a bandeira do Genoa. “I wanna marry you” flutua sobre aquela parcimônia.

Oh, darlin’, there’s something happy and there’s something sad
... Duccio permaneceu todo o tempo sob uma abóbada lateral, apoiado numa coluna, com os braços cruzados e as pernas abertas como um leão de chácara.

Os rapazes da escola de fotografia põem o caixão com seu jovem mestre nos ombros e o transportam.

O pequeno afegão agora está calmo, faz bolhas de sabão. Poças voadoras que Diego teria apreciado. Por um momento me parecem seus olhos a cair.

Há o aplauso de praxe.

Com a desculpa do menino, Armando vagou o tempo inteiro no fundo da igreja. Está com a barba por fazer, os olhos azuis perdidos

na carne escura. O rosto voltou quase ao normal. Pôs Pietro para dormir no carrinho, de vez em quando se ouvia um vagido. Agora ele se posta diante do caixão, estende uma mão. Não o toca imediatamente, espera, como se entre a mão e a madeira ainda houvesse um pensamento não realizado, uma prece. É um velho, é a primeira vez que é tão velho. Inclina a cabeça e parece se apoiar no caixão, quase como se pedisse ajuda ao rapaz imóvel ali dentro, que agora é apenas uma múmia, restos humanos como sementes de maçãs já comidas.

Rostos me estapeiam, um depois do outro, beijos no ar, beijos da morte. Minha pele dói. Não tiro os óculos de sol para não cruzar com todos aqueles olhares que queriam me encontrar. Peixes negros.

Ouçõ o companheiro que pergunta a Rosa: “Estava frio na igreja?”.

O caixão é transportado na van da escola de fotografia, nada de pompas fúnebres, nada de carros pretos.

Duccio olha estupefato aquele traste de furgão. Ele me abraça, óculos espelhados colados no rosto macilento. Repuxa um lábio, morde-o entre os dentes graúdos, de predador.

“... e além do mais era um grande fotógrafo... realmente grande.”

Aperta o controle, agita-o na direção do Jaguar estacionado na porta da igreja.

“Nunca pensou isso dele”, diz Viola, “a gente sempre enaltece os mortos...”, e dá uma tragada no cigarro totalmente empapado, “porque, enfim, depois de morto, ninguém está ligando a mínima.”

Arranco-lhe aquele cigarro, esmago-o sob o sapato: “Pare de fumar, sua idiota!”.

A luz mudou, ficou cinza e talvez chova daqui a pouco. Pietro está vestido de branco, está acordado, afastou o lençol. Está ali fitando a abelha do pano de chita que balança na cobertura do carrinho. Os olhos enormes, a cabeça calva de um inseto. *Papai*, diz ele, *o que devemos fazer?*

É, o que devemos fazer? Não é um casamento, não há refrescos. E tampouco é um funeral normal, não tem carro fúnebre, não tem túmulo. Diego não queria, sempre tinha dito *ao vento*, e ao vento será.

“Leve o menino para casa, pai.”

Atravessamos a cidade, seguimos para o crematório. Passamos um portão, uma avenida de poeira. É um bom refúgio, leve, parece uma estufa de plantas. Os caixões à espera parecem caixas de sementes. Pino pega de volta a bandeira do Genoa, dobra-a com cuidado, não quer que seja cremada.

Há uma fonte na pracinha, onde paramos num bar. Repuxos que se empinam, água que sobe ao invés de descer.

A mãe de Diego entra no carro. O companheiro fecha a porta para ela. Uma ponta do vestido fica para fora, vejo-a adejar.

Fiquei com Pino. Terminamos um sanduíche.

“O pai, como era?”

Faz uma careta dilacerada. É a dor de uma vida malograda. No fim das contas, Diego era o que havia conseguido ser.

“Era um desgraçado, que batia em casa, pegava pesado.”

“Diego falava dele como um herói...”

Pino está com seu blusão de couro preto, o rosto com marcas das pancadarias. Saltita, sorri, como De Niro em *Touro indomável*.

“Ah vá, o Diego... o Diego, você sabe como ele era, não é?”

Não, não sei. Conte-me você, Pino.

“... o mal, ele não queria enxergar, só queria enxergar as coisas bonitas.”

Contemplo a fonte. A água que sobe. *As coisas bonitas ...*

A bagagem está fechada em cima da cama

A bagagem está fechada em cima da cama. O quarto é um campo de toalhas molhadas. Pietro usa uma camiseta limpa, está limpando seu ray-ban.

“O que vamos roubar, mãe?”

Olho para ele sem entender o que está dizendo.

“O que deveríamos roubar?”

“Alguma coisa a gente tem que roubar nos hotéis, senão significa que a gente não gostou.”

“Quem lhe disse isso?”

“Papai.”

Não posso retrucar, porque aquele que Pietro chama de *papai* foi promovido a coronel dos carabinieri no mês passado.

Ele pega um pedaço de plástico pendurado na maçaneta.

“Vou roubar o do not disturb , o que acha?”

“Então você gostou?”

Faz uma careta. Dá de ombros, põe a plaquinha na mochila.

Arrastamos as valises pelo corredor, as rodinhas têm dificuldade em avançar nos calombos do carpete.

“Está triste de ir embora, mãe?”

“Um pouco, sim...”

“Eu também, um pouco.”

Olho para ele porque não posso acreditar que esteja triste por ir embora desta cidade pobre e cinza.

Talvez esteja triste por deixar Dinka, a garçonete com o piercing. Mas pouco se olham. Trocam um abraço rápido, rígidos como dois insetos.

Na rua, enquanto esperamos Gojko que dá marcha a ré, Pietro diz: “Antes eu não sabia onde tinha nascido, agora sei”.

“E está contente?”

“Sei lá...”

Olho seu rosto apoiado na janela, passam os prédios reconstruídos ao redor da estação ferroviária... e entendo o que significa aquele *sei lá*. Por anos Pietro imaginou o lugar onde tinha nascido, *por acaso*, como sempre disse na escola, às professoras, aos amigos. Deve ter pensado no assunto muito mais do que jamais suspeitei, naquele *acaso* encerrado nesta cidade. E talvez o tenha procurado nesses dias, não olhando quase nada, andando com a cabeça baixa...

Ontem à noite, na cama, ele me perguntou: “Diego tocava violão melhor do que eu?”.

“Não, você toca melhor, estudou. Seu pai tocava de ouvido.”

Virou-se, revirou-se mil vezes, atrapalhou meu sono que estava chegando.

“Dá para saber o que você tem?”

Levantou como um tigre.

“Me incomoda que você o trate como pai.”

“Mas é seu pai.”

“E por que não voltou para Roma conosco?!”

“Estava trabalhando...”

“Não. Ele nos deixou.”

Ele me puxou por um braço.

“Não é verdade?”

Esperei que adormecesse. Talvez tenha ouvido algo, no recinto desta cidade, que lhe falou, lhe sussurrou uma verdade morta, mas

que realmente existiu e está marcada em algum lugar, junto com esses nomes nas placas, com esses prédios feridos e remendados.

O cemitério Leone está ali, ao lado do estádio, dos vestiários de cimento. As tumbas se encarapitam na subida de um terreno íngreme, que parece aqueles vinhedos em terraço.

As lápides muçulmanas estão tortas, todas elas viradas para Meca e parecem agitadas pelo vento.

Gojko me perguntou se queria parar.

Eu queria vir aqui desde que chegamos, mas não tinha forças. Tampouco hoje tenho. Mas, como estamos de partida, toquei em seu ombro, disse-lhe *sim, pare*. Gojko deu seta e estacionou, como se não fosse nada. Sem mudar a expressão, como se parássemos para tomar um café.

Agora ele caminha à frente, a camiseta suada nas costas. Não olha as lápides, sabe aonde ir.

E parece um agricultor a nos guiar por entre seus vinhedos.

Aqui está enterrada metade de Sarajevo. As datas de nascimento mudam, as da morte se repetem. Era como um saco negro, o destino. A morte fez uma colheita extraordinária naqueles três anos.

A morte é solidão, e eles foram privados também daquela privacidade, obrigados a morrer aos enxames, como insetos. Afinal de contas, ter a vida roubada parecia quase aceitável, mas o furto da morte é outra história... findar indistintamente, misturados como panos sujos, como frutas podres.

Gojko traduz algumas inscrições nas lápides. Faz por Pietro, que agora não o deixa mais em paz. E ele não se nega, conta-lhe as anedotas mais macabras.

“Os números negros para as lápides tinham acabado, depois de algum tempo começou a faltar o dois para o 1992, e todos esperavam que 1993 começasse logo, depois o três também acabou...”, ri. “Uma verdadeira tragédia.”

Ele parou. Espera, abaixa-se, arranca alguma coisa, uma trepadeira feia.

Este é o campo das cruzes católicas. Caminho e não quero caminhar. Ele olha para mim.

O declínio já começara. Mas naquele dia ele se consumou. Morreram os ioiôs, as Levi's 501, as músicas de Bruce Springsteen

e as poesias de Gojko.

Fazia tempo que eu não estava mais em Sarajevo. Soube disso muitos anos depois, por acaso, na saleta de um cinema de arte. Vejo uma moça que me olha através dos óculos, um casaquinho de noite de cetim preto puxando para o verde e um jeans largo. É ela que me reconhece, dou-lhe um beijo e um abraço, fito-a de novo. Sempre que encontro um deles, sobrevém esse abraço, mudo e intenso. É a dor que volta a se imprimir, a colar num molde à espera. Era a vizinha de Mirna e Sebina, era pouco mais que uma menina. Subia as escadas de cabeça baixa, passando o braço na parede, que seguia frouxo atrás dela, como um rabo. Dou-lhe um grande beijo pois está viva, embora não a conhecesse bem e nunca pensasse nela, nunca pensasse que fim levaria. Ela traduz romances servo-croatas, depois da guerra entraram um pouco na moda, diz. Vê-se que não tem muito dinheiro, com aquele casaquinho surrado, teve um namorado italiano, agora acabou, espera. Tem mãos pequenas e branquíssimas, o rosto dócil e altivo de sua cidade, e uma voz tão tênue que tenho dificuldade em ouvi-la. Estamos sentadas num sofá vermelho, há cheiro de umidade, de carpete que se molha e se seca.

Sua testa é alta, seus cabelos são de uma lanosidade frágil, e sobre nós bate uma luz branca demais. Ela saiu no último ano do cerco, quando alguns trens já tinham voltado a funcionar, subira num deles, pusera-se no fundo e não se abaixou em momento algum, nem mesmo nas áreas a descoberto, foi de Bašćaršija até Ilidža. Era um belo trem, eram belos aqueles vidros intactos. Tinha visto o esfacelamento de sua cidade, como se estivesse sentada num cinema, as ruas como filmes passando. E tinha decidido que não ficaria, não podia pensar em viver ali, as cicatrizes lhe pareciam piores do que as feridas.

“Eles não conseguiram”, diz.

Há aquela luz que lhe embranquece a cabeça, apaga parte dos cabelos, que são castanhos mas parecem brancos, velhos. Observa-me, socorre-me com seu olhar.

Eu não deveria sofrer, pois ocorreu há muitos anos, não é uma ferida aberta, mas uma cicatriz branca, desaparecida na pele do

tempo. Porém a dor é justamente aquele tempo que transcorreu sem que eu percebesse.

Chego perto de Gojko. Olho para o chão. São duas tumbas gêmeas, a lápide dupla pouco mais larga do que uma individual, como aquelas chamadas camas de viúva.

Como aquela cama onde mãe e filha dormiam, onde eu e Diego fizemos amor pela primeira vez.

Sebina e Mirna descansavam aqui.

Faço o sinal da cruz, ponho uma mão de atravessado no rosto.

Há uma inscrição bastante longa na lápide, Gojko traduz para Pietro, sem hesitação, sem mudar de tom, como não mudara a expressão em momento algum.

*Segure uma ponta do fio,
com a outra ponta na mão
vou correr pelo mundo.*

*E se eu me perder,
mãezinha minha, puxe.*

Pietro pergunta: “É uma poesia sua?”.

Gojko confirma contrafeito, faz parte de uma balada que escreveu para o último aniversário de Sebina, era 13 de fevereiro, havia bombas e neve, e eles fizeram uma festa sem faltar nada.

“É uma das piores que escrevi, mas elas gostavam...”

Pietro diz: “Não é feia”.

Meu ventre, meus ombros, soluçam. Pietro olha para mim. Queria me afundar e morrer de chorar. Mas sinto vergonha, de meu filho, de Gojko que perdeu tudo e não se move um milímetro, dessa idade patética, meia-idade, como dizem, mas que me parece muito mais.

“Como aconteceu?”

A moça falou sem nenhuma alteração no tom de voz, e prendi-me àquele fio delgado que, agora sei, é a voz dos sobreviventes, daqueles que continuaram a viver como fios soltos. Seu italiano era

uma cantilena, tinha uma monotonia que quase anesthesiava. Então foi assim.

As sirenes do alarme já tocam faz algum tempo, Sebina é obrigada a descer ao porão, não gosta, mas não reluta mais. Agora é hábito, o porão está equipado, há uma bateria de carro que de vez em quando conseguem recarregar, e, portanto, às vezes ouvem rádio, há a pannela para a refeição coletiva e uma cortina que esconde um balde para as necessidades. Há livros, cobertores e pequenas espreguiçadeiras para a noite.

A mãe lhe diz para se apressar, porque Sebina se demora, põe comida no aquário, rala um pouco daquele torrão preto das ajudas humanitárias que supostamente seria carne, mas que tem cheiro de ração para peixes e eles gostam. Queria transferi-los para o vidro vazio das cerejas em calda, como faz às vezes, para levá-los junto ao refúgio, mas Mirna fica nervosa, hoje as granadas parecem pedras de um desmoronamento incessante.

Sebina leva apenas o livro de geografia. Gosta da Nova Zelândia, disse ao irmão que quer ir até lá e Gojko prometeu, a primeira coisa que farão, depois, será aquele voo de vinte e quatro horas. Desce as escadas junto com os vizinhos, junto com aquela mocinha maior do que ela, que passa o braço pela parede ao descer, deixa-o deslizar como um rabo.

O rádio hoje funciona, primeiro os apelos, as vozes dos que estão longe e pedem notícias, esbaforidas como se saíssem do papo de algum peru, depois, se Deus quiser, música.

Sebina dança, dá alguns saltos. A mulher que prepara a sopa a manda parar. Sebina abre o livro de geografia. Fecha, conta uma piada, uma daquelas do irmão, imita as caras, põe as mãos na cintura. Até a mulher carrancuda que mexe a sopa dá risada.

Mirna ainda não desceu, subiu ao terraço para estender a roupa, é o primeiro dia de sol de verdade depois de tanto frio, por isso os granadeiros das montanhas estão tão eufóricos.

O terraço, a bem dizer, é um local tranquilo, porque o prédio é mais baixo do que os outros e fica numa posição isolada.

Mirna tem cabelos louros onde os fios brancos não aparecem muito, usa uma saia justa e um pulôver de gola alta, são roupas de sua mocidade que agora lhe servem perfeitamente.

É exatamente nesse terraço que vejo e cumprimento Mirna, são os últimos momentos de sua vida, o segundo ano do cerco acaba de começar. Conversamos algumas vezes naquele telhado, com todas as chaminés e as antenas das televisões, fui junto com ela buscar a roupa e depois paramos para fumar e olhar lá embaixo. Eu gostava dela e ela de mim, à sua maneira, sem uma verdadeira intimidade. Por timidez, porque eu lhe parecia sempre um pouco distante. Eu era a mulher que seu filho gostaria de ter e a madrinha de sua filha, mas na verdade nós duas nos conhecíamos pouco, e dali a alguns instantes, quando vier *sua* granada, não teremos mais como nos conhecer.

Por um instante vejo seu peito, sob a blusa, sob o sutiã, o peito desnudo de uma mulher viva a respirar.

Volto ao porão, para Sebina. Folheia novamente seu livro de geografia, acostumou-se com aquela escuridão. Há uma janelinha que pode ficar aberta durante o dia, dá para a rua acima, filtra uma réstia de luz perolada e nada mais, serve para nos enxergarmos um pouco e para deixar a fumaça sair, pois ali embaixo quem tem cigarros fuma. Aquela fumaça incomoda Sebina, mesmo que agora não se importe mais, e somente quando sai é que percebe como suas roupas cheiram mal. Pensa em sua mãe. Às vezes ela deixa que a filha a acompanhe até o terraço, e então finalmente estira as pernas, faz os *spacattos*, dá os saltos abertos e os saltos mortais, anda de cabeça para baixo entre as chaminés e as antenas.

Suas pernas são fortes e troncudas. Antigamente eram mais, agora está fora de forma, mas retomará, e será fácil, porque por sorte é uma atleta jovem, e aquela guerra não vai lhe roubar nenhuma Olimpíada.

Portanto é o momento.

Vejo Sebina, parece que consigo alcançá-la. Com ela tenho intimidade, segurei-a nos braços quando tinha poucas horas de vida, batizei-a.

Estou sentada na sala de espera deste cinema de arte, onde vai passar um filme que nunca assistirei, onde entrei numa tarde de chuva por engano. E agora é este o filme que vejo: Sarajevo, maio de 1993. Morte de Sebina e de sua mãe, Mirna.

Estou sentada e a moça fala, recorda tudo perfeitamente, até os mínimos detalhes. Pergunto se apenas traduz os livros dos outros ou se ela também escreve. E me diz: *como percebeu?*

Percebi pelos detalhes, são os detalhes de quem tem memória de escritor. Uma faca que separa e escolhe.

Meus detalhes são: um lenço usado, Sebina comeu um sorvete e limpei sua boca. E agora absurdamente me pergunto onde coloquei aquele lenço com a marca de seus lábios.

Meus detalhes são: seu cheiro de peixe.

Ela está de pé, sua cabeça me bate pela cintura. Curvo-me para beijá-la, sinto o cheiro das sardinhas dos pacotes humanitários.

Meus detalhes são: seus peixes que se debatem na poeira.

A primeira granada cai muito perto, a panela tomba do fogão, a sopa se derrama no chão. A mulher grita, amaldiçoa a guerra, recolhe com as mãos o que consegue, queima-se.

Sebina olha aquele caldo que escorre em sua direção, trazendo pedaços de verduras de inverno, de miséria.

Ergue a cabeça e diz que quer sair, quer ir procurar a mãe.

A moça se interrompe, retoma: *ninguém a deteve, isso é o mais absurdo, não deviam deixar uma menina sair*. A moça se interrompe.

Sebina sobe correndo as escadas do prédio.

A mocinha que arrasta o braço ao longo da parede não a deteve, estava jogando xadrez com um companheiro, as peças feitas de rolha tinham caído e eles estavam discutindo, pois não se sabia mais em que pé estava a partida.

Agora ela pensa que aquele braço inútil que arrastava na parede, como maneira de fazer companhia a si mesma, poderia ter servido para deter a vizinha de apartamento, para lhe barrar o caminho negro.

A moça se interrompe. É uma escritora, sabe que o destino desliza como tinta e que não se pode deter uma menina que deve morrer.

Sebina sobe, porque assim está escrito. Onde? Em que merda de livro?

Sebina tem aquela carinha, cabelos lisos como óleo, a testa um pouco quadrada, as orelhas salientes, fios rosados de carne

translúcida, e aquela boca impossível de descrever, é preciso tê-la visto ao menos uma vez para entender como a alegria de viver pode caber inteira numa boca, duas tiras de carne móveis como serpentinhas.

Sebina não é bonita, nunca foi, é a mais feia da família, baixinha, os braços longos demais, e esse rosto que parece o boneco da caixa de biscoitos de laranja.

Mas é a menina mais linda do mundo. É minha afilhada, é a vida em estado puro, como uma pedra preciosa separada da rocha, que brilha com toda a luz que não existe em nenhum outro lugar.

Foi ela que me levou pela mão até a maternidade. Toda vez que a abraçava, eu dizia: *esta criatura tem algo de mim. Ela tem um presente para mim em algum lugar*.

De seu corpo lembro-me dos cotovelos, com a junta dos ossos incrivelmente exposta, dos globos dos olhos, dos cabelos que lhe crescem na testa, como uma cortininha de pelos.

Ela sobe. Como a água, deixa o curso suave da descida e sobe como uma chama.

Mirna largou as roupas. Lá em cima, a onda de impacto da granada que abalou o porão chegou com a força de um terremoto, ela foi arremessada, caiu ao lado de uma daquelas antenas que não passam de ferro-velho, sem energia. Pensa em Sebina, pensa que está soterrada lá embaixo... eleva-se fumaça da rua, ela precisa correr e ver se estão todos a salvo, se houve um desabamento. Ela nunca confiou naqueles abrigos, não foram feitos para aquela finalidade, foram feitos para ser porões, para guardar toucinho, máquinas de costura velhas...

E portanto ela desce.

Sim, foi assim.

E a moça bósnia de testa triste e cabelos de luz comenta que, em todo caso, nunca escreverá essa história, porque é tola demais, porque às vezes a morte é tola e enjoativa demais.

Mas foi exatamente assim.

Mãe e filha se encontraram no meio do caminho. Corriam, uma subia, outra descia, na mesma escada, uma em busca da outra.

Se tivessem ficado exatamente onde estavam, teriam engolido um pouco de pó, um pouco de medo, e nada mais.

Já estavam a ponto de ir embora da cidade sitiada. Tinham decidido. Gojko encontrara um jornalista amigo, um rapaz de Belgrado que iria levá-las consigo.

Mas, sem saber, elas tinham se movido, saído do tabuleiro da vida. Andavam, arrastadas pela corda que as unia.

*Segure uma ponta do fio,
com a outra ponta na mão
vou correr pelo mundo.
E se eu me perder,
mãezinha minha, puxe.*

A morte as puxou, puxou forte. Uma granada entrou, atravessou o prédio protegido.

Naquele instante as duas tinham se alcançado. Mãe e filha. Ventre e fruto.

Gojko sentou no degrau de terra, Pietro está ao seu lado, assistem a uma partida de futebol, rapazes se perseguindo, camisetas, carne.

Ele têm mais ou menos a idade de Pietro, geração do pós-guerra.

Flores brancas da reconciliação.

Gojko diz: “Ela não morreu imediatamente, sabe...”.

Acende um cigarro, cospe fumaça, ergue um braço, grita que foi falta, insurge-se. Futebol e cemitério.

Levantamos, deixamos o declive do cemitério.

Gojko precisa de uma cerveja.

Depois toma duas pelo gargalo, sentado no banco junto ao quiosque, na frente do cemitério.

Mirna estava composta de pedaços que tinham juntado para ele sob um lençol, para que não a visse assim, como aquela panela de sopa caída, de pedaços que boiavam no caldo. Era o corpo que o gerara. Era sua mãe, mas não pestanejara, correria para a irmã.

A Sebina faltavam as pernas. A parte de cima estava intacta. Os olhos estavam parados como vidro. Encontrara-a numa cama branca, composta, as mãos perfuradas, estava numa espécie de

desvão no hospital de Koševo. Notara o lençol vazio na parte de baixo e se perguntou se ela saberia.

Queria ganhar as Olimpíadas, era a mais baixa da equipe, a mais aferrada ao chão. Gojko fechou os olhos duas vezes. A primeira porque não queria acreditar, a segunda para agradecer a Deus por estar viva.

Os médicos tinham dado todas as esperanças naquele caso desesperado que tanto se repetia na cidade. E Gojko, sentado ao lado da irmã com os olhos alucinados, pusera em movimento a fantasia, como quando vendia ioiôs e enganava também os montenegrinos, imaginava membros artificiais, reluzentes, os avanços mais recentes da ortopedia reconstrutiva. Conseguiria para ela as mais belas próteses do mundo, poria nisso todo o dinheiro que tinha e mais o que iria ganhar com os jornalistas, iria levá-los nas trincheiras mesmo de noite.

Havia um sapato na mesinha de ferro ao lado da cama, isso ele lembra. É um detalhe inquietante que o marcou. Junta as mãos, para me mostrar como era pequeno aquele calçado que ele enxerga, que está aqui em suas mãos. Pobre Gojko, pobre irmão. Agora sua voz treme como a de um gigante torturado por um rato pequenino, mas incrivelmente forte e cruel. Queria tirar dali aquele calçado que alguém recolhera nas escadas e jogara no carro que trazia a menina despedaçada. Alguém que, no terror, perdera a razão e não notara como aquele cuidado era macabro. Mas Gojko não o tirou, não ousava. Sebina estava acordada, seus olhos eram bolas de luz na noite, diamantes. E Gojko não tinha certeza se ela sentia o corpo, se sabia que já não tinha pernas. O que se via à mostra estava em ordem, não tinha um arranhão sequer no rosto. Assim ele deixou o calçado ali, para não lhe tirar a ilusão. Falava com ela, ela parecia ouvir.

Perguntou pela mãe, chamou por ela.

Gojko disse que estava bem, que estava em outro quarto.

Sebina ouviu a mentira, não quis tomar água, não quis nada.

Não moveu as mãos em momento algum. O sapato estava ali ao lado.

E agora vejo aquele avião, aquela luzinha exit , aquela mulher desconhecida que me mostrava aquele calçado luminoso...

Gojko diz que devia ter se quebrado, se estragado por causa da explosão, e por isso a luzinha na sola de borracha continuava acesa.

Era uma língua de luz pálida na mesinha de ferro. Sebina podia olhar para ela. Gojko deixou onde estava, pensou *se esse calçado sobrevive, ela também vai conseguir* . Era uma de suas brincadeiras, a pior.

Sebina se foi ao nascer do dia, o calçado sobreviveu mais algumas horas.

“E depois fui embora.”

Foi combater antes em Dobrinja, depois no Žuč. Era um poeta, um vendedor ambulante, um radioamador, um guia de turistas, um tolo que nunca atirara numa pomba. Mas aprendeu imediatamente, *porque o ódio a gente aprende numa noite* .

Meses na lama, o cinturão dos cartuchos nas costas.

“Mas também podia combater só com a faca, ou com as mãos nuas...”

Interrompe-se. Incendiaram um vilarejo. Camponeses sérvios, civis que não tinham feito mal a ninguém. Ele não participou. Mas não disse nada. Permaneceu num outeiro fumando.

Pietro escuta, não olha mais os rapazes jogando futebol, contempla um herói dessa guerra imunda, que no final retornou carregado de medalhas como um jumento em dia de festa.

“Quantos você matou?”

Gojko sorri, coça a cabeça, porque agora Pietro o fita com olhos diferentes, brilhantes e assustados.

“São coisas feias, que devem ser esquecidas...”

“Conte para mim algum episódio...”

Digo a ele *pare, Pietro, pare, seu idiota* .

Gojko aponta para os rapazes que jogam futebol.

“Um dia eu estava assim, num campo, jogando com meus companheiros de brigada... só que em vez da bola era uma cabeça, a cabeça decepada de um chetnik, jogávamos com ela, fazíamos rolar num campo verde cheio de florzinhas amarelas e azuis... Suávamos, ríamos, era um jogo, era normal, a única coisa que nos incomodava era manchar a calça com o sangue, e por isso arregaçamos a barra.”

Pietro diz: “É verdade?”.

Gojko se levanta, joga a garrafa de cerveja no cesto para plásticos.

“É verdade. Até outro dia, com você, nunca mais tinha jogado futebol.”

Estamos deixando Sarajevo

Estamos deixando Sarajevo. Gojko se dirige para o carro, olho sua coluna. A coluna é a parte que nunca conseguimos enxergar, a que deixamos para os outros. Na coluna pesam os pensamentos, as costas que damos quando decidimos ir embora.

Assim Gojko porta sua coluna, mais baixa de um lado, ali onde levou o golpe, onde a vida deu uma guinada. O passado está pousado ali em cima, como um falcão no ombro do falcoeiro.

Observo uma de suas mãos antes de segurá-la, carne rosa, inchada. A mão de um homem afável que bradava no rádio que nunca, por razão alguma, devia-se ceder ao ódio, um pobre simplório que no final matou, deixou sua lei e seguiu a lei da guerra.

Pergunto-lhe como fez depois. Quando a hipérbole acabou e foi preciso enfrentar a estagnação. Em que estado encontrou-o a vida ao tirar o uniforme de camuflagem, a cartucheira, ao lavar a lama do corpo, sabendo que nunca voltaria a ser o homem de antes. Disse-me que se fechou num hotel durante uma semana, bebendo, dormindo na frente da televisão ligada.

Apenas suas poesias lhe falavam dele, de sua alma antes que encontrasse o mal.

Por isso sente ódio delas. Por isso não escreve mais, porque sua alma se conspurcou, e um poeta não pode enganar a si próprio. Para

a Bósnia ele era um herói, para si mesmo era um fracasso, um eunuco.

Pego sua mão e ele a deixa pegar, enfia-a na minha como um menino que precisa, que confia. Andamos um pouco assim, como nos bons tempos, quando as pessoas que amávamos estavam vivas. Pietro fica nos observando e decerto pensa que somos dois idiotas. Antes de entrar no carro, Gojko me pergunta: “Você tem asco de mim?”.

Balanço a cabeça.

Beija-me a mão antes de soltá-la, *obrigado* .

O caminho não é propriamente uma estrada, mas eu achava que seria pior. Subimos pelo verde-escuro dos bosques. Está tão quente que dá vontade de parar para nos refrescar um pouco. As árvores não são lanhadas. Aqui houve combates, o terreno ainda está pontilhado de minas. Mas a natureza está intacta, esses bosques nos fazem pensar apenas em cogumelos, amoras, na umidade que deve haver sob os abetos.

Pietro se sentou na frente, ele gosta de olhar a estrada, os carros que vêm no outro sentido. Deixei meu lugar para ele.

“Assim posso me esticar”, disse a ele.

Mas não é por isso, não estou cansada.

Esta é a última viagem que Diego fez, e eu quero pensar nele em santa paz, vê-lo descer pelas curvas junto comigo. Estamos percorrendo o mesmo caminho, numa tranquila manhã de verão, como turistas cansados dos roteiros internos, que estão com vontade de tomar um banho.

Corremos para o sul seguindo o vale do Neretva.

Pietro ficou em silêncio por um bom tempo, observa a estrada com olhos atentos. Sabe que está ao lado de um combatente, de um veterano, e agora imagina fantasmas saindo dos bosques.

Está com os fones do iPod nos ouvidos, e um mapa da Bósnia e Herzegovina aberto sobre as pernas. Gojko dirige com um braço para fora da janela, solta constantemente o volante para enfiar a mão no pacote de batatinhas sabor de queijo de Pietro ou para lhe indicar algum ponto no mapa.

“O que você está ouvindo?”

Pietro tira um dos fones e põe no ouvido de Gojko.

“Vasco Rossi.”

Um caminhão vem pelo sentido oposto, passa raspando perigosamente, invade-nos com seu mau cheiro. Gojko não parece perceber, está virado para Pietro.

“E quem é?”

Pietro fica chocado: “Você não conhece?”.

“Não.”

“É um poeta.”

Gojko tira o fone: “Parece alguém no banheiro que não consegue soltar nada...”.

“Lota os estádios.”

O ex-poeta bósnio agita os ombros: “Vá à merrda, os poetas nunca lotam os estádios!”.

“Vá à merrda você, ele lota!”

“O que você acha que é uma poesia?”

Pietro ri, diz *sei lá*, vira para mim, diz: “E essa agora, estamos na escola?!”.

Gojko insiste.

“O que diz uma poesia de verdade?”

Pietro tenta, titubeia.

“As coisas que te fazem mal... mas, se você sente, elas também te fazem bem... te deixam com fome...”

Gojko exclama de alegria: “Ótimo!”.

Pergunta à queima-roupa: “Fome de quê?”.

Olha para ele, espera uma resposta, e talvez seja o olhar que tinha quando se preparava para matar alguém e carregava o gatilho, ficava alguns instantes em silêncio...

“Sei lá... de um sanduíche, de uma garota.”

Pietro ri carrancudo, quer desviar logo aquela conversa que se tornou séria como o rosto de Gojko.

“Tire o sanduíche, deixe a garota.”

Pietro concorda, tenho certeza de que ficou corado. Gojko espera mais um pouco, depois solta o gatilho.

“Fome de amor”, diz, e agora é ele quem titubeia.

Pietro concorda. Sabia a resposta, mas tinha vergonha porque estou aqui.

“Um bom poeta deixa a pessoa com fome de amor.”

Gojko solta o volante para dar uma pancada na barriga de Pietro.

“Aqui! Lembre.”

“Vasco Rossi deixa com fome de amor.”

Gojko se joga sobre a direção, morde-a.

“De punheta! Te deixa com fome de punheta!”

Fico irritada. Um outro caminhão passou raspando, a estrada agora é estreita, corre junto ao rochedo que se precipita numa garganta. Gojko me aconselha a ficar tranquila porque é excelente motorista, e é assim que se dirige nessas estradas, com a imaginação. Digo a ele que a imaginação bósnia não me interessa minimamente, não quero cair numa daquelas gargantas que cortam a montanha. Tenho medo que possa acontecer algo a Pietro... um acidente ridículo, como com Diego.

Gojko me procura no retrovisor com seus olhos lanosos.

“Já os levei a salvo uma vez... relaxe.”

Pisca o olho para mim e então tenho a impressão de que lhe restou uma certa maldade. Esse olhar é um jato de lama.

O Neretva se alargou, se abriu... em vez de um rio, parece um trecho de mar, um grande lago cristalino. Paramos. Dali de baixo sobe um vapor fresco que chega até nós.

Estamos apoiados no parapeito da longa ponte de ferro que corta as águas. Pietro tira uma foto minha com o celular, diz para eu mudar de lugar duas vezes: de um lado há luz demais, do outro não se vê o rio.

“Onde tenho de ficar?”

Faz com que eu recue alguns passos de novo. Mas ainda não parece contente.

Seu pai me fotografava sem nunca pedir para eu mudar de lugar, batia a foto de improviso, quando eu nem estava notando. Odiava que eu posasse... suas fotografias eram um tapa, uma surpresa. De vez em quando ali estava eu em seus filmes, *não consigo te deixar*

em paz, preciso voltar para você , dizia-me. E depois, quando fiquei sozinha, nos momentos em que me sentia mais feia, mais isolada, pensei mil vezes que agora, naquela escassez, ele me fotografaria e me devolveria a mim mesma num pedaço de papel brilhante, me contaria meus pensamentos. *Olhe como você é, Gemma, como se atormenta, como é tola...*

Caminhamos um pouco ao longo do rio. Chega-nos um cheiro de carne na brasa. Há várias famílias, há também muitas crianças, estão fazendo o churrasco nos equipamentos da pracinha. Pietro pergunta se pode tirar um retrato. Uma mulher lhe oferece um pedaço de carneiro, ele meneia a cabeça, depois aceita.

“ *Hvala!* ”

“ *Dobar dan!* ”

Quando entramos de novo no carro, Gojko lhe pergunta como está o carneiro, Pietro lambe os dedos, *está bom* , diz. Estende um pedaço de carne, segurando-o pelo osso.

“Quer experimentar?”

Gojko dá uma mordida grande demais e Pietro fica bravo. E durante algum tempo batem boca como dois rapazes da mesma idade, como dois garotos com fome que precisam crescer.

Depois Gojko solta um peido, sonoro. Pietro grita: *que nojo* . Gojko fica imperturbável, diz: “É uma pequena composição lírica...”.

Pietro ri feito um louco, concentra-se, solta um peido medonho, mais bósnio do que o de Gojko.

“Ouça que soneto...”

Gojko está roxo de felicidade. “Versos livres!”, gralha entre os soluços. Grito que quero descer, que são dois porcos.

Outras curvas, outras gargantas prateadas, como barbas encanecidas entre os bosques.

Agora meu filho e meu amigo dividem novamente o iPod, e Gojko canta o refrão do poeta italiano que lota os estádios.

Vivere... vivere... vivere...

As árvores são altas e solitárias, bastidores que ocultam o céu na estrada muito estreita para duas mãos, onde os carros se raspam,

mas no fim sobrevive-se.

Um cachorro, um varal de roupas penduradas, uma horta, uma mesquita de campo. Passagens de uma vida comum.

Aqui a guerra passou com suas águias e seus tigres, com os antigos torcedores do Estrela Vermelha de Belgrado encapuzados como carrascos.

Passavam e incendiavam os vilarejos, matavam os homens, estupravam as mulheres. Não restavam senão escassas filas de sobreviventes em fuga nas estradas, as quais levavam a um outro vilarejo que tivera o mesmo fim. A morte avançava assim, como o vento vindo do mar. Você se pergunta como conseguiram cultivar essa terra, fazer essas fileiras de tomate, de couve. E se as poupas, saindo dos bosques à noite, trazem os gritos das almas. Mortos carregados em caminhões depois esvaziados como lixo.

Gojko nos conta o que fizeram os sobreviventes nesses anos. Esperaram ser chamados para o reconhecimento. Puseram-se em fila diante de uma mesa para examinar pedaços de ossos, óculos quebrados, tênis Adidas, pedaços de jeans Rifle ou Levi's, relógios Swatch.

“Porque são mortos de nossos tempos e traziam nossas marcas.”

Pietro para de fotografar.

Quanto tempo é preciso para limpar uma terra onde as radiações do mal penetraram tão profundamente?

Passaram-se apenas dezesseis anos, a idade de meu filho, da jovem nuca que se senta à minha frente.

Seu pai dizia que a nuca conserva o odor do nascimento, do vento que trouxe a semente. Como um sulco na terra.

Paramos em Mostar. Pietro quer fotografar a ponte famosa. Percorremos os becos de pedras calcadas na argila. Há um ar alegre, turistas que passeiam de chinelos, lojinhas de quinquilharias.

A cidade é esta ponte, era chamada *a velha*, e entendia-se como uma velha amiga, um dorso de pedra clara que unia as duas partes da cidade, a cristã e a muçulmana. *A velha* viveu quase cinco séculos, depois foi abatida em poucos minutos.

Pietro não entende por que os cristãos e os muçulmanos lutaram entre si.

“Pois se antes estavam unidos contra os sérvios...”

Gojko lhe explica que o ódio se alastra facilmente, como um furo no bolso.

“No fim havia até muçulmanos contra muçulmanos.”

Estamos sentados num pequeno restaurante diante da ponte, pedimos ovos cozidos e uma salada de tomates e pepinos.

Pietro está contando sobre aquele parque que às vezes frequenta com os amigos, onde brincam de guerra, com capacetes e tudo, mas atira-se tinta.

“Jogam em equipes?”

“Sim ou, se não, todos contra todos.”

“Como nós, no fim.”

Pietro ri.

Esta ponte é uma obra-prima das reconstruções da Unesco, refeita com o mesmo arco único, as mesmas pedras da ponte velha. Mas sem o mesmo significado.

As pontes unem os passos dos homens, seus pensamentos, os namorados que se encontram no meio. Mas a nova ponte é atravessada apenas por turistas. Os cidadãos desta cidade dividida ficam em seus respectivos lados. A ponte é o esqueleto branco de uma ilusão de paz.

O muezim canta, seu lamento atravessa o céu onde avezinhas escuras se perseguem. Gojko deixa uma nota de dinheiro na mesa, levanta-se.

“Agora, do outro lado, vão começar os sinos, disputando para ver quem faz mais barulho.”

Pietro quer olhar o rapazinho que mergulha para os turistas. Os dois são levemente parecidos, magros, com muitos cabelos. Sobe no balaústre, abre os braços como um anjo. Concentra-se, faz um pouco de cena. Ele não estava lá ou, se estava, seria realmente muito novo. Para ele a ponte é uma sorte. Atira-se com as pernas unidas e faz aquele voo impressionante, de quase trinta metros, antes de entrar nas águas do Neretva. Ficamos em suspenso, há um instante vazio, pois o rio ali embaixo é parado e escuro. Depois a cabeça aparece, o rapazinho olha para cima, ergue o braço e faz o V de

victory. Aplaudimos junto com os demais turistas. Um coleguinha passa com o pratinho.

Pietro me pergunta se também pode tentar, diz que entendeu a técnica, já está tirando os sapatos. Digo a ele: *entre no carro, vamos*. Falta só o mergulho.

O sol está se pondo e as silhuetas das árvores me parecem mais dolorosas.

Talvez já fosse noite quando o rapaz de Gênova passou por esses lados, dirigia a moto com os faróis apagados, era fácil, estava acostumado com a escuridão de Sarajevo. Talvez cortasse por dentro, pelas trilhas entre os bosques. Talvez Aska estivesse com ele, fosse ela a lhe indicar os atalhos. E por um momento vejo os dois, a ovelha junto ao corpo de Diego que a fecundou inutilmente.

Para onde estavam indo? Talvez apenas fugissem. Não tinham projetos, a não ser nos sonhos.

Talvez contassem ganhar um pouco de dinheiro tocando pelas ruas. Sim, viveriam assim, como refugiados, nos metrô, sob as galerias do mundo. Aska cantaria umas de suas *sevdalinke* ébrias de melancolia e de amor... sopraria sua dor de bósnia no trompete para os passantes, as pernas na fila para comprar o bilhete. E ele a acompanharia com seu violão, de vez em quando tiraria uma foto, para lhe contar algo sobre si. Cuidaria dela, um pouco por vez, com seu hálito de rapaz.

Aquela casa e aquela vida que eu lhe cingira em torno não eram sua casa e sua vida. Ele havia tentado, mas não conseguira. Um dia me dissera: “Me sinto um cachorro na vitrine de uma loja à espera de comprador”.

Ela vestiria novamente sua camiseta com o rosto descolorido de Kurt Cobain... andariam de moto, parariam para dormir em campings, ou simplesmente em alguma campina, numa galeria na frente de um cinema fechado. Como aqueles casais de artistas mambembes que vendem o que sabem fazer, que jogam malabares.

Aqueles que encontramos no verão e olhamos enquanto tomamos um sorvete. Olhos deambulantes que pousam no acaso, na miscelânea de gente... uma solidão entre a multidão, uma música,

um afago... Assim viveriam, sem violência, passivos, expulsando o resto de sabor do inferno com aquela vida imersa na contemplação de si mesma, com aquela música.

Era a vida que ele apreciaria, em perpétua andança, único lar, a lente de sua Leica.

Em Amsterdam parariam, lá Aska tinha amigos músicos. Morariam numa balsa no rio, como nós nos primeiros tempos. Sim, ele recomeçaria com um rio.

Deixariam uma flor sob a janela do Prins Hendrik Hotel, onde Chet Baker caíra, doido de heroína.

Meu pai disse: “Não imaginava que você seria tão forte...”.

Respondi que tinha o menino e precisava ser.

Mas, na verdade, eu sentia que a morte de Diego não me roubara nenhum futuro. E mesmo agora, contemplando essa estrada, não sinto uma verdadeira emoção, apenas o batimento abafado no fundo do ventre, aquele incômodo.

Eles iam embora sem mim, aqueles dois, vagando naquela moto pela escuridão lagunar da terra devastada pela mortandade, como um mar vermelho de atuns mortos.

Fui a baleia, o dorso forte sobre o qual ele se detivera, como uma ave à espera do vento que a reconduziria à sua viagem. E antes de ir, para me recompensar, trouxe-me um peixe em seu bico, apanhado no mar para mim.

O peixe agora cochila, com um pé para fora da janela, o outro no painel. Gojko me disse: *deixe-o em paz, você é uma mãe muito chata* . Perguntei-lhe: *quanto falta?* Ele me respondeu: *pouco* .

Agora o Neretva desce, as montanhas são mais áridas, a vegetação muda, começam os tufos densos como musgo alto da mancha mediterrânea, seus feixes de giestas, algum gerânio silvestre. A rocha é mais brilhante, quase branca.

Poucas curvas e então surge o mar.

Azul e ilimitado como todo mar, água que alaga a vista, céu submerso. Mar vindo do alto. As ilhas abaixo parecem um colar de pedras e figuras que se romperam e se desprenderam, sem chegar a

se separar do pescoço da terra. O mar. O sangue azul dessas rochas, dessas florestas.

Pietro está radiante, quer parar, tirar algumas fotos. Então descemos do carro e vamos até um mirante.

Os cabelos me fustigam o rosto devido ao vento salgado, é tão forte que tenho de fechar os olhos. O sol é uma bola perfeita, levemente esbranquiçada pela névoa, está um pouco abaixo de nós, no céu, começa o crepúsculo.

O rapaz deve ter ficado diante deste golfo. Finalmente desceu da motocicleta e andou sem se esconder, sem ziguezaguear, sem medo de cair.

Do mar não atiram, deve ter pensado. Deve ter abraçado sua ovelha de cabelos vermelhos.

Acabou, Aska, está livre.

“Você vai se mexer, mãe?”

Pietro agora está com pressa de descer, quer entrar no mar antes que o sol se ponha completamente. Para ao meu lado, observa-me enquanto olho lá para baixo.

Está inquieto, reconhece esse olhar.

Quantas vezes eu e ele, parados, contemplamos nossa vida sem trocar uma palavra. A primeira vez ele devia ter três anos, o banquinho da gangorra o atingiu num parque, feriu sua testa. Arrastei-o até o bebedouro, ele chorava e esperneava. Para mantê-lo parado, machuquei-o, apertei seu pescoço. Quando ele se soltou, o sangue continuava a escorrer, espalhava-se no rosto molhado como uma máscara rosada, disse-me: *feia*, disse-me: *malvada*.

Soltei-o, *Vai ter de me pedir desculpas antes de voltar para mim*

E se foi para um pequeno outeiro, logo ao lado de meu banquinho. Ficou bastante tempo raspando a terra com um sapato.

No fim fui até ele, *mexa-se, é tarde*. Não esperava outra coisa. Estava sozinho no mundo, naquele momento, mas seu orgulho o impedia de se aproximar de mim. *Peça desculpa. Desculpe*. Estava tão só. E foi a primeira vez que olhamos o mundo juntos, o que nos fora tirado e o que restara.

Diego não assistiu à viagem de seu filho, à escalada dos anos de um menino crescendo. Subiu numa rocha com seu olho. Para ver o quê?

Sua máquina fotográfica estava amassada como sua cabeça, estava vazia. Não punha mais filmes, não lhe interessava. Para ele bastava o gesto, o sinal. A última foto deve ter sido aquele rio que subia enquanto ele se precipitava.

O vilarejo embaixo é feio, cheio de cimento e trânsito. O mar entre a terra firme e a península de Pelješac é circundado pelas boias vermelhas das criações de ostras.

O sol já está se pondo, seguimos na estrada que acompanha a costa e depois entra, afasta-se do mar por um curto trecho, entre figueiras e moitas de alecrim. De vez em quando atravessamos um centro habitado, pequenas casas de pescadores, campanários carcomidos pelo sal como faróis, lojas de calçados de escalada em rocha. Somos obrigados a diminuir a velocidade, há uma fila de carros, pessoas que param e se cumprimentam. É sábado, amanhã é dia de folga. Encontramos também um casal de noivos, as buzinas de seu grupo nos acompanham até a ponta oposta da península, onde há o embarcadouro para as ilhas.

A última balsa para Korčula já saiu, vemos afastar-se no mar metálico da noite.

Ficamos no molhe, eu e Gojko. Ele está com seus óculos espelhados que não lhe servem mais, que usa mesmo à noite, seus braços robustos, afastados do corpo.

A balsa que parte sem nós deixa-nos tristes, mas apenas por pouco tempo. Leva embora uma carga... algo que se desprende sem que possamos fazer nada, apenas acenar de longe. Essa balsa, deixando o mar para trás, depois de tanto tempo talvez nos liberte. Devolve-nos a alegria de algo perdido. De um erro. Rimos como dois idiotas. Gojko faz um gesto eloquente, dá uma banana, como que dizendo vá... vá tomar naquele lugar, balsa. Vá tomar naquele lugar, vida.

Pietro tirou a camiseta, anda com uma toalha na cintura, atira-se ao mar e depois reaparece. A praia junto ao quebra-mar é branca e

perfumada de alecrim, uma pena que esteja quase escuro e a água cheia de sombras.

Pietro pega um caranguejo e traz para nós, diz que é grande, que dá para comer, mas depois devolve-o ao mar.

Meu filho é magro, e a noite o deixa ainda mais magro.

Estamos sentados na praia para vê-lo nadar de novo, e por um momento somos uma família. Porque talvez esta última noite, inesperada, subverta os destinos.

“Poderíamos ter nos casado”, diz Gojko. “Mas você não me quis”, continua, e ainda está de óculos.

Rio, dou uma cotovelada nele.

“Você é feliz com sua mulher?”

Afirma com a cabeça, têm uma menina maravilhosa, um pequeno restaurante na praia, e fundaram uma associação cultural que lhes preenche a vida.

“E você?”

Digo-lhe que estou bem com Giuliano.

“Eu o amo”, digo.

Mas acho difícil dizer, engasgo. Parece-me uma palavra vazia, que não chego a sentir muito, talvez porque a viagem tenha sido longa, tenha sido uma *travessia*. Pietro nos chama da água: “Venham, tomem um banho!”.

Gojko se levanta num salto de urso atlético. Dirigiu, transpirou. Mas talvez ficar ao meu lado esta noite, ao lado deste navio perdido, possa reuni-lo de novo à esposa e à vida, fazê-lo querer mergulhar na água fria, para descarregar o torpor dessa nossa saudade.

E depois eu também entro no mar.

E Giuliano ficaria pasmo, porque certamente não sou daquelas pessoas que tomam banho de mar à noite. Tenho medo dos ouriços, da água negra, de uma mão que me devoraria por baixo. Tenho medo de passar frio depois, com os cabelos molhados.

Mas tenho medo em Roma, tenho medo naquela vida que foi embora na balsa que perdemos. Agora à noite não tenho medo, agora à noite tenho vontade de me recompor. Pietro sobe nas costas de Gojko, mergulha, grita, dá barrigadas. Depois eu é que subo nele e Gojko me segura pelas canelas brancas e frágeis. Andamos um

pouco assim, bamboleando no escuro. Sou velha, estou com cinquenta e poucos anos, e nunca ri tanto assim.

Há um pequeno restaurante, com seu fio de luzes penduradas que tremulam na varanda com forro de palha. Comemos ostras e ouriços-do-mar, temperados com limão. Até Pietro, que nunca comeu moluscos crus, hoje à noite come, hoje à noite quer experimentar tudo, até o vinho, que é encorpado e de um amarelo carregado, e tem realmente o sabor daqueles vinhedos nas colinas sobre o mar. Depois, pequenas porções de salada nas travessas e queijo de cabra coberto de páprica. Pietro sente a boca lhe arder como fogo, levanta-se para pegar um sorvete na geladeira ali ao lado, barulhenta feito um trator. Gojko afasta a garrafa para me fitar.

“Estou velha”, digo a ele, “esqueça de mim...”

“Você nunca será velha, o tempo apenas escava a beleza.”

O poeta partido me serve a última gota de vinho no copo, brande a garrafa e pede outra, agora de vinho licoroso, daquele *passito* que fazem nas ilhas.

Voltamos ao embarcadouro, ondulamos na escuridão. Pietro vaga como um cão sem coleira, está moído, mas agora diz que quer ficar, que devemos trocar as passagens aéreas, que gosta daquele mar, quer pescar, quer alugar um windsurfe.

Põe-se ao lado dos pescadores que ficam nas rochas, na escuridão, com as linhas esticadas no mar se movendo em ondas rijas. Hoje o mar está bravo, parece um solo lunar, lama metálica.

Dormiremos no carro, nem pensamos em procurar um hotel. Pietro entra, estende-se no banco de trás e adormece imediatamente como fazia quando era criança, as pernas longas demais para o banco, as mãos fechadas sob uma das faces, a boca aberta com o lábio superior que desponta mais saliente do que o outro.

Gojko diz: “É um rapaz puro”.

Ele esfrega meus cabelos secos de sal.

“Você foi boa...”

“Não fiz nada, é a natureza dele.”

Andamos até o final, onde o quebra-mar termina e começa o mar. Sentamos na pedra que retém o calor do sol, olhamos o firmamento, estrelas que percorrem um céu manchado de fosforescências.

A embarcação já partiu há muitas horas e ficamos bebendo esse céu em paz. Gojko, meu irmão, irmão de Diego, Gojko, croata cristão, são José maluco, suposto pai de Pietro. Hoje à noite somos filhos insensatos desse vinho *passito*, somos algas quentes, espectros de carne, aparições do passado.

Mas fazer amor agora seria como fazer amor com nossas vidas defuntas, nossas esperanças ridículas. Para fazer amor agora seria necessária uma coragem que não queremos ter. Não a dois passos desse filho puro.

Adormecemos no carro, nos bancos da frente, com os pés para fora. Meu Gojko ronca com a boca aberta, tiro os óculos que conservou, beijo sua testa vermelha e suada.

Querido, digo, *querido*. Querido porque a vida será tirada a todos nós.

O dia é um céu vivo

O dia é um céu vivo. Na balsa Pietro se afastou, está com um dos pés descalços em cima de um daqueles bancos escorregadios de maresia... o ray-ban, seu rosto. Está com uma perna dobrada e um braço apoiado nessa perna, é uma posição insólita para ele, de homem contemplando o mar.

Casas novas com telhados vermelhos, balbúrdia de carros, lojinhas para turistas, expositores com chinelos e trajes de banho, placas de bares e restaurantes, tabuletas com grandes camarões desenhados e outras de aluguel de quartos com a palavra sobe . Subimos ao longo da panorâmica de curvas que cortam a rocha e descemos pelo outro lado da ilha.

A sede da Associação Cultural é uma grande casa em estilo veneziano. Parece uma velha casa de família, as paredes claras, levemente descascadas, por onde se mostra o fundo rosado, pálido como carne. Caixilhos frágeis, uma porta alta em ogiva e uma porta-balcão no primeiro andar, aberta para um terraço cercado por um balaústre convexo. Andamos entre a mescla de areia e pedregulho, num jardim desordenado e alegre, cravejado de brinquedos infantis e cavaletes de madeira com fotos e desenhos. Há um ar de festa, de comemoração local. Algumas mulheres recurvadas sobre uma grande mesa estão puxando os fios de uma gigantesca almofada. Eu

me aproximo e elas sorriem para mim, afastam-se para mostrar aquele bordado infinito.

Gojko me apresenta. “Esta é minha amiga Gemma, de Roma, e este é seu filho Pietro.”

Pietro se deixa beijar por todas aquelas mães, começa com as perguntas, pergunta quanto tempo levaram para bordar aquele gigantesco símbolo da paz. O número dos lírios não é fortuito, explica-me uma moça, é o número das crianças mortas durante a guerra, portanto não foram elas que decidiram o tamanho daquele lençol de flores.

Uma mulher vem ao meu encontro, está vestida de linho preto, usa grandes óculos escuros e tem um ar sofisticado, está falando ao celular. Quando termina a ligação, bate em meu ombro.

“Como vai?”

É Ana, ela me pergunta se a reconheço, digo que não, que não a reconheceria, parece uma atriz. Mas depois damos um abraço e então eu a olho de novo e percebo que certamente a reconheço.

Casou-se com um dentista. Trabalham juntos, ela cuida dos horários das consultas. Não tiveram filhos devido ao tratamento que precisou fazer, *os raios*, diz, *não os do sol*, e ri. Porque Ana teve um problema *depois*, como muitas mulheres *depois*.

Ela e Gojko jamais se perderam de vista. Há muitas outras mulheres de Sarajevo, apresenta-as a mim, rostos envelhecidos de minha geração. Reconheço algumas, são as velhas moças de Sarajevo, as da casa comunitária, que antes da guerra usavam minissaias pretas, ouviam r.e.m. e rock bósnio, e trocavam os namorados entre elas para se sentir parte da Europa.

Há uma mesa com jarras de bebidas feitas em casa. Bebemos um suco de mirtilo sentadas num balanço, como duas veranistas de antigamente.

Ana me fala sobre a associação, mulheres de diversas etnias que se uniram para ajudar outras mulheres depois da guerra. No verão projetam filmes, organizam exposições de fotos, concertos, leituras. No inverno há os cursos de formação profissional, de computação, de línguas, há a escola de dança e a escola de música.

Ela me aponta uma moça muito bonita, com longos cabelos negros e a pele alvíssima. Chama-se Vesna.

“Um dia reconheceu o pai numa reportagem na tevê, era um dos carneiros de Srebrenica. Vesna deixou de falar por seis anos. A mãe dela abandonou o marido, trouxe a menina muda aqui para nós. No dia em que voltou a falar, todas nós choramos, estávamos na praia, a primeira palavra que disse foi *sidro*, que em nossa língua quer dizer *âncora*, e por isso chamamos nossa associação de *Sidro*.”

É uma construção junto à praia feita de cubos claros, com persianas vermelhas e telhados planos com as calhas para a água da chuva, uma varanda cercada de floreiras baixas de onde despontam gerânios entortados pelo vento.

“É aqui que eu moro.”

Em volta do muro há um luminoso que agora está apagado, escrito *restoran*. Entramos pelos fundos por um pequeno portão de madeira que parece ficar sempre aberto. Percorremos uma passagem cimentada. Sob uma cobertura de telhas verdes há uma pequena bicicleta com rodinhas e uma vespa, um Piaggio descorado pelo sol com o banco por onde saem pedaços de espuma. E depois potes de conserva, caixas de água e de cerveja, e uma grande armação de metal enegrecido.

No varal um maiô de menina e um colchão inflável murcho. Mais alguns passos, alguns vasos vazios empilhados e uma Branca de Neve de gesso com os braços abertos à nossa espera.

Pietro pergunta se tem também os sete anões.

Gojko diz que sua filha não quis, que detesta os anõezinhos, chama-os de *meninos velhos*.

Na varanda algumas mesinhas de ferro, uma moça descalça de maria-chiquinha e uma túnica de gaze sobre o maiô está fixando os prendedores nas toalhas.

“*Zdravo, Gojko.*”

“*Zdravo, Nina.*”

Ele a beija, puxa um dos rabinhos, diz a ela para nos trazer algo para beber.

Sentamos ao ar livre, sob a palha trançada. Vê-se o mar, uma faixa azul devorada pela luz. Chega-nos por trás uma leve brisa

vinda das dunas. A moça volta com uma bandeja, deposita à nossa frente uma jarra de vinho, um pote com azeitonas, outro com pequenos pimentões verdes, outro com sementes e uma latinha de coca-cola para Pietro.

Gojko volta com uma menina no colo, agarrada nele como um polvo.

Não vejo nada, apenas um par de pernas, um par de calças listradas, forradas de espuma, e uma cabeça de cachos loiros, quase brancos, que se esconde no corpo do pai.

“Esta é Sebina.”

Gojko não me olha, e eu não olho para ele. Olho a mesa, uma formiga que anda sobre a toalha de plástico. Uma fisgada de dor, como quando batemos um cotovelo de mau jeito.

“Oi... Sebina.”

Toco a menina, acaricio-lhe uma perna. Magra, magra demais. Penso naquelas pernas truncadas de pequenos músculos.

Pietro tenta lhe fazer um pouco de cócegas, ela se debate, esperneia, mas não mostra o rosto.

“Estava dormindo...”, Gojko se senta com a filha no colo, diz que por isso ela está um pouco irritadiça, enche meu copo, enche seu copo.

Bebemos com essa menina sem rosto entre nós.

“É bonito aqui.”

“É simples.”

Gojko me fala do cardápio, dos grelhados que fazem à noite... ele pesca, se Pietro quiser pode levá-lo para pegar lulas hoje à noite. Também alugam quartos, poucos, para turistas discretos.

Fala e enquanto isso acaricia continuamente a cabeça da filha. É difícil para mim olhar essa mão pesada, que se afunda nos cachos loiros com uma fome, um empenho...

Uma cortina se agita na aragem, atrás uma janela aberta... uma cortina branca que se infla, respira, como uma pequena vela.

Acompanho aquela respiração branca que acalma, traz serenidade, faz sentir que o tempo passou e se recompôs, deixou sementes e cabelos novos.

Do interior vem um pouco de música estival.

A menina levantou o rosto, está olhando para Pietro.

Não se parece em nada com Sebina. É lindíssima, tem o ar de assombro um pouco fixo de certas bonecas, os olhos transparentes, os lábios carnudos, o rosto levemente bronzeado. Sebina tinha olhos cor de chumbo, os lábios torcidos como um anzol, as orelhas que se salientavam entre os cabelos.

Pietro mostra a língua, move as sobrancelhas e as orelhas como o avô Armando lhe ensinou.

A pequena ri, falta-lhe um dente na frente, caiu na noite anterior, mostra-nos a falha. Não fala italiano, mas sabe um pouco de inglês. Ela nos explica que está triste porque não encontra mais o dente. Pietro lhe diz que, se quiser, podem procurá-lo juntos.

“ *We go and look for the tooth...* ”

A menina escorrega do corpo do pai. Dá a mão a Pietro. Observo-os enquanto se afastam, meu filho e essa segunda Sebina que não parece de Sarajevo, parece uma menina holandesa, alemã... uma pequena turista.

Quantos anos teria hoje *Bijeli biber* ? Teria conquistado algumas medalhas olímpicas ou teria se tornado uma fumante inveterada como seu irmão?

Eu deveria sentir ternura por essa menina. Achava que me emocionaria, mas me sinto derrotada e até irritada. Talvez o vinho tenha me subido à cabeça, bate duro no coração duro. Mas tenho a sensação de que essa nova menina, essa segunda Sebina, não é portadora de nenhum renascimento. É uma menina diferente, é uma vida diferente. Não me interessa essa menina banal e lindíssima. Quero aquela carinha torta e cheia de pensamentos, aquela pobre coragem. Hoje gosto de tudo o que perdi, de tudo o que não voltarei a ver.

“É bonita, não é?”

É bonita demais. É tola como essa vida de *depois* .

Dentro da casa há um odor que reconheço, de certas casas simples de praia... odor de orégano, de roupa limpa, de amêndoas.

Nas paredes os desenhos da menina, com aquela assinatura embaixo, aquele sebina traçado por uma mão que escreve pela primeira vez.

Passo a mão na parede fresca do corredor, no espaldar de uma cadeira guarnecido com uma fita azul.

E agora me parece que Gojko me empurra para a frente...

Tropeço num degrau embaixo e entro numa pequena saleta, duas poltronas de couro descamado, uma revisteira... e na parede um velho retrato de Tito.

“É a única coisa que continuou intacta...”

Ri. “Tudo se incendiou, mas o marechal resistiu, então trouxe conosco.”

Seus olhos me parecem vermelhos, está com a camisa molhada, aberta até a barriga.

“Preciso lhe dizer uma coisa...”

A suas costas, sobre um móvel baixo de bambu, há uma fotografia sua num bote, de peito descoberto, depois uma foto que Diego tirou de Mirna e Sebina. Viro-me, uma porta de vidro separa a saleta de um outro aposento... vejo uma janela, uma cortina que esvoaça e se move. A cortina que vi da varanda, de gaze clara.

Gojko está fumando, dá uma tragada e depois gira o cigarro na beirada do cinzeiro que segura na mão, olha a brasa.

Sinto algo nas costas e não sei dizer o que é, um pouco de calor, um pouco de opressão, inclino o pescoço.

Gojko continua a revirar aquele cigarro no cinzeiro.

“O que há?”

E agora recuo. Mas ele me segura, detém-me por trás, corta minha respiração com um braço. Talvez tenha sido assim quando com um braço segurou um corpo aterrorizado e com o outro lhe quebrou o pescoço.

Sinto sua respiração em minha orelha.

“Perdoe... queria ter dito na primeira noite.”

O que precisa me dizer, idiota? O que precisa me dizer que a vida já não me tenha dito?

Entro no aposento. Um par de mocassins de lona jogados num canto, olho os pés nus da mulher que está à minha espera.

Está com uma camisa branca e calça jeans, os cabelos presos com um lápis. É muito mais alta do que eu lembrava. Ou talvez eu

tenha encolhido. Está sem maquiagem, não envelheceu, foram simplesmente os anos que lhe deram uma compostura que não tinha antes.

“Olá, Gemma.”

“Olá, Aska.”

Estendo o braço num movimento lento e pesado, que divide o ar, que corta o mundo. Deixo minha mão ali nas suas.

Que fique com minha mão, não sei o que fazer com ela. Penso que é o último movimento que farei, que meu braço que se estende até essa mulher alta de cabelos vermelhos e olhos verdes, bela como uma modelo levemente envelhecida, que perdeu a pátina tola e manteve apenas o osso da beleza... que esse braço agora é a cauda de um animal numa armadilha e não se mexe, espera morrer, desperto, vigilante.

A senhora me convida para sentar ao seu lado.

Não ouço, o som desapareceu, resta apenas o movimento da cortina.

Aska abre a boca, tem dentes bonitos, vejo-os, noto-os por alto, junto com o resto de sua beleza.

Não é mais ela, não se parece em nada com sua desordem anterior. O que eu lembrava? Uma pessoa que não existe mais. Uma moça tingida, desfigurada pela maquiagem, que tocava trompete e ria de maneira um tanto espalhafatosa.

Imaginei-a morta tantas vezes.

Imaginei-a viva também. Mas não assim. A imagem vaga de uma mulher sofredora e superficial.

Portanto ela e Gojko se casaram. Aska está me dizendo que se encontraram em Paris depois da guerra. Na casa de amigos comuns, num refúgio de eLivross bósnios, e se ajudaram mutuamente. O amor veio depois.

“Ainda ouve Nirvana?”

“Às vezes.”

“Kurt Cobain morreu.”

“É, faz tempo.”

“Ele se suicidou. Precisa muita coragem para dar um tiro em si mesmo.”

“Se estiver doido, não.”

Diego também morreu. Ele também estava doido. Verdade, é o lobo bobo que morre. A ovelha se salva dançando.

O último álbum do Nirvana se chamava *In utero* . Lembro que o comprei. A vida é ridícula. Antecipa-se à gente. Brinca com a gente.

Uma cortina se move. Não ouço nada, uma fenda branca me atravessa. Uma ferida limpa, sem sangue, que separa meu rosto.

Era um logro, essa viagem... era tudo um logro, a exposição fotográfica, os passeios em Sarajevo, a balsa que perdemos.

Esta mulher é simples e elegante. O ar de uma mulher moderna.

Agora vai me dizer que nunca deixou de pensar em seu filho, que tem direito de abraçá-lo... de lhe contar a verdade.

E não poderei lhe negar. Não posso fazer nada, não conheço as leis deste país, estou longe, num lugar do qual não lembro nem o nome. Subi num barco, entorpecida pela saudade, segui um desconhecido, de quem não sei nada, um poeta que se tornou um combatente, um assassino. Eu precisava de amigos e de lembranças. Não me bastava minha vida. Precisava de alguém que me obrigasse a sofrer, de uma testemunha, de alguém que existisse. Voltei sozinha, por vontade própria.

Gojko sorri para ela, segura sua mão. Ao seu lado parece mais bonito, e até menos desajeitado, mais sensual, mais tranquilo.

Não foram me procurar na Itália. Fizeram com que eu viesse até aqui. Ela deve ter dito a ele: *quero meu menino, quero revê-lo, quero ver o filho do homem que amei e que morreu* . *Não aguento mais, pensei longamente, mas agora quero abraçá-lo e lhe contar a verdade, e seja o que Deus quiser* .

Preciso ligar para Giuliano, preciso que ele venha, tenho de proteger Pietro. Preciso continuar inteira.

“Você não confia em mim?”

“O que você quer?”

“Vê-lo.”

“Vá até a janela e verá.”

“Vi quando falava com Sebina... com a irmã.”

“Fique quieta... quieta.”

Chora, mas eu seria capaz de matá-la, porque agora vejo algo, um fundo lamacento, o cheiro de uma miséria que reconheço.

“Precisam de dinheiro, é isso?”

Abre a boca, balança a cabeça vigorosamente. Parece desesperada.

“Não me ofenda.”

A cortina se move na janela. Apenas uma lagartixa nos olha, imóvel na parede com seu corpo velho e transparente.

“Por que você não morreu?”

Ela me olha sem qualquer espanto.

“Não sei.”

Levanto, arrumo a saia. Cadê meu casaco, meu casaco amassado? Cadê minha bolsa cheia de porcarias, de passaportes, de passagens aéreas, daquele batom que penetra nas minhas rugas? Ela pergunta se quero uvas, se quero me lavar, podemos dormir ali, eu e Pietro, comer peixe na praia, Gojko sabe fazer um bom grelhado.

De repente sinto um ódio indizível... uma distância que de repente é ódio. Vá à merda, você devorou minha vida, sua vaca, devorou o melhor de mim. Levou embora o pai de Pietro, ele morreu e você está aqui, sempre esteve aqui. Pego de volta minha bolsa, meus óculos, minha velhice. Entrei na menopausa no ano passado, não me importei minimamente, meu ciclo nunca me serviu para nada. O fim do sangue foi o fim da raiva comigo mesma.

Deixei essa mulher numa cama de hospital durante o cerco, enquanto contava marcos. Nos primeiros tempos tive medo de que ela aparecesse. Dei dinheiro a todas as mendigas do mundo, a todas as refugiadas do Leste nos semáforos. É um reflexo automático, virar-me e procurar a bolsa no banco. Continuar a pagar. Imaginei que estivesse morta, que estivesse numa daquelas fotos dos caixões, dos campos semeados de lápides. No entanto essa mulher é bonita, usa uma camisa branca, ainda é jovem, ainda pode ter filhos.

“Pietro é um rapaz italiano, é meu filho. Agora saio daqui, pego-o pela mão e vou embora. E você não se atreva a tocar em mim... não se atreva a tocar em nós...”

Aska abaixa a cabeça. Olho sua nuca, os cabelos presos, e alguns pelos que descem. Vejo algo... uma mancha. Quero ir

embora, como daquela outra vez. Mas detenho-me nessa mancha... é uma tatuagem. Uma espécie de flor, avermelhada, malfeita.

Então revejo a fotografia de Diego, a que estava no fundo da exposição, em cima do porta-guarda-chuvas. Aquela estranha rosa naquela estranha parede. Que agora sei que não é uma parede.

Aska cobre a nuca com uma mão, oscila um pouco.

Uma abelha entra pela janela, afasta-se e volta. Seria o caso de expulsá-la, mas ficamos paradas.

Portanto a história é esta, e talvez um dia eu deva ter coragem de contá-la ao meu filho, como uma fábula.

Os dois estão ali, naquela pousada que dá para os bosques. Subiram de mãos dadas. Aska usa um vestidinho preto, brilhante. Ele lhe disse: *não venha com todos aqueles alfinetes, parece um cacto*, e ela obedeceu. Pôs o vestido que usa para os concertos. Ele fita o tecido leve que se apoia na carne, enquanto sobem as escadas.

É uma beldade daqueles lados do mundo, os cabelos de cobre, bastos, os olhos verdes que realmente parecem duas folhas, as maçãs do rosto largas, o nariz reto e um pouco achatado... é como aquela cidade tão anômala, um pouco Istambul, um pouco vilarejo de montanha, ela também é assim, parece uma árabe branca. Tem o perfil de certas cabras do Kashmir.

Diego não sabe o que será deles.

Está nervoso, disfarça, gosta dessa mocinha patética, provinciana, um pouco louca, com uma grande vontade de se sentir alguém, uma Janis Joplin. Ela lhe lembra a si mesmo... conhece a sensação, aqueles pobres arrepios no corpo... a Leica comprada no mercado dos ladrões... ele também, quando jovem, sentiu-se um Robert Capa.

Ela lhe despertava ternura, contemplou aquele rosto lambuzado, aqueles rasgos pós-modernos nas meias, os brincos de alfinete. Não gosta dos punks, mas sente ternura por ela. Começou a observá-la, viu-a comer doces, lambe os dedos até o último farelo, viu seu riso. Conversaram, e ela não é boba, tem a cabeça cheia de tolices, mas tem uma luz, uma bateria sempre carregada, tem algo que ele não tem mais.

No quarto Aska olha para a cama e ri. Joga-se ali em cima. Levanta os braços, respira. Deixa que ele a admire, é descarada, gosta desse jogo. Diego está mais tenso, diz que vai começar pelos sapatos, tira as botas, senta na beirada da cama sem se deitar. Ainda não acredita que ela tenha vindo, que aquela história tenha prosseguido.

Nos últimos dias começaram a se olhar de modo diferente, entregaram-se a uma espécie de flerte. Agora que estão naquele quarto, onde praticamente há apenas a cama, sentem-se um pouco envergonhados. Ela cruza as pernas como na ioga, trouxe o trompete, começa a tocar “My funny Valentine”. Ele ouve, pensa: *quanto fôlego tem nos pulmões, menina? Diz-lhe: você tem futuro* , ela tira o trompete da boca, umedece os lábios com a língua, diz *gostaria de tê-lo com você* .

Ele sorri, *pare, não brinque* .

Não estou brincando, hoje à noite podíamos fingir que temos um futuro juntos .

Essa mocinha tem fôlego demais nos pulmões, é descarada demais, ele olha para ela: *fique em seu lugar* .

Ela nunca ficou em seu lugar, sempre foi uma rebelde. Por isso está ali.

Deitam-se perto um do outro, conversam um pouco. Ele lhe mostra como funciona a máquina fotográfica, como se procura o foco na ponteira. Estica o braço, tira uma foto de seus rostos afundados no travesseiro. Aska levanta as pernas como uma macaca, quer fazer a brincadeira dos pés. Está cansada da tristeza daqueles dias. Foi à manifestação, está com o sinal da paz que sua amiga Haira lhe desenhou na testa com o pincel atômico. Exclama que quer se divertir como louca essa noite. Diego cede, levanta suas pernas compridas, dobra-as, junta os pés com os de Aska. Lutam um pouco na cama, param. Ele fita seus olhos, a boca, sente sua respiração no peito.

É incrivelmente bela, de perto, incrivelmente jovem. Antes de beijá-la, sorri, depois permanece dentro de seus lábios por um bom tempo. A boca de Aska é fresca como uma nascente. Sente que a respiração dela muda, sente o sabor do primeiro beijo que deu,

agora ele é um homem e aquela lembrança é pudica e desconcertante.

Ele se afasta levemente triste, ele é o mais tímido. O mais velho dos dois, o que foi induzido a ir até ali. Queria lhe dar algum conselho de pai, de irmão mais velho, como faz com suas alunas na escola de fotografia. Mas está ali para fazer amor com ela, é uma moça livre, foi ela quem quis alugar o próprio corpo. Agora há aquela situação erótica e extravagante que o excita e, de certa maneira, causa-lhe humilhação.

Ele pôs paixão demais naquele beijo, saudade demais. Olha para ela, acaricia sua cabeça, suspira, pensa um pouco a respeito.

Ela é uma pequena sarajevita maliciosa, *não gosta de mim?* , sussurra.

Gosto, você sabe. E talvez me agradasse ter uma outra vida, pegar de volta minha mochila, fugir como quando era rapaz. Abraçar um corpo no escuro, acolher uma dádiva ocasional como um destino.

Tentou, mas essa noite Diego está cansado da banalidade da vida, do esforço sem resultado.

Contempla a janela escura na noite, pensa em mim, em nosso pacto. Pergunta-se como acabamos nos afastando tanto de nós mesmos, deslizando para essa loucura sólida e circunspecta.

Então, vamos fazer esse filho? , Aska graceja com ele, agora tirou o vestido. Está de meia-calça listrada e um sutiã preto, pesado, como uma pequena armação. Os olhos dele param naquele ventre branco, como algumas rochas que viu na costa dálmata.

Tem o nome de uma ovelha louca, de um conto que ele nunca leu... de brincadeira ela faz *bééé bééé* , Diego responde *bééé* .

Vamos fumar um baseado .

Fumam em silêncio, papel úmido que passa, fumo que entra e amolece por dentro. Ela toca o rosto dele, a barbinha que não cresce direito, rala e espinhosa, como um campo malcuidado. Ele diz: *esta barba é feia, eu sei* . Ela diz: *eu gosto* . Passa a mão como um pequeno rastelo.

Ele a olha de perto, a testa branca, alta. Agora parece uma Virgem que via na igreja quando menino, e com uma viciada da praça Corvetto que parecia uma Virgem. Não sabe como nasce o

gosto por mulheres, se é porque recordam alguém, uma mãe mais bonita.

Agora ele relembra todas aquelas merdas de velas que a mãe o fazia acender pelo pai, aos pés daquela Virgem bela demais e morta demais para poder contemplá-la.

Aska lambe o lóbulo de sua orelha, ele ri. Não sabe como se comportar com as mulheres, nunca desenvolveu uma técnica. Ele sabe estar comigo, sabe pôr uma mão debaixo de minha axila, porque gosto de dormir assim.

Ela lhe disse: *sua mulher me examina com o olhar de um camponês que escolhe uma vaca para o touro* . Ele olhou para ela, *não sou um touro*.

É cansativo ter uma mocinha apaixonada pairando ao redor. Ele lhe deu alguns conselhos, disse para não desperdiçar a vida, para se concentrar na música, em seu futuro, para deixar todos esses mitos *maudits* , esses músicos viciados. Um dia tirou uma foto sua numa jaula vazia do zoológico. Foi tomado por uma saudade, uma fome sem fundo. Não fotografou mais, disse-lhe: *saia da jaula, vamos* .

Eu amo minha mulher . Ela riu, *parece uma condenação, você parece triste* .

Essa moça tem a Bósnia inteira nos olhos, sua melancolia, seu humorismo louco, até o som de certos rios quando caem em suas conchas naturais e parecem bofetadas de Deus.

O baseado terminou, deixou um gosto forte na boca, Diego sorri, levanta, cola a boca na torneira. Pensa em mim, sozinha naquelas estradas escuras. Segue meus passos, minhas costas. Gostaria de me tocar um ombro. Gostaria de estar com a calça justa de toureiro e a cadeira verde da infância. Sentar-se no meio da rua e me dizer: *estou aqui, você me quer?*

Trepou com ela?

Não, não consegui.

Não faz mal.

Não sou um touro.

Eu sei.

O touro é você, eu sou a poeira.

Da rua chega um estrondo, como caixas caindo. Das escadas sobe um cheirinho gostoso, na cozinha devem estar preparando o

desjejum. Ela diz: *desça e peça alguns bolinhos fritos, estou com fome* .

Diego desce as escadas descalço, saltita, a camisa aberta sobre o peito um pouco arrepiado. Está chapado pelo baseado... o sangue ameno, sente-se mais leve. Sente o corpo, há algum tempo não o sentia. São apenas dois andares, alguns minutos.

Não tem tempo sequer de perceber o que se passa, na sala de refeições todas as xícaras estão no chão, as mesas reviradas... sombras se movem no escuro, dão chutes, gritam. É apenas um relance, num sentido só. A porta que dá para fora está aberta... do exterior chegam outros gritos, depois o som surdo de uma rajada de metralhadora tão próxima que pensa que o viram, que estão para atirar nele. Um oco de silêncio, depois novamente gritos, novamente rajadas... o cacarejar súbito de galinhas assustadas, depois outro abalo, como de potes caindo e rolando.

Diego está ali na penumbra, desceu para pegar alguns bolinhos, para chegar até aquele cheiro doce, ia fazer amor. Escruta as sombras, mas se sente outro, rígido demais, longe demais daquele corpo tolo. Não entende o que se passa, julga que são ladrões. Dá dois passos até a cozinha. A dona da pensão está com uma espingarda apontada contra a barriga, uma poça de óleo derramada avança pelo chão negro, continua a frigir como ácido. Agora viu os uniformes de camuflagem, os capuzes. *É a guerra, chegou* . É o último pensamento verdadeiramente seu.

É como um dique que se rompe, água dura como metal que inunda tudo. Depois é apenas o instinto, se lhe perguntassem o nome e a razão de estar ali não saberia responder. Volta sem se virar, tropeça nos degraus. Seus olhos cortam a escuridão como um visor noturno. Tateia a parede ao subir, como um caranguejo desprotegido. Enfia-se no primeiro buraco que encontra... uma cortina plastificada, como de chuveiro, oculta ali o depósito de vassouras.

Aquele plástico, por ora, parece lhe salvar a vida, pois acaba de ver o primeiro morto. Agora há um homem caído nas escadas, um velho com calça de lã... viu o rapaz que lhe atirava na nuca, tirou o capuz para comer um daqueles bolinhos ainda quentes... o velho erguia os braços e dizia: *meu filho, meu filho* .

O depósito de vassouras fica no patamar, poucos degraus abaixo do corredor. Pela fresta da cortina Diego consegue ver aquela porta entreaberta. Bastariam poucos passos para alcançar Aska, mas não consegue se mover, a ponte está quebrada, aqueles poucos degraus são águas violentas, uma inundação que o arremete para trás.

Aska está esperando os bolinhos fritos, talvez não tenha ouvido nada, Diego vê um vislumbre dela. Pôs de novo o vestido... o vestido preto e brilhante dos concertos. Não a vê por inteiro, apenas suas pernas, uma ponta de tecido. Quer gritar que feche a porta, que fuja por aquela janela que dá para o bosque. Tenta abrir a boca para falar, afoga-se, perde a voz. As cordas vocais são laços duros, fios de ferro que não vibram. É o instinto... o instinto que lhe diz para ficar quieto e nem sequer respirar. Porque enquanto isso uma manada negra passa ao seu lado, sobe junto com o cheiro de fritura, do óleo fervente que caiu no chão. Pelos degraus sobem coturnos com cadarços e solas pesadas como galochas de montanha, devorando a escada. Uma mão passa de raspão pela cortina onde ele se esconde, afunda no plástico.

Tudo acontece rápido demais, não dá tempo sequer de dizer *foi assim*. São estilhaços, fragmentos de imagens que jamais desaparecerão, vão permanecer grudados nele como pele. O medo é um anestésico que congela e dilata.

Para ele tudo acontece naquela fresta. Aquele vão entre a cortina e a parede. Vê os homens se dividindo no corredor, ouve baterem às portas... ouve algumas rajadas, caem vidros, placas de paredes. Agora também alcançaram Aska. Vê uma parte dela, os pés nas meias listradas. Ouve seus gritos.

É a primeira vez que Aska vê os lobos, recua para a janela. Ela se pergunta de onde chegaram, se desceram dos bosques... parecem a morte, usam aquelas balaclavas. Falam sua língua, pedem seus documentos. Ocupam o quarto com seus corpos volumosos, por causa das cartucheiras duplas, cruzadas no peito. Um deles dá um pontapé na única cadeira do quarto, senta-se com as pernas abertas em cima da mesa, ela imagina que é o comandante, tem um emblema com uma caveira no peito. Acendeu um cigarro na fresta da boca, olha para ela. Aska é uma ovelha rebelde, o medo a torna

agressiva. Grita para irem embora. Pergunta quem são, por que estão com o rosto coberto. Diz que quer falar com alguém da polícia.

O comandante levanta a balaclava, mostra um rosto jovem, anguloso. Olhos claros como vidro. Ele se vira para rir com o gordo perto dele.

Diego só vê os passos, os coturnos onde enfiam as pernas do uniforme... vê outras coisas caindo, uma gaveta, a cadeira onde estava seu casaco. Batem nela, ouve seus gritos, tentando se defender. Agora só geme. Está caída no chão, ele vê uma mão deslizando, um coturno que pisa e esmaga aquela mão. Ouve uma voz mandando levantar.

Diego precisa sair para defendê-la, deve dizer: *sou um fotógrafo italiano e ela é minha namorada, deixem-na em paz*. Talvez baste ameaçá-los com o crachá da imprensa, está no bolso do casaco. Imaginava sair, pegar Aska pelo braço, acenar o crachá como uma cruz.

Agora lhe perguntam o que está fazendo naquele hotel, pegaram seus documentos, agora a chamam de puta muçulmana.

Levante, puta muçulmana.

Aska fica de pé. Sente uma dor de pregos na mão, não consegue mais fechá-la. Entendeu que não existe mais polícia, não existe mais ordem, que aquela deve ser a guerra. Agora percebe o exterior... os disparos na rua, os sons dos outros quartos, os gritos... entende que lá fora também não há mais luz, que talvez tenham cortado os fios. Ouve os gemidos, outras pessoas atacadas como ela, surpreendidas no sono, na normalidade daquele bairro periférico. Não sabe se é simplesmente um ataque ou se toda a cidade já foi ocupada. Se está acontecendo a mesma coisa com todos, como num apagão... Com sua amiga Haira, com sua avó, com seu irmãozinho. Sente que sua percepção se amplia, se dilata, corre por quilômetros como a dos animais... deve perceber o mundo ao redor para não ficar isolada neste quarto, neste pesadelo, ainda turvo, confuso. Sente aquele cheiro de bolinho frito que agora se mistura com o cheiro dos homens. Fedem a terra, a suor, a álcool. Eles também devem estar com medo. Estão nervosos, vão e vêm, chutam as portas... ouve gritos de mulher, roucos como de um gato. Talvez seja uma das estudantes de Zenica, ouviu quando conversavam e gracejavam no

corredor, um pouco antes, chegaram de trem para a manifestação. Vê algo que passa no corredor, um corpo arrastado pelos cabelos. Não se pergunta nada, deixa deslizar aquela imagem que parece vinda de outro mundo. Sabe que não vai gritar. É uma moça livre, cresceu numa cidade livre. Acredita ainda que bastaria falar para acalmá-los. Devem ser todos jovens, mais ou menos de sua idade.

Ela se pergunta que fim teve Diego, talvez tenha sido detido. Espera sua aparição. É um fotógrafo estrangeiro, esses imbecis têm medo da imprensa internacional.

O comandante agora observa uma folha, talvez um mapa da cidade, confabula com o gordo. Olha para ela, pede que toque o trompete. Aska tenta, não sente mais os dedos e realmente está com pouco fôlego no peito, mas sopra tudo naquele bocal de cobre.

Diego ouve aquele trompete, imagina as faces de Aska que se inflam como um peixe.

Obrigou-se a tocar algo alegre, uma breve sinfonia cheia de notas agudas como as dos velhos filmes mudos. Está diante do lobo, como a ovelha do conto de Andrić... ela também é uma rebelde, afastada do rebanho. De fato, espera que seja suficiente tocar para manter o lobo sob controle. Mas sabe que seu gabarito não chega a tanto.

Vê seu futuro, aquele que imaginara... um palco invadido por bolhas de luz e de fumaça, que sobem como vapor, como num show do Nirvana.

O fotógrafo italiano se parece com Kurt Cobain, pensa em seu pescoço... é a imagem mais doce que lhe vem à mente, aquele beijo pouco antes, aquele rosto tão próximo ao dela, que lhe sorri. Depois passou um polegar em sua boca, como para marcar os lábios. Talvez ele também sinta algo por ela.

O comandante lhe diz para parar com aquele trompete, que chia nos ouvidos. É verdade, a ovelha não tem fôlego, solta apenas uns sopros barulhentos. O fôlego foi todo tragado pelo medo. Ele a manda tirar a roupa.

Diego está atrás da fresta. Vê o trompete que cai. Vê Aska saltitar na meia-calça listrada, tropeçar. Vê que a levantam.

Há aquele fuzil na cama, uma kalashnikov, uma bazuca, quem sabe. Ele se pergunta se o quarto é aquele mesmo, se o que está

acontecendo é verdade. Cravaram-lhe aquele fuzil entre os seios, dispararam na parede para que obedecesse, ela ficou imóvel, olhando para eles. Queria se despir, obedecer... mas agora não consegue encontrar os braços, as mãos. São como remos de um barco largado, apodrecendo. Precisa alcançar os colchetes, o tecido se colou com o suor que vem de dentro e embaça a vista. Duas mãos se aproximam, arrancam seu sutiã. Aska vê um mamilo entre o tecido rasgado, não sabe se é realmente seu ou de outra mulher, de sua mãe, de uma amiga.

Entende que não há salvação, que a morte está ali com ela. Parada naqueles dois fuzis que a encaram. Não pretende se rebelar, quer viver. Ainda está presente, mesmo que não consiga se mexer, mesmo que não tenha movido sequer um braço para se defender. Percebe que aquilo já aconteceu outras vezes, não é algo ocasional, aqueles homens já fizeram isso. Nem parecem excitados, não há confusão, aqueles gestos já são condicionados. Insultam, esbofeteiam sem muita convicção, como se já estivessem cansados.

Como se fosse uma espécie de ritual que se repete, uma missa satânica, um triste repasto de demônios.

No campo, quando era criança, Aska viu o castrador, o homem que vinha cortar os testículos dos animais. Era baixo, tinha uma cadeira dobrável, uma maleta e um colete de médico. Ele se abaixava e mutilava os animais... dos corpos feridos elevavam-se mugidos impressionantes. O castrador nunca alterava sua expressão. No final do dia pegava o dinheiro e ia embora com seu rosto triste, a nuca suja e suada, a boca ainda engordurada por aquele fricassê de testículos que as mulheres preparavam e que ele aceitava à mesa da refeição.

Esses homens têm a mesma atitude feroz, a mesma triste inelutabilidade dos gestos. Onde treinaram? Em que corpos?

Sente as pernas se molharem, imagina dissolver-se no chão, derreter junto com aquela urina. É o que quer, ir embora, liquefazer-se, escorregar para baixo da cama, desaparecer no piso de madeira. Pouco antes era uma moça livre. Traz um sinal de paz na testa, um dos homens cuspiu naquele sinal, o cuspe lhe escorreu pelos olhos. Ela se pergunta que fim teve a paz. Pouco antes era uma moça mais corajosa do que as outras... agora é uma cavidade, uma cratera

habitada apenas pelo medo. Como é possível que o que vê diante dos olhos esteja ocorrendo com ela? O pânico tem o gosto ácido dos sucos gástricos. É como se todos os órgãos fossem impelidos para cima, até a garganta, para se defenderem do ataque. Embaixo não sente nada, como se tivesse anestesiado a coluna... as mãos que a agarram, os dedos que apertam sua carne parecem estar num corpo distante.

Derrubaram-na sobre a cama, onde pouco antes brincava e lutava com os pés de Diego. As cartucheiras lhe caem por cima, junto com o cheiro de ferro e de morte.

Diego não ouve mais Aska tocar. Ele se comprimiu no meio das vassouras... uma mais dura que a outra, de sorgo, arranhando seu rosto. Cheira a mofo, a palha suja, gasta. Ele a vê cair, tropeçar na meia-calça arregaçada entre as pernas como um saco. Precisa sair daquele ninho de vassouras, jogar-se contra aqueles bandidos de uniforme camuflado, arrancar os capuzes de suas cabeças. Mas agora sabe que não vai sair. Talvez não saia vivo esta noite, mas certamente não conseguirá se arrastar para fora daquela reentrância na parede. Ele se pergunta se esta é sua morte, seu caixão. Se atirarão contra ele sem abrir a cortina, como nos filmes.

Está acostumado a se esconder.

Quando seu pai batia em sua mãe, ele conseguia desaparecer, deslizava por uma fenda e tampava os ouvidos com as mãos. Fazia xixi, sem perceber. Olhava aquelas pequenas poças amarelas no piso. Ia embora, pensava *em coisas bonitas*. Saía apenas quando tudo voltava ao normal, quando a mãe estava de novo na cozinha batendo ovos. Sorria para ela, dava a entender que não devia sofrer nem se envergonhar, porque ele não tinha visto nada, só coisas bonitas.

Agora sabe qual é a coisa bonita, é a boca de Aska, que beijara pouco antes, fresca como uma nascente. Ele se afastara por pudor, tinha visto aquele pedaço de carne branca, de onde ressaltavam os seios com seu desenho de pão talhado, e se sentira como na infância, quando era menino, embalava-se num sonho agradável e puxava o lençol sobre a cabeça para ir ao seu encontro.

Vê um coturno em cima da cama, a perna branca aberta como uma asa de frango. Pensa numa fotografia. Vê a foto, a perna branca

e o coturno negro. A ovelha e o lobo. Agora sabe que não pode mais sair, é uma testemunha. Não o deixariam ir embora.

O coração bate, como uma mão numa porta que ninguém abre. É a porta da coragem que, nesta noite, não se abre para ele.

Arrastam-na da cama para o chão. Diego vê aquele corpo conduzido como uma carriola, afunda-se na fresta, e agora já é a fresta da vida que se fecha. No começo, aquela cortina lhe parecera um refúgio, agora sabe que seria melhor morrer nas escadas. Fechou os olhos, ouve as pancadas, reiteradas... a carriola que bate contra a parede.

Aska está pensando em sua mãe, na última vez que a viu com vida ela lhe preparou charutinhas de repolho. Aska pensa naquele perfume que preenchia a cozinha. O irmão assistia a mtv, ela tinha parado para comer com eles naquela mesinha na frente da tevê... tinham dado risadas. Desde que Aska saíra de casa, sua mãe tinha ficado mais nervosa, mais abespinhada. Naquele dia ela parecia novamente serena. Aska lhe deixara um pouco de dinheiro, abraçara-a por trás, sentira a carne de sua cintura.

Aska sente o sabor daquela doçura. Para se defender, saiu de si mesma. Ouve um som distante, onde as lembranças da infância batem à porta. A ponte que atravessava para ir à escola de música. Vê um arado sulcando um campo, as lâminas que rompem os torrões. Sabe que aquele campo é seu corpo, e o som é a cabeça batendo na parede para onde a empurraram.

Quando tinha aparecido em casa com roupa punk, seu pai deixara de falar com ela. Começara a trabalhar para se tornar independente. Depois tinha tido aquela sorte, emprestar a barriga em troca de uma montanha de marcos. Olha o trompete no chão. Pergunta-se onde está aquela barba rala, onde estão os olhos do jovem marido triste... se a estão fitando.

Diego foi viciado, muitos anos antes. Retornam-lhe aquelas imagens deprimentes, corpos pegajosos de baba no asfalto. Uma vez aconteceu-lhe também, foi salvo por milagre por uma ambulância que chegou a tempo, por uma injeção diretamente no coração. Ele se agacha ao lado das vassouras. Tem a impressão de nunca ter saído daquela calçada em Brignole.

Ali adiante está aquele pé branco a se debater.

Aska está no chão, entre a cama e a janela. Não chegou a desmaiar, não teve esse consolo. Ficou lúcida, absorveu o mal sem atenuantes. Ele não moveu um dedo para defendê-la. Não fazia sentido entregar-se à morte, levar um tiro na cabeça, na boca. Recuou ainda mais, entre as vassouras empoeiradas, para não ver. Comprimiu as mãos nos ouvidos para não ouvir os gritos.

Está nascendo o dia quando os lobos vão embora, retiram-se para os montes com seus jipes, suas cartucheiras, dão os últimos tiros na aurora.

Diego viu as sombras desfilerem... Aska estava de pé, passou ao seu lado, empurrada pelas escadas abaixo. Pareceu-lhe que estava com seu vestido de chenilha, seu trompete. Talvez nada do que viu tivesse realmente acontecido.

Diego deixa o tempo passar, espera que o silêncio se torne sólido e pesado. Que engula os gritos, o mal que acabou de ocorrer, vindo de uma explosão da terra. Sente o estupro nos ossos, no ânus, no baço. Todos seus órgãos estão fora do lugar, a carne palpita no cérebro.

Não fez nada, não moveu um dedo. Quando Aska passou ao seu lado, sua carne lhe pareceu lava petrificada.

Sai de seu esconderijo, da cortina que o escondeu, mas não o separou do mal. Não morreu, mas não está totalmente vivo. As pernas rígidas, os olhos que gostariam de rolar, como pedras. Registram imagens que não se imprimem, despencam em seu estômago como num bueiro. Olha aquele quarto extirpado, engole o cheiro que restou, uma fornalha de exalações orgânicas e nicotina. Os lençóis com as marcas das botas, a cadeira derrubada, os fragmentos de lama. Pega seu casaco, sua máquina fotográfica e desce.

Ouve um canto. É Anela lá embaixo, a dona dessa pensão para estudantes, para representantes comerciais, que se transformou num bordel para monstros. A mulher está curvada sob as mesas repostas

em seus lugares, recolhe os cacos das xícaras. Não joga fora, esfrega-os no avental e depois os deixa no banco de refeições, enfileira-os como restos arqueológicos.

Diego assiste alucinado àquela colheita de cacos, a mulher embala sua loucura cantando placidamente, como uma camponesa que rega os campos.

Ergue ligeiramente os olhos para aquele rapaz de camisa aberta, com o peito nu, recua um passo, por um momento pensa que é um dos demônios.

Diego lhe pergunta que fim deram às moças, para onde foram levadas.

A mulher dá de ombros, não sabe. Tem um marido para sepultar, aquele velho morto nas escadas. Põe um lenço, saem juntos para o pátio. Todas as galinhas estão mortas, atiraram nelas por diversão, para experimentar aquelas armas novas. Diego fita o vento agitando as penas.

Vai embora naquela luz de tinta azul, submarina. Entra no primeiro lugar aberto que encontra, não sabe se é um cinema ou uma igreja. Vê apenas aqueles bancos escuros, deita e adormece. Sonha. Sonha quando a heroína subia e dava um bom flash. Sonha com aquele clímax quando o sangue se dissolvia, os nervos pareciam fios doces... os espinhos sumiam do corpo, a pele se distendia, alargava-se em escamas macias... e um mar quente inundava seus canais. Era *a coisa bonita*, a fuga.

Aska viajou numa caminhonete, descarregaram-na. Não sabe que lugar é aquele, talvez uma fábrica abandonada. Em seu vilarejo, quando era pequena, brincavam com ela, chamavam-na de *mrkva*, cenoura, por causa dos cabelos. Ter os cabelos dessa cor é um destino, chama a atenção dos pássaros como uma abóbora aberta em pleno campo.

Toca nas pernas para mantê-las paradas, mas os músculos frigem como salsichas numa panela.

Não sente dor, um líquido escorre de algum lugar, da cabeça para o pescoço, atrás. Queria ver mais do que via, mas as pálpebras parecem dois camundongos numa ratoeira.

As outras mulheres se lamentam, ela não. Fazem-nas andar, empurram-nas com os fuzis. Vê um barracão com emaranhados prateados, maquinários.

Elas são fechadas numa sala comprida, com uma faixa de janelas altas. Deslizam contra a parede, exaustas, adormecem de cócoras, como galinhas.

Aska se pergunta onde está o mundo. De que lado está a escola de música, a *kafana* onde parava para almoçar. No dia seguinte, quando levam a primeira mulher, ela se põe de pé, espera ser chamada. Quer gritar, denunciar o que lhe fizeram. Quer falar com o militar que as recebeu, aquele com o uniforme impecável, que mandou trazer biscoitos e sopa.

Quando a mulher volta, depois de muitas horas, o nariz sangra, ela escorrega nos sapatos como se tivessem óleo por dentro. Ninguém tem coragem de se aproximar, de perguntar o que há ali fora. Se antes estavam juntas como um rebanho de ovelhas no escuro, nos dias seguintes separam-se lentamente. Procuram cantos para se esconder naquela sala. Mas não há nenhum lugar onde possam se esconder, teriam de atravessar as paredes e para isso precisariam não ter corpos.

Aska está com o trompete. Abraça-o junto ao peito como um coração. Toca. Põe todo o fôlego que não tem. Quer consolar as mulheres, quer ir embora.

Dizem para ficar quieta, atiram algo nela.

Os militares trazem cobertores, um amontoado marrom que jogam num canto. No fundo do dormitório há um banheiro, Aska espera a vez para se lavar. Tudo o que deseja é um pouco de água. Pega com uma alegria infantil, boba, como quando pulava no rio com seus amigos, saltitava naquelas poças geladas e mirava sua pele branca, transparente, no verde da correnteza.

Pelas frestas do alto filtra-se aquela luz num véu de partículas que desliza pelo interior. Em torno, nenhum ruído de carros, de cidade. Conversa com as mulheres, algumas são camponesas, mas muitas são mulheres de nível, com diploma universitário. Nenhuma delas acredita que aquilo seja possível, que aquele lugar seja realmente um campo de prisioneiros.

Aska agora cumpre seus turnos na cozinha, junto com as outras. Quando toca, os homens fazem elogios, estão contentes por haver um pouco de música, um pouco de alegria naquela sala triste, de ovelhas assustadas que começam a cheirar mal.

Vêm à noite. Aska se esconde. Levam duas, três mulheres por vez. Quando voltam, ninguém olha para elas. Agora sabem. Que devem esquecer imediatamente. São trazidas de volta ao amanhecer. Mancam até o banheiro. Levam-na também, percebem sua figura por causa dos cabelos, é um peixinho vermelho, é fácil pescá-la. No escuro os olhos repousam, ouvem-se aquelas risadas.

Aska resiste. Depois também pegam a pequena, uma menina de doze anos. E ela não volta.

Aska continua a tocar, crê que a música é sua salvação. Não se pergunta mais onde está sua vida, onde está o rapaz italiano, onde está a *kafana* que frequentava com os amigos para se divertir, tocar jazz. Tem os lábios áridos como sal. Ela se pergunta onde está a menina, quando os homens encapuzados a escolheram ela se ergueu num salto, seguiu-os com a mesma rapidez que devia ter na escola quando os professores a chamavam para a sabatina oral.

De vez em quando mandam que ela toque nua. Sopra seu medo no trompete. O rapaz que parecia o mais educado, aquele com a mancha escura sob o olho, usa sua boca como penico, apaga as bitucas em seu pescoço, como se sua nuca fosse o chão de um bar.

Voltam para pegá-la outras vezes.

Entende por que a menina não conseguiu. O corpo.

O corpo de Aska parece anestesiado. A dor é surda, fica aprisionada em outro lugar. Parece atravessar um outro corpo ao seu lado. Tal qual um raio que cai no solo e chega até nós como um abalo, um percurso que atravessa outras coisas.

O problema é depois, nas horas posteriores às violências. Quando percebe que não consegue reentrar em seu corpo.

Desde que a menina desapareceu, Aska vê apenas uma luz que se fecha como a portinhola do aquecedor onde se escondia na infância. Um bom esconderijo, mas que a assustava, tinha medo de não conseguir sair mais, e que sua mãe acendesse o fogo sem perceber que ela estava ali dentro. Olha o fogo que lhe sobe na pele e penetra como um estopim.

As notas musicais sempre aparecem diante dela, caem do céu enquanto é violentada... cabelos que caem de uma escova.

Aska não ouve mais suas vozes, as palavras são sempre as mesmas. *Putá muçulmana, puta turca, chame Izetbegović, chame seu presidente, pergunte a ele onde está ...* riem, divertem-se entre si.

Por que continuam a chamá-la de *puta muçulmana* ? Há anos não entra numa mesquita. É uma moça moderna, laica, instrumentista, estudou solfejo, sabe compor, fala italiano, inglês, alemão, tomava anticoncepcional.

São monótonos, tudo é monótono. A escalada das violências é sempre parecida. Há os mais despachados, há um mocinho novo, que talvez nem quisesse, e nem sequer consegue olhar para ela, mas tem medo dos outros. Pois precisam ficar todos juntos, no mesmo estábulo, na mesma ovelha. Há aqueles bêbados demais e há uns dois que só gostariam de matá-la, Aska percebe, esganá-la até o fim. Mas devem ter ordens precisas.

Uma das mulheres viu a menina, a casca que restara. Ouviu os gritos de um dos comandantes. Ficou furioso com seus rapazes que tinham se excedido. Depois os desculpou, mandou que jogassem a casca no rio.

À noite, Aska sonha com longos narizes de látex acinzentado, aqueles que faziam na escola, nas oficinas do curso de artes, e que os rapazes usavam nas festas de fim de ano. Os narizes se soltam do barbante, voam como morcegos, depois param nas costas dos homens como mantos, como gabões. São pálidos, talvez já estejam mortos. Talvez sejam a morte. Vestem apenas esses mantos, e depois meias pretas até os joelhos, sapatos lustrosos e nada mais. É o amanhecer, é a luz gelada de um duelo. Os homens são juízes, fazem um círculo, como morcegos que se abraçam. Ela está no centro, como na festa de final de ano da escola, quando os rapazes mascarados com os narizes faziam trenzinho em volta da moça escolhida, gritando *próxima estação, próxima estação ...*

Aska sabe qual é a próxima estação. Tenta se enforcar, mas não consegue porque a corda não é realmente uma corda, mas um par de meias-calças velhas.

Não toca mais trompete. O rapaz que sempre a elogiava, aquele com os olhos azuis como vidro, usou-o no corpo dela.

Agora ela pode morrer como a menina.

O corpo. O corpo é um saco revirado, posto para secar e fazer um alforje. O corpo é uma longa cadeia de corpos que sofrem. Ela se pergunta que fim tiveram as folhas de repolho de sua mãe e os óculos de seu irmão.

Depois, porém, deixam-na em paz, não a chamam mais. Deixam-na perambular pelas cozinhas.

Diego não conseguiu mais. Conseguia sempre, mas desde aquela noite não conseguiu mais encontrar *a coisa bonita*. Voltou para a Itália. Procurou-a em todos os vidros em que encostou. Um dia fotografou uma lata de atum por horas a fio... viu aquele peixe macerado no óleo, aquela carne rosada. Pensou na vida anterior daquele grande peixe. Naquela noite, ao voltar do aeroporto para casa, parou no porto de hidroaviões de Ostia. Reencontrara o faro atordoado de outrora, sabia os olhos que devia buscar. Tomou heroína de pé, com as costas apoiadas num cartaz do Campari desbotado pela maresia.

Voltou ao inferno. De vez em quando, alguém da Cruz Vermelha Internacional visitava os campos, então os algozes punham as coisas em ordem, sumiam com as mulheres em piores condições. Os cinegrafistas filmavam o gado humano desnutrido, como nos campos de concentração da Segunda Guerra. Agora Diego sabe que ela está ali. Conseguiu entrar no campo. Fez amizade com um dos carcereiros, um rapaz com uma mancha escura sob o olho. Está com uma Polaroid consigo. Foi uma boa ideia, voltara para Sarajevo cheio daqueles grandes cartuchos quadrados. Levou-os para as crianças, elas adoram aquela língua brilhante que sai da máquina como se fosse uma boca. Não podia imaginar que os chetniks dos campos também iriam gostar tanto. Todos agora querem uma Polaroid. Posam com seus uniformes, os capuzes levantados na cabeça, as longas barbas negras. Olham as fotos que saem na hora, escrevem algo embaixo, na faixa branca: seus nomes, uma mensagem para a namorada ou para a mãe. Diego agora

fotografa rapidamente também com a Leica. Os chetniks se abrem com ele, enquanto posam contam como é dura a vida nos montes. São vaidosos. Gostam da objetiva, gostam de ser olhados. E Diego os olha. O comandante também posa, um homem corpulento de rosto afável, olhos azuis como o mar. Quer ser fotografado sozinho, com seus rapazes às costas, os fuzis plantados no chão. Pergunta se a luz está boa. Diego se demora, procura o enquadramento certo. O comandante quer apresentar seu melhor perfil, estica um pouco o pescoço, porque é o único defeito que tem, o pescoço um pouco curto. São dóceis com ele, põem-se ali com suas facas, sua solidão de assassinos. Diego fotografa os demônios, ri, brinca com eles. Os rostos se imprimem no filme.

Convidam-no para jantar. As mulheres se movem como medusas ao redor da mesa, trazem sopa e picadinho de carneiro. Depois ele a vê, reconhece-a por causa dos cabelos. Não se vira, mantém a cabeça baixa sobre o prato. Fica-lhe apenas a sensação de um movimento giratório, é ela que move a cabeça como um planeta perdido.

Depois do jantar, o comandante abre a gaveta, tira um pouco de pó dos bons, usam juntos.

O comandante gosta de sua Polaroid, é ultramoderna, em cores. Diego tira também o relógio que tem no pulso, é um cronógrafo, marca a hora do mundo todo. Deixa-o ali na mesa do comandante de olhos azuis como o mar. Pede aquele favor, aquela troca: a cenoura, a prisioneira dos cabelos vermelhos. Conhecem-na, e como! O rapaz de Gênova anui a suas risadas, a seus gestos. Abre a mochila, tira dez mil marcos embrulhados em papel pardo, põe ao lado da Polaroid, do relógio. Sorri.

Aska caminha a descoberto, conduzem-na até aquela sala. A troca se dá ali. Está com um casaco frouxo. Diego ergue levemente os olhos, acena com a cabeça, sim, é ela.

Aska não o reconhece de imediato, tem aqueles camundongos que lhe pesam nas pálpebras. Por um instante julga que é apenas um novo algoz. Ele também mudou, não tem mais a barbicha de bode, são fios compridos que parecem arbustos queimados.

Saem do campo de concentração, como se não fosse nada. Atravessam a clareira prateada do campo, cruzam o portão. Ela não consegue se sustentar na motocicleta, desmaia diversas vezes, nem o vento consegue mantê-la erguida.

O médico muçulmano é baixo, sua tez é lívida, usa um estranho casaco de comediante, com as mangas um pouco curtas, como de um menino crescido. A cabeça calva é sulcada por veias que incham quando ele fala, parecem serpentes aprisionadas. Meneia a cabeça, abaixa os punhos da camisa. Aska está com algumas fraturas calcificadas e um tímpano perfurado. Afora isso não tem lesões internas, mesmo o baço está em ordem. É uma mulher forte. O médico baixa os olhos. Os orifícios se normalizarão, é necessário esperar algum tempo, como depois de um parto.

Não quer pagamento, repele a mão de Diego, abaixa a cabeça. Uma camada de suor reluz sobre aquele crânio escuro desenhado por grandes veias. Diz: *Deus não deverá perdoar ninguém*. Diz que se envergonha de pertencer à espécie humana. Quando comunica que Aska está grávida, Diego não entende, pede que repita.

Está com aquele filme no bolso, procura-o, estrangula-o com a mão suada.

Diego não sabe sobre as mulheres usadas como trincheiras, onde esfregam seus fuzis. O médico sabe. É uma prática da guerra, fecundar os campos com sementes ruins.

Aska está grávida de cinco meses, não pode abortar.

O médico muçulmano diz: *Deus não perdoará nem as crianças*

É um muçulmano idoso, tem um símbolo no casaco. Trata da ovelha. De vez em quando desenrola o tapetinho que trouxe consigo e reza, inclina-se até o chão. Como se quisesse ser engolido por Deus.

Diego fita aquele corpo velho ajoelhado e se pergunta onde está sua fé. Gostaria de ter um consolo semelhante.

Enrola um baseado. Começou a pensar na história de Herodes, era uma das preferidas das crianças no catecismo, ele também gostava, ficava aterrorizado. Na cabeça calva do médico viu dilatarem-se as veias. Agora imagina as veias como plácidas serpentes deslizando pelo crânio, subindo num berço atraídas pelo

cheiro do leite, envolvendo o pescoço de um recém-nascido e estrangulando-o, para depois voltar lentamente à pele da cabeça do médico, saciadas e silenciosas.

Aska na cama não se move, de vez em quando sente aquelas mãos descendo por ela para desinfetar as feridas, para curá-la. São mãos distantes, mosquitinhos numa fruta estragada. Aquele corpo não lhe pertence mais, não é mais seu, dormita junto com ela, apenas isso.

O corpo como um planeta que vaga pelo cosmo, que se afunda de um vazio a outro. O corpo como um balde abandonado, carcomido de ferrugem, que recolhe água da chuva do escoamento de telhados. O corpo como uma cavidade atravessada por um foguete, um daqueles *shuttle*, daqueles *sputnik*, que entra pela vagina e sai pela cabeça. Deixando um rasto de fogo, como a Chama Eterna. O corpo como um conjunto de pontos que repuxam, células que combatem entre si.

O médico lhe aplica algumas injeções para aliviar e aplacar a dor, mas ela nem precisaria, ficaria calma de qualquer maneira. E nem se pergunta por que a deixam ali, por que não a deixam morrer em paz, como um animal num ninho de folhas.

Está no ventre que a gerou, está imóvel da mesma maneira. A dor é uma membrana que comprime como um saco amniótico.

Diego prepara um caldo. A boca de Aska é uma gaveta aberta, um bico de carne morta... o caldo escorre pelo queixo. Como água de uma fonte.

Diego toca violão, enquanto a luz se precipita na noite. Talvez a música lhe faça bem.

O corpo de Aska mal se move, só de vez em quando é agitado por um tremor, leve como uma folha prestes a se soltar.

É uma tortura estarem vivos. Assistir à dor lhes parece pior do que a própria dor. A vela no chão move as sombras, ilumina os fantasmas. Ele não moveu um dedo para defendê-la, recuou para não ver, comprimiu os ouvidos com as mãos para não ouvir os gritos.

Agora não consegue se afastar daquele corpo. Pestaneja lentamente no escuro. O corpo na cama é negro, parece o Igman à

noite. A pele arrancada de Aska tem formigações, volta a crescer. Estica-se para se fechar. As fimbrias de carne se juntam.

É terrível sentir o próprio corpo despertar, renascer como tudo, como a aurora, como a grama. Os camundongos deixaram seus olhos que agora desincham, o negro dos hematomas começa a se amarelar. Aska vê o jeans de Diego, sente sua respiração.

Toma a primeira xícara de caldo. Diego segura sua cabeça, ela não pode, não quer olhá-lo no rosto. Tem vergonha de si mesma, do que lhe fizeram. Mantém os olhos baixos.

Tem uma crosta na boca, Diego espera que aquela crosta caia. Olha a mecha de cabelos vermelhos fora do casulo do lençol. Espera o dia em que ela lhe fará a pergunta: *onde você se escondeu?*

Diego está com aquele filme completo. Tem os algozes no bolso.

Sabe que o mal se põe em fila, em bando, porque é vil e não pode ficar sozinho. Precisa ser olhado. E ele olhou. Ele também violentou.

Aska tem aquela marca na nuca, aquela cratera de cigarros. É o olho de seu algoz a fitá-la, uma oferenda que não será eterna. Porque felizmente o corpo não dura.

Não percebeu que estava grávida, porque continuou a perder sangue com frequência. Agora quer abortar, é a única coisa que quer, vomitar o catarro dos demônios.

O médico muçulmano disse: *Deus não perdoará nem as crianças* .

Cuspirá aquilo, está escrito. É um destino necessário. Está escrito nas veias do velho médico e nas tábuas do corpo. É uma lei antiga, como a do Corão.

Detém-se diante das mesquitas, aproxima-se do lavabo, lava as mãos, a nuca onde se imprime aquele botão negro. Aquele rombo. Pensa nas palavras do imame, quando, em sua infância, ia com os pais e o irmão à pequena mesquita.

No dia do juízo a sepultada viva deverá explicar por que lhe coube aquela terrível sorte.

Agora a trompetista punk, incerta quanto às leis da terra, aferra-se a um céu povoado de profetas. Pede a Deus que jogue no lixo o coágulo dos demônios. Nas zonas descobertas diminui o passo.

Espera que um atirador dispare contra a barriga, que seja um chetnik a libertá-la daquele sangue infecto.

Diego lhe trouxe roupas novas, uma túnica turca cor creme, ela fechou até o último botão. Tem um aspecto virginal.

Ele também tem medo. Normalmente os homens não sabem o que ocorre no corpo das mulheres. Mas ele sabe tudo, passou muito tempo nos centros de assistência para casais estéreis. Sabe exatamente como ocorre a fecundação, viu *in vitro*. Vê o gameta que desliza na bolha do óvulo, uma bolha que se dobra e engole feito uma medusa. Vê a separação das células, como um coração, como aqueles carochos duplos das nêspas.

Contempla Aska descansando. Ouve o som daquela multiplicação que ocorre em seu corpo. Tudo está tão distante da fria nitidez do vidro... Pensa num ouriço, num óvulo trespassado por mil espinhos negros. Vê aquele ouriço que se desprende da rocha e flutua no fundo do mar.

Vê aquela concepção obscura. Insetos um sobre o outro no mesmo buraco.

Contempla aquele corpo apedrejado que floresce ao agonizar.

Gostaria de se abandonar à fatalidade muda da dor de Aska e acreditar junto com ela, junto com o médico muçulmano, que aquele ser em formação não merece a água amniótica da vida.

Fotografou poças d'água, não sabe bem por quê, provavelmente porque nasceu numa cidade de mar e chuva, de cavidades que se enchem e se esvaziam. Sempre foi atraído por aqueles fossos onde a água dormita um pouco, turva e brilhante, absorvendo os humores da luz, das passagens. Dilatando-se interiormente como um coração líquido. Inclinou-se, atraído por esses olhos que o fitaram e que ele fitou. Não verdadeiros poços, mas tampões líquidos de poucos centímetros. Planetas de terra, fios de água. As poças o ensinaram. Foram um quadro-negro, como um céu noturno embebido de antigas luminescências.

Nunca pensou em ser rbdomante, fotografou apenas pequenas poças urbanas. É um rapaz, não acredita na profundidade, sempre gostou de se sentir meio retardado.

É uma noite de chuva, os estrondos dos obuses se confundem com os trovões.

Quando olha pela janela, é dia e parou de chover, vê dois arco-íris. Nunca tinha visto dois juntos. Um está incrivelmente próximo, parece nascer ali do lado, é uma fonte de luz estriada de cores que atravessa o céu numa curva perfeita... o outro é menor, menos intenso... um arco-íris menor, como ele. Suas cores são desbotadas e parece um pálido reflexo do outro.

Sente-se comovido com esse arco-íris menor, destinado a um fim iminente.

Pensa na criança. A criança que não tivemos da melhor maneira, pelo amor. Pensa na criança que Aska traz no ventre, introduzida da pior maneira. Pensa que a vida é descarada. Agora as duas desgraças já não estão tão distantes. Entende que é simplesmente o desígnio.

Não foi por acaso que ele entrou naquela sala. Sabe que foi fisgado. Como um peixe, como o atum da lata.

Não está contente, mas não faz mal. Viu aquele arco-íris pequeno e desbotado, aquela verdade inferior. Foi ali que Deus se mostrou.

O rapaz não tem certeza, talvez o horror insensato também tenha seu lugar próprio, na maleável geometria do mundo. E talvez o sentido seja essa criança que agora atravessa um portão negro. Ele também tem medo que a criança possa ter três cabeças, cinco rabos e um coração maldoso. Ele também tem medo que aquele mal só possa gerar o mal. Mas está decidido a arriscar.

Talvez a criança seja a recompensa.

Dará o pagamento combinado, até o dobro. Dirá para sua mulher que a criança é dele. Ela poderá voltar a tocar.

Aska está melhor. Uma manhã sentou-se na cama. Ele lhe oferece os pêssegos do pai Armando que eu lhe trouxera de Roma. Ela dá uma mordida, o sumo escorre pelo queixo. Aquele sabor tão doce e inesperado é pior do que todo o resto. É uma saudade que ela não quer mais sentir.

Ele lhe diz: *precisa voltar a tocar, a cantar*. Quanta coragem poderia pôr em sua nova voz. Recolheria o grito de outras como ela, das mulheres na sala do matadouro. Da menina que nunca voltou. Seria o fio branco que separa as trevas e o alvorecer.

Aquela vida se estagna como esterco num estábulo, tão calada que esquece que está viva. Não quer deixar sua cidade. Sempre quis ir embora e agora quer ficar. Gosta do cárcere daquelas ruas obrigatórias, as pessoas que encaram seu próprio destino reduzido à pura loucura.

Uma outra imagem do Corão, o ektan amaldiçoado por Deus porque não quis se ajoelhar diante do homem feito de barro.

Um dia está sentada num banco. Um cinegrafista afobado circula entre as ruínas, ela cochila ao sol, pois não está tão mal assim. Nem percebe aquele microfone que seguram perto de sua boca.

O jornalista lhe pergunta: *qual a esperança para seu futuro e o futuro de seu país?*

Aska lhe pergunta se é um microfone de verdade, se funciona.

O jornalista fica desconcertado, claro que funciona.

Aska sabe que não tem esperanças, seu corpo é um ninho de serpentes, agora sente que elas se movem.

Pensa no microfone que funciona, mas que não serve para nada porque ninguém ouvirá sua voz.

O único som que lhe ocorre é o balido de uma ovelha perdida.

Bééé, bééé.

Diego não sabe se é amor aquele desespero que os une. Quando jovem, podia escolher outro caminho. *Há apenas um caminho*, pensa, *o que percorremos*. A vida humana é um trapo, que limpa sempre a mesma superfície.

Ele segura a mão dela. Agora já se passou algum tempo, pode tocá-la.

Não olha seu ventre, não ousa. Olha sua nuca. Trouxe tintas e agulhas. Crava as agulhas na pele dela algumas noites depois. É ela quem pede, não suporta a visão daquela cicatriz granulosa como um orifício, aquele buraco dos cigarros na nuca que não se fechou direito.

A mão do rapaz treme, tem medo de machucá-la. Aska está imóvel. Que mal pode lhe fazer aquela pequena agulha? Seu corpo está drogado pela dor. Aquelas pontadas na pele são quase um

prazer. Tem uma pedra no pescoço que a abate todas as noites. Que a deixa de quatro naquele aposento.

Diego é bom com as mãos, se sai bem. Primeiro faz o desenho a caneta, depois decalca com a agulha. Um pontinho após o outro. No porto de Gênova não havia um único estivador sem tinta na pele, foi fácil aprender.

As tatuagens são sinais novos que a gente escolhe. A gente coloca alguma coisa entre a pele e o destino. Um gole de coragem.

Aska escolheu uma rosa, foi ele que aconselhou. Sobre a cicatriz enrugada as pétalas parecem verdadeiras. O horror sepultado por uma flor.

Quando caem as casquinhas e a rosa emerge, Aska a toca. É a primeira vez que toca a nuca. Não pode ver. Diego então levanta seus cabelos e tira uma foto bem de perto.

Levou para revelar num laboratório ainda em atividade. Quando dá a foto de presente a ela, diz: *é como uma flor sobre um túmulo*, já é alguma coisa.

É uma rosa de Sarajevo.

Estão sentados num bar sem portas, lá fora há disparos, as xícaras turcas tremem, tremem as borras de café que deveriam revelar o futuro.

Ele está sujo, é um repórter fotográfico de guerra, finalmente é o que sempre quis ser. Diz a ela: *pense, jogaria fora uma fortuna. Precisa apenas resistir um pouco, é como abortar daqui a alguns meses. Nem vai precisar vê-lo*.

Entre aquelas mesas sujas, entre aquele povo à espera para sair por entre as bombas, ela vira a cabeça de um lado para outro, não consegue suportar a ideia de manter aquela coisa viva dentro de si, de dar à luz seus algozes, de lhes prolongar a vida no mundo. Parece-lhe absurdo que aquela violência possa lhe render todo aquele dinheiro.

Essa criança será necessariamente podre. Não há uma única palavra boa para ela.

Ele apoia o queixo, olha para ela. Lembra-se da primeira vez em que a viu tocar. Uma guerra atrás, uma vida atrás.

Diz a ele: *está bem*, vai mantê-la no estábulo por mais alguns meses. Ele tem razão, é um bom negócio. Já que começou, seria uma pena perdê-lo.

Mas, quando a criança se move, Aska treme. Afasta os braços do corpo, grita. Sonha parir filhos que a estupram.

Sonha tocar, se dissolver com o trompete. Até seus cabelos choram.

Diego queria me contar a verdade, mas agora é tarde. Queria se sentar comigo naquela cadeirinha verde, fazer cócegas em mim, cairmos juntos. Observa minhas costas, o silêncio. Pousa uma mão no silêncio. A verdade está guardada nas dobras daquela guerra. Na película do filme que lhe arde no bolso.

Ele nunca soube ficar de boca fechada. Não tem mistério, não tem fascínio. É um basbaque. Agora guarda aquele segredo absurdo. Não pode me contar que o menino é filho dos demônios, que veio do inferno. Que é filho de uma parede suja. Não quer me dar esse susto. Não quer me dar esse destino.

No lavatório diante da mesquita não há mais água, Aska se lava com a neve que queima a pele. Aquelas abluções jamais bastariam para limpá-la. Sente vontade de arrancar a carne. A sujeira está entranhada.

Quando se dobra no chão, sente o ventre, o demônio. Reza com a intenção de sufocá-lo. Enquanto ela morria, ele se agarrava por dentro, por isso o odeia e sempre o odiará. Diego lhe deu um sobretudo de pele escura, gosta de parecer um lobo. Ele não a larga, está sempre ali, seguindo-lhe os passos. De vez em quando se vira e o expulsa, de vez em quando deixa-se abraçar ao lado de um fogo noturno.

Quando começam as dores, é ele quem transpira. Ela não quer ser tocada, agoniza, apoia a cabeça com toda força contra a parede. Sente novamente aqueles golpes. Dar à luz é novamente um estupro, entranhas rasgadas por um arado.

Uma vez sua mãe lhe falou sobre o parto, passou uma imagem forte, como uma fera que dilacera por dentro. Uma fera que morre quando a criança se rende à vida e desliza pelo canal do parto. E por fim, na última fase da expulsão, ela encobre a dor com seu peso. Então resta apenas esse grande peso, que já é o da responsabilidade futura.

Sua mãe dizia que o parto já traz um ensinamento.

Aska se pergunta que ensinamento traz um estupro.

Pensa nos campos por onde corria na infância, atravessava-os de bicicleta para ir à escola. Na primavera forravam-se de flores amarelas e lilases.

Pensa na pequena. Quando os chetniks a levaram, abaixou a cabeça e os seguiu diligente.

Ela se pergunta por que Deus não deteve ao menos aquele momento, por que não a salvou. Pelo menos ela. Que era realmente muito pequena. Uma só por todas as mulheres estupradas.

Bastaria aquela virgencinha intacta. Uma porta se abre na luz e ela vai, tranquila, com aquele sorriso incerto. Parece-lhe que é a menina que a ajuda no parto. Joga bola numa parede e conta. Quando a bola caiu no chão, o menino nasceu. Aska se sente imediatamente melhor. Vira a cabeça para o outro lado. Assim nunca saberá com que demônio ele se parece mais, o de olhos azuis, o de nariz largo ou aquele com a mancha escura sob o olho.

Quando o catarro dos demônios nasce, vem ao mundo na inteireza da carne, Diego também não o olha de imediato. Espreita o cordão cinzento como uma corda de navio.

A vida se afastou dele naqueles meses. E agora lhe parece inatingível. Faz um carinho na ovelha, sussurra: *nasceu, acabou*.

Diego olha para o recém-nascido. Aquele corpo vermelho e magro que grita. Não parece um demônio, parece um franguinho, daqueles que giram no espeto ainda mal-assados. Talvez tenha o coração malvado do pai, mas quem saberá dizer? Tem o balido de um cordeiro abandonado numa moita.

Aska ouve. Pensa na voz da menina, naquela cantilena suave.

Pensa que não é certo que a pequena tenha desaparecido da Terra, devolvida ao céu como uma casca podre. E que inversamente

o menino dos chetniks tenha nascido. Esta noite o demônio abrirá uma garrafa de champanhe.

Diego lhe pergunta: *não quer ver como é?*

Ela diz: *sei como foi. Leve-o embora.*

Antes de sair, olho para ela. Dou um passo em direção à maca. Se lhe perguntasse agora, ela diria a verdade. Não tem nada a perder. Ela diria: *eu e o fotógrafo nunca fizemos amor. O franguinho é filho do Espírito Santo desta guerra, do catarro dos demônios. Mas não me aproximo. Não quero saber de nada. O menino continuará virgem.*

Um arco-íris neste céu inferior.

Aska está vazia. Tem o ventre caído, os seios onde os canais do leite começam a inchar. Ainda tem entre as pernas a sensação daquele cordão cortado que a separou do filho do estupro. Agora não está mais habitada, é de novo ela mesma.

Tem aquele dinheiro, conta as notas sobre a cama. Pode tentar ir embora, entrar no bagageiro de um carro à noite. Mas sabe que não fará nada disso. Era a criança que a mantinha viva, agora sabe. Entende que, na verdade, mesmo a odiando, quis salvá-la. Confessasse consigo mesma. Finge tocar trompete assobiando, movimentando os dedos no ar, fechando os olhos.

Agora sabe que também é possível o percurso contrário, que um demônio pode se tornar um anjo. Talvez seja este o ensinamento.

Diego nem percebe que chegamos ao aeroporto. Contempla algo que bruxuleia diante de si, na rede dos olhos velados.

Não sobe no avião. Volta e caminha rumo a si mesmo.

Dessa vez Aska realmente não entende por que o fotógrafo ainda está ali. Voltou para a expulsão da placenta.

Fica ao seu lado, toca violão, vai procurar comida no Markale. Até que um dia ela lhe diz que está curada, que realmente tentará viver. Com o dinheiro abrirá uma escola de música.

Na ilha de Korčula passam a última noite juntos. Ele sobe naquele rochedo. Vê algo para fotografar. Um menino que pega peixes, um Ante. É a heroína que entra no sangue, é *a coisa bonita*. Se uma mão detivesse aquele voo para lhe perguntar como foi a vida, ele sorriria, faria o.k. com os dedos, até que foi boa.

Senta-se na madeira de seu caixão. Estica as pernas, olha para mim. Ainda está com aquele filme no bolso. Lá estão os rostos dos demônios, um deles matou o menino azul, um deles é o pai de Pietro. O jovem fotógrafo idiota nunca deu um furo jornalístico. Abre o filme, queima-o na luz. Tira Pietro da história, coloca-o no mundo.

Caminho na areia

Caminho na areia, sinto que ela se ergue em torno de meus passos. Saí do quarto, levantei-me como um autômato. Aska parou de chorar, falou fitando a cortina branca que se inflava na janela. Pareceu-me um canto perdido, uma *sevdalinka* . A atrocidade longe do funil por onde penetrara não é mais nada, é cinza que esvoaça. Permanece o odor de sua casa, da pequena paz.

A filha chamou e ela virou a cabeça num gesto inquieto. Nunca recuperou a audição do ouvido direito. Tem um som fixo ali dentro, como um mar que arrasta. Sorriu, disse: *é a orelha da história* .

Caminho. Gostaria de tropeçar, mas não tropeço. Gostaria de me deitar na areia, abraçá-la e agradecer alguém, alguma coisa, a formiga que passa, o infinito percurso de todas as vidas.

O corpo de meu filho à contraluz salta, luta com as ondas. É o menino que discute com o rapaz, que lhe diz: *deixe-me brincar mais um dia* .

Sai do mar, joga-se na areia, depois corre novamente ao encontro das ondas.

“Como está?”, grito para ele.

“Melhor do que na Sardenha.”

Ele me pergunta se posso tirar algumas fotos dele com o celular, quer mostrar aquele mar azul para os amigos. *Vão morrer de inveja*, diz.

Põe as mãos na cintura, sorri com o nariz franzido e os olhos escondidos porque está um sol resplandecente.

Entro na água até os joelhos, tiro uma foto sua dando um salto. Seu corpo no ar e respingos de espuma branca.

Ele se jogou na linha de rebentação, está com a cabeça cheia de areia, os cachos parecem de uma estátua marinha. Ele se vira e me diz: “Mãe, machuquei o pé. Tem um curativo?”.

Reviro a bolsa feito louca, com o vento que me joga os cabelos nos olhos. Abro a carteira, procuro aquele curativo que sempre trago comigo, no meio dos folhetos.

Levo até ele, porque sempre se esfola, é um velho hábito, velho como nosso hábito de mãe e de filho, de caminhadas a dois.

Pietro espera, procura com os olhos junto comigo, remexe em meus gestos desordenados. Encontro o curativo, e tenho a impressão de ter encontrado sabe-se lá o quê. Ele também sorri.

“Achou?”

“Achei.”

Estende o pé para mim, está sujo de areia. Bateu numa pedra, um pedaço da unha se desprende e sangra.

“Enxague-se no mar.”

Não quer se levantar, sente dor.

Eu me abaixo, aproximo a boca. Sugo aquele sangue, aquela areia. Enxugo o pé, estancando o sangue com um pedaço de minha saia.

O curativo não gruda bem porque o dedo ficou um pouco úmido, e além do mais não encontro meus óculos. Pietro não reclama, pelo contrário, diz: *obrigado*.

Quem é você? Quantas vezes eu me perguntei. Quantas vezes olhei para você desconfiada. Ri como Diego ria, como riem os rapazes. É tolo e inteligente, é inócuo e perigoso. Você é uma chance entre milhões. Um rapaz de 2008, nascido no final de

dezembro de 1992 em Sarajevo. Você é um dos primeiros filhos dos estupros chetniks.

Respira.

Fica apoiado de lado, inerte como um barco arrastado até a margem, a bunda ossuda enfiada num calção de surfista australiano. Ele se vira. Olho o dente que quebrou, as faces magras demais. Respira.

Quantas partes há num corpo? A dobra onde se prende e pende uma orelha. O desenho de um pulso. Um olho com os cílios a se mover. A rótula do joelho. Os pelos, como grama desbotada.

Olho as partes de meu filho. Talvez soubesse desde sempre, esta é a verdade. E nunca quis sabê-lo. *Você é livre, deveria dizer a ele, não é meu filho. É filho de um bando de demônios bêbados de ódio.*

Saltita num pé só, apoia-se em mim.

“Olhe que não consigo te segurar...”

“Consegue, consegue.”

Reconheço alguma coisa, o pesqueiro, que me parece o mesmo, com a cortina de faixas de plástico para afastar as moscas. E depois uma moita de gerânios silvestres, do tamanho de uma árvore.

Pietro me disse *quero ir. Quero ir até onde meu pai morreu*. De repente chama-o de *pai*, e tudo me parece absurdo.

Sigo atrás dessa mentira. Pietro sobe em silêncio.

Foi Aska quem me indicou o local, é fácil, há apenas essa grande rocha que parece a cabeça de um dinossauro com a boca aberta.

Diego se embrenhou naquela boca.

Aska me disse: *estava voltando para você, estava pronto.*

Depois começou a subir.

Havia a luz certa, o momento logo antes do crepúsculo. A luz de suas melhores fotografias.

Pietro olha ao redor. É mais rápido do que eu, já está no topo.

“Tome cuidado!”

Eu tenho medo, medo.

“Não há nada!”, grita.

Quando o alcanço, repete devagar: “Não há nada, mãe...”.

O que ele esperava? Um santuário? Uma lápide? Uma máquina fotográfica esculpida na rocha?

Estou suada e velha, e ele é jovem, como uma daquelas gaivotas a voar. Sentamos, ficamos contemplando o mar que parece realmente infinito. Pietro põe o braço em volta de meu ombro. Talvez seja a primeira vez que me protege. Depois põe algo em minha mão, um gesto ríspido que lhe é habitual. Meu queixo treme.

“A embalagem é uma porcaria”, diz.

Abro o embrulho vermelho, amarrotado, que deve ter no bolso há não sei quanto tempo, desde aquela noite sob a fonte. É um broche, uma rosa em filigrana de prata. É aquela que estava na vitrine na Baščaršija...

“Gosta?”

“Sim.”

“Eu sabia que você gostava.”

Remexe entre os galhos secos, volta com um graveto, quebra-o no meio sobre o joelho. Faz uma cruz, tenta amarrá-la com alguns fiapos de capim, mas ela não se sustenta. Então pega a bandana que traz no bolso e amarra com um nó os dois pedaços do graveto. Pega essa cruz e finca-a no chão.

“Quanto vai durar?”

Venta tanto...

Pietro me dá o celular, pede para eu tirar uma foto dele ao lado daquela cruz.

Conversamos mais um pouco.

“Mas eu, o que vou fazer quando ficar mais velho, mãe?”

“O que você tem vontade de fazer?”

“Não sei.”

“Você gosta de tocar, talvez se torne um músico...”

Ele me diz que gostaria de abrir uma rede de hotéis de sete estrelas. Gostaria de projetar a maior suíte do mundo, com um campo de golfe de dezoito buracos.

Depois me olha.

“Eu sei por que meu pai subiu aqui.”

Levanta um braço, aponta o mar.

“Porque daqui se vê a Itália.”

Sorri.

“Tinha saudade de nós dois, mãe...”

Aska ficou sob a pérgula, não teve coragem de se aproximar. Lavou os cabelos, estão secando ao ar livre. Vi que se movimentava, preparou a mesa, dobrou-se para recolher um brinquedo da filha. Uma mulher como eu.

Agora observa-nos enquanto vamos até ela.

Nos campos, muitas mulheres mataram esses filhos, as mães ajudaram as filhas a se livrar deles. Mulheres tranquilas se transformaram em assassinas desesperadas. Aska foi a um daqueles centros de assistência para mulheres destroçadas pela guerra, mas somente quando nasceu sua filha, quando o corpo se abriu pela segunda vez, e ela e Gojko choraram muito, abraçando-se com força, somente então sentiu que o ódio se desprendia dela como o saco inútil da placenta.

Aska mantém o rosto baixo, com uma mão agita os cabelos úmidos.

Ao me aproximar, vejo aquele gesto que se repete, vejo seu rosto que se fragmenta, a boca que se abre e volta a se fechar.

Pietro está com os olhos no celular, dá-lhe uma pancadinha.

“Esta é Aska, mulher de Gojko.”

Pietro levanta os olhos azuis. Sorri, franze o rosto magro, estende uma mão.

“Olá, Pietro.”

Aska fica com aquela mão. Não consegue soltá-la.

Pietro então se aproxima com o peito, com a cabeça. Beija Aska em ambas as faces. Ela abre os braços e o enlaça.

Vejo aquele destino que se fecha.

Ela se vira, diz que vai buscar os copos.

Encontro-a na cozinha, as costas na parede. Chora, imóvel. Sorri ao me ver.

Está com uma das mãos comprimidas sobre a boca, sobre o nariz, respira naquela mão.

Gojko se aproxima, envolve-a em seu corpo ruidoso.

Foram amigos por muito tempo antes de serem um casal. Foram ao cinema juntos, conversaram nos bares sobre os filmes que tinham

visto e outras coisas bobas. Sobre o resto não falavam, era fácil, já sabiam tudo. Falava o silêncio, já era uma cura.

Gojko preparou a grelha, dedica-se às brasas no vento vindo do mar. Comemos peixe com escamas tostadas que caem como casca de árvore, e fica a carne branca e perfumada, úmida de sabor. Esta noite comemos mar.

Pietro me pergunta se pode tomar um pouco de vinho, e Gojko enche seu copo antes que eu responda sim. Pietro ri, diz: *não vou mais embora*.

Aska olha para ele. Comeu devagar, como uma empregada, como uma freira. Não parou de observar Pietro, embora mal tenha levantado os olhos. Manteve-os baixos sobre os copos, sobre os pratos, sobre sua vida. Como se temesse atrapalhar a minha.

Talvez sinta vergonha. Por anos a vergonha a perseguiu e talvez estas sejam suas últimas palpitações. Ela parece deslocada, como uma intrusa, como uma ladra.

É uma pequena dor nesta noite suave, e no entanto não posso fazer nada. Ela está dentro de cada um de nós. Lutar para perder é a tola combatividade das almas.

O vento sopra nas brasas que parecem se apagar e nunca se apagam. Pietro conversa com Sebina, escrevem palavras nos guardanapos de papel, brincam com o pão.

Gojko entra na brincadeira, pergunta: *qual é a palavra mais bonita do mundo?*

Sebina diz: *mar*.

Pietro fica indeciso entre *liberdade* e *tênis*.

O céu está cheio de estrelas. As estrelas de sempre, as próximas e as distantes. Aquelas que fazem nos darmos por vencidos.

Gojko tem os olhos de um guerreiro derrotado. De um poeta bêbado. Fita Pietro e diz: “Para mim a mais bela palavra do mundo é *obrigado*”.

Ergue o copo, faz um brinde com a garrafa, depois a aponta para o céu, aponta uma estrela e diz: “Obrigado”.

O mal morreu hoje à noite.

Trocamos despedidas no quebra-mar, como amigos que voltarão a se encontrar, de chinelos e mochilas, como turistas. Corpos se movem ao redor. Quem imaginaria uma história como a nossa,

enfiada nesta carne qualquer que se despede ao amanhecer? O mar cala, absorve ainda um pouco de noite.

Gojko nos leva de carro, incrivelmente, é um trajeto curto. No aeroporto de Sarajevo tomamos um café apoiados no balcão em formato de ferradura, os cotovelos encostados aos dos fumantes.

“O que você vai fazer agora?”

“Daqui a duas semanas começa o festival de cinema em Sarajevo, Kevin Spacey vem este ano... talvez eu leve Kevin Spacey para passear, vou lhe mostrar de onde disparavam contra nós, faço com ele *the war tour* .”

Ri, depois fica triste. É como Pietro.

Preciso ir porque estão anunciando o voo, porque estivemos demasiado tristes e demasiado alegres. Dou um tapinha no ombro de meu Gojko, concorda, como um bicho grande, como um javali.

Não chorar, este é o combinado. Sinto a aspereza de sua barba.

Somos mares, águas que vão e voltam. Haverá uma outra vez?

Arranco a última mordida de odores, desta Bósnia, deste amor.

No avião, Pietro diz que a decolagem é a pior parte, pode-se cair, os motores forçam ao máximo. Está nervoso. Grudou o chiclete embaixo da mesinha, está tudo em ordem.

Estou de óculos escuros, meus faróis negros. Concordo em silêncio. Penso: *acalme-se, meu filho. Você nunca fica quieto, nunca fica parado. Quanta vida tem no corpo?*

Lá embaixo o Igman é pequeno, é o dorso de um gato. As casas são pequenas, como as do Banco Imobiliário.

Sinto-me como aquele anãozinho de jardim que foi raptado num jardim inglês e deu a volta ao mundo. Sim, um boneco mais sacudido do que deveria.

Depois de algum tempo Pietro cochila, a cabeça reclinada para a janela, uma perna levantada no banco. Descansam seus pensamentos, seu marasmo de rapaz. As nuvens passam, manchadas pelos raios do sol que se põe.

Olho a asa do avião que, como sempre, parece imóvel. Penso em meu pai. Talvez Diego tenha se aberto com ele naquela garagem da praia... talvez Armando já soubesse. E seus olhos mantiveram o

segredo. Morreu há dois anos. Eu o acompanhava a uma consulta de controle do marca-passo. Parei em fila dupla, desci para comprar algo no supermercado, voando, como sempre. Deixei com ele as chaves do carro, *se alguém buzinar, mude de lugar*. Quando saí com os pacotes, as buzinas tocavam incessantemente. Meu pai parado em seu lugar, a cabeça inclinada no pescoço. Realmente parecia que estava dormindo. Larguei os pacotes no chão, não sentia mais os braços. Era uma situação surreal, as pessoas ainda continuavam a me xingar, por causa do carro estacionado em lugar errado. Tive que esperar o médico-legista antes de tirar o carro dali. Chovia, fiquei entre os vidros embaçados ao lado do corpo de meu pai, nessa cidade sem paciência.

* * *

Ar de Roma, de mar. A imensa luminária do aeroporto cheio de luzes, de aviões em fila para decolar. Pietro dá passos largos, felizes. Está em sua cidade, onde cresceu, onde vai a toda parte de vespa.

Observa-me: “O que há com você?”.

“Estou abobada.”

“Meu pai tem razão, você precisa comer mamão.”

Em terra, no ônibus que nos leva para a saída, Pietro liga o celular, olha as mensagens. Espio a tela, tem a foto do umbigo de Dinka, seu piercing.

Giuliano espera ao lado dos motoristas com as plaquetas. Vejo o pulo que dá ao nos ver. Abraça Pietro, segura-o pela nuca, cheira-o.

“Olá, Pietro.”

“Olá, pai.”

Comigo é tímido como era meu pai, dá-me um beijo, fita-me um pouco. Mantém os olhos sobre mim enquanto pega a bagagem. Tem medo de meu humor.

“Tudo bem?”

“Tudo bem.”

Está com pressa, agora que voltamos está com pressa. De deixar o aeroporto, aquele lugar onde as pessoas se separam.

“O que você fez? Comeu fora todas as noites?”

“Voltou irritada?”

Sorrio, reconhecemo-nos.

Na primeira vez em que veio me buscar sem uniforme, para me levar a um restaurante, ficamos sem gasolina no anel rodoviário. Fazia um frio terrível, passavam apenas alguns caminhões. *Estou acostumado com as viaturas, desculpe* . Fomos a pé, espremidos junto à cerca de segurança, os faróis batiam em nosso rosto. Giuliano abria os braços, *vou na frente* . Depois descobri que, fora o serviço, não tinha praticamente nada, sua casa parecia um flat, e talvez fosse. Lembro um monte de garfos e colheres ainda nas caixas. Lavei os talheres para ele, coloquei nas gavetas. Sempre fomos um pouco ridículos juntos, creio que nisso consiste nossa beleza. A vida é uma cavidade que entra em outra cavidade. E estranhamente a preenche.

* * *

No carro, Pietro não para de falar sobre tudo o que viu. Lembra datas, nomes. Parece Gojko falando. *A Europa não fez nada... Karadžić foi preso só agora porque entraram em acordo...*

Está sentado atrás, mas põe constantemente a cabeça entre nós. Bate no ombro de Giuliano. Mostra-lhe as fotos que tirou com o celular. Quando chega a do rochedo, pula. Estou tranquila como aquela cruz na rocha, creio eu.

Giuliano vira a chave, a porta de casa se abre, a luz se acende, voltam os livros, o sofá.

Pietro assiste à partida de tênis na televisão, tiro a maquiagem, jogo o algodão usado no cesto. Apago as luzes, verifico o gás. Na geladeira não há nada, só as coisas que eu deixei, uma salada murcha, dois potes de iogurte.

Saio para o terraço, apoio-me no parapeito. Giuliano me alcança, pousa uma mão sobre a minha. Olhamos o bar ali embaixo, os rapazinhos apoiados nos carros minúsculos.

“O que você fez hoje?”

Saio ao amanhecer para desmontar um campo clandestino de refugiados do Leste.

É o trabalho deste verão. Um trabalho que o deprime. Agrada-lhe cada vez menos este mundo que pega as impressões digitais das crianças romenas, que ficha os menores.

Conto tudo. Giuliano ouve, braços cruzados, militares. A garganta que engole em seco, deglute. É ele que me arrasta até Pietro. Precisa vê-lo. Ver aquela respiração.

A porta está fechada, na maçaneta o do not disturb roubado no hotel de Sarajevo. Entramos mesmo assim. O chetnik dorme na cama extensível Ikea que já não se estende mais, o violão no chão ao lado do celular, do jeans amarrotado. Giuliano se inclina, fica ali cheirando sua nuca. Como o último cachorro, como o último pai. Levanta o violão e apoia-o à parede, pega o celular e o deixa carregando, recolhe o jeans e dobra-o. Gira pelo quarto... eu também. Nós juntos em círculos.

Agradecimentos

Agradeço a Renata Colorni, sentinela de meu trabalho.
Agradeço a Antonio Franchini, agitador silencioso.
A Giulia Ichino, pela paixão de sua leitura.
A Moira Mazzantini, por sua presença constante.
A Gloria Piccioni, que percorreu a vida.
A Mario Boccia, cujas fotografias me fizeram enxergar.
Agradeço a Asja, por sua alma.

Copyright © 2008 by Arnaldo Mondadori Editore S.p.A., Milão

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Venuto al mondo

Capa

Victor Burton

Imagem de capa

Tinta sobre buracos na rua causados por explosões de granadas durante o cerco de 1992-95

© Danilo Krstanovic/Reuters/ LatinStock

Sarajevo, Bósnia

Maio de 2011

Preparação

Jane Pessoa

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-8086-121-1

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



Não se mexa

Mazzantini, Margaret

9788580861686

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Num cruzamento movimentado de Roma, Angela avança o sinal fechado guiando uma vespa. Um carro se choca contra ela e lança a garota contra o asfalto, deixando-a inconsciente. Diante da morte iminente da filha, Timoteo começa a lhe contar, num longo monólogo, sua história secreta. Aos poucos, o narrador confessa atos mesquinhos, covardia e um grande sentimento de culpa. Os alicerces que sustentavam sua reputação de pai de família exemplar e médico bem-sucedido parecem ruir paulatinamente. Os acontecimentos narrados se concentram no caso secreto com Italia, jovem da periferia por quem Timoteo se apaixonara vinte anos antes, quando já era casado com Elsa, uma jornalista de sucesso. Durante anos, Timoteo e Italia se encontraram na casa dela, um barraco no subúrbio da cidade. A narrativa chega a um ponto crítico no dia do nascimento de Angela, a caminho do hospital. Conduzido pelo acaso, Timoteo vai promover uma reviravolta em sua vida. Um ato inesperado o leva a rever o casamento e sua confortável posição social. Margaret Mazzantini conduz a história de forma a manter em aberto as possíveis seqüelas afetivas dos personagens e as conseqüências desse livro, cujo desfecho é imprevisível.

[Compre agora e leia](#)



A vida invisível de Eurídice Gusmão

Batalha, Martha
9788543805658
192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Feito raro para um romance de estreia, este livro é festejado internacionalmente antes de chegar às livrarias brasileiras, com os direitos já vendidos para mais de dez editoras estrangeiras. Rio de Janeiro, anos 1940. Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Mas nenhuma das duas parece feliz em suas escolhas. A trajetória das irmãs Gusmão em muito se assemelha com a de inúmeras mulheres nascidas no Rio de Janeiro no começo do século XX e criadas apenas para serem boas esposas. São as nossas mães, avós e bisavós, invisíveis em maior ou menor grau, que não puderam protagonizar a própria vida, mas que agora são as personagens principais do primeiro romance de Martha Batalha. Enquanto acompanhamos as desventuras de Guida e Eurídice, somos apresentados a uma gama de figuras fascinantes: Zélia, a vizinha fofoqueira, e seu pai Álvaro, às voltas com o mau-olhado de um poderoso feiticeiro; Filomena, ex-prostituta que cuida de crianças; Luiz, um dos primeiros milionários da República; e o solteirão Antônio, dono da papelaria da esquina e apaixonado por Eurídice. Essas múltiplas narrativas envolvem o leitor desde a primeira página, com ritmo e estrutura sólidos. Capaz de falar de temas como violência, marginalização e injustiça com humor, perspicácia e ironia, Martha Batalha é acima de tudo

uma excelente contadora de histórias. Uma promessa da nova literatura brasileira que tem como principal compromisso o prazer da leitura.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

LOUISA MAY ALCOTT

Mulherzinhas

Mulherzinhas

Alcott, Louisa May

9788554516208

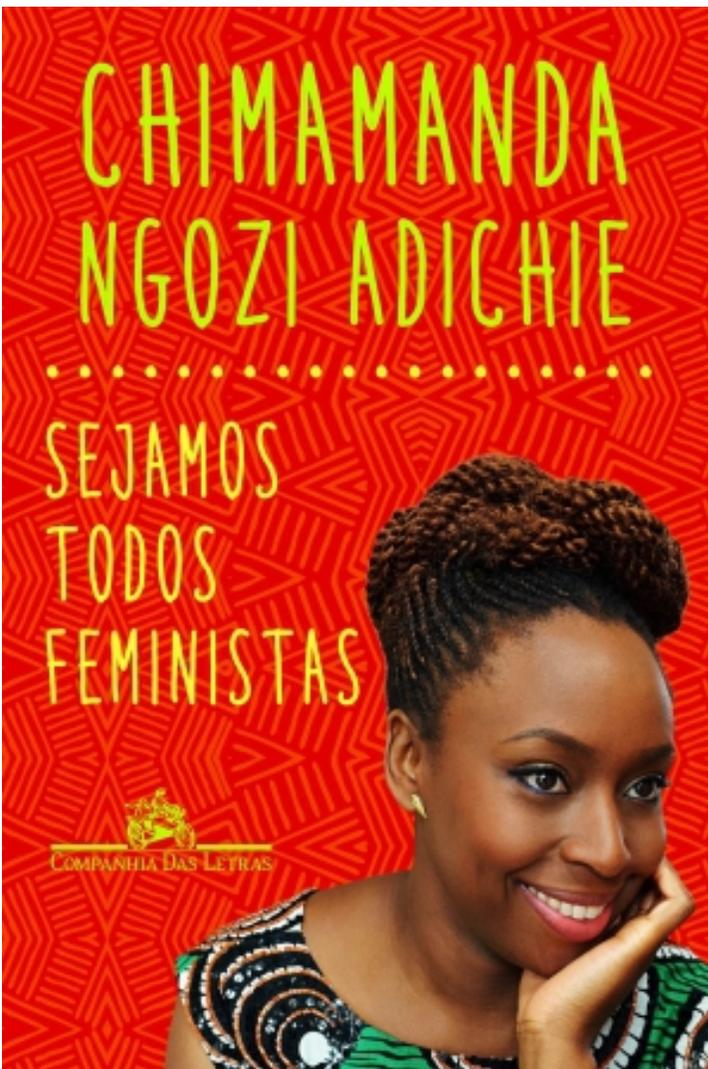
592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição da Penguin-Companhia traz as aventuras das quatro irmãs March com prefácios de Patti Smith e Elaine Showalter. Mulherzinhas é considerado um dos livros mais influentes de todos os tempos. Ultrapassando a barreira das idades, esse romance é lido com a mesma paixão por adultos e jovens. A história das irmãs March se tornou um clássico feminista que reflete sobre a tensão entre obrigação social e liberdade pessoal e artística para as mulheres. Cada leitor terá sua irmã favorita: a independente Jo, a delicada Beth, a bela Meg ou a artista Amy. Essas quatro mulheres e sua mãe, Marmee, enfrentam com diligência e honra as privações da Guerra Civil americana, e se tornaram um sucesso instantâneo já em 1868. "Muitos livros maravilhosos me fascinaram, mas, com Mulherzinhas, algo extraordinário aconteceu. Eu me reconheci, como num espelho, naquela menina comprida e teimosa que disputava corridas, rasgava as saias subindo nas árvores, falava gírias e denunciava as afetações sociais. Uma menina que podia ser encontrada encostada num enorme carvalho com um livro, ou em sua escrivaninha no sótão, debruçada sobre um manuscrito. Ela era Josephine March. [...] Uma menina americana do século XIX que teimava em ser moderna. Uma menina que escrevia. Como incontáveis meninas antes de mim, vi como modelo uma que não era

como as outras, que possuía alma revolucionária, mas também noção de responsabilidade. Sua dedicação à sua arte me deu meu primeiro vislumbre do processo do escritor e fui tomada pelo desejo de abraçar essa vocação. Os passos em falso que ela dava, dos cômicos aos ousados, eram invejáveis, e me concediam permissão para dar os meus." — Patti Smith

[Compre agora e leia](#)



Sejam todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

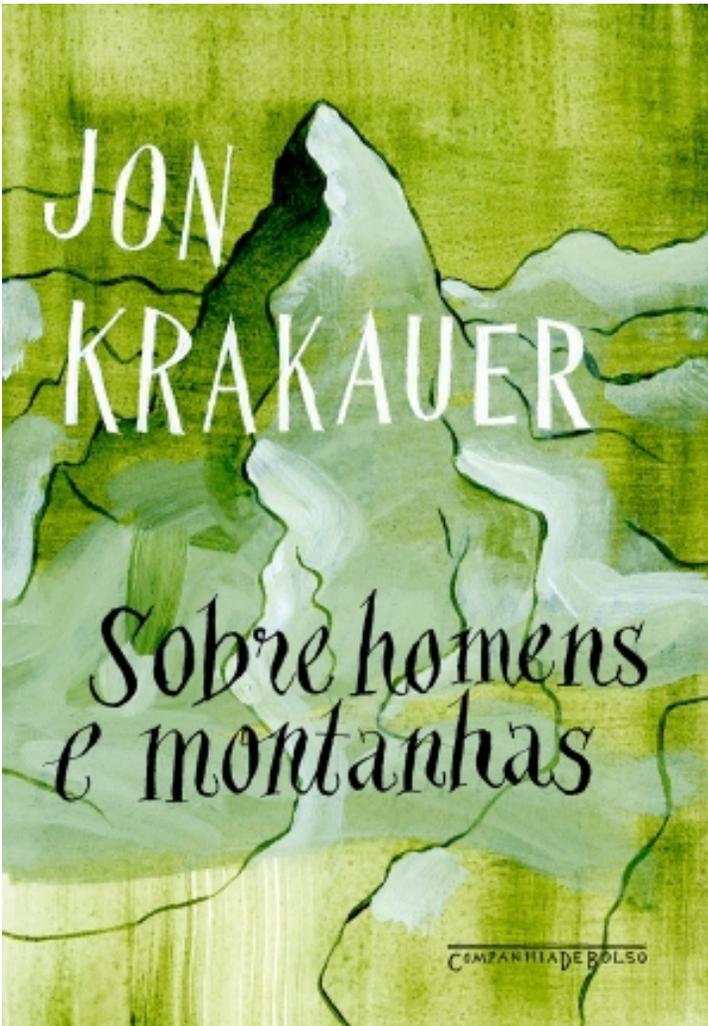
24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'" Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal

de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



Sobre homens e montanhas

Krakauer, Jon

9788554516154

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em doze artigos, Jon Krakauer tenta compreender por que homens e mulheres se aventuram por paredes de rocha e gelo como se procurassem voluntariamente a morte. Você sabia que é possível escalar cachoeiras? Sabia que o monte McKinley, no Alasca, o maior dos Estados Unidos, possui um dos ambientes mais inóspitos do planeta e que mesmo assim cerca de trezentas pessoas o escalam a cada ano? Você sabe qual é a segunda maior montanha do mundo? E sabe que ela é bem mais difícil de ser escalada do que o Everest? Por que tantas pessoas arriscam a vida nas paredes de gelo e rocha? Nesta coletânea de artigos e reportagens sobre aventuras vividas ao redor do mundo, do Himalaia ao Alasca, Jon Krakauer, autor de *No ar rarefeito* e *Na natureza selvagem*, mostra homens e mulheres que enfrentam paredes de gelo e rocha por todo o planeta, revela o que eles fazem, como sobrevivem e o que os motiva.

[Compre agora e leia](#)